

**Bluteau e as Origens
da Lexicografia
Moderna**

filologia portuguesa

colecção dirigida por IVO CASTRO

Volumes publicados:

CANCIONEIROS DOS TROVADORES DO MAR

Celso Cunha

Ed. Elsa Gonçalves

A FACULDADE DAS LETRAS

LEITURA E ESCRITA EM PORTUGAL NO SÉC. XVII

Rita Marquilhas

DOCUMENTOS PORTUGUESES DO NOROESTE E DA REGIÃO DE LISBOA
DA PRODUÇÃO PRIMITIVA AO SÉCULO XVI

Ana Maria Martins

METHODO GRAMMATICAL PARA TODAS AS LINGUAS

Amaro de Roboredo

Ed. Marina A. Kosarik

A FACE EXPOSTA DA LÍNGUA PORTUGUESA

Maria Helena Mira Mateus

RAZÕES E EMOÇÃO

MISCELÂNEA DE ESTUDOS EM HOMENAGEM A MARIA HELENA MIRA MATEUS

Organização de Ivo Castro e Inês Duarte

2 vols.

VARIAÇÃO LINGUÍSTICA EM ESPAÇO RURAL

A VOGAL [Ú] NUMA COMUNIDADE DO BAIXO MONDEGO

Isabel Almeida Santos

Nota de apresentação de Clarinda de Azevedo Maia

A LÍNGUA DE GIL VICENTE

Paul Teyssier

AMOR DE PERDIÇÃO

Camilo Castelo Branco

Ed. Ivo Castro

O PORTUGUÊS ARCAICO — UMA APROXIMAÇÃO

Rosa Virgínia Mattos e Silva

2 vols.

BLUTEAU E AS ORIGENS DA LEXICOGRAFIA MODERNA

João Paulo Silvestre

JOÃO PAULO SILVESTRE

Bluteau e as Origens da Lexicografia Moderna

Imprensa Nacional-Casa da Moeda

Lisboa

2008

© *João Paulo Silvestre e Imprensa Nacional-Casa da Moeda*

Título: Bluteau e as Origens da Lexicografia Moderna

Autor: João Paulo Silvestre

Edição: Imprensa Nacional-Casa da Moeda

Concepção gráfica: Departamento Editorial da INCM

Capa: Luís Moreira

Tiragem: 1000 exemplares

Data de impressão: Novembro de 2008

ISBN: 978-972-27-1595-9

Depósito legal: 282 587/08

INTRODUÇÃO

A lexicografia moderna do português, que tem o seu início em 1789 com o *Diccionario* de António Morais Silva, é precedida por um conjunto de obras que constituem a transição entre a dicionarística latino-portuguesa e o primeiro dicionário monolíngue. O *Vocabulario Portuguez, e Latino* de Rafael Bluteau (1638-1734), publicado entre 1712 e 1728, é o ponto de referência fundamental para compreender um processo de renovação da descrição da língua, da tipologia dos dicionários e das funções que os leitores atribuíam a estes instrumentos metalinguísticos.

Na segunda metade do século XVII, e à semelhança do que acontece em outros países europeus, a questão da valorização do património linguístico e literário português passa pela edição de dicionários. Tendo apenas à disposição obras cujo principal objectivo era a descrição do latim, há a expectativa de um dicionário que amplie a nomenclatura do português, demonstrando que a língua possui léxico para todos os registos.

A definição das características desejáveis para esse novo dicionário revelava-se complexa, considerando que a inexistente oferta editorial deixava inúmeras necessidades por suprir, pois tanto o público escolar, como aqueles que buscavam um instrumento de cultivo da língua, reclamavam simultaneamente obras que eram distintas na sua configuração tipológica. Um único dicionário não seria portanto solução bastante quando não se perspectivava uma imediata renovação e diversificação do tipo de obras dicionarísticas, similar à do mercado francês.

Uma opção seria a reformulação e ampliação das obras existentes, mas estas eram essencialmente instrumentos escolares, configuradas a partir de modelos da dicionarística latina bilingue, adequadas à tradição pedagógica portu-

guesa, e que não poderiam crescer muito em tamanho, sem comprometer a funcionalidade. Outra possibilidade, de que resultaria uma valorização importante do léxico vernáculo, era o aproveitamento do *corpus* literário, seleccionando a nomenclatura e os exemplos de acordo com critérios que garantiriam uma coerência à descrição da língua. Todavia, tal tarefa pressuporia um trabalho colaborativo, credibilizado por um suporte institucional, semelhante ao que dera à estampa o *Vocabolario della Crusca* (1612) ou o longamente anunciado dicionário da Académie Française (1694). A agitada vida política e militar neste período da história de Portugal não favoreceu esta solução.

Com o aproximar do final do século, acentua-se a consciência do desfazimento entre a dicionarística portuguesa e a lexicografia bilingue produzida em França e Itália, com obras que incluíam uma ampla descrição do vernáculo, expressões e frases autorizadas. Além disso, alguns dicionários estrangeiros foram enriquecidos com maior quantidade de informação extralinguística, o que correspondia a um género de obra que a língua portuguesa não conhecia até então. Conjugam-se os factores para que o novo dicionário esteja aberto à incorporação de modelos tipológicos estrangeiros, tanto mais que, explorando a informação de tipo enciclopédico, garantia-se a composição expedita do dicionário, ou, pelo menos, dispensava-se uma ampla equipa redactorial. A informação propriamente linguística dos dicionários estrangeiros nem sempre era adaptável, mas o perigo de sacrificar a coesão na descrição do português não seria encarado como um óbice. À época, não há notícia do interesse por um dicionário monolíngue, não só pelo peso que a cultura e a língua clássicas tinham na educação da nobreza portuguesa e no ensino em geral, mas também pelo desejo de apresentar, à Europa culta, o português como justo herdeiro do latim.

O desejado dicionário será iniciado e concluído pelo padre teatino Rafael Bluteau, que chega a Portugal em 1668, com 30 anos, e que compila uma imensa obra tendo por base o material que acumulou para aprender a língua, adaptando-o aos modelos lexicográficos da sua preferência. Bluteau será, para a história da língua e também para cultura portuguesa, um activo intermediário da cultura francesa e do património dicionarístico europeu. Beneficiando de um percurso excepcional de formação, adquiriu a experiência do contacto multilíngue, falando e escrevendo em inglês, francês, italiano e, por fim, em português. Os seus textos permitem concluir que comparava e entendia as línguas na perspectiva da intercomunicação de significados, e não de acordo com descrições gramaticais. Os dicionários foram para Bluteau um meio essencial para a aprendizagem das línguas e um instrumento de acesso à erudi-

ção e ao conhecimento actualizado. A forma como acaba por descrever o português deve mais a uma assídua e interessada leitura de dicionários do que a uma teorização lexicográfica com alguma consistência e originalidade. Na sua concepção da selecção da nomenclatura, as palavras dão acesso a sentidos, sob a forma de notícias sobre aquilo que a palavra representa. No que respeita à técnica lexicográfica, não insiste numa descrição de tipo gramatical, que discrimine categorias de palavras, variações morfológicas ou fenómenos derivacionais.

As primeiras reflexões metalexigráficas de Bluteau são pouco sustentadas, mas vão sendo amadurecidas à medida que contacta com modelos tipológicos diferentes daqueles que tinha quando iniciou a redacção do *Vocabulario*. A primeira fase da escrita, que decorreu até aos últimos anos do século XVII, é influenciada sobretudo pelos dicionários bilingues e tem como principais objectivos a expansão do fundo lexical anteriormente recolhido e a autorização da nomenclatura. Denota um investimento na qualidade da informação latina, tendo em vista servir de instrumento de apoio à redacção na língua clássica, tanto mais que a insistente comparação com o latim é um meio para a nobilitação da língua portuguesa. A segunda fase corresponde a um processo de reescrita, influenciada por dicionários de informação histórica e de tipo enciclopédico. Verifica-se um alargamento de domínios lexicais, acompanhando o aprofundamento de um projecto de tipo enciclopédico (mitologia, toponímia, informação histórica) e pretende servir como instrumento de apoio à composição em vernáculo, sugerindo possibilidades de amplificações retóricas.

O *Vocabulario* distingue-se das grandes obras institucionais da lexicografia europeia pelo facto de o seu autor não ter trabalhado com directivas estritas. Ao contrário do contexto de produção que justificou o *Vocabolario della Crusca* ou o dicionário da Académie, não havia em Portugal um desejo expresso de planificação linguística, coordenada pelos monarcas, ou sequer por uma entidade com poderes delegados, sobretudo porque a diversidade de registos dialectais não era um factor de desagregação política. A prioridade é antes a ampliação da língua, possibilitando a inovação lexical, fundada em critérios de racionalidade e regularidade.

Os primeiros anos de Bluteau em Portugal e o início da redacção do *Vocabulario* coincidem com as primeiras manifestações sensíveis de uma vivência de corte barroca, e o teatino é justamente uma das personagens-agente dessa modificação. As cerimónias públicas, os festejos, as precedências, o comportamento pessoal, são actos em que é imprescindível o domínio da palavra e dos símbolos que preenchem o quotidiano. O *Vocabulario* pretendia ser um

instrumento orientador das práticas discursivas do homem da corte, e essa valia será potenciada a partir do momento em que, pela dedicatória e pelo patrocínio, se torna, ao olhos da Europa, um reflexo da grandeza e da cultura humanística de D. João V. Tal como outros monumentos que mandou erigir, converte-se em objecto simbólico.

Trata-se de uma obra que se impôs como modelo normativo e é uma referência para o estudo da língua, pois o testemunho do lexicógrafo representa uma competência linguística sincrónica. Apesar de não ser monolíngue e de nem toda a informação ser pertinente para o estudo do português, entre os dicionários antigos é o que reúne a maior quantidade de texto em vernáculo. Desconhecer o *Vocabulario* significa ignorar a fonte de um extensíssimo conjunto de definições originais para o português, que têm verdadeiramente um carácter instituidor, e que serão reformuladas pelos lexicógrafos seguintes. Trata-se também de um modelo para a definição de um cânone de autoridades literárias, bem como para o estabelecimento de linhas orientadoras da norma ortográfica. Além das características que o tornam uma obra única na história da lexicografia portuguesa, o *Vocabulario* proporcionou um fundo lexical e documental que serviu de base para os dicionaristas do século XVIII e para muitos autores que reaproveitaram a informação enciclopédica e metalinguística compendiada pelo padre teatino. A pesquisa em torno do contexto de produção e da recepção do *Vocabulario* revela um amplo património de textos metalinguísticos e lexicográficos portugueses.

A história da lexicografia e os estudos culturais sublinham, muito justamente, a singularidade do trabalho de Bluteau: uma obra de superação que, durante meio século, se manteve como o principal instrumento de referência da língua portuguesa, e que veio suprir, de uma forma inesperadamente abundante, as debilidades de um panorama dicionarístico modesto, insuficiente em relação à vida da língua e atrasado face à lexicografia europeia. É certo que na sombra deste monumento — também materialmente imponente — ficaram outros trabalhos, alguns incompletos, que documentam uma tipologia de obra lexicográfica em todo o caso pouco representada entre nós. Correspondem à transição entre os dicionários latim-vernáculo, orientados quase exclusivamente pela descrição do latim (como a *Prosodia* de Bento Pereira), e os dicionários de base monolíngue, com extensa informação de tipo enciclopédico e uma redacção textualizada (como o *Vocabulario*). Numa fase intermédia encontra-se uma dicionarística bilingue — em que os exemplos modelares se encontram em França — com informação linguística abundante e relevante para o vernáculo, uma estrutura simples e que, na prática, cumpriam parte das funções de um dicionário monolíngue.

O estudo do *Vocabulario* pretende ser o ponto de partida para uma perspectiva integradora sobre este período, e para uma releitura crítica de um importante conjunto de textos metalinguísticos, dando continuidade a um recente esforço no sentido da progressiva identificação das obras fundamentais do património lexicográfico português e das respectivas fontes. Com *as origens da gramaticografia e da lexicografia latino-portuguesas* (1995), Telmo Verdelho apresentou o primeiro trabalho de vulto e amplamente documentado, que incidiu sobre o período anterior a Jerónimo Cardoso (século XVI), e abriu caminho para pesquisas sobre obras e períodos seguintes, como a *Prosodia* (século XVII) e o dicionário de Bluteau. A investigação sobre os dicionários antigos segue um percurso já traçado em outras línguas, com a noção de que se trata de um fundo prioritário para o estudo e preservação do português, bem como para a produção fundamentada de instrumentos de ensino.

O dicionário antigo, além de constituir um exercício de reflexão metalinguística, possui toda uma envolvimento histórica, pois recebe e origina uma tradição, introduz rupturas e inovações e recolhe os enunciados num determinado contexto social e temporal. A consideração deste facto tem motivado novas perspectivas de análise, que concebem o dicionário como um discurso de instituição de uma língua normalizada, em que a selecção das unidades lexicais é um acto linguístico, que é simultaneamente legitimador de um determinado uso. O património textual que os dicionários antigos oferecem pode motivar diferentes tipos de abordagens: leituras temáticas, que exploram o tratamento de um determinado campo lexical ou semântico; leituras subordinadas à história da língua, que procuram perceber as evoluções semânticas, ortográficas e fonológicas; ou ainda leituras que avaliam a importância do *corpus* de citações literárias, enquanto testemunho de um uso prestigiado.

Para uma caracterização mais abrangente do *corpus* dicionarístico legado por Bluteau, este estudo do *Vocabulario* aborda a génese da obra, o contexto de produção, as características tipológicas, fontes, técnica lexicográfica e recepção, acompanhando o processo de leitura de uma tradição lexicográfica nacional e estrangeira, e da criação de uma nova tradição que documentará a lexicografia monolingue do português.

Na primeira parte, dedicada à figura do lexicógrafo, apontam-se os aspectos do percurso biográfico de Bluteau que permitem delinear o contexto de produção da obra e a expectativa de recepção. As relações sociais e o envolvimento em reuniões de carácter cultural contribuíram para a definição do público-alvo do dicionário e para a progressiva procura de um estatuto de autoridade em matéria linguística. Nas suas intervenções públicas expôs um

conjunto de reflexões metalinguísticas, que apesar de não serem expressamente subordinadas a questões lexicológicas, abordam temáticas pertinentes para a dicionarística, como a valorização do vernáculo, as relações entre as línguas vivas ou a codificação ortográfica.

O segundo capítulo aborda a tipologia do dicionário, enquadrado na renovação da lexicografia europeia. Considera-se a caracterização da obra expressa pelo autor, os traços tipológicos do modelo de dicionário universal e dicionário bilingue, e o modo como estas vertentes se conjugam, à luz de uma concepção que admite a fusão de modelos diversificados, demonstrando a vontade de suprir de uma só vez um conjunto de necessidades de instrumentos metalinguísticos. Nesse sentido, ensaia-se um roteiro dos principais títulos da lexicografia do século XVII — o cânone dicionarístico — a partir dos quais se configurou o *Vocabulario*. Destacam-se as obras que, sob o pretexto de descrever a língua, pretendem sobretudo uma descrição do mundo, na forma de um discurso pré-enciclopédico.

No terceiro capítulo pretende-se caracterizar o *corpus* dicionarístico reunido por Bluteau, apreciando o trabalho de selecção e organização da nomenclatura, o património lexicográfico português e o fundo informativo à disposição; a marcação sistemática da nomenclatura que descreve e legitima as variações do uso; as estratégias de redacção das definições e dos artigos. Para a composição de um dicionário com a dimensão do *Vocabulario*, o autor reaproveitou muito material destinado à descrição de outras línguas. O escrutínio minucioso das fontes depressa conduziria a uma exaustividade pouco proveitosa, pois a intertextualidade no texto dicionarístico é geralmente complexa. Nestas circunstâncias justifica-se o estudo do fundo documental à disposição do lexicógrafo, investindo na descrição bibliográfica das fontes e numa apresentação comparativa. Reconstituir um núcleo de obras essenciais para a composição da maioria dos artigos auxilia a esclarecer a técnica de documentação e redacção; perceber a localização e os limites da descrição do português pressupõe o conhecimento dos mecanismos de recepção da tradição lexicográfica.

O capítulo seguinte aborda um conjunto de funções pretendidas para a obra, que embora decorram necessariamente do facto de se tratar de um dicionário de língua, no *Vocabulario* são explicitamente mencionadas e constituem uma espécie de orientação programática. Merecem especial destaque a tentativa de normalização da escrita, configurando um sistema ortográfico de pendor etimologizante; o contributo para uma política linguística, realçando os critérios que tradicionalmente aferiam o prestígio de uma língua no panorama dos idiomas europeus, nomeadamente a comparação com o latim; a constitui-

ção de um cânone de autores exemplares que confirme a sua valia e maioridade literária; a integração de saberes sob a forma de um discurso pré-enciclopédico que alarga o horizonte de recepção do dicionário; o auxílio à produção textual, facilitando o uso literário da língua.

Por fim, recolhem-se os testemunhos da recepção do *Vocabulario* como fonte lexical e informativa privilegiada, no processo de transição para a dicionarística monolíngue. O período entre Bluteau e Morais Silva é geralmente menosprezado porque os lexicógrafos não avançaram de um modo inovador na direcção de uma obra monolíngue, mas deve assinalar-se o esforço de um conjunto de autores que ensaiaram reaproveitamentos parcelares, bem como uma série de textos de reflexão metalinguística, em que a autoridade tutelar de Bluteau se revela preponderante. Deve destacar-se o injustamente esquecido dicionário bilingue de Folqman, que recupera com invulgar eficácia a descrição do português do *Vocabulario*, reformulando-a e completando-a com uma técnica já próxima dos dicionários modernos, e que prenuncia o modelo estabelecido por Morais Silva. O *Diccionario* de 1789 será a mais importante e sistemática releitura do *corpus* efectuada até então e introduzirá definitivamente o legado de Bluteau na tradição da moderna lexicografia portuguesa.

O dicionário de Rafael Bluteau, apesar da importância para a história da língua e da lexicografia portuguesas, só nos últimos anos começou a ser justamente valorizado, criando-se as condições para a divulgação e para o acesso àquela que é uma das fontes essenciais para estudos linguísticos, culturais e literários. O facto de o *Vocabulario* não ter sido o primeiro dicionário monolíngue do português não justificava essa desconsideração, pois o extenso fundo nele compilado tem um valor documental específico, que não pôde ser preservado no processo de reformulação que deu origem ao *Diccionario* de Morais Silva. De facto, pode afirmar-se que, quer pelas dificuldades impostas à consulta, quer pela inexistência de estudos sistemáticos sobre a obra, era insuficiente o conhecimento acerca de um momento-chave na transição entre a lexicografia antiga e a moderna, interrompendo a percepção de um fio condutor que une a dicionarística bilingue dos séculos XVI e XVII e os primeiros dicionários monolíngues.

A investigação sobre Bluteau e o *Vocabulario* desenvolveu-se no âmbito de um projecto que pretende contribuir para a recuperação do património lexicográfico antigo português, conduzido pelo Professor Telmo Verdelho na Universidade de Aveiro. O seu acompanhamento metodológico, documental e humano reconhece-se nas páginas deste livro.

NORMAS DE TRANSCRIÇÃO

A transcrição de excertos do *Vocabulario* (= *Voc.*), do *Suplemento* (= *Supp.*) e das *Prosas Portuguezas* (= *Prosas*) é preferencialmente diplomática, ajustada ao objectivo de reproduzir um conjunto de traços que documentam a técnica lexicográfica e a variação da ortografia:

— Mantêm-se recursos tipográficos como o itálico e a maiusculação de palavras ou expressões.

— Não se desdobram as abreviaturas.

— Mantém-se o emprego dos caracteres originais, não se normalizando o uso de <i, j, u, v>. As excepções são o *s* longo, transcrito sempre por *s* redondo, e o conjunto composto por <c,>, que é sempre substituído por <ç>.

— Corrigem-se as palavras que apresentam perturbações devidas à disposição dos tipos: caracteres separados por espaços em branco, junção de palavras ou inversão dos tipos.

— Assinalam-se com [?] os excertos de leitura duvidosa, podendo incluir-se uma tentativa de interpretação.

Quando pertinente, nas transcrições introduzem-se sublinhados a negrito, destacando excertos mais relevantes para análise dos textos.

I
O LEXICÓGRAFO

1. EDUCAÇÃO DO SÁBIO CRISTÃO

A descrição da língua portuguesa é o ponto de partida para a composição de uma obra que, devido ao percurso do autor e aos seus interesses, acabará por exceder os limites inicialmente previstos. Resultando de um trabalho individual, com a incerta expectativa do reconhecimento e da aceitação, ou mesmo da efectiva publicação, Rafael Bluteau propõe um dicionário atípico quando comparado com os instrumentos metalinguísticos da sua época, mas que constitui um programa de formação intelectual que pretende englobar, de forma indissociável, a dimensão espiritual e a dimensão das ciências do homem e da natureza.

Esta perspectiva integradora do conhecimento é resumida na figura do «sábio cristão», aquele que conjuga o domínio do saber e a prática da fé (Almeida, 1996: 226-240). Este retrato, que Bluteau acaba por aplicar a si mesmo quando profere publicamente as conferências sobre as «virtudes, e prerogativas do Sabio Christão», é uma afirmação e um compromisso necessário num momento em que há a aguda percepção de um mundo moderno, bem como do fascínio perante a quebra das fronteiras do conhecimento humano (*Prosas*, I: 105-183). Todos os campos do saber são permitidos e motivadores, na medida em que são abordados à luz de uma fé inabalável no poder divino.

O conhecimento da biografia de Rafael Bluteau, sem procurar a exaustividade que exigiria um estudo de tipo historiográfico, oferece importantes contributos para a compreensão dos objectivos e contexto de produção da obra lexicográfica. Considerando que se trata de um estrangeiro que aprende tardiamente o português, torna-se pertinente indagar as motivações pessoais que justificam o interesse pela reflexão metalinguística em intervenções públicas, ou em outras obras para além do *Vocabulario*.

O enquadramento do teatino na história e na cultura do seu tempo não deixará de reflectir-se no dicionário, nomeadamente a participação nas academias, a construção de um discurso crítico em torno da orientação do barroco literário português, ou a aproximação a correntes de pensamento europeias nos domínios científico e filosófico. Importa ainda referir a nem sempre pacífica relação entre Bluteau e o poder político, pois é à inconstância das conjunturas que se devem momentos tão díspares como o bom acolhimento dos primeiros anos, o regresso a França, a reclusão em Alcobaça, ou, por fim, a criação de condições económicas para a publicação das obras.

As principais fontes documentais que permitem esboçar a biografia são os textos publicados após a morte, no âmbito de homenagens organizadas pelos pares académicos. Bluteau morreu em 13 de Fevereiro de 1734 e a Academia dos Aplicados dedicou-lhe um certame poético no dia 28 do mesmo mês. Num conjunto em que abundam as composições poéticas em latim, português e castelhano, somente dois textos são verdadeiramente informativos: a «Oração» de José Freire Monterroio Mascarenhas (1670-1760), que marcou o início da celebração, e a «Oração funebre, e panegyrica» de Diogo Rangel de Macedo (1671-1754), que a encerrou (Faria, *Obsequio funebre*, 1734: 1-18, 155-164). Em 4 de Março, recitou-se na Academia Real de História um *Elogio* composto por D. Francisco Xavier de Meneses, editado com as restantes memórias referentes ao ano de 1734. Com menor interesse documental, regista-se ainda a homenagem da Academia dos Unidos da Torre de Moncorvo e um soneto anónimo inscrito num códice da Coleção Pombalina da B. N. L.¹

Mas a fonte bibliográfica mais citada é a obra *Memorias historicas chronologicas da Sagrada Religião dos Clérigos Regulares em Portugal* (1792-1794), escrita pelo teatino Tomás Caetano de Bem (1718-1797), cronista da Casa de Bragança e membro da Real Academia de História. O capítulo referente à «Vida do Muito Reverendo Padre D. Rafael Bluteau» constitui o livro VI do primeiro tomo (Bem, *Memorias*, 1972: 283-317). A comparação entre este texto e os que foram publicados pelos Aplicados e pela Academia Real não deixa dúvidas de que foram estas as fontes principais em que se baseou, pois reproduziu largos passos de ambos, tendo como principal preocupação o res-

¹ Lobo, *À morte do R.^{mo} P.^e M. D. Rafael Bluteau*, 1734; *Morreo o Gram Bluteau; não para a Fama*. B. N. L. Col. Pombalina, tom. II.

peito pela ordenação cronológica. Recorreu também às frequentes notas autobiográficas registadas nos prólogos do *Vocabulario* e a um vasto conjunto de correspondência endereçada a Bluteau. Essas cartas permanecem na B. N. L., distribuídas por vários maços, e Caetano de Bem esteve certamente envolvido na organização do espólio, uma vez que são frequentes as anotações do seu punho, esclarecendo datas ou aclarando os nomes dos remetentes. Delas seleccionou as notícias mais relevantes, embora tenha omitido excertos comprometedores no que respeita ao posicionamento político. Caetano menciona ainda a existência de dois volumes manuscritos, intitulados *Cartas Políticas, e eruditas*, que conteriam cópias autógrafas das cartas enviadas por Bluteau (cf. Bem, *Catalogo das Obras Literarias Impressas, e Manuscritas*).

Rafael Bluteau ficou conhecido em Portugal como padre teatino francês, mas de facto nasceu em Londres, a 4 de Dezembro de 1638. Compreensivelmente, Bluteau nunca deixou testemunhos que esclarecessem este período da sua vida: a família era francesa, de apelido Chevalier, e encontrava-se refugiada em Inglaterra, devido a um delito cometido pelo pai. Os biógrafos explicam o facto de se ter atribuído um sobrenome inglês à criança como um reconhecimento pelo asilo concedido por um nobre inglês, apenas identificado como Milord Blutaw. Permanece em Inglaterra até 1644, ano em que o rei Carlos I declara guerra à França. O clima de convulsão política obriga ao regresso a Paris da rainha Henriqueta Maria e a família de Bluteau embarca no mesmo navio, fazendo parte da comitiva.

Antes de ingressar nos teatinos no final da década de 50, Bluteau frequentou em França os colégios jesuítas de La Flèche, Reims e Clermont. O relato biográfico de D. Francisco de Meneses não permite reconstituir com toda a exactidão o percurso escolar, especialmente no que respeita ao número de anos que permaneceu nos dois últimos colégios: «Em Pariz estudou dous annos Grammatica, e oito no Collegio de la Fleche, sendo nelle Porcionista, continuou as Humanidades com o grande Mestre o Padre Daroy Jesuita, que nos ultimos dous lhe ensinou Rhetorica, se aperfeiçoou em Rheimo, no terceiro anno desta eloquente Faculdade, em que fez o mais admiravel progresso, que não deveo menos à natureza, que à Arte. Voltou a Pariz, donde no Collegio de Clermont, da Companhia, lhe ensinou Logica o insigne Padre Herault [...]; e como já estava, não só bem instruido na lingua Grega, mas com perfeito conhecimento da Latina, pode entender o Texto dos Filosofos antigos, e os diversos Systemas dos modernos, cultivando ao mesmo tempo algumas partes da Mathematica, brilhando o seu ingenho na subtileza dos argumentos, descobrindo na Fysica as propriedades dos corpos, na Methafysica a dos espi-

ritos, e na Ethica o recto uso das paixões, que sempre soube moderar [...]» (Meneses, *Elogio*, 1736: 5) ².

O ensino praticado pelos jesuítas era marcado pelo espírito da Contra-Reforma, inculcando nas crianças valores que os transformassem em adultos marcados por uma *pietas litterata*, conjugando a religião e a tradição da cultura e literatura clássicas, a que se associava ainda a preocupação em combater os vícios e os inimigos da fé ³. No que toca à aprendizagem das línguas, estas limitavam-se ao latim, grego e francês, com claríssimo predomínio da primeira. O ensino da língua grega encontrava-se em declínio desde o início do século XVII, e o francês continuava associado aos exercícios de versão, pois só se autonomizou do latim em meados do século XVIII. O estudo da língua latina, para além das explicações gramaticais teóricas, assentava na leitura e explicação dos autores, sendo Cícero, Ovídio, Virgílio, Quintiliano e Esopo os mais usuais. O comentário dos textos pelo professor — *praelectio* — obedecia a uma estrutura faseada, composta por cinco lições, em cujas designações é bem patente o peso da tradição clássica: *argumentum*, o resumo do texto; *explanatio*, explicação de sentidos de difícil interpretação; *rhetorica*, exposição das regras gramaticais, retóricas e poéticas presentes; *eruditio*, contextualização histórica e cultural para a compreensão do autor; *latinitas*, o comentário sobre o estilo e a latinidade. Compreendido o texto, o aluno devia imitá-lo, traduzindo-o em vernáculo e reescrevendo-o em latim (cf. Margolin, 1981: 219; Viguerie, 1981: 310-311). Um dos objectivos fundamentais da instrução era a formação de oradores eficazes que deslumbrassem nos salões e nos púlpitos. Assim se compreende a insistência em métodos que incitassem o exercício da palavra, a produção textual e a sua proclamação (*disputationes*, concursos, representações teatrais). Os concursos literários constituíam uma oportunidade soberana para a exercitação da produção escrita e para desenvolver as habilidades oratórias. A tragédia *Pietas regnorum vitrix*, que se conserva manuscrita na B. N. L. (Cod. 6.809), data precisamente do período de La Flèche e foi composta por Bluteau no âmbito de um concurso literário.

Bluteau ingressa nos teatinos no final da década de 50 e em 1660 é enviado para Florença para o noviciado na Casa de S. Miguel. Nesse mo-

² Cf. ainda Bem, *Memorias*, 1792: 284. Sobre a importância de La Flèche e Clermont na história do ensino em França, cf. Viguerie, 1981: 307.

³ Sobre o currículo, adequado às directrizes da *Ratio Studiorum* (1599), cf. Margolin, 1981: 213-218.

mento, é pressionado pela família para que aceite a oferta de um cargo na corte de Carlos II de Inglaterra, mas opta pela vida religiosa e professa em 23 de Agosto de 1661. Assim, entre 1660 e 1664, prossegue os estudos em importantes centros de cultura onde a ordem dos teatinos se encontrava instalada — Verona, Roma e Paris — seguindo o percurso que os superiores destinavam aos jovens sacerdotes que se destacavam.

A fundação da Ordem dos Clérigos Regulares remonta a 1524, por iniciativa de Caetano de Tiene, João Pedro Carafa, Paulo Consiglieri e Bonifácio de Cole. É motivada pelo espírito da Contra-Reforma, pois assumem como missão contestar acerrimamente Lutero, reformar os costumes do clero e pregar a prática da virtude entre os leigos. Acreditando no poder da divina providência, viviam em austeridade e em estrito voto de pobreza, aceitando donativos sem pedir esmola. Além de Roma, encontravam-se em grandes cidades como Verona, Génova, Turim, Veneza, Florença, Milão ou Nápoles, e em breve se seguiu a expansão a outros países europeus. Em França instalam-se na Casa de Santa Ana a Real, perto do Louvre, em Espanha reforçam a presença durante o reinado de Filipe II, em Portugal data de 1648 a primeira autorização concedida por D. João IV ⁴.

Ao longo do século XVII, os teatinos consolidaram o prestígio enquanto formadores, acolhendo noviços provenientes de famílias nobres e preparando os padres para a integração no ambiente das cortes. É no seio deste grupo de notáveis e piedosos religiosos aristocratas que D. Rafael completa a sua educação teológica e filosófica. No *Vocabulario* dá-se testemunho da volumosa produção literária e científica que era devida a autores teatinos, com uma copiosa lista dos temas abordados, dos padres que os estudaram e de algumas obras publicadas (*Voc.*, s.u. THEATINOS). As diversas casas e colégios dos teatinos terão certamente sido um ponto de encontro de notáveis eruditos, como se constata pelo prestígio que o Convento da Divina Providência alcançou em Portugal no início do século XVIII. A passagem por Roma terá sido marcante a nível estético, uma vez que a cidade se encontrava em efervescência artística, desencadeada por uma importante renovação arquitectónica planeada pelo Papa Urbano VII (1623-1644). À grandiosidade das construções, somava-se o deslumbramento das cerimónias papais e a complexidade dos rituais litúrgicos,

⁴ Além das *Memorias* de Caetano de Bem, cf. também as abundantes considerações históricas sobre os teatinos insertas nas *Prosas* (I: 237-250) e no *Vocabulario* (s.u. THEATINOS).

em parte responsáveis pelo modelo de corte barroca posteriormente imitado pelas casas reais francesa e ibéricas. Roma era a «cidade de triunfo, onde se vinha, de longe, celebrar a vitória da Igreja Católica sobre a heresia ou o paganismo» (Tapié 1988 (1957), I: 96).

De regresso a Paris conclui os estudos conducentes ao grau de doutor em teologia e continua a acompanhar lições de filosofia e matemática, revelando a pluralidade dos seus interesses. Desta época data a atracção pelo lulismo de cariz enciclopédico, uma corrente filosófica que se difundiu em França no século XVII e na qual Bluteau recolhe influências que marcarão a sua obra, particularmente o *Oraculum utriusque Testamenti*⁵. O investimento na especialização em teologia, no domínio das línguas e no interesse pelas principais ciências correspondem a uma política dos países católicos em formar um clero culto e moldado por uma ortodoxia ao serviço da Contra-Reforma (cf. Verger, 1981: 260-266). Uma formação excepcional que prepara Bluteau para a missão que lhe é confiada: auxiliar na organização da nova Casa de Lisboa e contribuir para o prestígio dos teatinos junto da corte.

⁵ «mas impaciente [...] de comprehender a Encyclopedia, sempre desejada, e nunca conseguida, se applicou, com felicidade, à Arte de Raymundo Lullio, e pelas combinaçoens dos predicamentos, e principios, a que se reduz, discorria engenhosamente em todas as materias, já facilitando, desde então, o admiravel uso, que lhe deu, nos Discursos, e Oraçoens a tão diversos assumptos» (Meneses, *Elogio*, 1734: 9). Sobre o lulismo com fins enciclopédicos, cf. Ribeiro, 1989.

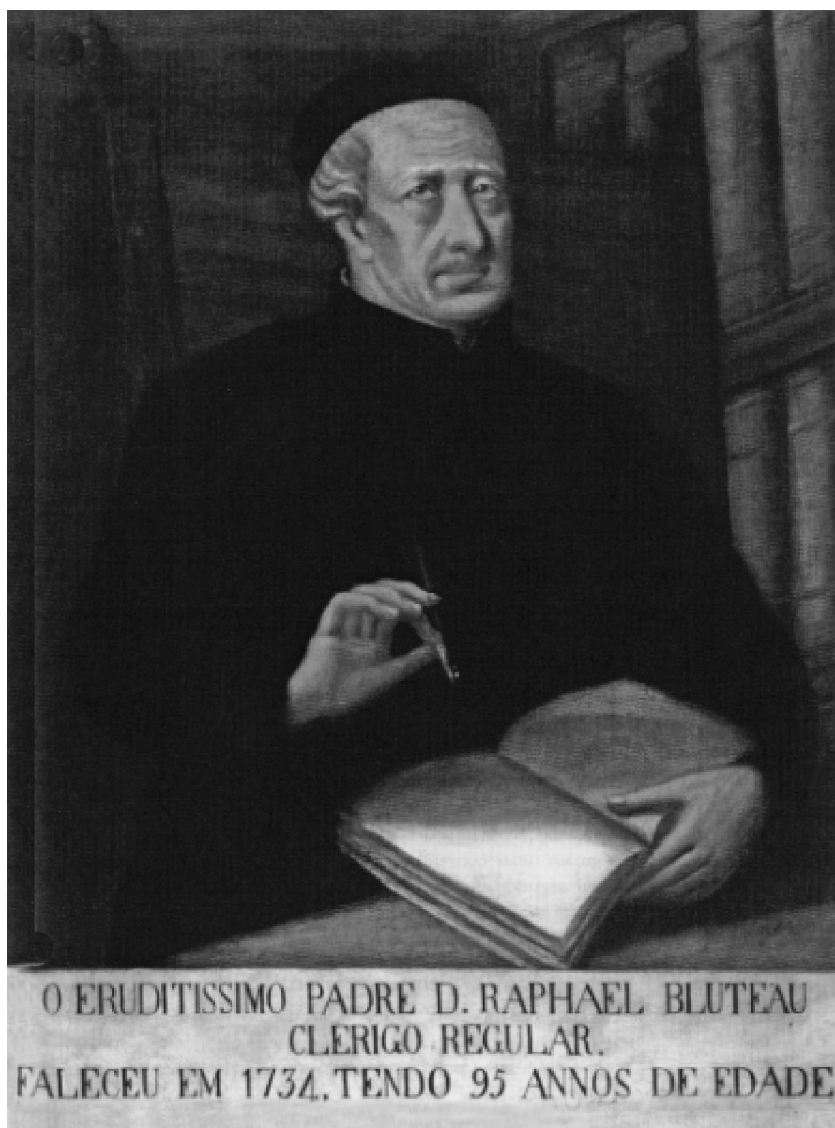


Figura 1: Rafael Bluteau. Quadro a óleo.
Escola portuguesa. Século XVIII. B. N. L.

2. PARTICIPAÇÃO NA VIDA CULTURAL PORTUGUESA

Bluteau chega a Portugal em 26 de Junho de 1668, quando ainda se fazia sentir a agitação causada pelo controverso afastamento de D. Afonso VI. Em Novembro do ano anterior, o rei foi forçado a abdicar, seguindo-se o pedido de divórcio por parte de D. Maria Francisca de Sabóia. As Cortes foram convocadas em Janeiro de 1668, atribuindo a D. Pedro o título de príncipe regente e em Março foi finalmente decretado o divórcio, que permitiu o casamento com a cunhada¹. Portugal assinara em Março de 1667 um tratado com a França, que impunha o prolongamento da guerra com Espanha, situação que convinha aos interesses de Luís XIV. A deposição havia sido apoiada pelo influente partido pró-francês, em que a rainha D. Francisca era uma figura central.

A aproximação de Bluteau à esfera da corte, e em especial a amizade com a rainha D. Francisca, é favorecida pelo bom momento das relações com França, pela fama adquirida no púlpito e pela erudição literária e científica. A sua influência consolida-se a partir do momento em que o 3.º Conde da Ericeira D. Luís Xavier de Meneses (1632-1690) lhe solicita uma colaboração estreita no ambicioso plano de reorganização e fomento da indústria têxtil portuguesa. O teatino elabora um tratado sobre a criação do bicho da seda, visando disseminar o cultivo da amoreira em grandes extensões territoriais e fornecer maté-

¹ Para uma síntese dos acontecimentos históricos, cf. Hanson, 1986 (1981): 28-33; Dória, 1975-1978a e 1975-1978b.

ria prima para a produção². Foi igualmente responsável pela angariação de artesãos qualificados, estabelecendo diversos contactos nesse sentido durante a estadia em Turim e Paris, entre 1680 e 1681. Da correspondência enviada por D. Luís percebe-se que as negociações assumiam os contornos de verdadeiros segredos de estado e o envolvimento de Bluteau constitui um indício do seu prestígio enquanto conselheiro em negócios públicos³. A mesma viagem servirá para negociar o casamento da princesa D. Isabel (1669-1690) com o príncipe Victor Amadeu, filho do Duque de Sabóia e sobrinho da rainha D. Maria Francisca; esta função é confiada a Bluteau após a morte repentina do embaixador Duarte Ribeiro de Macedo, que seguia na mesma comitiva⁴. Sem indicação de uma data precisa, há a notícia de ter participado numa expedição a Trás-os-Montes, com o objectivo de avaliar a viabilidade da exploração de minas de prata (Meneses, *Elogio*, 1734: 10-11).

A fama da sua erudição terá facilitado a nomeação para Qualificador do Santo Ofício, tendo a seu cargo um número considerável de censuras, bastantes para preencher um volume que, segundo informa D. Francisco Xavier de Meneses, se perdeu na última viagem para Portugal (*ibidem*: 10). Graças às suas funções, pôde obter uma licença que o autorizava a ler livros proibidos, com poucas ou nenhuma excepções, algo que nem o padre D. Manuel Caetano de Sousa conseguiu⁵.

Em 1683, morre a rainha D. Maria Francisca, o que constitui um revés para o partido francês e muito particularmente para D. Rafael, já que os ligava uma reconhecida amizade. Perante a perspectiva de um segundo casamento do rei e o facto de a infanta Isabel continuar solteira, constituem-se dois partidos: uns, face ao crescente poderio francês, consideravam proveitosa uma aproximação a Espanha; outros preferiam a sujeição aos interesses franceses e evitar uma aliança ibérica (cf. Serrão, [1980]: 217-219). Neste cenário, o nome do teatino surge envolvido em jogos de bastidores tendo em vista reatar as

² Bluteau, *Instrucçam sobre a cultura das amoreiras*, 1679. Embora bem intencionado, este plano não suscitou adesão por parte das populações, facto que o autor lamenta (cf. *Prosas*, II: 305). Sobre a colaboração de Bluteau no projecto, cf. Moreira, 1983: 76-77; sobre o plano de fomento, cf. Serrão, [1980]: 373-377.

³ Cf., entre outras, a carta de 16-12-1680, citada em Bem, *Memorias*, 1792: 293.

⁴ O Conde da Eirceira remete-lhe uma carta com as instruções e sublinha: «Torno a lembrar a Vossa Paternidade que está em ocasião de augmentar muito o seu credito com os nossos Principes» (*ibidem*: 290).

⁵ Caetano de Sousa, em carta de 4-9-1692, pede ao Santo Ofício uma licença semelhante à de Bluteau (B. N. L., Mss., Cx. 56, n.º 8).

hostilidades com Castela e estreitar as relações com França⁶. Verdade ou intriga, chegou inclusive a ser citado num processo inquisitorial movido a um impressor, alegando este que o padre traduzira um opúsculo que incitava a quebra de tréguas com Espanha⁷. A pretexto de imprimir as suas obras, parte para França em 1697. As cartas dos amigos mais próximos, embora não forneçam dados esclarecedores, deixam perceber o desconforto político que sentia em Lisboa⁸.

Em 1704 regressa a Portugal, mas a conjuntura política era marcada pela incerteza e pela desconfiança em relação à França, pelo que, julgando que a sua presença na corte era insustentável e comprometedora, D. Pedro opta por enviá-lo para o Mosteiro de Alcobaça, aguardando por dias mais tranquilos. Mas a espera será longa e só com o armistício de 1712 se criam as condições para o regresso à corte, que ocorrerá no ano seguinte. A partir de então, e a par da publicação do *Vocabulário*, acompanha o renascimento das instituições

⁶ «Não deixava o Padre Rafael de ter na Corte alguns emulos, que della o desejavão summamente ver affastado; [...] Procuravão persuadir que o Padre Bluteau em qualquer ocasião que se oferecesse, havia sempre de preferir os interesses de França aos de Portugal; e não se esquecião de involver na idéa deste systema o mais sagrado, a que póde chegar, ou tocar o respeito politico: propunhão, ou mostravão reccar que o Padre influisse de algum modo no casamento da Princeza herdeira deste Reino com Principe Francez» (Bem, *Memorias*, 1792: 300); «[...] julgando que esta Corte já não fazia da sua pessoa a mesma aceitação, se resolveo a sahir de Portugal. Tinha já dado á luz em Lisboa dous Tomos de seus Sermões [...]; e com o pretexto de imprimir o terceiro, e outras suas obras com maior commodidade em 1697. passou a França» (*ibidem*: 304). Nos paratextos deste tomo encontram-se abundantes testemunhos da precária posição de Bluteau na corte: são claras as críticas aos vícios dos portugueses, destacando a dissimulação e impossibilidade de falar abertamente.

⁷ *Processos da Inquisição de Lisboa*, n.º 1871 e n.º 2753, Arquivo Nacional da Torre do Tombo. Cf. Almeida, 1996: 7-8.

⁸ Uma carta de D. Joana de Meneses, Condessa de Ericeira (Lisboa, 16-2-1698), que Caetano de Bem não reproduz: «Je vous croy cependant bien mieux placé que luy et je suis persuadee que vous ne vous repantires pas d'avoir suivi les conseils que donnais touiours de vous en aller en France ou votre merite trouvera sans doute toutes les distinctions qui luy sont deues, il ne faut pas s'etonner que l'on ne luy ait pas randu justice dans les derniers momens de votre sejour a Lisbonne, vous sçavez que l'on n'y a pas toujours tous les egards que l'on doit aux gens [...]» (B. N. L., Mss., Cx. 24, n.º 108). Cf. também a carta do Marquês de Arronches (19-11-1698): «Foy p.a mim couza nova o saber a vinda de vossa R.ma a essa cidade, porq. das particularidades da patria vivo separado em q.to ás noticias, ficando á mercè de quem más participa; porem naõ posso persuadirme q fosse sò o motivo da estampa do libro q obrigasse a vossa R.ma a deixar as delicias do Tejo p.a empreender huã lida com manuenses, ou libeiros [...]» (B. N. L., Cod. 7.701).

de cultura após os anos de guerra, participando na Academia Portuguesa (1717) e na Real Academia de História (1720).

2.1. O círculo dos Ericeiras

O relacionamento de Bluteau com os condes da Ericeira principia nos primeiros anos da sua estada em Portugal e prolonga-se até à sua morte, atravessando três gerações desta família. Para além do convívio intelectual e da colaboração em diligências ao serviço do interesse público, os testemunhos escritos revelam uma forte amizade.

O teatino foi um entre os inúmeros estrangeiros recebidos em casa dos Ericeiras, que manifestavam um interesse muito particular por quem trouxesse notícias respeitantes à cultura francesa. Merecem referência alguns nomes de ilustres frequentadores da casa, que também conviveram com Bluteau: Jean d'Estrées (1666-1716), embaixador de França em Portugal; Lequien de la Neufville, escritor francês e autor da *Histoire générale de Portugal* (1700); Abade de Mornay-Montchevreuil, embaixador de França em Portugal de 1715 a 1721; General Schomberg (1615?-1690), militar alemão luterano, contratado para servir o exército português (Monteiro, 1962: 198).

É central o papel destes nobres ilustrados na renovação cultural pré-iluminista, especialmente na redefinição dos objectivos das academias literárias em Portugal, segundo orientações em que a influência tutelar de Bluteau é assinalável. Mas se os estudos no âmbito da cultura portuguesa sublinham o modo como a presença do teatino alargou os horizontes dos Ericeiras⁹, importa também assinalar em que aspectos o convívio muito próximo com estas personagens influenciou a obra de D. Rafael: ao nível do estilo, os literatos da casa foram modelos configuradores na progressiva adaptação do autor ao gosto literário português; no domínio da obra lexicográfica, é de salientar a colaboração proporcionada ao nível da revisão e elaboração do *Vocabulario*.

⁹ Acerca do ambiente de renovação cultural entre os Ericeiras e os contactos com Bluteau, cf. os estudos de Monteiro (1962; 1964/1967), Cidade (1975 [1933-1939]) e Dias (1953). No período entre 1668 e 1734, os principais membros da família são D. Fernando de Meneses, 2.º Conde da Ericeira (1614-1699), casado com D. Filipa de Noronha; a sua única filha, D. Joana de Meneses (1651-1709), casada com o irmão de D. Fernando, D. Luís de Meneses (1632-1690), que adquire assim o título de 3.º Conde; o filho do casal é o 4.º Conde, D. Francisco Xavier de Meneses (1673-1746); sucede-lhe D. Carlos de Meneses (1689-1742), 5.º Conde da Ericeira e 1.º Marquês do Lourçal.

Os Ericeiras destacaram-se pela notável erudição, pelo domínio das línguas clássicas e dos principais idiomas modernos, mas também por uma educação científica muito superior àquela que seria usual entre os nobres da época. No que concerne à abundante produção literária, sobretudo historiográfica, só uma pequena parte foi publicada e, dos inúmeros manuscritos perdidos no terramoto de 1755, conhecem-se apenas alguns títulos citados *na Bibliotheca Lusitana*.

D. Luís de Meneses ganhara a confiança do rei D. Pedro, graças a uma participação muito activa nas guerras de consolidação da restauração e um apoio inequívoco à deposição de Afonso VI. Em 1675 é nomeado Vedor da Fazenda, com responsabilidades em políticas de defesa, comércio marítimo, moeda e fomento industrial, solicitando a colaboração de Bluteau em negócios públicos, como atrás se referiu. Após 1673, e com acesso franco aos arquivos do conselho de guerra, D. Luís principia a *Historia de Portugal Restaurado* (1679-1698), um relato historiográfico amplamente documentado que constituiu uma preciosa fonte de terminologia militar para o *Vocabulario*. (A obra destaca-se pelo facto de ter sido escrita em vernáculo, vencendo resistências que recomendavam o latim como a língua mais adequada à narração de feitos heróicos. Bluteau conseguiu incluir no *Journal des Sçavans* uma referência muito elogiosa à obra e ao seu autor ¹⁰).

D. Francisco Xavier, que o teatino acompanhou desde criança, recebeu uma formação em que, sem descuidar a formação clássica, se privilegiaram as línguas modernas, em especial a língua e cultura francesas, reflectindo as preferências da mãe e os gostos da corte. D. Joana de Meneses exprimia-se perfeitamente em francês e dedicava-se ao estudos da retórica e da arte poética. Adquiriu protagonismo político na corte, dado o seu estatuto de confidente e conselheira da rainha D. Catarina no período em que lhe foi confiada a regência do país, em virtude da ausência de D. Pedro II aquando da guerra da sucessão de Espanha ¹¹. A educação literária de D. Francisco respeitou os moldes barrocos, caracterizando de forma indelével o seu estilo. Esta criança precoce, «que principiou a fallar aos seis meses de nacido» (Machado, *Bibliotheca Lusitana*, II: 289), até aos sete anos teve por mestres os seus familiares, apren-

¹⁰ Considerando o conhecimento da intimidade familiar de D. Luís espelhado no artigo, Hernâni Cidade sugere que o teatino tenha também sido o responsável pela redacção (cf. Cidade, 1975 (1933-1939): 38). O artigo referido é citado por Machado, *Bibliotheca Lusitana*, III: 117-118.

¹¹ Sobre as obras publicadas e manuscritas, cf. *ibidem*: 555-557.

dendo as línguas contemporâneas, história antiga e moderna, erudição sagrada, arte de conceitos, estilos do paço, métrica, mitologia, arte militar, geografia antiga, de tal forma que, aos oito anos, perante a corte, já desenvolvia motes, compondo sonetos segundo as complexas regras do estilo barroco (Monteiro, 1962: 198-199). Mas, apesar de ser um exímio praticante dos códigos literários seiscentistas, apreciou as propostas renovadoras do francês Nicolas Boileau (1636-1711), muito provavelmente por influência de Bluteau, que conhecia pessoalmente o autor da *Art Poétique* (1674)¹². Equipou a biblioteca familiar com instrumentação para experiências, que apresentou em sessões académicas que decorreram no palácio, e manteve-se a par da recente produção científica através da correspondência com as academias europeias, nomeadamente a Arcádia de Roma, a Academia de S. Petersburgo e a Sociedade Real de Londres, as duas últimas de carácter mais científico que literário¹³.

A colaboração de D. Francisco Xavier no *Vocabulario* ter-se-á registado, sobretudo, aquando da preparação dos suplementos publicados em 1727 e 1728. De facto, os primeiros oito tomos foram concluídos em Alcobaça, em relativo isolamento e, embora a correspondência entre ambos fosse frequente, os testemunhos que chegaram até nós não comprovam uma participação significativa. De resto, entre 1704 e 1713, o Conde encontrava-se afastado da capital em campanhas militares e no desempenho de cargos administrativos (Monteiro, 1962: 225-227). Somente no *Suplemento* se encontra um agradecimento manifesto pelo auxílio prestado:

[Leitor malévolo] Naõ es o Conde da Ericeira D. Francisco Xavier de Menezes, viva encyclopedia, e perpetuo manancial de toda a literatura.

¹² Assim se depreende do facto de o Conde, em carta enviada para Paris, pedir a Bluteau que entregasse os seus cumprimentos a Boileau (cf. Bem, *Memorias*, 1792: 305). O fascínio do Conde pelos versos e propostas de Boileau inspiram-lhe uma tradução em português, que apesar de só ter sido publicada postumamente (cf. Silva, *Diccionario Bibliographico*, III: 87), certamente seria do conhecimento dos frequentadores da casa e dos círculos académicos, fazendo «sentir a oposição entre a prestigiosa e modelar literatura de que o crítico codificava as leis e hierarquizava os valores, e o gongorismo ainda dominante» (Cidade, 1975 (1933-1939): 71).

¹³ Publicou os *Extractos Academicos dos livros que a Academia de Petersburg mandou à de Lisboa* (1736), que testemunham a actualidade do seu saber científico. Como resume Ofélia Monteiro (1964/1967: 18), os excertos «ocupam-se de tudo, desde o cálculo infinitesimal à resolução de equações algébricas, desde a exegese cristã à análise dos movimentos do coração e do mecanismo circulatório, desde o estudo das novas teorias astronómicas de Kepler, Galileu e Newton às investigações históricas e às descrições de plantas exóticas». Cf. *ibidem*: 19-23; 25-30.

Na Universidade de Coimbra, em hum Congresso de homens doutos, taõ singularmente acreditou o Vocabulario, que lhe chamou *Livro universal*; e depois com os additamentos, que me communicou, o fez ainda mais copioso (*Supp.*, I: «Ao leitor malevolo»).

As licenças indicam que o corpo dicionarístico dos suplementos estaria praticamente concluído por volta de 1725, mas a publicação só ocorre em 1727-1728, principiando entretanto a recolha de dados tendo em vista a edição de um terceiro volume, para o qual o nonagenário Bluteau contou com a assistência empenhada de D. Francisco e do seu filho, D. Luís Carlos de Meneses. A educação do 5.º Conde da Ericeira foi igualmente esmerada, desenvolvendo um grande interesse pelo estudo das ciências. Seguiu a carreira militar e foi eleito vice-rei da Índia, regressando a Portugal somente em 1723. Suspeitas de irregularidades na sua governação conduzem a um processo judicial em que é sentenciado ao afastamento da corte por um período de 10 anos, isolamento propiciador de uma intensa dedicação a estudos económicos, políticos e linguísticos. Segundo Barbosa Machado, «praticou a [língua] Portugueza com escrupulosa severidade, não admetindo algum termo novo que a corrupção do século tem facilitado» (*Bibliotheca Lusitana*, III: 79). Além da colaboração com Bluteau, procedeu a uma revisão crítica do dicionário de Moreri, corrigindo ou completando informações referentes a Portugal, compiladas num *Supplemento ao Diccionario Historico de Morery*, que o autor posteriormente remeteu para Paris.

O testemunho desta colaboração é uma carta de D. Francisco a Bluteau, datada de 7 de Maio de 1727¹⁴. O terceiro suplemento representaria uma actualização da nomenclatura não incluída no *Vocabulario* ou nos suplementos prontos a sair à luz. D. Luís encarregar-se-ia da terminologia científica, enquanto o pai recolheria os termos vulgares e completaria os artigos com adágios e frases. Mas a intenção de publicar três suplementos, expressa pelo próprio Bluteau nas páginas das *Prosas Portuguezas*, não se concretizou¹⁵. O material recolhido por D. Luís Carlos, possivelmente com posteriores acrescentamen-

¹⁴ Citada em Bem, *Memorias*, 1792: 314. Cf. adiante, cap. v.1.

¹⁵ «[...] os meus annos me obrigaõ a recolher as vélas oratorias; quanto mais, que se vem chegando o tempo de acodir à impressãõ dos tres volumes, que ficaõ para complemento do meu Vocabulario, Portuguez, e Latino; e como a impertinencia de rever, cada dia muitas folhas, quando vem do prélo, leva muito tempo, não he compativel a occupaçãõ da Oratoria, com o trabalho desta revista» (*Prosas*, I: 103).

tos, terá dado corpo a um *Complemento ao Vocabulario*, que permaneceu manuscrito e do qual hoje só se conhece o título ¹⁶.

2.2. Intervenções académicas

As academias foram um palco privilegiado para a afirmação de Bluteau entre os eruditos da época, confirmando o estatuto de autoridade no domínio da língua e, simultaneamente, a plena integração na corte de D. João V. Os biógrafos somente asseguram a participação nas Conferências Discretas e Eruditas, na Academia Portuguesa e na Academia Real de História, embora não seja de excluir a comparência pontual em outras reuniões de menor projecção.

As academias referidas representaram uma evolução em relação às primeiras tertúlias, motivadas sobretudo pelo passatempo e pelo divertimento em torno da composição poética de gosto gongórico ¹⁷. Os contactos com a Europa culta, o interesse pelas notícias dos progressos científicos e os ecos das actividades das academias estrangeiras tornavam cada vez mais anacrónicas as academias exclusivamente subordinadas à composição poética. O principal agente da redefinição dos objectivos e das temáticas foi D. Francisco Xavier que, a partir de Fevereiro de 1696, acolheu no seu palácio as Conferências Discretas e Eruditas. São, como testemunha Bluteau, um primeiro passo para a introdução de estudos científicos como complemento das temáticas literárias: «nem os dentes da bella Laura, nem os olhos de Phyllis, nem outros ociosos, e effeminados assumptos roubavaõ com queixas da sabedoria as atenções, louvavelmente consagradas a discursos Moraes, e Politicos, a noticias

¹⁶ «Com o Titulo de Complemento ao Doutissimo Vocabulario do P. D. Rafael Bluteau, Clerigo Regular, e Academico Real, escreveo tres volumes de folha, em que fez excellentes emendas, e utilissimos aditamentos àquella grande obra, que com elles ficará melhorada, e não perfeita absolutamente; porque aquelle genero de composião he de sua natureza imperfeito» (Barbosa, *Epitome*, 1743: 194). Barbosa Machado inclui também o *Complemento* entre as obras do autor: «*Complemento ao doutissimo Vocabulario do Padre D. Rafael Bluteau Clerigo Regular e Academico da Academia Real*. Fol. 3. Tom. M. S. Consta de utilissimas emendas e eruditos additamentos» (Machado, *Bibliotheca Lusitana*, III: 80).

¹⁷ No período em que Bluteau permaneceu em Portugal, regista-se ainda a actividade, com maior ou menor regularidade, das Academias dos Instantâneos, Problemática, dos Aplicados, do Núncio e dos Ilustrados. Sobre os antecedentes das academias em Portugal, cf. Ferreira, 1982: 9-18. Para um elenco dos membros das duas academias, sessões realizadas e colecções poéticas publicadas, cf. Matias, 1982 e Ferreira, 1982: 21-29.

Filosóficas, a advertencias, e questoens, concernentes à pureza da nossa lingua» (*Prosas*, I: 20) ¹⁸.

Caberá à Academia Portuguesa — uma designação que evoca a congénere francesa — o aprofundamento dos estudos, com a atribuição de temáticas aos diversos membros, encarregados de partilharem o progresso dos seus trabalhos nas sessões. Fundada por D. Francisco Xavier em 1717, esta academia contava com o favor régio, o que acentua ainda mais a oficialização dos encontros e a acreditação social dos seus membros enquanto eruditos. Perante o elenco dos mestres convidados e os temas propostos, verifica-se que o peso das belas letras é ainda considerável (*Prosas*, I: 341). Apesar do interesse manifestado por áreas como a física, com recurso aos instrumentos da biblioteca do Conde, todos os contributos não poderiam deixar de se pautar por um conservadorismo prudente: como recorda Ofélia Monteiro, as sessões contaram com a presença do Inquisidor-Mor Cardeal da Cunha, e o próprio D. Francisco Xavier era familiar do Santo Ofício. Mesmo a notícia acerca dos livros novos publicados na Europa, que competia ao Conde, seria decerto muito ponderada (Monteiro, 1964/1967: 6-7).

As sessões ter-se-ão prolongado até 1722, mas, em 1720, grande parte dos membros foi convidada a integrar a Academia Real da História, fundada por D. João V, interessado em patrocinar iniciativas que cimentassem, em Portugal e no estrangeiro, a imagem do monarca mecenas, fomentador iluminado das instituições culturais. Destaca-se novamente a presença dos teatinos — entre os quais Bluteau, Manuel Caetano de Sousa, D. José Barbosa, D. Luís Caetano de Lima e D. José Contador de Argote — e ainda de D. Francisco Xavier, Manuel de Azevedo Fortes e Francisco Leitão Ferreira. A instituição de uma academia com estas características contrasta com a generalidade das congéneres europeias, direccionadas para as ciências, a literatura ou a lexicologia. Em Portugal o movimento da Restauração desencadeou um interesse pelos estudos históricos, em particular os relacionados com as «antiguidades» profanas ou religiosas, arqueologia, inscrições, genealogia e fundos documentais. Na origem da Academia encontra-se o projecto do teatino Manuel Caetano de Sousa, que tinha em vista a escrita de uma história eclesiástica de Por-

¹⁸ Entre outros, participaram nas sessões Manuel Teles, Marquês de Alegrete; D. Francisco de Sousa, Capitão da Guarda; José de Faria, diplomata; Luís do Couto Félix, Guardamora da Torre do Tombo; Manuel Gomes da Palma, jurisconsulto (*Prosas*, I: 20). As Conferências terminam definitivamente em 1704, ano em que D. Francisco Xavier parte em campanha militar.

tugal; a monumentalidade da empresa motiva a criação da instituição, cujos objectivos se alargaram (cf. Anselmo, 1989: 79-80). A Academia não se dedicava somente à investigação, cultivando largamente o louvor da família real e dos próprios membros. Largamente subsidiada por D. João V, permite a prossecução e publicação de uma série de trabalhos de laboriosa erudição, na sua maioria catálogos que acumulam informação dispersa, mas sem intenção de a sintetizar ou interpretar criticamente (cf. Anselmo, 1988: 55).

Ao lado de D. Francisco Xavier, Bluteau participou activamente na reformulação dos objectivos das academias literárias, não só com sua colaboração inovadora, mas também com um conjunto de reflexões em que teceu críticas à vacuidade da produção académica anterior, notando a pobreza dos conteúdos e a aproximação ao gosto italiano.

[...] nas Palestras Academicas, pelo que tenho observado, raras vezes se propoem questoens sobre realidade, e existencia dos objectos, sobre que se discursa; donde nasce, que o fundamento da mayor parte dos discursos Academicos he fabuloso, vaõ, frivolo, e de pouca, ou nenhuma entidade. [...] Em nobilissimas Academias trabalharaõ subtilissimos engenhos, em descrever, e moralizar monstruosas fatuidades, indignas da atenção de sizudos ouvintes (*Prosas*, I: 327).

Especial reprovação lhe mereceram as composições poéticas da Academia dos Singulares, acerca das quais comenta, após citar estrofes exemplificativas, «o engenho, discrição, agudeza, e primor Poetico, com que os Academicos tratarão estes, e outros semelhantes assumptos, certamente he digno de admiração; não póde haver assumptos mais inuteis, e menos dignos do talento, habilidade, e sciencia de tão grandes sogeitos» (*ibidem: loc. cit.*).

Saliente-se que os reparos se referem ao conteúdo e não à forma, tanto mais que o teatino seguia os cânones barrocos e compunha destramente de acordo com os rígidos formalismos ainda em voga em Portugal. De facto, embora conhecesse a obra de Boileau e defendesse teoricamente a contenção retórica no púlpito, na prática não se libertou do gosto contemporâneo, pelo que não é sem razão que Verney o acusa de se ter convertido aos vícios do estilo português¹⁹. O discurso académico exigia formas conservadoras, e não

¹⁹ «O que me admira neste particular é, que o Padre Bluteau, que nacera em um Reino, no-qual se-sabe, que coiza é Eloquencia, e bom gosto; quizesse introduzir tambem isto, em Portugal [...] este era o estilo, do tal Religiozo: metodo, criterio, bom gosto, nam sabia de

dispensava os preceitos da retórica que o enobreciam e lhe conferiam a dignidade adequada às assembleias. Rompendo o equilíbrio clássico entre *docere* e *delectare*, predomina a função do deleite, tanto o provocado no leitor, como aquele que o autor experimenta no momento da elaboração, orientando o texto no sentido de despertar no leitor o prazer de contemplar a complexidade da construção engenhosa e decifrar os mecanismos dessa mesma construção (Pires, 1988: 41)²⁰. Também no texto académico predomina a estética do deleite, pelo que o discurso não assenta tanto na argumentação lógica, mas antes em procurar deslumbrar o receptor com a capacidade de mobilização dos recursos retóricos, provando o engenho do autor. A «Prosa Symbolica, Tratado compendioso da arte symbolica» constitui um verdadeiro manual da agudeza de engenho e demonstra até que ponto a tradição da estética barroca é prevalecente em Bluteau: «Na arte da eloquencia não ha prova mais illustre da agudeza do engenho, que o atar as remotas, e separadas noções dos objectos propostos, e expressando hum conceito por meyo de outro muito diverso, descobrir em cousas desemeilhantes semelhança» (*Prosas*, II: 73). A «Prosa Symbolica» inclui um reportório de descrições enigmáticas, isto é, metafóricas, com recurso a «expressoens remotas da intelligencia do vulgo», e foi elaborada tendo por base um «caderninho deste genero de descrições Enigmaticas, que para passar tempo, eu fiz em Portuguez ha muitos annos» (*ibidem*: 18).

À luz da poética barroca, o requinte formal constituía um critério fundamental para a avaliação da qualidade da produção literária, que não poderia deixar de se repercutir na escrita do *Vocabulario*, porquanto o dicionário se apresentava como prolongamento do discurso académico e como manual auxiliar para oradores, prosadores e poetas.

No que respeita à renovação de conteúdos, Bluteau demonstra o interesse pela nova filosofia natural (a física), pelo experimentalismo e pela observação directa. Na «Academia Theologica», inserta nas *Prosas Portuguezas*, encontra-se uma resenha da história do movimento académico europeu contemporâneo, concluindo que «hum dos principaes motivos da instituição das Academias,

que cor era. é o mais cansado escritor, que eu tenho visto. Na verdade era infatigavel, em algumas coizas: mas nam era autor para se imitar: porque bebèra desorte, este estilo de Portugal» (Verney, *Verdadeiro metodo*, I, 1746: 220).

²⁰ A poesia desta época e a literatura em geral foram rotuladas de obscuras, mas os tratadistas distinguiam entre dois tipos de obscuridade: «a que deriva de ideias profundas, temas complexos, e que é considerada tão louvável como inevitável; e a que resulta de termos desusados, de metáforas estranhas, de sintaxe extravagante, que é condenada» (Pires, 1988: 43).

he a indagação, e exame de materias, e operações scientificas» (*Prosas*, I: 341). Outras instituições modelares nos estudos físicos por meio de processos de experimentação e observação directa seriam a Sociedade Real dos Físicos de Inglaterra, também conhecida por Colégio Experimental de Londres; a Sociedade Experimental, em Florença; a Academia dos Curiosos da Natureza, na Alemanha. Bluteau conheceria directamente os procedimentos na Academia Real das Ciências, em França, e dá-nos testemunho do seu convívio com os académicos ²¹.

Embora revele o conhecimento das teorias tradicionais, contrapõe-lhes com frequência a opinião dos autores mais recentes, tomando o partido destes últimos na célebre disputa entre antigos e modernos, constatando o progresso da ciência contemporânea ²². Assim, evidencia um modernismo inovador, mas não atentatório da tradição, recusando os princípios da filosofia moderna cujas implicações contrariassem abertamente a ortodoxia religiosa, como se esperaria de um qualificador do Santo Ofício.

A atenção ao progresso da ciência e aos novos procedimentos experimentais, de que as *Prosas Portuguezas* são testemunho, encontra-se igualmente presente nos artigos do *Vocabulario*, em particular nos subordinados à terminologia científica. De facto, as *Prosas* constituem uma amostra superficial da amplidão de interesses e conhecimentos de D. Rafael, mais cabalmente expressos na extensão de uma obra com características de um dicionário universal. O tratamento deste tipo de conteúdos merecerá uma observação mais atenta no capítulo dedicado à informação de tipo enciclopédico (cf. cap. IV.3), mas importa des-

²¹ «O famoso Cassini, celebre Mathematico da Academia Real das Sciencias em França, me disse em Pariz, que poderia a Lua distar da terra humas trinta mil legoas [...]» (*Prosas*, I: 159). Este tipo de nota também surge no *Vocabulario*: «Na segunda jornada que fiz a Paríz, fui convidado para ir ver huma demonstração do movimento continuo, em hũa maquina inventada por hum Francez [...] que havia tido a habilidade de persuadir aos da Academia Real das Sciencias, que elle tinha achado o movimento continuo artificial [...]» (*Voc.*, s.u. MOVIMENTO).

²² «Que nos homens deste tempo a memoria, e o juizo tenhaõ ou igual, ou ainda mais vigor, que nos antepassados, claramente o demonstra a perfeição, e altura, em que hoje estão as Artes, e Sciencias; os livros, que nellas escrevem os modernos, excedem no numero, methodo, noticia, e elegancia todas as obras dos antigos» (*Prosas*, I: 39). Alberto de Andrade (1945b: 542) resume a posição filosófica de Bluteau com a expressão «peripatético moderno», que parece bem adequada. Como afirma Sebastião Silva Dias (1952: 309-313), não se encontra no pensamento de Bluteau uma filiação explícita em Descartes, embora certamente conhecesse aspectos da sua obra e do seu pensamento, ainda que por intermédio de comentadores, que com regularidade cita no *Vocabulario*.

de já assinalar algumas orientações temáticas e argumentativas que representam um *continuum* entre as áreas da discussão científica nas academias e o enunciado lexicográfico. Assim, no *Vocabulario*, são constantes as referências à «filosofia moderna», cujas teorias são aduzidas em contraponto às tradicionais, fundadas geralmente em autores da Antiguidade; citam-se tratados científicos publicados um pouco por toda a Europa e descrevem-se procedimentos experimentais, observações e resultados.

2.3. Motivações e palcos da discussão metalinguística

Desde o início do século xvii que os padres teatinos passavam por Lisboa, porto de embarque para as missões no Oriente e em África, residindo provisoriamente em instalações alugadas. Em 1650, D. João IV permite ao Padre D. António Ardizzoni a fundação de uma casa na capital. A autorização é renovada em 1656, mas ainda não permite a instituição de um convento, uma vez que a multiplicação do número de ordens religiosas impusera medidas de restrição. A construção da casa, situada no Bairro Alto, na actual Rua dos Caetanos, foi financiada por senhoras da nobreza lisboeta e viria a acolher o Conservatório Nacional após 1837 (cf. Castilho, 1956: 234-243). Durante os reinados de D. Pedro II e D. João V, a casa dos teatinos em Lisboa foi um centro de intenso labor intelectual, albergando figuras de uma notável erudição e reconhecido prestígio social.

D. Rafael testemunha a enérgica actividade dos padres da Divina Providência, dividindo-se pela pregação, participação em academias, investigação histórica e assistência à comunidade²³. A Casa gozava de boa reputação no que respeita à qualidade do ensino aí ministrado, assegurando os padres a leccionação

²³ «Na unica Casa, que de poucos annos a esta parte elles tem no Reyno de Portugal nesta Corte, fazem os Theatinos as funçoens, a que só poderia supprir hũa numerosa familia Religiosa. São unicamête dezaseis Sacerdotes Capitulares; todos dezaseis sobem ao pulpito, & seis delles tiveraõ a honra de prégar na Capella Real. Actualmente tem dous Lentes de Theologia, a fóra outros, que tâbem lèrão na mesma Aula; tem quatro Compositores, tres Qualificadores do Santo Officio, tres Lentes na Academia dos Generosos; hum Deputado da Bulla, hum Examinador das Ordens Militares, hum Cronista da Casa de Bragança, dous Mestres de Principes; na mesma Casa, & no meyo de tantas, & tão serias occupaçoens, frequentão o Coro, fazem na Igreja Oração mental duas vezes no dia, administrão os Sacramentos de dia, & de noite, toda a hora que são chamados; & a qualquer aviso do Escrivão do Crime da Corte, vão dous delles passar a noyte com o padecente, que no dia seguinte ha de ser executado [...]» (*Voc.*, s.u. THEATINO).

de gramática latina, filosofia e teologia aos jovens que desejavam professar na ordem e aos filhos da nobreza citadina. O próprio Bluteau, recém-chegado de França, começou a ensinar filosofia em 1669 (Bem, *Memorias*, 1792: 288).

Não foi propriamente um centro irradiador de renovação filosófica, mas a verdade é que, graças a Bluteau e a outros teatinos portugueses que também viajaram pela Europa, a estes padres chegaram as notícias do moderno pensamento científico e filosófico bem antes de Verney publicar as suas críticas. Como concluiu Alberto de Andrade a propósito destes aristotélicos arejados, «toda a cultura europeia — se se teimar em negá-la aos filhos de Santo Inácio — existiu, pelo menos, entre os dezasseis sacerdotes e alunos da Casa de Nossa Senhora da Divina Providência» (Andrade, 1945a: 553).

O convento foi ponto de encontro da nobreza e da corte, inclusive com a participação do rei. No recato da sua pequena capela, os teatinos organizavam celebrações para a nobreza esclarecida, que em muitos aspectos se assemelhavam às sessões das academias, como se verifica pela leitura das *Prosas Portuguezas*, onde se registam somente as festas em que Bluteau orou (*Prosas*, I: 267-325, 363-394, 395-421; II: 107-146, 229-270).

Os religiosos desta instituição dispunham de uma das mais ricas bibliotecas de Lisboa, progressivamente aumentada pelo zelo bibliófilo das diversas gerações de padres. Além dos livros raros, reunia estampas, mapas, moedas e medalhas, dispostas de tal forma que pudessem ser admiradas pelos visitantes, provando, perante a sociedade lisboeta, a elevada erudição dos clérigos regulares. D. José Barbosa e Bluteau foram os principais responsáveis pelo engrandecimento do espólio, o primeiro com a sua colecção sobre história de Portugal, o segundo com os livros de estampas, comprados no estrangeiro. Caetano de Bem descreve «Huma gallaria, ou collecção de estampas, e muitas destas primorosamente illuminadas, em diversos Tomos de differente grandeza, em que se vê a Historia Biblica, as Taboas da célebre Carlota Catharina Patina, retratos de Santos, e pessoas Ecclesiasticas, reis, Rainhas, Principes, Princezas, Heroes, Generaes, Fabulas, e Historia Natural, festejos publicos com mascaras, e bailes, sellos, ou cifras, desenhos de Gallot, &c. que trouxe o Padre D. Rafael Bluteau» (Bem, *Memorias*, 1792: 181-182). No final do século XVIII seriam cerca de 16 mil volumes, que a já decadente Casa da Divina Providência doou à Real Biblioteca Pública, a troco de verbas que garantissem a subsistência dos poucos padres que restavam ²⁴.

²⁴ Tendo em vista o estudo dos acervos iniciais da actual B. N. L., Manuela Domingos (1994) reuniu documentação relativa à doação do espólio e que permite calcular o imenso

Atendendo à produção literária e interesses de alguns dos padres que coabitaram com Bluteau, pode concluir-se que a Casa da Divina Providência proporcionou um ambiente favorável ao desenvolvimento de estudos metalinguísticos. Entre sermões, obras de historiografia e contributos académicos, é significativo não só o número de títulos publicados, mas também a quantidade de trabalhos que permaneceram manuscritos ou por concluir, depositados na biblioteca do convento. Não obstante o facto de a grande maioria dos estudos se debruçar sobre questões de história e genealogia, outros teatinos revelaram interesse pela elaboração de obras de tipo lexicográfico, embora não haja notícia de que alguma tenha sido efectivamente publicada. Mas, como se declara no prólogo do *Supplemento*, todo esse material manuscrito e paciente-mente ordenado para uso pessoal foi liberalmente colocado à disposição do autor do *Vocabulario*. Os prestáveis padres foram José Barbosa, Luís Caetano de Lima, Jerónimo Contador de Argote e Manuel Caetano de Sousa ²⁵:

Contribuirão estes quatro eruditos sogeitos à formação, e perfeição do Vocabulario; o primeiro, com hum livro, escrito de sua letra, intitulado *Indice de palavras, e frases Portuguezas, tomadas de varios Authores*; o segundo, com outras expressoens, por ordem alfabetica distribuidas em cadernos avulsos; o terceiro, com humas objecções, ou criticas advertencias sobre os primeiros volumes do Vocabulario, que lhe foraõ à mão, estando actualmente em Braga; o quarto, de tempo em tempo com selectos, e exquisitos termos, cuja intelligencia, quanto mais rara, he mais preciosa (*Supp.*, I: «Ao leitor malevolo»).

D. José Barbosa (1674-1750), irmão de Diogo Barbosa Machado, professou nos teatinos em 1690. D. João V nomeou-o cronista da Casa de Bragança, em 1713, e convidou-o para integrar a Academia de História, na qua-

valor da colecção dos teatinos. Destaca-se o *Catalogo methodico dos livros que a Comunidade dos Clerigos Regulares da Divina Providência de Lisboa doou à Real Bibliotheca Publica da Corte no anno de 1796* (B. N. L.). O inventário ocupa três volumes e obedece a uma organização temática: tomo I, «Historia», 294 fol.; tomo II, «Bellas-Letras, Filosofia, Medicina, Mathematica e Officios, e Artes», 237 fol.; tomo III, «Sciencias Civis e Politicas, de Sciencias Ecclesiasticas e de Poligraphia e Miscellanea», 284 fol. Cf. Domingos, 1994: 76-83.

²⁵ Além destes padres, os nomes mais marcantes do período áureo dos teatinos em Portugal são António Ardizzoni (1609-1697); André Nunes da Silva (1630-1705); Tomás Beeckmann (1660-1729); Caetano Barbosa (1660-1736); António Caetano de Sousa (1674-1759); Francisco Xavier do Rego (c. 1692-1738) e Caetano de Gouveia Pacheco (1696-1768).

lidade de membro fundador²⁶. A sua biblioteca particular, dedicada sobretudo à história de Portugal, continha exemplares de grande raridade, que posteriormente integraram o acervo dos teatinos. Conhecia perfeitamente o castelhano, o francês e o italiano, embora não tenha produzido obras nessas línguas.

Apesar de não ter chegado até nós o referido *Índice de palavras, e frases Portuguezas*, a biografia traçada por Caetano de Bem permite compreender as motivações que presidiram à sua elaboração, bem como quais os autores que foram objecto de uma leitura cuidada. Cultivando uma atitude purista, recusava introduzir nas suas composições termos de línguas estrangeiras, como se fossem palavras bárbaras, de modo a evitar a corrupção do idioma. O *Índice* recolheria excertos dos seus autores predilectos, aos quais devotava um estudo constante: «Esta abundância, e pureza de vozes adquirio o Padre Barbosa na continua lição, e grande reflexão, com que lia as Obras de Barros, Lucena, Vieira, e outros; e principalmente de Jacinto Freire de Andrade, na vida de D. João de Castro, cuja Obra leo vinte e oito vezes, porque no seu conceito, e no de todos os mais inteligentes he este Escritor hum dos primeiros Mestres da eloquencia Portugueza» (Bem, *Memorias*, 1794: 170).

D. Luís Caetano de Lima (1671-1757) professou no convento dos teatinos em 1687, contando-se Bluteau entre os seus mestres. Dominava a língua latina, o grego e o hebraico, mas destacou-se pela atenção que consagrou às línguas modernas, pois, graças a uma série de viagens pela Europa, aprendeu a falar fluentemente francês e italiano. A produção literária deste membro fundador da Academia Real de História é vasta, além dos tratados históricos e textos redigidos no âmbito da Academia, publicou ainda uma *Orthographia* e duas gramáticas em que confronta o português com o francês e o italiano²⁷.

Bluteau escreve que Caetano de Lima lhe facilitou a consulta de listas de expressões, «por ordem alfabetica distribuidas em cadernos avulsos». Estas obras

²⁶ Para uma lista das obras publicadas, portuguesas e latinas, cf. Machado, *Bibliotheca Lusitana*, II: 825-829.

²⁷ *Orthographia da lingua portugueza*, 1736; *Grammatica Franceza, ou arte para aprender o Francez por meyo da lingua Portugueza*, 1710; *Grammatica Italiana, e arte para aprender a lingua Italiana por meyo da lingua Portugueza*, 1734. Ao interesse pelas línguas, aliavam-se um estilo conciso e um espírito pragmático: «Na Philologia foi muito instruido, que acompanhava de huma judiciosa critica; e desta se servia para a devida perfeição em as suas composições, ornando estas com as noticias precisas; e não trazendo huma multidão de citações a Autores, que só servem para encher paginas, que enfada, e não deleita, e não ensina» (Bem, *Memorias*, 1794: 161). Sobre a lista das obras publicadas e dos manuscritos completos, cf. Machado, *Bibliotheca Lusitana*, III, 67-69.

não constam do catálogo elaborado por Barbosa Machado, uma vez que o bibliófilo somente dá conta dos manuscritos completos. Todavia, na B. N. L. encontram-se vários trabalhos de cariz lexicográfico inacabados e aparentemente para uso pessoal, elaborados ao sabor da recreação erudita, mas que, em conjunto com os títulos efectivamente publicados, deixam perceber uma reflexão metalinguística abrangente e continuada ²⁸:

— *Diccionario Portuguez e Latino das palavras e frases portuguezas mais necessarias e de melhor uso explicadas na mais pura latinidade e com exemplos dos melhores autores* (B. N. L., Cod. 3120-3124).

— *Diccionario Latino e Portuguez* (B. N. L., Cod. 3348).

— *Latina vocabula, locutionesque minus usitatae lusitanicè explicatae. Cum de latini sermonis utilitate ac praestantia dissertatione*, 1729 (B. N. L., Cod. 3126).

— *Lusitanicae loquutiones latinè explicatae alphabetico ordine et Cardin. Petr. Bembi et Jacobi Sadoleti verbis expressae*, 1729 (B. N. L., Cod. 3129).

— *Vocabulario nautico da lingua e frases portuguezas* (B. N. L., Cod. 3138).

— *Vocabulario de synonymos e equivalentes da lingua portugueza* (B. N. L., Cod. 3137-3138).

D. Jerónimo Contador de Argote (1676-1749) entrou aos 12 anos para o Convento da Divina Providência, dedicando-se com particular interesse aos estudos filosóficos. Acompanhou Bluteau nas sessões da Academia Portuguesa e da Real Academia de História, sendo-lhe confiada a redacção das *Memorias para a Historia Ecclesiastica do Arcebispado de Braga* (1732-1747). Publicou a gramática *Regras da lingua portugueza, Espelho da lingua latina* (1721), postulando que o ensino do latim devia ser precedido do conhecimento das regras da língua materna. Bluteau indica que a sua colaboração se limitou ao exame crítico dos primeiros volumes do *Vocabulario*, publicados até 1712. Embora se encontrasse em Braga, D. Jerónimo teve acesso aos primeiros exemplares e acompanhou de perto a sua publicação ²⁹.

D. Manuel Caetano de Sousa (1658-1734) ingressou nos clérigos regulares em 1675, onde ensinou latim, filosofia e teologia. Em 1709 partiu para

²⁸ Sobre o aproveitamento que Bluteau faz deste material, cf. caps. III.1.2 e IV.4.5.3.

²⁹ Em Novembro de 1712 D. Jerónimo esteve em Coimbra e encontrou-se com António Portocarrero no preciso momento em que este padre diligenciava a publicação dos primeiros volumes. Cf. a carta de António Portocarrero a Bluteau, Coimbra, 14-11-1712. (B. N. L., Cod. 7.701). Cf. também Machado, *Bibliotheca Lusitana*, II: 493-494.

Itália e aí se demorou três anos, visitando as principais cidades e centros de cultura. De regresso a Portugal, encontramos-lo nas sessões da Academia Portuguesa, onde discursa sobre filosofia moral, ao mesmo tempo que delinea uma vasta história eclesiástica portuguesa, projecto que recolherá a aprovação e o patrocínio de D. João V. É precisamente o esforço no sentido de criar as condições para a realização de tão demorada e complexa empresa que desencadeará a fundação da Academia Real de História (Machado, *Bibliotheca Lusitana*, III: 200-211).

O autor do *Vocabulario* agradece-lhe o esclarecimento de «selectos, e exquisitos termos», que provavelmente seriam palavras antigas ou de significado obscuro que ocorriam em documentação histórica e genealógica. Não publicou nenhuma obra de cariz metalinguístico, mas, no inventário das obras manuscritas de Caetano de Sousa, Barbosa Machado regista dois catálogos de terminologias: um *Diccionario de todas as palavras pertencentes á Arte de Livreiro* e uma *Numismographia Lusitana* que, de acordo com a descrição, «consta dos nomes, e qualidade de Moedas que tem havido neste Reyno»³⁰.

Entre os teatinos portugueses, Bluteau encontrou condições favoráveis para a aprendizagem da língua, para o esclarecimento de questões relacionadas com a norma e a qualidade dos autores, mas também para o desenvolvimento de um projecto de um dicionário. Mas será nas academias, inspirado no exemplo francês, que procurará a autorização para a sua obra e para o seu estatuto de lexicógrafo.

A julgar pelo destaque que é concedido à Academia Francesa nas *Prosas* (I: 40), esta instituição seria para Bluteau o modelo no que respeita à reflexão autorizada sobre a língua e a eloquência. A Academia havia sido fundada em 1635 pelo Cardeal Richelieu, com o objectivo de estabelecer regras claras para a língua, torná-la pura, eloquente e dotada de vocabulário suficiente para fazer face às exigências impostas pelas artes e pelas ciências³¹. De acordo com

³⁰ No âmbito das academias, proferiu ainda a *Prosopopeya da letra S. sentida da desgraça que padeceo na Academia Portugueza a letra Z sua irmaã mais moça e Observaçoens litterarias, ou significaçoes da Palavra Impetrar* (Machado, *Bibliotheca Lusitana*, III: 206-207).

³¹ Além destes objectivos explícitos, a Academia pretendia contribuir para a unificação linguística no território, bem como para o incremento do prestígio do francês no conjunto das línguas europeias: «La langue françoise, qui jusqu'à present pu rendre la plus parfaite des modernes, est plus capable que jamais de le devenir, vu le nombre des personnes qui ont une connoissance particuliere des avantages qu'elle possède, et de ceux qui s'y peuvent encore ajouter» (Académie Française, *Lettres patentes*, 1995a (1635)).

os estatutos, os académicos procederiam à leitura atenta dos melhores autores da língua francesa, examinando e seleccionando as palavras e as frases que constituíssem os exemplos a partir dos quais se estabeleceriam as regras de bom uso, nomeadamente a respeito da ortografia. Toda a actividade se direccionava para a publicação de obras em que se recolhesse o fruto das observações dos académicos, permitindo a divulgação dos tão desejados instrumentos de normalização linguística: um dicionário, uma gramática, uma retórica e uma poética³².

Bluteau lamenta que, em Portugal, as academias se limitassem à composição literária, observando temáticas indignas do talento e sabedoria dos seus membros, quando se podiam dedicar ao aperfeiçoamento da língua³³. Nas Conferências de D. Francisco Xavier encontra as condições para promover a tão desejada reflexão sobre as palavras. As *Prosas* registam o formulário do assento da sessão inaugural, em que se percebem semelhanças com o plano de trabalhos delineado pelos académicos franceses, particularmente a procura da perfeição da língua, garantindo que fosse capaz de tudo exprimir³⁴.

O estudo sobre as palavras foi introduzido nas sessões para responder às dúvidas com que Bluteau se deparava à medida que avançava a composição do *Vocabulario*. Nesse momento — tendo em conta que em 1697 se deslocou

³² Cf. Académie Française, *Statuts et règlements*, 1995b (1635), artigos xv-xvi. Só em parte se cumpriram os objectivos, com a edição do dicionário em 1694 e a tardia publicação de uma gramática, em 1932; de acordo com o artigo xvii dos estatutos, a maior parte do tempo das sessões deveria ser consagrado ao exame dos textos e à preparação das obras referidas. Sobre a organização das primeiras sessões dedicadas à redacção do dicionário, cf. Catach, 1998: 70-75.

³³ «Destes, e outros frivolos assumptos estão cheas as obras dos nossos Academicos, e como muitos delles tem a imaginação depravada com estas, e outras semelhantes idéas, a solidas, e proveitosas proposições fechaõ os ouvidos; e esta é huma das razões, porque tão pouco fruto fez a indagação das palavras, que com mais propriedade, e elegancia podiaõ ornar no idioma Portuguez o discurso» (*Prosas*, I: 27). Os académicos franceses pretendiam contribuir para um aperfeiçoamento da língua, tornando-a um instrumento de pensamento, equiparável às línguas antigas. Cf. Cahné, 1998: 129.

³⁴ «Como a lingua Portugueza não cede na elegancia a alguma das viventes, pareceo aos scientes de Lisboa, que como propria, e eloquente, era digna do seu estudo, e capaz da sua applicação [...] a varios assumptos, e sobre tudo em palavras da Lingua Portugueza, ou já introduzidas com significação propria, ou já antiquadas, ou ainda não admittidas. Examinaraõse os mais estimados Escritores da lingua, a necessidade, que havia de algumas vozes estranhas, para que nos faltavaõ nomes proprios, e sobre tudo o uso, que he o melhor arbitro, a etymologia, a pronuncia, a Orthografia, e Grammatica» (*Prosas*, I: 1-2).

a Paris e aí ensaiou uma primeira impressão do dicionário — já teria coligido bastante informação respeitante às primeiras letras e a nomenclatura básica também se encontraria definida, tanto mais que o teor das reflexões que propõe nas Conferências pressupõe um conhecimento experimentado do *corpus* lexicográfico e literário português. No que respeita à organização dos trabalhos, as questões seriam apresentadas numa sessão e a discussão teria lugar na seguinte, submetendo-se a decisão ao voto dos académicos.

Recitado na primeira sessão das Conferências, o «Oratorio requerimento de palavras portuguezas» constitui um plano de trabalho sob a forma de um discurso alegórico, em que as palavras — os réus — se apresentam perante um tribunal, cujos juízes são os académicos. Os objectivos do teatino apontavam para um ambicioso estudo diacrónico da língua, agrupando as palavras em três categorias. Em primeiro lugar, as «supplicants agravadas», ou seja, as palavras antigas e já fora de uso, pretendendo averiguar qual o seu significado e preservar essa informação, para uma correcta interpretação dos documentos antigos.

Seguiam-se as «supplicants desconfiadas», definidas como as palavras «nativas», por oposição àquelas que no passado haviam sido introduzidas por godos, árabes, franceses e ingleses. Demonstrando o empenho na defesa do vernáculo, lembra que aos académicos caberia assegurar «o direito das palavras nativas para conservação, e confirmação da posse, em que estão», perante o perigo de serem substituídas pelas estranhas (*Prosas*, I: 8).

Por último, apresentar-se-iam as «supplicants pretendentes», que correspondiam aos neologismos, designados pelo autor como palavras «estranhas», ou «peregrinas». A introdução ou criação de novos vocábulos justificar-se-ia em três circunstâncias: a «indigência», que se verificava sobretudo na insuficiência de palavras ao nível dos termos técnicos; a «elegância», na medida em que o ornato do discurso reclamava o emprego de termos incomuns e que não se encontravam nem na «mais opulenta língua do Mundo»; a «decência», que impunha a substituição das palavras disfémicas, «que não só nos Pulpitos, e nas Academias, mas nem nas praticas mais familiares se podem pronunciar sem pejo» (*ibidem*, I: 12)³⁵.

O debate linguístico não atingiu a dimensão desejada, em primeiro lugar devido às contingências políticas que motivam o regresso a França no ano

³⁵ Desenvolvendo a questão da decência dos termos, Bluteau conclui o *Oratorio* com o caso da palavra «Pyrilampo», composto erudito que solucionaria a dificultosa questão de nomear o insecto que o vulgo conhecia por caga-lume, designação que, de resto, nunca é introduzida no discurso (*ibidem*, I: 13-15).

seguinte, mas também porque a adesão dos académicos foi inferior à que Bluteau previra ³⁶. Graças à transcrição das palavras analisadas conservada nas *Prosas*, pode avaliar-se o trabalho efectivamente realizado ao longo de doze sessões, reagrupando-as de acordo com a natureza da dúvida:

- esclarecimento do significado de palavras e expressões em uso:
Abada, Abies (palavra latina), *Agrestes, Animosidade, Crocodillo, Ema, Endoenças, Entrudo, Fallar critico, Feniz, Florente, Florescente, Florescido, Florido, Flôrido, Graveza, Gravidade, Infanta, Infante, Leveza, Levadaõ, Mencionados, Sussurro*;
- introdução de novas palavras e declaração do seu significado:
Amnistia, Anarchia, Bloquear, Bloqueo, Claudicar, Collisaõ, Destacamento, Destacar, Feniz, Infatuar, Paragonar, Projecto, Recruta;
- ortografia e pronúncia:
Alagoa, Alambique, Alampada, Armazem, Arrecadar, Chaminè, Philosophia;
- supressão de palavras fora de uso:
Afaõ, Afanar;
- substituição de palavras indecentes:
Cagalume.

O catálogo presente nas *Prosas* poderá não ser exaustivo, mas permite constatar que a maior parte dos casos aduzidos se relacionava com a precisão do significado e a introdução de novos termos, geralmente decalcados a partir de palavras francesas que o uso progressivamente introduzira na escrita ³⁷. Dos assentos das decisões infere-se que as discussões seriam bastante participadas, invocando-se a língua latina e a tradição dos autores clássicos, a comparação com o castelhano e o francês, mas também as lições dos dicionários.

Quando a Academia Portuguesa inicia as suas sessões em 1717, Bluteau retoma as preocupações de 1696, agora sob a forma de questões concernentes

³⁶ Cf. *ibidem*, I: 27. As temáticas linguísticas continuariam presentes, por iniciativa de D. Francisco Xavier, a quem Barbosa Machado atribui a autoria de «vinte e oito discursos filológicos», como: *Observações ortográficas; Se na língua portuguesa hão-de preferir na ortografia a origem ou a pronúncia* (Monteiro, 1962: 212).

³⁷ Veja-se como exemplo a decisão acerca da palavra *recruta*: «He Francesa, *Recrue*, usada entre Hespanhoes, e pelo Conde da Ericeira, *Historia de Portugal Restaurado, 2. part.* significava as levas, que se fazem para reencher as companhias, a quem faltaõ soldados por mortos, ou por fugidos: propunha-se reforço, e achando que não explicava, se admittio *Recruta*» (*Prosas*, I: 16).

à ortografia e significado de algumas palavras, a par de orações sobre temas da física, geografia e história³⁸. A orientação eminentemente historicista da Academia Real, fundada em 1720, constituiu certamente uma desilusão para o teatino, ao ponto de ter manifestado o seu protesto nas sessões da Academia Portuguesa, através da «Prosa apologetica, justificação de huma soberana princeza, injustamente exclua das doutas Conferencias da Academia Real de Lisboa», sendo a referida princesa a ortografia, «Emperatriz de toda a escritura» (*Prosas*, II: 170-185). Em virtude desta desatenção, a casa do Conde da Ericeira continua a ser o palco privilegiado da reflexão linguística, empreendendo o teatino uma série de lições sobre ortografia, recuperando e actualizando as notícias que publicara no *Vocabulario*, no início de cada letra. A «Prosa grammatonica, portugueza, ou regras, e leys, para o uso das letras do Alfabeto Portuguez, na escritura, e na pronunciação» é uma importante reflexão crítica, em que Bluteau confronta as lições dos ortógrafos portugueses e explicita as opções seguidas no *Vocabulario*, no que respeita à ortografia (*ibidem*, II: 186-200)³⁹.

A leitura dos artigos do *Vocabulario* e *Supplemento* correspondentes às palavras analisadas nas Academias permite concluir que as reflexões foram integradas no texto lexicográfico, com referências que por vezes incluem uma síntese do debate⁴⁰. O facto de a opinião expressa pelo autor ser secundada

³⁸ Apresenta questões como: «I. *Se a penultima syllaba deste nome Academia se ha de pronunciar breve, ou longa.* II. *Se no idioma Portuguez esta palavra Colonia, tem terceiro significado.* II. *Se he boa Orthographia a de certo Autor Portuguez de boa nota, que em lugar de C com cedilha, poem dous SS. verb. gratia, Conceissaõ, Anunciassaõ, &c. ao contrario do commum que diz, Conceiçaõ, Annunciaçaõ, &c.* IV. *Se tambem havemos de seguir a Orthographia dos que a todas as palavras, que começaõ por ST. ou or SP tiraõ o E, escrevendo em lugar de Estrella, Strella, e por Espirito, Spirito.* V. *Se assim como de alguns substantivos Latinos, que acabaõ em As, v. g. Bonitas, Gravitas, Magnanimitas, &c. tomamos Bondade, Gravidade, Magnanimidade, &c. Poderamos tomar do Latim voluptas, voluptade.* VI. *No quinto tomo dos seus Sermoens pag. 318. diz o Padre Antonio Vieira, fallando em huma tormenta: Achicaraõ de repente as bombas, que quer dizer, aqui, Achicar*» (*Prosas*, I: 23-25).

³⁹ À data, os oito volumes estavam concluídos e o autor assume inúmeras falhas e incongruências, como se notará adiante (cf. cap. v.1).

⁴⁰ Por exemplo, no artigo RECRUTA (cf. *supra* a informação registada nas *Prosas*) Bluteau incluiu a seguinte nota: «Nas conferencias eruditas, que se celebrãõ na livraria do Conde da Ericeira, anno de 1696, em lugar de *Recruta*, vocabulo estrangeyro, foy proposto *Refôrço*, palavra nacional, mas achando, que não explicava adequadamente, se admittio *Recruta* [...]» (*Voc.*, s.u.). Cf. também os artigos do *Vocabulario* ANIMOSIDADE, DESTACAMENTO, EMA, PROJECTO. As palavras cuja introdução foi considerada desnecessária, como PARAGONAR, não constituem entrada no dicionário.

por um grupo de homens doutos certamente constituiria uma acreditação suplementar, mas a referência aos académicos é ocasional e, na maior parte das vezes, aduzida a título de curiosidade. De resto, o número de palavras estudadas constitui uma percentagem reduzidíssima das entradas.

A Academia Portuguesa extinguiu-se sem que, no entender de Bluteau, avançassem os estudos em duas áreas problemáticas da língua portuguesa: a normalização da ortografia e a dicionarização do vocabulário antigo ⁴¹. Perante tais lacunas, lembra que em outros reinos — novamente a França — essas obras haviam encontrado bom acolhimento (*Prosas*, I: 26).

Apesar das referidas divergências, Bluteau consolidou nos últimos anos de vida o prestígio entre os eruditos portugueses. O dicionário, as contribuições académicas e a publicação de uma colectânea como as *Prosas* (1727-1728) transformaram o teatino em árbitro linguístico e estético, numa época em que o domínio das belas letras constituía uma importante mais-valia nos complexos mecanismos de reconhecimento social (Almeida, 1996: 224). As *Prosas* caracterizam-se pela variedade temática das composições, pelo conhecimento abrangente e integrador dos múltiplos ramos do saber que são próprios do sábio cristão. O discurso académico, tal como D. Rafael o concebe, não se confina aos limites do literário ou do científico, residindo o desafio precisamente na conjugação da literatura e da erudição, da ciência e da religião.

Nas *Prosas* a reflexão linguística não se circunscreve ao «Oratorio Requerimento», à «Prosa Apologetica» e à «Prosa Grammatonomica», alargando-se a um conjunto de excursos em que a temática da língua está presente, inserida em discursos académicos que não lhe são subordinados. É possível identificar casos de intertextualidade entre as *Prosas* e o *Vocabulário*, sob a forma de remissões para artigos em que se resumem intervenções nas reuniões do Conde da Ericeira:

Nesta mesma Academia dos Generosos [...] tenho recitado outras lições Academicas, das quaes as principaes são: Da possibilidade da Pedra Filosofal. Se ha no Mundo huma nação de Pygmeos? Se o Phenix he ave verdadeira, ou fabulosa? Se he verdade, que o Pelicano abre com o bico o peito, para com o sangue sustentar o filhos? Não trago

⁴¹ «finalmente na Orthografia Portugueza, como na casa onde não ha paõ, todos gritaõ, e ninguem tem razaõ, porque até não assentarem os Doutos, como o tem feito os das outras naçoens, o modo com que se ha de escrever, sempre haverá contendias, e não saberá o vulgo quem tem razaõ» (*Supp.*, I: «Advertencias a todo o leitor»).

aqui as liçoens, que recitey sobre estes assumptos, por naõ repetir nellas muitas noticias, e razões, que no meu Vocabulario se acháraõ impressas na letra P, na declaração das palavras Pedra Filosofal, Pelicano, Pheniz, Pygmeo (*Prosas*, I: 51).

Este caso particular, além de ilustrar o reaproveitamento de materiais, demonstra a intercomunicação entre os textos académico e lexicográfico, só possível porque existe uma convergência tanto no que respeita à selecção de temáticas, como ao nível da recepção, uma vez que se considera que o público académico e o leitor implicado do *Vocabulario* partilham os mesmos interesses. Esta associação de contextos, que dignifica o conteúdo do dicionário ao ponto de permitir a citação nas academias, concorre, indirectamente, para a nobilitação da obra lexicográfica.

3. PENSAMENTO LINGUÍSTICO

O *Vocabulario* foi configurado tendo em conta uma tradição de obras gramaticográficas e lexicográficas, particularmente direccionadas para o vernáculo, e os traços essenciais da reflexão metalinguística do autor podem ser encontrados na leitura desse fundo documental. Compreende-se a atenção que Bluteau dedicou ao estudo da produção gramatical precedente, pois a sua condição de estrangeiro implicava um recurso frequente à autorização dos gramáticos, de forma a creditar as afirmações a propósito de uma língua que não dominava desde o berço.

O inventário das suas notas metalinguísticas de cariz gramatical corresponde a todo um cruzamento de autoridades, sabendo-se de antemão que o autor não presume introduzir ideias originais: cita uma tradição e reflecte sobre essa mesma tradição, apontando as ideias que crê serem mais válidas. As fontes documentais ao dispor são os textos preambulares do *Vocabulario* e as comunicações académicas insertas nas *Prosas*, testemunhos que, além da riqueza informativa, possuem a dupla vantagem de serem marcados pela tónica da argumentação e de a figura do autor ser neles preponderante. Quanto ao *Vocabulario*, a possibilidade de recorrer aos artigos para a reconstrução das ideias linguísticas impõe algumas reservas, uma vez que Bluteau se socorre da transcrição, nem sempre assinalada, de excertos das glosas de outros dicionários. No entanto, o confronto com as fontes permite concluir que, perante o caudal informativo, a selecção dos dados revela o eclectismo do compilador, pois geralmente recusa a simples tradução integral de uma única fonte, recolhendo excertos do que considera serem as notícias mais credíveis e autorizadas. Ou seja, mesmo que as definições de termos metalinguísticos não sejam da sua exclusiva lavra, é legítimo supor espírito crítico na escolha.

Questões longamente debatidas como a origem da linguagem, o panorama das línguas no mundo e a disputa pela primazia no seio dos idiomas europeus tornam-se relevantes na medida em que o *Vocabulario* pretende ser uma afirmação e um posicionamento da língua portuguesa. São também pertinentes a discussão em torno da norma ortográfica e uma apreciação de algumas das obras de descrição e teorização metalinguística que Bluteau terá consultado ¹.

3.1. Linguagem e tradição bíblica

As questões em torno da origem da linguagem humana, bem como do posterior desenvolvimento e ramificação das línguas, encontravam resposta à luz de uma tradição de interpretação do texto bíblico, com uma aceitação considerável ainda no século XVIII. A explicação suficiente residia no *Génesis*, sob a figura de Adão — o nomoteta — a quem Deus teria consignado a tarefa de nomear a criação. Partindo da lição da *Vulgata*, o texto era suficientemente ambíguo para permitir duas possibilidades de leitura, sendo lícito depreender que os nomes se adequavam à natureza dos seres, mas não negando a hipótese de a designação ter sido feita de forma arbitrária, acolhendo confortavelmente as correntes platónica e aristotélica, cujos contributos para a reflexão sobre a linguagem podiam assim ser integrados na tradição cristã (cf. Lazaro Carreter, 1949: 39; Kouloughli, 1989: 65-70).

Bluteau escolhe precisamente a figura de Adão, o «legislador de vocábulos», para abrir a dedicatória do *Vocabulario* a D. João V, demonstrando que o primeiro rei do mundo foi o autor do primeiro dicionário, na medida em que estabeleceu uma nomenclatura para designar o que o rodeava ². No que respeita à relação entre a palavra e a coisa nomeada, Bluteau atribui à língua adâmica, comunicada ao primeiro homem pela potência divina, a propriedade de declarar perfeitamente «a essência do significado», pois cada um dos nomes impostos por Adão «foi huma definição das propriedades essenciaes dos Ani-

¹ Não se incluem nesta apreciação os dicionários que terão sido as fontes modelares da técnica lexicográfica. Cf. cap. II.2.

² «A primeyra occupação do primeyro Rey do mundo foy ver, & considerar, que nomes havia de por ás criaturas. Nesta curiosa nomenclatura gastou Adaõ as primeyras horas do seu governo, Legislador de vocabulos, no prelude da vida, compositor do primeyro Diccionario» (*Voc.*, I: «Ao muyto alto e muyto poderoso Rey»).

maes, & das Aves»³. Esta justeza do significado seria irrepetível, o que permite ao autor concluir que somente a língua de Adão foi perfeita, e que este título não se apropria a nenhuma das línguas posteriores, vivas ou mortas.

Esta questão, que recupera no prólogo de 1712, não é inédita em obras lexicográficas, uma vez que já havia constituído objecto de debate no *Tesoro de la Lengua Castellana* (1611). Os textos preambulares do dicionário espanhol incluem uma carta do licenciado Baltasar Navarro de Arroyta, na qual, acerca da suma propriedade da língua adâmica, conclui que «esta proposición no se entiende tan fácilmente, escarbando algo en ella [...] como digamos por exemplos que pusiese por nombre a piedra, *piedra*, aludiendo a la dureza que en aquel vocablo se sinifica. Agora pregunto: si a la piedra llamó así por la dureza, a la dureza por qué la llamó así, o aludiendo a qué?» (Covarrubias, *Tesoro*, 1994 (1611): 997). Todavia, como se referiu atrás, a questão não era pacífica, e algumas páginas depois, o lexicógrafo Sebastián de Covarrubias defende que a língua dos primeiros pais foi infundida por Deus e que os nomes impostos foram convenientes com as qualidades dos seres, de modo que «si hasta agora durara la noticia destas etimologías, no teníamos para qué cansarnos en buscar otras» (*ibidem*: 1002).

Quanto ao desaparecimento da língua primitiva, Bluteau considera que poderia ter ocorrido com o repovoamento subsequente ao dilúvio universal, mas, mesmo que ainda subsistisse, os «nomes quidditativos, & expressivos das sciencias» não resistiriam à *confusio linguarum*. No *Vocabulario*, no artigo BABEL, além de citar a descrição da torre por Fílon de Alexandria e Santo Isidoro de

³ Prossegue, analisando o texto bíblico: «*Omne enim, quod vocavit Adam animae viventis, ipse est nomen eius. Genes. cap. 2. vers. 20.* Com estas palavras implicitamente diz o Texto; os nomes das mais lingoas não sam os proprios nomes do que por elles se significa, porque não declaram o constitutivo, & essencia do significado. sò Adam com a luz da Philosophia infusa acertou com a propriedade dos nomes, porque o conhecimento da essencia, foi o artifice do apelido. Ainda hoje, depois de tantos seculos, o nome, que deu Adam a cada hum dos viventes, he o seu proprio nome; *Ipsum est nomen eius*. Outro nome da propria creatura, não o pode haver, porque he nome definitivo do ser; & como o ser nam se muda, nam se pode mudar este nome. [...] Perdeose com Adam esta Philosophia nominal, & com ella se perderam os nomes quidditativos, & expressivos das sciencias na primeira lingoagem do mundo. Se elles escaparam do Diluvio Universal, & persistiram até o tempo dos temerarios architectos da Torre de Babel todos no calor de aquella turbulenta empreza se misturaram, & os que desta mistura resultaram, sam partos abortivos da confusam» (*Voc.*, I: «Ao leitor estrangeiro»). Desta concepção decorre que o verdadeiro nome, atribuído pelo acto criador da nomeação, é uma parte intrínseca e constitutiva do nomeado; segundo a mesma lógica, a enunciação suscita e invoca à existência o estado de coisas enunciado (Kouloughli, 1989: 70).

Sevilha, sublinha a historicidade do facto pelo recurso à cronologia bíblica de James Ussher, situando a divisão das línguas no ano 2247 antes da era cristã ⁴. No artigo limita-se a referir que «confundio Deos os espiritos, & as lingoas», mas em outras passagens descreve a formação da diversidade como um processo evolutivo e não uma instituição da mão divina, tratando-se de uma diferenciação a partir do substrato hebraico e com o recurso a novas palavras, criadas por cada povo:

A este cahos das lingoas se seguio o instituto dos homens, o genio, e uso das Gentes, que formaram, introduziram, & autorizaram em todas as partes do mundo infinitos vocabulos, para o trato Natural, Civil, Politico, & Militar. E por quanto, com o andar do tempo, o uso se fez natureza, a cada naçam lhe parecem nam sô genuinas, & proprias, mas naturaes, & necessarias as vozes, com que se declara (*Voc.*, I: «Ao leitor estrangeiro»).

Todas as linguas nascem pobres, e mendigando se enriquecem. Desde o principio da confusaõ das linguas na empreza da Torre Babilonica, da lingua Hebraea mendigaraõ palavras a lingua Caldaica, a Arabica, ou Medianitica, a Samaritana, a Ethiopica, e a Syriaca. Com outra semelhante inopia, pobreza, e em certo modo insensivel mendicidade, em todas as naçoens se foraõ humas linguas remedeando com os cabedaes das outras (*Supp.*, I: «Ao leitor portuguez»).

No que respeita à questão da génese das línguas, transparece a influência da obra *Turris Babel*, do jesuíta Atanasius Kircher (1602-1680), autor frequentemente citado ao longo do *Vocabulario* e celebrado como um dos mais progressivos sábios da época. As palavras de Bluteau representam uma síntese da teoria do jesuíta, cujos estudos se baseiam na aceitação da tradição bíblica e no estabelecimento de um quadro comparativo das línguas primitivas, a partir da construção de relações etimológicas e análise dos sistemas de escrita. Conclui que o hebraico se dividiu em cinco dialectos, correspondendo a cinco ramos dos descendentes de Noé, levantando uma barreira linguística que condu-

⁴ Cita a obra *Annales Veteris Testamenti, a prima mundi origine deducti*, 1650-1654, elaborada pelo bispo irlandês James Ussher (1581-1656), que se propôs datar historicamente todos os factos narrados na Bíblia. Embora não seja o primeiro autor a tentar uma cronologia deste género, conheceu larga difusão e aceitação no mundo católico, invocando Bluteau a sua autoridade na datação de passagens do Antigo Testamento. Cf., por exemplo, *Supp.*, s.u. BELO.

ziu à dispersão dos povos, o que permite explicar a multiplicidade das línguas contemporâneas através de sucessivos processos de corrupção. A reflexão sobre a transformação das línguas não se limita ao *Gênesis*, pois atribui a mudança a factores históricos (nascimento e declínio de impérios, migrações, colonizações), estabelece um paralelo entre a diversidade linguística e as diferenças culturais e religiosas, e relaciona a divisão com o surgimento da idolatria, provando os seus argumentos pela comparação das designações dos deuses nas várias línguas⁵. Do confronto entre o artigo LINGUA e a *Turris Babel* pode concluir-se que o autor do *Vocabulario* não citou Kircher através de uma fonte de segunda mão, uma vez que, além de reproduzir a ordem da exposição das matérias, recolhe do texto latino a informação respeitante à etimologia dos nomes das línguas, vertendo-a literalmente para português⁶.

Como se esperaria, em temáticas que contrariassem as interpretações do texto bíblico, Bluteau manifesta a concordância em relação às teorias tradicionais, apesar de, no final do século XVII, a aceitação da narração do *Gênesis* já não constituir matéria de consenso. Sob influência de uma concepção linear da história, autores como John Locke (1632-1704) idealizam o ser humano em constante progresso, da rudeza para a perfeição. Este princípio, aplicado à linguagem e às restantes faculdades intelectuais, não é compatível com a visão de um homem adâmico sábio e dotado de uma língua perfeita, avançando Locke com a hipótese de os primeiros homens serem mudos, produzindo de início apenas sons naturais sem valor comunicativo, desenvolvendo a linguagem à medida das necessidades, por meio da atribuição de significado a signos artificiais (cf. Lazaro Carreter, 1949: 32-33). Mas por mais amplo que fosse o leque de leituras de Bluteau — recorde-se que a sua licença da Inquisição lhe facultava a consulta de obras proibidas — o cargo de qualificador do Santo Ofício e a o hábito de teatino recomendariam alguma contenção quanto à

⁵ Cf. Eco, 1996 (1993): 91. Kircher dedica a esta temática a primeira parte do livro III da *Turris Babel*.

⁶ Compare-se o original e a tradução de Bluteau: — «Syria propriè dicta, quae & in sacris literis [palavra em caracteres hebraicos] Aram, ab Aram filio Sem, primo ejus possessore, à quo & lingua Aramaeca dicta fuit [...] Persia à voce [palavra em caracteres hebraicos], id est, equus, à bonitate equorum, quos producit, olim Aelam, à primo ejus possessore Aelam filio Sem, & nepote Noë, nomen obtinuit» (Kircher, *Turris Babel*, 1679: 197, 201); — «[...] a lingua Siriaca, ou Aramea, (assim chamada de Aram filho de Sem, que foy o primeyro possuidor daquella terra) [...] da lingua Persiana, ou Elamitica (assim chamada, porque Elam filho de Sem, & neto de Noë foy o primeyro que possuhio a Persia)» (*Voc.*, s.u. LINGUA).

inclusão de opiniões de autores classificados como heréticos, especialmente quando se afirmassem discordantes em questões de fé ⁷.

3.2. Diversidade das línguas

Além de configurar as teorias acerca da linguagem, a Bíblia também influenciou, durante a Idade Média e o Renascimento, os modelos de organização e classificação das línguas até então conhecidas. Tradicionalmente estabelecia-se uma dicotomia entre línguas sagradas (latim, grego, hebraico) e línguas bárbaras, acreditando-se segundo a opinião mais comum que o número de idiomas não ultrapassaria os 72, correspondendo à divisão dos povos após Babel. No caso da Península Ibérica, a manutenção desta visão mítica apoiava-se ainda na figura de Túbal, o descendente de Noé que teria habitado a região e instituído a língua. Em Bernardo de Aldrete (*Del Origen y Principio de la Lengua Castellana*, 1606) encontra-se uma revisão crítica da tradição mítica, que possibilitara considerar que a língua de Túbal dera origem ao latim. Aldrete não nega a vinda de Túbal, mas a sua língua seria uma das muitas que compunham o mosaico linguístico peninsular, concluindo que não se poderia afirmar com certeza qual a primeira em Espanha ⁸.

A alteração deste modelo deve-se, em primeiro lugar, ao incremento do estudo das línguas. Ao longo da Idade Média, enquanto o latim é objecto de escolarização e de uma continuada tradição gramatical, a atenção aos outros idiomas terá sido praticamente residual na Europa ocidental. Somente no Renascimento, e sobretudo em Itália, o interesse pelo helenismo ganha expressão visível, embora sem nunca atingir a mesma profundidade e difusão que o culto do latim. O despertar do estudo do hebraico ocorre em finais do século XV, não se restringindo aos sábios judeus, e tendo como objectivo não só aceder aos estudos cabalísticos, como também permitir a leitura dos textos bíblicos originais. A redescoberta do hebraico é decisiva para uma nova visão do panorama linguístico, pois revela uma língua com uma estrutura muito diferente do latim e introduz a noção de parentesco entre as línguas, uma vez

⁷ «O melhor de todos os livros he a Biblia Sagrada, porque he a fonte das verdades primitivas, & de toda a doutrina necessaria para o conhecimento de Deos, & salvação da alma» (*Voc.*, s.u. LIVRO).

⁸ Cf. cap. XV, «Diversas opiniones de la lengua antigua de España se excluyen por inciertas, muestrase que fueron muchas» (Aldrete, *Del Origen*, 1674 (1606): 53-55).

que a tradição gramatical hebraica — que o conhecimento do idioma agora tornava acessível — já se havia debruçado sobre as relações com o aramaico e o árabe. Desta forma, em meados do século XVII, os sábios europeus tomavam como certa a unidade das línguas semíticas (cf. Percival, 1992: 226-229).

Outro contributo para a mudança de paradigma foi o contacto com as línguas geralmente classificadas como exóticas que, para além do facto de serem estruturalmente distintas do latim, surpreenderam os europeus com o seu número e variedade. Do século XVI para o século XVII, o número de idiomas referenciados cresce sucessivamente na abundante bibliografia que se dedica a estabelecer o elenco das línguas do mundo ⁹. As notícias que os missionários traziam acerca das línguas dos indígenas sul-americanos ou da longínqua China revelam idiomas sem nenhuma aparente ligação entre si. O chinês será precisamente um foco do interesse dos eruditos do século XVII, que, face à inexistência de gramáticas, embarcam em estudos especulativos que sublinham o exotismo e a diferença linguística ¹⁰.

Em consequência, para muitos autores, entre os quais se conta Bluteau, a leitura que propunha 72 línguas, infundidas pela potência divina, torna-se insustentável, julgando-se mais coerente ver em Babel a quebra da relação original entre signo e referente, permitindo a liberdade na multiplicação das línguas (Buescu, 1983b: 25). De resto, o teatino revela-se perfeitamente consciente da impossibilidade de inscrever a diversidade linguística num quadro estático:

Na minha opiniaõ ninguem até agora soube quantas linguas ha no Mundo; nem creyo, que daqui em diante se saberá o numero dellas,

⁹ Um dos exercícios mais frequentes e motivadores da leitura é a versão do *Pater Noster* para um número crescente de línguas — uma centena, em 1680 —, que se pode encontrar nas seguintes obras: Conrad Gesner (1516-1565), *Mithridates. De differentis linguarum tum veterum tum quae hodie apud diversas nationes in toto orbe terrarū in usu sunt*, 1555; André Thevet (1502-1590), *La cosmographie universelle*, 1575; Hieronimus Megiser (c. 1553-1618), *Specimen quadraginta diversarum et inter se differentium linguarum et dialectorum, videlicet Oratio Dominica totidem linguis expressa*, 1593; Claude Duret (c. 1570-1611), *Thresor de l'histoire des langues de cest univers: contenant les origines, beautés, perfections, décadences, mutations, changements, conversions et ruines des langues*, 1613; Andreas Müller (1630-1694), *Oratio orationum: SS. Orationis Dominicae Versiones praeter Authenticam ferè Centum [...] Singulae geminis linguae suae characteribus*, 1680. Cf. Percival, 1992: 234-235.

¹⁰ Uma das obras mais divulgadas acerca dos povos e das línguas do Oriente é *China Monumentis*, 1667, de Athanasius Kircher, que Bluteau cita frequentemente no *Vocabulario*. Sobre as teorias do jesuíta acerca dos caracteres chineses, cf. Eco, 1996 (1993): 154-157.

principalmente depois que pelas notícias do Brasil, dadas à luz pelo Padre Simão de Vasconcellos, da Companhia de Jesus, sabemos que só nas prayas do Rio das Amazonas, se fallaõ mais de cento e cincoenta differentes linguagens, e essas (segundo affirma o Padre Antonio Vieira) taõ diversas entre si, como a nossa, e a Grega (*Prosas*, I: 379).

Mas a justificação não reside somente na cadência das descobertas: o número de línguas, já elevado, pode ser muito superior, tendo em conta os princípios combinatórios matemáticos. Segundo afirma, se a língua assenta na formação de palavras através da combinação de caracteres, as possibilidades matemáticas das operações de permutação encontram-se muito longe do esgotamento. Este princípio, em que se identificam ressonâncias cabalísticas, presuppõe a arbitrariedade das palavras, que adquirem significado por instituição de um grupo humano particular, bem como a redução de todas as línguas, conhecidas e desconhecidas, a um determinado número de sons básicos. Note-se que Bluteau não se refere explicitamente aos sons, mas antes às 24 letras do alfabeto:

[...] porque não ha entendimento humano, que possa alcançar, e determinar as innumeraveis collocaçoens, de que são capazes os vinte e quatro caracteres do Alphabeto, para vocabulos expressivos do conceito, em todos os usados, e possiveis idiomas. [...] As partes integrantes de todas as dicçoens, verbos, nomes substantivos, adjectivos, interjeições, adverbios, &c. são unicamente vinte e quatro letras, mas são taõ diversamente situadas, entresachadas, e compostas, que as palavras de huma nação para outra são pela mayor parte aos estranhos não só inintelligiveis, mas quasi impronunciaveis com perfeita, e propria articulaçãõ (*Prosas*, I: 379-380).

Parece lícito depreender uma identificação entre os caracteres e a sua realização fónica, tanto mais que era prática corrente a conversão das línguas exóticas ao sistema alfabético latino, inclusive aquelas que não conheciam sequer a escrita.

No final do século XVII, o esquema de classificação das línguas elaborado em 1599 por Justo Escalígero (1540-1604) recolhia ainda grande aceitação¹¹. A sua preocupação não residia em procurar demonstrar que o hebraico era a

¹¹ *Diatriba de Europaeorum linguis*, publicado postumamente em *Iusti Scaligeri [...] opuscula*, 1610. Cf. Lazaro Carreter, 1949: 95; Droixhe, 2001.

língua primitiva, questão que reputava de irresolúvel, concentrando-se antes na divisão das línguas em matrizes e derivadas. O modelo contempla 11 matrizes, entre as quais distingue 4 maiores (latina, germânica, eslava, grega) e 7 menores (epirótica, tartária, húngara, finlandesa, islandesa, britânica e basca), não havendo necessariamente relação entre as diversas matrizes, ou entre estas e a língua primitiva.

A consulta de alguns dos dicionários que constituíram uma fonte informativa do *Vocabulario* permite verificar que os respectivos autores recuperam a terminologia de Escalígero e aplicam a sua divisão. Tanto Furetière (1690), como o *Dictionnaire Universel* de Trevoux (1721) reproduzem o esquema acima enunciado: «On divise les langues en langues matrices & originelles, comme sont l'Hebreu, l'Arabe en Orient; L'Allemand, le Slavon en Occident. Le Basque & le Bas-Breton sont tenus aussi pour Langues matrices, qu'on croit estre celles des anciens Celtes ou Gaulois. Les langues derivées sont celles qui sont meslées du langage de plusieurs peuples voisins qui ont eu commerce ensemble, comme le François, l'Italien, & l'Espagnol» (Furetière, *Dictionnaire Universel*, 1690: s.u. LANGUE) ¹².

O esquema de Bluteau procura integrar, na medida do possível, o espectro das línguas conhecidas e somente inclui as contemporâneas. Embora mantenha uma distinção dicotômica, que se inspira em Escalígero, divide-as tendo em atenção uma conjugação de critérios geográficos e demográficos, isto é, a relação entre a extensão da área de influência e o número de falantes: «As linguas, ainda que pareçam innumeraveis, todas se podem reduzir a duas, a saber, linguas matrizes, & géraes, que se estendêrão muito, & são usadas entre muitas nações diversas, em razão das Conquistas, Religião, commercio, que as introduzio; & linguas particulares, ou proprias de alguma nação, que por consequencia são menos dilatadas» (*Voc.*, s.u. LINGUA) ¹³.

No artigo do *Vocabulario*, completa a enumeração das 14 matrizes com a relação dos locais onde cada uma das línguas é falada, destacando os movimentos de expansão dos idiomas europeus aos restantes continentes. Principia

¹² O texto do *Dictionnaire universel françois et latin* de Trévoux (1721) é muito semelhante. O *Dictionnaire de l'Académie* (1694) limita-se a registar a terminologia: «langue matrice. langue primitive, originale. la Langue Italienne est derivée de la Latine» (s.u. LANGUE). — Línguas particulares: (Europa) Irlanda, Finlândia, Armorica, Vascoense, Hungara, Albanesa; (Ásia) Japoens, Armenia, Guzarates, Alarabica, Malaya.

¹³ — Línguas matrizes e gerais: Latina, Teutonica, Esclavona, Grega, Arabica, Tartarica, Sinica, Africana, dos Negros, Ethiopica, Mexicana, do Perú, dos Tapuyas, Galibina.

pela língua latina que, «dividida, & como transformada em varios idiomas, corre todas as Provincias de Italia, França, Portugal, & Castella, & pelos Europeos foy levada a muytas partes» (*ibidem: loc. cit.*). Segue-se a teutónica, natural da Alemanha, Escandinávia e Ilhas Britânicas, da qual identifica três «ramos» (inglês, holandês e dinamarquês) responsáveis pelo alargamento dos limites territoriais da língua.

Quanto às particulares, «independentes de todas as mais linguas», só considera o esquema completo no que diz respeito à Europa e à Ásia, uma vez que, na América e África, ao elevado número de línguas conhecidas deve somar-se o das por descobrir. Parece ainda estabelecer, de forma implícita, uma relação entre o grau civilizacional de um povo e a delimitação e estabilidade linguísticas, pois as línguas desses territórios «se supõem tantas, quantas são as barbaras nações do Sertão, que pelos seus ferinos costumes vivem sem commercio, sem hospitalidade, & sem reciproca comunicação» (*ibidem: loc. cit.*)¹⁴. A quantidade de informação compilada nas três colunas que dedica ao tema pressupõe a consulta de fontes bastante actualizadas, uma vez que obras como o *Mithridates* (1555) de Gesner são parcas em notas geográficas.

3.3. Elogio da língua

Ao retomar, no início do século XVIII, a questão do elogio da língua portuguesa, Bluteau inscreve-se numa corrente de textos argumentativos que se iniciara dois séculos antes com as obras dos primeiros gramáticos do vernáculo, em particular com João de Barros e o *Dialogo em louvor da nossa linguagem* (1540).

Este género de discursos apologeticos pode ser encontrado nas principais línguas da Europa, a partir do século XVI, originando a denominada «batalha dos vernáculos». A questão radica na progressiva constatação de que o latim, língua fixa e restrita a campos do saber delimitados, cedia a sua preponderância em face de mudanças ao nível da configuração dos saberes e do acesso ao conhecimento. Estes factores são potenciados pela acção da imprensa, que encontra nos vulgares a forma de atingir públicos mais alargados. O desenvolvimento dos *corpora* literários nacionais incentiva os defensores da conve-

¹⁴ A propósito do mosaico dos falares indígenas no Brasil, cita os relatos do jesuíta Simão de Vasconcelos (*Noticias curiosas e necessarias das cousas do Brasil*, 1668), numa anotação em tudo paralela à que se encontra nas *Prosas* (I: 379), dedicada ao mesmo tema.

niência em recorrer às línguas modernas, discutindo-se sobre qual é merecedora da primazia, ou seja, aquela que melhor corresponde às qualidades tradicionalmente atribuídas à língua clássica. Os discursos de exaltação apresentam como linhas fundamentais a defesa, o louvor e a ilustração da língua, assumindo a questão contornos que variam de acordo com os países. No que respeita aos argumentos que justificavam a excelência, os diversos autores geralmente não primavam pela originalidade, adaptando para o caso do seu idioma o arsenal retórico que já havia sido mobilizado por outros para ilustrar as respectivas línguas (Giard, 1992: 207-212, 224).

Não obstante os patriotismos tendenciosos, o facto é que, à medida que o século XVII avança, o francês ascende a uma posição privilegiada no quadro das línguas europeias, e não somente devido aos elogios que afirmavam a sua superioridade. Sob o signo da purificação, uma nova estética literária pretende expurgar a língua de palavras e construções sintácticas antiquadas, eliminando os equívocos que perturbassem a clareza do estilo. Nesse sentido, desde a primeira metade do século, corrigem-se várias obras literárias, publicam-se edições revistas e editam-se textos de reflexão metalinguística, que são elaborados tendo em conta o «bom uso», uma expressão consagrada em *Remarques sur la langue françoise* (1647) de Vaugelas. Refira-se ainda o papel de uma instituição como a Academia (1636), consagrada pelos estatutos à produção de instrumentos de normalização linguística (Sancier-Chateau, 1993: 13; cf. também Otman, 1995). Por ser cultivada nas diversas cortes e ser corrente nas relações diplomáticas, os lexicógrafos do final do século não hesitam em considerá-la língua franca, substituindo o latim¹⁵.

Um testemunho do interesse que a língua francesa continuou a despertar pela Europa já no século XVIII são as palavras do galego Frei Benito Feijoo (1676-1764), no Discurso XV do *Theatro Critico Universal* (1726), subordinado ao «Paralelo de las lenguas castellana, y francesa». Embora condene a introdução afectada de galicismos, reconhece os benefícios de conhecer o francês, pois permite o acesso a um conjunto de obras que, pela originalidade e riqueza informativa, eram títulos fundamentais na biblioteca do homem eru-

¹⁵ «On l'entend ou on la parle dans toutes les Cours de l'Europe; & il n'est point rare d'y trouver des gents qui parlent François, & qui é crivent en François aussi purement que les François mêmes. [...] Veut-on qu'un libelle coure bien le monde? Aussi tôt on le traduit en François, lors même que l'original en est Latin: tant il est vray que le Latin n'est pas si commun en Europe aujourd'huy que la langue Françoise» (Furetière, *Dictionnaire Universel*, 1690: «Préface»).

dito, sem que se encontrasse equivalente em latim. De resto, no seu entender, o castelhano encontrava-se arredado de muitas áreas do conhecimento moderno, em campos como a física experimental ou a teologia, testemunhando ainda o bom acolhimento das obras lexicográficas francesas, sobretudo os dicionários históricos e geográficos, com destaque para Moreri. Feijoo considera extremada a posição dos que afirmam que «quanto hai bueno, y digno de ser leído, se halla escrito en los dos Idiomas Latino, y Castellano», mas não deixa de censurar aqueles que, por terem viajado, julgam que «solo en Francia [...] reinan, segun su dictamen, la delicadeza, la policia, el buen gusto» e, preferindo o idioma francês, «con algunas voces que usurpan de èl, salpican la conversacion, aun quando hablan en Castellano» (Feijoo, *Theatro Critico*, 2000 (1726): 315).

Em Portugal, para além do número crescente de nobres cuja educação contemplava o domínio do idioma, a corte tornou-se «afrancesada» com a rainha D. Maria Francisca de Sabóia e as suas damas de companhia. A oposição a Luís XIV na guerra da sucessão de Espanha manchou de suspeição os que se mostrassem filiados da França, mas, após o armistício em 1712 e o reatamento das relações diplomáticas em 1714, D. João V, inspirado na prestigiosa figura do Rei Sol, organizou a sua corte de acordo com o paradigma francês, tornando-a mais permeável às influências estéticas e literárias que lhe estavam associadas ¹⁶.

Entre nós, a defesa do vulgar e a exploração das similitudes com a matriz latina são pontos comuns em textos que se estendem ao longo de um período temporal considerável. A leitura das sucessivas defesas do português permite observar um discurso marcado por uma intensa intertextualidade, em que a autoridade daqueles que se debruçaram sobre a temática é consecutivamente reforçada pelos que a retomam ¹⁷.

¹⁶ Sobre o gosto francês na corte de D. João V, cf. Bebiano, 1987: 90-91, 99-108; Bottineau, 1973.

¹⁷ Considerando as principais obras de defesa da língua, até meados do século XVII, verifica-se que quase todas surgem como complemento de outros textos metalinguísticos: João de Barros, «Dialogo em louvor da nossa linguagem», in *Grammatica da lingua Portuguesa*, 1540; Pero de Magalhães de Gandavo, *Regras que ensinam a maneira de escrever e orthographia da lingua Portuguesa, com hum Dialogo que a diante se segue em defensam da mesma lingua*, 1574; Duarte Nunes de Leão, *Origem da lingoa portuguesa*, 1606; Manuel Severim de Faria, «Das partes que ha de haver na lingoagem para ser perfeita, e como a Portuguesa as tem todas [...]», in *Discursos varios politicos*, 1624; Álvaro Ferreira de Vera, *Breves louvores da lingua portuguesa, com notaveis exemplos da muita semelhança, que tem com a lingua latina*, 1631.

Todavia, é possível identificar cambiantes nas motivações que presidiram à sua produção. Segundo Leonor Buescu, as primeiras argumentações correspondem a um esforço de distinção em relação ao castelhano, em que «a língua é o instrumento da criação duma literatura e esta serve a superação duma possível indiferenciação cultural»; no momento seguinte, pautado pela euforia da expansão, a língua é um instrumento ao serviço da missão; por fim, devido às circunstâncias históricas da perda de independência, a atenção é novamente centrada na relação com o castelhano, sublinhando a consciência da diferença linguística como factor de autonomia política (Buescu, 1983a: 231-232). Interessa sobretudo destacar a última fase, pois os ecos da reivindicação da individualidade e excelências do português prolongam-se bem para além de 1640. O castelhano tinha a seu favor o maior número de falantes e o prestígio do património literário, que propiciava, à partida, maiores possibilidades de sucesso editorial e reconhecimento aos autores que optassem por não publicar as suas obras em português. Assim se compreende a importância em sublinhar a não inferioridade do português em relação ao castelhano, sobretudo enquanto língua apta à composição literária em todos os estilos.

O texto de Manuel Severim de Faria (1583-1655), «Das partes que há-de haver na linguagem para ser perfeita, e como a Portuguesa as tem todas e algũas com eminência de outras línguas», deixa transparecer as motivações políticas que o orientam, com apelos mobilizadores ao uso do português como marca de unidade, afirmação identitária e expressão de resistência (Faria, *Discursos*, 1999 (1624): 96-97). Os argumentos em que fundamenta o elogio não são de forma alguma inovadores — as fontes estão patentes nas frequentes citações de Barros, Gandavo e Nunes de Leão — como se verifica na enumeração dos cinco critérios, transmitidos pela antiga tradição gramatical, que permitem avaliar o grau de perfeição de uma língua: «ser copiosa de palavras, boa de pronunciar, breve no dizer, que escreva o que fala; e que seja apta para todos os estilos» (*ibidem*: 74). Porque o escopo do discurso é uma língua novilatina, acrescenta o critério da origem, isto é, o grau de semelhança com uma das três grandes línguas da Antiguidade, latim, grego e hebraico. Propõe-se demonstrar que o português é a língua que mais se aproxima do latim e que, nos critérios enunciados, «não é inferior a nenhũa das modernas, antes igual a algũas das antigas, com razão lhe poderemos dar o louvor da língua perfeita, e de ser ãa das melhores do mundo» (*ibidem*: 80). A grande falta que Severim aponta à sua língua é precisamente a inexistência de instrumentos de apoio à produção literária, «que estando a Latina, e as outras vulgares tão cheias de volumes, de Traduções, de Cópias, Frases, Elegâncias, e de Tesouros de sua eloquência, com que as vemos ornadas de tão ricos atavios, só a nossa

está pobre de todo artifício» (*ibidem*: 95)¹⁸. O discurso de Severim de Faria constitui uma boa síntese de uma tradição argumentativa que sem dúvida colheria muitos aplausos no início do século XVIII, ao ponto de Bluteau recomendar a sua leitura aos estrangeiros que duvidassem da qualidade do português (*Voc.*, I: «Ao leitor estrangeiro»).

Os leitores do *Vocabulario* certamente não esperariam que o francês Bluteau declarasse que o português era a mais perfeita das línguas, pelo que a sua estratégia assenta em considerar que não existem línguas perfeitas e que o português não é inferior ao espanhol, ou ao francês. A reivindicação da dignidade da língua é precisamente o tema central do prólogo ao leitor estrangeiro, que ocupa cerca de um quarto da extensão total do «Prologo a todo o genero de leitores», o que constitui um indicador da importância que lhe é dedicada.

Para o teatino, «ventilar questoens sobre a preferêcia das lingoas he curiosidade de necios. Todas tem singulares excellencias, & cada nação lhe parece o seu idioma o melhor de todos» (*ibidem*: *loc. cit.*), uma opinião em que deveriam pesar a experiência multicultural e a aprendizagem pela prática da oralidade. Também refuta alguns dos critérios tradicionalmente aplicados na comparação das línguas, considerando que resultam da natural preferêcia que cada povo nutre pela materna¹⁹. Nesse sentido, nega que em alguma língua particular as palavras se acomodem melhor com a «materialidade do significado», uma vez que «do entendimento, que as applica, depende o valor das palavras, & assim tão próprias são muitas letras, para significarem pouco, como poucas, para significarem muito». Condena ainda a especulação etimológica como meio de provar a suposta antiguidade e nobreza das línguas, uma vez que «o descubrimento da origem das palavras he tam infructuoso, como trabalhoso estudo» (*ibidem*: *loc. cit.*). A tentativa de estabelecer relações entre os vernáculos e o grego, hebreu e outras línguas antigas pretendia responder à

¹⁸ O elogio do francês, por Vaugelas, insiste precisamente nas possibilidades de exploração da língua a nível estético: «il n'y a jamais eu de langue, où l'on ait escrit plus purement & plus nettement qu'en la nostre, qui soit plus ennemie des equivoques & de toute sorte d'obscurité, plus grave & plus douce tout ensemble, plus propre pour toutes sortes de stiles, plus chaste en ses locutions, plus iudicieuse en ses figures, qui aime plus l'elegance & l'ornement [...] qu'il n'y en a point qui observe plus le nombre & la cadence dans ses perodes, que la nostre; en quoy consiste la veritable marque de la perfection des langues» (Vaugelas, *Remarques*, 1647: «Preface»).

¹⁹ «Nem pellas noticias da nossa lingoa materna podemos julgar da propriedade, & elegancia de outro idioma [...] Para cada naçam as suas palavras nacionaes são as melhores, porque respondem ao conceito & idea, de quem usa dellas» (*Voc.*, I: «Ao leitor estrangeiro»).

relação privilegiada entre o latim e o italiano, reclamada pelos primeiros humanistas. Desse esforço de enobrecimento, empolgado pelo nacionalismo, resultaram inevitavelmente etimologias totalmente fantasiosas (cf. Giard, 1992: 209, 221). No prólogo, Bluteau declara: «he esta obra tam abundante de etymologias, & definiçoens, & muito mayor seria a abundancia das derivaçoens, se eu não moderara a minha curiosidade, & a não restringira às que me pareceram mais naturaes, & precisas para a intelligencia das palavras. Em primeiro lugar não fis caso de etymologias arrastadas, & forçadas» (*Voc.*, I: «Ao leitor indouto»). Esta opção verifica-se no modo como o lexicógrafo procura ler criticamente um conjunto de explicações etimológicas tradicionais, nomeadamente as do *Tesoro* (1611) de Covarrubias, confrontando-as com os dicionários de Ménage. E, rematando a crítica:

O que digo, & torno a dizer, he, que para o effeito de sua instituição todos os vocabulos são igualmente bons. As palavras são espelhos do pensamento, & imagens do conceito, toda a sua excellencia he representação. Em todas as lingoagens tem qualquer vocabulo esta excellencia [...] tudo o mais, que se chama nobreza, antiguidade, elegancia, & suavidade da palavra, são prerogativas, que a vaidade das naçoens excogitou para a preferencia do seu idioma (*Voc.*, I: «Ao leitor estrangeiro»).

Mas se todas as línguas são iguais na essência, há critérios, não intrínsecos, em que se distinguem, como a extensão geográfica que abrangem, o número de falantes ou o grau de investimento na dimensão estética:

[...] a lingua Portugueza não desmerece lugar entre as melhores, se he verdade (o que me não posso persuadir) que há lingoas melhores que outras; mais amplas, mais cultivadas, & mais celebres no mundo, sim [...] Mas por serem humas lingoas mais abundantes, & estendidas, que outras, não por isso sam essencialmente melhores (*ibidem: loc. cit.*).

Quanto à questão da emulação entre o português e o castelhano, que percorrerá todo o século XVII, Bluteau não insiste na procura de superioridades, antes investe na afirmação da autonomia: «[...] na opiniaõ da maior parte dos Estrangeiros, a lingua Portugueza não he lingua de por si, como he o Francez, o Italiano, &c. mas lingua enxacoca, & corrupçam do Castelhana, como os Dialectos, ou lingoagens particulares das provincias, que são corrupçoens da lingua, que se falla na Corte, & cabeça do Reino» (*ibidem: loc. cit.*). Nestas palavras podem ler-se reflexos dos efeitos da dominação filipina, já

que, atendendo à definição do *Vocabulario*, o adjetivo enxacoca descrevia a língua portuguesa como uma tentativa frustrada de imitação do castelhano, entremeando palavras autóctones²⁰.

Se é pertinente a crítica de Bluteau à inconsequente batalha dos vernáculos, o facto é que, aparentemente, não a aplica na extensão esperada, uma vez que conclui o prólogo ao leitor estrangeiro reproduzindo um excerto de um elogio do português, em que se encontram muitas das ingenuidades que anteriormente reprovava e apelidara de «curiosidade de necios»²¹. Mas a inclusão do excerto parece dever-se mais ao valor literário, uma vez que Bluteau recomenda a sua leitura aos estrangeiros que, obstinados, ainda insistem em tentar descobrir qual a melhor língua do mundo, apesar de ele próprio considerar a questão irresolúvel e inútil²². Ao citar este texto e o discurso de Severim de Faria, Bluteau teria em conta as preferências de um público mais conservador, adepto da tradicional retórica da superioridade.

Acrescente-se que, em alguns dicionários franceses e castelhanos, o elogio das respectivas línguas era explícito e assumido pelos autores. A leitura dos prólogos, ou artigos dedicados à língua, em léxicos que Bluteau considerou modelares, permite constatar a longa tradição da euforia laudatória. Sebastián de Covarrubias, no início do século XVII, escrevia no seu *Tesoro* que a língua espanhola «no se debe contar entre las bárbaras, sino igualarla con la latina y la griega, y confesar ser muy parecida a la hebrea en sus frasis y modos de hablar» (Covarrubias, *Tesoro*, 1994 (1611): 1001). Sobre a indiscutível per-

²⁰ «ENXACÓCO. Aquelle, que querendo fallar huma lingoa, a confunde com outra. *Barbarè bilinguis*. [...] Fallar enxacoco. *Partium cum alieno sermonem confundere*» (*Voc.*: s.u.). Sobre o espaço do português no contexto linguístico ibérico, no século XVIII, cf. Mariño Paz, 2002: 8-11.

²¹ «Para fallar he engraçada com hum modo senhoril; para cantar he suave, cõ hum certo sentimento, que favorece a Musa [...] Tem de todas as línguas o melhor, a pronunciação da Latina; a origem da Grega; a familiaridade da Castelhana; a brandura da Franceza; a elegancia da Italiana. Tem mais adagios, & sentenças, que todas as vulgares em fê de sua antiguidade [...]» (*Voc.*, I: «Ao leitor estrangeiro»). Trata-se de uma passagem do diálogo I da *Corte na Aldeia* de Francisco Rodrigues Lobo (1991 (1619): 68-69), dedicado a temáticas linguísticas e literárias, e ao louvor da língua em particular.

²² *Voc.*, I: «Ao leitor estrangeiro». Nessa linha de pensamento, recorde-se a publicação do *Antidoto da Lingua Portuguesa* (Amsterdam, c. 1710?), de José de Macedo, ou do opúsculo *Discurso Philologico Critico sobre el Corolario del Discurso XV del Theatro Critico Universal* (1727), de Ernesto Frayer (pseud. de Martinho de Mendonça de Pina e Proença). Cf. Verdelho, 2000b e Leite, 2002.

feição e supremacia do francês encontram-se testemunhos claros nos prefácios dos dicionários de Furetière (1690) e da Académie (1694), o que não deixa de estar de acordo com os princípios programáticos que uniam os colaboradores da instituição acadêmica:

[...] il y a quelque sorte de justice dans ce privilege de la langue Française, puis qu'on se sauroit raisonnablement luy contester certaines perfections tres avantageuses qui ne se trouvent point dans les autres langues. On pourroit peut-être s'exprimer plus fortement, mais on aime mieux témoigner la reconnoissance de l'honneur qui luy est fait dans les pays étrangers (Furetière, *Dictionnaire Universel*, 1690: «Préface»).

[Cícero considerava a língua latina perfeita] & peut-estre n'aura-t-on pas moins de raison de penser la mesme chose en faveur de la Langue Française, si l'on veut bien considerer la Gravité & la Variété de ses Nombres, la juste cadence de ses Perodes, la douceur de sa Poësie, la regularité de ses Vers, l'harmonie de ses Rimes, & sur tout cette Construction directe, qui sans se'elloigner de l'ordre naturel des pensées, ne laisse pas de rencontrer toutes les delicatesses, que l'art est capable d'y apporter (*Le Dictionnaire de l'Académie Française*, 1694: «Preface»).

Os autores do *Dictionnaire universel françois et latin* (1721: s.u. LANGUE), recolhem excertos de Ménage, Bouhours e Vaugelas, os autores que «ont fait des remarques sur la langue, pour enseigner la pureté, les finesses, les délicatesses & les vîces»; a língua francesa, «a en quelque façon succédé à la langue Latine, & est devenuë la langue commune, & universelle», e ganha na comparação com os demais vulgares, sendo o castelhano a língua que mais defeitos regista²³. Como se verifica, Bluteau não parece inspirar-se nesta argumentação, nem procura adaptá-la ao português.

3.4. Escrita e critérios ortográficos

O desejo de fomentar a discussão de uma norma ortográfica, suportada pela autoridade dos acadêmicos, era um tópico recorrente nas intervenções de

²³ «Leur langue [o castelhano] n'est point propre à peindre les pensées au naturel; elle fait pour l'ordinaire les objects plus grands qu'ils ne sont, & va plus loin que la nature. [...] La langue Française est simple sans bassesse; libre sans indécence, élégante, & fleurie sans sard [...]» (*Dictionnaire universel françois et latin*, 1721: s.u. LANGUE).

Bluteau, que lamentava o desinteresse dos doutos por uma questão que considerava fundamental. As primeiras discussões académicas sobre as palavras a introduzir no *Vocabulario*, episódicas e pouco relevantes no que respeita ao número de unidades abordadas, não se direccionaram para a definição de convenções.

Tentando estabelecer uma periodização da reflexão metaortográfica de Bluteau, constata-se que a publicação dos textos em que explicita as regras para uma escrita correcta ocorre após a edição do *Vocabulario* e, ao que tudo indica, eles foram elaborados quando os oito tomos do dicionário estavam praticamente concluídos ²⁴.

Nas primeiras intervenções públicas sobre temáticas linguísticas, em 1696, as questões acerca da ortografia ocupam uma posição pouco relevante, suplantadas pelo esclarecimento do significado de palavras e expressões em uso, ou pela introdução de neologismos. Uma das excepções é a sessão de 18 de Março, em que se perguntou se a ortografia deveria seguir a origem, ou a pronúncia. Perante esta questão clássica, argumentaram uns que se deviam eliminar as letra dobradas quando não fossem pronunciadas, o que contribuiria para que todos escrevessem certo. Mas a opinião prevalecente foi a dos que consideravam que não se devia seguir a pronúncia, mantendo as letras que «conhecidamente encerravaõ as origens sem corrupçaõ», sempre que as grafias etimologizantes não entrassem em confronto com outras grafias do português. Assim, por exemplo, escrever-se-ia *Monarquia*, e não *Monarchia* (*Prosas*, I: 18).

Nas reuniões da Academia Portuguesa (1717), Bluteau retoma o modelo do «Oratorio Requerimento», todavia sem conceder maior visibilidade à ortografia, suplantada pela atenção dispensada às palavras antigas de significação obscura. Mesmo considerando o teor das dificuldades ortográficas expostas aos académicos, não há sinais de que a assembleia desejasse ir além da discussão de casos particulares, ou extrair conclusões com implicações mais alargadas, bastando a resolução que recomendava seguir a ortografia «mais usada». O argumento do uso justifica opções como *Annunciaçaõ* e *Estella* em vez de *Annunciassaõ* e *Strella* (*ibidem*, I: 23-24).

A motivação para um esforço de sistematização da reflexão metaortográfica surgirá por volta de 1722, quando constata que a Academia Real, que poderia ser institucionalmente encarregada de assentar uma norma, não se

²⁴ Sobre o espaço da reflexão metaortográfica no *Vocabulario* e no *Supplemento*, cf. cap. IV.1.1.

desviaria de uma orientação historicista. A «Prosa Apologetica, Justificação de huma Soberana Princeza» e a «Prosa Grammatonomica» resultam do protesto lavrado nas reuniões que ainda se efectuavam em casa de D. Francisco Xavier, sendo os textos publicados em 1728 nas *Prosas Portuguezas*²⁵.

A «Prosa Apologetica», formalmente, não difere muito da restante produção académica do tempo e a sua função é servir de preâmbulo à temática que o autor pretende desenvolver nas sessões seguintes. Estrutura-se em torno de uma alegoria, que apresenta a ortografia como a imperatriz da escrita e das artes, sendo o seu império o mais antigo, universal e durável. Partindo desta divisão, amplifica cada um dos três pontos, provando-os com toda uma acumulação de episódios retirados da tradição erudita clássica, em que a escrita é a temática central, insistindo continuamente na importância de uma grafia autorizada e correcta.

Uma vez que entende a ortografia como um elemento fundamental da dimensão estética do texto, considera incoerente o investimento dos escritores no arsenal retórico, ao mesmo tempo que descuram a componente ortográfica²⁶. A escrita é um antiquíssimo instrumento da civilização, e a sua correcção é uma condição essencial para o desenvolvimento das diversas áreas da actividade humana, cuja transmissão, fomento e preservação dependem da exactidão com que consigam ser representadas. O perigo de uma escrita «bárbara» reside no facto de poder vir a ser desconsiderada pelas gerações futuras, perdendo-se o respectivo património de memória (*ibidem*, I: 180-182). Mas se é tão evidente a necessidade de uma ortografia uniforme, subsiste a resis-

²⁵ «Prosa Apologetica, Justificação de huma Soberana Princeza, injustamente exclua das doudas Conferencias da Academia Real de Lisboa, recitada na sala academica do Conde da Ericeira D. Francisco Xavier de Menezes» (*Prosas*, II: 170-185); «Prosa Grammatonomica, Portugueza, ou regras, e leys, para o uso das letras do Alfabeto Portuguez, na escritura, e na pronunciação» (*Prosas*, I: 186-228). Apesar da ausência de datação, as comunicações terão sido proferidas o mais tardar até 1723, pois menciona a participação de D. João V nas sessões da Academia Real em 1722 e lembra que há 55 anos assiste na corte de Portugal, tendo chegado em 1668 (*ibidem*, I: 171, 193).

²⁶ «Em todas as partes se escreve, e em todas ellas ha quem escreve mal, com tão grande desatenção ao decoro da Orthographia, que ordinariamente he a parte em que menos se cuida. Agudeza nos chistes, magestade nas sentenças, pomposa erudição, elegancias affectadas, soberbas altiloquencias em papeis impressos, ou manuscritos, são todo o empenho dos Escritores; da Orthografia, que a todas as imagens da locução dá o complemento, e o lustre, nenhum caso se faz: o escrever correcto parece trabalhosa inutilidade, e tediosa impertinencia» (*ibidem*, I: 172).

tência dos contemporâneos a uma norma, em virtude da multiplicidade de regras que se fundamentam em opiniões subjectivas de autores diversos. Em consequência, as contradições geram o descrédito e prejudicam a praticabilidade dos sistemas propostos²⁷.

A «Prosa Grammatonomica», em contraste com a antecedente, apresenta maior contenção no aparato retórico, pautando-se pela preocupação em definir, sistematizar e clarificar, com características estilísticas e estruturais que a aproximam do registo que se encontra no *Vocabulario*. Trata-se de um texto informativo, muito dependente da intertextualidade e com abundante número de exemplos e remissões, pelo que é pouco provável que a versão proferida nas sessões tenha sido a mesma que foi publicada em 1728.

Quanto à estrutura, a exposição segue rigidamente a tradicional ordenação alfabética, já presente em Nunes de Leão, o que condiciona o âmbito de análise, pois exclui a acentuação e a pontuação. Não se limita a uma colecção dos artigos que ao longo do dicionário dedicou a cada uma das letras do alfabeto, pois introduz alterações substanciais, reduzindo consideravelmente a informação relativa à língua latina e concentrando-se no português. Outra inovação é o leque de autores citados, uma vez que, no *Vocabulario*, os textos de Nunes de Leão eram a fonte quase exclusiva, talvez pelo carácter prático e informativo das listas de palavras contidas na *Orthographia*.

Na «Prosa Grammatonomica» propõe uma reflexão mais elaborada, procedendo a uma recensão da principal produção metaortográfica do século XVII, em que confronta os pontos de vista de Nunes de Leão, Vera, Barreto e Bento Pereira, e aponta as soluções de sua preferência. É também o primeiro testemunho em que o lexicógrafo reconhece a responsabilidade por algumas incongruências na grafia do *Vocabulario*, pois, segundo afirma, só a meio da obra definiu uma norma orientadora em algumas áreas problemáticas, guiando-se até então pelo uso dos autores:

Eu, que nisto mesmo que encommendo, tenho faltado, confesso minha culpa, e sinto muito ter dado taõ mao exemplo. Em muitas dicçoes do meu Vocabulario tenho confundido as duas Orthografias Grega, e Latina; porque como no principio, e continuação da obra ainda não

²⁷ «No principio chamey a este discurso Apologia, porque muitos que se não querem sujeitar ao rigor dos seus preceitos, lhe chamaõ arte pueril, estudo impertinente, Grammatica litigiosa, e chea de intrincadas controversias, como as que experimentamos na varia doutrina dos nossos Orthografos Portuguezes» (*ibidem*, I: 183).

tinha tomado partido, hum dia, à imitação de algum Author Portuguez, seguia a Orthografia dos Gregos, outro dia, à imitação de outro Author da mesma nação, seguia a dos Romanos; e quando quiz remediar, já não era tempo, porque a mayor parte dos volumes tinhaõ sahido à luz, e só com outra edição, (se a obra a merecer, e a conseguir) se poderão emendar estes, e outros erros (*Prosas*, II: 195).

As conferências são posteriores à publicação dos oito tomos do *Vocabulario* e contemporâneas da elaboração do *Supplemento*, mas os críticos teriam decerto levantado objecções anteriormente. No «Prologo segundo» a questão da ortografia já mereceu acolhimento e, em resposta aos que no dicionário não encontravam as palavras com a grafia esperada, lembra que nas conferências defendera a normalização (cf. cap. IV.1.1).

Em face das perplexidades da notação escrita dos vernáculos, é com prudência que os gramáticos e ortógrafos apresentam as suas definições de ortografia. Nas principais obras da gramaticografia latina e vernácula, os autores optam geralmente por explorar a etimologia da palavra (*orthos*, *graphein*) e organizam a definição em torno da lição de Quintiliano, «quod Graeci orthographiam vocant, nos recte scribendi scientiam nominemus» (*Institutio oratoria*, 7, 1)²⁸. Bluteau publicou duas definições de ortografia, primeiro na respectiva entrada do *Vocabulario* e, alguns anos depois, na «Prosa Apologetica», no âmbito das sessões académicas:

ORTHOGRAPHIA. Derivase do Grego *Orthos*, Recto, & *Grapho*, Escrevo, & assim Orthographia vem a ser, Arte de escrever as vozes, com as letras convenientes à sua origem, & recta pronunciação, que o uso tem introduzido [...] (*Voc.*, s.u. ORTHOGRAHIA).

Orthografia he palavra Grega, derivada de *Orthos*, que quer dizer Direito, e *Graphin*, que significa Escrever; e assim confesso, que Orthografia não he outra cousa, que arte de escrever recta, e directamente em qualquer idioma; isto he, de escrever as palavras com as letras devidas, e sómente necessarias, sem pôr huma por outra, nem alguma de mais, ou de menos (*Prosas*, II: 184).

Não se trata de elaborações originais, pois em ambos os casos as fontes são identificáveis: como se conclui da confrontação dos textos, terá recorrido

²⁸ Sobre as sucessivas definições de ortografia nas principais obras da gramaticografias latina e vernácula, cf. Kemmler, 1996: 10-12.

aos tratados de Álvaro Ferreira de Vera²⁹ e João Franco Barreto³⁰. Se, em termos gerais, a ortografia é a escrita sujeita a normas, a definição que elabora a partir de Vera é a mais devedora ao peso da tradição dos gramáticos latinos, pois invoca um conjunto de critérios que configuram as regras ortográficas: origem, pronúncia e uso. Juntamente com a analogia, que Bluteau aqui não refere, estes quatro princípios representam a actualização, no universo das línguas novilatinas, dos elementos que Varrão identificou como constituintes da *latinitas* (*natura, analogia, consuetudo* e *auctoritas*), ou, de acordo como o modelo posterior de Quintiliano, *ratio* (englobando *analogia* e *etymologia*), *vetustas, consuetudo* e *auctoritas* (cf. Gonçalves, 1992: 56). Quanto ao empréstimo à *Ortografia* de Barreto, a opção parece justificar-se pelo facto de a sua definição não se restringir a nenhuma língua em particular, o que se adequa ao tema da «Prosa Apologetica», em que a escrita é considerada numa dimensão diacrónica e interlinguística.

Etimologia, pronúncia e uso eram critérios há muito tempo citados na discussão metaortográfica do português, e constituíram três fontes de soluções para a passagem da língua ao registo escrito. A co-ocorrência das diferentes orientações — quer na prática, quer nos tratados — dificulta as periodizações da ortografia que assentem numa delimitação opositiva de períodos fonético e (pseudo)etimológico, separados por uma fronteira colocada no século XVII. Uma vez que nos sistemas propostos pelos ortografistas não prevalece em absoluto o traço da representação fonética ou o traço etimologizante, será mais correcto considerar que se trata de um processo interactivo, em que variou o grau de importância concedida a cada um dos traços (cf. Kemmler, 1996: 119-124).

3.4.1. *Etimologia e analogia*

O final do século XVII e a primeira metade do século XVIII correspondem a um período em que, nas obras de reflexão metalinguística, se acentua a tendência para uma escrita etimologizante, com a publicação de instrumentos

²⁹ «Orthographia he arte de escrever as vozes com as letras devidas á direita pronunciação, & segundo a sua origem: porque orthos (em Grego) quer dizer direito; & graphos escreveu: como se dissessemos, escrevo como pronuncio» (Vera, *Orthographia*, 1631).

³⁰ «Ortografia he arte de bẽ escrever qualquer linguagem; isto he, de escrever as palavras, & as vozes cõ as letras devidas, & sòmẽte necessarias, sã por uma por outra, nã alguma de mays, ou de menos» (Barreto, *Ortografia da Lingua Portugueza*, 1671).

normalizadores que, sucessivamente, defendem e apuram o princípio da fidelidade à imagem da matriz latina, com destaque para a *Prosodia*, o *Vocabulario* e a *Orthographia* (1734) de Madureira Feijó.

Embora os argumentos do prestígio e nobilitação do vernáculo fossem recorrentemente invocados nos textos de defesa e ilustração da língua, do ponto de vista da teoria da escrita a opção pela via etimológica não se reduz a uma demonstração de afecto pela tradição escritural latina, à luz da renovação cultural inspirada pelo mundo clássico antigo. O latim, depurado pelos filólogos humanistas, difundido pelo texto impresso e apoiado por instrumentos lexicográficos era a fonte privilegiada para a regularização desejada. O respeito pela etimologia era geralmente considerado como o critério de implementação menos problemática, já que a solução consistia em explorar e potenciar as semelhanças com um sistema ortográfico sobejamente conhecido e tido por coerente, com a vantagem acrescida de viabilizar a estabilidade e permanência do signo gráfico.

A aproximação ao latim concretiza-se sobretudo sob a forma de grafemas etimológicos latinizantes, em que, segundo o princípio de uma escrita ideovisual, as letras actuam como marcadores semânticos e facilitam o processo de reconhecimento das palavras e do respectivo significado, devido à criação de hábitos visuais por parte do leitor³¹. Se é certo que o sistema obrigava a um constante apelo à confrontação com o latim, restabelecendo os laços da filiação das palavras, o facto é que a interacção das duas línguas já se vinha intensificando desde a primeira metade do século XVI, com reflexos ao nível da ortografia e do vocabulário. Este fenómeno, geralmente designado de relatinização do português, não só resultou numa abundante produção terminológica, como correspondeu a um «desbloqueamento do léxico do português escrito» (Verdelho, 1987: 182)³².

Para Bluteau, a via das grafias etimologizantes já não era questionável, uma vez que as inversões a essa tendência, no sentido de uma aproximação à

³¹ Pasques (1988: 36-37) emprega esta terminologia caracterizando as teorias da escrita subjacentes à antiga ortografia etimológica do francês. Sobre os princípios da escrita ideovisual e as teorias ortográficas da Académie, cf. Biedermann-Pasques, 1998: 113.

³² Na primeira metade do século XVI, «o «ser latino» (mesmo para falar e escrever em português), começou a ser preponderante, e [...] além da ortografia, o próprio vocabulário latino, passou a ser utilizado, de modo consciente e intencional, como elemento enriquecedor da língua portuguesa, e certamente como índice de erudição e marca de prestígio» (Verdelho, 1987: 158).

pronúncia efectiva, introduziriam mais perturbações que benefícios. Assim, perfilhava o princípio de que a precisão do significado da palavra dependia da clareza com que a ortografia conseguisse tornar identificável a informação semântica associada à etimologia (*Prosas*, II: 194). O postulado, em si, não constituía novidade, pois o argumento já era glosado nos textos de ilustração do vernáculo e, entre as obras mais recentes, fora amplamente explorado no *Antidoto* (c. 1710) de José de Macedo. Interessa, sobretudo, a veemência com que elege a lexicografia latina, a partir do *Calepino*, como via privilegiada para a configuração das soluções ortográficas, uma vez que o decalque deve respeitar tanto quanto possível a forma original, bastando «saber buscallas nos Vocabularios Latinos, porque nelles se achará huma sufficiente declaração para pollas por escrito, com a intelligencia que basta» (*ibidem: loc. cit.*).

Também neste âmbito é notória a influência da dicionarística francesa, em que a transição para a lexicografia monolingue não implicou simplificações ortográficas de vulto, mas antes um aprofundamento e consolidação da escrita etimológica. Nos dicionários da Académie, «exemplares, e prototypos de todos os mais [...] não achará o Leitor Filosofia, nem Filologia, &c. mas Philosophie, Philologie, Philomele, Philtre, Phlebotomie, Phrenesie, &c» (*ibidem: loc. cit.*).

A *Prosodia* de Bento Pereira era, entre as obras nacionais, o dicionário mais completo e acreditado a que os portugueses podiam recorrer para regular a escrita e a introdução de neologismos e compostos eruditos, vertendo criteriosamente as palavras da nomenclatura latina e respeitando o sentido determinado pela glosa: «Para aporuguezallas, e vulgarizallas com o seu proprio significado, o meyo mais facil, e mais facil, [sic] he usar dellas com a mesma Orthografia, com que na dita Prosodia se achão impressas; o mudarlhe a Orthografia, he estropeallas, e privallas do seu genuino sentido» (*ibidem: loc. cit.*).

Importa notar que, quanto ao *Thesouro*, a opinião já não era tão favorável, uma vez que a nomenclatura portuguesa, além das formas correctas, incluía variantes que desrespeitavam o étimo latino e a analogia, e em que a grafia seguia a pronúncia mais usual. É certo que a obra não é explicitamente identificada — Bluteau contém-se nas críticas ao dicionário dos jesuítas — mas o facto de todos os exemplos citados ocorrerem no *Thesouro* denuncia o alvo da crítica³³.

³³ «Em Dicionarios Portuguezes passão por synonymos *dissuadir*, e *dessuadir*, *despensar*, e *dispensar*, *descante*, e *discante*, *desbarate*, e *disbarate*» (*Prosas*, II: 195). Por exemplo, no *Thesouro* (1697), a entrada DISSUADIR remete para DESSUADIR, e a glosa é «Dissuadeo, es. Abhor-tor, aris»; regista ainda «Dessuadida cousa. Dissuasus, a, um».

A aprendizagem de uma grafia de tipo etimológico torna-se um pesado exercício de memória visual, facilitado, é certo, quando suportado pelo conhecimento do latim. Tendo em conta a precariedade da escolarização, tal sistema reduzia o número de indivíduos que o podiam aplicar com correcção, alguma coerência e notícia dos princípios subjacentes.

Esta dependência do sistema ortográfico português, com implicações na pedagogia, é patente nas *Regras da lingua portuguesa, espelho da lingua latina* (1721), de Jerónimo Contador de Argote. Acreditando que a aprendizagem do vernáculo deve anteceder a do latim, o autor expõe as regras gramaticais do português que considera comuns a ambos os idiomas, sem pressupor qualquer conhecimento da língua clássica por parte do aluno. A obra inclui um «Tratado breve da orthografia da lingua portugueza» (pp. 341-356), em que enuncia alguns preceitos sobre pontuação, emprego de maiúsculas e aborda de forma superficial a grafia de grupos consonânticos, como o caso das sequências <-mp->, <-mb-> e da duplicação de consoantes exclusivamente em posição intervocálica. Aspectos como a grafia e pronúncia dos ditongos, o sistema das sibilantes, os grupos consonânticos etimológicos, os dígrafos helenizantes ou o emprego do <h> são omitidos, aguardando uma posterior iniciação ao latim ³⁴.

Os partidários de uma escrita etimológica são os primeiros a admitir que a emulação do latim é um factor de distinção social, apartando os doutos, que na escrita espelhavam a sua erudição, do vulgo, que se limitava a tentar reproduzir a oralidade. Esta diferenciação de registos é socialmente justificada, pois, como nota Bluteau, «nas Cortes pede o decoro, que a nobreza, e os doutos no fallar, e no escrever se distingão do vulgo» (*Prosas*, II: 194). O domínio da linguagem não poderia deixar de se inserir no vasto conjunto de regras, rituais e precedências que, no período barroco, regulam as relações interpessoais e a admissão à esfera das instituições de poder, político e religioso. O esforço de aperfeiçoamento da língua tinha como horizonte imediato a exploração das

³⁴ A obra apresenta-se sob a forma de um diálogo entre mestre (M.) e aluno (D.). Questionado sobre a forma de escrever com as letras devidas, o discípulo responde: «D. Sabe-se pelos livros da Orthografia Portugueza, e tambem com o uso, e lição dos livros, attentando o como se escrevem as palavras. / M. Dizey algumas dessas regras. / D. As regras da Orthografia Portugueza a mayor parte depende de alguma noticia da lingua Latina, e como este tratadinho se faz para os que ainda não sabem a lingua Latina, he escusado repetir essas regras.» (Argote, *Regras*, 1725 (1721): 349). A ortografia é definida como «a arte de escrever as palavras, e Oraçoens com acerto. [...] He escrever as palavras, e Oraçoens com as letras, e pontuaçaõ, com que se devem escrever» (*ibidem*: 341-342).

potencialidades retóricas, segundo o modelo greco-latino, ainda praticamente hegemónico na composição literária socialmente prestigiada. Nestes pressupostos, o conceito de uniformização não se confunde com o de universalização, pois parte-se do princípio de que a escrita do vulgo será sempre desregrada, reflexo de um uso também ele descuidado ³⁵.

O padrão etimológico representava um acréscimo de estabilidade para o sistema ortográfico, mas coexistiam princípios de escrita analógica, cedências ao uso e reprodução da oralidade, que actuavam como elementos desequilibrantes, na medida em que a sua aplicação implicava um considerável grau de arbitrariedade. Embora os três critérios não mereçam tantas referências como o etimológico, Bluteau não deixa de apontar os inconvenientes dos princípios que não dependam de normas constringentes.

Se a introdução no português de decalques de palavras latinas não parece suscitar problemas, a questão das grafias analógicas surge como uma fonte de divergências. O critério da analogia, complementar e decorrente do etimológico, porque assentava na exploração de semelhanças com o latim como solução para casos duvidosos, podia ser aplicado a uma parte considerável do léxico português, conferindo à grafia uma «aparência» latinizante, de acordo com o princípio ideovisual já referido. Os conceitos de etimologia e analogia não se aplicavam somente em relação ao latim, mas também obrigavam ao respeito pelas palavras portuguesas, especialmente em casos de derivação ³⁶.

³⁵ «Hoje, que ha Diccionarios amplissimos de etymologias Grego-Latinas, facilmente podem os Doutos ter noticias de todas as origens, e derivaçoens dos vocabulos destas linguas; que desprezem os idiotas estas noticias, pouco importa. Assim como ninguem faz caso do modo com que fallaõ; a ninguem dá cuidado o modo com que escrevem. Aos letrados compete por obrigação o bom uso das letras» (*Prosas*, II: 225).

³⁶ Cf. Pereira, *Regras*, 1666: 7-9. Embora Bluteau não distinga explicitamente etimologia e analogia, da observação dos seus exemplos é lícito concluir que a sua concepção não se afastaria muito da que é expressa na *Orthographia* de Madureira Feijó (1739 (1734): 31): «Analogia, palavra Grega, he o mesmo que proporçaõ, conveniencia, ou similhaça de humas cousas duvidosas com outras, que são certas; e serve para escrevermos com acerto innumeraveis palavras, que fazendo duvida nas letras, com que se haõ de escrever, esta duvida se tira pela proporçaõ, ou similhaça, que tem com outras, que são certamente. E deve-se observar esta regra mais principalmente nas palavras derivadas da lingua Latina; em que seria impropria a derivaçaõ, senaõ imitassemos a similhaça». Citando um exemplo retirado do ortografista: «E se me disserem que o Latinos escrevem Nunquam, e nós Nunca; respondo, que quem escreve Nunqua não erra, antes segue a analogia da palavra» (*ibidem: loc. cit.*). Sobre o princípio da analogia em Feijó, cf. Gonçalves, 1992: 60.

O carácter arbitrário devia-se à variabilidade no grau de aproximação às formas latinas — isto é, aplicando ou não a analogia na máxima extensão — e a um conhecimento pouco seguro da etimologia, disciplina ainda muito devedora às lições fantasiosas dos gramáticos latinos e medievais.

Para Bluteau, a aplicação da analogia não pode ser sistemática, uma vez que tem de ceder perante o uso geralmente aceite. É com essa justificação que rejeita as regras de Franco Barreto, que pretende grafar <-je-> em palavras como *magestade* e *engeitar*. O lexicógrafo argumenta que as formas com <-ge-> se encontram registadas nos dicionários de Cardoso, Barbosa, Reboredo e Pereira, e são seguidas em documentos oficiais, concluindo que «me parece mais acertado conformarme com exemplos desta Orthographia, taõ authorizados, do que pegarme às analogias de João Franco Barreto» (*Prosas*, II: 201).

3.4.2. *Pronúncia*

O ajustamento da escrita segundo critérios analógicos conduziria também a uma progressiva reformação dos hábitos de pronúncia, mais uma vez no sentido da latinização, contrariando fenómenos fonéticos que eram tidos por manifestações de desvio. Observando formas como *enformação*, *enquirir*, *envestir*, *dereito* conclui que:

Finalmente nesta sorte de palavras teriamos hũa regra certa para escrevellas, e pronunciallas como convem. Verdade he, que os que não sabem de Latim, se não poderiaõ governar por ella; mas para quem não sabe, não ha neste mundo outro remedio, que estudar para aprender, ou perguntar para saber (*Prosas*, II: 203).

As cedências ao critério da pronúncia, que não fossem consagradas pelo uso, merecem a reprovação de Bluteau. Nesse sentido, recusa sistematicamente as intervenções propostas por João Franco Barreto, que visavam moderar a introdução de grupos consonânticos greco-latinos, sem realização oral efectiva. É o caso dos dígrafos <ch>, <ph>, <th> e do <y> etimológico, que deveriam ser simplificados aquando da transposição para português das palavras latinas que os mantinham como indício da origem grega; ou ainda a supressão do <h> inicial, marca de uma aspiração que todos reconheciam ser inexistente (cf. *ibidem*: 197-198, 212, 225).

Barreto argumenta que se trata de «escrever como se pronuncia, que he a pedra fundamental de toda boa ortografia, & que só por excellencia (como ja

dice) é nossa lingua se acha» (*Orthographia*, 1671: 108), mas o teatino parece querer ultrapassar o já muito glosado princípio, ao notar que, em cada língua, a relação entre as letras e a pronúncia assenta numa convenção, que aos estrangeiros parecerá inevitavelmente estranha. Essa convenção, fortemente inculcada pela aprendizagem da leitura, leva os nacionais, ignorantes ou tendenciosamente patriotas, a considerar que a sua língua é a mais perfeita, pois só nela se fala como se escreve (*Prosas*, II: 187-189). Como demonstração, invoca a sua experiência multilingue para aduzir exemplos de desencontros entre o latim, italiano, francês e português, pelo facto de aos mesmos grupos de grafemas se atribuírem realizações distintas, recordando assim aos «zelosos da perfeição do idioma Portuguez» que, para os estrangeiros, também o português parece sofrer de deficiências (*ibidem*: 188). Ou seja, afirmar que se intervém no sistema ortográfico para adequar a escrita à pronúncia é, no fundo, uma falsa questão, pois o princípio da convenção permite a manutenção de grafias etimologizantes, a que o leitor nelas instruído saberá atribuir o valor fónico correcto. A pronúncia, variável no tempo e no espaço, era, por conseguinte, um critério desvalorizado, e a sua instabilidade não parecia constituir uma base satisfatória para uma escrita perene e normalizada.

Contra a pronúncia somava-se ainda o factor da variedade dialectal, a que Bluteau não foi indiferente, uma vez que acolheu no *Vocabulario* um abundante número de entradas marcadas como «termo chulo», «palavra da Beira», ou «palavra do Minho», para além do «Vocabulario de palavras e modos de falar do Minho, e Beira», publicado no *Supplemento*. Mas o seu interesse por esse caudal de palavras não contraria o princípio de que o modelo de pronúncia reside na província da Corte, configurando um registo sociolectal prestigiado ³⁷.

Nas *Regras da lingua portuguesa*, obra gramatical de cariz pedagógico, está bem sublinhada a preocupação em evitar a interferência na aprendizagem dos registos classificados como desviantes (Argote, *Regras*, 1725 (1721): 291-301). No capítulo dedicado aos «dialectos locais», Argote distingue os falares da Estremadura, Entre Douro e Minho, Beira, Algarve e Trás-os-Montes, descre-

³⁷ Bluteau define dialecto como «modo de fallar proprio, & particular de huma lingua nas differentes partes do mesmo Reino; o que cõsiste no accento, ou na pronunciaçãõ. ou em certas palavras, ou no modo de declinar, & conjugar; & assim vemos, q̃ no mesmo Reino de Portugal os da Provincia da Beira, de Entredouro, & Minho &c. naõ fallaõ, nem pronunciaçãõ [sic] o Portuguez do mesmo modo, que os filhos de Lisboa» (*Voc.*, s.u. DIALECTO). Cf. cap. III.2.2.3.

vendo-os por meio de traços característicos, fonéticos e lexicais, que se opõem à norma, localizada na Estremadura. É sintomático que as variações, ou melhor dizendo, as divergências, sejam designadas por «defeytos» e, quando o grau é considerável, quase as exclua do espectro da língua portuguesa³⁸. O perigo da influência da pronúncia das classes populares é visível na forma como repudia os contactos dos alunos com o dialecto rústico, «hum modo de fallar a lingua Portugueza, mao e viciado, [...] e delle usa a gente ignorante, rustica e incivil», que se opõe ao dialecto «verdadeyro» (*ibidem*: 299). Os exemplos que cita testemunham toda uma série de fenómenos fonéticos que distinguem a língua não condicionada pela matriz escritural latina: «Para dizerem os rusticos Por certo, dizem Bofé. Aos Tostoens dizem Tostaens, aos Grãos Grães, &c. A letra Z muytas vezes pronunciaõ como G, [...] Atreverse dizem Estreverse. Flores dizem Froles, &c.» (*ibidem*: 300).

3.4.3. *Uso*

Como Bluteau repetidamente reconhece, o uso, «como he mais poderoso que as leys, quasi sempre prevalece» (*Prosas*, II: 200-201), não obstante o facto de também aumentar o grau de arbitrariedade do sistema ortográfico. A tradição impunha, é certo, uma distinção entre o uso do vulgo e o dos doutos, sendo que somente este último, difundido pela imprensa, prestigiado e digno de imitação, poderia constituir a *auctoritas*.

A elaboração do *Vocabulario*, um dicionário de nomenclatura muito extensa e abonada, implicou um alargamento considerável das fontes de autorização, expandindo o leque de ortografias potencialmente contraditórias. Mesmo que optasse por se restringir aos «autores de boa nota», o que não se verificou, as variações seriam inevitáveis, como reconhece no tomo publicado em 1720:

Temos quatro Autores de Orthographia da lingua Portugueza, ou para dizer melhor, quatro Orthographias, porque todas quatro são diversas, a do Licenciado Duarte Nunes de Leão, impressa anno de 1576. a de

³⁸ O dialecto do Alentejo «differe pouco do da Estremadura [...] e dizem que tem alguns defeytos da pronuncia do Algarve. [...] Ha alguns de alguns lugares de Tras os Montes, e Minho nas rayas de Portugal, que são muyto barbaros, que quasi que se não pòdem chamar Portuguez, mas só os usa a gente rustica daquelles lugares» (Argote, *Regras*, 1725 (1721): 295-296).

Alvaro Ferreyra de Vera, anno de 1631. & as de Joaõ Franco Barreto, & do P. Bento Pereyra mais modernas. Com Orthographia diferente destas quatro escreve muytas dicções o P. Man. Fernandes no seu livro intitulado, *Alma Instruida, &c.* Desta maneyra, em Portugal, para o modo de escrever não ha moda, nem regra certa; quasi todos escrevem como querem; & com a continuação desta diversidade, só cada hum poderá entender a sua escritura (*Voc.*, s.u. ORTHOGRAPHIA) ³⁹.

A possibilidade de coexistirem vários usos prestigiados, sem que, à partida, fosse possível eleger o mais acertado e rotular os demais como reprováveis, recomenda que se considere uma noção de ortografia menos restritiva — ortografia pluriforme —, designação que, em Portugal, se aplica a todo o período que antecedeu a primeira uniformização oficialmente institucionalizada, datada de 1911 ⁴⁰. Deste modo, permanecendo o conceito de norma, seria admissível um determinado grau de variação, embora se mantivesse um núcleo de características que permitiriam formular juízos acerca da correcção e aceitabilidade das soluções ortográficas.

Uma das características fundamentais do uso é o facto de não se submeter aos critérios de racionalidade, que são particularmente caros a Bluteau, e que fundamentam um sistema etimológico-analógico com ambições uniformizantes ⁴¹. Na maior parte dos casos, no *Vocabulario* o uso é invocado para justificar a inclusão de palavras na nomenclatura, especialmente as que dificilmente se encontrariam abonadas em autores, como, por exemplo, os «termos

³⁹ Sobre o autor da *Alma instruida* (1687-1699), Inocêncio Silva oferece o seguinte comentário: «os nossos philologos e criticos, entre elles o P. Francisco José Freire, não consideram este escriptor de grande peso no tocante á linguagem, e notam-lhe muitos defeitos, e incorrecções. A propria orthographia de que usa é bastante irregular, e apresenta anomalias que são dignas de reparo» (Silva, *Diccionario Bibliographico*, V: 420).

⁴⁰ Cf. Marquilhas, 2000: 230-234. «Uma concepção lata de ortografia, enquanto vertente institucionalizada de um sistema de princípios abstractos — a escrita —, variável segundo os contornos da sociedade em que vigora, torna desnecessário que nela se integre a noção de uniformidade. A *ortografia uniforme* surge no Ocidente em épocas bem recentes porque depende de um organismo suficientemente forte para prescrever com firmeza a sua observância» (*ibidem*: 233).

⁴¹ O exemplo, apesar do tom anedótico, é ilustrativo: «FIAMBRE. [...]. Já que fiambre he comer de carne fria, eu antes dissera Friambre, que Fiambre. Mas ordinariamente mais póde o uso, que a razaõ» (*Supp.*, s.u.).

chulos»⁴². No âmbito da ortografia, o uso legitima as formas irregulares que desrespeitam a grafia do étimo latino ou que contrariam a regularidade das analogias, como a já referida forma *magestade*.

A ponderação dos diversos critérios deixa antever uma prática ortográfica conservadora, no sentido em se intervém moderadamente na tradição escritural prestigiada, e somente para conferir traços de regularidade ao sistema. Bluteau, a generalidade dos ilustres letrados contemporâneos, bem como os profissionais intervenientes no processo de impressão, tinham em comum uma ortografia regulada sobretudo pela habituação à imagem das palavras, e não tanto pelo som do dialecto que ouviam e em que se expressavam (cf. Marquilha, 1991: 98).

⁴² Por exemplo: «ATRAZADO. Alguns cultos, zelosos do decoro das palavras não querem, que se diga *Atrazado*, nem *Atrazar*; mas são palavras tão cômuas, que difficilmente se poderá impedir o uso dellas» (*Voc.*, s.u.). «GUARDANAPO. [...] Querem alguns, que seja erro na lingua Portugueza chamar *Guardanapo* ao pano, com que nos alimpamos quando comemos, porque segundo o Nebricense no seu Diccionario, Lit. M. *Mapa, ae*, ou *Mapum, i*, quer dizer a toalha de mesa [...] Mas já que o uso tem introduzido *Guardanapo*, parece mais acertado continuar com elle, [...]» (*Supp.*, s.u.).

4. PRODUÇÃO LITERÁRIA

Além das *Prosas Portuguezas*, importa considerar dois campos da produção literária de Bluteau que se relacionam com o labor lexicográfico. A experiência da escrita e compilação dos sermões, em que se exercita a selecção de conceitos e de lugares predicáveis, não pôde deixar de influenciar a redacção de artigos dicionarísticos plenos de auxílios à oratória sacra, com clara preponderância no conjunto da informação retórico-literária. Por outro lado, a composição do *Oraculum utriusque testamenti*, um dicionário de concordâncias bíblicas com ordenação alfabética, proporcionava um constante acesso a citações, sentenças e desenvolvimentos retóricos em latim, aproveitáveis para o *Vocabulario*, cuja redacção decorria em simultâneo.

De parte fica a extensa e variada produção poética, mas desse conjunto de textos deve destacar-se a obra *Lucerna sepulcralis*, que permanece manuscrita, mas num estado de organização que demonstra a intenção de a publicar. A *Lucerna* é uma recolha de milhares de epitáfios, redigidos em latim, que compreende desde textos da Antiguidade, até composições contemporâneas de Bluteau, dedicadas a personalidades da nobreza portuguesa¹. A ordenação do conjunto é temática, de acordo com os cargos, dignidades ou época da figura a quem o epitáfio se dirige. As categorias são variadas — bispos, abades, reis, guerreiros, oradores, historiadores, oradores, médicos, pintores,

¹ *Lucerna Sepulcralis, Cujus Radiis Epitaphia Vetera et Nova, Rudia, et Elegantia, et Sepulcralia Elogia recordatione digniora; Secundum Dignitates, Aetates, et Officia, Dotes, Moresque Personarum distributa in classes [...]* (B. N. L., Cod. 3354). Trata-se de um volumoso manuscrito, com 375 fólios.

astrónomos, geógrafos, personagens mitológicas, entre outras — e no espectro de nomes citados encontram-se, por exemplo, Erasmo (1466-1536), François Rabelais (1494-1553), Albrecht Dürer (1471-1528), Peter Rubens (1577-1640) ou Pieter Bruegel (c.1525-1569). A *Lucerna* revela o interesse de Bluteau pela informação de tipo biográfico, mas não há notícia de que a obra tenha sido composta a par do *Vocabulario*, nem evidências de uma comunicação entre os textos.

4.1. Sermonários

Os teatinos proporcionavam aos seus padres uma cuidada preparação em retórica, tendo em vista formar exímios pregadores que pudessem apresentar-se perante a alta sociedade. Em 1664, Bluteau prega na capela real de França, perante Luís XIV e a rainha de Inglaterra, Henriqueta Maria de França. Os biógrafos relatam que o agrado foi tal, que o padre foi convidado a repetir as celebrações nos três anos seguintes e que a rainha o nomeou pregador ordinário da sua capela, um título que não dispensará até ao fim da vida, colocando-o no rosto da suas obras, a par das funções de qualificador do Santo Ofício (cf. Bem, *Memorias*, 1792: 285-286).

Quando em 1668 é enviado para Portugal, o sucesso no púlpito será justamente uma das principais motivações para a aprendizagem da língua. Os depoimentos da época sublinham a rapidez com que Bluteau principia a falar português com correcção, especialmente no que respeita à pronúncia². Uma

² De tal facto nos dá conta Fr. António dos Arcanjos, na censura ao primeiro volume das *Primicias*: «Porque alem de não encontrarem a pureza da Fè Catholica, podem servir de credito à Nação Portugueza, porque censurando de imperceptiuel a pronunciação do seu Idioma alguns estrangeiros, sendo-o em Portugal o Author destes Sermoens, desuanece a diffi-culdade com a demonstraçaõ que faz nos discursos, que exprime com acentos taõ proprios, & naturaes, que sendo Frances por natureza, mostrase Portuguez na lingoa» (Bluteau, *Primicias*, 1676). Veja-se também o testemunho de Monterroio Mascarenhas, que relata a actividade do padre, após o regresso de Paris, em 1681: «Continuou a prégar neste Reyno com alguma inveja dos naturaes, mas com estimaçam de todos: o seu espirito era igual à sua eloquencia; e ambos eram grandes. A fama do seu nome fazia as festividades mais solemnes; e se por esta razam crescia cada vez mais o seu trabalho, avultava tambem cada dia mais a sua fama. Causava nam só admiraçam, mas espanto, ver possuir mais perfeitamente hum estrangeiro a proprieda-de da lingua Portugueza, do que muitos nascidos, e criados em Portugal» (Faria, *Obsequio funebre*, 1734: 8-9).

leitura dos índices dos seus sermões permitirá constatar que se dirigia a uma audiência selecta, tendo como palcos principais a Capela Real, a Casa da Divina Providência, conventos ou cerimónias que reuniam a nobreza ³.

Em 1676, Bluteau principia a edição de uma colectânea, sob o título genérico de *Primicias Evangelicas*. Segue-se um segundo tomo, em 1685, e um terceiro, datado de 1697, impresso em Paris, cada um recolhendo 20 sermões, que testemunham o desempenho do teatino em púlpitos prestigiados, como a Capela Real e os mais importantes conventos de Lisboa.

A publicação dos *Sermoens panegyricos, e doutrinaes* (1732-1733), já nos últimos anos de vida, é uma reedição das *Primicias*, que decerto se encontrariam esgotadas, aproveitando para incluir sermões posteriores a 1697. Esta última colectânea refunde alguns textos proferidos em celebrações oficiais e que, não tendo sido incluídos nas *Primicias*, estariam também fora do mercado, como os sermões nas exéquias da rainha D. Maria de Sabóia, do rei D. Manuel II ou do Barão de Bateville. Também há registo de colectâneas publicadas no estrangeiro, contendo traduções de sermões proferidos em Portugal ⁴.

No «Antiloquio» do terceiro volume das *Primicias* encontra-se a mais elaborada e divulgada reflexão de Bluteau sobre os métodos de pregar ⁵. O conhe-

³ Bluteau foi convidado para ocasiões solenes, que exigiam inclusive uma preparação com largos meses de antecedência, como se verificou no *Sermão nas exéquias de D. Manuel*. Em 22 de Julho de 1671, Diogo Soares informa Bluteau sobre a data exacta e percebe-se que já anteriormente os pormenores da envolvência cénica haviam sido discutidos: «S.^{of} Meu. o sermaõ das exequias do N. Rei Dom M.el hade ser a segunda f.ra quatorze de Dez.^{bro} e ja se tem considerado, o impedim.^{to} que V. P.^e apontou da armação por que tudo hade estar pervenido para este dia esta não fosse demais [...] ficamos esperando com grande alvoroso p.^a o ouvir. [...]» (B. N. L., Cod. 7.701).

⁴ *Sermoni overo Panegirici* (Veneza, 1683). Caetano de Bem noticia ainda uma colectânea, que não foi possível localizar: «Escuela del Calvario, Repartida en Cinco Claves. Su Autor, el Padre Don Rafael Bluteau C. R. Traducida de Portugues en Castellano por el Licenciado Luis de Oliveira, Presbytero Lusitano. Estes Sermoens andaõ impressos na Parte II. da Laurea Lusitana, impressa em Madrid por Garcia de la Iglesia, 1670» (Bem, *Catalogo das Obras Literarias*, B. N. L., Cod. 187). Se a edição do primeiro livro parece dever-se aos contactos com os teatinos em Itália, o segundo é um indício de algum prestígio de que Bluteau gozava no país vizinho, o que é corroborado pela sua correspondência. Entre as cartas dirigidas a Bluteau, em castelhano, encontra-se a de um Dom Francisco Ambrosio, datada de 1726, e que testemunha o reconhecimento das *Primicias* e de vários sermões soltos, que os livreiros faziam chegar até Salamanca (B. N. L., Mss., Cx. 24, n.º 93).

⁵ «Antiloquio panegyrico, critico, e parenetico [...] Ao Excellentissimo Senhor Marquez de Cascaes», D. Luís Álvares de Sousa e Ataíde, enviado para Paris em 1695, como embaixador extraordinário a Luís XIV.

cimento experienciado no que respeita aos estilos de pregação autorizava o teatino a escrever sobre a temática: «Em Italia, França, Castella, Portugal, e finalmente em todos os Reynos da Christandade ha Prégadores de grande nome, e todos no mesmo exercicio tem differente estylo, porque da natureza, e da Patria tiverão todos differente genio» (Bluteau, *Primicias*, 1697: 11). Opta por uma via conciliatória, evitando as disputas entre defensores de estilos e contornando uma questão sensível que suscitava muitas críticas por parte dos detractores do método português: o abuso no emprego do conceito conduzia facilmente a desvios ao espírito da sagrada escritura, dado o esforço em surpreender o auditório com inesperadas aduções de locais bíblicos e engenhosas provas. Esta visão decorre da experiência pessoal, pois, como testemunha no fim do *Antiloquio*, o seu estilo era uma combinação de influências. Apesar de seguir o costume português, havia introduzido a amplificação italiana e a divisão francesa: «o que depois se foi introduzindo de sorte, que hoje raro he o prégador Portuguez, que acabado o exordio não divida em duas, ou tres partes a materia do seo discurso» (*ibidem*: 36).

Nesta época não se encontram obras teóricas nacionais versando a retórica eclesiástica, mas somente pequenos manuais manuscritos por pregadores e destinados a uso pessoal ou ao ensino num círculo restrito, em que anotavam regras, exemplificadas com breves excertos de sermões. A obra internacional mais divulgada entre nós terá sido a *Rhetorica ecclesiastica* (1576), de Frei Luís de Granada, enquanto manual adoptado pelos jesuítas. Em face desta carência, os oradores recorriam aos sermões publicados, pelo que os autores mais apreciados convertem-se em padrões estéticos e dos seus textos os imitadores procuram colher os princípios teóricos para a construção da sua própria prédica. O caso mais notório é sem dúvida o dos *Sermões* do P. António Vieira, publicados entre 1679 e 1748, com grande sucesso editorial.

A organização dos sermonários já considerava o seu aproveitamento pelos pregadores, na medida em que fornecia instrumentos paralexográficos que proporcionavam um conspecto sobre a totalidade da obra e permitiam um acesso rápido à informação contida no volume, através da indexação de palavras, de temas, ou de lugares dos textos sagrados. Cada um dos 15 volumes dos *Sermões* de Vieira, é acompanhado de um «Índice das cousas mais notáveis», que constitui um conjunto paratextual de extensão considerável. Também os sermões de Bluteau são indexados, o que não constitui novidade, visto que, no século XVII, os índices temáticos ou de coisas notáveis se generalizaram em obras de tipo enciclopédico. As entradas correspondem a palavras-chave, seguindo-se uma série de excertos de sermões onde são referidas, com

remissão para a página ou parágrafo. Comparando os índices das *Primicias* com os dos *Sermões* de Vieira, verifica-se que a estrutura de ambos é muito semelhante, embora o índice de Vieira seja bastante mais copioso. As entradas reportam-se às temáticas mais comuns na oratória sagrada, com claro predomínio do universo bíblico e dos termos relacionados com a moral. Além das palavras frequentes no discurso sacro e que permitem variadíssimas explorações simbólicas (*agua, cabeça, coroa, deserto, estrella, lagrimas, luz*), encontram-se antropónimos e topónimos bíblicos, referências da Antiguidade clássica, nomes de santos, terminologia da teologia cristã e as diversas expressões do pecado e da virtude.

4.2. *Oraculum Utriusque Testamenti*

O *Oraculum*, de entre as obras de Bluteau, será aquela que tem merecido menos atenção, talvez pelo facto de ser integralmente escrita em latim. Trata-se de um monumental dicionário de conceitos predicáveis, que ocupou largos anos de trabalho ao autor. Já nas *Primicias Evangelicas*, datadas de 1676, descreve a complexa tarefa de compilação de dados para o *Oraculum*, «huma obra de muitos volumes sobre toda a sagrada Escritura», afirmando mesmo que sua extensão delongaria decerto a publicação (Bluteau, *Primicias*, 1676). No exílio de Alcobaça adiantou a execução, de modo que em 1712 pôde apresentar na Corte o primeiro volume, pronto para ser impresso⁶. No entanto, a publicação só terá lugar em 1734, não avançando para além do primeiro tomo, que contém as letras A e B. Bluteau completou a obra, como se pode verificar pela leitura dos volumes autógrafos, que ainda se conservam (B. N. L. Cod. 3000 a 3002). O texto encontra-se encadernado em três volumosos códices. O caderno correspondente ao volume publicado é notoriamente uma segunda versão; os restantes estão repletos de emendas e notas sobrepostas em folhas coladas. O códice 3000 compreende as letras A-D, o 3001 as letras E-L e o último as letras M-Z.

⁶ «Tinha o Padre D. Rafael Bluteau já prompto para sahir á luz o primeiro Tomo da sua grande obra *Oraculum utriusque Testamenti*, este offereceo, estando ainda em Alcobaça, ao Cardeal D. Nuno da Cunha e Ataide, que o apresentou a ElRei, a quem o mesmo Cardeal já tinha apresentado os Tomos do Vocabulario Portuguez, e Latino, que já estavam impressos» (Bem, *Memorias*, 1792: 311).

Se os códices que chegaram até nós representarem a única cópia existente, a fixação do texto para ser impresso seria uma tarefa morosa e complexa, devido às constantes dificuldades de leitura que o manuscrito suscita. A expectativa de recepção de uma obra de tão grande dimensão e redigida em latim poderia não justificar a árdua tarefa, ao ponto de a impressão ter sido suspensa, considerando a menor procura de textos em latim e a existência uma produção em vernáculo neste domínio. De facto, as recolhas de conceitos predicáveis foram muito abundantes no último quartel do século XVII e no início do século seguinte (Castro, 1973: 134-138). Destinadas ao uso dos pregadores, como facilitadores da elaboração discursiva, estas listas tornaram-se frequentes nas livrarias dos conventos, para além das que eram compostas para uso pessoal. Em geral, eram inventário ordenados alfabeticamente, em que se compendiam provas e argumentos, sem pretensões de originalidade; algumas recolhas mais elaboradas foram publicadas, deixando antever nos títulos a intenção de servirem de *vade mecum*⁷.

A designação de oráculo não é incomum em obras dos séculos XVII e XVIII, aplicando-se a tratados dedicados à interpretação do texto bíblico. A definição que o autor apresenta no *Vocabulario* precisa o sentido do título: «Oraculos Divinos, são as palavras de Deos na Sagrada Escritura. Oraculos tambem chamamos às repostas dos Summos Pontífices, às sentenças, & decisões de graves Autores, homens sabios, & doutos» (*Voc.*, s.u. ORÁCULO).

Na dedicatória endereçada ao Cardeal da Cunha e a D. João V, o autor apresenta o livro como um oráculo de expressões ambíguas e de assuntos narrados nos textos bíblicos, tendo em vista a formação de conceitos predicáveis. Insistir-se-á particularmente na variação dos conceitos, podendo os pregadores recorrer quer às figuras da retórica, quer à aplicação dos princípios lulianos. Seguem-se as «Praeviae notiones ad conceptus praedicabiles inventionem, constructionem, variationemque utiles», que se estendem ao longo de 115 páginas, e que na prática constituem um tratado de retórica, embora o autor sublinhe a sua função preambular. Caetano de Bem, que conhecia os ma-

⁷ Por exemplo, de Cristóvão de Lisboa, o *Jardim da Sagrada Escripura. Disposto em modo alphabetico. Com hum elenco de discursos, & conceitos sobre os Evangelhos das domingos, quartas, & sextas feiras da Quaresma, & domingos do Advento*, 1653. Temporalmente mais próximo da publicação do *Oraculum*, de Frei António da Expectação, *A Estrella d'Alva Aplicada. Breviario de varios assumptos, e ideas predicaveis de varios Santos, e outros sermoens de entre anno*, 1727.

nuscritos e o seu conteúdo, cita este título como se de uma obra independente se tratasse (Bem, *Memorias*, 1792: 285).

Num primeiro capítulo, dedicado à natureza do conceito predicável, define-o como uma agudeza, levemente obscurecida pelo engenho divino, aclarada pelo engenho humano e confirmada pela autoridade do escritor sagrado⁸. Sublinhando o enorme prestígio do conceito predicável entre todos os ornamentos da facúndia eclesiástica, procura diferenciá-lo de outros artifícios que somente pretendiam conquistar o auditório pelo espanto que provocavam. No período em que estudou em Roma, pôde observar o sucesso dos pregadores que construía intrincados discursos entrelaçados e cujo sucesso assentava em prodigiosas exibições de memória e no modo como pronunciavam frases expressivas de um fôlego. Acumulavam nos sermões grande quantidade de informação erudita, retirada de obras como a *Officina* (1610) e a *Cornucopia* de Ravísio Textor, a *Polyanthea* (1639) de Josephus Longius ou os *Mysteria Numerorum* (1617) de Petrus Bungus (Bluteau, *Oraculum*, «Praeviae notiones»: 8). O teatino cita um conjunto de obras de referência, de tipo enciclopédico, que conheceram larga difusão, e que permitiam um acesso facilitado a informações de cariz erudito, compendiadas alfabeticamente. Dos três autores, Ravísio seria o mais divulgado, mas todas as obras, publicadas originalmente no século XVI, encontravam ainda acolhimento no século seguinte.

Porque a formação e desenvolvimento dos conceitos passava, em regra, pela aplicação das chamadas figuras de retórica, o corpo deste tratado é composto por um longo catálogo de tropos, cujo título aponta desde logo para uma técnica de potenciação do aproveitamento das fontes bíblicas: «Ejusdem Conceptûs Praedicabilis per insigniores oratorum figuras variatio» (*ibidem*: 29-115). Mas o processo não se esgotaria nas figuras de retórica, pois com a aplicação dos princípios combinatórios da *Ars magna sciendi* de Raimundo Lúlio

⁸ «Conceptus praedicabilis est argutia, ab ingenio Divino leviter involuta, ab humano ingenio scitè dilucidata, & sacri scriptoris auctoritate firmata» (Bluteau, *Oraculum*, «Praeviae notiones»: 2). Esta definição assemelha-se à registada no *Vocabulario*: «Conceito. Pensamento. Idea, imagem, que fórma o entendimento de alguma cousa. [...] Conceito. Parto do engenho. [...] Conceito predicativo. He huma argucia da mente divina, lèvemente encuberta debaixo de algum dos sentidos da sagrada Escritura, & sutilmente explicado pelo engenho humano, em ordem a alguma sentença, ou dóculo moral. [...]» (*Voc.*, s.u. CONCEITO). Como notou Maria Lucília Gonçalves Pires, Bluteau baseia-se na formulação consagrada por Emanuel Tesauro, no seu *Canocchiale Aristotelico* (1665): «un'argutia simbolica, leggiermente acenata dall'ingegno divino, leggiadramente svelata dall'ingegno humano e rifermata con l'autorità di alcun sacro scrittore» (citado por Pires, 1991: 129-130).

seria possível uma variação ainda mais significativa. Esta referência à combinação luliana constitui um aspecto relevante na história do pensamento filosófico português. As doutrinas de Raimundo Lúlio (c. 1230-1315) foram desde cedo conhecidas em Portugal, estando a difusão de textos atestada desde o século XIII. Todavia, no século XVII a sua repercussão não foi intensa, nem determinante, pelo que o contributo de Bluteau se revestirá de alguma notoriedade (cf. Caeiro, 1960, 1989).

No que respeita ao dicionário, este encontra-se dividido em duas secções. Em primeiro lugar, um índice dos temas dos conceitos predicáveis, extraídos dos diferentes significados das palavras bíblicas⁹; segue-se o reportório dos locais da sagrada escritura, sob a forma de concordâncias, que serviram para a elaboração dos conceitos predicáveis¹⁰. Nos artigos, Bluteau não se limita a listar uma série de ocorrências, pois estabelece distinções entre acepções, de modo a garantir que a temática que o orador pretende desenvolver está de acordo com o sentido da passagem bíblica.

MAGNIFICENTIA

ORACVLVM. Gloria. Honor. Maiestas. Omnipotentia.

Magnificentia, *Gloria*

Deut. 32. date magnificentia deo nostro [...]

Magnificentia, *Honor*

Psalm. 70. multiplicasti magnificentiam tuam

110. confessio et magnificentia op.a eius [...]

Magnificentia, *Maiestas*

1. Par. 17. fecisti omnem magnificentiam hanc

Esth. 1. ut magnificentia regia dignum erat [...]

Magnificentia, *Omnipotentia*

Deut. 33. magnificentia eius discurrunt nubes

1. Par. 29. tua est domine magnificentia [...]

A vinculação ao texto bíblico faz com que as «acepções» estabelecidas não possam ser directamente aplicadas num dicionário como o *Vocabulario*, em

⁹ «Themata conceptuum praedicabilium ex varia biblicarum dictionum significatione. Deprompta, et in primo, ac secundo tomo, litterarum ordine disposita». No volume impresso, ocupa as pp. 117-163 e inclui informação referente aos dois primeiros tomos (entradas ABALIENARE a FUROR).

¹⁰ «Loca sacrae scripturae quibus in primo, et secundo volumine utitur author ad themata conceptuum praedicabilium. Non servatur ordo bibliorum, sed vocum» (Bluteau, *Oraculum*: 164 e segs.).

que se valoriza a propriedade de sentido da língua latina, aferida com exemplos de autores do período clássico, que eram privilegiados nos dicionários latinos em que Bluteau se inspirou. Além das concordâncias, a maioria dos artigos alarga-se em informações históricas e culturais, e interpretações dos doutores da igreja a propósito de passos bíblicos. Neste aspecto em particular, o tipo de conteúdos seleccionados assemelha-se aos que podem ser encontrado no *Vocabulario*, com a ressalva de que no *Oraculum* são desenvolvidos com um pormenor e prolixidade que não tinham lugar na configuração tipológica de um dicionário de língua, ainda que universal. O confronto entre artigos revela coincidências, especialmente em entradas que evocam tópicos recorrentes no discurso religioso ¹¹.

Os dois dicionários têm em comum o facto de servirem de auxílio à composição literária, constituindo um precioso suporte à elaboração do discurso nos moldes barrocos, facilitando a amplificação e a variação, de acordo com os gostos vigentes. Mas o *Oraculum*, porque é especificamente orientado para esse fim, amplifica o mesmo tópico que no *Vocabulario* surge sob a forma de síntese. Tendo em conta que as obras foram elaboradas simultaneamente, é possível aceitar o cruzamento de dados aquando da escrita dos artigos, aproveitando e traduzindo para o dicionário português um conjunto de notícias que na tradição escrita circulavam em latim.

*

O levantamento dos principais aspectos biográficos permitiu concluir que o *Vocabulario*, ao contrário da maioria dos dicionários monumentais editados nos séculos XVII e XVIII, não teve a sua origem num projecto institucional ou colaborativo. O interesse de Bluteau pela composição de uma obra de tipo dicionarístico corresponde a uma motivação pessoal, que terá sido estimulada pela convivência com os teatinos portugueses, responsáveis por um conjunto de trabalhos de reflexão metalinguística. Na sua génese, o *Vocabulario* é somente um dos diversos exercícios lexicográficos que se produziram na Casa da Divina Providência, que apenas se distinguiu dos demais pelo esforço sistemático de abonação em textos portugueses; todavia, foi o único que conheceu continuidade e suplantou o carácter elementar dos dicionários bilingues ou glossários de que há notícia. Aos mais eruditos dos teatinos, além das funções

¹¹ Cf., por exemplo, *Oraculum*, s.u. SERPENS e *Voc.*, s.u. SERPENTE.

eclesiásticas, foram atribuídas tarefas no âmbito da diplomacia estrangeira e dos negócios públicos, que impediram uma dedicação intensa como a que foi possível dispensar ao *Vocabulario*, a partir do momento em que as suspeições políticas afastaram o autor da esfera da corte.

Bluteau participou as etapas desse labor a uma comunidade alargada de nobres e clérigos ilustrados, e por esse facto o dicionário não deverá ter sido encarado com reservas no que respeita à qualidade da informação reunida, sobretudo a partir do momento em que foi implicitamente sancionado pelo rei. De resto, a imagem de autoridade em questões de língua já vinha sendo construída antes da edição do dicionário, graças às intervenções académicas.

O *Vocabulario* reflecte uma leitura do património dicionarístico, mas também uma envolvência discursiva (estética, literária, retórica), que justifica o conjunto textual e paratextual, bem como as características materiais da obra. Pode mesmo reconhecer-se uma coerência entre o estilo de redacção do *Vocabulario* e as reflexões académicas de Bluteau sobre questões estéticas: é lícito o investimento retórico num texto que pretende ser informativo, desde que não obscureça os conceitos. Na concepção de Bluteau, decerto não haveria distinção entre o «leitor douto» que apreciava as *Prozas Portuguesas* e o leitor do seu dicionário.

II

DEFINIÇÃO DO DICIONÁRIO

1. ENQUADRAMENTO TIPOLÓGICO DO VOCABULARIO

No período que medeia entre o início da compilação do *Vocabulario* e a publicação ocorrem mudanças significativas no panorama da lexicografia europeia, com o surgimento de obras que se transformam em modelos de referência, e com a afirmação de novas tendências na elaboração dicionarística. Os dicionários reformulam-se e reinventam-se, de acordo com os gostos de novos públicos e pela intervenção dos editores, que pressentem o interesse por obras que organizem informação de tipo enciclopédico, em língua vernácula. Este movimento editorial foi particularmente activo em França, acompanhando o ascendente político e linguístico do país, mas também se fez sentir em Inglaterra, na Itália e na Alemanha. O facto de a *Prosodia* ter sido, durante quase 80 anos, a mais moderna e quase única realização da lexicografia portuguesa, demonstra o claro desfasamento do mercado editorial nacional no que respeita à variedade tipológica e ao investimento na descrição do português.

Bluteau procurará o enquadramento tipológico do *Vocabulario* em exemplos da mais actual e prestigiada lexicografia francesa. A lista das obras lexicográficas publicadas em França, ou relativas à língua francesa, entre 1670 e 1720, ilustra a vitalidade do mercado editorial e a apetência do público por este género de textos¹. Alguns desses títulos essenciais são frequentemente citados no *Vocabulario*:

1671 — F. Pomey, *Dictionnaire royal augmenté*, Lyon.

1673 — P. Danet, *Dictionarium novum latinum et gallicum*, Paris.

¹ Cf. o repertório de Quemada, 1968: 574-580, que não é exaustivo e exclui, por exemplo, os dicionários históricos.

- 1674 — L. Moreri, *Le grand dictionnaire historique*, Lyon (1.^a ed.).
- 1680 — P. Richelet, *Dictionnaire françois contenant les mots et les choses*, Genève.
- 1681 — *Ambrosii calepini dictionarium*, Lyon.
- 1683 — P. Danet, *Nouveau dictionnaire françois et latin*, Paris.
- 1684 — C. de Rochefort, *Dictionnaire général et curieux de la langue françoise*, Lyon.
- 1689 — P. Tachard, *Dictionnaire nouveau, François-Latin*, Paris.
- 1690 — A. Furetière, *Dictionnaire universel*, La Haye.
- 1691 — A. Pomey, *Le Dictionnaire royal, augmentè de nouveau*, Lyon.
- 1694 — T. Corneille, *Dictionnaire des arts et des sciences*, Paris.
- 1694 — *Dictionnaire de l'Académie françoise*, Paris.
- 1697 — P. Bayle, *Dictionnaire historique et critique*, Rotterdam.
- 1699 — L. Moreri, *Le grand dictionnaire historique*, Paris (9.^a ed.).
- 1704 — *Dictionnaire universel françois et latin*, Trévoux.
- 1721 — *Dictionnaire universel françois et latin*, Trévoux (2.^a ed.).

Na década de 80, os principais dicionários franceses eram bilingues (francês-latim) e caracterizavam-se pela predominância de informação linguística, tendo em vista o uso nos colégios dos jesuítas (cf. Quemada, 1998: 50-51). Todavia, na década de 90, além do *Dictionnaire de l'Académie* (1694), publicaram-se grandes obras destinadas ao público culto e urbano que destacavam a informação de tipo enciclopédico, principiando com Furetière (1690), e culminando com a reedição ampliada de Moreri (1699).

A leitura destes dois últimos dicionários marcou profundamente Bluteau, ao ponto de motivar uma inflexão considerável nos objectivos previamente definidos para o *Vocabulario*. Nos 10 anos seguintes, o teatino rescreverá o seu dicionário, procurando incorporar numa síntese funcional modelos tão díspares como o prático e pedagógico *Dictionnaire Royal* (1691) de Pomey e o monumental e prolixo Moreri. A tipologia do *Vocabulario* poderá encontrar-se nessa sobreposição sincrética de diversos dicionários, por sua vez tipologicamente distintos.

No fim do século XVII, a dicionarística monolingue francesa ainda não conhece normas tipológicas suficientemente delimitadas, e, na prática, apenas uma pequena parte dos lexicógrafos acaba por respeitar na íntegra as opções inicialmente estabelecidas. Daí que, na análise das obras deste período, se admita a confluência de várias tendências num mesmo dicionário (Quemada, 1968: 76-77).

Considerando o conteúdo global das obras, Bernard Quemada adopta, para a época em estudo, a distinção entre dicionários de coisas e dicionários de palavras. Estes últimos poderiam registar informações relativas ao género gramatical das palavras, forma gráfica e sonora, filiação etimológica, significado, valores expressivos, emprego, grau de especialização, pertença aos diversos campos de linguagem. Os dicionários de coisas — ou de noções, segundo a designação do século XVIII — reportam-se àquilo de que a palavra é uma representação, seja uma ideia ou uma coisa, aduzindo informações acerca da origem, causas, história, funcionamento ou uso (*ibidem*: 77) ².

No prólogo do *Supplemento*, Bluteau apresenta uma tipologia que contempla três géneros — históricos, de coisas, universais — que são definidos a partir das características dos dicionários que considera modelares. O critério distintivo parece atender mais ao tipo de nomenclatura seleccionada e não ao teor da informação que é dada acerca das unidades lexicais. A designação de «universal» é associada a uma obra que reúne a nomenclatura típica de dicionários de coisas e históricos, o que explica a equiparação entre o *Dictionnaire de l'Académie* e o *Dictionnaire Universel*:

Se o Vocabulario for Historico, como o de Luiz Moreri, nos nomes das pessoas insignes, e dignas da memoria da posteridade, se achará hum compendio da sua historia.

Se o Vocabulario for de cousas, e não de pessoas, como o do Abbade de Furetiere, ou da Academia da lingua Franceza, nos nomes de todas as coisas corporeas, e incorporeas se acháraõ as suas mais singulares propriedades.

Se o Vocabulario for como o do Lexicon Universal de Hofman, achará o Leitor noticias das pessoas juntamente, e das cousas, e andarã advertido nas materias concernentes à pureza da Fé, porque o Author não he Orthodoxo. Este meu Vocabulario, como não he de pessoas, nele só se acharãõ os nomes de alguns Numes, ou Heroes, e Personagens fabulosas, cujo conhecimento me pareceo preciso para os Poetas, e Mythologicos. Porém de todas as cousas, que me vieraõ à noticia, faz o dito Vocabulario mençaõ (*Supp.*, I: «Ao muito alto,... Rey, D. Joaõ»).

² A propósito da tipologia de dicionários e obras de referência paralexigráficas, Hartmann e James (2001, s.u. TYPOLOGY) distinguem dicionários gerais e dicionários especializados, integrando em cada um dos grupos obras de informação linguística e obras de informação factual (do inglês *factual information*). Por exemplo, um dicionário de língua é um dic. geral linguístico, uma enciclopédia é um dic. geral factual, um dicionário de provérbios é um dic. especializado linguístico e um dicionário de história é um dic. especializado factual.

Em bom rigor, o *Vocabulario* não se insere em nenhum destes géneros, tal como são descritos e exemplificados. Seria um dicionário de coisas, mas não equiparável a Furetière, e muito menos ao dicionário da Académie. A caracterização mais coerente e informativa surge no texto que introduz o «Vocabulario de Vocabularios», onde se encontra a distinção entre dicionários históricos e dicionários verbais, pormenorizando e confrontando a nomenclatura de cada um dos géneros. Se a informação referente aos históricos é semelhante ao que esparsamente vinha escrevendo nos prólogos, no caso dos dicionários verbais verifica-se uma descrição mais alargada e completa que, no fundo, coincide com as características do *Vocabulario*:

Muita differença vay de Diccionarios Historicos aos que chamo verbaes; estes ensinaõ o uso das palavras, aquelles daõ noticia das pessoas. **Diccionarios Historicos envolvem, e revolvem os tempos passados, e trazem à memoria os sucessos de todas as idades, as fundaçoens, augmentos, e declinaçoens dos Reinos, e das Republicas;** o principio, e a extinctão das familias, e geralmente tudo o que pertence à Religião, às ceremonias, ao governo, aos costumes [...]

Pelo contrario em **bons Diccionarios de Linguas, ou (como já lhes chamey) Verbaes, se achão todas as disciplinas com os termos, de que usaõ, alfabeticamente explanadas;** apparecem descripçoens das plantas, dos animaes, dos insectos, dos Mineraes, dos metaes, das pedras brutas, e finas, das drogas naturaes, e artificiaes; nestes mesmos Theatros da locuçaõ, e da erudiçaõ fazem seu papel a Theologia Moral, e Escolastica, a Jurisprudencia Civil, e Canonica, a Geometria, a Geografia, a Hydografia [*sic*], a Astronomia, a Gnomonica, a Musica, a Optica, a Catoptrica, a Dioptrica, e Perspectiva, a Pintura, a Escultura, a Architectura civil, e militar, a Statica, Tactica, e Pyrothecnica; a estas se ajuntaõ a Nautica, a Caça, a Altenaria, ou Alta volateria, a Pesca, a Agricultura, a Armeria, a Rhetorica, e a Poesia com etymologias, com Adagios, e termos de Naçoens do Oriente, e do Occidente tirados das Relaçõens, que ficaraõ de curiozos, que por terras estranhas andaraõ (*Supp.*, II: «Vocabulario de vocabularios»).

Sublinhe-se que Bluteau se refere aos «bons Diccionarios de Linguas», que são aqueles em que a vertente universal se encontra largamente representada, o que constitui uma depreciação implícita de uma lexicografia mais exclusivamente linguística, como o dicionário da Académie. A descrição lembra inevitavelmente alguns dos domínios lexicais inscritos na portada do *Vocabu-*

lario, mas registam-se expressões significativas como «todas as disciplinas», «aparecem descriçõens», «Theatros da locuçaõ, e da erudiçaõ», que apontam para a ultrapassagem do modelo configurado por Furetière. Desde 1690 até cerca de 1720 o paradigma de dicionário universal já evoluíra, e esse progresso foi incorporado no *Vocabulario*.

1.1. Dicionário universal

O aumento da informação de tipo enciclopédico — orientada mais para a descrição do mundo referencial, do que para as palavras que significam essa realidade — verificava-se na lexicografia latina desde o século XVI e acentua-se nos dicionários bilingues do século seguinte. Com a transição para obras monolíngues, a prática está de tal modo enraizada que os dados extralinguísticos permanecem como um complemento valorizado e apreciado, ampliando a glosa e integrando a própria definição.

Em consequência, os artigos também crescem em extensão, incluindo diversos temas que são recuperados e acumulados a partir de dicionários anteriores. Como refere Bernard Quemada (1968: 86), a disparidade que recobre a noção de enciclopedismo torna-se, em pouco tempo, quase ilimitada, autorizando a multiplicação de notícias científicas, receitas para a vida prática e notas de economia doméstica. Este é um período de experimentação, que antecede o esforço de avaliação global e crítica da informação, que caracterizará a prática dos enciclopedistas franceses da segunda metade do século XVIII.

A partir do dicionário universal de Furetière, a vida quotidiana e a diversidade de artes e ciências são centros de interesse nos novos dicionários monolíngues. A preocupação é registar, numa única obra, o maior número possível de palavras que, no seu conjunto, permitam aceder a informações acerca de uma realidade em mudança. Se em 1685 Furetière entra em conflito com os académicos para defender a utilidade do seu dicionário universal, poucos anos depois o modelo é largamente aceite, copiado e adaptado por vários lexicógrafos europeus, entre os quais Bluteau³.

O teatino não adopta no título a designação «universal», mas na página de rosto e nos prólogos salientam-se muitos pontos de contacto com Furetière, expressando a firme crença de que o dicionário não se pode limitar a

³ Sobre características específicas da obra de Furetière, cf. adiante cap. II.2.1.

proporcionar o acesso às palavras, mas antes oferecer uma definição que informe acerca das propriedades do referente:

Muito menos trabalhosa, e menos util he a composição dos Vocabularios de duas, ou tres linguas, que unicamente trazem as palavras, que de hum idioma correspondem às de outro, [...] Em poucos mezes, e com pouco trabalho se póde fazer hum Vocabulario destes; mas desta summa esterilidade, que proveito póde tirar o Leitor? [...] para a sciencia pouco importa. Que importa, que em Ingles, e em Alemão, ou em outras linguas eu saiba como se chama hum Thermometro, se realmente não sey outra cousa delle, que o seu nome, nos ditos idiomas. Vocabularios proveitosos, são os que declaraõ a natureza, virtudes, e propriedades das cousas, que os vocabulos significaõ (*Supp.*, I: «Ao leitor estrangeiro»).

A declaração da «natureza, virtudes, e propriedades das cousas, que os vocabulos significaõ» contrasta com o reconhecimento da natureza dos vocábulos que significam as coisas, promovido especialmente a partir da *Grammaire generale et raisonnée* (1660). Este é um entre muitos passos claramente inspirados no prólogo do *Dictionnaire Universel*: «Car, que me sert de pouvoir nommer en plusieurs façons une même chose, si je ne suis capable d'en donner une bonne definition? Que m'importe, par exemple, qu'un niveau ait un tel nom en Latin, en Grec, en Alleman, en cent autres langues differentes, si je ne sais que c'est au fond qu'un niveau?» (Furetière, *Dictionnaire Universel*, 1690: «Preface»). Tal como defendia Furetière, à partida um dicionário universal não admite excepções, daí que, para Bluteau, «Vocabulario universal he huma nomenclatura de tudo, o que comprehende em si o universo. Areas, & atomos são partes deste, & como tem nome, tem direito para terem nos Vocabularios o seu lugar» (*Voc.*, I: «Ao leitor douto») ⁴. Com a consciência de que não é possível alcançar a exaustividade absoluta, a prioridade é uma representação satisfatória dos diversos domínios do léxico. Assim, ambos sublinham que os seus dicionários compreendem os termos de todas as artes e ciências: Furetière fá-lo em subtítulo, Bluteau declara-o no prólogo ⁵.

⁴ Cf. a expressão de Furetière: «l'universalité ne souffre point d'exception» (Furetière, *Factums*, I, 1694: 23).

⁵ Bluteau: «tras este Vocabulario os termos proprios de todas as sciencias Humanas, & Divinas, & de todas as Artes liberaes, & Mecanicas com definiçoens, ou descripçoens, que em breves palavras claramente expoem a substancia dellas» (*Voc.*, I: «Ao leitor douto»); o *Dictio-*

À semelhança do *Dictionnaire Universel*, a página de título do *Vocabulario* aponta para um conteúdo de natureza enciclopédica — subordinado à configuração do dicionário de língua — em que os longos subtítulos são tentativas de uma catalogação dos ramos do conhecimento contemplados. Ainda assim, Bluteau não se limita a copiar Furetière, e as diferenças são dignas de nota ⁶.

Os subtítulos de Furetière são uma sequência de parágrafos, numa enumeração textualizada, em que se ensaia uma hierarquização dos saberes. De acordo com a leitura de André Collinot (1985: 15-16), o primeiro grupo refere-se ao homem e ao mundo, incluindo como subcategorias o espírito («La Philosophie, Logique...»), o corpo («Physique; la Medecine, ou Anatomie...») e a natureza («Botanique, ou l'Histoire naturelle des Plantes e celle des Animaux, Mineraux, Metaux & Pierreries...»). Segue-se a sociedade e as suas leis («la Jurisprudence Civile & Canonique, Feodale & Municipale...»); as ciências e as suas aplicações («Les Mathematiques, la Geometrie, & l'Algebre... l'Astronomie, l'Optique...»). Por fim, as belas artes («Les Arts, la Rhetorique, la Poësie, la Grammaire, la Peinture...») e as técnicas («la Marine, le Manege, l'Art de faire des armes... & la plus-part des Arts mechaniques»).

Em Bluteau, somente a designação *Vocabulario Portuguez e Latino* merece destaque em caixa alta, seguindo-se uma sucessão de 57 epítetos, ordenados alfabeticamente, que completam o título. Emprega apenas adjetivos, derivados de formas nominais que, na sua maioria, são neologismos marcados pela erudição greco-latina e certamente de difícil descodificação, demonstrando assim a aptidão da língua portuguesa para tratar todas as matérias científicas mantendo o requinte formal. Alguns dos termos nem se encontram na nomenclatura do *Vocabulario* (*dendrologico*, *hierologico*, *lithologico*, por exemplo), o que explica a preocupação do lexicógrafo em descodificar os adjetivos selecionados, no prólogo «Ao leitor impertinente» (*Voc.*, I). Mais do que a acessibilidade do discurso, preocupa-o a harmonia estética da página e a enumeração retoricamente bem conseguida, de modo a «evitar circunloquios, e com sucinta elegancia abreviar discursos» (*Supp.*, I: «Ao leitor pseudocritico») ⁷.

naire Universel, em subtítulo: «Contenant generalement tous les mots françois tant vieux que modernes, & les Termes de toutes les Sciences et des Arts».

⁶ Cf. cap. II.3.1., figs. 6 e 8.

⁷ «Se assim como nos permite o idioma Portuguez, que digamos Aulico, Architectonico, Bellico, Florifero, Fructifero, Nautico, Numerico, Syllabico, &c. aos Francezes lhe dera o seu idioma faculdade, para dizer *Aulique*, *Architectonique*, *Florifere*, *Fructifere*, *Nautique*, *Numerique*, *Bellique*, *Syllabique*, &c. quem estranharia, que usassem destes, e outros semelhantes termos» (*Supp.*, I: «Ao leitor pseudocritico»).

Somente uma parte destes epítetos coincide com designações comuns de dicionários terminológicos — histórico, geográfico, farmacêutico, ... — pelo que não estamos perante uma descrição das partes do todo. É possível dividi-los em dois grupos: os que indicam domínios do léxico (cf. quadro 1) e os que enunciam características relativas à tipologia e técnica lexicográfica (cf. quadro 2).

QUADRO 1

Domínios lexicais expressos na folha de rosto do *Vocabulario*

i) mundo natural	Anatomico, Botanico, Dendrologico, Florifero, Forense, Fructifero, Geographico, Hydrographico, Ithyologico, Lithologico, Meteorologico, Ornithologico, Uranologico, Zoológico.
ii) actividades humanas	Architectonico, Bellico, Chimico, Ecclesiastico, Economico, Geometrico, Gnomonico, Liturgico, Medico, Musico, Nautico, Numerico, Optico, Pharmaceutico, Rustico, Therapeutico, Technologico.
iii) tradição da erudição humanista	Dogmatico, Dialectico, Hierologico, Poetico, Philologico, Rhetorico, Symbolico, Theologico.
iv) registos linguísticos	Aulico, Cómico.
v) estrangeirismos / neologismos	Brasilico, Indico, Neoterico, Xenophonico.

Os domínios do mundo natural e das actividades humanas coincidem, de uma forma geral, com os tópicos a que Furetière concedia particular destaque, e que justificavam a ênfase nas ciências e nas artes.

As diferenças principiam com os domínios reunidos em iii), que no *Dictionnaire Universel* têm um tratamento muito modesto. A sua presença destacada no *Vocabulario* pode ser classificada como uma herança da tradição erudita humanista, já que representam um tipo de informação valorizada pela lexicografia latina. É o caso da terminologia relativa à reflexão filosófica e teológica, «aos Dogmas, & materias concernentes à Fê, & pontos de Religião; à Logica, ou Dialectica [...] a toda a Theologia Escholastica, & Positiva». A mesma tradição justifica a recolha dos termos que codificam a dimensão estético-retórica da linguagem: o *Vocabulario* é filológico porque «nelle se explicam vozes Grammaticaes para a propriedade, & elegancia da locução, termos de Poesia vulgar, & Latina, & tudo, o que pertence a Humanidades, & amena litteratura»; é simbólico pela informação relativa a «motes, devizas, Emblemas,

Jeroglyphicos, & Symbolicas imagens»; é retórico «porque traz os nomes de todos os tropos, & figuras da Rethorica» (*Voc.*, I: «Ao leitor impertinente»).

No grupo iv), sob a designação de registos, encontra-se a distinção entre os extremos na gradação dos «níveis de língua» admitidos na nomenclatura: o áulico, «palavras próprias dos Palacianos, officios, & manejos da Corte», e o cómico, «palavras chulas, rifoens, & annexis do vulgo, proprios de comedias, & farças» (*ibidem: loc. cit.*). Por fim, em v), os estrangeirismos, realçando em especial o léxico introduzido por via dos contactos com o Brasil e a Índia. Neste grupo considerou-se também o epíteto «neoterico», associado pelo autor às «palavras novamente introduzidas no idioma Portuguez», o que inclui os termos estrangeiros que o uso admitiu.

Os restantes epítetos não remetem para as características da nomenclatura, mas para o tratamento dicionarístico que é concedido às unidades lexicais. Uma vez descodificados pelo autor, os termos aproximam-se do que actualmente se designa por categorias de informação⁸ (cf. quadro 2):

QUADRO 2
Termos metalexigráficos na folha de rosto do *Vocabulario*

Critico	«he Critico, particularmente no uso de algumas diçoens latinas, cuja significaçam he ambigua».
Etymologico	(não comenta).
Homonymico	«expoem todo o genero de Equivoco».
Isagogico	«neste [dicionário] se definem, & explicam todos os termos, que introduzem ao conhecimento de todo o genero de sciencias, & doutrina».
Laconico	porque « hum bom Diccionario, breve, & substancialmente trata de tudo».
Ortographico	(não comenta).
Syllabico	«Sobre as palavras, que podem causar embaraço na pronunciaçam, há sinaes».
Synonymico	«ou vozes, que, aindaque diversas, significam o mesmo».
Romano	«porque traz o latim, lingoa propria, & natural dos Antigos Romano».

⁸ Cf. Hartmann e James, 2001, s.u. INFORMATION CATEGORY.

Bluteau enumera categorias de informação de tipo linguístico, referentes à etimologia, prosódia, sinonímia (relação com outras unidades lexicais), ortografia, marcas de uso (estilísticas), tradução (relação com unidades lexicais de uma língua segunda, o latim). Por sua vez, os termos *lacónico* e *isagógico* aludem às características da definição de um dicionário universal, que deveria conjugar a brevidade com a necessidade de explicar a substância e «introduzir ao conhecimento», o que pressupõe uma informação extralinguística de tipo enciclopédico ⁹.

E foi precisamente a valorização das informações que complementavam a definição que motivou o sucesso editorial dos dicionários universais em França. Quando Bluteau afirma que «tem este livro respostas promptas, & correntes para tuas duvidas. Primeiro te cançaràs tu em buscar, & perguntar, que elle em apontar, & responder», não se restringe à questão do significado (*Voc.*, I: «Ao leitor douto»). No seu entender, a perfeita compreensão do significado já não dispensava as informações adicionais, que faziam do dicionário uma obra tão útil e instrutiva quanto os livros de onde as notícias haviam sido retiradas. O teatino apresenta o dicionário como o índice de uma biblioteca, não porque descodificasse a língua escrita, mas porque era uma súpula autorizada do conhecimento nela contida:

[...] e assim para a intelligencia de todo o genero de palavras, hum bom Vocabulario he hum Indice de todos os Indices de huma grande Livraria; he hum thesouro, em que se acha junto, o que anda em muitos cofres dividido; he a ucharia dos pastos do entendimento, a guardaroupa das sciencias, o armazem das noticias, e o **banquete universal de toda a sabedoria** (*ibidem, loc. cit.*).

O dicionário universal é um instrumento facilitador, que não pretende acrescentar nada que não tenha sido dito por outra autoridade, seja ela um dicionário, um autor clássico ou o mais actual tratado científico. A prova da erudição e competência do lexicógrafo reside na qualidade da compilação, seleccionando e transcrevendo com fidelidade as notícias mais relevantes. Assim,

⁹ Não se incluiu em nenhum dos grupos os epítetos *qualitativo*, *quantitativo* e *quidditativo*, cujo significado o lexicógrafo não esclarece de forma inequívoca (cf. *Voc.*, I: «Ao leitor impertinente»). A interpretação mais plausível é que se relacionem com a nomenclatura, que incluiria os nomes que significam quantidades, qualidades e essências.

porque confia na autoridade da tradição invocada, o leitor do dicionário aprenderá com mais facilidade do que se recorresse aos textos originais.

[...] porem com a pratica deste vocabulario, aprenderàs sem trabalho, e alcançaras sem estudo, o que grandes Mestres, & famosos cathedra-ticos ignorão: sem tomar delles postilla, entenderàs os termos, com que se explicaõ; e juntamente lhes poderàs ensinar muitos, que elles ignoraõ. Em todas as artes fallaràs, como Mestre; & como jubilado, em todas as sciencias; poderàs seguir, & proseguir os discursos dos mais scientes, em todas as facultades te dará a tua erudição, com que sustentar a pratica, & com o commercio das letras, em toda a Região escolastica faràs escala (*Voc.*, I: «Ao leitor indouto»).

Nesta ambição de uma síntese do conhecimento — por enquanto desestruturada e pouco crítica — reconhecem-se as origens imediatas da Enciclopédia, mas o modelo acumulativo permanecerá em toda a primeira metade do século XVIII.

1.2. Dicionário bilingue

Até finais do século XVII, a grande maioria dos dicionários publicados em França era bilingue. O *Dictionnaire François* (1680) de Richelet permaneceu, por mais de dez anos, como a primeira e única excepção, mas tratava-se de uma obra editada na Holanda, para escapar ao privilégio da Academia. Esta restrição condicionou os lexicógrafos a organizarem os seus léxicos bilingues de modo a que suprissem as funções de uma obra monolingue. Daí que, para os consulentes, o facto de um dicionário ignorar completamente a informação latina não era necessariamente interpretado como uma vantagem. Bernard Quemada (1968: 47) classifica algumas destas obras como «falsos bilingues», uma vez que a informação sobre a língua antiga pode ser tão sucinta que se reduz a um complemento, numa glosa essencialmente monolingue.

O *Vocabulario* foi concebido, inicialmente, como um dicionário bilingue, em que à valorização da língua vernácula se somava o incremento na quantidade e qualidade da informação latina; o ímpeto enciclopédico, atrás referido, é posterior. Encarando o latim como categoria de informação linguística, a sua função primária é a tradução do lema. Mas, porque beneficiava de uma amplíssima codificação gramatical e lexicográfica, o paralelo com o português contribuía para a inteligência do significado do vernáculo. Os autores franceses, e

com eles Bluteau, valorizavam este aspecto, afirmando que deste modo os estrangeiros acediam à compreensão da língua de entrada, por intermédio do latim. Mas, em bom rigor, a tradução substituía muitas vezes a definição, simplificando a tarefa do lexicógrafo. Em simultâneo, o paralelo sublinhava a origem do português no latim, permitindo especulações etimológicas sobre os sentidos primitivos das palavras, justificar ortografias e estruturas sintáticas e, em síntese, enobrecer o vernáculo. Argumentos similares justificaram a introdução do latim no *Dictionnaire Universel* de Trévoux. Este dicionário recupera parte da informação de Furetière, que era monolíngue, mas insere nos artigos a tradução do lema em latim (cf. *Dictionnaire universel françois et latin*, 1721, «Preface»: iv).

O dicionário pretendia ir além do simples confronto entre línguas, funcionando como um auxiliar à composição literária em latim, para o que reunia exemplos de passagens e construções sintáticas dos autores latinos de melhor nota. Neste domínio, Cardoso, Barbosa e o *Thesouro* dedicavam às citações um espaço muito limitado, e a *Prosodia*, de acordo com a avaliação de Bluteau, era uma mistura de palavras «Latinas, e alatinadas, proprias, e barbaras, antiquadas, e novas» (*Supp.*, II, «Apologia»: 583).

O teatino, aluno dos jesuítas de La Flèche e das universidades italianas, não esconde a perplexidade perante a má qualidade das composições em latim elaboradas pelos portugueses, uma falha que atribuía à falta de estudo¹⁰. Na dedicatória ao rei, Bluteau sublinha que os seus vassallos possuem agora um instrumento que lhes permitirá «formar discursos, escrever cartas, & compor livros em latim com facilidade, & elegancia» (*Voc.*, I: «Ao muyto alto... Rey Dom João»). A fonte da «verdadeira língua latina» era o trabalho dos lexicógrafos franceses e italianos que, ao longo do século XVII, depuraram a qualidade das recolhas monolíngues, publicando as sucessivas edições do *Calepino*. De entre várias, elege a edição de Lyon (1681) como paradigma de uma selecção autorizada pelo labor filológico, princípios que tenta transpor para o *Vocabulario*:

A universal aceitação, e as muitas edições do Dicionario de Calepino me obrigáráo a tomallo por exemplar do meu Vocabulario. [...] trago

¹⁰ «Considerey o pequeno numero dos que neste Reyno se applicaõ ao Estudo da verdadeira Lingua Latina; o Latim das nossas Escolas, [...] usado dos seus Cathedaticos, ordinariamente he barbaro; entre nõs orações Academicas em Latim saõ raras, em bom Latim, rarisimas; poucos imitadores tem o Cicero da Lusitania, Ozorio; huns bestamente presumidos pela analogia, ou semelhança das palavras adivinhaõ, ou querem adivinhar o Latim, que ouvem» (*Supp.*, II, «Apologia»: 584).

toda a frase Latina, que pude achar, para os que quizerem compor em Latim, e nisto com particular estudo procuro imitar a Calepino, que não só explica todo o genero de palavras Latinas, mas tambem traz as differentes acceções dellas, e com fidelidade allega com os bons Autores, que usáráo delles, e até os lugares aponta (*Supp.*, II, «Apologia»: 556-557).

Ao contrário da *Prosodia*, no *Vocabulario* não há a intenção de garantir que tudo possa ser dito em latim, seja porque o referente não existia na Antiguidade, seja porque o termo que a tradição medieval forjara não se encontrava registado em autores do período clássico. A mesma preocupação estende-se à sintaxe e às expressões retoricamente marcadas, que motivam frequentes citações de longos excertos exemplificativos. O cânone de Bluteau encontra-se definido na «Summaria noticia dos antiguos autores latinos citados nesta obra para exemplares da boa latinidade» (*Voc.*, I). Além deste latim literariamente autorizado, admite toda uma série de expressões criteriosamente fabricadas, de modo a exprimir realidades que o latim clássico não conhecia: «Em varios lugares desta obra tomei o trabalho de exprimir com periphraisis, & circumloçoens latinas os nomes Portuguezes de varias Artes liberaes, & mecanicas, que não tem latim proprio; mas conhecendo por experiencia a inutilidade deste trabalho, por serem materias, que rarissimas vezes correm em discursos latinos, resolvime a deixar o latim dellas em branco» (*Voc.*, I: «Ao leitor impertinente»).

A vertente bilingue do *Vocabulario* ultrapassa claramente o âmbito da simples tradução; não basta ao consulente saber como se diz, mas sim a forma mais correcta de se expressar nos estilos *levantado*, *poético* e *oratório*, de acordo com as designações da época. É possível enquadrar este modelo no conceito de formação desenvolvido e praticado nos colégios jesuítas franceses, e que se reflectia nas suas obras pedagógicas e lexicográficas. Falar e escrever correctamente o latim — a gramática latina — era apenas o passo que antecedia o estudo da retórica, em que só o conhecimento profundo dos autores desenvolvia a capacidade de distinguir as palavras adequadas à poesia, história ou oratória em geral, a par do domínio de todo um fundo de expressões destinadas a ornamentar o discurso ¹¹.

¹¹ Sobre a relação entre a aprendizagem do vocabulário latino e o ensino da retórica, nos colégios dos jesuítas em França, cf. Girardin, 1995: 21-22.

Neste modelo de dicionário bilingue, cultivado pelos jesuítas franceses ao longo do século XVII, a acumulação de informação latina surge em sucessivas subentradas, como se a palavra-lemma mais não fosse que uma chave para aceder a domínios semânticos latinos amplos e diversificados. Como se notará oportunamente, em grande número de casos o resultado não será uma descrição do português, mas um reagrupamento de traduções de expressões latinas (cf. cap. IV.2.2).

2. O CÂNONE DA LEXICOGRAFIA EUROPEIA

O modelo do *Vocabulario* deve mais a uma assídua e interessada leitura de dicionários do que a uma teorização lexicográfica com alguma consistência e originalidade. Não se exigiria que Bluteau tivesse produzido uma reflexão com a envergadura e a acuidade de Furetière, mas o facto é que, por mais que discorra sobre a obra, a língua e os dicionários, não esclarece a questão fundamental que é a definição dos limites tipológicos.

Em geral, os lexicógrafos do século XVII ou eram pedagogos, ou trabalhavam sob a égide de uma academia regulamentadora; estes contextos de produção impunham condicionalismos programáticos e materiais que unificavam o dicionário, a que se acrescentava um controlo *inter pares* decorrente de um trabalho colaborativo. Não é o caso de Bluteau, um erudito que, por necessidades do percurso religioso e universitário, aprendeu as línguas clássicas e as principais línguas vivas europeias, e que — herança da formação jesuíta — valorizava o domínio da palavra e conhecia o valor utilitário e simbólico dos dicionários. O interesse pelas línguas e pela sua codificação confunde-se com o fascínio de bibliófilo pelo universo dicionarístico, que se concretiza sob a forma de uma colecção de obras, em várias línguas e de vários tipos.

O vasto catálogo de obras lexicográficas que Bluteau apresenta no fim do segundo *Suplemento* não é uma lista das fontes do *Vocabulario*, ainda que seja admissível que o autor efectivamente conhecesse uma grande parte dos títulos que cita. Na «Apologia» declara possuir na sua cela cerca de 60 dicionários, a que se devem somar as obras da biblioteca dos teatinos e aquelas com que contactou ao longo do período de formação e aprendizagem de línguas, em Paris e Itália. Tudo indica que não usou com semelhante assiduidade todas as

obras mencionadas neste repertório excessivo, mas decerto conhecia a quase totalidade dos títulos e possuía, ou teria acesso facilitado a uma boa parte. Muitas dessas obras eram do início do século XVII, ou mais antigas, e constituíam uma fonte de informação erudita, mas representavam modelos de tratamento dicionarístico cada vez menos apreciados. Os dicionários circunscrevem-se quase exclusivamente ao âmbito do latim e das principais línguas românicas e a selecção incide apenas sobre «os melhores, e mais usados» (*Supp.*, II: «Vocabulario de vocabularios»). Bluteau demonstra um amplo horizonte de referência, recenseando os textos fundamentais da dicionarística latina europeia dos séculos XVI e XVII, os primeiros grandes dicionários de vernáculo e a diversidade de léxicos especializados que surge nos finais do século XVII.

Em preâmbulo ao «Vocabulario de vocabularios», propõe uma caracterização tipológica mais coerente e sustentada por exemplos esclarecedores, se comparada com os textos dos prólogos (cf. cap. II.1). Distingue dicionários históricos e verbais (de língua), ressaltando que os melhores destes últimos são aqueles em que «se achão todas as disciplinas com os termos, de que usaõ», com definições de tipo enciclopédico (*ibidem: loc. cit.*). Todavia, no catálogo as obras são distribuídas de acordo com as línguas que descrevem, e não segundo o tipo de informação que oferecem. O inventário admite qualquer obra que recolha informação de tipo dicionarístico, independentemente do título ¹.

No total, são 144 títulos de impressos, com a indicação adicional de 8 obras manuscritas de autores portugueses, que permaneceram inéditas e se perderam ². O número real de obras será ligeiramente inferior, pois por vezes

¹ «Resta advertir que ainda que alguns Vocabularios, ou Dictionarios, dos que se seguem tenhaõ outros titulos, v.g. *Glossarios, Thesouros, Jardins, Onomasticos, Inventarios, Indices universaes, &c.* todos realmente são Vocabularios, porq̄ trazem por ordem Alfabetica, e declaraõ o significado de vocabulos» (*Supp.*, II, «Vocabulario de vocabularios»: 538).

² «Joaõ Franco Barreto na sua Bibliotheca Lusitana, que se naõ imprimio, faz mençaõ de varios Vocabularios, que Portuguezes compuzeraõ em diferentes idiomas, e materias; o Dictionario Hebraico, e Grego manuscrito de Heliodoro de Paiva, o Dictionario Malabarico de Henrique Henriques; o Dictionario Brasilico do P. Manoel da Veiga; outro Dictionario Brasilico do P. Joseph Anchieta, da Ilha de Teneriffe, da Companhia de Jesus. Hum Vocabulario Latino, e Portuguez de Duarte Nunes de Leão, e outro Vocabulario Latino Lusitano, manuscrito de Francisco Sanches. No seu livro intitulado *Vergel de Plantas, &c.* fol. 10. diz o P. Fr. Jacintho de Deos que o P. Fr. Gaspar de S. Miguel, Religiozo de S. Francisco, compoz na Lingoagem do Reino do Idalcaõ hum Calepino, huma Arte, e hum Manoal para os Parocos, e Reitores; no mesmo lugar diz o ditto Autor que o Padre Manuel Banha, tambem da Ordem Serafica, fez hum Vocabulario da mesma Lingua do Idalcaõ» (*ibidem*: 538-539).

os títulos fazem parte de conjuntos dicionarísticos editados num mesmo volume, como é o caso da *Prosodia*, que se desdobra em 4 títulos (*Prosodia*, *Thesouro*, *Adagios* e *Frazes*). A divisão por línguas, tal como Bluteau a configura, demonstra a prevalência dos títulos latinos, franceses e dos dicionários especializados ou com informação de tipo enciclopédico, que têm uma secção autónoma:

- portuguezes, e latinos (7)
- outros vocabularios, compostos por portuguezes (8)
- latinos, e portuguezes (5)
- castelhanos (3)
- castelhanos, e latinos (9)
- castelhanos, e francezes (2)
- italianos (5)
- italianos, e latinos (7)
- italianos, e francezes (3)
- italianos, e castelhanos (2)
- francezes (32)
- francezes, e castelhanos (2)
- francezes, e italianos (2)
- francezes, e latinos (8)
- meramente latinos (7)
- latinos, polyglotos (7)
- latinos, e portuguezes (6)
- latinos, e italianos (2)
- latinos, e francezes (5)
- latinos, e alemaes (1)
- latinos, de artes, e sciencias (29)

Tendo em conta o número de vezes que uma determinada língua é objecto de descrição, essa preponderância é ainda mais evidente: latim, 93 obras; francês, 54; italiano, 21; castelhano, 18; português, 18. O número de obras versando o português está artificialmente inflacionado pelo desdobramento de títulos.

A distribuição cronológica das obras revela um *corpus* actualizado, em que a maioria dos títulos é recente e se localiza no período correspondente à redacção do *Vocabulario*³. Nos extremos deste repertório, o título mais antigo

³ Apesar de nem todas referências incluírem o ano de edição, foi possível datar com segurança um total de 137 dicionários, que se distribuem do seguinte modo: 1700-1723, 11 tí-

é a *Cornucopiae linguae latinae* (1513) de Nicolau Perotto e o mais recente o *Dictionnaire de la bible* (1722) de Augustin Calmet. A distribuição reflecte o incremento na produção de dicionários bilingues e monolingues à medida que se aproxima o final do século XVII, mas também a edição de obras de informação técnica especializada, redigidas em vulgar e com uma estrutura interna de tipo dicionarístico. O «Vocabulario de vocabularios» considera este precioso fundo textual que, se não é especificamente orientado para a informação linguística, inclui as fontes documentais para a lexicografia de tipo enciclopédico que se desenvolverá na primeira metade do século XVIII.

De alguns dos dicionários Bluteau pouco mais conheceria que o nome, a julgar pelo modo sumário e impreciso como são descritos, abreviando o título e sem indicar o ano da edição ⁴. De facto, as descrições pormenorizadas, transcrevendo título e subtítulos, coincidem precisamente com as obras de consulta regular e que estariam acessíveis quando redigiu o inventário. O teatino preferia obras recentes, monolingues ou implicitamente orientadas para o monolingüismo, ainda que com forte componente latina; sobretudo, a nomenclatura deveria contemplar domínios lexicais que apontassem para referentes extralinguísticos.

No «cânone dicionarístico» consideram-se as obras cujas características tipológicas Bluteau mais se preocupou em reproduzir, e incluirá os dicionários universais de Furetière (1690) e Hofmann (1698), o *Calepino* de Lyon (1681), o bilingue de Pomey (1691) e, entre as obras de nomenclatura especializada, Moreri (1699) e Rochefort (1685). É um horizonte claramente dominado pelo melhor que a lexicografia francesa contemporânea oferecia.

Desta lista de obras não faz parte o dicionário da Académie (1694), ainda que citado e elogiado por Bluteau nos prólogos. De facto, a sua tipologia e o género de reflexão linguística subjacente são, na prática, quase uma antítese do que o *Vocabulario* apresenta. Não obstante ter sido objecto de acesas críticas em França — sobretudo no respeitante à ortografia e imprecisão nas definições — o dicionário da Académie teve uma excelente recepção no estrangeiro.

tulos; 1675-1699, 50; 1650-1674, 22; 1625-1649, 6; 1600-1624, 21; 1575-1599, 11; 1550-1574, 11; 1525-1549, 5; 1513, 1.

⁴ Por exemplo, o *Dictionnaire des proverbes françois* (1710) de George de Backer apenas consta como «Dictionnaire des proverbes». Não se identificaram conclusivamente referências a um «Dictionnaire de Chasseurs», ou a um «Dictionnaire de droit», entre outros. Algumas notícias como «Vocabulario de Christoval de las casas» [ed. de 1570?] sugerem que Bluteau as citava de memória.

Em vez de citações literárias, propunha expressões de uso comum, o que, a par da organização por famílias de palavras, resultava num importante instrumento para a aprendizagem da língua (cf. Hausmann, 1998).

Deve também assinalar-se o facto não ter colhido influências marcantes em dicionários do castelhano, que, não obstante reunirem informações pertinentes para o português dada a proximidade das línguas, eram obras em que a técnica lexicográfica parecia menos consolidada, quando comparada com a dicionarística francesa. O *Tesoro de la lengua* (1611) de Covarrubias é o dicionário castelhano mais citado e é uma assídua fonte de informações de tipo etimológico, mas o facto de Bluteau discordar frequentemente das lições nele contidas e de criticar a técnica de definição por ele seguida não permite incluí-lo no conjunto de textos paradigmáticos.

A leitura dos artigos do *Vocabulario* comprova que o *Tesoro* esteve presente na mesa de trabalho do lexicógrafo, mas foi simultaneamente objecto de um confronto crítico bastante aturado, já que Bluteau discute a generalidade das explicações baseadas em analogias muito remotas ou insustentáveis, herdadas da tradição medieval. A sistemática tentativa de precisar uma etimologia para cada palavra merece inclusive alguns comentários irónicos em diversos artigos, pelo que, nessas circunstâncias, cita a opinião de Covarrubias exprimindo um distanciamento bem vincado⁵. Este dicionário revela-se sobretudo útil como fonte informadora do significado de palavras castelhanas que eram também usadas no português. Além destes aspectos, o facto de o *Vocabulario* pretender ser um instrumento de afirmação linguística do português recomendava um aproveitamento comedido dos dicionários castelhanos, inclusive nos contextos em que a proximidade do léxico e da semântica propiciavam a intertextualidade.

2.1. *Dictionnaire universel* (1690)

A obra de Antoine Furetière influenciou o *Vocabulario* em aspectos como as características tipológicas e a técnica lexicográfica específica. Importa sintetizar o complexo e conturbado processo da sua génese, pois aí reside parte da explicação para o facto de este ter sido o dicionário de língua mais apreciado

⁵ Por exemplo: «CALABRIAR. Das etymologias Hebraicas, & Gregas, como tambem das muitas fontes da Provincia de Napoles, chamada *Calabria*, trazidas por *Cobarruvias*, nam faço mençaõ, porque todas ellas me parecem tam puxadas, que me não canso em puxar por ellas.»

pelo público francês dos finais do século XVII. A originalidade tipológica e as discussões polémicas em defesa do autor motivaram uma adesão quase partidária da maioria dos intelectuais parisienses, para quem a obra se tornou um símbolo de uma reacção anti-académica e um modelo de sucesso editorial para os lexicógrafos imediatamente posteriores, entre os quais Bluteau ⁶.

O abade Antoine Furetière (1619-1688), admitido na Académie em 1662, foi um dos mais activos participantes nas poucas sessões em que os académicos se dedicavam à composição dos artigos do dicionário. Era um processo demasiado lento, pautado por um desinteresse generalizado dos membros e por indecisões, até perto da redacção final, em aspectos fundamentais como a ortografia, a classificação morfológica, ou a admissão de citações literárias a título de exemplo autorizador. O resultado prefigurava-se como um dicionário que se demarcava da tradição, mas que recusava a tendência contemporânea para o enciclopedismo; um dicionário de língua, com restrições à abrangência da nomenclatura, que os detractores designariam de «dicionário de palavras comuns».

O dicionário da Académie era uma incumbência ordenada pelo rei, para descrever, unificar e normalizar uma língua de estado. Nesse sentido, trata-se de uma lexicografia sincrónica, em que não se reproduzem definições filológicas, retiradas de autoridades literárias, nem os usos se justificam com escritores prestigiados. Ao reagrupar as palavras em torno de uma entrada-base, e não alfabeticamente, analisavam a língua como algo sistemático e racional, explorando as relações morfológicas e etimológicas, sem recorrer ao latim. As decisões sobre estruturas frásicas e colocações decorrem da reflexão em torno do discurso, pelo que são exemplificadas não com citações, mas com frases e expressões construídas. No que respeita à nomenclatura admitida, a linguagem a descrever é a do dia-a-dia na corte, que exclui termos profissionais (as artes), linguagens especializadas (como as ciências) e todos os termos associados a pequenos grupos. Este princípio legitima também a rejeição dos regionalismos (cf. Collinot e Mazière, 1997: 26-30; Catach, 1998: 75-76).

Furetière não escondia a discordância em relação a estas orientações, em especial a restrição da nomenclatura, pelo que não causou estranheza que em 1684 pedisse uma licença para publicar um dicionário universal de artes e

⁶ A biografia de Furetière, os registos da sua contribuição nas sessões da academia, excertos dos textos da polémica com os académicos e o processo que conduziu à publicação póstuma da sua obra encontram-se documentados na longa e informativa introdução de Alain Rey à reimpressão do *Dictionnaire Universel* (Rey, 1978: 9-95).

ciências, com a condição de o seu âmbito não coincidir com o da academia. Nesse mesmo ano publica *Essais d'un dictionnaire universel*, com que escandaliza os académicos, que não só o acusam de violação do privilégio e de plágio, como conseguem uma revogação da licença de impressão. A resposta de Furetière surge na série de *Factums* (1685), textos polémicos em que critica a escassa utilidade do dicionário da Académie, denuncia o pouco empenho dos seus membros e destaca as vantagens da sua própria obra. A opinião pública aplaude Furetière e defende a edição do dicionário, que despertara um vivo interesse, sobretudo entre a burguesia emergente; mas as restrições não são revogadas e o abade morre em 1688. Caberá a Pierre Bayle editar na Holanda o aguardado dicionário, em três volumes bem estruturados e tipograficamente cuidados, que conhecem sucesso imediato em França⁷.

Em sua defesa, Furetière argumentara que «les termes des Arts et des Sciences sont tellement engagés avec les mots communs de la Langue», pelo que dificilmente se poderiam ignorar as acepções particulares de muitas palavras de uso frequente (Furetière, *Factums*, 1694, *apud* Quemada, 1968: 171). Reconhecia a autoridade dos académicos para descrever o bom uso, mas, porque a nomenclatura era muito limitada, essa descrição rapidamente se tornaria desactualizada e pouco útil para o futuro. Daí a opção por uma nomenclatura o mais abrangente possível, reunindo a língua arcaica, contemporânea e neologismos, num todo indissociável. Uma nomenclatura completa e quantiosa e um registo pormenorizado das várias acepções — ainda que de uso muito restrito ou mesmo fora de uso — era a melhor forma de demonstrar a riqueza da língua francesa. Esta função «acumulativa» dificilmente se conjugaria com a produção de um dicionário normativo ou purista, em que a reflexão sobre as escolhas é fundamental. Furetière deixa essa tarefa para os académicos (Quemada, 1968: 171-172).

Só aparentemente a descrição da língua é a preocupação central de Furetière, interessado não tanto pelas palavras, mas pela descrição exacta das coisas que as palavras designam, das noções científicas e de um saber racional. Como refere Laurent Bray, o seu discurso lexicográfico é um discurso crítico, mais sobre os conhecimentos e sobre as crenças, do que sobre a língua. Pierre Bayle

⁷ P. Bayle (1647-1706), protestante francês exilado na Holanda, é também o autor do prefácio do *Dictionnaire Universel*, em que recorda a conturbada dissensão entre Furetière e os académicos. Bayle publicou ainda o *Dictionnaire historique et critique* (1697), motivado pela correcção dos erros que encontrara em Moreri. Para a sua biografia, em especial sobre a colaboração com Furetière, cf. Rey, 1978: 70-73.

explica no prefácio que «le language commun n'est icy qu'en qualité d'accessoire», como um complemento que tornaria o dicionário efectivamente universal; «c'est dans les termes affectez aux Arts, aux Sciences, & aux professions, que consiste le principal», ou seja, uma descrição dos tecnolectos e dos seus referentes (Bray, 1990: 1800)⁸.

Este enfoque não é encarado como um defeito, até porque se conformava com os interesses do público. Bayle sublinha outras características apelativas, como a expectativa de uma leitura agradável, informativa e diversificada; uma descrição das coisas e dos conceitos em que se privilegia a história e as origens; o acesso a sínteses minimamente elucidativas sobre termos-chave das ciências em ascensão, a física e a história natural. A simples informação linguística, tal como se esperava do anunciado dicionário da Académie, era inequivocamente classificada como «secherese»:

On n'avertira poin non plus le public, que **la secherese qui accompagne ordinairement les Dictionnaires n'est pas à craindre dans celui-cy**. Car outre que la vaste étendue, & la carrière immense que l'Auteur a choisie pour son dessein, fournit dans chaque page beaucoup de diversité, & ne permet pas que le Lecteur fasse beaucoup de chemin sans apprendre quelque chose qui en veut la peine; outre celá, dis-je, on a soin de donner du relief aux definitions par des exemples, par des applications, par des traits d'Histoire; on indique les sources, on marque souvent les origines & les progresz; on refute, on prouve, on ramasse cent belles curiositez de l'Histoire naturelle, de la Physique experimentale, & de la pratique des Arts (Furetière, *Dictionnaire Universel*, 1690: «Preface»).

O caminho para uma enciclopédia da língua francesa, que com esta obra se ensaiava, não se limitaria à enunciação de todas as palavras, mas à descrição de todas as coisas, numa abrangência de conteúdos, pautada por um discurso com preocupações pedagógicas:

Ce ne sont pas de simples mots qu'on nous enseigne, mais une infinité de choses, mais les principes, les regles & les fondemens des Arts & des Sciences: de sorte qu'au lieu d'amplifier l'idée de son Ouvrage, l'Auteur la retressie, quand il a dit en dediant ses Essais au Roy, *qu'il avois entrepris l'Encyclopedie de la langue Françoise (Ibidem: loc. cit.)*.

⁸ Sobre o espaço concedido aos tecnolectos no dicionário de Furetière e no da Académie, cf. Bierbach, 1998.

Os leitores de Furetière não sentiam a falta da informação linguística, substituída pela erudição e por um olhar particularmente atento sobre os objectos e as actividades do mundo contemporâneo. Sem estes complementos atractivos, o dicionário dos académicos, finalmente publicado em 1694, não foi compreendido por uma grande parte do público.

2.2. *Le grand dictionnaire historique* (1699)

O interesse pela composição de dicionários históricos em vernáculo é um fenómeno da segunda metade do século XVII, momento a partir do qual estas obras adquirem uma dimensão que os dicionários latinos similares nunca haviam atingido. Os antecedentes encontram-se nas recolhas de nomes de povos e topónimos, primeiro privilegiando a Antiguidade, e pouco a pouco completadas com nomes modernos. Um dos mais importantes textos do século XVI é o *Dictionarium historicum ac poeticum, omnia gentium, hominum, locorum, fluminum ac montium* (Paris, 1553), de Charles Estienne (1504-1564). Dele derivam o *Dictionnaire théologique, historique, poétique, cosmographique et chronologique* (Paris, 1643, 1664) de Juigné Broissinière, que é essencialmente uma tradução, e o *Dictionarium historicum* (Oxford, 1670) de Nicolas Lloyd, que aumentou bastante a recolha de Estienne ao longo de mais de 30 anos. O padre Louis Moreri (1643-1680) compõe o seu *Dictionnaire historique* a partir da obra de Lloyd, publicando a primeira edição em 1674 (Paris, 1 vol. in-fol.) e iniciando em seguida a ampliação do trabalho, que deixará inacabado. As sucessivas reedições têm cada vez menos a ver com o trabalho original, pelo que será mais correcto considerá-lo uma obra colectiva. A 2.^a edição (2 vol., Lyon, 1681) foi completada com um suplemento em 1689. Principiam as edições holandesas (1696, 1698, 1702) que se apresentam em 4 tomos. Entretanto, Pierre Bayle publica em 1697 um volume de correcções ao *Dictionnaire historique* (2.^a, aumentada, 1702). A obra, sob o nome de Moreri, conhecerá cerca de 20 edições, até 1759.

Bluteau usou a edição parisiense de 1699, que seria já a nona (Paris, Jean-Baptiste Coignard. 4 vol. in-fol.). Nos anos seguintes, a obra continuou a ser corrigida e aumentada, mas o teatino não terá adquirido novos exemplares⁹. Como atrás se referiu (cf. cap. II.1), incluía-o na categoria dos dicioná-

⁹ No *Supplemento* (II: «Apologia»), confessa não ter ainda consultado a edição de 5 volumes (Paris, 1712), isto quando já se preparava uma com 6.

rios de nomes, pois nele «tudo saõ appellidos, e nomes propios de pessoas, de Naçoens, de Terras» (*Supp.*, II: «Vocabulario de Vocabulários»). É uma classificação redutora e pouco rigorosa, já que em obras deste género as entradas servem apenas para indexar factos e conceitos, e a atenção não recai sobre a nomenclatura, mas sobre o desenvolvimento de um conjunto de temas seleccionados. Ou seja, perante a dificuldade em dicionarizar o discurso histórico, geralmente exposto por ordem cronológica, o lema será a palavra que com mais eficácia permitir ao consulente aceder ao assunto. Por convenção, em Moreri os factos são geralmente associados aos seus protagonistas, cujos nomes ocorrem em posição de entrada. Mais que um dicionário de personalidades, é um compêndio do conhecimento, antigo e moderno, de acordo com o princípio, expresso no prólogo, de que tudo é matéria para um dicionário histórico¹⁰. Assim se compreende que tenha sido tão útil a Bluteau, enquanto fonte informativa, apesar de o *Vocabulario* não incluir nomes de pessoas.

Mas o mais completo plano da obra será mesmo a página de título, enumerativa e pormenorizada¹¹. Assim, sob a designação genérica *Le grand dictionnaire historique ou le mélange de l'histoire sacrée et profane*, podem identificar-se os seguintes domínios principais:

i) mitologia:

l'histoire fabuleuse Des Dieux & des Heros de l'Antiquité Payenne:

ii) biografias (associadas a factos históricos):

Les Vies et les Actions Remarquables Des Patriarches; des Juges; des Rois des Juifs; des Papes; des Saints Martyrs & Confesseurs; des Peres de l'Eglise & des Docteurs Orthodoxes; des Evêques; des Cardinaux & autres Prélats celebres; des Heresiarques & des Schismatiques, avec leurs principaux dogmes: Des Empereurs; Des Rois; Des Princes illustres, & des grands Capitaines: Des Auteurs anciens & modernes; des Philosophes; Des Inventeurs des Arts; &

¹⁰ «[...] dans un Ouvrage tel que celui-ci, où l'on a prétendu rassembler les connoissances des tous les Siècles & de toutes les Nations. Fable, Histoire, & ce qui en dépend necessairement; Religion, Cérémonies, Gouvernement, Moeurs, Coûtumes, Evenements de Paix & de Guerre, Genealogies, Monuments de Peinture, de Sculpture, d'Architecture, Critiques, Productions d'esprit: tout est du ressort d'un dictionnaire Historique» (Moreri, *Le grand dictionnaire historique*, (1712) 1699: «Preface»). O «Preface» da edição de 1699 foi reproduzido na de 1712 (Paris, Jean-Baptiste Coignard, 1712, 5 vol. in-fol.).

¹¹ Cf. cap. II.3.1, fig. 9.

de ceux qui se sont rendus recommandables en toute sorte de Professions, par leur science, par leurs Ouvrages, & par quelque action élatante.

iii) geografia (física e humana):

La description Des Empires, Roiaumes, Republicues, Provinces, Villes, Isles, Montagnes, Fleuves, & autres lieux considerables de l'ancienne & nouvelle Geographie: où l'on remarque la situation, l'étenduë & la qualité du Païs; la Religion, le Gouvernement, les moeurs & les coûtumes des Peuples:

De edição para edição, aumenta a importância de certos subdomínios que eram menos considerados no projecto inicial de Moreri, mas cuja inclusão responde à apetência do público pela universalidade. Esta dispersão, que já se verificava em 1699, pode dever-se ao elevado número de redactores que trabalhavam isoladamente, sem normas que garantissem uniformidade de critérios. Outras áreas de interesse são:

iv) instituições

L'Établissement et le Progrés Des Ordres Religieux & Militaires; & La Vie de leurs Fondateurs;
Où l'on voit les Dignitez, les Magistratures ou Titres d'honneur:
Les Religions & Sectes des Chrétiens, des Juifs & Païens:

v) genealogia

Les Genealogies De plusieurs Familles illustres de France, & d'autres Païs:

vi) actividades e conhecimento humano

Les principaux noms des Arts & des Sciences:

vii) actos sociais

Les Actions publiques & solenneles: Les Jeux, les Fêtes, &c.

viii) legislação civil e religiosa

Les Edits & les Loix, dont l'Histoire est curieuse, &c. L'Histoire des Conciles generaux & particuliers, sous le nom des lieux où ils ont été tenus.

Da diversidade de temas percebe-se que os compiladores aspiram a uma síntese universal, o que o torna uma fonte de informação muito apreciada,

não apenas pelo erudito, mas sobretudo pelo homem de sociedade que sente necessidade de demonstrar, perante os seus pares, que domina um leque amplo de conhecimentos ¹². Para o erudito, o dicionário histórico é uma síntese, em que se apontam os autores a consultar para aprofundar um determinado estudo.

2.3. *Le Dictionnaire Royal* (1691)

O jesuíta François Antoine Pomey (1636-1673), professor de humanidades e retórica no colégio de Lyon, é mais conhecido por obras como o *Hermes grammaticus* (1657) e o *Candidatus rethoricae* (1659), mas foi também o autor de uma série de textos dicionarísticos de larguíssima difusão: *Pomarium latinitatis, seu phrases synonymae* (1659), *Sillabus seu lexicum graeco-latino-gallicum* (1664), *Le dictionnaire royal des langues françoise et latine* (1664) e o *Indiculus universalis* (1667).

O *Dictionnaire Royal Augmenté* (1671) resulta de uma revisão do trabalho de 1664 e caracteriza-se por um incremento na quantidade de informação relativa à retórica, e por um esforço de tratamento sistematizado dessa mesma informação. A boa aceitação e o trânsito escolar valeram-lhe sucessivas reedições, de entre as quais Bluteau escolherá a de 1691:

Le Dictionnaire Royal, augmenté de nouveau, & enrichi d'un grand nombre d'expressions elegantes, de quantité de mots François nouvellement introduits; & de cinquante descriptions; comme aussi d'un petit Traité de la Venerie & de la Fauconnerie [...] (Pomey, *Le Dictionnaire Royal*, 1716: «folha de rosto») ¹³.

Segundo a avaliação de Pomey, o aspecto mais inovador da edição revista de 1671 é a inclusão de perto de 3000 expressões francesas, recolhidas em

¹² É o editor quem o afirma, apontando o não erudito como público preferencial: «Cherchent-ils à s'instruire d'un point d'Histoire? l'ordre alphabetique le presente d'abord à leur vue, & leur en développe les circonstances avec assez de netteté, pour leur donner lieu de s'en faire honneur dans les conversations, unique & foible avantage où se bornent la plûpart d'entr'eux» (*ibidem: loc. cit.*).

¹³ Cita-se a partir da reedição de 1716 (Lyon, Chez Louis Servant) que, de uma forma geral, é muito similar às anteriores, sem alterações no título, nos textos introdutórios e na técnica lexicográfica.

textos literários de autores «qui passent pour les Maîtres de nôtre Langue», e que são vertidas para latim (Pomey, *Le Dictionnaire Royal*, 1716, «Avis au lecteur»: § I). Além das traduções, pontualmente acrescenta «descriptions de choses», que mais não são que desenvolvimentos retóricos, parafrásticos e acumulativos, ao serviço da *amplificatio* (*ibidem*: § II).

Quanto à selecção da nomenclatura, admite palavras francesas antigas, ou novas, desde que se encontrem atestadas em bons autores; não se coloca a questão da pureza das formas e do «bel usage», uma vez que o principal investimento linguístico e estilístico se concentra no latim. De resto, não se assume como dicionário prescritivo no que concerne ao francês, nem pretende controvérsias sobre a sua normalização, pois entende que as línguas modernas estão naturalmente sujeitas a constantes mudanças (*ibidem*: § V).

Pomey afirma que quase todas as versões para latim são elaboradas com base em construções latinas recolhidas em textos de Cícero, ainda que só pontualmente se indiquem as remissões, «quand les locutions étoient ou extraordinairement belles, ou qu'elles pouvoient choquer les demi-sçavans, par le tour extraordinaire qu'elles ont» (*ibidem*: § VI).

Mas a par do respeito pelos bons autores latinos subsiste a questão da vitalidade das línguas modernas, que Pomey considera ser a maior dificuldade nos dicionários bilingues. Porque o francês incorpora continuamente palavras estrangeiras e «produit presque tous les jours quelque mot nouveau», cabe ao lexicógrafo aplicar estratégias para manter o latim como uma língua funcional e actualizada. Neste âmbito, as opções mais frequentes e consensuais são a latinização de termos gregos (e.g. *termomettre*, *microscope*, *engyscope*) e a composição de perífrases, que não ultrapassem dois ou três elementos (e.g. *amiral* [almirante], *rei maritimae Praefectus*). Falhando estas possibilidades, admite ainda alatinar as palavras francesas, aplicando-lhes as terminações latinas (e.g. *Ardoise*, *Ardosius lapis*) (*ibidem*: § VII).

O *Dictionnaire Royal* propunha soluções eficazes para a questão da falta de normas ortográficas. Consciente da diversidade de usos e mutabilidade da língua, Pomey recusa uma atitude normativa unificadora, tanto mais que os autores prestigiados também divergiam entre si. Assim, tenta registar a amplitude de bons usos: «j'ai crû être de mon devoir pour faciliter l'usage de ce Livre, d'écrire tous les mots de toutes les façons qu'on les trouve écrits dans les bons Auteurs de ce temps» (*ibidem*: *loc. cit.*). Não obstante, define alguns princípios para as grafias etimologizantes, eliminando grafemas que não se pronunciam, ou que suscitem dificuldades na leitura, escrevendo *conter*, *donter*, *colere*, *caractere* por *compter*, *dompter*, *cholere*, *charactere*. Nas palavras oriundas

do grego, manterá os dígrafos etimológicos que não coloquem duas possibilidades de pronúncia (*philosophie, theatre, syllabe*, mas não *monarche*) (*ibidem*: § VIII-IX).

Esta obra foi um dos primeiros modelos de Bluteau, tanto mais que corresponderia a uma técnica de ensino observada pelos jesuítas franceses. A partir do *Dictionnaire Royal* configurou a vertente bilingue do *Vocabulario*, combinando a funcionalidade de uma obra pedagógica com o respeito pelo bom latim autorizado.

2.4. *Ambrosii Calepini Dictionarium* (1681)

No século XVIII, graças a sucessivas revisões e aditamentos, o *Calepino* mantinha-se como uma obra prestigiada e constituía uma das principais autoridades em matérias respeitantes à língua latina, nomeadamente na norma ortográfica. Em Portugal, o *Calepino* foi apreciado pelo tipo de informação que continha, uma vez que a obra mais semelhante, a *Prosodia*, só parcialmente o substituía. Bento Pereira estabeleceu a sua nomenclatura a partir do *Calepino* e dele retirou parte das definições, mas todo o esforço de acumulação e autorização só ocasionalmente foi reproduzido, supondo-se que o leitor interessado recorreria ao dicionário latino ¹⁴.

Desde a primeira metade do século XVII — época de composição da *Prosodia* — haviam surgido novas edições do *Calepino*, marcadas pelo incremento da autorização num maior número de autores clássicos e por uma revisão cuidada, no sentido de depurar a língua latina de muitos barbarismos; simultaneamente, consolidou-se o pendor para o enciclopedismo e o gosto pelas antiguidades, presentes já em edições do século XVI.

O *Calepino* que Bluteau usou era a recentíssima edição de Lyon (1681), amplamente revista e aumentada por padres jesuítas, sob a direcção de Laurentio Chiffletio ¹⁵. Trata-se de uma versão octolingue — latim, hebraico, grego,

¹⁴ Cf. Verdelho, 1995: 326-345. O modelo do *Calepino* também configura os dicionários em vernáculo: «A estrutura do artigo do dicionário aumenta a informação, alarga-se em formulações frásicas coerentes e versáteis, e dá lugar à técnica de redacção lexicográfica moderna, preocupadamente simples e flexível [...] e impõe um estilo conversacional e exigentemente pragmático, esclarecidamente motivado pela eficácia do ensino e pelo rigor formal do vocabulário latino» (*ibidem*: 328).

¹⁵ *Ambrosii Calepini Dictionarium, Quanta maxime fide ac diligentia accurate emendatum, & tot recens factis accessionibus ita locupletatum, [...] Nunc à R. P. Laurentio Chiffletio Soc. Jesu, Presbytero alitsque Philologis revisa*, 1681.

francês, italiano, alemão, espanhol e inglês — em que a tradução é uma ver-tente acessória; sobretudo, promete um estudo completo da latinidade, ao ponto de, como se afirma em subtítulo, a obra se assemelhar a um *thesaurus*.

A edição era valorizada por um conjunto diverso de informações de tipo linguístico que, à época, se inseriam no largo âmbito da filologia, como a recolha de expressões retoricamente marcadas, a especulação etimológica, a tradução do lema, correcções a edições e leituras de textos clássicos, ou a compilação de adágios, tudo «ex optimis Authoribus»¹⁶. Para além de uma marcação meticulosa da quantidade das sílabas em latim, é sistemática a reflexão sobre a correcção das formas, emitindo juízos que revelam uma intenção prescristiva. São frequentes comentários como os que se observam neste breve artigo:

Cyaneë, [transcrição em caracteres gregos], per quatuor syllabas, Maenandri Phrygii flaminis filia fuisse fertur, quae à Mileto compressa Caumum & Byblida genuit, Ovid, *lib. 9. Metam.* [citação de quatro estrofes] Producit autem haec dictio primam syllabam & ultimam, duas autem medias corripit, ut conficiat choriambum: Cyane verò, pro Siciliae nympha, tres tantum habet syllabas, quarum ultima longa est, duae priores coripiuntur, ut sit anapaestus. **Quod idè admonere visum est, quòd non paucos etiam nominis magni viros in errorem videamus impegisse** (*Ambrosii Calepini*, 1681: s.u. CYANEE).

A vocação de *thesaurus* justifica a inclusão, desejadamente exaustiva, de nomes próprios de pessoas, geográficos e históricos: «magna sylvā nominum, tum appellativorum, tum propriorum, ut virorum, mulierum, sectarum, populorum, Deorum, siderum, ventorum, urbium, marium, fluviorum, & reliquorum, ut sunt vici, promontoria, stagna, paludes, &c. ita omnibus aliis, quae hactenus prodierunt, incredibili & rerum & verborum numero sit locupletius» (*ibidem*: nota da página de rosto). Os padres jesuítas, sensíveis aos gostos do público contemporâneo, desenvolveram em grande número de artigos a componente de informação de tipo enciclopédico, em especial no caso de nomes de pessoas, recolhendo os que de alguma forma eram mencionados em textos célebres da Antiguidade, desde Cícero à comédia grega. O discurso

¹⁶ «Praeter alia omnia, quae in hunc usque diem fuerunt addita, praecipue à Joanne Passeratio; olim in principe Academia Parisiensi Eloquentiae Professore Regio, Accesserunt etiam insignes loquendi modi, lectiones etymologiae, antitheta, translationes, emendationes, adagia ex optimis quibusque Authoribus decerpta» (*Ambrosii Calepini*, 1681: nota da página de rosto).

dicionarístico assume por vezes características próximas da narrativa, procurando resumir com eficácia e algum pormenor factos e contextos:

Cyanippus, [transcrição em caracteres gregos], Syracusanus fuit, qui quum Bacchi Orgia contemneret, ab irato deo tanta perfusus est ebrietate, ut filiae Cyneae in tenebris, quamvis reluctanti, vitium intulerit. Filia verò, cognito ex anulo, quem violatori dextraxerat, patente, tunc quidem ut potuit, dolorem dissimulavit: Postea autem ingenti exorta pestilentia, quum ab Apolline remedium promitteretur, si ab authore flagitii poenas sumerent, admirantibus omnibus quodnam esset tantum scelus, quod etiam Superis curae esset authoris morte expiari: conscia rerum Cyaneae arreptum capillis patrem ad aram pertraxit, cóque primum mactato, sibi quoque manus intulit. Author Plut. *in Parallelis (ibidem, s.u. CYANIPPUS)*.

Nos artigos sobre verbos, adjectivos e palavras de significação gramatical em geral, assinala-se uma rigorosa particularização das diferentes acepções, delimitadas pelo símbolo ¶. Por norma, todas as acepções são acompanhadas de exemplos autorizados e é fácil que um artigo de uma página acumule perto de uma centena de abonações, com referências completas de capítulo e parágrafo. É notória a coerência na aplicação de uma técnica lexicográfica, com uma estrutura típica em que, acerca de um lema, se apresenta a definição por sinonímia, a tradução nas línguas em que é possível, o desenvolvimento da acepção principal e o tratamento das restantes acepções.

Sem recusar a tendência para acumular cada vez mais informação, o resultado é um texto dicionarístico organizado e de fácil leitura, em comparação com outras edições anteriores, o que pressupõe um nível de reflexão sobre o latim que ultrapassa a simples adição de notas de erudição filológica. É sabido que a designação genérica de *Calepino* abrange obras com substanciais diferenças entre si; em todo o caso, o confronto com uma edição de Veneza (1622) reforça a impressão de que o texto de 1681 representa uma evolução no sentido de uma organização mais cuidada das glosas.

2.5. *Dictionnaire general et curieux* (1685)

O dicionário de César de Rochefort (?-1690) inscreve-se numa categoria de obras que Bernard Quemada (1968: 182) classifica como «mi-lexicographiques, mi-encyclopédiques». Não desempenhavam a função de um dicionário de língua, a nomenclatura não pretendia recobrir áreas específicas, nem o con-

junto da informação fornecida constituía uma síntese global do conhecimento. Na prática, apresentavam ao leitor uma grande variedade de temas que, no caso de Rochefort, recebem a designação de «choses curieuses» (Rochefort, *Dictionnaire General*, 1685: página de rosto).

As primeiras linhas do título apontam enganadoramente para uma nomenclatura abrangente e informação de tipo linguístico, mas a vertente mais desenvolvida é a informação que consiste em sugestões de discursos, a partir de passos literários e episódios históricos:

Dictionnaire general et curieux, contenant les principaux mots, et les plus usitez en la langue françoise, leurs definitions, divisions, & etymologies; enrichies d'eloquens discours, soutenus de quelques histoires, de passages des pères de l'église, des auteurs et des poètes les plus celebres anciens & modernes: avec des demonstrations catholiques sur tous les points qui sont contestez entre ceux de l'église romaine, et les gens de la religion pretendue reformée [...]

De acordo com o prefácio, um dicionário só é útil se for baseado na leitura dos melhores autores e, para se tornar agradável, deve incluir excertos das mais belas expressões; o compilador não se limitará à selecção, sendo necessário interpretar os excertos e dispô-los nos locais mais adequados. Este dicionário, que o autor afirma ter composto para seu uso próprio, assemelha-se a uma selecta literária, «un ouvrage qui est capable de tenir lieu de bibliothèque à ceux qui n'ont pas les moyens de se fournir de quantité de livres», mas o objectivo principal é servir de apoio à composição literária e à oratória, registando aproveitamentos retóricos e desenvolvimentos de temas, muito para além dos *topoi* tradicionais (*ibidem*: «Au lecteur»).

Este modelo, acessível aos menos eruditos, é o desenvolvimento natural dos antigos dicionários latinos de conceitos predicáveis, agora pensado não só para o sacerdote, mas também para o advogado e para o homem público em geral, uma obra «tres utile, et tres necessaire, à toutes sortes de personnes, & particulièrement à ceux qui veulent composer, parler en public, & diriger les ames» (*ibidem*: página de rosto). Por outro lado, admite-se de forma explícita uma dimensão de fruição lúdica, em que a variedade temática permite retirar prazer, quer da leitura extensiva, quer de leituras ocasionais. Na página de título, sublinha-se que inclui matérias «capables de satisfaire l'esprit des lecteurs, par la grande diversité des sujets dont il traite» e, no prefácio, assegura que «il est certain qu'estant remply de diverses choses curieuses, on trouvera dans une autre page quelque chose qui flatera le goust».

A própria selecção da nomenclatura reflecte o espírito de colecção, já que o número de entradas é muito baixo e não há, de facto, a preocupação em registar as principais palavras da língua, privilegiando aquelas a que a tradição literária e o uso conferiram maior valor simbólico. Os artigos são extensos — por vezes com mais de uma página — mas não é incomum encontrar glosas em que não se apresenta a definição do lema e em que toda a atenção se concentra nos exemplos de discursos eloquentes¹⁷.

Tal como nos dicionários de conceitos predicáveis e sermonários, existe uma «Table des principales matiéres» (77 pp.), que garante o acesso à informação dispersa no interior das glosas. O índice recolhe palavras-chave, acompanhadas de uma breve síntese do tema, em número bem superior às entradas do dicionário, o que comprova o carácter textualizado e denso das glosas compostas por Rochefort. Dada a preponderância de tópicos históricos, mesmo a informação de tipo linguístico se subordina a esta tendência, pelo que merece especial destaque a explicação da origem das palavras (etimologia e aparecimento de um determinado uso ou significado):

Caracalla Empereur pourquoy ainsi appellé;
Cardinaux, leur origine, & premiere institution [...] Origine de ce mot;
Ceremonies, origine de ce mot;
Chanoine Etimologie de ce mot (*ibidem*: «Table»).

O índice recupera os casos de uso simbólico das palavras, com tradição retórica e literária, pois o objectivo da recolha não é descrever a linguagem corrente.

Castor symbole des gents à coeur double;
Charbons ardents, symbole des conspirations;

¹⁷ A estrutura típica da glosa é a introdução de um tópico, a sua autorização e um exemplo de desenvolvimento, como se observa no breve artigo CAVALERIE: «La Cavalerie Françoise a esté de tout temps brave, & extremement redoutée, Plutarque, Polybe & Appien, en disent des merveilles; Cesar assure, qu'en la guerre d'Afrique, trente Cavaliers Gaulois, defirent deux mille Chevaux-legers Numidiens, dans les combats; la Cavalerie fait bien-tost son effet, & son office, dit. Tit. Liv. *Equestrium virium proprium cito parare, cito cedere victoriam*: Ces grans hommes seroient bien étonnez s'ils voyoient aujourd'huy nostre Cavalerie, composée de Soldats d'élite, bien-faits & fort propres, également bien montez, & leurs chevaux bien arnachez.» (Rochefort, *Dictionnaire general*, 1685: s.u.)

Chameau symbole de la jalousie;
Clemence représentée par l'olivier» (*ibidem: loc. cit.*).

A definição das palavras não parece interessar a Rochefort, pois raramente o índice destaca esse tipo de informação, observável em expressões como «Charivari, ce que c'est», «Civilité. Sa définition & description», ou «Constance, sa définition» (*ibidem: loc. cit.*); mas, em geral, estas entradas não remetem para definições dicionarísticas, antes para descrições elaboradas e autorizadas, ao serviço da amplificação ou ornamentação dos conceitos.

2.6. *Lexicon universale* (1698)

O dicionário de Johan Jakob Hofmann (1635-1706) representou uma evolução no que respeita às características dos dicionários universais. Embora Bluteau tenha dele colhido influências, o seu autor era um teólogo protestante, pelo que a reacção do teatino ao seu trabalho não poderia ser de adesão e aplauso. Os elogios são pouco frequentes e sempre prudentes: «Joaõ Jacobo Hofmanno, que se fora Escritor Orthodoxo, na minha opiniaõ merecera hum dos primeiros lugares no consistorio dos Authores de Vocabularios» (*Supp.*, I: «Ao leitor pseudocritico»). Professor de história e língua grega na universidade de Basileia, publicou em 1677 a 1.^a edição do seu dicionário, sob a designação de *Lexicon universale historico geographicum chronologico poetico philologicum*. A boa recepção motivou um suplemento em 1683, em que desenvolve os temas referidos e acrescenta uma «addenda comprehendens historiam animalium, plantarum, lapidum, metallorum, elementorum, rerum astricarum». A edição de 1698, que Bluteau possuiu, resulta da adição de novos artigos e da reordenação do material anteriormente compilado, atingindo o considerável número de cerca de 4000 páginas em tipo miúdo, em 4 volumes de fólio.

Os objectivos de Hofmann eram grandiosos, pois, à semelhança de Moreri, pretendia registar a informação típica de um dicionário histórico (história, biografias, costumes, instituições, geografia física e humana), mas também todo o universo extralinguístico; um dicionário de «nomes» e de «coisas», como o classifica Bluteau. A página de título é apenas um resumo dos domínios que se propunha abordar, aqui destacados a negro:

*Lexicon Vniversale, **Historiam Sacram Et Profanam**, Omnis aevi, omniumque Gentium; **Chronologiam** Ad Haec Vsque Tempora; **Geographiam** Et Veteris Et Novi Orbis; Principum Per Omnes Terras Fami-*

liarum Ab omni memoria repetitam **Genealogiam**, Tum **Mythologiam**, **Ritus**, **Caerimonias**, Omnemque Veterum Antiquitatem, ex Philologiae fontibus haustam; Virorum, Ingenio Atque Eruditione Celebrium Enarrationem copiosissimam; Praeterea **Animalium**, **Plantarum**, **Metallo- rum**, **Lapidum**, **Gemmarum**, **Nomina**, **Naturas**, **Vires Explanans**. Editio Absolutissima, Praeter Supplementa, & Additiones, antea seorsum editas, nunc suis locis ac ordini insertas, Vberimis Accessionibus, Ipsius Auctoris Manu novissime locubratis, tertia parte, quam antehac, Auctior, Locupletior [...].

O autor apresentará uma enumeração ainda mais particularizada no prefácio, ao longo de duas páginas de fôlio. Não obstante, da leitura dessa lista e pela consulta do *Lexicon* observam-se algumas limitações, em especial no vocabulário das artes e das ciências temporalmente mais próximas. De facto, este dicionário, com nomenclatura e glosas em latim, sustenta-se na tradição lexicográfica latina e em fontes documentais também em línguas antigas, o que o torna um repositório de erudição, mas dificilmente um léxico ajustado ao mundo contemporâneo, como o dicionário de Furetière pretendeu ser (cf. Hofmann, *Lexicon universale*, 1698, I, «Praefatio auctoris»: 2-3). Esta conjugação de dicionário «histórico» e de «coisas» exclui a exploração de informação de tipo linguístico, pelo que, à época, era a obra de grande difusão que mais se havia aproximado da nomenclatura típica de uma enciclopédia, tal como se definiria no século XVIII.

O enciclopédismo de Hofmann revela mais trabalho filológico do que reflexão crítica e análise. O autor promete uma recolha exaustiva de todas as notícias de interesse, com anotação minuciosa das fontes e indicação de capítulo e página¹⁸. O objectivo não é contestar ou reflectir sobre a tradição, o rigor advém do facto de apenas se considerar a informação que se encontra autorizada, de acordo com o princípio «non enim unquam sine Teste loquimur»¹⁹.

¹⁸ «Nullae memorabilis, inter homines notae, sint res, quin hic suum ordinem locumque habeant; velut de omnibus fusius in Praefationibus agitur» (*ibidem*: «Dedicatio»).

¹⁹ «In testimonium itaque identidem videbis advocatos Auctores, è quibus hoc Opus collectum; tum priscis, tum recentibus, optimis atque praestantissimis, editis ac ineditis. [...] Et quidem ea diligentia, ut libros & capita, aliquando etiam paginas, sectiones, paragraphos, notaverimus; quo & de candore nostro ac fide (**non enim unquam sine Teste loquimur**) certus esse possis, & si prolubium subetat, prolixior rerum, quas per fastigia tantum saepissime tradere coacti fuimus, cognitio ex ipsis fontibus hauriri queat» (*ibidem*, «Praefatio auctoris»: 3).

Os editores apresentam o dicionário como um compêndio de conhecimentos retirados de outros livros, que constitui um auxílio para o estudo das ciências («ad Scientias breviorum facilioremque studiosis earum aperirent viam») (*ibidem*: «Dedicatio»). A preocupação fundamental consiste em compilar autores antigos e modernos, condensando numa obra «tantam mollem & quasi Oceanum librorum». Porque, à partida, nenhum domínio do conhecimento estava excluído, o extenso *corpus* de autores citados representaria a quase totalidade do que o lexicógrafo entendia ser o património literário de referência; daí surge o conceito, diversas vezes repetido nos textos prefaciais, de que este tipo de dicionário deve ser uma biblioteca condensada numa única obra²⁰. Furetière e Corneille não haviam reivindicado esse estatuto para as suas obras, até porque a nomenclatura e os objectivos eram mais limitados.

*

O *Lexicon* de Hofmann era considerado o mais completo dos dicionários universais e, para Bluteau, foi a última das influências no que respeita à tipologia. Adicionando a toponímia, o *Vocabulario* ultrapassa Furetière na abrangência da nomenclatura e é apresentado como um compêndio de notícias e síntese de uma biblioteca, não só pelas palavras que contém, mas pelas informações que cita e reproduz: «Nestas poucas folhas offereço ao publico para a intelligência, propriedade, & uso das palavras Portuguezas, & latinas a substancia de mais de dois mil volumes. Aos curiosos poupa esta obra o gasto de huma grande livraria; & ainda que tivesse cada particular todos os livros, que revolvi, & Autores, que consultei para o intento, todas estas noticias estariam espalhadas sem ordem, nem distincão entre differentes assumptos, & materias» (*Voc.*, I: «Ao leitor mofino»).

Bastará ler o dicionário de Trévoux (1721) para verificar que esta tendência é comum à generalidade dos dicionários universais publicados na primeira metade do século; Bluteau partilha de uma euforia acumulativa que é típica de um momento histórico e que tornava aceitável a combinação de

²⁰ «[...] idque omnium optime conficiendis ejusmodi LEXICIS, in quibus ordine Alphabetico per compendium traderentur illa, quae late ac diffuse in Scriptorum tum recentiorum, tum antiquorum monumentis essent comprehensa» (*ibidem*: *loc. cit.*); «quandoquidem haec sit parva quidem, sed absoluta quasi Bibliotheca, qua immensa librorum aliorum copia supersederi possit, & hic istorum medullae reperiantur repostae» (*ibidem*: «Typographi lectoribus»).

informações que posteriormente seriam associadas a tipos distintos de dicionários. Por outro lado, tendo presente a má recepção do dicionário da Académie, deve considerar-se que o público ainda não entendia a utilidade de um dicionário que se limitasse à descrição linguística; aquilo que Verney definiria como falta de método correspondia, naquele momento, a um modelo apreciado. Só a segunda metade do século trará novos impulsos editoriais e novas exigências críticas, que verão os dicionários clericais como obras excessivas e desorganizadas, sem deixar de lhes reconhecer a utilidade informativa.

A complexa tipologia do *Vocabulario* procura abranger uma série de gêneros dicionarísticos que não existiam no âmbito da língua portuguesa. Mas mesmo este processo de sincretismo foi uma construção evolutiva, pois ao longo dos 30 anos de redacção foram surgindo novos dicionários que entraram na mesa do lexicógrafo, e que foram incorporados no seu trabalho. No início, coligiu os seus apontamentos com base em dicionários bilingues de tipo escolar e em grandes dicionários monolingues repletos de citações latinas, acrescentando as expressões que seleccionou no *corpus* literário português. Todavia, após 1690, tomará por referência fundamental o *Dictionnaire universel* de Furetière, optando assim por um modelo de descrição linguística bem distante do da Académie. Esta reorientação no trabalho permitiria incluir com facilidade o novo caudal informativo que colhe posteriormente no dicionário histórico de Moreri (1699). Bluteau, nos textos de reflexão metalexigráfica, aproxima a sua obra dos bons dicionários de língua, que no seu entender deveriam incluir a explicação dos termos de todas as disciplinas e procurar oferecer, sistematicamente, uma descrição de tipo enciclopédico dos referentes. Apesar de uma profunda reescrita, o *Vocabulario* não ganhou uma estrutura fechada, pois da leitura integral conclui-se que os últimos tomos têm artigos mais densos, preenchidos por um discurso de tipo enciclopédico mais bem desenvolvido e elaborado.

3. ESTRUTURA DO DICIONÁRIO-MONUMENTO

Os dez volumes do *Vocabulario* e do *Suplemento* apresentam-se sob a forma de um conjunto estruturalmente complexo, com um *corpus* paratextual extenso e disperso, acrescido dos diversos textos dicionarísticos e paradicionarísticos.

Além de considerar as funções e conteúdos dos diversos textos que acompanham o dicionário, deve atender-se ao seu contributo para a dimensão estética da obra, do ponto de vista da realização material e do aproveitamento dos recursos oferecidos pela técnica tipográfica. A encadernação, a folha de rosto, a qualidade dos elementos ornamentais, a disposição do texto na folha impressa são aspectos muito valorizados na recepção das obras no período barroco. O *Vocabulario* é, entre os textos metalinguísticos, o principal testemunho de um aperfeiçoamento técnico e estético que se verificou a partir dos últimos anos do século XVII, e que é um traço característico do conjunto de obras que obtiveram o patrocínio régio, ou compostas por autores que eram figuras próximas da corte. Antes mesmo do mecenato artístico de D. João V, a procura da monumentalidade e do aparato tipográfico é visível em pormenores como a dimensão física dos volumes ou a presença de ilustrações gravadas em metal, e de ornamentações vistosas de florões e vinhetas ¹.

¹ São exemplos desta renovação a *Historia de Portugal Restaurado* (1679-1698), de D. Luís de Meneses, impressa em Lisboa, na oficina de Miguel Deslandes; ou a *Polyantea medicinal* de Curvo Semedo (Lisboa, António Pedrozo Galram, 1704). Em ambas as obras, entre outros indícios de esmero tipográfico, destacam-se as gravuras com o retrato dos autores.

A tentativa de imprimir o *Vocabulario* em Paris, cerca de 1699, não se explicará apenas por questões políticas. Haveria em Lisboa oficinas capazes de realizar uma edição esteticamente cuidada, mas as especificidades do texto dicionarístico exigiam uma disponibilidade de tipos que poucos impressores poderiam assegurar. Nenhum testemunho escrito esclarece a opção pelo Colégio das Artes em Coimbra, mas pode supor-se que na decisão terão pesado as boas relações entre os teatinos e os jesuítas, ou as condições económicas mais vantajosas. De facto, em comparação com os volumes posteriormente editados em Lisboa, os ornatos tipográficos e mesmo os tipos da oficina de Coimbra eram de inferior qualidade, ainda que tentassem, na medida do possível, reproduzir o requinte dos dicionários estrangeiros que haviam servido de modelo a Bluteau (cf. figs. 2-5).

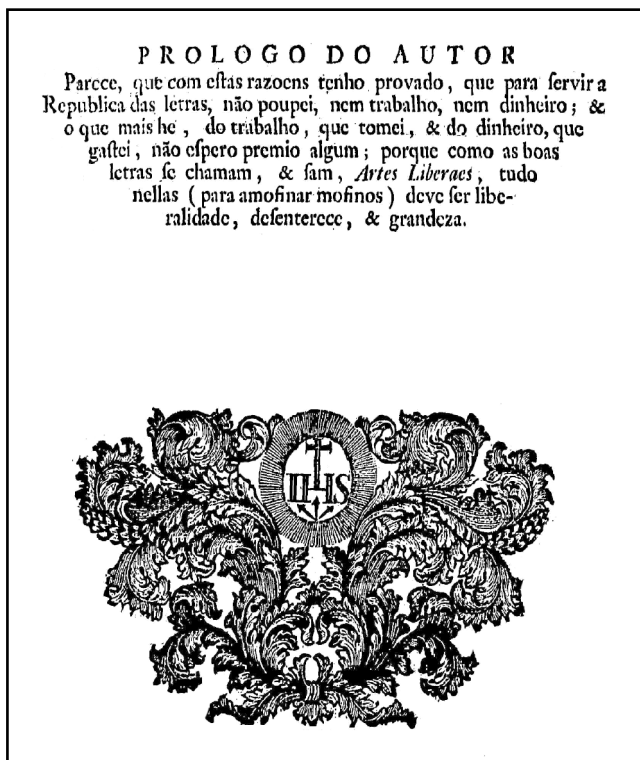


Figura 2: Vinheta. *Voc.*, tomo I, p. 68 [não numerada]

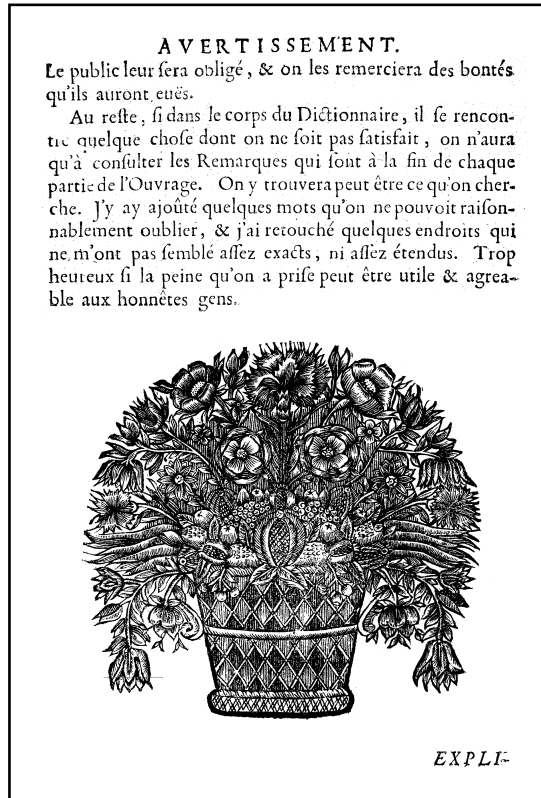


Figura 3: Vinheta. Richelet, *Dictionnaire françois*, 1680, p. 10 [não numerada]



Figura 4: Vinheta. *Voc.*, tomo 1, p. 1

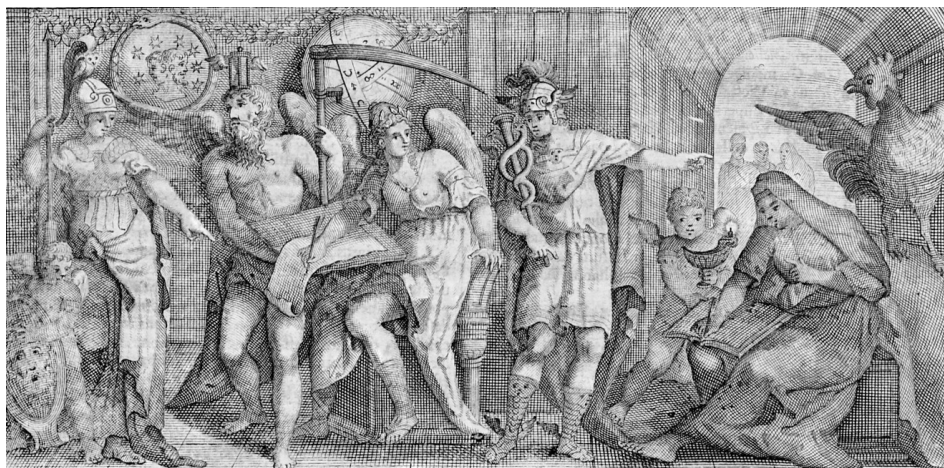


Figura 5: Vinheta. Hofmann, *Lexicon Vniversale*, 1698, tomo I, p. 1

3.1. O *corpus* paratextual

Na redacção e disposição do título e subtítulos reconhecem-se estratégias próprias das composições barrocas, nomeadamente a enumeração prolixa e o agrupamento de palavras com a mesma categoria gramatical (cf. fig. 6). A extensão do enunciado é um traço também presente em outros dicionários contemporâneos, como o *Lexicon Universale* (fig. 7), o *Dictionnaire Universel* (fig. 8) ou o *Dictionnaire historique* (fig. 9). Devido à ausência de gravuras, a atenção centra-se no nome de D. João V, em corpo superior ao do próprio título. Este destaque só tem equivalente no *Dictionnaire de l'Academie* (fig. 10), em que a folha de rosto, além de mencionar a dedicatória, é precedida por uma gravura de página inteira com o busto de Luís XIV.

Numa apreciação global, a configuração não é inovadora e assemelha-se à que pode ser encontrada em outras obras impressas em Portugal na mesma época, como é o caso da já citada *Polyanthea medicinal* (fig. 11).

Antes do prólogo ao leitor, os dicionários antigos apresentavam um conjunto de composições que podem designar-se genericamente como textos gratulatórios e de louvor, e que, por norma, se distinguem do prólogo por não abordarem questões metalexigráficas. No *Vocabulario* este *corpus* é invulgarmente extenso, com mais de uma dezena de textos no primeiro tomo e, em

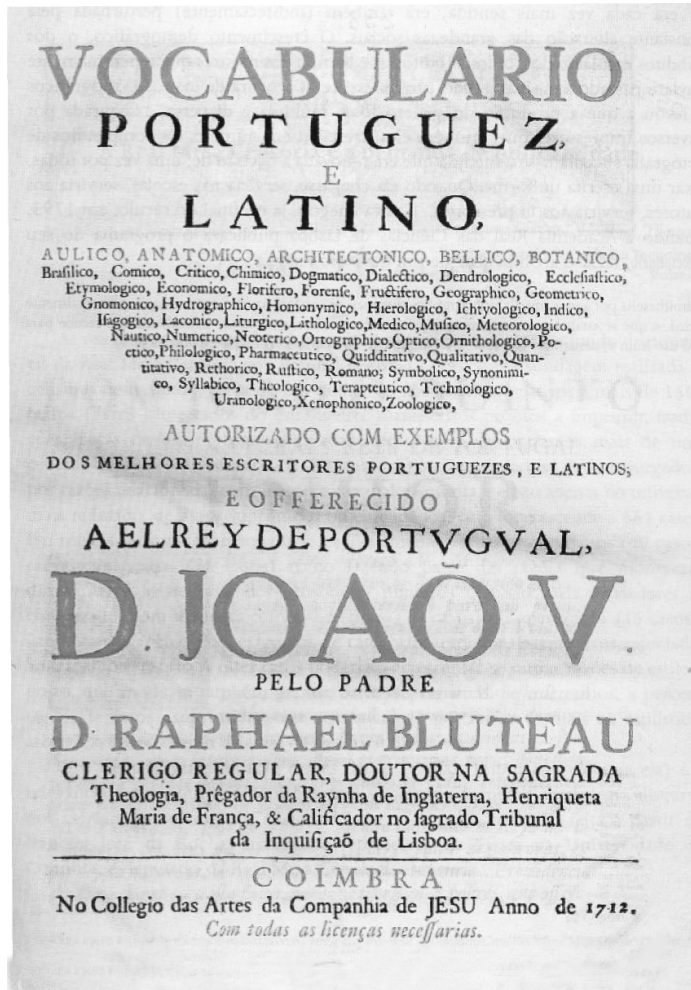


Figura 6: Folha de rosto. *Voc.*, tomo 1, 1712

VOCABULARIO / PORTUGUEZ, / E / LATINO, / AULICO, ANATOMICO, ARCHITECTONICO, BELLICO, BOTANICO, / Brasilico, Comico, Critico, Chimico, Dogmatico, Dialectico, Dendrologico, Ecclesiastico, / Etymologico, Economico, Florifero, Forense, Fructifero, Geographico, Geometrico, / Gnomonico, Hydrographico, Homonymico, Hierologico, Ichthyologico, Indico, / Isagogico, Laconico, Liturgico, Lithologico, Medico, Musico, Meteorologico, / Nautico, Numerico, Neoterico, Ortographico, Optico, Ornithologico, Po- / etico, Philologico, Pharmaceutico, Quidditativo, Qualitativo, Quan- / titativo, Rethorico, Rustico, Romano; Symbolico, Synonimi- / co, Syllabico, Theologico, Therapeutico, Technologico, / Uranologico, Xenophonico, Zoologico. / AUTORIZADO COM EXEMPLOS / DOS MELHORES ESCRITORES PORTUGUEZES, E LATINOS; / E OFFERECIDO / A EL REY DE PORTVGVAL, / D. JOAÕ V. / PELO PADRE / D. RAPHAEL BLUTEAU / CLERIGO REGULAR, DOUTOR NA SAGRADA / Theologia, Prêgador da Raynha de Inglaterra, Henriqueta / Maria de França, & Calificador no sagrado Tribunal / da Inquisição de Lisboa.

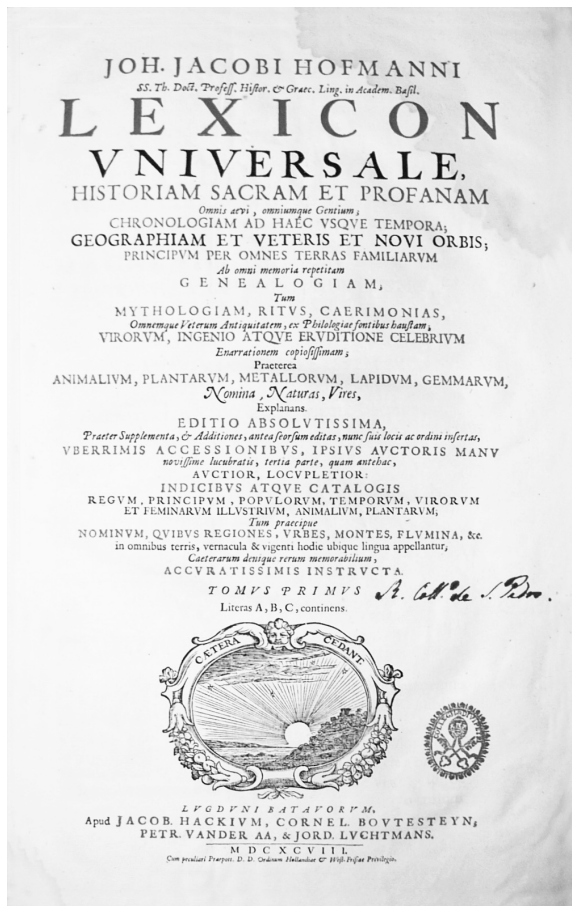


Figura 7: Folha de rosto. Hofmann, *Lexicon Universale*, 1698

JOH. JACOBI HOFMANNI / SS. Th. Doct. Profess. Histor. & Graec. Ling. in Academ. Basl. /
 LEXICON / VNIVERSALE, / HISTORIAM SACRAM ET PROFANAM / *Omnis aevi, omniumque*
 Gentium; / CHRONOLOGIAM AD HAEC VSQVE TEMPORA; / GEOGRAPHIAM ET VETERIS
 ET NOVI ORBIS; / PRINCIPVM PER OMNES TERRAS FAMILIARVM / *Ab omni memoria repe-*
 titam / GENEALOGIAM, / *Tum* / MYTHOLOGIAM, RITVS, CAERIMONIAS, / *Omnemque Vete-*
 rum Antiquitatem, ex Philologiae fontibus haustam; / VIRORVM, INGENIO ATQVE ERVDI-
 TIONE CELEBRIVM / *Enarrationem copiosissimam;* / *Praeterea* / ANIMALIVM, PLANTARVM,
 METALLORVM, LAPIDVM, GEMMARVM, / *Nomina, Natura, Vires,* / Explanans. / EDITIO
 ABSOLVTISSIMA, / *Praeter Supplementa, & Additiones, antea seorsum editas, nunc suis locis ac*
 ordini insertas, / VBERRIMIS ACCESSIONIBVS, IPSIVS AVCTORIS MANV / *novissime lucubratu,*
 tertia parte, quam antehac, / AVCTOR, LOCVPLETIOR / INDICIBVS ATQVE CATALOGIS /
 REGVM, PRINCIPVM, POPVLORVM, TEMPORVM, VIRORVM / ET FEMINARVM ILLVSTRIVM,
 ANIMALIVM, PLANTARVM; / *Tum praecipue* / NOMINVM, QVIBVS REGIONES,
 VRBES, MONTES, FLVMINA, &c. / *in omnibus terris, vernacula & viginti hodie ubique lingua*
 appellantur; / *Caeterarum denique rerum memorabilium,* / ACCVRATISSIMIS INSTRVCTA.

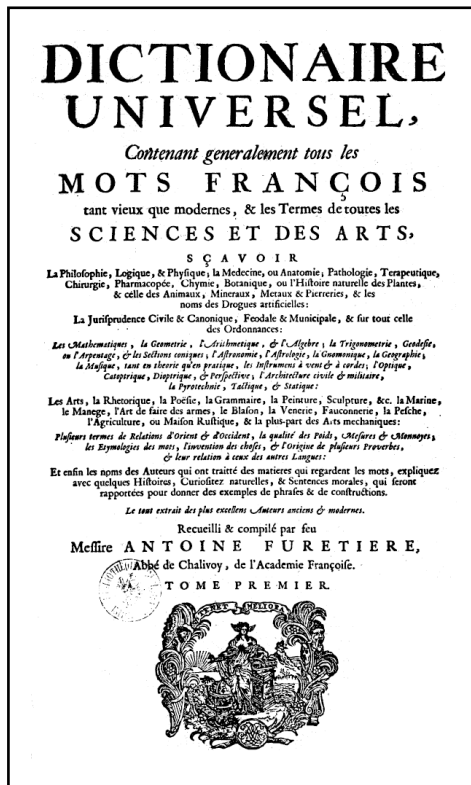


Figura 8: Folha de rosto. Furetière, *Dictionnaire Universel*, 1690

DICIONAIRE / UNIVERSEL, / Contenant generalement tous les / MOTS FRANÇOIS / tant vieux que modernes, & les Termes de toutes les / SCIENCES ET DES ARTS, / SÇAVOIR / La Philosophie, Logique, & Physique; la Medecine, ou Anatomie; Pathologie, Therapeutique / Chirurgie, Pharmacopée, Chymie, Botanique, ou l'Histoire naturelle des Plantes, / & celle des Animaux, Minéraux, Metaux & Pierrieres, & les / noms des Drogues artificielles: / La Jurisprudence Civile & Canonique, Feodale & Municipale, & sur tout celle / des Ordonnances: / Les Mathematiques, la Geometrie, l'Arithmetique, & l'Algebre; la Trigonometrie, Geodesie, / ou l'Arpentage, & les Sections coniques; l'Astronomie, l'Astrologie, la Gnomonique, la Geographie; / la Musique, tant en theorie qu'en pratique, les Instruments à vent & à cordes; l'Optique / Catoptrique, Dioptrique, & Perspective; l'Architecture civile & militaire, / la Pyrotechnie, Tactique, & Statique: / Les Arts, la Rethorique, la Poësie, la Peinture, Sculpture, &c. la Marine, / le Menage, l'Art de faire des armes, le Blason, la Venerie, Fauconnerie, la Pesche, / l'Agriculture, ou Maison Rustique, & la plus-part des Arts mechaniques: / Plusieurs termes de Relations d'Orient & d'Occident, la qualité des Poids, Mesures & Monnoyes; / les Etymologies des mots, l'invention des choses, & l'Origine de plusieurs Proverbes, / & leur relation à ceux des autres Langues: / Et enfin les noms des Auteurs qui ont traité des matieres qui regardent les mots, expliquez / avec quelques Histoires, Curiositez naturelles, & Sentences morales, qui seront / rapportées pour donner des exemples de phrases & de constructions. / Le tout extrait des plus excellens Auteurs anciens & modernes. / Recueilli & compilé par feu / Messire ANTOINE FURETIERE, / Abbé de Chalivoy, de l'Academie Française.

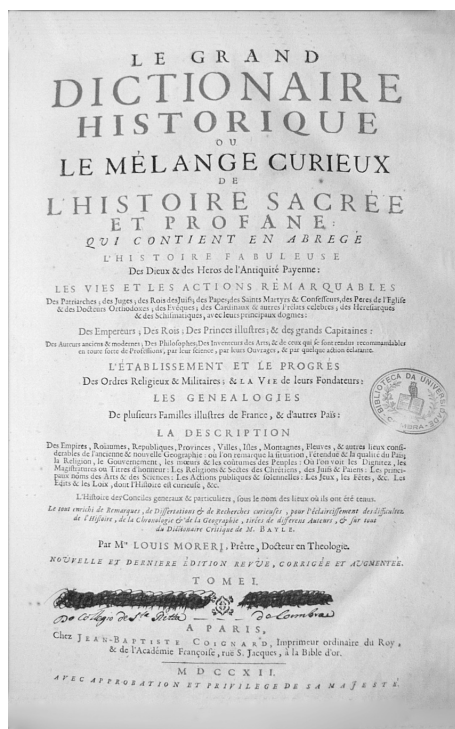


Figura 9: Folha de rosto. Moreri, *Le grand dictionnaire historique*, 1712

LE GRAND / DICTIONNAIRE / HISTORIQUE / OU / LE MÉLANGE CURIEUX / DE / L'HISTOIRE SACRÉE / ET PROFANE: / QUI CONTIENT EN ABREGÉ / L'HISTOIRE FABULEUSE / Des Dieux & des Heros de l'Antiquité Payenne: / LES VIES ET LES ACTIONS REMARQUABLES / Des Patriarches; des Juges; des Rois des Juifs; des Papes; des Saints Martyrs & Confesseurs; des Peres de l'Eglise & des Docteurs Orthodoxes; des Evêques; des Cardinaux & autres Prélats celebres; des Heresiarques / & des Schismatiques, avec leurs principaux dogmes: / Des Empereurs; Des Rois; Des Princes illustres, & des grands Capitaines: / Des Auteurs anciens & modernes; Des Philosophes; Des Inventeurs des Arts; & de ceux qui se sont rendus recommandables / en toute sorte de Professions, par leur science, par leurs Ouvrages, & par quelque action éclatante. / L'ÉTABLISSEMENT ET LE PROGRÈS / Des Ordres Religieux & Militaires; & LA VIE de leurs Fondateurs: / LES GENEALOGIES / De plusieurs Familles illustres de France, & d'autres Païs: / LA DESCRIPTION / Des Empires, Roiaumes, Republics, Provinces, Villes, Isles, Montagnes, Fleuves, & autres lieux considerables de l'ancienne & nouvelle Geographie: où l'on remarque la situation, l'étendue & la qualité du Païs; / la Religion, le Gouvernement, les moeurs & les coûtumes des Peuples: Où l'on voit les Dignitez, les / Magistratures ou Titres d'honneur: Les Religions & Sectes des Chrétiens, des Juifs & Païens: Les principaux noms des Arts & des Sciences: Les Actions publiques & solennelles: Les Jeux, les Fêtes, &c. Les / Edits & les Loix, dont l'Histoire est curieuse, &c. / L'Histoire des Conciles generaux & particuliers, sous le nom des lieux où ils ont été tenus. / Le tout enrichi de Remarques, de Dissertations & de Recherches curieuses, pour l'éclaircissement des difficultez / de l'Histoire, de la Chronologie & de la Geographie, tirées de differents Auteurs, & sur tout / du Dictionnaire Critique de M. BAYLE. / Par Mre LOUIS MORERI, Prêtre, Docteur en Theologie.

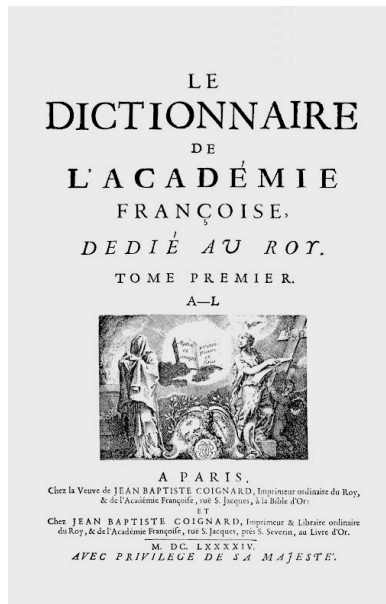


Figura 10: Folha de rosto. *Le Dictionnaire de l'Académie*, 1694

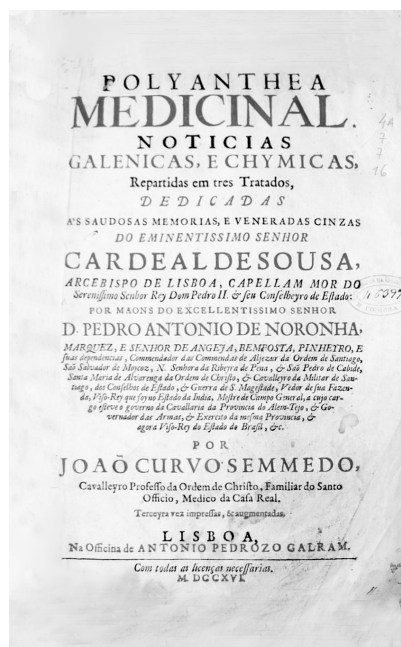


Figura 11: Folha de rosto. Semedo, *Polyanthea Medicinal*, 1727

menor número, nos tomos III, IV, V e *Suplemento*. Será mesmo o mais profuso de entre os dicionários referidos ao longo deste trabalho, só encontrando paralelo no *Tesoro de la lengua* (1611) de Covarrubias. Ainda assim, o conjunto presente no *Tesoro* é mais modesto, incluindo a carta régia que autoriza a impressão, as licenças, uma carta dirigida ao lexicógrafo, a resposta à carta e a dedicatória da obra ao rei.

A dedicatória é um dos paratextos mais comuns à generalidade dos dicionários dos séculos XVII e XVIII, sendo tradicionalmente o espaço de agradecimento ao mecenas que favoreceu a publicação da obra. A apresentação tipográfica requintada e algumas das estratégias retóricas na redação dos textos podem considerar-se mesmo formulares, ao ponto de ser possível identificar coincidências entre a dedicatória «Ao muy alto e poderoso Dom Joaõ o Quinto» e o texto correspondente no *Dictionnaire François* (1680) de Richelet (cf. figs. 12 e 13).



Figura 12: Página de abertura da dedicatória.
Voc., tomo I, 1712, p. 3 [não numerada]



Figura 13: Página de abertura da dedicatória. Richelet, *Dictionnaire françois*, 1680, p. 3 [não numerada]

Apesar de o apoio régio ter sido posterior ao início da edição, a dedicatória permite estabelecer entre D. João V e o *Vocabulario* uma relação semelhante à que unia o *Dictionnaire de l'Academie* a Luís XIV: um monarca culto, fomentador das artes e das letras e que se expressava numa língua que não devia em perfeição às restantes línguas europeias ².

² A dedicatória de Bluteau reproduz o tom laudatório do dicionário da Académie: «Mas não quero julgar por trabalho, o que poderá ter a fortuna de merecer os agrados de hum Monarcha tão magnificamente estudioso [...] terá V. M. nesta obra huma imagem das ideas de sua duplicada eloquencia, & nesta propria imagem veraõ os vassalos de V. M. as duas lingoes, Portugueza, & Latina, [...] Mas não podia ficar ás escuras huma obra, destinada para os olhos de V. M. & por si mesma, sem merecimento do Author, digna das veneraçoes do Universo, porque he Vocabulario da Lingoa, que V. M. falla. [...] algum dia terá o Author delle a gloria de ter preparado, e repartido por classes toda a locução Portugueza, & Latina, para a fabrica dos encomios de V. M. que Deos guarde, & prospere na guerra, & na paz; na terra, & no mar; dentro, & fora de seus Estados; inaccessible ás adversidades, inevitavel aos triumphos, querido da Fortuna, mimoso da gloria, exemplar da Magestade, exemplo de Religiaõ, Potentado dos coraçoes, emulação dos Potentados, & eterno assumpto dos Epinicios da Fama» (*Voc.*, I: «Ao muy alto e muy poderoso rey»).

Segue-se à dedicatória um conjunto de cartas, poemas e censuras que contribuem para o elogio da obra e do autor, e dão testemunho de um relacionamento privilegiado com nomes importantes da nobreza frequentadora das academias e do clero: D. Francisco Xavier, Gaspar Leitão da Fonseca, Troilo de Vasconcelos da Cunha, D. Francisco de Sousa e Fr. Lucas de Santa Catarina. Os elogios dos censores e o investimento retórico em alguns dos pareceres justifica-se pelo facto de Bluteau ser também qualificador do Santo Ofício, havendo lugar a uma deferência que Bluteau teria ocasião de retribuir nas censuras que elaborava.

As composições em verso formam uma espécie de selecta poética multilingue (português, latim, castelhano, francês, italiano), em que os respectivos autores exibem a habilidade para a escrita engenhosa (cf. o «Labyrinthus poeticus», tomo III) e o domínio do latim e das principais línguas vivas europeias (cf. o «Elogium pentaglotton» do Conde da Ericeira, tomo I; cf. fig. 14). O número destes textos é, mais uma vez, superior ao de qualquer outro dicionário francês contemporâneo, multiplicando os elogios ao autor e o ornamento tipográfico das páginas. O *Dictionnaire general* de Rochefort (cf. fig. 15) ainda regista um poema dedicado ao autor, mas esta prática não se verifica em obras posteriores.

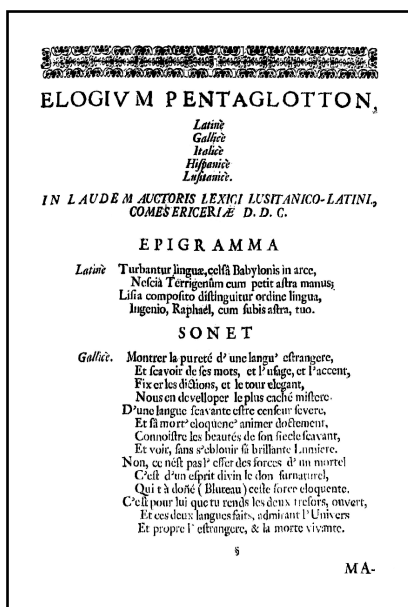


Figura 14: Composição poética em honra do autor.
Voc., tomo I, 1712, p. 9 [não numerada]

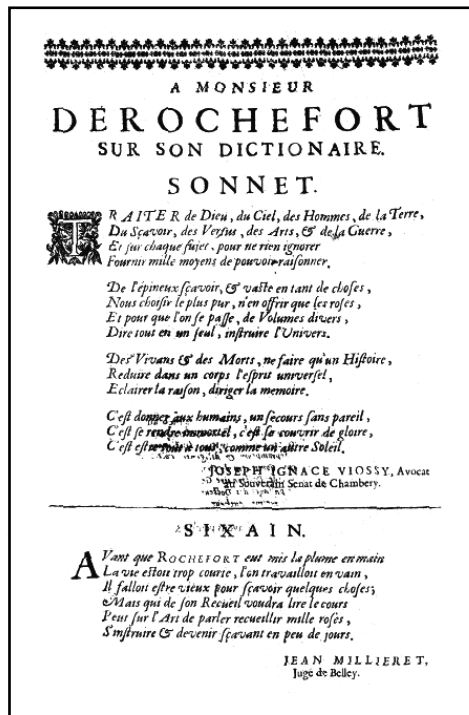


Figura 15: Composição poética em honra do autor. Rochefort, *Dictionnaire general*, 1685, p. 8 [não numerada]

Alguns dos nomes que deixaram impressas as suas homenagens eram visitantes estrangeiros, que Bluteau poderá ter conhecido no palácio dos condes da Ericeira, ou nos períodos em que o teatino frequentou a corte. Assim, no tomo 1 cita uma carta de Cosme III (1642-1723), príncipe de Médicis e grão-duque da Toscana, antigo aluno de Galileu e colecionador de obras científicas, que se deslocou a Portugal em 1669 para visitar as principais praças militares; no *Supplemento* encontra-se um madrigal composto por Jacques Le Quien de la Neufville (1647-1728), autor de uma *Histoire générale de Portugal* (1700), que visitou Lisboa em 1713. Nestes paratextos, o lexicógrafo patenteia uma prestigiosa rede de contactos pessoais e demonstra o reconhecimento da sua erudição em França e Itália, pelos superiores da congregação dos teatinos e inclusive pela Santa Sé³.

³ Cf. *Supp.*, I: «Copia da carta do Santissimo Padre Innocencio XIII, ao Author do Vocabulario Portuguez, e Latino».

O «Prologo a todo o genero de leitores» e o «Prologo segundo» formam um extenso conjunto paratextual — 44 e 30 páginas, respectivamente — que não tem precedente nos dicionários contemporâneos do *Vocabulario*. Mesmo os prólogos mais alargados, como o do *Dictionaire universel* (11 pp.) ou do *Dictionnaire de Trevoux* (14 pp.), são quase integralmente dedicados à síntese da teoria e técnica lexicográfica, com uma resenha do processo de composição e indicações para os consulentes.

Se os textos franceses e o prólogo do *Vocabulario* se distinguem no que respeita à forma, há todavia um conjunto de tópicos de informação metalexicográfica e de reflexão linguística que Bluteau recupera, mas com um tratamento menos fundamentado e uma exposição pouco sistemática, perturbada pela profusão de artifícios da retórica barroca e excursos autobiográficos.

Os prólogos de Bluteau são textos argumentativos em que a temática principal é a defesa da obra e do autor, recorrendo a estratégias discursivas muito próximas do registo da parenese. A estruturação dos conteúdos apresenta-se sob a forma de uma artificiosa divisão do texto em dez alíneas, cada uma dedicada a um tipo de leitor: benévolo, malévolo, impaciente, português, estrangeiro, douto, indouto, pseudocrítico, impertinente e mofino. Os diversos leitores levantam objecções à obra ou ao autor, e Bluteau «encena» uma disputa em que rebate as críticas, dirigindo-se a cada um deles em particular. Há geralmente uma relação de sentido entre a designação do leitor e o tipo de questões; por exemplo, com o leitor estrangeiro discute a perfeição da língua portuguesa, com o português o estatuto do lexicógrafo, com o impaciente o longo processo de redacção do *Vocabulario* (Cf. Silvestre, 2001). As críticas são introduzidas em discurso indirecto, como se reproduzisse os comentários do interlocutor visado:

Agora pergunto. Com as razoens sobreditas, & com esta demonstraçam ficaràs tu satisfeito, & eu justificado? Não sei. Se a primeira folha desta obra deu â tua impertinencia tão grande campo, que será entrando mais da terra para dentro? Já sei, que topaste com palavras antiquadas, & entendo, que como taes, as queres exterminar deste Vocabulario. Não sabes, que tem as palavras, como as Monarchias, seu principio, estado, & declinaçam? (*Voc.*, I: «Ao leitor impertinente»).

Após a enunciação da crítica, Bluteau apresenta os seus argumentos, que frequentemente são sublinhados com o recurso a amplificações retóricas, sob a forma de enumerações, símiles ou jogos de palavras. A acumulação de ima-

gens, exemplos históricos, citações e lugares comuns é equiparável às amplificações dos conceitos na oratória sacra, e em muito contribui para a extensão dos prólogos.

Tal como os discursos académicos das *Prosas Portuguezas*, os prólogos estão condicionados por modelos estéticos que valorizam o culto da palavra e da agudeza de engenho. De acordo com os parâmetros da época e a opinião do próprio Bluteau, o aparato retórico não era incompatível com um texto que se pretendia informativo para os leitores, na medida em que a riqueza formal apenas era condenável quando estava ao serviço de temáticas fúteis. Numa apreciação do conjunto, as enumerações e o discurso alegórico são os recursos mais frequentes. O estilo dos prólogos, com invectivas provocatórias dirigidas ao leitor e expressões interjectivas, contrasta com a solenidade que caracteriza os restantes paratextos. Em alguns excertos, os ataques aos críticos atingem uma comicidade próxima do registo satírico.

Apesar de se tratar de um conjunto, as alíneas gozam de autonomia textual e poderiam ser lidas isoladamente, observando-se inclusive a repetição de tópicos, argumentos e exemplos no mesmo prólogo. Assim, para responder cabalmente a uma determinada crítica, questões como a extensão do título, as características tipológicas de um dicionário universal ou a técnica de definição são abordadas sempre que se justifica ⁴.

O resultado desta construção engenhosa, com repetições, excursos e exposição dos tópicos de modo fragmentário, é um texto de leitura complexa,

⁴ No prólogo do *Supplemento*, a propósito da técnica de definição, o mesmo exemplo é apresentado ao leitor douto e ao impertinente: — «Lembre a este proposito o encontro, que tive com hum destes desprezadores das definiçoens, e descripçoens de miudezas, e cousas de non nada, que naturalmente vem à maõ, de que dou conta na obra. Dizia eu, e torno a dizer, que o definir, ou descrever qualquer cousa, ainda que commua, e trivial, não he tão facil como parece. Rindose o homem do meu dito, e dando por razaõ, que tudo o que se vé, ou se ouve, e na esfera dos sentidos cabe facilmente, e sem dar tratos ao juizo, com palavras se exprime; bem está (disse eu) visto isto, digame vossa merce, que cousa he maõ; desconfiou o homem, mudou de cor, e depois de masgar, e remoer na boca a dita palavra, se sahio com esta discreta definiçaõ, Maõ, maõ, maõ, he maõ; viva vossa merce mil annos (disse eu) por nos dar huma regra, ou exemplo tão facil para definir qualquer cousa, homem he homem, &c.» (*Supp.*, I: «Ao leitor douto»); — «A mim me succedeo, que pedindo a hum destes abichoens à moda, que me dissesse, que cousa he maõ, mudou de cor, e depois de mascar, e revolver entre dentes o monosyllabo maõ, se sahio finalmente com esta bella definiçaõ: maõ he maõ; supponho, que deste mesmo modo o nosso Impertinente affectando gravidade, e arcando as sobrance-lhas, se descartaria com dizer: maceira he maceira: pereira he pereira. Muito obrigada ficaria a Republica, a quem lhe dêsse noticia tão peregrina» (*ibidem*: «Ao leitor impertinente»).

em que é difícil localizar a informação essencial para a consulta do dicionário, relativa aos limites da nomenclatura, à ortografia, à ordenação dos sentidos e às categorias informativas. No que respeita à recepção por parte dos leitores contemporâneos de Bluteau, os prólogos terão sido positivamente apreciados enquanto exercício retórico, como se depreende da referência que surge na *Orthographia* de Madureira Feijó⁵. Alguns anos mais tarde, Verney fará uma avaliação extremamente negativa, concluindo que, para além das desvantagens da prolixidade, não cumprem satisfatoriamente os objectivos de esclarecimento metalexigráfico:

Era mui medroso: e nam tinha metodo. O medo, reconhece-se em cada pagina das-suas obras. Fora maltratado por-alguns Portuguezes injustamente; e a cada paso se-queixa, e dá uma satisfasam. Os Prologos, tanto na primeira obra, como no-Suplemento, sam insoportaveis: e apostarei, que nam-se-acha omem, de tanta paciencia, e tam mao gosto, que os-posa ler todos seguidamente: porque a cada momento, repete as mesmas coizas. E o pior é, que com dizer tanto, nam explica o que deve: pois querendo um leitor saber, o que ele faz no-Dicionario, e que razam dá da-obra; nam sabe por-onde á-de comesar. Com um só titulo dirigido ao leitor *** compreendia todos, os que ele poem no-seu Prologo: e com um Prologo mui breve, dava razam de toda a obra. Os omens doutos, intendem mui bem as coizas: e sabem desculpar um autor, que escreve uma obra grossa: especialmente um que escreva um Dicionario [...] (Verney, *Verdadeiro metodo*, 1746: 55-56).

Sem testemunhos concretos que o documentem, é difícil avaliar o peso das críticas negativas que efectivamente foram apontadas ao *Vocabulario*, legitimando o tom da resposta nos prólogos. Para além das críticas mais fundamentadas, resultantes da perplexidade perante a dimensão ou as características do dicionário, poderá ter existido um conjunto de ataques em tom satírico, especialmente dirigidos à figura do autor, sob a forma de «papeis anonymos»⁶.

⁵ «Leitor sábio e entendido, isto não he prólogo, para antecipar satisfaçoens á crítica dos Zoilos; porque depois que o doutissimo Bluteau fez prólogos para todo o genero de Leitores, todos os mais ficaõ escusados, para confusaõ da mordacidade, na crítica» (Feijó, *Orthographia*, 1739: «Prolegomeno»).

⁶ A questão é indirectamente referida no «Prologo segundo»: «Padre, veja lá como falla, que não faltará quem lhe responda. Responda embora, mas ponha o seu nome na resposta, que de papeis anonymos ninguem faz caso» (*Supp.*, I: «Ao leitor mofino»). É uma hipótese

O processo da génese do *Vocabulario* e as inovações que este introduz no panorama lexicográfico português explicam um prólogo em que a tónica é colocada na defesa da obra, empregando recursos do texto argumentativo (Cf. Silvestre, 2001). Acaba por deixar em segundo plano a preocupação em fornecer, de um modo explícito, indicações para a consulta do dicionário, que talvez considerasse desnecessárias para o público a que se destinava. De facto, as informações metalinguísticas e metalexigráficas estão presentes, embora obnubiladas pela encenação de um certame entre o autor e os seus leitores.

3.2. Organização estrutural

Os consulentes portugueses estavam familiarizados com obras que reuniam textos suplementares, como o *Dictionarium latinolusitanicum* (1569-1570) de Cardoso ou a *Prosodia*, pelo que é provável que a configuração do *Vocabulario* se adequasse às expectativas dos receptores. Todavia, ao contrário do que se verificava na generalidade dos dicionários franceses e portugueses, os repertórios acrescentados por Bluteau não são facilmente localizáveis, na medida em que se repartem em diferentes volumes e são entrecortados por uma profusão de textos preambulares. A extensa lista dos paratextos e do material dicionarístico revela a complexidade da estrutura que resulta, em parte, dos hiatos temporais entre as diversas fases de redacção e impressão.

Nenhum dos tomos foi objecto de reedição, pelo que a ordenação dos conteúdos é constante em todos os exemplares consultados:

Tomo I (A) Coimbra, No Collegio das Artes da Companhia de Jesu, 1712, [114], 698 pp.

[3-8] Ao muyto alto e muyto poderoso rey Dom João o Quinto [...]

[9] Carta do Graõ Duque de Toscana Cosmo Terceiro ao author deste Vocabulario [Duque de Toscana]

bastante plausível, à luz do retrato amargo de uma Lisboa intrigista e maledicente, descrita pelo próprio Bluteau aquando do regresso a Paris, em 1697: «A mim me parece, que no systema da vida moral, e politica he Pariz taõ contrario a Lisboa, como o dia à noite, porque em Pariz, o que se faz às claras, em Lisboa se costuma fazer às escuras. No trato commum dos que frequentaõ esta Corte, a todos he licito dizer claramente o seu parecer. [...] Lá [Lisboa] toda a queixa se faz na ausencia das pessoas, e quasi às escuras; quando muito se desabafa com os amigos, e só da impenetrabilidade do segredo se fia o desafogo da sinceridade» (Bluteau, *Primicias*, III, 1698: «Antiloquio panegyrico»).

- [11-14] Elogium Pentaglotton; [D. Francisco Xavier, Conde da Ericeira]
- [15] Ad Reverendissimi D. Raphaelis Bluteavi Lusitaniae vocis dissertatissimum vocabularium [Gaspar Leitão da Fonseca (1680-c.1759)]
- [16] Reverendissimo, ac scientifico domino D. Raphaeli Bluteavio [Gaspar Leitão da Fonseca]
- [17] Reverendissimo Patri D. Raphaeli Bluteau Clerico Regulari [anónimo]
- [18] Em applauso do amplissimo dictionario da lingua portugueza [...] [Troilo de Vasconcellos da Cunha (c.1654-1729)]
- [19-20] Cópia de huma carta de D. Francisco de Sousa, capitam da guarda del rey de Portugal, ao P. D. Raphael Bluteau, estando em Paris com intento de impirmir na dita Cidade, o seu Vocabulario
- [21-22] En Mercedo Elogio Del Docto Diccionario [...] [José Soares da Silva (1672-1739)]
- [23-25] [Licenças e censuras]
- [27-70] Prologo do Autor a todo o genero de Leitores
Ao leitor benevolo; Ao leitor malevolo; Ao leitor impaciente; Ao leitor portuguez; Ao leitor estrangeiro; Ao leitor douto; Ao leitor indouto; Ao leitor pseudocritico; Ao leitor impertinente; Ao leitor mofino.
- [71-88] Catalogo alphabetico, topographico, e chronologico dos autores portuguezes, citados pella mayor parte nesta obra
Catalogo de outros livros portuguezes, cujo autor se dissimula, ou se ignora, tambem citados nesta obra.
- [89] Catalogo dos autores portuguezes, segundo as materias, que tratarão
- [90-94] Abreviaturas das citaçoens dos livros portuguezes e a declaraçam dellas
- [103-113] Summaria noticia dos antiguos autores latinos, citados nesta obra, para exemplares da boa latinidade
- [114] Abreviaturas das citaçoens dos autores latinos, e a declaraçam dellas
- 1-698 Letra A

Tomo II (B-C) Coimbra, No Collegio das Artes da Companhia de Jesu, 1712, [2], 216, 654 pp.
1-216 Letra B; 1-654 Letra C

Tomo III (D-E) Coimbra, No Collegio das Artes da Companhia de Jesu, 1713, [10], 319, 407 pp.

In laudem eximii viri praeclarissimique Doctoris D. Raphaelis Blutea-
vijs, super vocabulario locupletissimo [...]; Labyrinthus poeticus
circumcirca nomen auctoris concludens [...] [Francisco de Sousa
de Almada (1676-c.1759)]

1-319 Letra D; 1-407 Letra E

Tomo IV (F-I) Coimbra, No Collegio das Artes da Companhia de
Jesu, 1713, [10], 243, 164, 91, 237 pp.

In laudem eximii viri praeclarissimique [...]

1-243 Letra F; 1-164 Letra G; 1-91 Letra H; 1-237 Letra I

Tomo V (K-N) Lisboa, Officina de Pascoal da Sylva, 1716, [26], 778 pp.
Maxime colendo, e observando maxime, Patri Doctori Domino Raphaeli
Blutovo, Domino suo, Ioannes Pirerius, Duo soliti, duo insoliti
generis Epigrammata [...] [João Pereira da Silva? (?-1708)]

Licenças

Erratas, e Emendas dos primeiros quatro volumes deste Vocabulario
impressos em Coimbra

1-2 Letra K; 3-223 Letra L; 225-654 Letra M; 655-778 Letra N

Tomo VI (O-P) Lisboa, Officina de Pascoal da Sylva, 1720, [8], 839 pp.

1-166; Letra O; 167-839 Letra B

Tomo VII (Q-S) Lisboa, Officina de Pascoal da Sylva, 1720, [4], 824 pp.

1-75 Letra Q; 76-403 Letra R; 405-824 Letra S

Tomo VIII (T-Z) Lisboa, Officina de Pascoal da Sylva, 1721, [12],
652, 189 pp.

[6-12] Outras erratas, e emendas dos primeiros quatro Volumes, im-
pressos em Coimbra, diferentes das que estão apontadas no prin-
cipio do quinto Volume.

1-340 Letra T; 341-606 Letra V; 607-618 Letra X; 619-621 Letra Y;
620 (aliás 622)-652 Letra Z

3-15 Prosopopeia del Idioma Portuguez a su hermana la Lengua Caste-
llana

15-24 Tabla de Palabras Portuguezas, remotas de la Lengua Castellana
25-189 Diccionario Castellano y Portuguez para facilitar a los castel-
lanos el uso del Vocabulario Portuguez, y Latino

Suplemento I (A-L) Lisboa, Officina de Joseph Antonio da Sylva, 1727, [132], 568 pp.

[3-8] Ao Muito Alto, Muito Poderoso, e Magnifico Rey, D. Joaõ Quinto [9-38] Prologo segundo, ou segunda advertencia do Author aos Leitores, já nomeados nas primeiras folhas do primeiro volume do Vocabulario [...]

[38] Advertencias a todo o leitor, para o uso deste Suplemento

[39] Copia da carta do Santissimo Padre Innocencio XIII, ao Author do Vocabulario Portuguez, e Latino

[40] Em applauso delRey D. Joaõ o V. nosso Senhor, concorrendo com a sua grandeza, para a impressaõ do Vocabulario da lingua Portugueza, em dez volumes [Conde da Ericeira]

[41] Reverendissimo, atque Sapientissimo D. D. Raphaeli Bluteavio &c. in voluminibus quinque octuplicato Lusitanorum verborum Indici superadditis [Gaspar Leitão da Fonseca]

[42] Au tres Reverend Pére Dom Raphael Bluteau [Jacques Le Quien de La Neufville, 1647-1728]

[43-48] [Licenças, censuras]

[49-71] Erratas dos oito volumes do Vocabulario

[73-132] Catalogo de mais de cinco mil vocabulos, acrescentados aos oito volumes do Vocabulario Portuguez, e Latino, ou com mais amplas noticias declarados no Suplemento que se segue a este catalogo

1-93 Letra A; 94-165 Letra B; 166-286 Letra C; 287-336 Letra D; 337-417 Letra E; 418-443 Letra F; 444-475 Letra G; 476-502 Letra H; 503-537 Letra I; 538-542 Letra K; 453-568 Letra L

Suplemento II (M-Z) Lisboa, Na Patriarcal Officina da Musica, 1728. [4], 325, [6], 592

1-66 Letra M; 66-85 Letra N; 85-103 Letra O; 103-163 Letra P; 163-169 Letra Q; 169-187 Letra R; 188-233 Letra S; 234-275 Letra T; 275-319 Letra V; 319-321 Letra X; 321 Letra Y; 321-325 Letra Z

[3-5] [Licenças, censuras]

1-56 Vocabulario de nomes proprios, Masculinos, e femininos, Antigos, e não usados, Vulgares, e raros, e muito raros

57-424 Vocabulario de Synonymos, e Phrases Portuguezas

425-467 Vocabulario de termos proprios, e metaforicos, em materias analogas

468-477 Vocabulario de nomes, que ficáraõ de plantas, tomados do Latim, e do Grego, para evitar circunlocuções

478-494 Vocabulario de Cavallaríá

- 495-500 Vocabulario de termos commummente ignorados, mas antigamente usados em Portugal, e outros trazidos do Brasil, ou da India Oriental, e Occidental
- 501-505 Vocabulario de palavras e modos de falar do Minho, e Beira, &c.
- 506-509 Vocabulario de Titulos
- 510-534 Vocabulario de Artes nobres, e mecanicas
- 535-547 Vocabulario de Vocabularios
- 551-552 Censura da Apologia do P. D. Rafael Bluteau pelo Conde da Ericeira
- 553-558 Apologia do Autor do Vocabulario Portuguez, e Latino
- 559-592 Censura sobre as materias concernentes ao Reino de Portugal, e suas Conquistas, referidas do grande dicionario historico de Luis Moreri.

III

CONSTITUIÇÃO DE UM *CORPUS* DICIONARÍSTICO DO PORTUGUÊS

1. DELIMITAÇÃO DA NOMENCLATURA

As características tipológicas do *Vocabulario* implicaram uma renovação substancial da nomenclatura, que não se limitou a aspectos meramente quantitativos. A redefinição do âmbito e das funções atribuídas ao dicionário de língua originou o alargamento da nomenclatura a novos domínios das terminologias especiais, despertando no lexicógrafo a ambição da exaustividade, que se traduziu num esforço de acumulação de entradas.

Os limites para esta euforia terminológica pareciam ser as contingências materiais, e mesmo essas foram sucessivamente superadas. Deste período, que se prolongou até meados do século XVIII, datam precisamente as monumentais obras lexicográficas em língua vulgar. Apesar de, em Portugal, o *Vocabulario* ser um exemplo isolado e algo tardio desta tradição de grandiosidade, o modelo continuou a ser cultivado em países como a França, em que a dimensão física do dicionário acompanhou o crescimento da nomenclatura. Em 1690, o dicionário de Furetière apresentava-se em 3 volumes in-fólio. A 2.^a edição do *Dictionnaire universel françois et latin* de Trévoux (1721), que é uma reformulação ampliada do trabalho de Furetière, ocupa já 5 tomos.

O aumento do número de volumes e de entradas constituiu um teste à funcionalidade dos dicionários, pelo que os lexicógrafos foram obrigados a consolidar a técnica de ordenação alfabética, a par da normalização na apresentação das formas identificadas como lema. Estes factores devem portanto ser considerados na análise da nomenclatura, uma noção complexa que, como afirma Bernard Quemada (1968: 265), compreende as diversas características relacionadas com o número e a natureza das palavras consignadas num dicionário. Entende-se por nomenclatura (ou macro-estrutura), a lista organizada

das entradas que permitem ao compilador e ao consulente localizar a informação. Por sua vez, a entrada é a forma de uma palavra, ou conjunto de palavras combinadas, que são seleccionadas para lema (cf. Hartmann e James, 2001: s.u. HEADWORD, LEMMA, MACROSTRUCTURE). No início do século XVIII, o conceito de nomenclatura ainda não designa a totalidade das entradas, sentido que Quemada apenas encontra registado na edição de 1771 do dicionário de Trévoux. Bluteau explica que nomenclatura «às vezes se toma por catalogo de nomes, & palavras proprias de algum idioma. Temos hoje muitas nomenclaturas, Italianas, & Castelhanas, que são como compendios de Dictionarios» (*Voc.*, s.u. NOMENCLATURA). De resto, a palavra latina *nomenclator* estava presente em bibliónimos lexicográficos, como o *Nomenclator omnium rerum* (1567) do alemão Hadrianus Junius, que é diversas vezes citado no *Supplemento*. Na lexicografia moderna, alguns autores adoptam o termo *nominata*, como é o caso do *Dicionário Houaiss da língua portuguesa* (2001).

1.1. Extensão e acumulação

Na generalidade dos vernáculos, a questão da abundância de palavras repercute-se na lexicografia à medida que a necessidade social do dicionário e a produção editorial aumentam. Em Portugal, esse crescimento verifica-se ao longo do século XVII, tanto mais que, até meados do século, Cardoso e Barbosa eram os únicos instrumentos disponíveis. Pode supor-se um consenso geral, entre os usuários da época, sobre o facto de a língua não se encontrar suficientemente representada, mesmo considerando apenas a nomenclatura típica de um dicionário de língua.

Os paratextos do *Thesouro* de Bento Pereira anunciam tão claramente essa insuficiência, que, na página de rosto da edição de 1647, o tópico dominante é precisamente o da quantidade da nomenclatura, demonstrando com exemplos o incremento que a obra representava. Para os lexicógrafos do período em estudo, o número de entradas dos dicionários é um critério comparativo fundamental, tendo em vista a superação das obras precedentes¹. O dicionário

¹ «Tem todos os vocabulos portugueses que trazem Cardoso, & Barbosa, & de nouo outros muytos mil, em tanta copia, que so os vocabulos acrescentados são outros tantos, & mais, que todos quantos tem os sobreditos Vocabularios. E assim pera que se veia a falta de vocabulario em que estauamos, com descredito de nossa lingoa, sendo injustamente de algũs julgada por menos copiosa, pode aduertir o curioso leitor nos vocabulos que leuaõ este sinal

dos jesuítas, com cerca de 24 500 entradas na edição de 1697, era uma descrição da língua de extensão bastante apreciável, mas a selecção dos itens e a organização dos lemas estavam pensadas para o trânsito escolar, algo que não se coadunava com as novas exigências e expectativas a que a nomenclatura do *Vocabulario* procurava responder. A estrutura dos dicionários com entradas em português e glosa em latim dificultava a inclusão de toda uma série de palavras em que, ou o correspondente latino não existia, ou era também um termo técnico, fornecendo assim uma definição pouco informativa. Importava satisfazer a apetência dos consulentes por domínios terminológicos que, em geral, eram registados em glossários e tratados especializados latinos (medicina, botânica, física, ...). Na segunda metade do século XVII, deverá ter-se acentuado a distinção, outrora muito ténue, entre o termo técnico greco-latino e a palavra portuguesa morfológica e ortograficamente adaptada. Ou seja, tais palavras adquiriam o direito a integrar uma nomenclatura portuguesa, do mesmo modo que ocorriam naturalmente em textos escritos em vulgar.

O tema da cópia, enquanto marca configuradora do *Vocabulario*, está presente desde as primeiras páginas, seja em relação ao número de entradas, seja a propósito da abundância de informação erudita. Na dedicatória a D. João V justifica aquilo que é materialmente patente: a concretização de um projecto de exaustividade e acumulação. Ao longo do texto surgem expressões como «fecundidade, & elegancia [...] das lingoas», «affluencia das palavras», «abundancia de voz», afirmando que um dicionário deve conter as palavras que suprem as necessidades discursivas nas artes, ciências e nos diversos cenários em que o homem culto se movimenta². Nesse sentido, justifica-se um programa de expansão sistemática do vocabulário, pela importação de palavras latinas, segundo o qual «o Lacio há de ser a fonte, & o thesouro mais propinquo, donde Portugal há de tirar as palavras, de que necessita» (*Voc.*, I: «Ao muyto alto [...] Rey Dom Joaõ»). A questão da primazia entre as línguas

† porque nenhum delles traz o Vocabulario de Barbosa, que he o mais copioso: & se bem aduertir, acharà que muy de ordinario vão assinalados a fio seis, dez, vinte, & mais [...]» (Pereira, *Thesouro*, 1647: página de rosto).

² «A opulencia de hum Reyno naõ só consiste na abundancia das riquezas, senaõ tambem na affluencia das palavras; & assi pelo contrario, todo o Reyno, falto de palavras, he pobre. [...] Sem abundancia de vozes para todas as materias do discurso, emmudecem as artes, & as sciencias, & fica ociosa a capacidade dos que nos Pulpitos, Academias, & congressos dos sabios, querem expor os cabedaes do seu engenho» (*Voc.*, I: «Ao muyto alto [...] Rey Dom Joaõ»).

européias não estava de modo algum ultrapassada — antes adquirira novos contornos, com o ascendente cultural e político da França — e o *Vocabulario*, quantioso como os principais dicionários franceses e castelhanos, torna-se o contributo possível para uma política de afirmação da língua, que procura evitar uma menorização do português³.

Da mistura de terminologias, vocábulos antigos, termos hápax e topónimos resulta uma nomenclatura atípica, que os críticos terão interpretado como uma selecção desregrada, tendo em vista a extensão artificial do número de entradas. Bluteau apresenta o uso como critério bastante para a admissão, mesmo que o índice de frequência seja reduzido, o que se explica pelo facto de a recolha dever muito às abonações num *corpus* textual autorizado⁴.

No *Vocabulario* não há qualquer indicação, ainda que aproximada, acerca do número total de entradas. O facto de os volumes irem sofrendo correcções e adições até perto do momento da impressão poderá ser uma explicação plausível, mas nem no *Supplemento* se demonstra o interesse por uma contagem global. Contabilizando apenas os macro-artigos (iniciados pelo lema em capital), no total registam-se menos de 32 000 entradas nos oito volumes e perto de 6000 nos suplementos. A única quantificação é a do catálogo dos «mais de cinco mil vocabulos» que compõem o *Supplemento*, mas mesmo aqui o cálculo se revela pouco rigoroso.

A comparação com o *Thesouro* sustenta a percepção de que se trata de um valor modesto, pois o dicionário dos jesuítas regista cerca de 24 500 entradas, cada uma correspondendo, em geral, a uma acepção ou unidade de sentido. Mas, dadas as diferenças na técnica lexicográfica, os valores obtidos traduzem realidades distintas, pelo que o número total de entradas é um dado menos informativo do que se poderia supor. Também a estimativa aproximada do número de subentradas revelaria inúmeras dificuldades, pois a estrutura dos artigos é muito variada e o lexicógrafo não distingue com clareza as acepções e os exemplos.

³ «pellas noticias, que tenho, acho que este Vocabulario, aindaque não fora, nem Latino, nem Geographico, ainda seria mais copioso, que os que ategora se tem impresso em lingua vulgar estranha» (*Voc.*, I: «Ao leitor estrangeiro»).

⁴ «Enganaõse os que attribuem a vastidaõ da obra à insaciavel curiosidade do Author, que para accrescentar o numero dos vocabulos, os foy accumulando sem a escolha, e moderaçãõ que convem. Todas as palavras, que tem nesta obra seu particular paragrafo, saõ usadas do vulgo, ou dos homens doutos, e da mayor parte delles se confirma o uso com exemplos de Escritores Portuguezes, [...] para que os Leitores pouco lidos o não façaõ inventor delles» (*Supp.*, I: «Ao leitor pseudocritico»).

Analisando os totais, observa-se que os artigos dos suplementos representam 15,7 % das entradas, o que se traduziria num incremento de 18,6 % em relação aos oito volumes. Mas, em rigor, este número será menor, na medida em que uma parte das entradas apenas introduz adendas a artigos já existentes.

Os números só adquirem sentido perante um elemento comparativo que deve ser procurado entre a lexicografia estrangeira contemporânea. Um bom correspondente será a 2.^a edição (1721) do *Dictionnaire universel* de Trévoux, pois há semelhanças no que concerne à selecção da nomenclatura e à técnica lexicográfica. Segundo informação de Bernard Quemada, os cinco volumes contêm 47 871 entradas, o que é apenas um indicador da extensão da nomenclatura de um dicionário de tipo universal (Quemada, 1968: 270). A diferença não é surpreendente, pois os dicionários franceses eram já o resultado de sucessivos esforços de acumulação desde finais do século XVII, enquanto o *Vocabulario* é um primeiro ensaio.

1.2. Técnica de alfabetação

Os grandes dicionários monolíngues publicados na Europa no século XVIII foram beneficiários de um longo e gradual processo de experimentação que generalizou a ordenação alfabética da nomenclatura. A partir de então, as noções de catálogo lexical e ordem alfabética são quase indissociáveis, concorrendo para a definição do conceito de ordem dicionarística (*ibidem*: 328).

Na prática, a técnica ainda apresentava algumas deficiências, mas encontrava-se suficientemente desenvolvida para potenciar a grande vantagem da ordenação alfabética, que é o facto de permitir a disposição das entradas sem admitir excepções. Todavia, a indexação letra-a-letra até ao final da palavra, que é o procedimento mais comum, introduz inconvenientes, não só porque obriga à separação de palavras que se aproximam morfológica ou semanticamente, mas também porque dificulta a tarefa de busca, uma vez que pressupõe o domínio da norma ortográfica que regula a língua da entrada (Hüllen, 1999: 11) ⁵.

⁵ Em geral, distinguem-se três tipos de organização da nomenclatura: ordenação local (respeitando a sequência das ocorrências num determinado texto); temática ou conceptual (observável em dicionários onomasiológicos); ordenação de acordo com a forma gráfica da palavra ou a sua realização fonética. Nesta última categoria inserem-se os dicionários alfabéticos, mas também os dicionários de rimas. Cf. Hartmann e James, 2001: s.u. ORGANISATION.

A organização alfabética uniformizada conferia coerência e estabilidade a repertórios lexicais em contínua expansão, permitindo integrar não só os neologismos, como também as novas acepções para os termos anteriormente dicionarizados (Quemada, 1972: 104; 1998: 67). O aperfeiçoamento da técnica de alfabetação acompanhou o processo de reformulação do conceito de artigo em dicionários de línguas modernas. Tomando por base o exemplo e a técnica lexicográfica de obras instituidoras como os dicionários de Calepino, Nebrija (1492) ou R. Estienne (*Dictionarium seu Linguae Latinae Thesaurus*, 1531), as sequências de itens lexicais, transmitidas pela tradição medieval, sofreram nos diversos vernáculos sucessivos exercícios de reagrupamento de acordo com critérios semânticos e derivacionais (Verdelho, 2000a: 125-126). A alfabetação aplica-se a artigos cada vez mais abrangentes e textualizados, e não a um conjunto alargado de itens, que uma ordenação correcta separaria e tornaria ilógico. Deste modo, configura-se a formulação do artigo de dicionário que se tornou tradicional a partir do século XVIII: o reagrupamento, num conjunto com unidade textual, de informações linguísticas ou enciclopédicas ligadas a uma entrada. A definição é de Bernard Quemada, que considera a estruturação com base em parágrafos — isto é, artigos mais ou menos textualizados — como um marco fundamental na lexicografia monolíngue francesa (Quemada, 1972: 103). A primeira edição do dicionário da Académie, com a ordenação das palavras por famílias, será a excepção mais notória a uma tendência generalizada para a indexação alfabética integral nos dicionários monolíngues⁶.

No panorama dicionarístico português, a publicação do *Vocabulario* representa uma substancial evolução na ordenação formal da nomenclatura, com diferenças que se tornam mais notórias pelo facto de, nos dicionários editados anteriormente, ainda não se verificar a ordenação alfabética directa. O texto de J. Cardoso (1562) é aquele em que é mais visível a conjugação da organização alfabética e derivacional, agregando palavras por relações morfológicas e semânticas. Por sua vez, o *Thesouro* apresenta-se como um glossário em que, apesar das preocupações com a alfabetação, subsistem também ordenações por campos semânticos e derivações etimológicas⁷.

⁶ Sobre as justificações dos académicos para esta opção, que considerava especialmente os leitores eruditos, cf. Catach, 1998: 77-78.

⁷ «[...] uma das mais notadas deficiências destes dicionários é a imprecisão no estabelecimento da ordem alfabética das entradas. Os autores perturbaram frequentemente este critério com as interdependências resultantes dos vínculos etimológicos. As chamadas famílias de palavras desorganizam quase sempre a distribuição alfabética da nomenclatura» (Verdelho, 1993: 783).

Estas opções, se bem que justificáveis tendo em atenção a época de elaboração das obras e o trânsito escolar a que estavam destinadas, representavam, em finais do século XVII, um modelo pouco prestigiado. Os dicionários que Bluteau conheceu no estrangeiro apresentavam técnicas de alfabetação e reagrupamento bem mais desenvolvidas ⁸.

As diferenças podem ser observadas desde logo em obras do início do século, como é o caso do *Thresor de la langue françoise* de Nicot (1606). Este dicionário de larga difusão e influência dominou o panorama lexicográfico francês até à publicação do *Dictionnaire François* de Richelet (1680) e revela um investimento em reflexão lexicológica e lexicográfica que supera as obras portuguesas contemporâneas. A disposição alfabética apresenta poucas incongruências, pois só se aplica às entradas que encabeçam o macro-artigo; as subentradas, que incluem a fraseologia e poucas derivações morfológicas, surgem em alíneas. Em todo o caso, o *Thresor* de Nicot destaca-se pela delimitação, hierarquização e ordenação da nomenclatura, com repercussões imediatas na facilidade de consulta. É certo que ainda são muitas as debilidades, como as oscilações no tratamento tipográfico das entradas e subentradas, em especial quando os tipógrafos trocavam o itálico pelo romano, criando assim falsas entradas incorrectamente alfabetadas. Também é reduzido o número de remissões de palavras derivadas para o macro-artigo em que são abordadas (cf. Wooldridge, 1997 (1977): 2.2.1; Bray, 1990: 1794-1795; Quemada, 1998: 43-44).

Ou seja, ao compor o *Vocabulario* de acordo com o modelo dos grandes dicionários do fim do século, Bluteau obriga-se a ultrapassar etapas que a lexicografia portuguesa não experimentou plenamente. De facto, para tarefas basilares como a selecção da nomenclatura e reagrupamento dos significados, os lexicógrafos franceses operaram sobre todo um esteio de reflexão semântica e experimentação lexicográfica, de que o trabalho de Claude Vaugelas e a Académie são apenas os exemplos mais visíveis. Se no *Vocabulario* a ordenação da nomenclatura e dos significados é claramente devedora a modelos externos, não é menos verdade que as soluções que a tradição lexicográfica portuguesa oferecia não eram suficientes para as ambições do autor.

⁸ Sobre a evolução dos primeiros léxicos alfabetados impressos, com particular destaque para a influência do *Catholicon* de João Balbo (século XV) e dos dicionários de Estienne (*Thesaurus*, 1531; *Dictionnaire françoislatin*, 1539), cf. Quemada, 1968: 322-324. Acerca do longo percurso desta técnica de ordenação, desde a Antiguidade clássica até à Idade Média, cf. a síntese de Shaw, 1997: 3.1.2.

Não há indicação de que Bluteau tenha desejado para a ordenação das entradas outro sistema que não o da alfabetação directa. Tal opção implicava um esforço suplementar na selecção prévia da nomenclatura, de modo a não atrasar a redacção do texto com carácter definitivo. Em todo o caso, o *Vocabulario* passou por duas etapas de reescrita, que terão permitido eliminar incongruências, mas também acrescentar entradas aos últimos volumes até cerca de 1712⁹.

O manuscrito original de imprensa a enviar para os tipógrafos teria necessariamente de corresponder à ordenação final desejada, pois não é de supor a possibilidade de um trabalho colaborativo, em que na oficina se corrigissem eventuais imperfeições. De facto, o fragmento que resta demonstra um trabalho cuidado, confiado a um escrevente, em que a escrita tenta representar o modo como o texto deve ser impresso, reproduzindo artifícios como a capitulação das entradas, a indentação e os títulos correntes que indicam a separação das séries¹⁰. Quase se adivinha a preocupação em evitar erros de ordenação e de destaque da nomenclatura por parte dos compositores (cf. fig. 16).

São escassos os dados acerca de todo o trabalho que antecedeu esta fase, até porque ainda não se identificaram quaisquer outros manuscritos do *Vocabulario* anteriores à pré-impresão. O único testemunho — indirecto, sublinhe-se — é o manuscrito do *Oraculum*, uma obra paralexiconográfica que foi composta em Alcobça, a par com o dicionário (cf. *supra* cap. 1.4.2). O códice é composto por duas partes distintas, principiando pelo original de imprensa correspondente ao primeiro e único volume a ser impresso, em letra que não a do autor; a segunda parte é composta pelo texto inédito e apresenta-se em volumosos cadernos de fólio, manuscritos por Bluteau (B. N. L. Cod. 3001 a 3003). Esta versão, que certamente antecederia a cópia para original de imprensa, também por sua vez parece ser a cópia de uma versão anterior. Isto porque a um texto-base com uma aparência de uniformidade foram adicionadas inúmeras correcções e adições, em nota marginal ou através de pequenas folhas coladas, permitindo a inclusão de excertos ou de novos artigos.

⁹ «trabalhei nesta obra mais de trinta annos. Duas vezes escrevi de minha letra os oito volumes, que vaõ sahindo à luz, & outras duas vezes foram os dittos volumes tresladados, & postos em limpo por diversos Escreventes» (*Voc.*, I: «Ao leitor mofino»). As licenças dos dois primeiros volumes foram pedidas em 1705, do terceiro e do quarto em 1708 e dos restantes em 1712.

¹⁰ O manuscrito (B. N. L. Cod. 3.347) revela-se particularmente informativo no que respeita ao confronto entre as convenções ortográficas do lexicógrafo e a prática dos impressores (cf. adiante, cap. IV.1.2.). Sobre a descrição material do códice e a sua proveniência, cf. Marquilhas, 1991: 30-34.

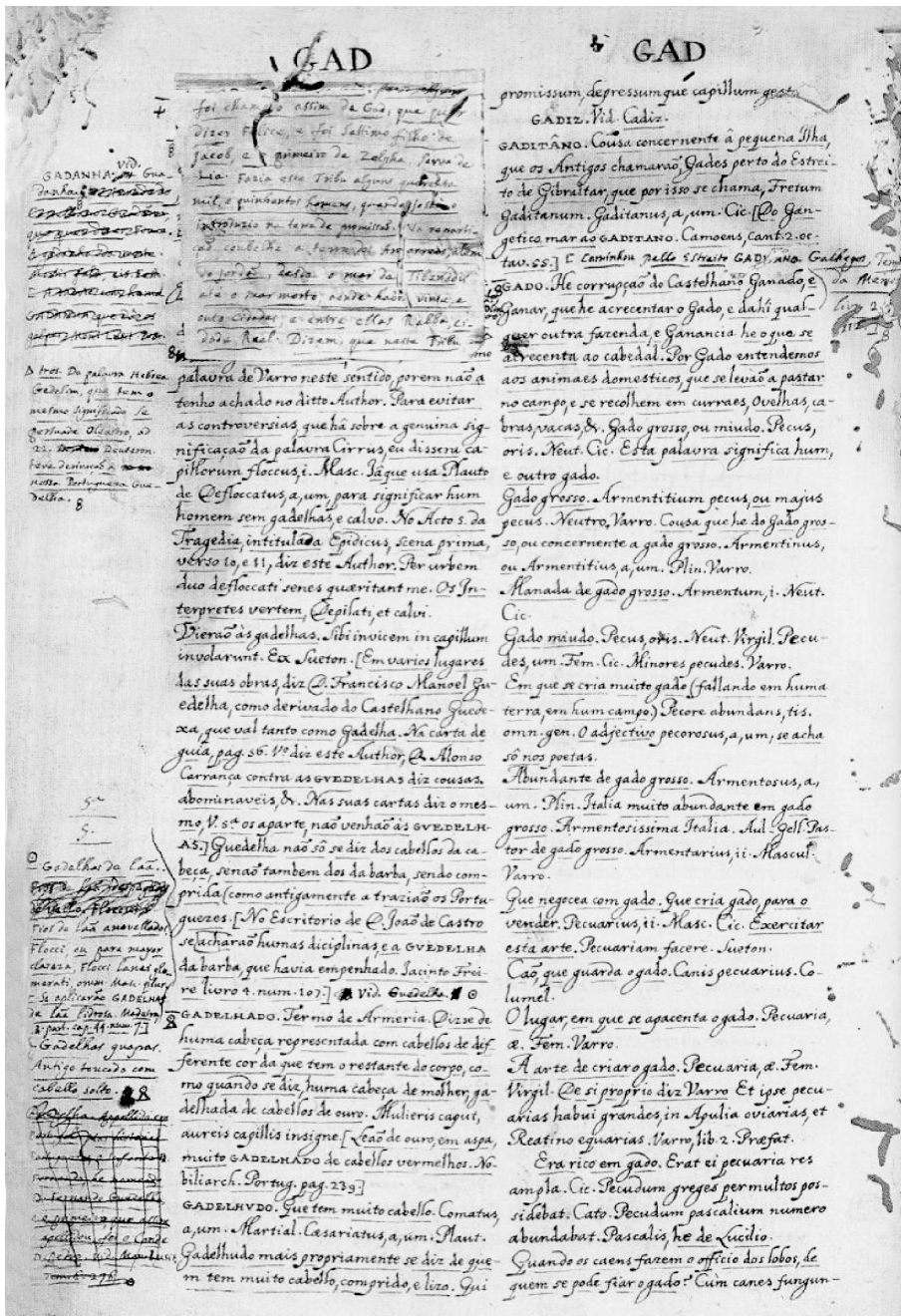


Figura 16: «Fragmento do proprio Ms. original do Dicionario Portuguez de Bluteau, que achou o D.^{or} Antonio Ribeiro entre varios papeis». B. N. L. Cod. 3347

Parece legítimo supor que o *Vocabulario* também tenha conhecido uma versão semelhante, em que a generalidade dos artigos já se apresentaria com a redacção final e a nomenclatura se aproximaria da organização definitiva. Mas, porque ainda se tratava de um documento de trabalho, poderia incluir novos artigos acrescentados na margem ou em folhas coladas, de modo a não induzir em erro o escrevente. Esta fase deve remontar ao período em que o autor residiu em Alcobaça, uma vez que nesses três anos toda a obra foi profundamente revista, com um incremento do número de entradas.

Mas o material compilado em finais do século XVII já seria bem mais que um rascunho. As notícias que dão conta de uma tentativa de impressão por volta de 1697 indicam que a versão anterior a Alcobaça já se encontraria num estado muito adiantado de redacção. É de admitir que o texto das últimas letras não estivesse concluído, mas a nomenclatura fundamental encontrava-se definida e ordenada, uma vez que licenças dos superiores teatinos de Roma foram obtidas em 1697 e 1698, mediante o envio de um manuscrito.

A versão de 1697 beneficiou do exemplo de uma técnica de alfabetação apurada, presente nos dicionários de Furetière (1690) e de Corneille (1694), mas por mais decisiva que tenha sido essa influência, Bluteau já trabalhava no *Vocabulario* desde cerca de 1680 e é nesse intervalo de 10 anos que se pode situar a organização da nomenclatura fundamental.

Esta fase pressupõe a confrontação das fontes lexicográficas disponíveis, bem como a colecção de material disperso nos diversos cadernos em que, durante mais de 6 anos, o teatino anotara palavras e expressões que colhera na leitura de autores portugueses¹¹. Não é certo que esse fundo informativo se encontrasse alfabeticamente ordenado, ainda que de uma forma rudimentar; o mais provável é que se tratasse de uma ordenação local, recolhendo citações e contextos no decurso da leitura. A constituição deste género de listas era uma ocupação erudita frequente entre os clérigos e os documentos obtidos não tinham necessariamente em vista tornar eficiente uma consulta futura. No espólio proveniente da biblioteca dos teatinos encontra-se um manuscrito de Caetano de Lima, intitulado *Vocabulario nautico da lingua e frases portuguezas* (B. N. L., Cod. 3138). O autor copiou integralmente um texto em que o vocabulário náutico era abundante e transcreveu nas margens todas as palavras

¹¹ «Do trabalho, que tomei em colher de todos os livros Portuguezes, que me vieram às mãos, dicçoens, & phrases, não faço menção; sô digo, que enchi dellas alguns dez volumes de quarto, & nesta collecçam gastei mais de seis annos» (*Voc.*, I: «Ao leitor pseudocritico»).

desse campo semântico, sem lhes conferir outra ordenação para além da local, mantendo-as inclusive perto da linha em que ocorrem.

Para a elaboração de listas de nomenclatura — que poderiam incluir os primeiros esboços de redacção dos artigos, definindo as subentradas — o método de trabalho não se distanciaria muito do que se observa no manuscrito do *Diccionario Portuguez e Latino* do teatino Caetano de Lima¹². Apesar de ocupar seis volumes in 4.º, poderia ser apenas um livro para uso pessoal, pois não há sequer notícia de uma intenção em publicá-lo. Trata-se de um precioso exemplo de um dicionário em plena redacção, com artigos parcialmente concluídos, entradas sem glosa e espaços em branco. Caetano de Lima trabalhou em cadernos de média dimensão, posteriormente cosidos em volumes de tamanho que permitisse o manuseio.

Da leitura atenta dos dicionários anteriores, portugueses e latinos, o lexicógrafo delineava uma previsão sobre quais as letras que comportariam maior ou menor número de entradas, o mesmo acontecendo em relação a determinadas sequências alfabéticas no interior de cada série. Com base nessa estimativa, dividia os cadernos em sequências limitadas por 2 ou 3 letras iniciais, sendo essa informação registada nas páginas ainda em branco, sob a forma de títulos correntes. Este sistema permitia acumular informação, mas dificultava uma ordenação eficaz e o acesso à nomenclatura. Assim, o lexicógrafo manteria um índice das entradas, provavelmente dividido em sequências, facilitando a constante actualização e minimizando as inevitáveis operações de rescrita. Sabe-se que D. Francisco Xavier de Meneses e o seu filho elaboraram índices como instrumento auxiliar de controle da nomenclatura e é de supor que esta também tenha sido uma estratégia fundamental na composição do *Vocabulario*¹³.

O sucesso do esforço de ordenação dependia da coerência com que o lexicógrafo estabelecesse e cumprisse uma determinada sequência alfabética. A seriação dos grafemas latinos era regular, mas surgiam divergências entre os lexicógrafos no que respeita à integração de grafemas introduzidos posterior-

¹² *Diccionario Portuguez e Latino das palavras e frases portuguezas mais necessarias e de melhor uso explicadas na mais pura latinidade e com exemplos dos melhores autores*, B. N. L., Cod. 3120-3124.

¹³ «Como meu filho copiou o Index do Supplemento, que remeto, não vai palavra alguma repetida das que elle continha desde L. e N. S. para diante: com que se não cance Vossa Reverendissima em conferillas, nem as do meu novo Supplemento, que brevemente remetterei, porque corri cuidadosamente o Vocabulario, e Supplementos» (carta citada por Bem, *Memorias*, 1792: 314).

mente, fossem eles específicos da escrita vernácula, ou de uso comum nas principais línguas europeias. Mas esta dificuldade não foi de modo algum exclusiva do português e, no início do século XVIII, não havia propriamente um sistema alfabético normalizado, antes um conjunto mínimo de práticas geralmente aceites, legitimadas sobretudo pela lexicografia latina. Os tratados ortográficos também não forneciam soluções para a ordenação, tanto mais que nem sequer eram unânimes quanto ao número de unidades grafemáticas. Franco Barreto regista um alfabeto com 26 unidades e estabelece uma distinção entre as letras tradicionais e aquelas que foram introduzidas pelos «modernos» (<ç>, <j> e <v> minúsculos), enunciando-as à parte e sem as integrar na sequência alfabética (Barreto, *Ortografia*, 1671: 65-66). Madureira Feijó explica que o número de letras pode variar entre 23 e 25, diferença que resulta do facto de se poder considerar <j> e <v> como unidades autónomas. Tal como Barreto, Feijó não inclui <j> na sequência de maiúsculas, apesar de ocorrer ao longo do texto e de ser usado em posição inicial na lista de erros de pronúnciação. Na «Breve instrucçam para os Mestres das Eschólas de Lêr, e Escrevêr», propõe um alfabeto simplificado, em que elimina o <k> (Feijó, *Orthographia*, 1639 (1634): 16-17, 545).

Da leitura do *Vocabulario*, o primeiro aspecto a notar é que se mantém o desfazamento entre o número de grafemas simples em uso e o número de séries alfabéticas, limitando-se estas a 23:

A, B, C, D, E, F, G, H, I, K, L, M, N, O, P, Q, R, S, T, V, X, Y, Z.

Em todo o caso, a inclusão de séries delimitadas para <K> e <Y> constitui uma novidade, uma vez que Cardoso, Barbosa e Pereira não as contemplam, tanto mais que eram consideradas estranhas à ortografia portuguesa. Analisando a nomenclatura do *Vocabulario* nestas duas séries, constata-se que são sobretudo neologismos, cuja presença se justifica pela busca da exaustividade e pelo teor enciclopédico, factores que exerceram uma pressão considerável na nomenclatura dos grandes dicionários da época¹⁴. Para além desta

¹⁴ Como Bluteau reconhece, não se trata propriamente de nomenclatura portuguesa, mas de decalques de palavras estrangeiras: «No principio do tomo quinto do nosso Vocabulario Portuguez, e Latino, seguindo os preceitos da Orthografia de Duarte Nunes de Leão, temos deixado a letra K, quasi em branco como letra, no Alfabeto Portuguez inutil, e ociosa; porém considerando, que em livro de linguagens Septentrionaes, e outras tambem estranhas,

primeira ordenação, torna-se necessário um sistema de seriações parcelares, que permita a integração de palavras principiadas por dígrafos, bem como por outros grafemas não contemplados, como é o caso de <ç>, <j>, <u> e <w>.

A avaliação das diferentes soluções apresentadas por Bluteau e pelos antecessores deve ter em conta as modificações nos sistemas ortográficos das respectivas épocas. De facto, o avanço do *Vocabulario* em termos da técnica de alfabetação só foi possível porque a língua escrita que procurava inventariar já se encontrava ortograficamente mais normalizada, o que permitiu dispensar técnicas auxiliares de ordenação, como é o caso das seriações por critérios fonológicos.

Assim, na série <C>, Cardoso indexa primeiro todas as palavras em que o grafema representa a oclusiva; segue-se <ça, ce, ci, ço, çu> e, por fim, as palavras principiadas pelo dígrafo <ch> (cf. Teyssier, 1980: 25). Barbosa reduz as distinções a duas, indexando primeiro os lemas com valor de oclusiva e em seguida as sibilantes, integrando o <ch> na sequência <ça, ce, ch, ci, ço, çu>. Por sua vez, o *Thesouro* recupera o esquema de Cardoso, remetendo novamente o <ch> para o fim da série.

No caso de <I>, no *Thesouro* a mesma série abarca os valores consonântico e vocálico, sem que essa distinção seja tipograficamente marcada de uma forma rigorosa. No dicionário de Cardoso, o grafema inicial é sempre <i> — maiúsculo ou minúsculo, de acordo com a disponibilidade da caixa —, enquanto o <j> minúsculo só ocorre em posição medial. Quanto à ordenação no interior da série, a intenção seria apresentar primeiro as palavras com <i> consonântico (<I^{a,e,o,u}->) e, por fim, as palavras em <i+CONSOANTE>, respeitando a ordenação alfabética no interior de cada um destes grupos de entradas. Todavia, surgem sequências anómalas como:

Iejum, Iejuar, Ioya [‘jóia’], ida, idolo, [...], Igualador, Igreja, Ioyo, Ioeira

Barbosa e Bento Pereira estabelecem uma sequência em que, para efeitos de ordenação, as realizações vocálicas ou consonânticas são indistintas. Todavia, no dicionário de Barbosa, o emprego do <j> maiúsculo e minúsculo ainda

sahe a letra K no principio de muitas dicçoens, temos achado, que neste Suplemento convinha fazer menção dellas, segundo a Orthografia da terra, por não ficarem os Portuguezes privados das noticias, que dellas dependem» (*Supp.*: s.u. κ).

é similar ao que se observa em Cardoso. Nos finais do século XVII, e tendo em conta o conjunto *Prosodia-Thesouro*, o emprego do <J-> era mais generalizado, mas não ao ponto de ser regular. Nas séries <J^{a,e,o,u}-> da *Prosodia*, as páginas em que o <J-> é a regra alternam com outras em que as entradas principiam por <I->. No caso do *Thesouro*, apesar de as entradas com valor consonântico não totalizarem mais de 3 colunas, o <J-> só ocorre nas 4 entradas da série <Je->¹⁵. Parece tratar-se de uma concessão à caixa tipográfica, uma vez que seria necessário o carácter minúsculo itálico em quantidades incomportáveis. Além disso, o corpo do <J> romano disponível era bastante alongado na metade inferior, o que perturbaria a composição de páginas em que as glosas, em geral, não ultrapassavam uma linha.

A evolução do tratamento do par <u/v> é muito semelhante à do anterior. Cardoso principia pelas palavras com valor consonântico, remetendo para o fim as de valor vocálico, enquanto Barbosa e Bento Pereira se limitam ao critério alfabético, considerando os grafemas indistintos quanto à ordenação. O grafema <U> em posição inicial só ocorre nas edições mais tardias do *Thesouro*, pois tanto na edição de 1647, como nos dicionários anteriores, a regra é o uso do <v->.

A lenta introdução do <J-> e <U-> nos dicionários é condicionada sobretudo pelas características das oficinas tipográficas, apetrechadas em função de uma escrita latina em que o emprego de <i, j, u, v>, maiúsculos e minúsculos, era ainda bastante irregular, o que se reflectia também na impressão dos textos em português¹⁶.

Assim, e tendo em conta a prática em dicionários portugueses que ainda conheciam largo uso após a edição do *Vocabulario*, o trabalho de Bluteau des-

¹⁵ <J> na edição de 1723. Nas de 1647 e 1697 ocorre apenas <I>.

¹⁶ De facto, são tardias as tentativas mais consistentes de regularização. Na primeira metade do século XVII, em França, vários autores propõem a diversificação do uso de <j> e <v>, mas, na prática, os impressores não podem ou não acedem a respeitar essa intenção. Em 1558, o impressor Jean de Tournes adopta nos seus textos o uso actual do <j> e <v>, mas apenas nas minúsculas (*Oeuvres* de Marot, 1558). Petrus Ramus (Pierre de la Ramée, 1515-1572), trabalhando com o editor Andreas Wechel, alarga a aplicação às maiúsculas, em primeiro lugar nas obras latinas (*Scholae grammaticae*, 1559) e, em seguida, também nas francesas (*Gramere*, 1562). Pela efectiva repercussão desta normalização, os grafemas receberão a designação tradicional de «letras ramistas». N. Catach descreve as vicissitudes do processo, focando em particular as dificuldades dos impressores em obter os tipos adequados (1968: 130-132, 225). Sobre a evolução destes grafemas na tradição tipográfica europeia, cf. *ibidem*: 312-314.

taca-se por um esforço mais consistente, mas nem sempre conseguido, de organizar internamente as séries de acordo com critérios alfabéticos. Os grafemas <i/j> e <u/v> tornam-se indiferentes do ponto de vista da ordenação, enquanto os dígrafos, como <ch>, são integrados nas séries tendo em conta cada um dos símbolos gráficos que os compõem. A mais notória excepção é o <ç> inicial, que Bluteau substitui por <s->, uma vez que as remissões de <ç^{a, o, u} -> para <s^{a, o, u} -> são indexadas no fim das sequências <ca-, co-, cu->, respectivamente.

No caso das letras ramistas, parece claro que a intenção do lexicógrafo seria respeitar o uso reformado para as maiúsculas, que correspondia à prática dos dicionários de Furetière (1690) e da Académie (1694). Todavia, tal não acontece na série <I/J> (tomo IV, Coimbra, 1713), pois o Colégio das Artes não disporia de tipos maiúsculos suficientes, ao ponto de por vezes faltarem também no texto dos artigos, sendo substituídos por <I->. No volume de 1713, o <J-> é pouco frequente em alguns cadernos, e pode mesmo concluir-se que ocorre de forma algo arbitrária, dependendo da disponibilidade da caixa. Nem sequer parece coincidir com as palavras em que a pronúncia seria duvidosa — como topónimos estrangeiros e neologismos — pois em geral as ocorrências na glosa esclarecem a questão. Só nos volumes de Lisboa a representação das maiúsculas atinge a coerência pretendida.

Outra inovação é a inclusão, na série <U/V>, de palavras estrangeiras que, na origem, principiavam por <w->. O estatuto do grafema já se encontrava definido nos dicionários franceses, sendo indexado como uma sequência de <u/v+u/v>, mesmo quando as tipografias dispunham do carácter <w>, como sucede em Furetière e no dicionário da Académie. Ao longo do *Vocabulario*, o grafema <w> ocorre na transcrição de palavras estrangeiras, mesmo quando a caixa não continha tal carácter, sendo então necessário fabricá-lo com a junção de dois vês. A solução não era de modo nenhum inédita, pois já servia em França desde a segunda metade do século XVI, altura em que o <W> maiúsculo rareava nas tipografias (Catach, 1968: 311). É lícito concluir que a oficina tipográfica de Coimbra não dispunha do carácter, pelo menos no tamanho do tipo empregue no *Vocabulario*. Em contrapartida, a oficina da Patriarcal, onde se imprimiram os suplementos, já tinha o carácter nas caixas, sendo frequentemente solicitado para o registo de topónimos, cujo número é superior nos referidos volumes. Todavia, o uso deste grafema é muito pontual e, ao contrário do <K>, não beneficiava do peso da tradição latina, o que explica o facto de não ser incluído na sequência alfabética do dicionário e de não merecer referência na «Prosa Grammatonomica».

1.2.1. *Ordenação das entradas*

A regra geral é a ordenação letra-a-letra até ao fim da palavra, aplicando a sequência alfabética consignada para a disposição das séries. A prática contrariará diversas vezes este princípio — por lapso do autor ou por erro dos tipógrafos — mas as faltas materiais são inevitáveis numa obra antiga de tão grande dimensão, isto para além do carácter ainda experimental desta técnica de alfabetação, em relação ao português. Observemos, em primeiro lugar, alguns exemplos seleccionados de ordenação.

No que respeita ao <ç>, é indistinto do <c>, excepto quando todas as letras coincidem, sendo nesse caso a palavra com <ç> registada em segundo lugar:

— ORCA, ORÇA, ORCADAS, ORÇAMENTO, ORÇAR, ORCHESTRA

Em interior de palavra, também não se distinguem <i/j> e <u/v> ¹⁷:

— JUGO, JUGULAR, IVICA [«Ibiza»], JUIZ, JUIZO

— UVA, UVALCEUSSEN, UVEA, UVEIRA, VULCANO

— VULTURNO, UVRE, VURMO, UYVAR, UYVO, UZAGRE

No exemplo anterior verifica-se que o <y>, em UYVO, é indexado antes de <z>, apesar de representar uma semivogal. A posição do <y> levanta problemas, uma vez que a prática ortográfica admitia a alternância com <i>. Quando o <y> representa uma memória etimológica, a ordenação segue geralmente a tradição dicionarística latina. No caso de palavras portuguesas observam-se inúmeras incongruências, como na seguinte série, em que ambos os <y> são semivogais e recebem um tratamento distinto:

— OLANDILHA, OLARÍA, OLÁYA, OLDEMBURGO, OLDENSÊL, OLEÁDOS, OLEAR, OLEYRO, OLEO

¹⁷ O princípio é o mesmo dos dicionários anteriores, mas a regularidade no emprego dos grafemas beneficia a leitura. Por exemplo, o *Thesouro* (1647) ainda registava *viuer, viuua, Vua, Vuas, Vueyras*.

Os dígrafos também são indexados letra a letra, traduzindo a prevalência da forma gráfica da palavra sobre os critérios fonológicos. Assim, não se distinguem o <ch> «grecizante» e o <ch> que representa a sibilante palatal:

- CHARCO, CHAREL, CHARIDADE, CHARISMA, CHARLAR, CHARLATAM
- CACETA, CACHA, CACHACA, [...], CACHEIRA, CACHETICO, CACHETICO, CACHEXIA, CACHIMBAR

O <-h-> em posição intermédia, incluindo o dígrafo <nh>, é considerado como unidade independente, mesmo quando apenas tem um valor semelhante ao de um diacrítico, ou quando é uma marca visual de uma memória etimológica:

- INGUIA, INHABIL, INHABILIDADE, INHABILITAR, INHABITADO, INHABITAVEL, INHAME, INHAPURE, INHAZARA, INHENHO, INHERENCIA
- INCOGNITO, INCOHERENCIA, INCOLA
- CAMPESTRE, CAMPHORA, CAMPINA

No que respeita às palavras compostas, a prática mais comum nos dicionários anteriores era considerar apenas o primeiro elemento lexical. Assim, a ordenação de uma série de entradas — em geral hipónimos — estabelece-se aleatoriamente ou por critérios semânticos¹⁸. Bluteau tenta estender o critério alfabético ao segundo e terceiro elemento, até porque o conjunto de entradas numa mesma série poderia facilmente prolongar-se por várias páginas. A ordenação é letra-a-letra, omitindo espaços e hífens, tendo em conta os elementos de valor gramatical, como as preposições.

Outras exceções são claramente opções do lexicógrafo, como a seguinte ordenação, presente na letra C, que distingue a realização vocálica da consonântica, contrariando a prática geral na série <I/J>:

- CAJADINHO, CAJADO, CAJAM, CAJAZEIRO, CAJU, CAIBROS, CAIMAM, CAIMBA, CAIREL, CAIRO

Importa ainda assinalar uma regra de ordenação em que o critério fonológico se sobrepõe à posição da unidade grafemática na sequência alfabética

¹⁸ Cf., *Thesouro* (1647): *Vua*, *Vua azeda*, *Vua temporaã*, *Vua serodea*, *Vuas de pendura*, *Vuas roxas*, *Vuas de boa casta*, *Vuas brauas* [...]. Na edição de 1697, *Uva* é a forma mais comum.

tradicional. Nos volumes impressos em Coimbra, a caixa não dispunha de diacríticos para assinalar as maiúsculas das entradas, pelo que o grupo <-AÕ> era registado <-AM>. Todavia, quando a terminação era relevante para efeitos de indexação, a palavra era ordenada de acordo com a grafia desejada, e não pela efectivamente registada. Assim se explicam sequências como: CAÇANTE, CACAO, CAÇAM, CAÇADO, CAÇAR.

A aplicação de todo este conjunto de regras resulta numa renovação efectiva do modo de apresentar a nomenclatura ao consulente. A reduzida dimensão das glosas nos dicionários anteriores colocava ao alcance imediato da visão todo um conjunto de entradas semântica e morfológicamente relacionadas, pelo que era dispensável o investimento na alfabetação. Perante o crescimento súbito das glosas e a integração de novas acepções é mais funcional destacar um menor número de formas de entrada, colocando na sua dependência os itens relacionados, aos quais anteriormente era concedido igual relevo.

No caso do *Vocabulario*, a comparação da nomenclatura com a tradição lexicográfica deixa perceber a importância de um trabalho básico de reagrupamento das entradas registadas em Bento Pereira, tal como o jesuíta fizera em relação a Cardoso e Barbosa. O quadro 3 inclui as entradas que os quatro dicionários consagram a *ESCREVER* e palavras derivadas. Do *Vocabulario* transcrevem-se também as subentradas, embora se exclua a fraseologia que não introduz novas acepções; omitem-se as traduções de citações literárias latinas, figurando em posição de subentrada, e que apenas servem de ilustração. As entradas e subentradas não registadas em dicionários anteriores são assinaladas a negrito.

A amostra recolhida dos três primeiros dicionários ilustra as deficiências da técnica de alfabetação, registando uma ordenação parcial até à 3.^a, 4.^a ou 5.^a letras¹⁹. O *Thesouro* já apresenta uma ordenação mais correcta, registando-se apenas o desvio de *ESCRIVANINHA* e *ESCRITOS*, cujas posições se explicam à luz das relações de derivação. Além disso, nas três obras referidas, todos os itens têm um tratamento tipográfico semelhante, o que dificulta a delimitação de grupos relacionais. Por exemplo, no *Thesouro* é difícil indicar onde termina o grupo de entradas subordinadas a *ESCREVER*. O *Vocabulario* introduz um sistema de hierarquização distinto, que por regra não engloba no macro-artigo

¹⁹ Sobre este aspecto particular da técnica lexicográfica, em Jerónimo Cardoso, cf. Teysier, 1980: 25.

QUADRO 3
Evolução na técnica de ordenação das entradas

<i>Cardoso, Hieronymi... Dictionarium, 1562</i>	<i>Barbosa, Dictionarium, 1611</i>	<i>Pereira, Thesouro, 1697</i>	<i>Vocabulario</i>
Escreuer	Escreuer	Escrever	ESCREVENTE
Escriuam	Escriuão	Escrever a miude	ESCREVER
Escretura	Escriuão, i. taba- lião	Escrivinhar	Escrever a alguém
Escrito		Escrita cousa	Escrever mais largo [...]
Escritorio	Officio d'escriuão	Escrito ou bilhete	O mestre, que ensina a escrever
Escreuaninha	Escriuão das notas	Escritores	Cousa, que serve para escrever [...]
	Escriuão do ciuel	Escritos	Tinta para escrever [...]
	Escriuão do crime	Escritorio	Escrever a miudo a alguém [...]
	Esriptura, i. o que se escreue	Escritura	Escrever o que outra pessoa diz, ou está dictando [...]
	Escritor, que es- creue	Escrivaninha	Escrever. Compor
	Escritorio	Escrivaninha, offi- cio	ESCRIBA
	Escriuaninha	Escrivam	ESCRITA
	Escrito, aliàs bi- lhete	Escrivam da puri- dade	ESCRITO
	Escritura, ou co- nhecimento	Escrivam, id est, ta- balliam	Livro, escrito de mão
	Cousa escrita	Escrivam das notas	Escrito. Bilhete.
		Escrivam do Civel	Escrito, feito ou assinado de mão propria
		Escrivam do judi- cial	Escrito de amores
	Escrevente	Escrivam do paço	Escrito posto em alguma praça, ou lugar publico da Cidade
			Pôr na porta de humas casas escri- tos para se venderem
			Escrito da Alfandega
			Escrito de casamento
			Escrito de desafio
			ESCRITOR
			ESCRITORIO [móvel]
			Escritorio de letrado
			Escritorio [local]
			ESCRITOS
			ESCRITURA
			Escritura publica
			Escritura sagrada
			Escrituras antigas
			ESCRIVANINHA
			Escrivaninha. Officio de escrivaõ
			ESCRIVAM
			Escrivaõ de puridade
			Escrivaõ de Paço
			Escrivaõ do civel
			Escrivaõ do crime

as palavras derivadas. De facto, considerando as entradas e subentradas que não se encontram em dicionários anteriores, observa-se que o incremento se deve aos itens que, no entender do lexicógrafo, corresponderiam a novas acepções. Sem entrar na análise da técnica de elaboração dos artigos, importa desde já notar as perturbações que a fraseologia acarreta, pois nem sempre é clara a distinção entre subentradas, exemplos em contexto e expressões de origem literária. Tipograficamente, a distinção é pouco clara, pois as frases-exemplo ora são colocadas numa alínea, ora surgem em sequência num mesmo parágrafo (cf. cap. IV.3.4).

1.3. Normalização das formas-lemma

Nos dicionários monolíngues, publicados nos finais dos séculos XVII, é visível o esforço de normalização no registo das formas-lemma, no sentido de as tornar representativas de paradigmas gramaticais²⁰. Sem a preocupação da correspondência obrigatória com a segunda língua, há condições mais favoráveis para que a nomenclatura se estruture de acordo com as categorias gramaticais e a morfologia da língua que se pretende descrever.

Na nomenclatura dos dicionários anteriores ao *Vocabulario*, a percepção da regularidade é gravemente perturbada pela fraseologia, que introduz locuções adverbiais e diversas categorias integradas em sintagmas. Ao adaptar os critérios de estruturação da nomenclatura das obras francesas, Bluteau evita, à partida, inúmeras debilidades do sistema pesado e irregular dos dicionários portugueses em circulação. Para garantir a funcionalidade da nomenclatura, era necessário evitar a tentação da acumulação fácil — eliminando categorias gramaticais de formação previsível, por exemplo — mas também normalizar a apresentação da forma-lemma, no que respeita ao género e ao número.

Tal como os seus modelos estrangeiros, o *Vocabulario* não se libertou totalmente das incongruências próprias de uma técnica em evolução, para além das concessões necessárias à conjugação das vertentes portuguesa e latina. Apontam-se várias insuficiências nos dicionários de Nicot (1606), Richelet (1680) e Furetière (1690), no que concerne à flexão das formas-lemma, seja por

²⁰ Como refere Landau (1991 (1984): 76), nem todas as formas são escolhidas para representar um paradigma gramatical e o reconhecimento do valor destas formas pelos falantes pressupõe um nível elevado de padronização da língua.

tratamento diferente dentro da mesma obra, seja por divergências em relação aos critérios de lexicógrafos precedentes (Quemada 1968: 275 e segs.).

1.3.1. *Variação em número*

Nas entradas correspondentes a substantivos e verbos, a regra básica era registar o lema no singular. Todavia, são várias as situações em que este princípio é contrariado, pelo que o lema não funciona como unidade paradigmática, antes pretende traduzir um uso preponderante.

A excepção natural a esta regra são os chamados *pluralia tantum*, palavras que morfologicamente são plurais, sem que na língua existam as respectivas formas do singular. O *Vocabulario* regista-os, sem qualquer marcador que esclareça o seu estatuto. Citam-se alguns exemplos recolhidos na letra A, que mantêm somente o plural no português actual:

ALCANÇOS [...] São os dedos, que nas mãos dos Falcoens são sòs per si, & mayores, que os outros [...] *Digiti decumani* [...]

ALMORREIMAS. Tumores, nas extremidades das veas, que estão ao redor do cesso [...] *Haemorrhoides, dum* [...]

ALPORCAS. Enfermidade assim chamada, porque he ordinaria nos porcos. São tumores schirrosos [...] *strumae, arum* [...]

ALVIÇARAS [...] premio, que se dà a quem traz huma boa nova [...] *Evangelia, orum* [...]

ARREDORES. Os arredores de huma Cidade. *Circumjecta urbi loca. Neut. plur. Tit. Liv.*

Mas Bluteau também aplica a forma plural do lema a substantivos que, em rigor, possuem singular, o que remete para uma concepção lata de *pluralia tantum*, que se funda na tradição gramatical latina, em que a designação abrangia palavras cujo singular era morfologicamente possível, mas de uso pouco frequente. Nos dicionários actuais, estes lemas surgem no singular, pois não há diferença de significado em relação ao plural. No *Vocabulario*, esta situação pode ocorrer em substantivos cujos referentes geralmente se associam em pares, pelo que o lexicógrafo destaca a palavra que designa o conjunto:

ALGEMAS. Ferros, cõ ã se prêdê as mãos dos criminosos. *Manicae, arẽ.* [...]

ARRECADAS. Brincos das orelhas [...] *Inauris, is Fem. plur.* [...]

AMYGDALAS. São duas glandulas nas Ilhargas da campainha da boca [...] *Tõsillae, arum* [...]

Em outros casos, é um indício de que o plural era bem mais usual, pois o referente era tipicamente um conjunto composto por um número indeterminável de elementos:

ALFORRECA. Excremento do mar esponjoso [...]
 AMANTILHOS. (Termo de marinhagem.) Saõ huns cabos, que vão das pontas das vergas [...] *Opiferi funes, ium* [...]
 ANDAINAS [...] He o panno cõ que anda vestida a nao [...]
 ANDURRIAES. Lugares por onde anda muita gente, lugares trilhados [...]

Por vezes, a entrada no plural está claramente subordinada ao latim, e constitui uma tentativa de transpor para o português, com a fidelidade possível, uma palavra latina em que o plural se encontra semanticamente marcado, mantendo as regras gramaticais da origem ²¹. O lexicógrafo raramente explica o motivo da entrada no plural, nem em que circunstâncias a língua portuguesa admite o singular; será mais fácil encontrar este género de indicações a propósito de expressões em latim, como se observa na glosa de AMORES ²²:

AMORES [...] Esta palavra no plural de ordinario significa amor lascivo [...] *Amores, um* [...] Tambem se pode dizer *Amor* no singular *Lascivus amor* [...]

O facto de os gentílicos serem geralmente registados no plural era uma prática corrente nos dicionários latinos (na *Prosodia*, por exemplo), de acordo com as regras gramaticais da língua. O *Vocabulario* inclui na nomenclatura muitos nomes de povos da Antiguidade e mantém as formas mais concordantes com a tradição escrita, o que resulta em entradas como ADIABENOS, ALANOS, AMPHISCIOS, AQUITANOS, ARCADES, ARGIVOS, ARTABROS, entre outras.

Outro procedimento que pode ter sido influenciado pela lexicografia latina é o facto de, por vezes, a nomenclatura acolher em entradas distintas as formas de singular e plural, quando correspondem a significados diferentes. As pa-

²¹ Cf., por exemplo, o registo em entradas separadas de ARMA e ARMAS, em que o lexicógrafo explicita, justificando, o facto de o *pluralia tantum* não se manter em português: «ARMA [...] Esta palavra he mais usada no plurar que no singular. Vid. Armas.»; «ARMAS. Instrumentos de guerra, offensivos ou defensivos. Quasi sempre se diz *Armas* no plurar. *Arma, orum*. *Neut.* Porem às vezes se diz *Arma* no singular. V. gr. Para este genero de peleja, esta *arma* he mais propria, que aquella.» (*Voc.*, s.u.).

²² Cf. também AMORICOS, ANTEPASSADOS, ACROTERIOS.

lavras *heterologa*, segundo a designação latina, eram geralmente casos de polissemia, como se verifica em alguns exemplos do *Vocabulario*:

ACTO [...] Acto, ou Auto da fe [...]
 ACTOS (Termo forense.) He o mesmo, que Processo [...]
 APARO. Apáro de penna [...]
 APAROS. Miudos fragmentos de cousas cortadas [...]
 ASCENDENTE. Termo Astrologico [...]
 ASCENDENTES. [...] Os Pays, e Avòs, de que descendemos [...] *Patres, um* [...]

Esta descrição não traduz uma técnica sistematizada e coerente do lexicógrafo, mas antes um enquadramento de opções que não podem ser simplesmente classificadas como anormalidades.

1.3.2. *Variação em género*

Os substantivos masculinos constituem geralmente a entrada paradigmática, nos casos em que a regularidade dos processos morfológicos permite aceder ao substantivo feminino. Na nomenclatura do *Vocabulario*, a principal justificação para a duplicação de entradas parece ser a existência de particularidades morfológicas, quer na palavra portuguesa, quer na correspondente latina. No primeiro caso, a duplicação equivale a uma remissão, pois geralmente o artigo da entrada no masculino é mais informativo:

ALEMAM. Natural de Alemanha. [...] *Germanus, i. Masc.* ou *Alemanus, i. Masc.* Alemãa. *Germana, ae. Fem.* ou *Alemana, ae* [...]
 ALEMOA. Molher natural de Alemanha. *Vid. Alemão.*

A duplicação pode resultar da divergência na morfologia dos géneros, nas duas línguas em confronto. Quando a forma-lemma é regular, mas tal não acontece em latim, autonomiza-se a forma feminina portuguesa — ainda que regular — para destacar a anormalidade na língua clássica.

ACREDOR. Aquelle, a quem não paguei o dinheiro [...] *Creditor, oris. Masc.* [...]
 ACREDORA. A molher, à qual se deve dinheiro. *Creditrix, icis. Fem.* [...] ²³

²³ Cf. também ADULADOR, ADULADORA, ADULTERA, ADULTERO, ALCOVITEIRA, ALCOVITEIRO.

No cotejamento entre o latim e o português reside também a explicação para a abundância de diminutivos na nomenclatura, uma vez que a morfologia deste género de derivação sufixal era particularmente complexa em latim. O *Thesouro* de Bento Pereira era fértil em diminutivos, e grande parte é recuperada por Bluteau, com o respectivo latim. São palavras de formação regular em português, como ABELHINHA, ABOBORINHA AGULHINHA, ALCOVITEIRINHO, ALDEAMSINHO, ALFACINHA, ALMINHA, ALMASINHA, ANELINHO, AVESINHA, que em geral encabeçam artigos breves, em que o latim é o único pretexto²⁴.

A normalização da morfologia das formas-lemma está fortemente relacionada com a necessidade de corresponder coerentemente ao latim. Só o fim desse constrangimento permitirá a configuração da nomenclatura dos dicionários modernos, tal como a conhecemos a partir de Morais Silva.

1.3.3. *Estruturas sintagmáticas*

Os primeiros dicionários monolíngues foram elaborados a partir do material fornecido por uma tradição lexicográfica bilingue e plurilingue, o que explica a tendência para a nomenclatura contemplar toda uma série de conjuntos sintagmáticos, que não se limitavam às palavras compostas (Cf. Quemada, 1968: 277). O facto de o *Vocabulario* suprir as funções de um dicionário bilingue coloca problemas suplementares à delimitação das unidades lexicográficas; mais uma vez, as soluções apresentadas nem sempre deverão ser interpretadas como incongruências, mas antes como especificidades de uma diferente técnica de descrição da língua.

A unidade de tratamento lexicográfico, correspondendo à entrada principal, pode apresentar-se como um sintagma formado por duas ou mais palavras. Estes sintagmas dividem-se em dois tipos: as expressões fixas, que são sintagmas cujos elementos constituintes não podem ser deslocados ao acaso, nem ser substituídos sem afectar o significado global (como as expressões idiomáticas e as colocações); e as combinações livres, em que o significado é a soma regular dos significados dos lexemas constituintes²⁵. Nos dicionários bi-

²⁴ Alguns exemplos: «ABELHINHA. Abelha pequena. *Apicula, ae. Fem.*»; «AGULHINHA. Agulha pequena. *Acucula, ae*; ou *acicula, ae. Fem. [...]*»; «ALCOVITEIRINHO. *Lenunculus, i. Masc.*» (*Voc.*, s.u.).

²⁵ Hartmann e James classificam estes sintagmas como MULTI-WORD EXPRESSIONS, (2001, s.u.): «a phrase consisting of two or more words functioning as a single lexeme. The consti-

lingues sente-se a necessidade de incluir, e tornar localizáveis, um grande número de expressões fixas (co-ocorrências restritivas), seja pelas dificuldades de acesso ao sentido, seja pelo facto de a equivalência na segunda língua não ser alcançável através da simples tradução de cada um dos constituintes. Por esta última razão também se justifica a inclusão de construções livres, quando correspondem a co-ocorrências de grande relevância ou frequência na língua de chegada (Iriarte Sanromán, 2001: 153-154). Estes princípios da actual teoria metalexigráfica são relevantes na análise da nomenclatura de um dicionário como o *Vocabulario*, em que se atenta na propriedade do significado em ambas as línguas em paralelo ²⁶.

Nos primeiros dicionários do português registavam-se como lema não só as diferentes acepções, mas também toda uma série de combinações de uma palavra com outro lexema, em torno de um determinado campo semântico. A nomenclatura de Cardoso (1562), por exemplo, inclui lemas que são tradução ou paráfrase de palavras latinas, e essa técnica perdurará nas obras de Barbosa e Bento Pereira. A estrutura do *Vocabulario*, em macro-artigos, permite incorporar essa herança, mas há traços de continuidade no que respeita à selecção da forma que constitui a entrada principal ²⁷.

tients are relatively stable (fixed expressions)». A designação PHRASAL ENTRY (*ibidem*, s.u.) refere-se à ocorrência destes sintagmas em entrada ou subentrada. São várias as teorizações sobre a delimitação das unidades lexicográficas. No estudo que Iriarte Sanromán dedicou a este tema, privilegiam-se as teorias de Igor Mel'cuk, um dos responsáveis pelo *Dictionnaire Explicatif et Combinatoire du Français Contemporain* (1984-1999). Assim, e no que respeita às unidades superiores à palavra, distinguem-se as co-ocorrências lexicais livres e as co-ocorrências lexicais restritas (ou frasemas). Estas últimas dividem-se em frasemas completos (expressões idiomáticas, que no fundo são unidades lexicais), semi-frasemas (colocações, resultantes da co-ocorrência de duas ou mais unidades lexicais) e quase-frasemas (Iriarte Sanromán, 2001: 169-182).

²⁶ Nos modernos dicionários bilingues, «as unidades de análise e descrição lexicográficas poderão ser estabelecidas por contraste ou comparação das duas línguas, o que acarretará necessariamente o estabelecimento de uma unidade lexicográfica de carácter variável, oscilando do monema até à frase ou até à oração. De facto, esta prática é seguida nos métodos de tradução automática baseados em exemplos, que utilizam como unidades de tradução o maior sintagma possível da língua de partida que consta da base de dados» (*ibidem*: 148).

²⁷ Em J. Cardoso (1562) registam-se muitas entradas em que o correspondente português não parece estar ainda lexicalizado sob a forma de uma única palavra, como acontecia em latim: «Curral. Stabulum, i. / Curral de bois. Bobile, is. / Curral de cabras. Caprile, is. / Curral douelhas. Ouile, is. / Curral de cabritos. Hedile, is. / Curral de porcos. Hara, ae, suile, is.» Cf. também Iriarte Sanromán, 2001: 65-67.

Comparado com obras como o dicionário de Furetière, em que os sintagmas são sistematicamente remetidos para o interior do artigo, o *Vocabulario* apresenta nas entradas um considerável número de estruturas complexas. O destaque tipográfico do primeiro lexema da entrada cria a ilusão de uma unidade lexicográfica reduzida à palavra, mas a unidade engloba frequentemente outros elementos lexicais, que fazem parte do lema, como se comprova pela definição subsequente e pela informação latina. Um indício de que o lexicógrafo considera a totalidade do sintagma é o facto de, no catálogo das entradas acrescentadas no *Supplemento*, grande parte das expressões idiomáticas e colocações ser transcrita na íntegra ²⁸.

O tratamento das expressões idiomáticas não é uniforme; em geral, são integradas nos artigos encabeçados por uma das palavras que as compõem (e.g. «braço direito», s.u. BRAÇO). Com menos frequência, ocupam a posição de lema, e esta autonomização pelo lexicógrafo é um reconhecimento, ainda que empírico, da particularidade semântica destas expressões, que são unidades lexicais ²⁹:

CU de Judas [...] Má rua [...]
 DARES, e tomares [...] contendias [...]
 TUGIR, e Mugir [...] não fallar palavra [...]

Tal como as expressões idiomáticas, também o significado das colocações não pode ser deduzido a partir da soma dos significados, o que justifica a inclusão destes casos de co-ocorrência lexical nos dicionários. Mas porque o significado das colocações está directamente relacionado com o significado de um dos lexemas, dicionários como Furetière integraram estas expressões em subentradas, de forma sistemática.

²⁸ Expressões como *Abanar as orelhas*, *Ação nas Bancas*, *Açoute de Deos*, *Agoa Vay*, *Alojar pão*, *Aporrear a paciência*, *Arrebear o diabo* (*Supp.*, I: «Catalogo de mais de cinco mil vocabulos»). Todavia, no respectivo artigo, o mais comum é que se destaque apenas a primeira palavra.

²⁹ De acordo com a definição de Hartmann e James (2001, s.u. IDIOM), «a fixed expression whose overall meaning is not always transparent from the combination of the meanings of the constituent words». Iriarte Sanromán (2001: 174), acompanhando Mel'cuk, sublinha que o significado não deve incluir o significado de nenhum dos constituintes, distinguindo-se assim das colocações.

No *Vocabulário*, a análise semântica de muitas das expressões fixas que ocorrem em entrada é problemática — os artigos são pouco esclarecedores — mas as características aproximam-nas da definição de colocação³⁰. Parece ser o caso de expressões como:

AGITAR huma questão [‘disputar’]
 ALVOROTAR o povo [‘incitar revolta’]
 ESCANGALHARSE com riso

Nos artigos destas entradas não se encontram remissões para um dos lemas constituintes, o que é um indício da sua individualização semântica. De resto, o enfoque dos artigos é mesmo a expressão, pois não se define *agitar*, *alvorotar*, *escangalhar-se*, mas sim a sequência co-ocorrente.

Resta referir a inclusão das combinações lexicais livres, que representam a maior parte das expressões em posição de entrada e, ao mesmo tempo, um dos maiores entraves a uma configuração regular e funcional da nomenclatura do *Vocabulário*. Em geral, encontram-se à cabeça de artigos elaborados em torno de uma acumulação não hierarquizada de acepções, em que a própria entrada é uma acepção. O dicionarista considera como unidades de tratamento lexicográfico expressões em que o lema é apresentado num contexto de uso, particularizando um de entre vários empregos ou significados da palavra, em sequências redundantes que tornam pouco clara a distinção entre exemplo de uso e acepção. Esta estratégia verifica-se sobretudo no tratamento de verbos, cujo significado varia em função do complemento seleccionado:

ACALENTAR hũa criança
 ACERTAR com tiro
 ACHAR o que se busca
 ACORDAR do sono

Observando outras expressões que são destacadas ao longo dos artigos através da marcação tipográfica, conclui-se que não há uma verdadeira distin-

³⁰ O conceito de colocação (ou semi-frasema), segundo Mel’cuk: «Nous appelons semi-phrasème un phrasème **AB** au signifié ‘AC’ ou ‘BC’ qui inclut le signifié de l’un des constituants, alors que l’autre soit ne garde pas son sens, soit — même s’il garde son sens — n’est pas sélectionné librement» (citado por Iriarte Sanromán, 2001: 177).

ção entre entrada e subentradas, e que o verbo é tipicamente acompanhado de um sinónimo, ou integrado num sintagma que contextualiza e precisa o significado:

ACALENTAR hũa criança + Acalentar, no sentido metaphorico.
 ACERTAR com tiro + Acertar. Succeder a caso. + Acertar. Fallar com propriedade, [...]
 ACHAR o que se busca, + Achar acaso. + Achar. Inventar, & excogitar alguma cousa, [...]
 ACORDAR do sono, + Acordar. Lembrarse. + Acordar. Resolver, [...]

Apesar de a acumulação de construções nem sempre introduzir novas acepções para o verbo, a selecção dos lexemas co-ocorrentes não é aleatória, pois parece basear-se numa avaliação, por parte do lexicógrafo, dos interesses do consulente no que respeita à composição em latim ³¹.

Outra possibilidade é a integração do verbo num sintagma exemplificativo de uma determinada construção sintáctica, em que os lexemas co-ocorrentes são pronomes indefinidos ou o substantivo *cousa*.

ABENÇOAR a alguém (Alicui bene precari)
 ABOCANHAR em alguma cousa (Aliquid mordere)
 ACCUSAR a alguém (Aliquem accusare, incusare, insimulare, criminari.)
 ACOSTUMAR a alguém a alguma cousa (Aliquem aliqua re assuefacere)
 AFIGURARSE alguma cousa a alguém (Observari aliquid oculis alicujus)

Esta técnica era muito usada na lexicografia latina, enquanto descrição abstracta das relações gramaticais das palavras e, no *Vocabulario*, visa a comparação das estruturas das duas línguas. O facto de aplicar ao português os esquemas de regências resulta numa descrição da língua muito informativa que, ao contrário das combinações livres que atrás se observaram, confere alguma normalização à apresentação da nomenclatura.

³¹ Por vezes, a redacção da expressão consigna essa possibilidade: «ABRIR huma porta, huma janela, + Abrir os olhos + Abrir a boca, [...]»; «ATACAR huma espingarda, ou outra semelhante arma de fogo + Atâcar huma praça. + Atâcar com ataca [...]» (*Voc.*, s.u.).

1.4. Principais fontes da nomenclatura

A nomenclatura foi elaborada tendo sobretudo em conta o universo linguístico de referência que é o da língua escrita. Além da colecção e confronto de nomenclaturas existentes, as fontes informativas alargam-se a uma massa textual, que inclui a tradição literária, mas também publicações informativas e técnicas.

O número de palavras em que a fonte não é a tradição escrita terá um peso pouco significativo. Bluteau afirma ter procedido a uma recolha, *in loco*, dos termos das «oficinas» (moinhos, forjas e lagares, entre outros), domínios em que os inventários lexicográficos franceses eram de pouca utilidade, pois em geral os termos correspondentes diferiam substancialmente (cf. *Voc.*, I: «Ao leitor pseudocritico»). Há a considerar também as palavras e expressões usuais no registo oral — por vezes classificadas como «uso do vulgo» —, bem como os regionalismos.

A análise exaustiva das fontes de toda a nomenclatura é uma tarefa que ultrapassa os objectivos deste trabalho. Optou-se por limitar essa sondagem a uma sequência alfabética exemplar, seleccionando-se a letra D, que representa cerca de 6 % das entradas e permite observar o tratamento de campos semânticos bem determinados, além de casos de prefixação, composição, neologismos, entre outros. Com outras sequências, como a C, aumentava a amostra, mas não a variedade dos casos para estudo.

1.4.1. *Thesouro* (1697)

A nomenclatura do *Thesouro* é muito mais rica do que fazem supor a dimensão modesta, ou a condição de anexo à volumosa *Prosodia*, pois reúne cerca de 24 500 entradas (edição de 1697). Os jesuítas conceberam a obra tendo em vista a escolarização, e é visível a preocupação em verter para latim o léxico e as estruturas mais comuns da língua portuguesa, compreendendo grande número de palavras relativas a domínios especiais ou actividades, adequados ao público-alvo do *Thesouro*. De resto, esta é uma das razões para o uso continuado da obra de Bento Pereira, com poucas alterações, por mais de um século (cf. Verdelho, 1993: 783; 1982:17-18.).

Expurgado de muita da fraseologia, o *Thesouro* permitiu a Bluteau reunir o núcleo fundamental da nomenclatura do *Vocabulario*, que inclui palavras de

frequência elevada e abrange alguns dos principais campos semânticos. Comparando a letra D nos dois dicionários, constata-se que, das 2164 entradas do *Vocabulario*, 1190 já se encontravam registadas no *Thesouro*, o que perfaz mais de metade do total da amostra (cerca de 55 %). Mas a selecção não é desprovida de critério, pois o *Thesouro* tem perto de 2100 entradas nessa sequência, sendo então necessário atentar nas características das formas admitidas e das rejeitadas.

No que respeita às entradas seleccionadas, Bluteau recolhe as que mais se ajustavam com o princípio da racionalização e normalização da nomenclatura. No *Thesouro*, para além da grande quantidade de estruturas sob a forma de sintagmas, é possível identificar uma coerência nas categorias que garantiam a comunicação entre as morfologias latina e portuguesa. O dicionário dos jesuítas apresenta, com bastante regularidade, conjuntos de entradas tipicamente constituídos pelo par verbo/substantivo, a que se associam o participio, um substantivo com o valor semântico de agente e o advérbio de modo. Na nomenclatura fundamental, o *Vocabulario* pouco acrescenta ao que o *Thesouro* consignava, e até é assinalável um maior comedimento, no sentido de não registar palavras de formação regular e de significado implícito, como sejam os advérbios de modo e os substantivos de agente.

É notório que Bluteau não procurou explorar ao máximo a variação morfológica para inflacionar a nomenclatura, pelo menos no grau que o *Thesouro* permitia. Algumas das entradas desaproveitadas representam formas regulares, sem dificuldade no acesso ao significado ou na morfologia do correspondente latino (e.g. DELEITOSAMENTE, DEBILMENTE, DELEIXADAMENTE). Mas, como se analisará adiante, em outros casos presume-se uma apreciação sobre o uso da palavra (e.g. DANIFICAMENTO, DELEIXAÇAM).

Excluindo o caso dos prefixos greco-latinos, empregues na formação de neologismos (dia -, dys -, etc.), a valia do *Thesouro* é bem notória quando se examinam as séries de entradas que incluem prefixos muito produtivos e de uso frequente. A sequência DES- do *Vocabulario* contém 947 entradas que, na grande maioria, são palavras derivadas por prefixação, com o sentido geral de separação / acção contrária. No total, 665 (70,22 %) das entradas já se encontravam no *Thesouro*. Veja-se o exemplo das 37 entradas da sequência DESCA- (quadro 4). Apenas se identificam sete adições (aqui assinaladas a negrito), o que aponta para uma renovação do léxico particularmente restrita nas séries em que o *Thesouro* era mais copioso.

QUADRO 4
Nomenclatura do *Thesouro* e do *Vocabulario*

DESCABEÇAR	DESCAMPADO	DESCARNAR
DESCABELLADO	DESCANÇADAMENTE	DESCARREGA
DESCADEIRAR	DESCANÇADO	DESCARREGADO
DESCAHIDA	DESCANÇAM	DESCARREGAR
DESCAHIDO*	DESCANÇAR	DESCARTAR
DESCAHIMENTO*	DESCANÇO	DESCARTE
DESCAHIR	DESCANTAR	DESCASCADO
DESCALÇAR	DESCANTE	DESCASCAR
DESCALÇO	DESCARADO	DESCATIVAR
DESCAMBAR	DESCARAPUÇADO	DESCAVALGAR
DESCAMINHADO	DESCARGA	DESCAVEIRADO
DESCAMINHO	DESCARGO	

Considerando a amostra, porque DESCAHIR, DESCAMINHAR, DESCANTAR, DESCARREGAR e DESCARTAR faziam parte da nomenclatura de Bento Pereira, Bluteau apenas acrescenta variações morfológicas a campos semânticos já representados. Há ainda toda uma série de entradas do *Thesouro* que no *Vocabulario* serão integradas em macro-artigos, o que permite recuperar a quase totalidade da nomenclatura, embora com diferentes níveis de destaque³².

Mas o processo é mais complexo, pois Bluteau não segue o *Thesouro* de uma forma tão linear. Além da integração da fraseologia em macro-artigos e da supressão de variações morfológicamente previsíveis, há um nível de selecção que implica a recusa de determinadas formas. Apesar de entre o *Vocabulario* e o *Thesouro* medirem mais de 50 anos, é difícil admitir que um tão grande número de palavras tivesse entrado em desuso. O *Thesouro* foi publicado em 1647, mas concluído em 1638, e manteve-se quase totalmente inalterado em todo o seu longo período editorial.

A nomenclatura do *Vocabulario* não se limitava à sincronia, pois acolhia palavras que, de acordo com as indicações do lexicógrafo, já no fim do século XVII eram pouco usadas. A apreciação das palavras atenderia a factores como o registo em que era empregue e o estatuto do falante que tipicamente

³² Ainda na série DESCA —, Bluteau recupera como subentradas as seguintes entradas do *Thesouro*: DESCABEÇADA COUSA, DESCAIDA DE GALINHA, DESCALÇARSE, DESCANÇAR A OUTREM, DESCARGO DE CONSCIENCIA, DESCARNADO, DESCARREGAR BOFETADA, DESCARREGARSE, DESCARTADO. Esta reorganização significa um aproveitamento da quase totalidade da nomenclatura da amostra.

a usava. Trata-se de uma avaliação subjectiva, de critérios inconsistentemente definidos, e da qual resultam em geral duas situações: ou a omissão, ou uma marcação do lema como «termo chulo» ou «termo do vulgo». Tudo indica que a selecção para a nomenclatura do *Vocabulario* foi bem mais restritiva que a do *Supplemento*, uma vez que muitas das entradas proscritas são integradas nos volumes de 1727-1728³³.

Assim, este repúdio dos termos do vulgo poderá explicar a exclusão de entradas do *Thesouro* como DANDAM (lat. *incubus*), DEÇURRATE ('às escondidas'), DESBEIÇAR, DESBURCINADO PUCARO, DESCORTIÇAR, DESTROIMENTO, DIREITESA, DOAIRO (lat. *vultus*), ou séries inteiras como DESBOROADA COUSA / DESBOROAR / DESBOROARSE, DESCONFORTAR / DESCONFORTO, DESFAÇADA COUSA / DESFAÇADAMENTE / DESFAÇAMENTO / DESFAÇARSE, DESMIUÇADA COUSA / DESMIUÇADAMENTE / DESMIUÇAR.

Por outro lado, muitas das entradas, fosse pela ortografia, fosse por parecerem formas corruptas, não se coadunavam com um programa implícito de relatinização da língua portuguesa. Daí que Bluteau altere entradas, «corrigindo-as» no sentido de uma morfologia analógica, e contrariando fenómenos fonéticos generalizados na pronúncia do vulgo³⁴.

³³ Os dois artigos seguintes, retirados do *Supplemento*, são exemplos de uma recuperação consistente e metódica de um fundo desaproveitado, pois ambas as entradas se encontravam no *Thesouro*, mas não no *Vocabulario*. A referência aos dicionários de Bento Pereira é explícita e reveladora de uma leitura cuidada:

— «AMARLOTAR. Apertar na mão hum papel v. g. e enchello de rugas. He termo do vulgo. No seu Thesouro da Lingua Portugueza, traz o Padre Bento Pereira este verbo, e o verte em Latim pelo verbo *contractare*, que segundo o dito Author na sua Prosodia, he Tocar muitas vezes, e ensovalhar com as mãos. [...]».

— «ESCACHAPECEGUEIRO. Termo chulo, do qual usamos, quando por zombaria queremos encarecer alguma cousa, v. g. mentiras de escachapecegueiro [...]».

³⁴ Não se trata de simples variantes ortográficas, pois representam um reajustamento da forma da palavra ao significado, considerando os elementos constitutivos e a analogia com o latim. Alguns exemplos recolhidos na letra D, comparando as entrada do *Thesouro* e as formas privilegiadas no *Vocabulario*:

- DESBAGULHAR / DESBAGOAR (tirar os bagos);
- DESAPROPOSITADA COUSA / DESPROPOSITADO;
- DESEMBURULHAR / DESEMBRULHAR;
- DESEMMASTEAR / DESMASTEAR;
- DESEMPossar / DESAPOSSAR.

1.4.2. *Prosodia* (1697)

O principal objectivo de Bluteau ao percorrer a *Prosodia* era encontrar termos adequados para traduzir em latim a grande quantidade de palavras portuguesas pela primeira vez dicionarizadas. Explorando a intercomunicação entre os dois dicionários, o *Thesouro* funcionava como um índice para as notícias mais extensas e pormenorizadas da *Prosodia*, e esse tipo de pesquisa deverá ter ocorrido de uma forma consistente, uma vez que é frequentemente descrita nos artigos do *Vocabulario*. Inúmeras entradas, como CARAMINHOLA, foram construídas com base nesse cruzamento de informação:

Thes.: Caraminhola. *Tutulus*, *i*.

Pros.: *Tutulus*, *i*, m.g. A caraminhola, ou poupa de cabellos entrançados no alto da cabeça com fita vermelha; item veo, com que cobriam a cabeça, quando sacrificavam; item mitra Episcopal, &c. 1. l. 2. b. Varr.

Supp.: CARAMINHOLA. No *Thesouro* da lingua Portugueza o Padre Bento Pereira lhe chama em Latim *Tutulus* palavra, que (segundo o dito Author) na sua *Prosodia*, tambem era huma poupa de cabellos, entrançados no alto da cabeça com fita vermelha.

As glosas portuguesas da *Prosodia* encerravam um manancial de informação muito superior ao do *Thesouro*, pelo que o lexicógrafo facilmente se deparou com palavras que não ocorriam em dicionários anteriores. É legítimo supor que, além das consultas regulares, tenha efectuado uma leitura integral, uma vez que introduz na nomenclatura do *Vocabulario* palavras portuguesas que apenas registavam uma ocorrência em toda a *Prosodia*³⁵.

Exceptuando os casos em que há uma referência explícita à *Prosodia*, torna-se difícil determinar se este dicionário de Bento Pereira foi a fonte, pois preferia-se a abonação com escritores portugueses, quando disponível. Tomando como exemplo o *corpus* da letra D, com 2164 entradas, constata-se que 974 (45 %) não se encontram na nomenclatura do *Thesouro*; entre estas, 181 (19 %) ocorrem no texto das glosas da *Prosodia*. Todavia, o número das que apresentam

³⁵ É o caso de entradas como ALGIBEBE, BALOUÇADOR, BUGIO (peixe), ELUDIR, ESPANTALOBOS (erva), ESTANCADEIRA (erva), FRADINHO DA MAÕ FURADA, FRAGRANTE DELICTO, GALLITRICO (erva). A relação com o texto da *Prosodia* é geralmente referida.

abonação em autor português é elevado, atingindo os 61 % (113 em 181), o que parece afastar a hipótese de a *Prosodia* ter uma influência muito relevante na nomenclatura do *Vocabulario*. Em rigor, a grande maioria destas palavras resulta de variações morfológicas comuns, que a língua escrita registaria com abundância, pelo que o contributo da *Prosodia* seria dispensável. Mas, restringindo a análise ao conjunto de entradas em que as obras de Bento Pereira são explicitamente mencionadas, é possível apreciar quais as áreas em que a influência foi efectiva.

A nomenclatura latina da *Prosodia* era extensa e enveredava por domínios semânticos especializados — botânica, linguagem militar, eclesiástica, termos dos tratados técnicos latinos da Antiguidade —, pelo que o esforço para registar os termos correspondentes na língua de chegada fez aumentar o grau de especialização do léxico português até então inscrito em dicionários.

Este fundo lexicológico, que dificilmente seria recuperado para o *The-souro*, é integrado na nomenclatura do *Vocabulario*, com destaque para as designações do mundo animal e vegetal³⁶. As glosas da *Prosodia* autorizam ainda a inclusão, entre a nomenclatura portuguesa, de decalques de palavras gregas e latinas de uso restrito e de tradução difícil (substantivos, principalmente), que os jesuítas já haviam aportuguesado (e.g. ESPHIRENA, LACTAVO, cf. *infra*). São também abundantes os testemunhos da relatinização da língua, sob a forma de novas palavras em português, criadas a partir de verbos e substantivos latinos, como é o caso de ELUDIR. No início do século XVIII, Bluteau é mais sensível a estas formas e concede-lhes destaque no *Vocabulario*; se umas são mera exibição de erudição, outras conhecerão bom acolhimento e o seu uso generalizar-se-á³⁷.

Pros.: Eludo, is, lusi, lusum. Acabar o jogo, zombar, eludir, enganar. 1. 2. l. Ovid. Art. 2.

Supp.: ELUDIR. He tomado do Latim *Eludere*, que propriamente quer dizer *Acabar o jogo*, [...] No sentido metaforico, Eludir he escapar destramente de alguma dificuldade, ou embaraço, desviar o golpe, não responder directamente ao ponto. [...] (Zombar, Eludir, Enganar. O Padre Bento Pereira na sua *Prosodia*, verbo *Eludere*.)

³⁶ Cf. ALQUIRIVIA, BALOUÇADOR, BUGIO, ESTANCADEIRA.

³⁷ Cf. também ESPHIRENA, LATICLAVO.

1.4.3. *Le grand dictionnaire historique* (1699)

A nomenclatura dos grandes léxicos latinos — entre nós, a *Prosodia* — acolhia domínios semânticos que, apesar de não serem típicos num dicionário de língua, eram essenciais para a interpretação dos textos. A par da informação estritamente linguística, os léxicos compendiam dados históricos que garantiam o acesso a um conjunto de referências que não se limitava ao conceito abrangente de «cultura clássica», pois era concedido um tratamento semelhante a todo um fundo lexical relacionado com o cristianismo e a tradição bíblica. Entre esses domínios destacam-se a toponímia da Antiguidade (mundo latino, helénico, locais bíblicos), a organização social (instituições, actividades) ou a religião (cultos pagãos, mitónimos, terminologia greco-latina do cristianismo). Em França, este vocabulário acaba por se autonomizar sob a forma de dicionários históricos, em que a nomenclatura se especializa ainda mais e passa a acolher nomes de pessoas.

Neste âmbito, o dicionário de Louis Moreri (1643-1680) revelava-se como a fonte mais prática, pois incluía a história moderna e uma vastíssima informação toponímica. Bluteau não esconde a admiração pelo *Dictionnaire Historique* e supõe-se a apetência das elites culturais portuguesas pelo género de informação nele contido, correspondendo ao interesse que a obra desperta em toda a Europa (cf. cap. IV.3.2.1).

O domínio em que o *Vocabulario* mais beneficiou foi o da toponímia estrangeira, sendo Moreri a principal fonte informadora. Na letra D existem 69 topónimos — quase todos estrangeiros, exceptuando DORNELLAS, DOURO e DUME — e 61 encontram-se entre as entradas do *Dictionnaire historique*. O incremento, em comparação com os dicionários anteriores, é significativo, bastando referir que, dessas 69 palavras, apenas 20 ocorrem no texto das glosas portuguesas da *Prosodia*.

O *Vocabulario* retoma somente uma parte da extensa nomenclatura toponímica de Moreri, mas a escolha não disfarça a fonte e o resultado é um predomínio da informação relativa a França e países vizinhos, quase como se fosse um dicionário francês. Das 60 entradas que recupera, mais de 80 % referem-se à Europa, com enorme vantagem para a França e a Alemanha. Ásia e África estão representadas por topónimos de alguma forma relacionados com a presença dos portugueses nessas paragens.

No quadro 5, os topónimos estrangeiros da letra D, simultaneamente registados em Moreri e no *Vocabulario*, são reagrupados por áreas geográficas. As formas registadas na *Prosodia* foram marcadas a negrito, o que permite

constatar a importância que Bluteau concedeu à toponímia moderna, anteriormente pouco representada.

QUADRO 5
Topónimos estrangeiros registados em *Le grand dictionaire historique* e no *Vocabulário*

Europa			Outros
França	Ingl./Irl./Esc.	Outros	Ásia
DELFINADO	DUMBAR	DACIA	DABIR
DIEPPA	DUMBLAN	DALMACIA	DAMAM
DIJON	DUNFREI	DANTZIC	DAMASCO
DINAN	DORCESTER	DELFI	DARDANELLOS
DINANTE	DUN	DELOS	DECAN
DOLA	DUBLIN	DODONA	DIO
DOMBES	DUNGAL	DON	
DONCHERY		DORDRECT	
DORDONHA		DORIA	
DRAGUINHAM		DORIDA	
DREUX		DRIN	
		DRINO	
		DUINA	África
Alemanha	Flandres	DULCINHO	DAMIATA
		DUNA	DIOSCORIDA
DANUBIO	DAMVILERS	DURAZO*	
DEVANTER	DISMUDA	DUVINA	
DILINGUEN	DUI		
DONAVERTE	DUNQUERQUE		
DORTMUNDA			
DRAVO			
DRESDA			
DUISBURGO			
DURLAC			
DUSSELDORP			

Outro efeito deste empréstimo é o facto de a nomenclatura apresentar um conjunto de palavras com uma morfologia nitidamente estrangeira, pouco adaptada ao português. Em geral, a forma-lemma privilegia uma ortografia

muito semelhante ao original de Moreri, em detrimento de uma aproximação à forma latina ³⁸.

A valência geográfica de Moreri foi o domínio que Bluteau mais consistentemente explorou, mas tratava-se de uma parte pouco significativa da nomenclatura do grande dicionário francês. A avaliação do aproveitamento das restantes entradas afigura-se complexa, pois quando Furetière e Corneille elaboraram os seus trabalhos, os volumes de Moreri já se encontravam amplamente divulgados, e os dois lexicógrafos alargaram a nomenclatura para acolher informação típica de um dicionário histórico, sem admitir, todavia, a toponímia e antroponímia. Esta influência é decisiva em Furetière que, sob a designação de dicionário universal, combina os conceitos de dicionários histórico e dicionário de língua.

Ou seja, em Bluteau, Moreri é a fonte das entradas de tipo histórico, mas através da mediação de Furetière e Corneille, na medida em que os seus trabalhos efectuaram uma primeira selecção, de entre a vasta massa informativa do *Dictionnaire historique*, destacando temas passíveis de serem integrados num dicionário de nomenclatura abrangente. Entre esses domínios, os mais representativos são a história antiga, a história moderna e a religião, em que é comprovável a leitura de Moreri, uma vez confrontados os artigos ³⁹.

É certo que, tendo em conta apenas o processo de estabelecimento da nomenclatura, grande parte dessas entradas integraria o *Vocabulario* mesmo que a vertente histórica não fosse considerada, uma vez que teriam lugar num

³⁸ Alguns exemplos, confrontando o *Vocabulario*, Moreri e a forma latina erudita:

(Voc.)	(Le grand dictionnaire historique)	(lat.)
DEVANTER	DEVENTER	<i>Deventria</i>
DILINGUEN	DILINGHEN	<i>Dilinga</i>
DONAVERTE	DONAVERT	<i>Donavertia</i>
DONCHERY	DONCHERI	<i>Doncheriacum</i>
DORDRECT	DORDRECHT	<i>Dordracum</i>

³⁹ Algumas entradas do *Voc.* registadas no *Grand dictionnaire historique* (1699):

- Religião: DALMATICA, DATARIO, DECALOGO, DECRETAES, DEDICAÇAM, DEGRADAÇAM, DEUTERONOMIO, DIACONATO, DIACONISA, DIACONO, DIOCESE, DIPTYCO, DOMINICAL, DRUIDAS;
- História antiga: DECEM-VIROS, DECVRIAM, DIADEMA, DICTADOR, DUUMVIROS;
- História moderna: DAYRI, DERVIZ, DELFIM, DESPOTICO, DIVAM.

dicionário que atendesse apenas à informação linguística. De facto, palavras como DEDICAÇAM, DEGRADAÇAM, DELFIM, DIADEMA, DECURIAM, DIACONATO, DIACONO encontram-se na nomenclatura do *Thesouro* (1697) e a grande maioria dos termos apresenta inclusive abonação em autor português⁴⁰.

1.4.4. *Dictionnaire universel* (1690)

A nomenclatura do *Dictionnaire Universel*, pelo destaque concedido aos domínios das artes e das ciências, revelou-se fundamental na introdução dos neologismos científicos e técnicos na nomenclatura portuguesa, numa época em que o seu estatuto lexical era indefinido, já que eram comumente classificados como palavras latinas, ainda que morfológicamente adaptados. Nestas circunstâncias, o *Dictionnaire Universel* apresentava-se como um instrumento útil, pois os processos morfológicos que permitiram a introdução e o trânsito dessas palavras em língua francesa poderiam ser aplicados ao português.

Sobretudo, o facto de ser registado por Furetière garantia que não se tratava de um termo inusitado. A construção de neologismos eruditos obedecia a processos morfo-semânticos regulares, com elementos reconhecidamente oriundos do latim e do grego, mas a interpretação de tais compostos não era evidente. Basta recordar a reacção dos leitores às formas adjectivais que preenchem o subtítulo do *Vocabulario*, que obrigam o lexicógrafo à explicação do seu significado (cf. *Voc.*, I: «Ao leitor impertinente»). O leitor decerto as consideraria palavras estranhas, mas Bluteau era sensível à função interlinguística destes neologismos, admitindo-os desde que se garantisse a funcionalidade morfológica da palavra.

A estreita proximidade com o *Dictionnaire Universel* é mais notória nas sequências alfabéticas que representavam grafias etimologizantes (e.g., CY-, DY-, HY-). Por exemplo, entre as 67 entradas da sequência HY- o número de correspondências com a nomenclatura de Furetière demonstra uma selecção de domínios que não se limita aos termos científicos (cf. quadro 6).

⁴⁰ É o caso de DALMATICA, DECEM-VIROS, DEDICAÇAM, DEGRADAÇAM, DELFIM, DELFINADO, DIADEMA, DICTADOR, DIOCESE, DAYRI, DECRETAES, DERVIZ, DESPOTICO, DOMINICAL, DRUIDAS.

QUADRO 6

Nomenclatura do *Dictionnaire universel* e do *Vocabulário*

<i>Dict. Univ.</i>	<i>Voc.</i>	<i>Dict. Univ.</i>	<i>Voc.</i>
HYADES	HYADAS	—	HYPERDULIA
—	HYBLA	—	HYPERICAM
—	HYBLEO	—	HYPHEN
—	HYDASPE	HYPOCAUSTE	HYPOCAUSTO
HYDRE	HYDRA	HYPOCONDRIAQUE	HYPOCONDRIACO
HYDRARGYRE	HYDRARGYRO	HYPOCONDRE	HYPOCONDRIOS
HYDRAULIQUES	HYDRAULICO	—	HYPOCRENE
—	HYDRELEO	HYPOCRISIE	HYPOCRISIA
—	HYDRIA	HYPOCRITE	HYPOCRITA
—	HYDRO	—	HYPODIASTOLE
HYDROCELE	HYDROCELE	—	HYPODORIO
—	HYDROCEPHALO	HYPOGASTRE	HYPOGASTRIO
HYDROGRAPHIE	HYDROGRAPHIA	—	HYPOLIDIO
HYDROGRAPHIQUE	HYDROGRAPHICO	—	HYPOPHRYGIO
HYDROMANTIE	HYDROMANCIA	—	HYPOMIXOLIDIO
HYDROMEL	HYDROMEL	—	HYPOQUISTIDOS
HYDROPIESIE	HYDROPIESIA	HYPOSTASE	HYPOSTASIS
HYDROPHOBIE	HYDROPHOBIA	HYPOSTATIQUEMENT	HYPOSTATICAMENTE
HYDROPIQUE	HYDROPICO	HYPOSTATIQUE	HYPOSTATICO
HYAENE	HYENA	HYPOTHEQUE	HYPOTECA
HYMEN	HYMENEO	HYPOTHEQUÉ	HYPOTECADO
—	HYMETO	HYPOTHEQUER	HYPOTECAR
HYMNE	HYMNO	HYPOTHEQUAIRE	HYPOTHECARIO
—	HYOYDE	HYPOTHENUSE	HYPOTHENUSA
—	HYPALLAGE	HYPOTHESE	HYPOTHESIS
—	HYPANIS	HYPOTHETIQUEMENT	HYPOTHETICAMENTE
—	HYPAPANTE	HYPOTHETIQUE	HYPOTHETICO
—	HYPERBATOS	HYPOTYPOSE	HYPOTHIPOSIS
HYPERBOLE	HYPERBOLE	—	HYRCANIA
HYPERBOLIQUEMENT	HYPERBOLICAMENTE	—	HYRCANO
HYPERBOLIQUE	HYPERBOLICO	—	HYSOPE
—	HYPERBOREO	HYSOPE	HYSOPO
—	HYPERCATALECTO	HYSTERIQUE	HYSTERICO
HYPERCRITIQUE	HYPERCRITICO		

Assinala-se uma convergência em 39 das 50 entradas que Furetière registava na mesma sequência, deixando de parte algumas palavras derivadas (HYPOGASTRIQUE, HYPOTHECAIREMENT, ...) e casos de discordância ortográfica (HYACINTHE).

No que respeita ao que Furetière classificava de «palavras comuns», Bluteau usaria o *Dictionnaire Universel* apenas como um instrumento para a aferi-

ção da nomenclatura, tanto mais que parte das terminologias específicas já apresenta no *Vocabulario* uma abonação em autor português, o que demonstra a crescente permeabilidade da língua aos compostos greco-latinos. Se HYDROCEPHALO, HYDROGRAPHIA, HYDROMANCIA ou HYPOCONDRIOS, por exemplo, já estavam registados em textos portugueses, para HYDRARGYRO, HYDRAULICO, HYDROPHOBIA ou HYPERCRITICO, entre outros, não encontrou abonação, o que pode indicar que se tratava de termos de uso ainda muito restrito. Nestes casos, a ocorrência em Furetière seria decisiva para a inclusão. Além de Furetière, Bluteau também consultou o *Dictionnaire des arts et des sciences* (1694) de Thomas Corneille. A nomenclatura dos dois dicionários é muito semelhante, mas Corneille, porque é posterior, acrescenta algumas novas entradas. Na amostra de HY-, os termos HYDRELEON, HYDROCEPHALE e HYOIDE, que Furetière ignorava, foram retirados da nomenclatura de Corneille, como se comprova pelo confronto das glosas. Em todo o caso, o *Dictionnaire Universel* mantém-se como a fonte preferida.

1.4.5. *Corpus* de autores portugueses

A função do extenso *corpus* literário que Bluteau compulsou — colhendo «de todos os livros Portuguezes, que me vieram às mãos, dicções, & phrases» em «alguns dez volumes de quarto» (*Voc.*, I: «Ao leitor pseudocritico») — não se limitou à autenticação das entradas do dicionário. Oportunamente se analisará a dimensão e a composição desse conjunto de obras, o género de informações que delas se extraiu e a integração das citações na redacção dos artigos do *Vocabulario* (cf. adiante cap. IV.2.1). De momento, interessa sobretudo averiguar em que medida essa selecção dos mais representativos textos do património literário dos séculos XVI e XVII constituiu uma fonte informativa da nomenclatura.

O facto de uma entrada registar abonação não significa que essa foi a fonte. Das 2164 entradas da letra D, cerca de metade (1087) apresenta abonação; todavia, tendo em conta apenas as palavras que não se encontravam no *Thesouro* (974), o número das que remetem para uma autoridade (580) não é consideravelmente superior (60 %).

Apenas a leitura dos artigos revela a relação entre as fontes de abonação e a nomenclatura, ou porque a definição do lema se constrói a partir do texto citado, ou porque a obra em causa é assumidamente uma fonte privilegiada para um determinado campo lexical. Os dois casos em que o contributo é

mais notório e quantitativo são as chamadas «palavras antiquadas» e as terminologias de alguns grupos profissionais ou actividades.

O *Vocabulário* acumula na nomenclatura todo um fundo lexical que o dicionarista considerava fora de uso, compreendendo termos que já não ocorriam nos textos do século XVII. Classificadas como «palavras antiquadas», foram recolhidas no decurso da leitura de obras como as *Decadas* (1552-1615) de João de Barros, a *Chronica d'Elrei D. João I* (1644) de Fernão Lopes, a *Coronica do Condestabre de Portugal Nuno Aluares Pereira* (1526), ou os documentos da *Alcobaça ilustrada* (1710) de Fr. Manuel dos Santos, para referir apenas os títulos mais citados. Tudo indica que, para o lexicógrafo, estes seriam termos hápax, pois revela notórias dificuldades em elucidar os significados, ensaiando conjecturas a partir dos contextos, ou mesmo omitindo qualquer definição (cf. adiante cap. III.2.1.4):

ALIFASE. Palavra antiquada. Parece que era certa peça de cama. No testamento da Rainha Santa Isabel se faz menção deste vocabulo. Vid. Alcobaça Ilustrada.

COCEDRA. Palavra antiquada. Parece, que era peça de cama. No testamento da Rainha Santa Isabel se faz menção desta peça. Vid. Alcobaça Ilustrada.

EMBUIZAR. Palavra, a meu ver, antiquada, porque a não achey em Autores modernos. Das cintas do costado meyas *Embuizadas*. Barros, 2. Dec. fol. 45. col. 1.

EMPRIR. Palavra antiquada. Vid. Encher. Achase nos versos de hum antiquissimo Poema, do qual faz menção Manoel de Faria, na Introdução às Odas de Camoens, pag. 81. O Rouçom da cava *Emprio* de tal sanha A Julianni, & Orpas a sa grey daninhos.

INSIBIDADE. Palavra antiquada. Vid. mais abaixo *Insipiencia*. (Por erro, e *Insibidade* do dito procurador. Anda em huma escritura antiga. Vid. Alcobaça Ilustrada, pag. 179. col. I.)

RIIGO. Palavra antiga. Parece quer dizer apressado. Vid. Apressado. Acelerado. (Assim como veyo com as novas *Riigo*, assim se partio *Riigo*. Vida do Condestab. D. Nuno Aluares Pereira, parte 7. col. 3.

Igualmente proveitosa foi a leitura dos tratados técnicos publicados em língua portuguesa — em número crescente a partir de meados do século XVII — e que compendiam as terminologias essenciais da profissão ou actividade correspondente. Neste âmbito, os dicionários anteriores revelavam-se pouco informativos, pois concediam pouco espaço às actividades que não se enquadravam no universo linguístico da latinidade. Mas a selecção de unidades lexicais

em obras com centenas de páginas e repletas de termos técnicos dificilmente podia ser exaustiva, exigindo uma técnica de identificação das palavras mais relevantes.

Um exemplo deste processo é a integração na nomenclatura de nomes de medicamentos que constavam no *Memorial de varios simplices*, de João Curvo Semedo⁴¹. Apesar de ter apenas 32 páginas, é um texto rico em nomes de plantas, fármacos e doenças, que não foram todos recuperados para a nomenclatura. Confrontando as entradas do *Suplemento* e o *Memorial*, conclui-se que Bluteau se apoiou no índice remissivo da obra e concentrou a sua atenção nas palavras-chave que Curvo já destacara, o que era um indicador de relevância e a garantia de que, acerca desse termo, encontraria informação abundante na própria obra⁴². Excluindo alguns nomes de medicamentos que já haviam sido indexados no *Vocabulario* e não se repetem no *Suplemento*, a lista das entradas em que na abonação se menciona o *Memorial* é praticamente coincidente com o índice elaborado por Curvo⁴³.

De um modo geral, dificilmente um tratado técnico documentará outro tipo de palavras para além das terminologias, uma vez que a noção de «autor de boa nota» não recomendava este género de obras para abonar a propriedade de termos que não os da respectiva arte.

⁴¹ *Memorial de varios simplices que da India Oriental, da America, & de outras partes do mundo vem ao nosso Reyno para remedio de muytas doenças, no qual se acharão as virtudes de cada hum, & o modo com que se devem usar* (in-fol., 32, [2] pp.). Por vezes com um título ligeiramente diverso, este tratado circulou anexo a outras obras do autor (cf. Silva, *Diccionario Bibliographico*, III: 357). A edição consultada foi publicada com a *Polyanthea medicinal. Noticias galenicis, e chymicas, repartidas em tres tratados* (1727). Embora posterior à que Bluteau usou, dela não difere no número de páginas, ou na disposição do texto.

⁴² Além de incluir remissões, vários tratados técnicos franceses apresentavam recolhas de vocabulário especializado com breves explicações, publicadas em anexo. Cf. a lista de títulos do século XVII reunida em Quemada, 1998: 48-49, 52.

⁴³ A análise dessas entradas permite também verificar que o lexicógrafo se cingiu ao campo lexical relativo ao tema central do tratado. Das 28 entradas do *Suplemento* em que cita explicitamente o *Memorial*, apenas duas são relativas a designações de doenças: TORCEDURA DE BARRIGA, TOSSIGOSO. As restantes são medicamentos: ANGARIARI, ANGELICA, ARTEQUIM, BIBUIVA, BUTUA, CASCAVEL, CYPÔ, Raiz divina (s.u. DIVINO), Raiz de Joaõ Pires (s.u. ESULA), Maçaã do Elefante (s.u. MAÇAÃ), MERIGANGA, MILHOMENS, MINHAMINHA, MOÇUAQUÏM, MONGUZ, MUBANGO, MUTUTUTU, PAUZARI, Priapo do Cavallo marinho (s.u. PRIAPO), QUIRATO, SAPUCHE, SERPENTARIA, Oleo de Tranquillo (s.u. TRANQUILLO), TRIAGA BRASILICA, UNICORNE, ZUCHI.

*

Se considerarmos apenas a nomenclatura fundamental da língua portuguesa, o *Vocabulário* não alarga significativamente a recolha estabelecida pelos dicionários anteriores e elimina inclusive uma série de palavras derivadas de morfologia regular. A base estruturante da nomenclatura portuguesa encontra-se em grande parte, no *Thesouro* de Bento Pereira e, neste âmbito, as obras de Cardoso e Agostinho Barbosa terão sido usadas muito pontual e esporadicamente. Para além da descrição do português básico, coube a Bluteau o alargamento da nomenclatura a novos domínios lexicais no âmbito do acesso à memória escrita da língua e de muitas linguagens de especialidade. As linguagens especializadas são justamente o domínio do léxico que conheceu o maior crescimento em comparação com os dicionários anteriores, notando-se também um acentuado interesse pelo vocabulário antigo, termos hápax e topónimos.

Esta inovação foi certamente motivada pelo modelo de Furetière, que, além de fornecer termos especializados, ensinou a Bluteau os critérios que permitiram seleccionar palavras nos dicionários posteriormente publicados e nos tratados técnicos impressos em português. A nomenclatura pôde abrir-se a todos os termos técnicos registados no património literário, acrescentando ainda, num processo de decalque, as terminologias dos dicionários franceses, mesmo quando não documentadas nos autores portugueses que consultara. Com o exemplo do francês, os termos formados a partir do latim, anteriormente empregues em textos técnicos redigidos na língua clássica, podiam legitimamente ser integrados nos tratados compostos em vernáculo e, por conseguinte, na nomenclatura do dicionário. Assim, o *Vocabulário* representa um marco essencial no processo de aproximação da língua portuguesa ao francês, que conquista um espaço privilegiado outrora ocupado pelo castelhano.

A técnica lexicográfica conheceu sensíveis melhoramentos, também devido ao exemplo dos dicionários franceses, especialmente na consolidação da ordenação alfabética, restando pequenas incongruências que apenas serão resolvidas por Morais Silva. As formas-lemma, em geral, surgem normalizadas no que respeita ao género e número, mas a nomenclatura é perturbada pela quantidade de estruturas sintagmáticas, diminutivos e femininos de formação regular que constituem entrada, justificados pela necessidade de descrever a morfologia e a sintaxe latinas.

2. CLASSIFICAÇÃO DO LÉXICO

A descrição dos vernáculos através de uma terminologia gramatical sistemática, adaptada da língua latina, encontrou o seu espaço nos primeiros dicionários monolíngues do século XVII. Os lexicógrafos privilegiaram a explicação dos sentidos e a exemplificação, pelo que a informação gramatical foi sempre muito abreviada, concentrando-se na distinção das classes de palavras — tradicionalmente designadas como *partes do discurso* —, nos processos de inovação lexical por derivação e composição, e nas notações prosódicas. A sintaxe foi talvez o domínio menos explorado, uma vez que o emprego de marcas codificadoras apenas permitia dicotomias básicas como *verbo transitivo / intransitivo*. Em contrapartida, a ortografia terá sido o aspecto da codificação linguística que mais beneficiou da lexicografia monolíngue, não tanto por uma reflexão explícita de que fosse dada notícia aos consulentes, mas pela consolidação de um uso exemplar e autorizado ¹.

2.1. Marcas de uso e legitimação das práticas linguísticas

O *Vocabulario* é o primeiro dicionário português a praticar a marcação de usos de uma forma regular, reproduzindo na sua técnica lexicográfica um sistema de classificadores que os lexicógrafos franceses vinham ensaiando nos dicio-

¹ Delimita-se o âmbito da categoria *informação linguística* de acordo com Hartmann e James, que nela englobam as notações sobre gramática, ortografia e pronúncia (2001: s.u. GRAMMAR, GRAMMATICAL INFORMATION, LINGUISTIC INFORMATION).

nários universais. O procedimento representa um progresso na reflexão meta-linguística, ainda que, neste período, o processo de marcação seja muito empírico, com uma notória variação nos critérios ao longo das obras. A possibilidade de classificar as palavras e as expressões como típicas ou apropriadas a um contexto particular, ou como pertencentes a uma determinada variedade linguística, pressupõe a definição de grandes domínios do léxico, mas também a análise da realidade linguística apreendida no discurso, a articulação dos julgamentos acerca dos elementos lexicais e a transmissão dessa informação ao leitor. Como refere Alain Rey, as marcas veiculam um saber analítico, uma vontade taxionómica e julgamentos de valor de tipo social, de certa forma relacionados com as noções de norma e de uso (Rey, 1990: 18-19). Este princípio, enunciado para a lexicografia francesa actual, aplica-se às avaliações do uso presentes dos dicionários dos séculos XVII-XVIII. Aliás, os sistemas de marcação modernos são, de uma forma geral, uma evolução dos adoptados pelos antigos dicionários universais, com sucessivas tentativas de normalizar a escolha e o emprego das marcas. A análise dos factos sociolinguísticos revela-se complexa, pois os falantes têm acerca deles uma percepção intuitiva, mas nem sempre concordam entre si. Os dicionários modernos também variam na atenção que concedem às diferentes dimensões do uso, bem como nas técnicas de marcação; as abreviaturas e símbolos convencionados representam distinções que não estão claramente definidas, daí que muitas marcas sejam arbitrárias e atribuídas de um modo quase intuitivo, suscitando inúmeras dificuldades à interpretação por parte dos consulentes. Mas algumas das incongruências que facilmente se apontam nos dicionários antigos ainda subsistem nos modernos, em especial o facto de a terminologia ser muito flutuante, com marcadores quase-sinónimos (e.g. *arcaico*, *antiquado*, *antigo*) (cf. Hartmann e James, 2001: s.u. USAGE LABEL; Rey, 1990: 17).

À época, o uso destes marcadores como complemento da descrição da língua vulgar era muito recente, aparecendo pela primeira vez com alguma consistência no *Dictionnaire François* (1680) de Pierre Richelet, ainda que o dicionário de Nicot já apresentasse um conjunto de marcas, mas com funções e emprego ainda muito irregulares (Quemada 1998: 65). Richelet era professor de francês língua estrangeira e o seu sistema de classificações demonstrava a preocupação em guiar os falantes não nativos nas suas escolhas linguísticas. Recorrendo a símbolos tipográficos, marcava com asterisco as palavras ou expressões empregues em sentido figurado, e com uma cruz aquelas que apenas se usariam no estilo simples, cómico, burlesco ou satírico. A combinação dos dois símbolos representava restrições diafásicas ainda mais específicas, corres-

pondendo a palavras que «n'ont cours que dans le stile le plus simple, comme dans les vaudevilles, les rondeaux, les épigrammes, & les ouvrages comiques» (Richelet, *Dictionnaire François*, 1680: «Préface»). Os sinais conjugavam-se com marcadores textualizados, que remetiam para domínios do léxico, sobretudo as classes profissionais (*terme de...*), mas contemplando também estrangeirismos, variações regionais, diacrónicas ou até particularidades gramaticais ².

Furetière — e com ele a tradição lexicográfica subsequente — recuperou apenas os marcadores textualizados, pois estes permitiam-lhe destacar os termos das artes e das ciências, ou colocar em primeiro plano as acepções integradas em tecnolectos. Esta solução revelava-se muito conveniente, pois afastava o seu dicionário do modelo da Académie, em que as marcas de uso eram comparativamente raras (cf. Lehmann, 1998: 169-170). Contudo, não se apresenta como um sistema normalizado, com um conjunto fechado e estruturado de classificadores, estabelecidos após uma análise e organização da totalidade do léxico. Furetière ampliou o número de marcadores, tendo em vista a definição precisa da palavra em análise, e não tanto a integração num determinado domínio. Com frequência as marcas perdem a função de símbolo codificador de interpretação imediata e integram-se em formulações mais complexas, misturando-se com a definição, ao ponto de se tornar difícil delimitá-las (Que-mada, 1968: 306-307).

Copiando de Furetière largos excertos dos artigos, Bluteau incorporou na própria técnica lexicográfica o sistema de marcações, aplicando-o na classificação de palavras que não se encontravam no dicionário francês. No *Vocabulaire*, o tipo e a variedade de marcas não se apresenta mais normalizado que no modelo original; é certo que Bluteau intuía a noção de domínios, mas os marcadores não são entendidos como forma de estabelecer relações de sentido entre unidades lexicais. Tal como foi prática comum na primeira metade do século XVIII, insiste-se num *continuum* entre as funções típicas da marca de uso e as da definição, ao ponto de, frequentemente, a primeira ser considerada como definição única e bastante.

² Sobre as diversas marcas de Richelet e o seu significado, cf. Bray, 1990: 1796-1797. O sistema pretende testemunhar um uso efectivo do vocabulário, distinguindo acepções gerais e particulares, como se observa em alguns exemplos:

- ALIANCE, s.f. Sorte de parenté [...] *Aliance. Terme d'orfevre. Bague, ou jonc [...];
- AMBASSADRICE, s.f. Femme d'Ambassadeur. † Celle qui fait quelque message (Je suis une ambassadrice de joie. Mol.);
- ANCRER, v.a. Jetter l'ancre. †* S'ancrer. S'établir. (*Dictionnaire François*, 1680: s.u.).

Apesar das insuficiências, os classificadores no *Vocabulario* recobrem diversas dimensões do uso, sem que o lexicógrafo se obrigue a dar conta de todas com igual relevo. Este tipo de julgamentos torna-se necessário em face de uma selecção lexical que não admite somente o «bom uso». A nomenclatura não será tão abrangente que permita receber as palavras que, à época, eram tidas por demasiado ofensivas, mas há a noção de que o grau de aceitabilidade varia de acordo com a situação comunicacional, daí que o lexicógrafo incluía uma série de comentários acerca da adequação discursiva, de uma forma explícita e quase prescritiva.

Os julgamentos acerca das diversas dimensões do uso podem ser analisados de acordo com as definições da actual teorização lexicográfica, mas de aplicação extensível aos dicionários do período em estudo, tanto mais que o sistema moderno é uma evolução em que se alargaram e se normalizaram as práticas do século XVIII³.

2.1.1. *Terminologias profissionais*

A informação diatécnica permite ao consulente associar uma palavra ou expressão a uma determinada especialidade técnica, ou disciplina⁴. Esta divisão do léxico em domínios não incorpora necessariamente uma avaliação de tipo diastrático, ou seja, não pressupõe que o uso seja restrito a um grupo socioprofissional. Embora dependa das convenções de cada dicionário, o marcador mais comum é a designação de uma ciência ou actividade, o que equivale a delimitar uma terminologia, aqui entendida como um conjunto de termos que representam um sistema de noções num domínio particular (Xavier e Mateus, 1992: s.u. TERMINOLOGIA).

³ Hartmann e James (2001: s.u. DIASYSTEMATIC LABELLING) definem «marcação diassistemática» como a especificação das restrições ao uso através de um sistema de marcas inter-relacionadas. Distinguem a informação diatécnica (terminologias profissionais), diintegrativa (empréstimos), diatópica, diacrónica, diafrecuencial (frequência de uso), diastrática e diafásica. Existem outras propostas de classificação, específicas para dicionários anteriores ao *Vocabulario*: para a análise do dicionário de Nicot (1606), a taxionomia de T. Wooldridge (1997 (1977): § 2.1.2); para o dicionário de Richelet (1680) a classificação de L. Bray (1990: 1797), elaborada tendo em conta as características específicas da obra, nomeadamente a conjugação de marcadores textuais e tipográficos.

⁴ «A usage feature which associates a word or phrase with a particular subject field» (Hartmann e James, 2001: s.u. DIATHECNICAL INFORMATION).

Como se observou atrás, os dicionários universais propunham, no título ou subtítulos, uma taxionomia do conhecimento humano, mas essas categorias não eram integralmente transpostas para a delimitação dos domínios lexicais. No prólogo, Bluteau apresenta um divisão entre termos das ciências humanas e divinas, artes liberais e artes mecânicas, mas o esquema medieval revela-se insuficiente⁵.

O conjunto de domínios de delimitação mais problemática encontra-se no âmbito do que se designava por «ciências humanas e divinas», em que, por norma, os lemas representam conceitos, e não coisas. Em comparação com os termos das técnicas, observa-se que a variedade de marcadores é muito inferior, e que o número de palavras marcadas é baixo. Por exemplo, o lexicógrafo sente dificuldades em delimitar os diversos domínios da filosofia, daí que seja raro encontrar expressões como:

Termo Ascetico	DEIFORME, ILLAPSO
Termo Dialectico	DIFFERENÇA, DISCURSO
Termo Dogmatico, & Ascetico	EXULTAÇAM
Termo da Logica, Palavra da Logica	DILEMA, ESPECIE
Termo Philosophico	COGITATIVA, DEMOSTRAÇAM
Termo Physico, Termo da Physica	CONTINUIDADE, CORPOREIDADE
Termo Theologico	BEATIFICO, EMANAÇAM
Termo da Theologia moral	COMUNICAR, DIRIMENTE
Termo Metaphysico	EXISTENCIA

Outro domínio em que as marcas também são raras é o da terminologia metalinguística e metaliterária. Todavia, porque neste caso as palavras já eram objecto de uma longa tradição de codificação, os marcadores são mais específicos e servem inclusive para definir subdomínios:

Termo da Grammatica, Termo Grammatical	CASO, DECLINAÇAM, DEFECTIVO
Termo da Grammatica Grega	DUAL, EXOMENO

⁵ Cf. *Voc.*, I: «Ao leitor douto». As principais disciplinas e actividades são enumeradas no *Voc.*, s.u. ARTE: «Regras, & methodo, com cuja observação se fazem muitas obras uteis, aggradaveis, & necessarias à Republica. Neste sentido Arte se differença de Sciencia, cujos principios consistem em demonstraçoens; [...] [divide-se] a Arte em dous ramos, a saber o das Artes Liberaes, que são sette, **Grammatica, Rhetorica, Logica, Aritmetica, Musica, Architectura, Astrologia**, [...] Artes mechanicas, que tambem são sette principaes, das quaes dependem todas as mais; **Agricultura, Caça, Guerra, todos os officios fabris, a Cirurgia, as artes de tecer, & navegar**».

Termo da Grammatica Latina	DEPONENTE
Termo da Orthographia, Termo Ortografico	BRACCHIA, CEDILHO, COMA
Termo da Poesia	CENTOENS
Termo da Poesia Portugueza, & Castelhana	ESTANCIA
Termo da Poesia Lyrica	ANTISTROPHE
Termo da Poesia Vulgar	COPLA, VERSO DESMAIADO
Termo de Poesia Latina	ESPONDAICO, TRIBRACO
Termo Poetico Castelhana	ESTRIBILHO
Termo da Prosodia	BREVE
Termo da Prosodia Latina	CATALECTICO
Termo da Rethorica	DEMONSTRATIVO, DISPOSIÇAM

A influência dos dicionários históricos motivou a inclusão dos termos que designavam as principais instituições sociais — órgãos de poder, igreja, ensino, justiça, exército — bem como os seus cargos, ritos e actividades. Os pré-enciclopedistas concediam largo destaque às instituições da Antiguidade grega e latina, consagrando domínios temáticos como o direito e a religião romanas (v. g. DELUBRO, *t. da antiga gentilidade romana*), ou os rituais das igrejas primitivas (v. g. CHERÚBICO, *t. da liturgia grega*). Ao marcador compete indicar, além do domínio principal, se se trata de um termo da Antiguidade ou da época contemporânea, o que conduz a uma ampla variedade de expressões. Por enquanto, a normalização não é uma prioridade e o lexicógrafo procura que o marcador seja informativo no contexto de cada artigo, ajustando-se e completando a definição. Por exemplo, o que poderia ser designado genericamente como o domínio do léxico religioso, desdobra-se em várias fórmulas particularizantes:

T. da antiga gentilidade Romana	T. da Chancelaria de Roma
T., antigamente Ecclesiastico	T. do computo Ecclesiastico
T. de Cabidos, & Igrejas Collegiaes	T. Ecclesiastico / palavra Ecclesiastica
T. do Ceremonial da Igreja	T. da Igreja
T. de Ceremonias Episcopaes	T. da jurisdição Ecclesiastica
	T. da Liturgia Grega

Em rigor, a ocorrência de expressões similares como *Termo da Igreja* e *Termo Ecclesiastico* não corresponde, na prática, a uma função distintiva; consultando o *Vocabulario*, verifica-se que variações deste género podem ser classificadas como sinonímicas, o que reforça a ideia de que o contexto privilegiado da marca é o artigo ⁶.

Os marcadores que designam as técnicas e os objectos das diversas ciências e actividades profissionais podem apresentar múltiplas formulações equivalentes. Com efeito, nas «artes mecânicas», o lexicógrafo emprega indistintamente ora o nome da «arte», ora o nome do agente, isto é, o profissional que a exerce; no primeiro caso, ainda é possível a alternância entre substantivo ou adjectivo, sempre que as regras da língua o permitem. Uma breve sondagem permite recolher abundantes exemplos de actividades e profissões (cf. quadros 7 e 8).

QUADRO 7
Designações de actividade

t. de agricultura	t. gnomonico
t. da alta volataria	t. de manejar cavallos
t. de altaneria	t. de manejo
t. anatomico	t. de mareação
t. de architectura	t. de marinagem
t. de armaria	t. da medicina
t. da artilharia	t. medico
t. astronomico	t. medico, & anatomico
t. de aucupio, ou caça de aves	t. medico, & cirurgico
t. de cavallaria	t. meteorologico
t. chimico	t. da montaria
t. da cirurgia	t. nautico
t. de cozinha	t. da optica
t. da gineta	t. pharmaceutico

⁶ Por exemplo, COMMUNICAÇAM, CATHECUMENO e CONFIRMAÇAM são *termos da Igreja*, enquanto BEATIFICAÇAM, CELEBRANTE e CONCURRENCIA são *termos Ecclesiasticos* (*Voc.*, s.u.).

QUADRO 8
Designações de agente

t. de abegaõ	t. de cozinheiro	t. de lavrador
t. de agricultor	t. de çurrador	t. de livreiro
t. de agulheiro	t. de dourador	t. de medico
t. de alfayate	t. de encadernador de livreiro	t. de merceneiro
t. de algebrista	t. de ensayador de moeda	t. de mineiro
t. de alveitar	t. de enxertador	t. de moedeiro
t. de architecto	t. de esparteyro	t. de musico
t. de artilheiro	t. de espingardeyro	t. de navegantes
t. de barbeiro	t. de esteireiro	t. de oleyro
t. de barqueiro	t. de ferrador	t. de ourivez
t. de boticario	t. de ferreiro	t. de parteyra
t. de caçador	t. de fiandeira	t. de pastor
t. de cardador	t. de fundidor	t. de pedreiro
t. de carpinteiro	t. de gente	t. de pintor
t. de caxeyro	t. de hortelaõ	t. de sangrador
t. de chimico	t. de impressor	t. de sapateiro
t. de cirurgiaõ	t. de jardineyro	t. de serrador
t. de colmeiro	t. de joalheiro	t. de tanoeiro
t. de comediante	t. de jogador	t. de tesselaõ
t. de costureira	t. de lavandeira	

No que respeita às actividades, entre as designações citadas no quadro 7, há pares claramente sinonímicos como *t. medico* / *t. da medicina*, mas também relações mais subtis, como *t. de mareação* / *de marinagem* / *nautico*, ou *t. de cavallaria* / *de manejo* / *de gineta*. Embora se trate de marcadores semanticamente aproximados, quando analisados fora dos respectivos contextos admite-se uma aplicação a domínios diferenciáveis. Assim, e considerando o último exemplo, *cavallaria* poderia marcar o vocabulário relacionado com a arte de cavalgar, enquanto *manejo* se reportaria ao treino dos animais, e *gineta* se restringiria a uma técnica específica de montar⁷. Na prática, esta distinção não se reflecte na atribuição dos marcadores, já que *cavallaria*, enquanto termo mais genérico, é atribuído a palavras dos outros subdomínios referidos; por

⁷ De acordo com os respectivos artigos no *Voc.*, s.u. CAVALLARIA, GINETA e MANEJO.

sua vez, *manejo* e *gineta* são empregues como marcas similares. Entre os exemplos seguintes, atente-se sobretudo nas entradas ENCAPOTAR, ESTRELLEIRO e EMPROADO:

ENCAPOTAR. (**Termo de Cavallaria**) *Encapotarse* o cavallo. He metter muyto o rosto, por ser rasteryro de sua natureza [...]

ESTRELLEIRO. (**Termo de manejo**.) Cavallo estrelleiro. Que levanta muito a cabeça [...]

EMPROADO. (**Termo da Gineta**.) Cavallo bem emproado. Aquelle, que traz a cara levantada, em boa proporção [...]

Nas três entradas citadas, observa-se que todas referem movimentos da cabeça do cavalo, mas recebem marcadores distintos. Estas oscilações não reduzem a eficácia da marca enquanto elemento contextualizador da definição, sendo esta, em rigor, a sua função principal.

Quanto aos nomes de agente (cf. quadro 8, *supra*), formam um sistema muito coerente, em que por norma não ocorrem duas designações sobrepostas para a mesma profissão. Neste contexto, a fórmula *termo de* + 'agente' não representa uma informação de tipo diastrático, pois funcionalmente não se distingue dos marcadores de actividade:

ESTOFADO [...] **Termo de cozinha**. Veado estofado. Vitella estofada, &c. [...]

ENREDADO [...] **Termo de cozinheiro**. Póbos enredados. Chamaõlhe assi, porque [...]

Ao associar o termo ao agente, o dicionarista evita uma reflexão lexicológica mais profunda, mas facilita a redacção dos artigos, uma vez que seria problemático enquadrar numa actividade profissões como *agulheiro*, *caxeyro*, *colmeeiro*, *çurrador* ou *esparteiro*. Daí que algumas das designações de agente sejam de uso muito pontual, variando consoante o interesse do lexicógrafo pela terminologia da respectiva profissão. Assim, as profissões mais representadas são *medico*, *pintor*, *alveitar*, *ourivez*, *impressor*, *pedreiro*, *caçador*, *sapateiro*.

Outra possibilidade de delimitar um domínio terminológico consiste em associar o lema a um objecto, com o qual se estabelece uma relação semântica. Essa relação pode ser partitiva, baseada numa hierarquia, em que o lema é uma unidade subordinada (merónimo) e o marcador corresponde a um todo

supra-ordenado (holónimo). Em geral, os marcadores são objectos, mas será mais rigoroso se forem descritos como conceitos integradores, pois pode trata-se de algo tão pequeno como um freio, ou tão grande como um navio (cf. Hartmann e James, 2001: s.u. PARTITIVE RELATION, COMPREHENSIVE CONCEPT):

BOLEA. **Palavra de Coche.** *Bolea mestra*, he hum pao, donde se prendem os dous cavallos do tronco [...]

CURVATAM. (**Palavra de Navio**) *Curvatão* do gurupez, he donde se poem o vão para assentar a gavea [...]

EXPLANADA. (**Termo da Fortificação.**) A planicie de huma praça darmas [...]

COSCOJA. (**Termo da sella de Estardiota**) *Coscósas* são nas pontas, ou ilhargas da fivella, [...]

CANZIL. (**Termo de Atafona.**) Os canzis são dous paos, com suas brochas, [...]

TIRO [...] **Termo de carro.** He hum calabre, que serve de puxarem os boys pelo arado [...]

CALÇADURA. (**Termo de Espora.**) He o vaõ, que ha entre huma hastea, & outra [...]

CAIMBA. (**Termo de freo.**) Caimbas sam os dous ferros compridos, que ficaõ nos cantos [...]

BOMBA [...] (**Termo de Palheiro.**) He hum Postigo, que se faz no sobrado do palheiro, que vulgarmente chamamos Alçapão [...]

ENTRALHAR. **Termo de redes.** Tralhas se chamaõ os nós das redes, e entralhar he pôr estes nós [...]

Explorar a relação parte/todo revela-se uma técnica simples e compreensível de classificar e agregar os componentes de qualquer estrutura física, pelo que este tipo de marcador é de aplicação muito regular e consistente. Por exemplo, confrontando as expressões *termo nautico* e *termo de navio*, conclui-se que esta é reservada às relações partitivas, enquanto a primeira ocorre em palavras que referem técnicas de navegação. Mas, porque *t. nautico* é mais genérica, pode recobrir as funções da segunda (cf. BARREDOURA):

ESGARRAR. (**Termo Nautico.**) Apartarse huma embarcação da companhia das outras [...]

BARREDOURA. (**Termo Nautico.**) Vela barredoura. He huma vela presa na ponta do pao [...]

BRANDAES. (**Termo de navio.**) Brandaes grandes são huns cabos, que passaõ [...] ⁸

Concluindo a análise das principais formas de marcar a informação diatécnica, importa sublinhar uma tendência comum a todas, que é o investimento na particularização dos domínios. Uma leitura do conjunto dos exemplos citados demonstra que o marcador ainda não era uma forma normalizada e que a sua função era proporcionar um contexto de referência informativo, que antecedesse e completasse a definição. Por isso, o lexicógrafo optava pela particularização sempre que julgava necessário e não se restringia a categorias abrangentes fixas. Os subdomínios são extensões de outros marcadores mais comuns:

BARROTAR. (**Termo de Carpinteiro.**) Assentar os barrotes [...]

CAMBAS. (**Termo de carpinteiro de carros.**) Saõ os terços, q̃ recebem os rayos da roda [...]

ENTREMECHAS. (**Termo de carpintaria de navio.**) saõ humas traves, com que se fortificaõ as cubertas [...]

Por mais específico que seja o marcador, continua a ser um conceito genérico, que descreve uma técnica ou actividade e que permite abarcar semanticamente outros termos específicos. No que respeita à estrutura do discurso lexicográfico, a grande vantagem é o facto de o marcador se transformar numa «pré-definição», permitindo que o texto subsequente se concentre em descrever as características associadas à palavra-lemma, uma vez que a contextualização já foi efectuada (cf. adiante cap. III.3.1).

⁸ Esta fórmula acolhe algumas expressões, aparentemente anómalas, como:

— COMMEMORAÇAM [...] (**Termo de Breviario**) He huma antiphona, com seus versetes, & oraçaõ, [...]

— BARBILHO. [...] (**Termo de bichos de seda.**) He toda a seda, que se tira com os dedos do redor dos casulos, [...]

Nestes casos, embora esteja presente, a hierarquia parte/todo é secundária, pois a relação semântica fundamental parece assentar na contiguidade do mundo de referência: uma expressão que designa um conceito ligado a um determinado domínio da realidade é usada para designar outra palavra do mesmo âmbito de referência. Ou seja, não se tratará de partes do missal, do breviário ou do bicho da seda, mas designações metonímicas para «celebração litúrgica» e «cultivo da seda». Cf. Hartmann e James, 2001: s.u. METONYMY.

2.1.2. *Empréstimos e estrangeirismos*

A informação diaintegrativa categoria traduz uma avaliação acerca do grau de integração de uma palavra, em relação ao vocabulário nativo de uma língua. Por norma, nos dicionários modernos, os marcadores destacam as palavras que são entendidas como empréstimos ou estrangeirismos, e as unidades lexicais não assinaladas são tacitamente consideradas como nativas. Tendo em conta o estágio pré-científico do conhecimento etimológico e a inconsistência das classificações, não se pode extrair o mesmo tipo de conclusões a partir dos dicionários antigos⁹. Todavia, a informação expressa no *Vocabulario* constitui um importante testemunho da inovação lexical no respectivo período da história do português, revelando sobretudo a maior permeabilidade em relação à influência dos contactos entre línguas.

As expressões mais comuns são *he palavra de*, *termo de* e *he tomado de*, e surgem logo no início da glosa. Desta forma evidencia-se a integração de termos de um largo espectro de línguas vivas estrangeiras, que não se confina às europeias românicas, mas que se alarga às línguas nativas dos locais em que a presença comercial e política dos portugueses se fazia sentir. Daí que, numa sondagem das línguas mais citadas, seja elevado o número das que seriam consideradas exóticas:

BURGRAVIO. Termo Alemão
 CHOCOLÁTE. He palavra da America
 MOXINGA. Termo de Angola
 CABILDA. Palavra Arabica
 BANDEL. He palavra da Asia
 BEIJI. Termo do Brasil
 CAUDILHO. He palavra Castelhana
 CUCHIMIOCÔ. Termo da China
 COPRA. Palavra da Ethiopia Oriental
 DESSERT. He palavra Franceza
 ANITO. Termo das Ilhas Filippinas

BUTGEROS. Termo da India
 CUNTO. Termo da India Portugueza
 ESTACADO. He Palavra Italiana
 COCHUMIACOS. Palavra do Japão
 CERAME. Termo do Malabar
 BANDARA. Termo de Malaca
 IGARAVANA. Palavra do Maranhão
 CARBANÇARÁ Termo da Persia
 COCIVARADO. Termo do Reyno Canará
 FANARI-KIOSC. Palavra Turqueica

⁹ Entende-se por empréstimo o processo de inovação lexical em que palavras e expressões são copiadas e transferidas de uma língua para outra. O estrangeirismo é uma sub-categoria do empréstimo, em que a palavra não é completamente assimilada pela língua, subsistindo incompatibilidades fonológico-grafemáticas. A palavra mantém frequentemente a grafia da língua original e merece um destaque tipográfico, como o itálico ou as aspas (cf. Hartmann e James, 2001: s.u. DIAINTEGRATIVE INFORMATION, BORROWING, FOREIGNISM).

Na prática o marcador apenas assinala que a palavra não é portuguesa, não esclarecendo qual o grau de integração na língua. É de supor que muitas fossem quase hápax, ocorrendo somente em textos historiográficos e geográficos, ou circunscritas ao universo da escrita e da literatura erudita. Os comentários de Bluteau no prólogo indiciam a reduzida expressão destas palavras exóticas na língua. O *Vocabulario* «declara muitas vozes estranhas, que o commercio com o Brasil, Índia, & outras terras ultramarinas introduzio, se não na lingoa, na Historia das conquistas de Portugal, como se vê no livro das Noticias do Brasil do P. Simão de Vasconcellos, nas Decadas de Joam de Barros, Diogo do Couto, &c. & [...] porque das suas conquistas, & dominios fora da Europa, de Angola v. g. Congo, Moçambique, sofala, &c; trouxeram os Portuguezes muitos vocabulos» (*Voc*, I: «Ao leitor impertinente»). De facto, em geral todas se apresentam ao consulente com a mesma possibilidade de integração, ainda que algumas mantenham grafias pouco consentâneas com a norma portuguesa (e.g. «FANARI-KIOSC. Palavra Turqueíca»).

Por outro lado, o lexicógrafo parece confiar na competência linguística do consulente e nem sempre explicita se se trata de um neologismo de introdução recente, ou de uma palavra estrangeira há muito tempo assimilada. Daí que o tipo de comentário que se observa nos artigos DESSERT e FELICITAR seja quase excepcional:

DESSERT. He palavra Franceza, **que há pouco se começa na Corte**. Val o mesmo, que sobremesa. [...]

FELICITAR. [...] Felicitar, dar parabens. Neste sentido he tomado do francez *Feliciter*, **e começa de ser usado em Portugal**. [...]

Se as anotações deste género fossem frequentes, o *Vocabulario* seria um rigoroso testemunho da influência da relação bilingue com Espanha e da penetração dos galicismos, já que o castelhano e o francês são as línguas românicas mais citadas, na condição de fontes de inovação lexical. O dicionarista não se pronuncia sobre a frequência ou a data da introdução, mas deixa perceber quais os termos estrangeiros que se encontram suficientemente assimilados, ao ponto de designarem objectos e actos do quotidiano. Um indício de que a palavra pode ser de introdução recente é a data da abonação, como se comprova na análise das entradas dos termos *tomados do francês*, em que uma grande percentagem é atestada com excertos da *Gazeta de Lisboa*, ou por obras publicadas já no século XVIII. O exemplos seguintes foram extraídos do *Supplemento*:

CAMISOLA, he tomado do Francez *Camisole*, que he huma especie de colete, que se veste entre camisa, e gibaõ [...]

CHARPA. He tomado do Francez *Echarpe*, [...] que he huma banda larga de tafeta negro, com que em França as mulheres cobrem os hombros [*Gaz.*, 1726] [...]

COMPRIMENTAR. He tomado do Francez *Complimenter*, que he fazer complimentos de agradecimento, de parabens, &c [*Gaz.*, 1722] [...]

CONJUNTURA. He tomado do Francez *Conjoncture*. He o estado dos negocios, boa, ou má disposição delles [*Gaz.*, 1720] [...]

DIFFERENÇA. Desavença. Neste sentido he tomado do Francez *Different*, que val o mesmo que debate [*Gaz.*, 1726] [...]

EQUIPAGEM. He tomado do Francez *Equipage*, que he todo o necessario para huma jornada [*Gaz.*, 1720] [...]

FELICITAR. Felicitar, dar parabens. Neste sentido he tomado do francez *Feliciter*, e começa de ser usado em Portugal [*Gaz.*, 1722] [...]

FINANÇAS. He tomado do Francez *Finances*, que val o mesmo, que Fazenda Real, ou o dinheiro, que procede das sizas [*Vida do Cardeal Mazarino*, 1707] [...]

FRICASSÉ. He tomado do Francez *Fricassée*, que he comer, feito em ser-tãa [...]

INCONTESTAVEL. He tomado do Francez *Incontestable*, que val o mesmo, que cousa indubitavel [*Tratado de Paz*, 1713] [...]

TRENÔ. He tomado do Francez *Traineau*. Espécie de carrinho de rojo [*Gaz.*, 1723] [...]

As palavras ou acepções contempladas nesta lista não ocorrem nas glosas portuguesas da *Prosodia* (1697), e o facto de não terem sido contempladas nos oito volumes do *Vocabulario* indica que, no período entre 1712-1725, deve ter-se verificado um incremento sensível no uso de termos estrangeiros na oralidade e na escrita. O interesse por estas palavras «neotéricas» será a explicação para o facto de o seu número ser claramente superior nos suplementos, acompanhadas por uma técnica de marcação mais sistemática e regular.

A outra vertente da inovação lexical por empréstimo é a aceitação progressiva de palavras latinas, perfeitamente adaptadas à morfologia portuguesa. Não se trata de tradução, mas uma transposição em que se mantém o significado original quase intacto, com a intenção de preencher o que se considerava serem vazios semânticos:

CONNIVENCIA. He palavra Latina, da qual até agora não acho exemplo em Autores Portuguezes. Mas como poderá ser necessario o uso della para synonymo de *consentimento*, [...] me pareceo bem fazer aqui menção della.

Dáí que o marcador mais frequente seja *he palavra latina*, expressando um nível de integração que autoriza o uso. De novo, não há indicação explícita de que se trata de um neologismo recente, mas a consulta das glosas da *Prosodia* demonstra que a transposição para português ainda não era comum, pelo menos ao ponto de ser registado como equivalente da palavra latina. No *Vocabulario*, e em especial no *Supplemento*, as palavras resultantes da relatinização são admitidas com naturalidade:

ADDICTO. He palavra Latina, de *Addictus*, a, um, que val o mesmo que **inclinado**, ou **empenhado** em servir a alguem [...]

ADUNCO. He palavra Latina de *Aduncus*, que quer dizer, **Curvo**, **Retorcido** [...]

ALÍPEDE. He palavra Latina de *Alípus*, genitivo, *Alípedis*, val o mesmo, que o que tem **azas nos pés** [...]

ALTISONO. He palavra Latina de *Altisonus*, a, um. Cousa **que soa alto**. [...]

ANÊLO. He palavra Latina de *Anhelus*, a, um, que quer dizer, **que respira com dificuldade** [...]

AUSO. He palavra Latina de *Ausum*, i, Neut. que quer dizer **Ousadia**. [...]

BLANDÍCIA. He palavra Latina, que val o mesmo que **affago**, **carícia**, **meiguice**. [...] *Blanditiae*, arum [...]

BOMBÍZ. He palavra Latina de *Bombix*, **bicho da seda** [...]

CELICO. He palavra Latina, de *Caelicus*, a, um, **Celeste**. [...]

CELSITUDE. He palavra Latina de *Celsitudo* Altura, ou **Alteza**. [...]

CELSE. He palavra Latina de *Celsus*, a, um. **Alto**. [...]

CORUSCANTE. He palavra Latina de *Coruscans*, ou *Coruscus*, que quer dizer muito **luzidio** [...]

Nesta pequena amostra de neologismos retirados do *Vocabulario*, apenas *altisono* ocorria numa glosa da *Prosodia* (1697, s.u. STATIUS). A proliferação de «palavras latinas» na nomenclatura corresponde a um especial acolhimento da relação privilegiada entre o latim e o português, que permitia empréstimos que se julgavam impossíveis em outras línguas. Já no que respeita à integração de palavras gregas — sobretudo os termos técnicos da medicina, metalinguagem, cerimonial religioso e filosofia — a admissão resulta de um consenso translinguístico, que reconhece um valor semelhante a essas unidades lexicais em francês, castelhano ou português.

Ao contrário do latim, a relação semântica entre o grego e o neologismo será mais remota, pois muitos dos termos prolongam um processo de recriação

ou de inovação lexical em que se explora apenas uma parte do significado original, de modo a tornar racionalmente sustentável a adopção das novas unidades lexicais. A divergência entre sentido original e a sua relexicalização no âmbito de uma linguagem especial é sublinhada nas definições lexicográficas:

HYPOSPHAGMA. Termo de Medico. He palavra Grega **do verbo *Hipso-phattein, ferir por baixo***. Dizse de humas **roturas das veas por algum golpe nos olhos**. Os nossos Medicos usaõ desta palavra por sugillaçaõ. Vid. Sugillaçaõ no tom. 7. do Vocab. (Sugillaçaõ, ou *Hyposphagma*, he huma nodoa vermelha, roxa, &c. *Polyanth. de Curv. pag. 146.*)

É legítimo supor que a terminologia dos domínios acima referidos conhecesse um uso regular, correspondendo a um grau de integração semelhante ao dos termos adoptados do latim. O mesmo não aconteceria com um extenso conjunto de palavras gregas presentes na nomenclatura, que remetem para conceitos de erudição histórica e mitológica, mas que raramente apresentam abonação explícita em autor português. Embora recebam um marcador igual ao dos termos técnicos — *he palavra grega* — figuram na nomenclatura como entradas para informações de tipo enciclopédico¹⁰. Decerto não eram palavras desconhecidas, pois estariam contempladas nos grandes dicionários latinos, como o *Calepino*, que transliteravam o vocabulário grego. Mas as glosas de Bluteau não permitem concluir que haveria uma tradição escrita em português que suportasse a adaptação, pelo que o *Vocabulario*, com a pressão do enciclopedismo, pode ter sido o primeiro texto de grande circulação em que este género de palavras ocorreu.

2.1.3. *Variedades regionais*

A informação diatópica associa uma palavra ou expressão a uma variedade regional de uma determinada língua, pressupondo a consciência de um conjunto de características opositivas que distinguem e delimitam um dialecto. De acordo com a definição registada no *Vocabulario*, a distinção assenta em critérios fonológicos, morfológicos e lexicais, e o modo de falar dos habitantes de Lisboa é o padrão acatado para aferir a variação¹¹.

¹⁰ Cf., por exemplo, ACOEMETES, AMPHIDROMIAS, CUREOTIS, CYNOCEPHALO.

¹¹ «DIALECTO. Modo de fallar proprio, & particular de huma lingoa nas differentes partes do mesmo Reino; o que cõsiste no accento, ou na pronunciaçaõ, ou em certas palavras, ou

A inclusão dos regionalismos será uma influência do dicionário de Furetière, que não se limitava à língua da capital e recolhia inúmeras palavras de variedades dialectais, algo que o dicionário da Académie recusava claramente. Tal como no modelo francês, o espírito de acumulação admite todas as palavras das províncias, por vezes com o objectivo de introduzir notícias pitorescas sobre a etimologia de termos estranhos aos falantes de Lisboa. Ou seja, para Bluteau o interesse pela variante lexical regional justifica-se precisamente pelo uso restrito e pela curiosidade linguística, e não como um pretexto para juízos reprovadores sobre o bom e o mau uso¹². Para outros autores, como Contador de Argote, o regionalismo equivalia a um barbarismo, que ofendia a racionalidade e a equiparação do português ao latim. Nas *Regras da língua portuguesa* (1721) sublinha-se a preocupação em evitar que os registos classificados como desviantes interfiram na educação dos jovens. No capítulo dedicado aos «dialectos locais», as variações, ou melhor dizendo, as divergências, são designadas por «defeytos» e, quando o grau é considerável, quase são excluídas do âmbito da língua portuguesa. Por exemplo, sobre o dialecto do Alentejo, esclarece que «differe pouco do da Estremadura [...] e dizem que tem alguns defeytos da pronuncia do Algarve. [...] Ha alguns de alguns lugares de Tras os Montes, e Minho nas rayas de Portugal, que são muyto barbaros, que quasi que se não pòdem chamar Portuguez, mas só os usa a gente rustica daquelles lugares» (Argote, *Regras*, 1725 (1721): 291-301).

No *Vocabulario*, os marcadores diatópicos distinguem, por ordem de frequência, Beira, Minho, Entre Douro e Minho, Trás os Montes, Alentejo, Ribatejo e Algarve; o vocabulário não marcado adquire o estatuto de padrão e coincide com o uso da capital. As poucas vezes que se destaca uma palavra como sendo típica de Lisboa é porque o referente extralinguístico se encontra no quotidiano da cidade¹³.

no modo de declinar, & conjugar; & assim vemos, q̃ no mesmo Reino de Portugal os da Provincia da Beira, de Entredouro, & Minho &c. não fallaõ, nem pronunciaçãõ [sic] o Portuguez do mesmo modo, que os filhos de Lisboa [...]» (*Voc.*, s.u.).

¹² Cf., por exemplo, «OBRADA. Na Provincia de Entre Douro, e Minho, quando morre alguem, levaõ de casa do defunto suas offertas de paõ, vinho, e cera aos Parocos, e a estas offertas chamaõ Obradas, que he corrupçãõ do Vocabulo Latino *Oblata*, e assim lhe chamaõ *Obrada* no singular, e *Obradas* no plural» (*Supp.*, s.u.).

¹³ «CABANA, [...] Cabanas, **chamaõ em Lisboa** a huma moda de sejes, cubertas de hum couro, sem caixa.» (*Voc.*, s.u.).

Raras vezes estes marcadores se apresentam sob a forma de sintagmas fixos e autonomizados por parênteses; o lexicógrafo prefere integrá-los num discurso dicionarístico mais fluente, encadeando-os com a definição:

CADEIXO. **Palavra da Beira.** Val o mesmo, que livro velho. *Vid.* Bacarmarte.

ORESSA. **Na linguagem da Beira,** he Viracão.

CUNCA. Tigella de páo, **no Minho.** V. Tigella.

OYRAS, ou Ouras. Vertigens, ou dores, e molestias da cabeça. **He termo de Entre Douro, e Minho.**

DONA. [...] **Na provincia de Entre Duoro** [*sic*] **& Minho** significa o mesmo que Avó. [...]

BEILHÔ. Fazse de abobora menina com farinha, açúcar, &c. Dizem, que **na Provincia de Traslosmontes,** chamaõ *Beilhôs* as castanhas assadas, depois de esbrugadas.

ARTIMANHAS. **Nos confins do Minho, & Raya de Galiza,** he o nome, que commumente dão à balança.

ALMARGEAR. Terra almargeada, he terra brava, mas cultivada, que só dá algumas hervas. **He palavra usada no Alem-tejo.**

RATONEIRO **chamaõ no Alemtejo** aos Paysanos, que seguem os exercitos [...]

Será admissível contar entre as variedades diatópicas as especificidades lexicais das comunidades de falantes portugueses na Índia e no Brasil. Não são transposições de palavras de línguas nativas — abordadas no cap. III.2.1.2 —, mas antes a criação de neologismos ou evoluções de sentido, por processos que excluem o empréstimo de uma língua estrangeira. Será esse o caso em palavras como:

BUTIQUEIRO. **Em Goa, e outras Cidades da India Oriental,** Butiqueiro he tendeiro, porque os Portuguezes da India chamaõ Butica à loge, ou tenda. [...]

CANGALHO [...] Cangalhos **chamaõ no Brasil** aos tristes negros, quando chegaõ de Angola doentes, & esfaimados [...]

CORRENTE [...] *Correntes* **chamaõ no Brasil** às cadeas leves, em que trazem presos pelo pescoço os Gentios, que os Portuguezes vaõ buscar ao sertão.

2.1.4. *Periodização do léxico*

A informação diacrónica associa uma palavra ou expressão a um determinado período da história da língua. Em geral, os marcadores dicionarísticos representam uma escala cronológica em que nos extremos se encontram as palavras arcaicas e os neologismos (cf. Hartmann e James, 2001: s.u. DIACHRONICAL INFORMATION, ARCHAISM). No capítulo anterior notou-se que os neologismos — tecnolectos e empréstimos interlinguísticos — não mereciam uma marcação de tipo diacrónico, pois o lexicógrafo considerava que o consulente possuía a capacidade de avaliar o que era inovação no fundo lexical. Pelo contrário, no que respeita aos arcaísmos, encontra-se frequentemente uma indicação de que a palavra em causa seria característica de um período mais antigo, que não o da língua coeva.

Bluteau parece aplicar de forma indiferente os termos *antigo* e *antiquado* para classificar os arcaísmos, ou seja, as palavras que à época não fariam parte do uso corrente, excepto em contextos muito específicos, como documentos legais, textos literários, fórmulas consagradas na oralidade e provérbios ¹⁴:

LIDAR. **Termo antigo**, que se acha em muitas escrituras do principio do Reyno, e val o mesmo, que *Lidar*. *Faria, Europa*, 3. part.

POSTRIMEIRO. **Termo antiquado**, tomado do Latim *Postremus*, a, um. Vid. ultimo. Vid. Derradeiro. (Seja esta a minha *Postrimeira* vontade. *Alcobaça Illustrada, Testamento da Rainha Santa Isabel* [...])

COMPANHA. **Palavra antiga**, de que usa Camoens em lugar de companhia. A pastoral *Companha*. Cant. 3. out. 49. [...]

JOUVER. **Palavra antiquada**. Vid. Estar. (Eu *Jouve* aqui encerrado. Lopes, *Vida del Rey D. Joaõ I*. part. 2. cap. 153.

Antigo e *antiquado* surgem a classificar palavras de significado incerto, bem como termos apenas testemunhados pela epigrafia e sem qualquer trânsito no tempo de Bluteau (cf. VENSI, abaixo). Por vezes, o lexicógrafo apenas

¹⁴ Poderia supor-se que o termo *antiquado* indicava que havia um uso restrito, mas o *Vocabulario* esclarece que antiquado é «Cousa, que já não está em uso. Palavras antiquadas» (s.u.). Ainda assim encontram-se fórmulas como «CAROAVEL. **He palavra, quasi antiquada**. Derivase do Latim *Carus*, que val o mesmo que Amado, Querido. [...] Em certo Author Portuguez tenho lido as palavras, que se seguem. El-Rey D. Sebastião não era muito *Caroável* de cheiros [...]».

marca o lema e fornece o contexto da abonação, e a tentativa de definição decorre do próprio exemplo, o que também confirma o carácter restrito do termo ¹⁵:

DAMINHO. **Palavra antiga.** *A Juliaõ, e Horpes a sua grey* Daminhos. Certo Poeta Antigo. Faria tom. 3. da Europ. Portug. 378.

VENSI, **palavra antiquada.** Acha-se no letreiro da sepultura do Arcebispo de Braga, D. Martinho Affonso Pires da Charneca, enterrado em Lisboa, na Igreja de S. Christovaõ, Aqui jaz D. Martinho, &c. foy com El Rey D. Joaõ em a graõ batalha Real, &c. *Vensi* com a sua gente entrou duas vezes em Castella, &c. Na Historia da vida deste Prelado, tomo 2. pag. 222. col. 1. diz D. Rodrigo da Cunha, que a palavra *Vensi* parece val *outrosi*.

Uma fórmula alternativa, mas que também resulta numa avaliação diacrónica, consiste em rotular como *antigo* todo um domínio lexical, do qual o lema faz parte. Neste contexto, a interpretação é feita caso a caso, pois esses domínios não compreendem apenas palavras arcaicas:

ALHUR. **Termo dos antigos Portuguezes**, do qual usavaõ frequentemente, para significar *Em outra parte* [...]

COSTANEIRA. (**Termo da antiga milicia Portugueza**) Costaneira do Exercito. Vid. Ala. [...]

Por sua vez, as marcas de neologismos são explícitas e inequívocas, mas também raras. Este género de indicações ao consulente é excepcional, mas justificada, numa fase do processo de integração das palavras em que ainda não é possível invocar um uso escrito autorizado. Por vezes, o seu emprego limitava-se às «praticas dos bem fallantes»:

BENEMERENCIA. **Palavra novamente introduzida.** O que as boas açcoens de alguem merecem [...]

¹⁵ Bluteau procura interpretar os contextos, mas porque invoca um número insuficiente de fontes, por vezes as definições apresentam-se incompletas ou incorrectas, como se observa em LAIDAR ('ferir') e JOUVER ('jazer') (cf. *supra*). Cf. Machado, *Dicionário etimológico*, 1995, s.u. LAIDAR: «v. *Ant.* Provavelmente do lat. *laedere*, ferir, contundir; danificar, arruinar [...] no séc. XVI já estava antiquado (vj. Duarte Nunes de Leão, *Origem da Língua Portuguesa*, cap. XVII) [...]».

PRESENCIAR. Fazer huma cousa que disseraõ, presente a outra pessoa. [...] Entre nõs *Presenciar* **he palavra nova**, que alguns querem introduzir, como v.g. *Diligenciar, Precisar, e outros verbos, que pelas praticas dos bem fallantes se vem insinuando*.

2.1.5. *Frequência de uso*

A informação diafrecuencial exprime uma avaliação sobre a frequência do emprego das unidades lexicais, tendo em conta o número de ocorrências (Hartmann e James, 2001: s.u. FREQUENCY INFORMATION, DIAFREQUENTIAL INFORMATION). Os dicionários gerais apenas consideram relevante marcar as palavras muito frequentes ou raras, de acordo com uma avaliação complexa, que pode basear-se quer na análise quantitativa de um *corpus* extenso, quer num conjunto de percepções intuitivas, decorrentes da competência linguística dos lexicógrafos.

Os comentários de Bluteau acerca da frequência devem ser interpretados com algumas reservas, pois em princípio não se aplicariam à língua portuguesa em toda a sua extensão territorial, já que o lexicógrafo apreciava sobretudo as realizações da variedade diatópica de Lisboa. No *Vocabulario*, estes marcadores podiam ser empregues quando a ortografia e fonologia das palavras apresentavam variantes consistentes e reconhecidas pelo uso (e.g. *chirurgia / cirurgia*), ou quando se registavam unidades lexicais semanticamente concorrentes (e.g. *carnaval / entrudo*). Nestes casos, a forma mais frequente não é necessariamente a preferida (cf. CHIRURGIA):

CARNAVAL. Os dias do Intrudo, porque nelles nos despedimos da carne, como se disseramos *Carne vale*. **A palavra Intrudo, he mais usada** [...] ALBRICOQUE, ou Albecorque, ou Alboquorque. **Nenhuma destas palavras he muito usada**; sò em dous Autores Portuguezes tenho achado as duas ultimas; & a primeira a saber, *Albriquoque*, a ouvi dizer a pessoa presumida de fallar bem Portuguez. **Comumente todos lhe chamaõ Fruta nova** [...]

CHIRURGIA. Chirurgía. Assi se déve dizer, havendose respeito ao Grego; porem **Cirurgia he mais vulgar**. *Vid.* Cirurgia.

Os marcadores de frequência podem associar-se a informações de tipo sociolinguístico, na medida em que documentam o largo uso de uma palavra no âmbito de um determinado registo. Ou seja, a frequência é entendida como um valor relativo, apenas apreciado em função de um contexto comuni-

cativo, socialmente delimitado. No caso das variedades diatécnicas, avalia-se a preponderância de um termo no interior de um domínio semântico; nas variedades diastráticas e diafásicas, reforça-se a indicação de que a palavra — ou uma acepção — é típica desse registo:

— **var. diatécnica:**

ENCONTRO [...] Hoje **em phrase militar he mais usado *Recontro***, que *Encontro*. [...]

AUCTO, Auctor, & Auctoria. São **palavras muyto usadas nos Tribunaes, assi Ecclesiasticos, como Seculares**. V. Acto, Autor, Auctoria.

— **var. diafásica:**

CONTRA. [...] Tudo tem sua contra, *id est*, sua duvida. **Termo muito comum, e domestico**.

— **var. diastrática:**

MOXINGA [...] Termo de Angola, mas **muito commum na frase chula Portugueza**. Dar muita moxinga, he dar boa cóça [...]

PIEIDADE. [...] **No sentido popular he muito commum** por Lastima, v.g. Està de tal modo tomado do vinho, que he huma Piedade. [...]

Outra possibilidade é a análise da frequência em textos estilisticamente codificados ou tematicamente delimitados (e.g. direito, história, medicina...). O lexicógrafo não se limita a uma oposição escrita/oralidade, pois indicam-se os géneros textuais em que as palavras ocorrem, o que equivale a uma recomendação sobre a adequação discursiva ¹⁶:

BLAZAM, ou Brazão. [...] não he facil assentar qual he melhor, *Brazão*, ou *Blazão*. **Commummente dizemos Brazão; mas nas Ordenaçoes do Reyno acho escrito *Blazão*** [...]

CANDELABRO. He palavra Latina, val o mesmo, que castiçal; **mas não he usada, senão em prosa muito grave, ou em versos** [...]

AUÇAM. He **palavra muyto usada na Ordenação do Reyno, & na pratica Forense**. V. Acção.

¹⁶ Hartmann e James classificam estas categorias como informação diamedial e diatextual. A primeira associa a palavra a um canal comunicativo específico (oralidade, escrita); a segunda associa-a a um género ou tipo discursivo (poético, conversacional,...). As suas atribuições por vezes confundem-se com as da informação diastrática ou diafásica (2001: s.u. DIAMEDIAL INFORMATION, DIATEXTUAL INFORMATION).

2.1.6. *Adequação social e situacional*

A informação diastrática associa uma palavra a um grupo social, integrando-a no vocabulário típico de um determinado sociolecto. Nos dicionários do período em estudo, a relação entre informação diastrática e diafásica é muito próxima, com claro predomínio das distinções baseadas no estatuto social. Nos dicionários modernos subsistem dificuldades semelhantes, já que é complexa a distinção absoluta entre o contexto situacional da produção linguística e o estatuto social dos interlocutores. Marcadores como *formal*, *popular*, *informal*, *elevado* transmitem uma classificação que pode conjugar as vertentes de avaliação diastrática e diafásica (cf. Hartmann e James, 2001, s.u. DIAPHASIC INFORMATION, DIASTRATIC INFORMATION).

Os lexicógrafos franceses, e com eles Bluteau, configuraram a análise de tipo sociolinguístico de acordo com uma classificação herdada da tradição retórica, explicitamente hierarquizadora, que estabelece estilos *baixos* e *elevados*. Este nivelamento ajusta-se com facilidade às distinções sociais, pelo que o estilo baixo designa a linguagem do povo inculto, por oposição à linguagem modelada pela escolarização, leitura e convívio erudito, que caracteriza os «bem falantes».

Assim, salvo em aspectos pontuais que adiante se notarão, as variações da língua devidas ao contexto situacional são descritas como um reflexo e consequência das distinções sociais, embora Bluteau não esclareça qual a fronteira que delimita o vocabulário do vulgo. Presume-se que seria um fundo lexical evitado pelas classes instruídas — mas não desconhecido —, e de ocorrência confinada à oralidade¹⁷. A nomenclatura do *Vocabulario* admite as palavras atribuídas ao uso popular, mas é significativo que apenas estas recebam marcadores diastráticos específicos (*baixo*, *do vulgo*,...). As sondagens não revelam expressões como *elevado*, *culto*, *nobre* ou equivalentes, pelo que o léxico não

¹⁷ O seguinte comentário demonstra que o dicionário não recusa os termos populares, mas faz questão de os demarcar: «TRATADA. Naõ he palavra usada de gente presada de fallar bem, nem atêgora a tenho achado em Autor Portuguez. Mas como he admitida no vulgo, convém fazer menção della. He huma disposição de vontades, e meynos para a execução de algum mau intento [...]» (*Voc.* s.u.); «SOTA-ALMIRANTE. Sota-Capitão, Sota-cocheiro, &c. No meu Vocabulario naõ segui esta orthographia, [...], que todas estas palavras, que começã por *Sota* parecem mais usadas do vulgo, que de gente, prezada de fallar bem» (*Supp.*, s.u.).

marcado corresponderá a um registo padrão que, seguindo a percepção sociológica do lexicógrafo, que poderia ser descrito como o vocabulário digno da corte.

Um dos marcadores empregues é o adjectivo *baixo* — resultante da transposição para português de um termo da retórica latina — que representa uma clara desvalorização do léxico popular. Porque são exclusivos do povo, os *termos baixos* são uma marca social, caracterizada pejorativamente no *Vocabulário*:

BAXO. [...] Rasteiro. Popular. Não elegante. Estilo baxo. *Stilus demissus*. *Plin. Humile decendi genus. Oratio humilis. Cic. Humilis & demissus sermo. Cic. Palavra, ou termos baixos, que se achão sô na boca do povo. Verba humilia, & abjecta. Cic. Sordida verba. Sen. Rhet. ou verba jacentia. Cic. [...]*

Baixo é um rótulo que não encontra justificação apenas no significado da palavra, que por norma não é ofensiva, nem descreve realidades moralmente condenáveis; antes constitui uma advertência no sentido de evitar o seu uso, pois o resultado será uma expressão deselegante. Daí que seja frequente a remissão para termos mais consentâneos com o estatuto do consulente típico:

ESTROVINHADO. **He palavra baixa**, & pouco usada. *Vid. Temerario. [...]*
ENCASQUETARSE, ou estar encasquetado de alguma opinião. **Modo de fallar baxo** [...] Encasquetouse-lhe na cabeça esta opinião [...]

Na prática, *baixo* parece ser um marcador sinónimo de *termo do povo* / *termo popular*, já que se aplica ao mesmo tipo de vocabulário, reforçando o princípio de que o estigma se encontra no uso:

BITÔLA. **Termo do Povo**. Governase pela sua Bitôla, *id est*, pelo seu parecer.
EMBIRRADO. (**Termo plebeo**) Irado, com obstinação. [...]
ESPETADO [...] Andar espetado. (**Termo popular.**) Andar muito direito. *Vid. Direito.*

Vulgar e *termo vulgar* são marcadores predominantemente diastráticos, embora se admita o emprego muito pontual ou como marca de frequência, ou

para sublinhar a oposição entre o vernáculo e o latim¹⁸. São *vulgares* os desvios semânticos em relação à acepção etimológica (cf. ENGEITAR, abaixo), bem como toda uma série de palavras para as quais não se encontra uma origem latina, e que o lexicógrafo associa à linguagem popular:

ENGEITAR. [...] Engeitar he não admittir o offerecido. [...] **Engeitar, em phrase vulgar val o mesmo, que enfeitar, enganar, & fazer adultério a alguem.**

ESCARAFUNCHAR. (**Termo vulgar**) Bulir com qualquer cousa em huma chaga, v. g. no nariz [...]

CHANCA. (**Termo vulgar.**) Pé grãde. Homem, que tem grande chanca [...]

No caso de *vulgarmente*, o lexicógrafo explorou as várias acepções da palavra em português, pelo que o marcador pode representar três tipos de informação, que têm em comum o facto de a palavra ser usada pelo povo¹⁹:

— **diatrática:**

CANIFRAZ. (Termo chulo.) Diz-se **vulgarmente** de quem não tem mais, que ossos.

— **diaintegrativa:**

DIACROCO, ou *Diacurcuma*. Composição de pós *Hystericos*, corroborantes, sudoríficos, cuja base he o *Crocus*, **vulgarmente** Açafraõ. [...]

— **diafrequencial:**

CHOCHO. [...] Metaforicamente. De quem começa a sentir o pezo dos annos, ou tem as forças quebrantadas de alguma grave doença, costumamos dizer **vulgarmente**, fullano anda chocho [...]

¹⁸ Duas dessas acepções estão registadas no *Vocabulario*: «VULGAR. Cousa do vulgo. [...] Vulgar. Diz-se dos nomes, & da lingoagem, que não he Latina, & que o vulgo falla. Vid. Romance.» (*Voc.*, s.u.). Assim, *vulgar* também pode assinalar uma palavra ou expressão vernácula, cujo uso não é restrito ao povo. Veja-se o seguinte exemplo, que apresenta uma abonação literária: «MULHE MULHE. Expressão vulgar, quando chovisca. *Aturando o Mulhe mulhe Das chovinhas deste tempo*. Oraç. Academ. de Fr. Simaõ, pag. 178.» (*Supp.*, s.u.).

¹⁹ O respectivo artigo apresenta três acepções: «Vulgarmente. Commummente. Vulgò. Vulgarmente. Com vulgaridade. Cõ modo popular, & commum. Vulgariter. Vulgarmente. Com palavras commummente usadas. Vulgatis uti verbis.» (*Voc.*, s.u.).

Pelo contrário, a referência ao *vulgo* é de interpretação inequívoca e talvez por isso seja o marcador mais frequente. Embora varie na formulação, a expressão descreve um uso socialmente confinado:

CAPITOA. (**Termo do vulgo.**) A authora de alguma cousa [...]
 CACHORREIRA, ou volta cachorreira. Volta de Rusticos, que trazem o pescoço, ou o cabelo levantado. **He palavra do vulgo.**
 PATACHOCA. **Nome, que dá o vulgo** aos moços das Freguezias, que servem na Sacristia.
 BRUNIDO, Brunido, **ou segundo o vulgo, Bornido.** Polido com Brunidor [...]
 IRRA. **Expressão do vulgo**, com que manifesta a aversão, que tem a alguma cousa [...]

Um caso particular de marcação diastrática é o adjetivo *chulo* e derivados, que Bluteau associa directamente à linguagem popular²⁰. Todavia, estas expressões contêm simultaneamente uma apreciação de tipo emotivo, que reflecte um conjunto de princípios sociais, que tornam aceitável ou inaceitável o uso de uma palavra.

Chulo representa um condicionamento do uso ainda mais explícito, em que além da deselegância, o falante se arrisca a ser inconveniente ou ofensivo. Atentando na definição dicionarística de *chulo* e *chularia*, as palavras «ridicularia», «zombaria» e «velhacaria» remetem para um limite a partir do qual os termos podem ser facilmente interpretados como injuriosos. Ou seja, estes marcadores assinalariam as palavras que, atendendo às características da nomenclatura do *Vocabulário*, se encontravam no limite do decoro (cf. Hartmann e James, 2001: s.u. TABOO WORDS, VULGARISM). Entre os abundantes exemplos, citam-se algumas palavras que referem anormalidades físicas e defeitos morais:

ESCANIFRADO. **He chulo.** Vid. Magrinho. Delgado.
 GOELHAR. Chocalhar. Fallar muito. Ser chocalheiro, **verbo chulo. Também chulamente chamaõ** Golelha, ou Golhelho ao palreiro, ou chocalheiro, que não guarda segredo a ninguem.

²⁰ «CHULARIA. Facecia vulgar. Chança, ridicularia, zombaria popular. Vid. Nos seus lugares, no Vocabulário.»; «CHULO. Aquelle, que diz graças, mas com frase baixa, ou com alguma velhacaria. *Impolitè, vel lascivè facetus, a, um.* Termo chulo. *Verbum Proco.*» (*Supp.*, s.u.).

CHOCHIM. Homem ridículo. **Costumamos dizer chulamente** de hum, que he ridículo, e anda trapalheiro, que he Chochim de las cabaças. ALMANJARRA. [...] **por chularia** chamaõ Almanjarra a hum homem muito corpulento.

JANGAZ. **Chularia**. Homem muito comprido.

JAÕMIJAÕ, ou jamijaõ. **Termo chulo**. Homem desairoso, mal atacado, mal amanhã [...]

A grande maioria dos *termos chulos* destaca-se pelas particularidades morfológicas (fenómenos de derivação e composição) ou fonológicas, que os tornam singulares²¹. Estes termos não são injuriosos ou chocantes ao ponto serem rotulados como obscenidades, nem se enquadram no que se poderia classificar como termos tabu, que de resto foram quase expurgados do *Vocabulario*. Os *termos chulos* são palavras e expressões conotadas com um registo socialmente marcado, impróprio de um homem da corte. Bluteau admite a inclusão de «vocabulos expressivos de cousas, feas, idiondas, asquerosas, monstruosas, offensivas do Tacto, ou do Olfato, da vista, ou do gosto», tanto mais que «na Rhetorica deve o Orador em certas ocasiões conformarse com o estylo da natureza, porque os termos proprios, e naturaes tem mais energia, e nos animos dos ouvintes fazem mais impressaõ, do que os metaforicos» (*Supp.* II, «Apologia do Autor»: 586). Todavia, na prática o lexicógrafo refugia-se num discurso eufemístico, quer no que respeita às unidades seleccionadas para a nomenclatura, quer na explicação do significado²².

A informação diafásica associa uma palavra ou expressão a um determinado registo de língua, ou seja, a uma variedade decorrente de um contexto situacional (cf. Hartmann e James, 2001: s.u. DIAPHASIC INFORMATION, REGISTER). Trata-se de uma dimensão de análise pouco explorada por Bluteau, para quem a escolha do léxico é sobretudo condicionada pelo estatuto social do falante. Assim, não se identifica um conjunto estruturado de marcadores que

²¹ Mais alguns exemplos: BOQUISECO, CANCABURRADA, CANDONGA, CARISMOCHO, CARRASPANA, CHINCHARAVELHA, CHOCHORROBIO, CHOCORRETA, CHOLDABOLDA, DIXIMES, ESPIRACANIVETES, JAMPANAÕ, MEXERUFADA, MIJOTE, TATIBI.

²² Cf., por exemplo, «CU. Inurbano, e descomposto synonymo de assento trazeiro, e pouzadeiro» [...]; «CU de Judas. (Annexim chulo.) Má rua. Canto. Beco sujo. Mora no cu de Judas, id est, mora em má rua, em hum beco sujo.»; «CUADA. Pancada, que se dá com tal parte no chaõ [...]» (*Supp.*, s.u.); CESSO. A parte do corpo, por onde sahem os excrementos [...]» (*Voc.*, s.u.). Cf. Silvestre, 2003.

configurem uma escala de graus de formalidade, já que o lexicógrafo integra essa avaliação na distinção *chulo / vulgar / não vulgar*, ainda que de modo implícito.

A exceção a este sistema encontra-se apenas num número reduzido de marcadores, que em rigor correspondem a variedades diafásicas, ainda que a frequência do seu emprego seja pouco significativa. Os contextos situacionais contemplados no *Vocabulario* pressupõem que os interlocutores gozam de um estatuto social semelhante, com intimidade suficiente para dispensar um elevado grau de formalidade.

O marcador mais frequente é a palavra *familiar* — adaptada do latim *sermo familiaris*²³ — que se refere ao tipo de léxico que poderia ser mobilizado numa conversa *inter pares*. Não será muito diferente o valor da expressão *doméstico*, que ocorre em contextos equivalentes:

CALACERÍA, ou Calaçaria. [...] he descanço vicioso, inimigo de trabalho, e applicaçõ. **He usado no discurso familiar.**

BONACHO, Bonâcho, Bonachão, Bonacheiraõ. Muito bom, muito brando. **São palavras usadas na conversação familiar** [...]

AVOAR. He pouco usado. **No discurso familiar dizemos** *Avoou*, por *Fugio*, *Desapareceo* [...]

BEM MAL. Termo negativo, principalmente havendo alguma pergunta, v. g. Vós, oh amigo, faltarmeheis ao que vos pedir? responde o outro, eu? Bem mal. *Id est*, Naõ; **termo muito commum, e domestico.**

CONTRA. [...] Tudo tem sua contra, *id est*, sua duvida. **Termo muito comum, e domestico.**

Encontram-se anotações que, sem deixar de apontar para uma situação de informalidade, remetem para o domínio da pragmática discursiva, na medida em que classificam as intenções comunicativas do emissor (sátira, ironia, humor, invectiva, ...):

BEM. [...] Bem. Ironia de quem reprova o que ouve dizer, v.g. Dizeis que me haveis de mandar citar? Bem. Tambem **he termo de zombaria, de galanteria, e de outras cousas semelhantes.** [...]

GARAJAÕ, ou Garanjaõ. **Por zombaria se diz** de quem he muito alto do corpo [...]

²³ «DISCURSO. [...] Discurso familiar, como quando se conversa. *Sermo familiaris*, ou *quotidianus*. *Cic.*» (*Voc.*, s.u.).

A ausência de abonações literárias indicia que estas palavras e expressões são típicas da língua falada, pelo que poderão adicionalmente ser classificadas como coloquialismos, dado o seu carácter informal ²⁴.

2.2. Notações gramaticais

A descrição dos vernáculos através de uma terminologia gramatical sistemática, adaptada da língua latina, encontrou o seu espaço nos primeiros dicionários monolíngues do século XVII. Os lexicógrafos privilegiaram a explicação dos sentidos e a exemplificação, pelo que a informação gramatical foi sempre muito abreviada, concentrando-se sobretudo na distinção das classes de palavras — tradicionalmente designadas como *partes do discurso* —, nos processos de inovação lexical por derivação e composição, e nas notações prosódicas. A sintaxe foi talvez o domínio menos explorado, uma vez que o emprego de marcas codificadoras apenas permitia dicotomias básicas como *verbo transitivo / intransitivo*. Em contrapartida, a ortografia terá sido o aspecto da codificação linguística que mais beneficiou da lexicografia monolíngue, não tanto por uma reflexão explícita de que fosse dada notícia aos consulentes, mas pela consolidação de um uso exemplar e autorizado.

Nos dicionários bilingues, o vernáculo apenas recebia notações de tipo gramatical a título excepcional, pois o equivalente latino era suficiente para esclarecer a classe da palavra-lemma. Neste domínio, Richelet (1680), Furetière (1690) e o dicionário da Académie (1694) representam um progresso considerável, ao generalizar um sistema de codificação que visa classificar todas as palavras, pelo menos no que respeita à categoria gramatical. As abreviaturas empregues por Furetière são já tão claras e regulares, que a dicionarística moderna pouco as alterou (e. g.: *s. f., s. m., plur., sing., adv., part., adj., adj. m. & f., part., part. pass. & adj.*). Os dicionários bilingues só tardiamente incorporam este procedimento. Se a reedição de Pomey (1691) ainda ignora a gramática francesa, com o avançar do século XVIII a nomenclatura em vernáculo recebe notações sobre a categoria gramatical, como se pode observar na edição de 1735 do *Grand dictionnaire françois et latin* de Danet.

²⁴ Esta noção compreende avaliações de tipo diafásico (formal, informal), diamedial (oral, escrito) e diatrático, o que explica as dificuldades dos lexicógrafos modernos em classificar os coloquialismos. Cf. Hartmann e James, 2001: s.u. COLLOQUIALISM.

A presença destas notações compreende-se recordando que Richelet compôs o seu dicionário tendo em mente os aprendentes estrangeiros e que Furetière e os académicos tinham plena consciência do carácter transnacional da língua francesa naquele momento histórico. Bluteau inicia o *Vocabulario* com horizontes mais estreitos e, no seu paradigma de dicionário bilingue, a descrição da língua de entrada é secundária, pois conta-se sempre com a competência linguística do falante. Somente no prólogo do *Supplemento* se lembrará a utilidade do dicionário para os estrangeiros que desejavam aprender português, beneficiando das definições descritivas que permitiam empregar as palavras com propriedade: «Vocabularios proveitosos, são os que declaraõ a natureza, virtudes, e propriedades das cousas, que os vocabulos significaõ; e são muito mais necessarios aos Estrangeiros, que aos naturaes, porque o Estrangeiro facilmente se equivoca nas palavras de huma lingua, que não he sua, e talvez succede, que com a presumpção de pronunciar huma sentença, com hum disparate desfecha» (*Supp.*, I: «Ao leitor estrangeiro»).

No *Vocabulario* as notações gramaticais não são sistemáticas e assemelham-se a marcas auxiliaadoras da redacção, uma vez que a principal função consiste em ordenar e separar a informação quando o macro-artigo agrupa palavras de categorias sintácticas diferentes. Assim, pode dar-se conta dos processos de conversão lexical (ou derivação imprópria) sem multiplicar o número de entradas:

AUXILIAR. Cousa, que ajuda [...]
 Os Auxiliares, ou a gente auxiliar [...]
 Auxiliar. **Verbo**. Socorrer [...]

O artigo citado demonstra como a informação sobre as categorias se pode reduzir ao mínimo indispensável, sem perturbar a interpretação do enunciado. A primeira alínea refere-se a um adjectivo, que é identificável pela expressão formular *cousa que*; na segunda alínea, pela exemplificação de um uso em contexto («Os Auxiliares»), o consulente percebe que se trata de um substantivo.

Todavia, e sobretudo quando todas as categorias compreendem palavras de uso frequente, a marca facilita a definição, pois os exemplos em contexto não bastariam para resolver equívocos:

DIARIO. **Adjectivo**. Cousa de cada dia [...]
 Diario. **Substantivo**. O papel, ou livro, em que dia por dia se nota o q̄ succede [...]

ACASO. **Substantivo** [...] Caso fortuito. [...]

Acaso. **Adverbio**. *Casu, Forte, Fortuito*. Se acaso succeder, que &c. [...]

Acaso. Se acaso, se por ventura. **Adverbios de duvidar**. *Forsan, forsitan*, [...]

Os participípios que apresentam propriedades verbais e nominais merecem particular atenção, sendo geralmente classificados como adjectivos, não obstante os exemplos apontarem mais para funções predicativas do que atributivas²⁵. O mesmos participípios originam substantivos, através de processos de nominalização:

DITTO, ou Dito. **Adjectivo**. Cousa ditto [...]

Ditto. **Substantivo**. [...] cousa bem ditto, ou seja grave, como as sentenças, ou aguda, & maliciosa [...]

COMPOSTO. **Substantivo**. Hum todo, que tem differentes partes [...]

Composto. **Adjectivo**. O que se compoem de varias cousas [...]

CALÇADO. **Substantivo**. Todo o genero de çapatos [...]

Calçado. **Adjectivo** Calçado com çapatos. [...]

A par de adjectivos e participípios surgem vários casos de nominalizações recolhidas em textos literários, que podem ser interpretadas como designações elípticas, mas que são integradas no *Vocabulario* como substantivos de valor pleno (cf. COSMICO):

ENROLADO. Participio passivo de Enrolar. *Vid.* Enrolar. **Enrolado. Certo panno de laã**. As finas Beatilhas, Rengos, *Enrolados*, cachas, Beirames, &c. Godinho, viagem da India, 44.

COSMICO. (Termo Astronomico) [**adjectivo**] Nascimento *cosmico* dos Planetas, Estrellas, & Signos celestes. V. Nascimento. **Cosmico. Substantivo. V. Globo. Acharaõ hum Cosmico, ou Globo Espherico**. Queiros, Vida do Irmaõ Basto [...]

Para os advérbios e interjeições, Bluteau elabora toda uma variedade de classificadores gramaticais, que informam acerca da categoria sintáctica e apon-

²⁵ A classificação como participípio é menos frequente, mas na prática não parece ser distintiva, pois também é acompanhada por exemplos com função atributiva: «AFILADO. **Participio de afilar**. *Vid.* no seu lugar. **Afilado nariz**. Algum tanto comprido, & agudo [...] Nariz afilado, sobrancelhas arqueadas [...]» (*Voc.*, s.u.).

tam para um uso com uma finalidade e um contexto enunciativo específicos. Com frequência, os classificadores apoiam-se na interpretação de frases-exemplo, que parecem reproduzir um registo informal e oralizante ²⁶:

- CA. Adverbio, que denota identidade, ou vezinhança de lugar [...]
 BEM. Adverbio, que significa o bom estado de huma cousa, ou algum grao de perfeição [...]
 OLÂ. Adverbio de chamar [...]
 QUAL. Adverbio de duvidar, de affirmar, de zombar, &c. [...] Elle havia de ser tolo? Qual? [...]
 ASSIM. Adverbio de quem se enfada, de quem concede alguma cousa com ironia, v.g. Acolá se dá muita pancada. Assim! [...]
- OLHAI. Interjeição admirativa, irrisoria, e de outros varios effeitos.
 AZABOMBA. Interjeição chula de quem se admira, v.g. tanto dinheiro tendes? Azabomba.
 AGOA VAY. Interjeição de quem se admira, de quem zomba, de quem se desembulha
 PO. Interjeição de quem sente mau cheiro, e se costuma dizer, Po Diabo.

Este género de fórmulas algo empíricas não é tão frequente nas categorias que, para além de compreenderem um número de elementos mais restrito, beneficiavam do exemplo da codificação gramatical latina, como os pronomes e as preposições. Aliás, o objectivo é explorar o paralelismo entre as terminologias e as unidades lexicais das duas línguas:

- ELLA. O feminino do pronome relativo elle. *Illa, ea, ipsa*. [...]
 ESTA, & este. Pronome demonstrativo de cousa, ou pessoa. *Iste, ista, istud*. [...]
 ISTO. Pronome demonstrativo, e indeclinavel, que se diz da cousa, que se mostra [...] *Id, ejus. Illud, illius. Hoc, hujus* [...]
 CADA. Pronome Masc. & Fem. que serve de singularisar as cousas, & as pessoas. *Quisque, quaeque, quodque* [...]

²⁶ Esta terminologia flutuante inspira-se na análise comparativa de usos efectivos: «Ay [...] **Interjeição de sentimento**, v. g. Ay de mim! **De desejo**, v. g. Ay, se viramos já a Deos! **De medo**, v. g. Ay, quanto temo condemnarme! **De pasmo, e admiração**, Ay, quantos beneficios recebemos de Deos! **De exhortação**, Ay, não fareis o que vos digo! **De Alegria** Ay, que prazer, Ay, que gloria &c.» (*Supp.*, s.u.).

EU. Pronome primitivo da primeira pessoa. *Ego, mei, mihi, me, me*. [...]

ELLE. Pronome relativo. *Ille, is*. [...]

COM. Preposição conjuntiva, com que se denota todo o genero de uniaõ [...]. *Cum* [...]

DETRAZ. Preposição de lugar, que denota o sitio [...]. *Ponè* [...]

ENTRE. Preposição de tempo, ou de lugar [...]. *Inter* [...]

DIANTE. Preposição local, opposta a detraz [...]. *Ante. Coram. Prae*. [...]

ARRIBA. Arríba. Preposição que denota superioridade [...]. *Sursum* [...]

Uma vez apresentados os principais classificadores gramaticais aplicados à descrição do português, deve concluir-se que a terminologia reservada ao latim era mais abundante, o que é apenas o resultado directo de uma descrição comparativamente mais exaustiva²⁷. As lacunas são explicáveis à luz da falta de precedentes, não só porque os dicionários anteriores ignoravam a informação gramatical, mas sobretudo pela ausência de uma produção metalinguística em vernáculo. Enquanto em França a gramaticografia precedeu a dicionarística monolíngue, Bluteau apenas pode citar tratados de ortografia, uma vez que as descrições mais amplas do português, recorrendo a uma terminologia específica e empregue com propriedade, são compostas já no início do século XVIII²⁸.

No *Vocabulario*, os espaços de comentário morfo-sintáctico acerca do português são geralmente motivados pela versão para latim, recorrendo a um discurso gramatical que pretende ser o quanto possível ambivalente, explorando a intercomunicação entre as duas línguas. Veja-se, por exemplo, a enunciação dos usos e valores da preposição *de*, em que se confrontam estruturas portuguesas e latinas, descritas com a mesma terminologia.

DE. Na lingua Portugueza, de ordinario esta particula he precurso do genitivo, mas no Latim se explica por differêtes modos. [...]

²⁷ Apesar do baixo índice de frequência e de um emprego irregular, cf. também: *particula conjuntiva* (E); *artigo* (DO); *nome colectivo* (CLERO); *termo numeral* (CINCO); *adjectivo numeral* (DECIMO); *palavra corrupta* (ACINTRO, de Absynthium); *palavra composta* (HILARO-TRAGEDIA); *verbo anomalo* (CARANGUEJAR).

²⁸ Merece especial destaque a obra *Regras da lingua portugueza* (1721) de Contador de Argote. Compare-se, por exemplo, as tipologias de advérbios no *Vocabulario*, atrás citadas, com o esquema normativo de Argote (1725 (1721): 170-171): advérbios de lugar, de tempo, de perguntar, de afirmar, de negar, de mostrar, de comparar, de quantidade.

De, entre dous substantivos. O leme de hum navio. *Clavus navis* [...] Algumas vezes o De Portuguez, que em Latim se explica com hum genitivo, se pode explicar com hum ablativo. V. g. Hum moço de bom natural. *Puer optimae indolis*. [...]

De, entre hum adjectivo, & hum substantivo. Muytas vezes he sinal que em Latim o substantivo se ha de por no genitivo, mas não sempre, como logo se vera. Huma caxa chea de perfumes. *Alabaster plenus unguenti*. [...]

Se no Portuguez este adjectivo for comparativo, & se ao *De* se seguir hum nome plural, (com tanto, q̄ se não falle senaõ de duas pessoas, ou de duas cousas) traduzirse-há em Latim por outro comparativo, ao qual se dará hum genitivo. V. gr. O mayor dos dous irmaõs. *Maior fratrum* [...]

De, quando se segue a hum substantivo, ou a hum adjectivo, tendo apos si hum infinitivo, he sinal, que o infinitivo, Portuguez se há de declarar em Latim com hum gerundio em *Di*. [...]

A técnica de descrição gramatical do latim é particularmente atenta às anomalias de declinação e conjugação e às palavras com significado diferente no plural, mas este tipo de descrição também é aplicado quando o lexicógrafo identifica casos similares em palavras portuguesas:

ESCOLA. Na lingua Portugueza esta palavra no singular val o mesmo que a casa, onde os meninos aprendem a ler, escrever, & contar; & assim se diz *Menino de Escola*, & *andar na escola*, &c. Mas **Escolas no plural quer dizer os Collegios**, ou Universidade, onde se estudaõ as sciencias [...]

ARMA. **Esta palavra he mais usada no plural, que no singular.** *Vid.* Armas. *Arma* de arremeço. [...]

A terminologia empregue não constitui novidade, pois é a base da gramaticografia dos vernáculos de origem latina. Todavia, convém sublinhar que a transposição para o dicionário de toda uma série de explicações em estilo quase didáctico é incomum, e afasta o *Vocabulario* dos dicionários franceses bilingues, que se limitavam a justapor as equivalências. Tal como em outras categorias de informação dicionarística, Bluteau prefere os comentários extensos e pormenorizados às codificações abreviadas, talvez influenciado pela tradição do *De arte grammatica* (1635) de Vóssio, que cita com frequência.

Devido à influência das obras francesas, Bluteau adoptou de uma série de marcas de uso, características dos dicionários terminológicos, que revelam pertinentes distinções de tipo sociolinguístico, a consciência dos registos e a divisão do léxico em domínios, factos até então insuficientemente descritos nos dicionários portugueses.

No que respeita à análise do léxico português, não insiste numa descrição de tipo gramatical, que discrimine categorias de palavras, variações morfológicas ou fenómenos derivacionais. Não obstante o facto de o *Vocabulario* ser anterior a obras como *Regras da lingua portugueza* (1721), os dicionários franceses já apresentavam modelos de técnicas de descrição adaptáveis ao português. Bluteau, sobretudo devido à sua experiência multilingue (inglês, francês, latim, grego, italiano, castelhano, português), comparava e entendia as línguas na perspectiva da intercomunicação de significados, e não de acordo com descrições gramaticais. As palavras dão acesso a sentidos, sob a forma de notícias sobre aquilo que a palavra representa e também sobre aquilo que se relaciona com esse sentido.

3. TÉCNICA DE DEFINIÇÃO

A evolução da técnica de definição é um aspecto fundamental do conjunto de modificações registadas nos dicionários bilingues e monolingues, nos séculos XVI e XVII ¹. Os dicionários bilingues, sobretudo a partir do *Dictionnaire françoislatin* (1539) de R. Estienne, iniciam uma gradual separação em relação às referências etimológicas latinas, que até então eram preponderantes enquanto base da explicação semântica ². De acordo com a concepção medieval, a adequação entre o significante e a realidade permitia explicar os sentidos através das etimologias, baseadas em derivações, decomposições fonológicas e transposições por antonomásia (Quemada, 1998: 44-45, 54-55). Mesmo quando a língua de entrada era um vernáculo, os lexicógrafos orientavam a definição para o sentido do termo latino, e o tipo de análise semântica que neles se

¹ Sobre as características tipológicas dos dicionários latinos que serviram de base ao *Vocabulario*, com exemplos de diferentes soluções no que respeita à informação latina na estrutura da glosa, cf. cap. III.3.4 e IV.2.2.

² Outros marcos desta evolução são o *Thresor* (1606) de Nicot e *Origines de la langue françoise* (1650) de Ménage. Cf. Buridant, 1990: 54-55. Como refere Bernard Quemada (1998: 43), «l'objectif de la lexicographie la plus avancée au XVI^e siècle était, rappelons-le, l'enseignement du latin. Les répertoires français-latin font alors la part belle aux mots français difficiles à traduire, au détriment des emplois ordinaires. Mais Robert Estienne, avec le *Dictionarium Latinogallicum* de 1538 et ses multiples versions, a donné un nouvel élan à l'inventaire du lexique français. Avant lui, aucun répertoire n'avait puisé dans la langue moderne autant de mots et de syntagmes au titre de synonymes ou d'équivalents traductifs. Lorsque le dictionnaire sera inversé en *Dictionnaire françois latin* (1539-1540), la présentation alphabétique, même approximative, mettra en évidence des lacunes que les éditions postérieures chercheront à combler».

encontra, para além da etimologia, baseava-se na tradução, na paráfrase e na acumulação sinonímica.

Nos dicionários bilingues mais tardios — entre eles os de Bento Pereira — aumenta o interesse pela descrição e explicação do vernáculo. Essa tendência não se verifica tão claramente no *Thesouro*, que pretendia apenas ser um instrumento facilitador do acesso ao latim. Neste dicionário, os esforços de particularização semântica tinham geralmente em vista a propriedade de significado do termo latino³. As glosas da *Prosodia* eram mais complexas e informativas, ainda que, aparentemente, se limitassem a uma sucessão de equivalentes sinónimos. Todavia, a acumulação lexical traduzia acepções diferentes, apesar de a técnica de redacção dos artigos nem sempre sublinhar uma clara delimitação dos sentidos. O valor informativo destes enunciados advém do facto de a análise semântica, orientada pelo termo latino, ser frequentemente aplicável ao equivalente português⁴.

Outro aspecto é a ocorrência de segmentos explicativos, cuja função consiste em descodificar outras palavras vernáculas presentes na mesma glosa. Este procedimento não era sistemático e resolvia dificuldades pontuais de interpretação, tais como a explicação de termos técnicos portugueses (cf. exemplo 1), a clarificação de termos eruditos introduzidos no vernáculo (2), ou a especificação de uma acepção particular entre outras consignadas em português (3):

- 1) Molile, is, n. g. A **almanjarra, instrumento pera moer**; item caldeiram muito grande.
- 2) Iactantia, ae, f. g. A **jactancia**, soberba, vaãgloria, o gabarse, &c. Cic.
- 3) Lithoromon, i, n. g. **Agulha, instrumento de çurgia, pera tirar a pedra da bexiga** (Pereira, *Prosodia*, 1697: s.u.).

Tais definições, dispersas, sucintas e incompletas, estavam longe de constituir uma fonte suficiente para as ambições do *Vocabulario*. Bluteau encontra os seus modelos na lexicografia francesa, em que se consolidava uma técnica de elaboração de dicionários monolingues, com o conseqüente abandono do latim, ou outra língua segunda, como estratégia de construção da definição.

³ Assim se explica grande parte dos desdobramentos de entradas portuguesas no *Thesouro*. Alguns exemplos (s.u.): — *Forquilha*. Furca, ae. Furcilla, ae. — *Forquilha de armar redes*. Ames, tis. — *Forquilha de alimpar trigo*. Merga, ae.

⁴ E.g.: «Linea, ae, f.g. A linha, o cordel, o fio, a raia, debuxo, parentesco, regra de livro, &c. [...]» (Pereira, *Prosodia*, 1697: s.u.).

Acresce que os dicionários de língua de tipo enciclopédico preconizavam definições muito mais informativas, que transmitissem um conhecimento rigoroso, sintético e tão completo quanto possível acerca dos referentes extralinguísticos⁵. Na segunda metade do século XVIII, os lexicógrafos franceses criaram definições quase originais para grande parte do vocabulário e separaram as respectivas acepções, visto que a simples tradução do fundo presente nos dicionários latinos já não era suficiente (Quemada, 1968: 391). Neste âmbito, o *Vocabulario* demonstra ser uma obra de transição, combinando as definições lógicas, descritivas e enciclopédicas dos novos dicionários monolíngues, com procedimentos tradicionais como a tradução e a sinonímia.

Em domínios tão diversos como a filosofia, a gramática ou a dicionarística, a definição era entendida como uma questão do âmbito da lógica. Bluteau, na sequência de Furetière, invoca um conjunto de argumentos e princípios teóricos, num esforço de perspectivar de modo específico a definição lexicográfica. Todavia, a prática terá sido mais determinada pelo empirismo das relações semânticas de expansão e de acumulação, do que pelas teorias da lógica.

Na lexicografia prevaleceu o modelo de definição fundado em Aristóteles, segundo princípios transmitidos pela tradição escolástica e codificados nos tratados de retórica. A sua influência nos dicionários latinos medievais foi estruturante, de modo que os primeiros monolíngues dos finais do século XVII ainda o reconhecem como um sistema teórico funcional, preferindo ignorar os progressos do cartesianismo ou de Port-Royal⁶. No *Vocabulario*, Bluteau invoca Aristóteles no artigo DEFINIÇAM e, mais tarde, no «Prologo segundo» do *Supplemento*, evidenciando a subordinação do conceito aos princípios do aristotelismo:

DEFINIÇAM. He huma Oraçaõ, que declara o que he huma cousa, & qual he; & he de duas maneiras, a saber **Definiçaõ essencial**, que he usada dos Philosophos, & consta de genero, & differença, & declara a natureza pela qual huma cousa he immutavelmente o que he; outra he **Definiçaõ accidental**, que he propria do Orador, & declara a cousa por circunstancias, & propriedades adjacentes. [...] (*Voc.*, s.u.).

⁵ Na segunda metade do século XVII, como explica Bernard Quemada, os lexicógrafos franceses criaram definições quase originais para grande parte do vocabulário e separaram as respectivas acepções, visto que a simples tradução do fundo presente nos dicionários latinos já não era suficiente (Quemada, 1968: 391).

⁶ Cf. Quemada, 1968: 391-393. Sobre a definição do nome e do verbo na *Logique* (1662) e na *Grammaire* (1660) de Port-Royal, cf. Delesalle, 1990.

Segundo os Peripateticos, dos modos de saber, demonstrativos do que se ignora, o primeiro he a definiçãõ; e esta he huma oraçãõ, que explica a natureza da cousa, qualidade, que ajuda muito a adquirir sciencias, porque conhecida pela definiçãõ a natureza, ou essencia de huma cousa, se vem em conhecimento das propriedades, e virtudes, que della emanaõ; [...] A isto se acrescenta, que sempre a definiçãõ he fundamento, e principio da conclusãõ scientifica, para a qual (segundo as leys da Dialectica) he preciso conhecer a qualidade da cousa, que he o que a definiçãõ declara (*Supp.*, I: «Ao leitor douto»).

A teoria aristotélica considerava a distinção entre definição nominal e definição real (ou «essencial», no artigo do *Vocabulario*). O primeiro tipo, omitido no excerto citado, define as palavras desconhecidas por meio de outras conhecidas, com recurso à sinonímia e à explicação etimológica; o segundo enuncia as qualidades e atributos intrínsecos que distinguem a natureza do *definiendum*⁷. A definição accidental corresponde a um tipo de definição imperfeito, que assenta em descrições de propriedades que permitem a distinção, mas que não decorrem necessariamente da essência do objecto descrito.

A formulação apresentada por Bluteau é uma revisão escolástica, em que é patente a recusa do nominalismo medieval, que o lexicógrafo associa à tradição lexicográfica que o precedeu. Os dicionários bilingues anteriores, «sem definir, nem descrever o em que falaõ, só trazem nomes, saõ meramente Nominæes; nomeaõ, e paraõ; apontaõ o vocabulo, o mais fica em silencio; tudo he huma mera nomenclatura alfabetica» (*Supp.*, I: «Ao leitor douto»)⁸.

O dicionário monolingue em vernáculo exige um discurso específico, esclarecedor, em que a definição apenas é útil na medida em que seja informativa e desbloqueie o acesso ao significado. As estratégias da lógica permitem elaborar definições de um modo sistemático em domínios lexicais bem deli-

⁷ Cf. Quemada, 1968: 393-394. Sobre as posteriores interpretações de Boécio e da escolástica em geral, cf. Freitas, 1989: s.u. DEFINIÇÃO. Os textos de Platão, Aristóteles, Isidoro de Sevilha, Pascal e Locke que esclarecem a evolução do conceito de definição encontram-se compilados em Sager, 2000, com uma introdução de Alain Rey (pp. 1-14).

⁸ Uma crítica semelhante à que é expressa por Bayle, no prefácio do *Dictionnaire Universel* (1690): «On ne dit rien d'un grand défaut qui regne pour l'ordinaire dans les Lexicons des langues savantes, & sur tout dans les Dictionnaires polyglottes: c'est qu'on y voit bien les rapports d'un mot à un autre mot, mais non pas aussi souvent qu'il le faudroit la definition des choses signifiées par les mots. C'est néanmoins ce qu'il y a de plus nécessaire à savoir».

mitados, mas o lexicógrafo não se vincula a um corpo teórico que, se fosse escrupulosamente seguido, conduziria a um hermetismo escolástico:

[...] as definiçoens, que trago, não são todas logicas, & muitas vezes mais são descripçoens, que definiçoens, porque de ordinario seria mais difficultosa de entender a definição, que o definido; e assim se eu definira Logica, & Dialecticamente plantas, animaes, instrumentos, & artefactos, mais facilmente os havias de conhecer pello nome, que pella definição, & como não es versado na phrase Escolastica, outro Vocabulario te seria necessario, para entenderes o meu (*Voc.*, I: «Ao leitor indouto»).

Os primeiros dicionários universais não pretendiam apenas que a definição resumisse o real em taxionomias lógicas. Como se depreende do prólogo de Pierre Bayle — que neste tema é mais explícito que Bluteau — importa dotar o vernáculo de um aparato discursivo, que até então somente o latim possuía, e que garantisse a comunicação e a inteligência dos conceitos, privilegiando a descrição e a enumeração das características⁹. A apetência por informação completa propicia a multiplicação de definições de tipo enciclopédico, cuja estrutura varia de dicionário para dicionário, consoante o número e o tipo de factos extralinguísticos que o lexicógrafo considera relevante adicionar.

Definição nominal, definição lógica por género/diferença e definição de tipo enciclopédico são os três níveis de explicação do sentido mais comuns nos dicionários deste período. Não obstante a crítica às definições nominais, Bluteau também recorrerá a elas para a complexa tarefa de criar definições inéditas para o léxico português, conjugando as técnicas dos dicionários bilíngues e monolíngues. Apenas o sistema lógico assentava numa codificação consolidada, pelo que sobrava uma enorme margem para a experimentação; a fidelidade a uma sustentação teórica é uma intenção que, na prática, não está

⁹ «On ne sera plus reduit, comme le sont tant de gens, dans les matieres même les plus communes, à recourir au mot vague de chose, de piece, & à faire des postures de mains & de pieds, (manieres qui passent avec raison pour rustiques) afin d'exprimer la figure, la situation, & l'étenduë de ce dont on parle. Cet Auteur apprend à tout le monde, non seulement la nature des choses par leur matiere, leurs usages, leurs especes, leurs figures, & leurs autres proprietes, mais aussi les termes propres dont il se faut servir pour les décrire» (Furetière, *Dictionnaire Universel*, 1690: «Preface»). O dicionário da Académie privilegiará a definição das palavras comuns da língua, considerando que a sua explicação é mais complexa e necessária que a dos termos das artes e ciências, que em geral são objecto de uma definição descritiva. Cf. Mazière, 1998: 187.

em condições de realizar e que pressuporia, no mínimo, uma colaboração colegial como a que se havia instituído na Academia Francesa.

Na distinção fundamental entre definição essencial e definição nominal radica o desenvolvimento de toda uma série de estratégias de explicação do sentido, que Bernard Quemada reuniu em dois grupos aglutinadores: os processos de definição directos e os processos indirectos ¹⁰.

3.1. Processos directos

Neste grupo agregam-se as definições lógicas que procuram exprimir a essência da coisa designada, por meio de um definidor genérico — que desempenha a função de indicação classificatória geral — e de definidores específicos, que particularizam as marcas características do *definiendum*. Há ainda a considerar a função dos termos de ligação que estabelecem a relação lógica entre as duas partes da definição (Quemada, 1968: 417-418). Este tipo de processos era de uso generalizado em dicionários monolíngues latinos como o *Calepino*, mas a sua aplicação a uma língua materna, sobretudo ao vocabulário corrente, despertaria a sensação de se tratar de uma definição pleonástica e desnecessária, como Bluteau mais de uma vez testemunha:

Estranha o Leitor Impertinente, e condemna de ridícula a definição, que dou de algumas plantas, v. g. maceira, arvore, que dá maçãas, pereira, arvore, que dá peras. **Em todas as escholas da Logica se ensina, que toda a definição, que consta de genero, e differença he boa; nestas definiçoens arvore, he o genero, maçãas, e peras, são as differenças.** Que queria o Impertinente? Queria, que eu dissesse: Maceira, arvore que dá medronhos? Pereira, arvore, que dá castanhas? Dirá o Impertinente, melhor fora não dizer nada. Bem está; mas ao Impertinente se acaso lhe perguntarem, que cousa he maceira, ou pereira, que dirá elle? (*Supp.*, I: «Ao leitor impertinente») ¹¹

O esforço de explicação sistemática do léxico frequente corresponde à ultrapassagem dos modelos baseados na contextualização temática, como a

¹⁰ O estudo de Quemada (1968: 417 e segs.), que procura abranger os dicionários do século XVII e XVIII, parece ser o modelo explicativo mais coerente. Recentemente, A. Collinot e Mazière (1997: 177-194) debruçaram-se sobre os tipos e estratégias de definição, com uma perspectiva orientada pela análise do discurso e centrada em Furetière.

¹¹ Cf. também *Supp.*, I: «Ao leitor douto».

Amalthea (1673) e o *Indiculus Universal* (1716), ou na simples tradução para uma língua segunda, como o *Thesouro*. Estas obras, no que respeita à compreensão do português, eram pouco mais que catálogos, em que uma breve definição só se justificava quando o significado se supunha desconhecido.

3.1.1. *Definidores genéricos*

Os definidores genéricos representam uma tipologia extralinguística, que divide o real em classes e subclasses, pelo que eram sobretudo empregues na definição de substantivos concretos, beneficiando das taxionomias pré-existentes. Em pares como BURRO, «Animal quadrupede domestico» ou AVELEIRA, «Arvore, que dá Avelaãs», o lema é claramente um hipónimo do definidor genérico, permitindo a elaboração de definições intensionais, em que se especificam os atributos de um conceito pela invocação das características de um hiperónimo, comumente reconhecidas (Hartmann e James, 2001: s.u. INTENSIONAL DEFINITION). Mas a classificação e interpretação do elemento genérico é mais complexa, pois o seu grau de autonomia é variável, como se verifica na seguinte série de exemplos:

- CUNHA. **Pedaço de ferro**, ou de páo, quadrado, que acaba em angulo [...]
- ENGONÇO. He **hum ferro**, que pela cabeça parece anel, com duas pernas [...]
- CAXA. **Especie de arca**, cuja coberta esta de por si, sem fechadura, & sem engonços [...]
- ARRElhADA. **Instrumento** de alimpar o arado [...]
- CAVA. **Lugar**, alguma cousa fundo, em que se ajuntaõ as agoas, que correm [...]
- CEREJEIRA. **Arvore** que dá Cerejas [...]
- CEREJA. **Fruto** da Cerejeira. Hà de muitas especies. Todas tem hum caroço [...]

Ou seja, nem todas as designações genéricas proporcionam definições minimamente auto-suficientes, quando interpretadas em conjunto com a palavra-lemma. Enunciados como «engonço é um ferro», «arrelhada é um instrumento» não servem para definir e exigem informações adicionais, por oposição a «cerejeira é uma árvore» ou «cereja é fruto», em que o definidor apresenta uma elevada autonomia. A. Collinot integra estas diferenças numa escala

em que num extremo se encontram formas sintagmáticas («hum ferro») e no outro formas paradigmáticas («arvore, «fruto»), admitindo formas intermédias como «instrumento». A autonomia no extremo paradigmático resulta da função integradora de hiperónimos fortes¹², que são precisamente os de emprego mais frequente e estável.

No *Vocabulário*, este tipo de hiperónimos já regista um uso repetido, introduzindo no discurso lexicográfico uma codificação taxionómica e uma estruturação enciclopédica do real. A fixação de um conjunto de classes e sub-classes resulta de uma abstracção das qualidades dos seres e objectos, que formam um sistema e se relacionam com alguma coerência. A delimitação dos géneros, das suas espécies e das relações de hierarquia é uma condição prévia para a posterior regularização dos definidores, o que pode ser observado em grupos como [animal → ave, insecto, peixe, réptil] ou [planta → árvore, fruto, arbusto, erva]:

ANIMAL. Corpo animado, que se move, & sente [...]

AVE. Animal volátil. [...]

PEIXE. Animal que nasce, & vive na agua [...]

INSECTO. Animalsinho [...]

REPTIL [...] animal, ou insecto, que anda de rojo [...]

PLANTA. Debayxo deste nome generico se entende qualquer arvore, arbusto, flor, herva, & corpo vegetante [...]

ARVORE. Corpo vegetante, mayor que Erva, & Arbusto, que lança ramos, & folhas [...]

FRUTO. O que a arvore produz cada anno depois da folha [...]

ARBUSTO [...] Corpo vegetativo, que não chega à grandeza de arvore [...]

ERVA. Planta, menor que arbusto [...]

A partir do momento em que nas definições dicionarísticas as espécies se encontram suficientemente autonomizadas e distintas entre si, podem con-

¹² A expressão «hiperónimos fortes» é de Collinot e Mazière, 1997: 180-182. Quemada, anos antes, havia proposto a distinção entre definidores próximos e definidores afastados, de acordo com a avaliação da especificidade e da generalização do definidor em relação ao *definiendum* (1968: 423-424)

verter-se em designações genéricas. Este conjunto restrito de nomes, atrás citado, acompanhado por um número também limitado de definidores específicos, dá origem ao mais estável sistema de segmentos definidores, com que Bluteau introduz as explicações sobre o mundo natural:

— **animal:**

ENGALA. Animal.
CROCODILO. Animal amphibio
JANACA. Animal de Africa
CABRA. Animal domestico
BOY. Animal, quadrupede
CAÓ. Animal quadrupede domestico
COBRA. Animal reptil, & aquatico

— **peixe:**

ABADEJO. Peixe
DOURADA. Peixe conhecido
BODIAM. Peixe da costa
PERCA. Peixe de agua doce
ESCALHO. Peixe de escama
CANEIA. Peixe de mar
ALBACOR. Peixe do alto mar
BICUDA. Peixe do Brasil
BARBO. Peixe do rio

— **ave:**

CORCULHER. Ave
ALCARAVAM. Ave agreste
ASSOVIADÉIRA. Ave aquatica
COTOVIA. Ave conhecida
BUITRE. Ave de rapina
ADEM. Ave domestica
CORUJA. Ave nocturna
COLHAREIRO. Ave silvestre

— **insecto:**

BESTEIRO. Insecto
CARACOL. Insecto reptil
ESCORPIAM. Insecto venenoso
CABRA D'AGUA. Insecto aquatico
BESOURO. Insecto volante

Adiante se referirão os tipos e funções dos definidores específicos, mas estes segmentos merecem particular destaque, porque funcionam como etiquetas enciclopédicas recorrentes, quer à cabeça da definição, quer integrados em discursos retoricamente mais elaborados. Além disso, incluem termos como *anfíbio* e *quadrúpede*, que no decorrer do século XVIII se consolidarão como definidores científicos, à medida que progridem os métodos de classificação (Quemada, 1968: 428-430).

Termos como *instrumento* e *engenho* encontram-se numa posição limiar no que respeita à autonomia enquanto definidores. As respectivas definições lexicográficas sustentam a sua interpretação como hiperónimos — «INSTRUMENTO. Engenho, com q̄ o artifice faz alguma obra», «ENGENHO. Machina mecanica com engenhoso artificio» — designando objectos e mecanismos para uso humano. O lexicógrafo reconhece que são termos genéricos demasiado abstractos, pelo que os acompanha com delimitadores específicos. Ao contrário de «o abadejo é um peixe», um enunciado como «a espátula é um instrumento»

exige um complemento informativo, que indica a matéria constituinte (cf. exemplo 1), um domínio do conhecimento (2), ou uma actividade profissional (3):

- 1) ESPATULA. Instrumento de Pao
- 2) COMPASSO. Instrumento Geometrico
- 3) BOTAFOGO. Instrumento de Artilheiro

Além do uso repetido, estas estruturas recebem frequentemente um destaque tipográfico ao serem isoladas por parênteses, encabeçando a definição, o que indica que o lexicógrafo as considerava como etiquetas de classificação tipológica.

O número de objectos que podem ser integrados na categoria de *engenho* é menor, pelo que Bluteau não constrói um conjunto de subclasses. O termo genérico é acompanhado por estruturas mais alargadas, segundo a fórmula [*engenho* + FUNÇÃO], ou [*engenho* + DESCRIÇÃO], de que não resultam sintagmas fixos de uso repetido:

- BUGIO [...] **Engenho, da feição de** huma forquilha, em que de hum barco se attrahe [...]
- CEGONHA [...] **Engenho de** tirar agoa dos pòços, de que se usa em algumas aldeas [...]
- ASSOPRADOR. **Engenho, com que** se assopra o lume [...]

Instrumento e *engenho* ainda funcionam como designações de categorias muito abrangentes, e distinguem-se dos casos em que o lexicógrafo usa como definidor genérico palavras que representam subclasses de nível inferior.

As definições introduzidas por *espécie de...* traduzem uma particularização da realidade ainda mais acentuada, constituindo hiperónimos de abrangência limitada, quando comparados com outros exemplos atrás assinalados (e.g. fruta → maçã; maçã → ‘espécies de maçãs’) ¹³.

- CAMOEZA. **Especie de maçã,** cheirosa, & suave ao gosto [...]
- ARROZ. **Especie de grão,** que sô depois de mondado, he branco [...]

¹³ Os princípios lógicos contemplavam uma hierarquização das espécies, autorizando um largo espectro de categorias: «*Especie infima*, he a que debaixo de si não tem outra, mas só tem individuos. v.g. *Homem, cavallo &c.* são especies infimas. *Especie media*, ou *subalterna*, he a que debaixo de si tem outras especies, & assi respectivamente aos seus inferiores he genero; v.g. *Animal* tem sobre si *Vivente*, & debaixo de si tem *Homem, cavallo, &c.*» (Voc., s.u. ESPECIE).

ESTUFA. **Especie de forno** de metal, ou de barro [...]

DENARIO. **Especie de moeda** antiga dos Romanos [...]

CARAMELO. **Especie de doce**. Faz-se de açúcar em ponto [...]

Nestes casos, *espécie* assinala uma subcategorização, já que é possível admitir enunciados como «camoesa é uma maçã», «arroz é um grão», ou «estufa é um forno». Mas, tal como Bluteau adverte no *Vocabulario*, *espécie* pode estabelecer uma relação meramente analógica entre o *definiendum* e o definidor, pretendendo o lexicógrafo sublinhar apenas a existência de características comuns¹⁴. Nos exemplos seguintes, o definidor genérico é tão específico, que dificilmente se pode considerar uma subclasse:

AVEA. *Especie de trigo*, ou cevada, com cana nodosa [...]

BOLOR. *Especie de barbinhas brancas*, ou fios verdes, que se crião na superfície das materias [...]

ESCARA. *Especie de codea*, ou costra, que se cria na superfície de huma chaga [...]

ALGIBEIRA. *Especie de saquinho de panno*, ou pelle cozida com calção [...]

Trata-se de uma estratégia discursiva que modaliza o grau de generalização do definidor, para que não haja equivalência com o *definiendum*, impedindo a formulação de enunciados como «aveia é trigo» ou «algibeira é um saquinho»; deste modo, o significado da palavra-lemma pode inclusive construir-se com a junção de traços característicos de mais de um definidor (e.g. «aveia assemelha-se a trigo e a cevada»). Outro indício que permite identificar em que circunstâncias não são hiperónimos é o facto de se registarem definições circulares, em que um termo é definido recorrendo às palavras que esse mesmo termo definiu, e.g. «CAXA. **Especie de arca**, cuja coberta esta de por si, sem fechadura [...]Especie de Caixa grande, cõ fechadura [...]

¹⁴ «[...] geralmente fallando tomase especie em muitos outros sentidos. As vezes dizse dos individuos de cada especie, separadamente, & val o mesmo, que *Casta*, *v.g.* Não sei que especie de fruta he esta. Outras vezes, *Especie* se diz de huma natureza ambigua, que participa de duas cousas diversas, *v.g.* o pero he huma especie de fruta, que nem he maçã, nem pera, mas participa da natureza de huma, & outra. [...] Tambem usamos desta palavra, dizendo [...] o Hermitão he huma *Especie* de Frade, mas que não faz votos, nem vida commua» (*Voc.*, s.u. ESPECIE). A expressão *casta de* ocorre raramente, mas respeita o sentido enunciado por Bluteau: «URO, he huma casta de Boy bravo [...]; «TEIGA de Abrahaõ, he huma casta de medida 4. ou 5. Alqueires, que em algumas terras da Beira se paga [...]» (*Supp.*, s.u.).

3.1.2. *Definidores específicos*

Os definidores específicos complementam o definidor genérico, evidenciando as marcas distintivas, ou *diferentia*, segundo a terminologia da lógica. Formalmente, caracterizam-se por uma enorme variedade, embora possam ser agrupados de acordo com o tipo de informação que veiculam¹⁵. No que respeita à tipologia dos definidores específicos, adopta-se a terminologia de Quemada, considerando as marcas de descrição, origem, finalidade e funcionalidade (Quemada, 1968: 431-435).

É a adequada selecção das marcas diferenciadoras que permite elaborar definições a partir de termos genéricos que representam categorizações muito fluidas, como os nomes de matérias constituintes ou substâncias (*pau, ferro, ...*). As potencialidades de uma técnica de acumulação de traços peculiares sobressaem quando se analisam as variações em torno de um mesmo termo-base, pelo que os exemplos que adiante se citam são preferencialmente extraídos de um conjunto de entradas cujo definidor genérico é *pau*.

As marcas descritivas introduzem na definição elementos caracterizadores que, na sua forma mais simples, podem limitar-se a um adjetivo (e.g. «AQUILA. Pao cheiroso [...]»), ou alargar-se a expressões mais complexas de extensão variável, seja pela adição de adjetivos (cf. exemplo 1), seja pela aposição de descrições parcelares (cf. ex. 2):

- 1) ASPALATO. He hum pão **compacto, pesado, oleoso, cheiroso, de cor purpurea, escura, amargoso, & picante ao gosto.** [...]
- 2) CHUÇO. He hum páo **comprido, q̄ tem choupa em cima, & no cabo outro ferro agudo,** a que chamaõ, *Encontro.* [...]

As marcas de origem são sobretudo notações de tipo geográfico, que não constituem características essenciais, antes um complemento enciclopédico que sublinha o carácter exótico do referente (cf. ex. 3); todavia, podem também referir-se ao processo de génese que está na origem do *definiendum*, veiculando uma explicação (ex. 4). Mas a origem e a localização nem sempre são tópicos de informação bem distintos, pelo que se podem mesclar numa mesma expressão (e.g. «BIDASSOA. Rio, que sahe dos Pyreneos da banda de Maia [...]»).

- 3) TECA. Pao **da India,** do qual faz mençaõ Diogo de Couto [...] CAMPECHE. Pao, **que vem do Brasil.** He vermelho [...]

¹⁵ «Diferença. (Termo Dialectico.) He hum attributo essêcial, que distingue huma especie da outra, como a racionalidade, que distingue o homem do bruto» (*Voc.*, s.u.).

- 4) BANANA. Fruta **do Brasil. Nasce em humas arvores** de tão grandes folhas [...]
 ALCANFOR. Goma, que **sahe de huma arvore** de extraordinaria grandeza, **que nace nas Indias orientaes** [...]

Também se incluem na categoria das marcas de origem as definições em que o *definiendum* é apresentado como um efeito directo de uma série de causas, que não são consideradas circunstâncias acidentais:

- 5) ASSOMBRAMENTO. Espanto causado do medo [...]
 CANÇÃÇO. Fraqueza do corpo, causada de andar, ou trabalhar muito [...]
 BOSTELA. Tumorsinho na pelle, causado de humor acre, & quente [...]

Se o processo resulta de um somatório de elementos, de acordo com uma fórmula, estamos perante uma estratégia a que Bernard Quemada (1968: 434) chamou «definição-receita», e que é característica dos dicionários pré-enciclopédicos. Encontra-se frequentemente nas entradas referentes a nomes de drogas, mas a técnica é válida para descrever algo que obedeça a um procedimento normalizado, como uma codificação literária:

- 6) CEROTO. Unguento **composto de cera, oleo, gomas, & pós dessecativos**, [...]
 BALHATA. Canção, com que se baila. **He composta de repreza, mudanças, & volta.** [...] ¹⁶

Os valores expressos pelas marcas de finalidade variam de acordo com as características semânticas e referenciais do *definiendum*; em geral, tratando-se de objectos, o definidor específico explicita o resultado de um uso, como se observa nas entradas relativas a instrumentos (ex. 7). Quando a definição se refere a um processo ou ao seu agente, a marca de finalidade traduz um objectivo (ex. 8):

- 7) ENSINHO. Pao com dentes na ponta. **Serve de arrastar a espiga, que fica por debulhar** [...]

¹⁶ A indicação dos componentes essenciais pode ser meramente descritiva, não sendo portanto uma marca de origem: «BROCHE. Brinco do peito, composto de tres peças de qualquer pedraria [...]»; «BEIÇO. Parte duplicada, glandulosa, composta de huma carne molle, & fungosa, coberta por fora de pelle, & por dentro de huma tunica muito delgada [...]» (*Voc.*, s.u.).

- 8) **EDUCAÇAM.** Criação, esino **para a direcção dos costumes** [...] **ESTUDANTE.** O que frequenta o Collegio **para aprender** [...] **EXAME.** Prova, que se faz **para conhecer as calidades de hum so-geito** [...]

As marcas de funcionalidade aproximam-se dos valores anteriormente referidos, mas estas colocam a ênfase no modo de funcionamento ou de emprego de um objecto, e não no objectivo do seu uso. A distinção é mais clara nas definições em que a informação funcional e de finalidade ocorrem em segmentos contíguos (ex. 9), mas também se verificam enunciados em que do funcionamento se depreende o fim (ex. 10):

- 9) **CABRESTANTE** do Navio. He hum pao grosso, com seus furos em cruz, **em que se mettem as barras**, & serve para virar as amarras [...] **BARRA** [...] (Termo de navio.) He hum pao, ou ferro, **que se mette em hum buraco no pè do mastareo**, para o sustentar. [...]
- 10) **ALEVADOURO.** (Termo de Atafona.) He hum pao, **que faz levãtar, & abaixar a pedra.** **BARTIDOURO.** Pao concavo, **com que se lança fora dos bateis, & fragatas a agoa, que tem dentro** [...]

A descrição pode traduzir uma localização relativa¹⁷, integrando o *definiendum* num contexto físico, e relacionando-o com outros objectos, o que permite clarificar o funcionamento ou a finalidade, mesmo quando estas marcas são explicitadas:

- 11) **MULLO.** He hum pao, **que està entre as caimbas da roda do carro.** **OUCA** do carro, ou do arado. He hum pao de hum palmo, **atravesado na ponta do Timaõ**, que serve para ter maõ no Tamoeiro.

Na prática, os diversos definidores específicos atrás discriminados podem conjugar-se e completar-se, variando consoante a disposição dos diversos constituintes do artigo.

¹⁷ Esta categoria não é considerada em Quemada, 1968.

3.2. Processos indirectos

Retomando a dicotomia estabelecida por Quemada (1968: 441), esta categoria agrega os processos de definição em que não se verifica uma explicação da natureza ou essência do *definiendum*, uma vez que assenta na referência a uma representação verbal previamente conhecida. A definição nominal, se bem que considerada ineficaz e pouco informativa por Bluteau, não é de forma alguma abolida, até porque constituía uma solução cómoda, na medida em que se servia das relações semânticas que o intertexto lexicográfico permitia esclarecer.

Todavia, mesmo quando o núcleo da definição se resume a uma simples sequência de sinónimos, não se deve ignorar que o *Vocabulario* adiciona diversa informação — traduções e expressões latinas, excertos exemplificativos em português — que também contribui para o esclarecimento do significado, o que o distingue dos dicionários precedentes. Por outro lado, algumas das formulações elaboradas a partir de relações semânticas são paráfrases complexas e pormenorizadas, o que proporcionava ao consulente uma explicação satisfatória, em alternativa ou em complemento às descrições. Este género de definições explora sobretudo as relações entre conceitos, relações derivacionais e relações de sentido.

3.2.1. *Relações entre conceitos*

O enunciado da definição é encabeçado por um termo intermédio, que estabelece a relação entre o conceito definido e um outro conceito definidor. Essa ligação pode traduzir relações como o parentesco, o que é um processo comum na definição de animais (*macho, fêmea*), e que Bluteau estende a personagens históricas e mitológicas (*filho, pai, mãe*):

- 1) BODE. O macho da cabra. [...]
- CACHORRA. A femea do cachorro. [...]
- CADELLA. A femea do caõ. [...]
- PLUTAÃO. Filho de Saturno, e irmão de Jupiter, e de Neptuno, [...]

O termo intermédio pode também expressar uma relação de pertença entre uma parte e um todo decomponível (*parte de*, cf. ex. 2), ou incluir uma

parte — o *definiendum* — num conjunto, cujos elementos estão convencionalmente quantificados e seriados (ex. 3):

- 2) CALVA. A parte da cabeça, em que falta o cabelo. [...]
 BAIRRO. Certa parte da Cidade com suas casas, & ruas. [...]
 CACHACA. A parte do pescoço, posterior à garganta. [...]

- 3) DOMINGA, ou Domingo. O primeiro dia da semana [...]
 DATIVO. Termo Grammatical. He o terceiro caso da declinação de hum nome [...]
 FA. Termo de Solfa. A quarta das seis vozes da Musica. [...]

Nestes casos, e de forma mais evidente nos nomes de animais, a definição da sua natureza depende de uma remissão implícita para o artigo do termo definidor, onde se registam os traços essenciais que são partilhados com o termo definido¹⁸.

3.2.2. *Motivação derivacional*

No *Vocabulario* são comuns as definições que exploram os vínculos das relações de derivação entre as palavras. Como se observou anteriormente (cf. cap. III.1.2.1), a etimologia permanecia como uma solução válida para a ordenação da nomenclatura (o dicionário da Académie será o exemplo mais célebre) apresentando uma estrutura em macro-artigos, com as palavras derivadas em subentrada.

A reordenação alfabética de todo o fundo lexical previamente recolhido não obrigou os lexicógrafos a desmultiplicarem as definições, o que dificultaria a redacção e criaria redundâncias, optando-se antes pela remissão para núcleos de significação tidos por primordiais.

Uma vez retirados da sequência alfabética, os grupos de palavras derivadas revelam os laços de dependência, com definições remissivas que apontam para explicações que se encontram apenas na palavra-base. Do *Vocabulario*,

¹⁸ Assim, CACHORRA → «CACHORRO. Caõ pequeno» → «CAO. Animal quadrupede domestico, de que ha muitas especies, singularmente amigo do homem, & symbolo da fidelidade [...]»; BODE → «CABRA. Animal domestico, quadrupede, cornigero, femea do cabraõ, de focinho chato, & rabo curto [...]» → «CABRAM. Vide. Bode» (*Voc.*, s.u.).

cita-se um exemplo desta inter-relação, a partir de termos derivados de *DANO* e *DANAR*, aqui hierarquicamente dispostos:

DANO. Perda. Detrimento [...]

+ *DANIFICADO*. Causa, que tem recebido algum **dano**. [...]

+ *DANIFICADOR*. Aquelle, que causou algum **dano**. [...]

+ *DANIFICAR* alguma cousa. *Alicui rei detrimentum afferre, ou impertire*.

Vid. Dano. [...]

+ *DANOSO*. Que causa **dano** [...]

+ *DANINHO*. **Danoso**. Dizse dos animaes, aves, &c, que danificaõ os campos, as arvores &c. [...]

DANAR. Corromper. *Aliquid corrumpere* [...]

+ *DANADO*. Causa, que se corrompeo. *Corruptus, a, um*. **Vid. Danar**. [...]

Como os exemplos demonstram, nestas definições relaciona-se o termo definido com um termo definidor que é uma palavra da mesma família, e o valor que distingue semanticamente o *definiendum* da palavra da qual ele deriva é indicado por uma série de expressões de uso regular. Por norma, *o que / aquele que* indicam que o termo derivado tem a função de agente (cf. ex. 1, *infra*); *acção de* + VERBO representa um substantivo derivado do verbo referido (ex. 2); a fórmula *a modo de* + NOME traduz uma adjectivação ou uma adverbialização (ex. 3):

1) *AÇULADOR*. O que **açula**, **Vid. Açular**. *Irritator, oris*. [...]

CONSOLADOR. Aquelle, que **consola**. [...]

2) *BOCEJO*. A acção de **bocejar**. [...]

ARRANHADURA. A acção de **arrânhar**, ou a violêta impressão da unha na superficie da pelle [...]

3) *BESTIALMENTE*. A modo de **besta**. [...]

ACHINELADO. Causa a modo de **chinela**. [...]

A palavra *cousa*, presente no último exemplo citado, marca as definições de adjectivos e é uma das mais persistentes tradições na lexicografia portuguesa anterior ao *Vocabulario*. Bluteau usa-a com frequência para assinalar o mesmo tipo de relação que se encontra em Cardoso e Bento Pereira. Procurando

ajustar-se às características semânticas do adjectivo, as fórmulas empregues são *cousa de*, *cousa concernente* e *cousa que tem*¹⁹:

DECLAMATORIO. Cousa concernente a declamação. [...]

EUCARISTICO. Cousa da Eucharistia, ou concernente a Eucharistia. [...]

BOLORENTO. Cousa, que tem bolor. [...]

A motivação derivacional torna-se a solução mais cómoda para contornar definições que de outro modo se revelariam complexas. Os termos *qualidade de*, *virtude de* servem de base à definição de nomes e adjectivos com um potencial de abstracção muito elevado, por vezes derivados de palavras também elas abstractas:

CORROSIVIDADE. Qualidade corrosiva. *Qualitas rodendi vim habens*. [...]

CONDENSATIVO. Cousa, que tem a virtude de condensar. [...]

CONTINENTE. Aquelle, ou aquella, que tem virtude de continencia. [...]

Todavia, há casos em que o vínculo derivacional se torna obrigatório, porque só ele torna racionalmente explicável a estreita relação entre a forma da palavra e o seu significado (cf. *infra* DESCARAPUÇADO e CHAPADO). A referência à unidade primitiva pode conjugar-se com outras técnicas de definição, como as relações de tipo sinonímico. Por exemplo, os definidores principais em CABEÇADA e CEVADO são sinónimos (*pancada*, *gordo*), completados por *cabeça* e *ceva*, que clarificam a particularização do sentido.

DESCARAPUÇADO. Aquelle, que está com a cabeça descuberta, ou sem carapuça [...]

CHAPADO. Homem chapado. Que anda, como guarnecido com a chapa da sua virtude [...]

CABEÇADA. Pancada, que se dá com a cabeça. [...]

CEVADO. Gordo com a ceva, (fallando em algum animal.) [...]

¹⁹ A aplicação desta técnica de definição a adjectivos decalcados de termos latinos representa um desvio da relação palavra derivada / palavra primitiva, nas situações em que o termo é uma espécie de tradução do latim: — ARIETINO. Cousa de Carneyro. *Arietinus, a, um*. [...] — EQUOREO. (Termo poético) Cousa do mar, ou concernente ao mar. *Aequoreus, a, um*. [...] — CIVICO. Cousa concernente a Cidadão [...] (*Voc.*, s.u.).

3.2.3. *Relações de sentido*

Nesta categoria incluem-se as definições nominais em que o sentido é explicado através de palavras sinónimas, que o lexicógrafo considera serem de significado mais acessível que o do *definiendum*. Este tipo de definição desenvolveu-se sobretudo nos dicionários bilingues, em que à entrada latina se seguia uma série de sinónimos em vernáculo, procurando documentar as diversas acepções na língua original, ou sugerir várias possibilidades de tradução para o mesmo significado.

Os lexicógrafos reconheciam que se tratava de uma definição imperfeita, ou porque contornava a essência do definido, ou pela impossibilidade de uma correspondência suficiente. O próprio Bluteau, no prefácio do «Vocabulario de synonymos», declara que «nesta obra, não me obrigo a dar synonymos tão perfeitos, que debaixo de nomes diversos, sempre signifiquem a mesma cousa, porque duvido muito, que em nenhuma lingua se achem termos com esta identica semelhança» (*Supp.*, II: «Vocabulario de synonymos») ²⁰.

No *Vocabulario* regista-se um uso frequente da sinonímia, que se revela útil na definição de palavras que dificilmente poderiam ser agrupadas em categorias, ou descritas a partir das propriedades físicas do referente. Podemos considerar que se trata de um sinónimo quando o definidor seleccionado é demasiado específico para que se possa classificar como termo genérico, isto para além do facto de permitir a comutabilidade entre os lexemas, pelo menos em alguns contextos.

Quando a definição inclui apenas um sinónimo e não há remissão para a respectiva entrada, supõe-se que o grau de equivalência semântica seja elevado (ex. 1). A acumulação de dois ou mais sinónimos, especialmente se ocorrerem remissões (ex. 3), já indicia a distinção entre acepções, o que restringe a comutação com a palavra-lemma ou com os restantes definidores:

- 1) DEMENCIA. Loucura. [...]
DIFFERENÇA. Diversidade. [...]
- 2) DICTADO. Sentença, Proverbio. [...]
DEIXAÇAM. Renuncia, Abdicaçãõ, Cessaõ. [...]

²⁰ Sobre as críticas aos dicionários franceses do século XVIII que insistiam nas definições de tipo sinónimoico, cf. Quemada, 1968: 447.

- 3) DICTAME. Regra. Doutrina. Maxima. Vid. nos seus lugares. [...]
DISCIPLINADO. Criado. Ensinado. Vid. nos seus lugares. [...]

Algumas relações de equivalência podem estender-se a todo um grupo de lemas derivados de uma palavra primitiva. Nesses casos, para se manter a definição sinonímica, o definidor também se sujeita a processos derivacionais. Este tipo de sinónimos aproxima-se do que geralmente se designa por sinonímia total, ou absoluta, com a ressalva de que se avalia a comutabilidade e não a existência de uma sinonímia perfeita (cf. Vilela, 1994: 28-29):

- 4) DIVERTIDAMENTE. **Sem atenção**. Com distraçãõ. [...]
DIVERTIDO. **Desattento**. [...]
DIVERTIMENTO. **Desatençaõ**. [...]
DIVERTIR. Causar desattensaõ. **Suspender a atençaõ**. [...]

Os sinónimos comutáveis originam definições verdadeiramente circulares, como «DEMORA. Detença [...]», «DETENÇA. Demora [...]». Admite-se que, por vezes, a repetição corresponda a uma racionalização do discurso lexicográfico, eliminando explicações duplicadas, para as concentrar sob o lema de maior frequência (ex. 5). Todavia, o confronto de outros exemplos revela que o lexicógrafo procura explorar ao máximo as relações de equivalência, construindo redes complexas em que o núcleo da definição se limita ao cruzamento de um conjunto restrito de sinónimos (ex. 6):

- 5) BILADEIRA. Dançadeira. Vid. No seu lugar. [...]
DANÇADEIRA. Bailadeira. Dizse particularmente das mulheres plebeas, que vão dançando com arcos de flores nas procissoens [...]
- 6) DESGOSTO. Desprazer. Dissabor. [...]
DESPRAZER. Desgosto. [...] Descontentamento [...]
DESSABOR. Desgosto [...]
DESCONTENTAMENTO. Desgosto, dissabor [...]

As relações de sentido contemplam também as definições negativas, em que o significado é explicado através de uma paráfrase, cujo núcleo definidor expressa um sentido contrário ao do *definiendum*. Nestas circunstâncias, o núcleo é tipicamente um antónimo:

- 7) CRU. Não cozido. [...]
BAXO. O contrario de alto. [...]

Todavia, a definição é menos esclarecedora sempre que o antónimo é formado por um processo de prefixação regular (in-, des-), visto que pressupõe o conhecimento do significado da palavra primitiva. Daí a presença de explicações adicionais, ou de uma remissão:

- 8) EMERSAM. O contrario de Immersaõ. He quando huma cousa depois de metida na agoa, torna a sahir della [...]
FALLIVEL. O contrario de infallivel. Vid. Infallivel.

Obtêm-se definições semelhantes através de paráfrases que decompõem morfológica e semanticamente as palavras-lemma, embora não recorram a núcleos com sinónimos ou antónimos (e.g. «DESAVERGONHADAMENTE. Sem vergonha. [...]», «DESENTOADAMENTE. Fora do tã, Sem tom. [...]»).

Por fim, e sem exprimir uma distinção entre casos de antonímia gradual ou complementar, encontram-se as definições que Quemada classificou como localizadoras, em que a explicação descreve uma posição relativa de um conceito, em relação a outros conceitos opostos:

- 9) GRIS. He tomado do Francez *Gris*, que he huma cor entre branco, e negro. [...]
DIREITO. Cousa, que não està nem curva, nem torta. [...]
MORNO. [...] Temperado entre quente, & frio. [...]
MEDIocre [...] O que tem o lugar do meyo, entre o muito, & o pouco. [...]

3.3. Processos de definição de verbos

Os modelos da lógica e as reflexões dos lexicógrafos centravam-se na definição dos substantivos, marginalizando a questão do tratamento das palavras e expressões que representavam processos, estados e eventos. De um modo geral, as definições de verbos caracterizam-se pelo facto de recorrerem a um outro verbo, ou a uma perífrase verbal, embora se registem estratégias semelhantes às que se empregam nos substantivos, como a exploração das relações de sinonímia ou das relações derivacionais.

Neste aspecto da técnica lexicográfica, as glosas de Bluteau revelam soluções que variam no grau de complexidade e de funcionalidade. Uma primeira categoria compreende as definições mais concisas, formadas por verbos simples, ou por verbos acompanhados por um número restrito de complementos, cujo resultado é uma expressão que pode substituir paradigmaticamente o

definiendum. Como se observa nos exemplos seguintes, são por regra enunciados breves, que concentram apenas a informação semântica indispensável:

DESMIOLAR. Tirar os miolos [...]
 ALENTAR. Dar animo [...]
 DOESTAR. Deshonrar. Injuriar [...]
 ADOECER. Cahir doente. Enfermar [...]

Assim, a definição corresponde a uma forma alternativa de veicular um sentido, e.g. «o homem adoeceu; o homem caiu doente; o homem enfermou». Este tipo de comutação deixa de ser possível quando o enunciado acumula complementos acessórios, que particularizam o sentido de verbos definidores muito genéricos (*fazer, dar, tirar,...*)

ACENAR. Dar sinal com a cabeça, ou com os olhos, para exprimir, o que queremos dizer [...]
 ESBOROAR. Fazer em pó qualquer coisa levemente unida [...]
 ESCOAR. Separar hum licor da materia, & do vaso, em que está, deixando-o correr para outra parte. [...]

Torna-se portanto difícil isolar um núcleo da definição, que possa constituir uma unidade mínima de sentido ('dar sinal?', 'fazer em pó?', 'separar um licor?'); além disso, os elementos com função de agente representam categorias genéricas, indefinidas ou variadas (*licor; qualquer coisa; com a cabeça, ou com os olhos*). Este género de enunciados revela claras interferências das definições de tipo enciclopédico, na medida em que descrevem os processos que os verbos representam, indicando os elementos intervenientes, os procedimentos e a finalidade.

Decerto por influência dos dicionários latinos monolíngues — em que o verbo era acompanhado de pronomes que indicavam os casos exigidos pela sintaxe específica — registam-se definições em português que se assemelham a esquemas relacionais:

COLLOCAR. Por alguma coisa em algum lugar. [...]
 COTEJAR. Fazer comparação de huma coisa com outra [...]
 ENFORMAR. Dar enformação contra alguém. [...]

A expressão definitória enuncia aquilo que actualmente se classificaria como os argumentos internos do predicador. Por vezes nem sequer há lugar a

uma verdadeira definição, bastando ao lexicógrafo a ordenação linear do verbo e dos seus argumentos:

CONCEDER alguma coisa a alguém. [...]

DAR alguma coisa a alguém. [...]

DECLARAR alguma coisa a alguém dizendolha, e significandolha. [...]

Por fim, há a notar um tipo de definição que é introduzida pelas formas *he* e *diz-se*. Em rigor, neste contexto estes não são verbos definidores, já que o seu significado é redundante, uma vez que se subentende que o texto que se segue à entrada é uma explicação. A sua função é introduzir expressões nominais que indicam o argumento externo do verbo definidor, pelo que a definição no seu todo corresponde a uma descrição de um processo. Formalmente são atípicas porque o definidor verbal é deslocado da posição mais usual:

ESGARAVATAR. He da **Gallinha**, espalhando a terra com as unhas [...]

BOLSAR. Diz-se das **crianças**, em que regurgitando o leite, o vomitão. [...]

BROTAR. Diz-se da **planta**, quando começa a dar folha, ou fruto [...]

ACABRAMAR. Termo pastoril. He quando o **pastor**, ou **guarda do gado** ata o pè do boi ao corno. [...]

Os nominais destacados tornam-se essenciais para a definição, uma vez que desempenham funções semânticas de agente ou origem do processo que o verbo definido representa. Daí que seja possível a reconstituição de relações sintáticas como ‘a galinha esgravata’, ‘as crianças bolsam’, ‘a planta brota’, ‘o pastor acabrama (o boi)’.

Apesar de a escolha depender das propriedades semânticas do *definiendum*, a confrontação dos enunciados permite assinalar um conjunto restrito de definidores verbais de alta frequência, entre os quais se destacam os verbos *fazer*, *tirar*, *dar*, *pôr*, *tomar* e *estar*. Devido ao facto de a sua significação ser fluida, intervêm na composição de perífrases verbais e locuções parafrásticas que constituem o núcleo da definição.

Todavia, em relação aos verbos citados, há que distinguir as situações em que são empregues com o seu valor próprio (sentido pleno) e os casos em que funcionam como verbos de suporte na formação de predicados complexos ²¹.

²¹ Sobre as definições com verbos de suporte no dicionário da Académie, cf. Chevalier, 1998: 299-300.

O verbo *fazer*, que no *Vocabulário* é o definidor verbal mais frequente, ilustra bem esta duplicidade. Os exemplos citados em 1) ilustram o uso do verbo no seu sentido primitivo (sinónimo de ‘produzir’, ‘criar’), em que é imediatamente seguido de um nominal com a função semântica de objecto, resultante da acção expressa quer pelo verbo definido, quer pelo verbo definidor:

- 1) ENTRANÇAR. Fazer tranças [...]
- ENXAMEAR. Fazer enxames [...]
- EDIFICAR. Fazer huma obra de pedra, & cal. [...]

Mas, comparativamente, é superior o número de definições em que *fazer* é um verbo de suporte, prevalecendo o sentido do nome que ocorre à direita, e que constitui o verdadeiro núcleo semântico²². As glosas exploram o raciocínio lógico inerente ao processo de derivação lexical, de modo que o verbo é definido a partir de nomes que designam uma acção, ou o resultado de uma acção ou processo (e.g. *doudice* → *doudejar*, *doudejar* → *fazer doudice*):

- 2) DOUDEJAR. Fazer doudices [...]
- ELEGER. [...] Fazer eleição [...]
- ACOMPANHAR. Fazer companhia [...]

Fazer adquire um valor causativo quando acompanha verbos que designam eventos ou processos (cf. ex. 3) e distingue-se dos exemplos anteriores pelo facto de conferir um valor semântico à perífrase verbal, na medida em que é parafraseável por ‘causar’, ‘provocar’:

- 3) ESPREMER. Fazer sahir algum licor, apertando, & comprimindo [...]
- ESBORRACHAR. Fazer rebentar alguma cousa, pisando, apertando, &c. [...]
- DESDENTAR. [...] Fazer cahir os dentes [...]

Outra estratégia comum no *Vocabulário* é empregar *fazer* equivalendo a ‘tornar’, em situações em que o verbo definido designa o resultado de uma

²² Esta distinção encontra-se consignada no *Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea da Academia das Ciências de Lisboa* (2001, s.u. FAZER) que, além do significado próprio e da função de verbo-suporte, aponta ainda o valor causativo.

transformação exercida sobre um objecto, sem que este seja obrigatoriamente mencionado no enunciado:

- 4) ALATINAR, ou latinizar. Fazer huma palavra estrangeira latina [...]
 ADOÇAR. Fazer doce [...]
 ESFARRAPAR. Fazer em pedaços sem instrumento [...]
 ESMIGALHAR. Fazer em migalhas. [...]

A partir da série de exemplos atrás citados é possível desde já sublinhar o recurso a estratégias similares às que foram apontadas para a definição de nomes, sobretudo para a selecção dos núcleos semânticos, que são muitas vezes o resultado de relações de sinonímia (cf. ESPESSAR) e relações derivacionais (cf. AUTENTICAR):

- 5) ESPESSAR. Fazer **denso** [sinónimo de ‘espesso’] [...]
 AUTENTICAR. Fazer **autentico**, certo, indubitavel. [...]

O definidor *tirar*, também de alta frequência, ocorre com o seu sentido pleno (sinónimo de ‘extrair’, ‘arrancar’ com movimento) mas está particularmente orientado para a explicação de verbos que indicam privação ou negação, como é o caso dos que são formados com o prefixo des-. *Tirar* afasta-se do sentido primitivo de acordo com as características semânticas do nominal que ocorre à direita do verbo. Comparando o conjunto de exemplos abaixo citados, em que os nominais assinalados são progressivamente mais abstractos, observa-se que em 6) o objecto é deslocado, enquanto em 7) o verbo *tirar* indica uma transformação sem deslocamento. Quanto ao valor privativo, é mais evidente com nominais cujo grau de abstracção é potencialmente elevado, como em 8):

- 6) DESCARREGAR. Tirar **a carga** de quem a leva [...]
 DESENTERRAR. Tirar da sepultura [sc. ‘**o cadáver**’] [...]
- 7) DESTINGIR. Tirar **a côr**, em que huma cousa foy tinta [...]
 DESINFLAMAR. Tirar **a inflamação** [...]
- 8) DESEMPEDIR. Tirar **embaraços** [...]
 DESASSOCEGAR. Tirar **o socego** [...]

O que se notou com mais pormenor em *fazer* e *tirar* verifica-se na generalidade dos verbos definidores mais comuns, em que a função de suporte permite elaborar paráfrases de outros verbos de sentido pleno ²³:

9) BRADAR. Dár gritos [...]	ARRISCAR. Por em perigo [...]
ESPANCAR. Dar com pao [...]	ACENDER. Pôr fogo a alguma coisa [...]
ESCUTAR. Dar ouvidos [...]	DIFFICULTAR. Por dificuldades [...]
CEAR. Tomar a refeição da noite [...]	EXTERMINAR. Lançar fora dos termos [...]
ENRAVECER [<i>sic</i>]. Tomar raiva [...]	CANTAR. Lançar a voz com harmonia [...]

Quando a definição é introduzida por um verbo copulativo (*ser*, *estar*, *ficar*), entre o núcleo semântico e o *definiendum* existe frequentemente uma relação de derivação, o que origina explicações de tipo circular (cf. 11). Neste contexto, o definidor mais comum é um adjetivo de origem participial:

10) DORMITAR. Estar como adormecido [...]	
DESAGRADAR. Não ser do agrado de alguém [...]	
DEFRONTAR. Ficar defronte [...]	
11) BASTAR. Ser bastante [...]	CONVIR. Ser conveniente [...]
BASTANTE. O que basta [...]	CONVENIENTE. O que convem a alguém [...]

3.4. Ordenação das acepções

As soluções que Furetière e a Académie apresentaram para o problema da avaliação e discriminação dos sentidos — e que configuraram a dicionarística posterior — radicam na técnica lexicográfica que os dicionários bilingues ensaiaram ao longo do século XVII. Confrontando os principais dicionários francês-latim (Nicot (1606), Pomey (1664, 1691) e Danet (1683)) observa-se uma

²³ Registam-se outros definidores de uso regular, mas de frequência inferior aos atrás citados: — *abrir*, *ajuntar*, *andar*, *apertar*, *causar*, *cobrir*, *cortar*, *deitar*, *deixar*, *derrubar*, *desfazer*, *diminuir*, *encher*, *levantar*, *meter*, *perder*, *separar*, *soltar*, *ter*.

evolução na técnica de recolha e selecção dos significados, a partir do reaproveitamento das acepções registadas nos dicionários latinos monolíngues e latim-vernáculo.

Richelet, Furetière e os académicos aproveitaram a abundante informação coligida nas obras anteriores e, libertos das correspondências com o latim, puderam introduzir alterações estruturais e níveis de análise até então inviáveis: eliminaram distinções semânticas que em francês eram artificiais, mas que expressavam sentidos diversos na língua latina; prescindiram de inúmeros exemplos e estruturas frásicas que apenas traduziam expressões latinas relevantes, mas não representavam novos sentidos em francês; por fim, adicionaram acepções e lexias que eram próprias do vernáculo, e que antes não haviam sido dicionarizadas por serem rotuladas de idiotismos.

Apesar de formalmente distintos, os dicionários monolíngues e bilingues destacam de alguma forma a separação das acepções. Do dicionário de Pomey (1691), que é um bom exemplo do modelo bilingue, veja-se o artigo *DOMAINE*, a que se acrescentou em nota marginal uma discriminação numerada das acepções ²⁴:

- [1] *DOMAINE, Droit de propriété.* Hoc dominium, nii. Dominii jus. Dominium & jus.
- [2] *Domaine, biens tenus en domaine.* Domini jure possessa, habitave bona. Haec Possessiones, num. Haec Bona, orum. Bona cujusque propria.
- [3] *Avoir un grand domaine.* Habere ampla latifundia. Magnos fundos, ingentia praedia possidere.
- [3A] *Domaine immuable.* Possessio unius ac perpetui vectigalis annui. Praedium statae ac ejusdem mercedis annuae.
- [3B] *Domaine de la Couronne.* Regium patrimonium, Regius census, ús. Census fisci Regii.
- [3C] *Domaine privé du Prince.* Privata res. Principis Peculiaria. Principis bona.
- [3D] *Domaine du Seigneur Feodal, l'étenduë de son fief.* Beneficiarii Domini territoriú, praedium, universus ager.

Com o mesmo destaque tipográfico e em posição de cabeça de parágrafo apresentam-se informações dicionarísticas de natureza diversa. O lema e a definição são naturalmente a primeira acepção, mas a segunda acepção surge sob

²⁴ Cita-se a partir da edição de 1716, similar à de 1691. Cf. *supra* cap. II.2.3.

a forma de uma definição por contexto (cf. 2), explicável a partir do sentido expresso em 1). A estrutura frásica em 3) corresponde, em rigor, a um novo sentido, embora se assemelhe a um exemplo. De facto, a distinção de sentidos mais eficaz reside na tradução latina, uma vez que *dominii jus* (1), *bona jure possessa* (2) e *latifundia* (3) esclarecem cabalmente a polissemia da palavra francesa. Nas lexias que principiam os parágrafos seguintes (3A, B, C, D), *domaine* mantém o sentido consignado em 3), mas com um complemento que particulariza o sentido da expressão. Em Pomey e em outros dicionaristas contemporâneos, as estruturas frásica ou locuções nominais e adjectivas já não são o resultado directo da versão do latim. Mais frequentemente, o objectivo é expressar em latim aspectos da organização socio-cultural que a língua de entrada descreve, e que eram desconhecidos na Antiguidade (cf. Girardin, 1995).

O mesmo artigo em Furetière apresenta uma delimitação de sentidos muito mais estruturada e, embora as definições sejam reformuladas e ampliadas, na prática mantém as três acepções essenciais que Pomey consignara (cf. 1, 2, 3):

- [1] DOMEINE. s. m. Heritage ou fonds de terre où il y a quelque habitation. Tout le bien de cette Abbaye est en *domeine*, il se consume tout en reparations.[...]
- [2] DOMEINE, se dit quelquesfois d'un droit seigneurial sans propriété. En matiere de Seigneurie, celui qui paye le cens a le *domeine* utile de la terre; [...]
- [3] DOMEINE, se prend quelquefois pour une generalité de biens qu'on possede en propre, soit heritages, soit rentes, ou autres droits. Le *Domaine* de la Couronne est inalienable, il ne se vent qu'à faculté de rachat perpetuel. [...]
- [4] DOMEINE, en plusieus Coustumes, signifie le fief dominant, le cheflieu ou manoir, où est deuë la foy & hommage par le vassal, le lieu d'où depend les fiefs & vassaux. On appelle *Domeine immuable* ou *Domeine fiescé*, les cens & rentes seigneuriales, qui n'augmentent ni ne diminuënt jamais [...]

O autor do *Dictionnaire Universel*, que privilegia a palavra e os seus usos em contextos sociolinguísticos específicos, coloca como primeira acepção o sentido de uso mais geral, enquanto as restantes são introduzidas por expressões como «se dit quelquesfois», «se prend quelquesfois», «en plusieurs (Coustumes) signifie». Na generalidade dos artigos, cada parágrafo é uma subentrada e corresponde a uma acepção distinta, apresentando a palavra-lemma em caracteres de corpo inferior. A definição é completada por um exemplo do lema

em contexto frásico, cuja função é actualizar num discurso possível os traços definidores anteriormente enunciados. Todavia, ainda que a definição seja a interpretação de um uso específico, a frase-exemplo não constitui por si uma definição bastante, ao contrário do que se verificava nos dicionários bilingues. No que respeita às estruturas fixas, quando o seu sentido está proximamente relacionado com uma determinada acepção, elas são agrupadas num mesmo parágrafo, como sucede em 4) (cf. *supra*).

Esta obra influenciou o *Vocabulario* em aspectos como a hierarquização dos sentidos e a consequente clareza de leitura, mas a aplicação sistemática da técnica de Furetière era incompatível com o modelo de dicionário bilingue que Bluteau traçara, ainda antes de 1690. No *Vocabulario*, o mesmo artigo DOMINIO exemplifica alguns dos limites que o latim impunha:

- [1] DOMINIO. Domínio. Direito de propriedade sobre terras, rios &c. *Dominium, ii.* [...]
- [1A] Deixaõlhe o dominio dos seus bens. *Rerum suarum dominium ei concessum est.* [...]
- [2] Dominio. Bens, que se possuem, & de que se pode usar, & dispor como propios. *Possessiones, um. Fem. Plur.* [...]
- [3] Dominio. Poder, mando. Tem o fado dominio sobre estas cousas. *In ea dominium casus exercet,* ou *Ea casus sub dominio habet. Senec. Phil.* (falla como Gentio.) Ter dominio sobre alguem. *Habere imperium in aliquem. Cic.* [...]
- [3A] Dominio. Autoridade, para persuadir, & para inclinar a vontade sobre alguem. (neste sentido.) *In aliquem auctoritatem tenere.* [...]
- [4] Dominio. (Termo Astrologico.) Val o mesmo que Influencia poderosa, na producção de algum effeito. *Dominium, ii. Neut. Vid. Dominante. Vid. Dominar* [...]

A repetição da palavra-lemma é um indício de uma nova acepção, mas as distinções semânticas que se assinalam não são obrigatoriamente relativas ao português. Por exemplo, as acepções de 3) e 3A) são artificiais, na medida em que visam traduzir a diferença no emprego dos termos latinos *imperium* e *auctoritas*. Por outro lado, as frases-exemplo ora surgem em parágrafos isolados (1A), ora após a explicação da acepção (3).

Mas há artigos em que a informação dicionarística se apresenta bem mais fragmentada, o que permite destacar a tradução de séries de estruturas frásicas e expressões nominais, segundo um modelo similar ao que se observou em

Pomey. Veja-se o artigo DOMESTICO que, com sete parágrafos, somente assinala duas acepções relevantes para o português:

- [1] DOMESTICO. Doméstico. Domesticado fallando de hum animal bravo, feito manço. *Mansuefactus, Tit. Liv. Ciratus, a, um. Varro. Domitus, a, um. Cic.*
- [2] Domesticico. Couse de casa. *Domesticus, a, um. Cic.*
- [2A] Animal domesticico. Criado em casa. *Domesticum animal. Plin. Vid. Caseiro.*
- [2B] Os negocios domesticicos. *Res domesticae & familiares. Cic.*
- [2C] Guerra domesticica. *Bellum domestic??.* *Cic.* Tantas desgraças nas guerras *Domesticas.* Mon. Lusit. Tom. 5. fol. 56. col. 2.
- [2D] Exemplos domesticicos. *Domestica exempla, orum. Neut. Plur. Cic.*
- [2E] Temos disto muitos exemplos domesticicos. *Sed domi quoque adsunt ejus rei exempla. Cic.*

Seja por incúria dos tipógrafos, que por vezes compunham a página livremente, seja por uma efectiva incongruência do lexicógrafo, o facto é que o parágrafo não pode ser interpretado como uma unidade de sentido estável. Por exemplo, se em 2C) se reúnem num parágrafo expressões que se reportam ao mesmo sentido, o mesmo já não se verifica em 2D) e 2E). Este desajustamento não é um aspecto marginal, pois a configuração rigorosa da mancha gráfica e a hierarquização dos sentidos — com a normalização possível, atendendo à precaridade das análises semânticas e lexicológicas — foi uma conquista fundamental da lexicografia francesa dos finais do século XVII; um progresso que o *Vocabulario* não reproduziu cabalmente, não obstante a importante evolução que representou neste domínio.

3.4.1. *Homonímia*

Os exemplos anteriormente citados são sobretudo casos de polissemia, em que é possível estabelecer conexões de tipo etimológico e semântico entre as diferentes acepções. Todavia, a integração dos casos de homonímia trouxe algumas perturbações à ordenação, porque estas unidades lexicais poderiam merecer um tratamento num artigo à parte, ou constituir apenas uma subentrada do par homonímico. De acordo com a terminologia gramatical da época, o conceito de homonímia abarcaria o que hoje se distingue como polissemia. O *Vocabulario*, citando a *Ortographia* (1671) de Barreto, explica que «os nomes *Homonymos* são aquelles, que significaõ muitas cousas, como este nome Palma, que significa a arvore, a victoria, & a palma da maõ» (*Voc.*, s.u. HOMONYMO).

A tradição lexicográfica latina tendia a separar os homónimos e Bluteau tenta manter esse procedimento nas palavras portuguesas em que, para além de não haver afinidade entre os sentidos, a homografia não se repetia em latim, como em:

- DIVISAM do todo nas suas partes. *Partitio, distributio, tributio, onis* [...]
 DIVISAM. Divisar Exergar. *Videre* [...]
 DADO. Adjectivo; coisa que se deu [...]
 DADO. Substantivo. Bocado de osso [...] [lat. *tessera*]

Os critérios que justificam a separação de artigos nem sempre são tão claros, porque por vezes o lexicógrafo parece privilegiar a etimologia latina, e não a das palavras portuguesas. Por exemplo, em *DISTRABIR*, *DESFEITO* e *DESPACHAR*, embora haja uma relação entre os significados das diferentes acepções, a tradução para latim não a consegue reproduzir:

- DESPACHAR negocios [...] *expediri* [...]
 DESPACHAR desta vida [...] *morti dare* [...]
 DISTRABIR. Encaminhar mal [...]
 DISTRABIR. Divertir. Tirar a applicação [...]
 DESFEITO; Adjectivo. Contrato desfeito [...]
 DESFEITO. Substantivo. He hum picado [...] Fazse com carneiro [...]

Mas esta não é a solução mais frequente nos artigos extensos e estruturalmente complexos que acumulavam, além das várias acepções comuns, os usos no contexto dos domínios terminológicos e os sentidos figurados consignados nos textos literários. A disparidade do tipo de informação compilada — especulação etimológica, citações latinas, narrativas históricas — quebra a unidade de sentido, transformando o artigo num mosaico de factos e notícias filológicas. Como nas enciclopédias, a entrada é um elemento indexador que introduz um inventário diversificado; daí que não seja inusual a presença de casos de homonímia em subentrada, como se observa nos artigos *CANTO* e *CAPELLA*:

- CANTO* da casa [...]
 — Canto do olho [...]
 — Canto. Metaphoric. Estar posto a hum canto [...]
 — **Canto. A acção de cantar** [...]
 — **O canto das aves** [...]
 — **O canto chaõ** [...]
 — Canto. [...] pedra de cantaria em esquina [...]

CAPELLA

- Capella Real [...]
- Capella (Termo da Curia Romana) Ter Capella [...]
- Capella. Fazenda, que o Testador deixa com obrigação de Missas [...]
- **Capella de flores** [...]
- **Capella de coentro** [...]
- **Capella do olho** [...]
- **Capella. Fortaleza de Picardia, em França** [...]

A localização dos sentidos que não se relacionam com a definição que encabeça o artigo (aqui assinalados a negro) demonstra como a ordenação facilmente escapa a uma rigorosa sequência lógica ou hierárquica: veja-se a última subentrada *canto (pedra)*, que se aproxima semanticamente dos primeiros significados, ou a integração do topónimo *Capella*. À semelhança de Furetière, nos artigos extensos Bluteau privilegia a explicação do maior número possível de significados e, como nota Bernard Quemada, quanto mais abundante e variada a recolha, mais se tornava perceptível a ausência de uma construção homogénea e coerente (Quemada, 1968: 491).

3.4.2. *Polissemia*

Nos artigos em que as subentradas correspondem apenas a diferentes acepções de um termo polissémico, a ordenação é perturbada pela profusão de sentidos figurados de origem literária, que gozam de uma preponderância que seria muito discutível numa descrição de tipo linguístico, pois formalmente têm um estatuto similar ao das outras acepções.

A coesão e um *continuum* dos sentidos eram garantidos, em primeiro lugar, pela exploração das relações etimológicas, aproveitando os traços semânticos do étimo para construir a definição, ou permitindo que as subentradas se explicassem mutuamente.

ESTANCIA. Morada [...]

- Estancia. (Termo de pedreiro.) [...]
 - Estancia. Termo da Poesia Portuguesa [...]
 - Estancia. Na Cidade de Lisboa, he o lugar, em que se parte, & vende a lenha. [...]
- Estancia em todos os sentidos acima declarados se pode derivar *a stando*, porque em huma pára a cousa, ou a pessoa, em outros a oraçaõ.

Numa ordenação de tipo lógico-etimológico, o primeiro significado é o que se aproxima mais do étimo — o *sentido natural*, na terminologia de Bluteau — por oposição ao *sentido impróprio*, que ocorre «quando se significa alguma coisa metaphorica, & imprópriamente» (*Voc. s.u. IMPROPRIO*). Como se pressupõe que a definição inicial corresponda ao sentido natural, este raramente é marcado, o que só sucede quando o lexicógrafo pretende sublinhar um contraste entre duas acepções:

AFOGO. **No sentido natural**, suffocaçãõ. *Vid.* no seu lugar. No sentido moral, oppressãõ [...]

SUPERCILIO. He palavra Latina de *Supercilium*, que **no sentido natural** quer dizer Sobrancelhas, e no sentido moral, Gravidade, Soberania, Magestade [...]

No *Vocabulario*, a noção de *sentido impróprio* compreende os sentidos figurados, ou não literais, resultantes de extensões metafóricas ou transposições de sentido. Trata-se de alargamentos semânticos que abarcam conceitos não contemplados no sentido próprio e que são assinalados pelas expressões *sentido figurado*, *sentido metafórico* ou *sentido moral*. Em geral, *figurado* indica uma extensão de sentido de uso corrente (cf. ENCOLHER), enquanto *metafórico* aponta para sentidos mais particulares, condicionados pelo contexto específico de um determinado aproveitamento retórico-literário (cf. CENTOPEA):

ENCOLHER [...] Encolher os hombros. **No sentido figurado**. Não mostrar resistencia. [...]

CENTOPEA [...] **Metaphorico**. Huma *Centopèa* de peccados propios. Vieira, Tom. 9. pag. 88. Falla em hum grande numero de peccados.

Todavia, na prática esta distinção não é rigorosa, não só pelas inerentes dificuldades da análise semântica, mas também porque o conceito de sentido figurado incluía a metáfora como uma forma de desvio em relação ao sentido recto²⁵. Ou seja, *figurado* e *metafórico* são por vezes expressões equivalentes:

AZA [...] No sentido figurado. Deu-lhe o temor azas à fugida. *Timor addidit alas*. *Virg.* Seguem-no os que ficarão, & o temor Lhes dá, não pés, mas *Azas* à fugida. Camoens, cant. 4. oit. 43. [...]

²⁵ «FIGURADAMENTE. No sentido figurado, ou metaphorico. *Per translationem, per metaphoram* [...]» (*Voc. s.u.*).

CHAVE [...] Chave Mestra. Em sentido Figurado. *Vid.* Chave. *Chave Mestra* das sciências he a Philosophia. Varella, Num. Vocal, pag. 193. [...]

Um sentido metafórico é actualizado em estruturas retoricamente artificiosas, que supõem um investimento estético, ao qual se associa uma intencionalidade discursiva específica²⁶. O facto de serem sistematicamente ilustrados com citações literárias — sobretudo portuguesas, mas também latinas — indica que não se trata de sentidos comumente partilhados pelos falantes. De resto, muitos dos significados decorrem apenas da interpretação de um passo literário de um autor assinalado:

Resta referir o *sentido moral*, uma designação inusual dos dicionários franceses que têm servido de comparação, que no *Vocabulario* assinala um extenso número de expressões que remetem para campos semânticos como o das regras de conduta, o comportamento humano, o espírito e o carácter, numa envolveria que é predominantemente religiosa, mas que se pode restringir às práticas do quotidiano. O *Vocabulario* apenas define *sentido moral* no contexto específico do texto moralizador de inspiração religiosa: «SENTIDO [...] O sentido Mystico Tropologico, ou Moral, he o que appropria casos, & historias de hum, & outro Testamento à reformação, & emenda dos nossos costumes [...]» (*Voc.* s.u.). Esta categoria pode ser relacionada com a tradição da hermenêutica bíblica, em que se distinguem os sentidos literal, alegórico, anagógico e moral.

Como se de uma marca de uso se tratasse, o adjectivo *moral* fornece uma orientação de interpretação, na medida em que o uso figurado só tem o sentido explicitado quando se refere a costumes e características humanas:

ESTOMAGO [...] No sentido moral. Fulano tem estomago para tudo. *Homo est ad omne facinus paratissimus* [...]
BULIÇOSO [...] No sentido moral. Perturbador. Desinquieta. Aquelle que causa inquietaçoens nas familias, nas communidades, Estados, &c. [...]

²⁶ «METAPHORA. Tropo, ou figura da Rhetorica, & transposição, com que, ou por necessidade, ou por elegancia, ou por encarecimento se muda hũa palavra do seu proprio lugar, & se treslada da sua propria significação para outra, que propriamente não tem, como quando se diz, a balança da justiça, baluarte da fé [...]» (*Voc.* s.u.).

A outra vertente — com mais ocorrências que a anterior — associa o *sentido moral* a metáforas do discurso religioso, recolhidas em obras de prédica de autores portugueses, ou a partir de traduções do latim bíblico. O resultado é uma compilação de lugares comuns do púlpito, facilitando aos pregadores a elaboração de sermões e textos moralizantes:

BIOMBOS [...] Biombos, no sentido moral. O Ven. P. Fr. Antonio das Chagas, no segundo volume das suas Cartas Espirituaes chama aos obstaculos, que hà entre a alma, & deos, Muros, & *Biombos* do Espirito. pag. 374.

CHEIRO [...] (No sentido moral.) Cheiro de virtudes, de santidade, &c. val o mesmo, que opiniaõ, fama, &c. tomada a metaphora destas palavras de S. Paulo 2. Corinth. cap. 2. vers. 15. *Christi bonus odor sumus* [...]

A indexação não é temática, mas basta recordar o valor dos jogos de palavras e das relações semânticas na estética barroca para perceber a utilidade de um dicionário que indicasse quais as possibilidades discursivas que uma determinada palavra proporcionava.

A multiplicação de exemplos e o aparato da fraseologia latina perturbam a boa leitura dos artigos, pois a segmentação da estrutura do enunciado não acompanha as distinções lexicais e semânticas. Nos artigos menos entumecidos com informação bilingue, torna-se imediatamente perceptível uma hierarquização de sentidos coerente, que se inspira nos progressos da técnica lexicográfica de Furetière. Limitando-se a um sentido por parágrafo, no qual se integra a tradução latina, o lexicógrafo estabelece uma unidade basilar, que facilita a distinção das acepções, ainda que recorra a diversas técnicas de exploração semântica. Assim, torna-se possível admitir no mesmo artigo associações de tipo etimológico — em que a seriação reconstrói o processo de extensão dos sentidos — e fenómenos que o consulente interpretaria como homonímia. A maioria dos artigos do *Vocabulario* não é modelar no que respeita ao equilíbrio e clareza na distinção e seriação das acepções, mas na própria obra podem encontrar-se bons exemplos de redacção lexicográfica de acordo com a técnica dos dicionários monolingues, algo que os lexicógrafos seguintes decerto não ignoraram. Desde que não se registem muitas frases ou sintagmas de exemplo, com a respectiva tradução bilingue, o lexicógrafo tende a elaborar enunciados com uma estrutura coerente.

Bluteau redigiu ou adaptou um extensíssimo conjunto de definições, originais para o português, que têm verdadeiramente um carácter instituidor, e que serão reformuladas ou abreviadas pelos lexicógrafos seguintes. Trabalhando com fontes tipologicamente distintas, diversificou os processos de definição, combinando definições por género/diferença, usuais em dicionários de língua, com as definições descritivas próprias dos dicionários universais e históricos. Ainda assim, subsistem muitos casos de palavras sem explicação do sentido, em que a tradução latina é considerada como informação bastante. O espaço concedido à vertente latina prejudica a descrição do português, mas fornece esclarecimentos que, em determinados aspectos, são comuns a ambas as línguas, como a informação de tipo gramatical, a propriedade de sentido, o registo de estruturas sintácticas ou as etimologias que justificam a adopção de grafias latinizantes para as palavras portuguesas.

Provavelmente a explicação das estruturas do português não seria o principal objecto de interesse para a maioria dos leitores do *Vocabulario*. O dicionário revelava-se um instrumento muito satisfatório em outros domínios, como a redacção em latim — possibilitando a tradução de expressões por meio de exemplos autorizados —, ou a composição literária em vários registos, pois recolhía elementos temáticos frequentes no discurso barroco (mitologia, história antiga, descrições), apresentados em moldes que permitiam um aproveitamento quase imediato. Verney sublinhará o pouco critério com que acumulava estruturas latinas, mas, para Bluteau, a quantidade de bons exemplos era critério bastante (Verney, *Verdadeiro metodo*, 1746, I: 56). Em todo o caso, expurgados os excessos, permanece o trabalho de compilação de sentidos até então não registados, por vezes apenas sob a forma de frases-exemplo. Este *corpus* volumoso apenas demonstrará todo o seu valor informativo quando, após uma leitura crítica, for reintegrado por Morais Silva no primeiro dicionário verdadeiramente monolíngue (cf. cap. v.1.6.).

IV

FUNÇÕES DO DICIONÁRIO

1. NORMALIZAÇÃO DA ESCRITA

O esforço investido em alfabetar um *corpus* lexical alargado — em parte extraído de um conjunto diversificado de autores portugueses que podiam remontar ao século XVI — suscitou inevitavelmente problemas ao nível da fixação de um código ortográfico. Bluteau tentou fomentar a discussão de uma norma suportada pela autoridade dos doutos, mas as discussões académicas sobre as palavras a incluir no *Vocabulario* foram episódicas, não se direccionaram para a definição de convenções e o número de unidades abordadas foi pouco relevante (cf. cap. I.3.4).

Acresce que, não obstante colaborações pontuais, uma parte substancial da obra foi composta no exílio de Alcobaça, num labor essencialmente individual, factor que aumenta a preponderância do autor na determinação dos critérios ortográficos do dicionário. Assim se compreende que o lexicógrafo procurasse ancorar as suas opções ortográficas numa série de autoridades, credibilizadoras e justificativas, que constituíram o substituto possível de uma norma por definir. Neste âmbito enquadram-se os tratados ortográficos mais recentes e o *corpus* lexicográfico do português já publicado, mas também o património textual impresso, sob a forma de abonações recolhidas preferencialmente em autores prestigiados. Todavia, a autoridade dos textos metalinguísticos portugueses deve ser ponderada, pois no século XVII a sua função normativa não era consensualmente reconhecida.

Nas décadas de 80 e 90 — um período em que o *Vocabulario* já era bem mais que um esboço — o debate em torno da ortografia ecoava nos dicionários franceses. A corrente mais conservadora, defensora de um registo etimologizante, recolhia o apoio da Académie, postulando a aproximação ao modelo

estável e consagrado que a língua latina oferecia ¹. As propostas alternativas, não desconhecendo as orientações dos académicos, assentavam na tese de que o caminho para a uniformização passaria pela modernização da escrita, simplificando-a e reduzindo a variedade de grafemas usados para representar o mesmo som ².

No prólogo do *Dictionnaire françois* (1680), Pierre Richelet explicita as suas convenções ortográficas, apontando a facilidade de aprendizagem como justificação para algumas simplificações que introduziu na escrita, no sentido de contornar os inconvenientes do sistema tradicional. Uma vez que recusa intervenções tão profundas que perturbem o reconhecimento da palavra, limita-se a eliminar, com prudência, algumas letras que não se pronunciavam ³.

Ao contrário do dicionário da Académie, Richelet autoriza a nomenclatura com citações de autores prestigiados, sobretudo escritores contemporâneos que pertenciam ao corpo de académicos. Pode assim assegurar que a ortografia apresentada correspondia a um uso efectivo — «Je raporte seulement ce que j'ai vû pratiquer par d'habiles gents» — e é neste contexto que afirma não pretender prescrever leis a ninguém (Richelet, *Dictionnaire François*, 1680: «Avertissement»). Esta salvaguarda tem em conta a prometida publicação do

¹ Sobre as longas discussões em torno da ortografia que antecederam a edição de 1694, cf. Pasques, 1988. Os trabalhos conducentes à redacção do dicionário iniciaram-se poucos anos após a fundação (1635), mas o empenho dos académicos foi inconstante e desigual, dependendo, durante muito tempo, da dedicação militante de Claude Vaugelas (1585-1650). As críticas ao empreendimento acumulavam-se, pois os atrasos na publicação desactualizavam uma obra que se propunha dicionarizar a língua contemporânea.

² Entre os textos basilares da corrente modernizante, destacam-se as duas ortografias de Louis de Lesclache (*Les véritables règles de l'ortographe françoise, ou l'Art d'apprendre an peu de tans à écrire cõrectement*, 1668), e Antoine Lartigaut (*Les progrès de la véritable ortographe ou L'ortographe françoise fondée sur ses principes confirmée par démonstracions. Ouvrage particulier, et nècecèr à toute sorte de persones qui veulent lire, prononcer, ou écrire parfètement par Règles*, 1669). Ambas as obras são motivadas pela intenção de tornar a escrita acessível a todos, reclamando em sua defesa o facto de obedecerem a princípios racionais.

³ «Touchant l'Ortographe, on a gardé un milieu entre l'ancienne, & celle qui est tout à fait moderne, & qui défigure la Langue. On a seulement retranché de plusieurs mots les lettres qui ne rendent pas les mots méconnoissables quand elles en sont otées, & qui ne se prononçant point, embarassent les Etrangers, & la plu-part des Provinciaux. On a écrit avocat, batistere, batême, colére, mélancolie, plu, reçu, revuë, tisane, tresor, & non pas advocat, baptistere, baptême, cholere, melancholie, pleu, receu, reveue, ptisane, thresor» (Richelet, *Dict. François*, 1680: «Avertissement»).

dicionário da Académie, pelo que submete o seu trabalho à crítica dos doutos, pedindo-lhes que o corrijam e lhe comuniquem os defeitos que encontrarem ⁴.

Furetière, em contrapartida, não parece conceder grande importância à questão da ortografia, pois não a aborda na introdução ao *Essais d'un dictionnaire universel* (1684). O prefácio da edição definitiva, publicada postumamente por Pierre Bayle (1690), é assinado pelo editor, e também não há indicação acerca dos critérios. À semelhança de Richelet, a nomenclatura é autorizada com citações, pelo que se pressupõe a submissão a um uso literariamente consagrado.

O tão aguardado dicionário da Académie (1694) não é propriamente uma obra modelar em termos de regularidade ortográfica, mas, em grande medida devido aos princípios que os académicos enunciaram no prólogo, ganhou reputação de instrumento normativo, apesar das divergências efectivas entre o prometido e a realidade ⁵.

De acordo com os registos do secretário Mézeray, relativos ao período seguinte à morte de Vaugelas, a generalidade dos académicos partilhava o sentimento de que a via etimológica, consentânea com o uso dos que sabem escrever correctamente, era a mais adequada para garantir a uniformização e a permanência gráficas ⁶. Mas o sucesso do dicionário de Richelet e propostas como as de Lartigaut e Lesclache, decerto com um alcance mais restrito, mereceram comentário no «Préface» da edição de 1694. A Académie, afirmavam, seguia a ortografia antiga, «receuë parmi tous les gens de lettres», que permitia reconhecer a origem das palavras, recusando as inovações que escondessem as relações etimológicas e analógicas. Nesta matéria, os académicos pretendiam que o dicionário fosse prescritivo, uma vez que só aprovavam a forma regis-

⁴ Até 1694, o *Dictionnaire françois* será reeditado 7 vezes, número que demonstra o bom acolhimento e a carência de textos lexicográficos. No total, conheceu pelo menos cerca de 65 reedições e reimpressões (Bray, 1990: 1798).

⁵ O tratamento estatístico do corpus lexicográfico do dicionário da Académie revelou um considerável grau de variação e incoerência nas grafias. Cf. Leroy-Turcan e Wooldridge, 1999. Com recurso à base de dados, os autores ensaiaram um estudo preliminar da variação gráfica e da incoerência na grafia das palavras, confrontando as ocorrências em entrada, o artigo respectivo e os restantes artigos (Leroy-Turcan e Wooldridge, 1998), bem como uma avaliação da constância no uso de dígrafos etimologizantes (Wooldridge, 1999).

⁶ As vantagens das letras etimológicas foram enunciadas pelo orador Jacques Bossuet (1627-1704), que felicitou os académicos pelos critérios adoptados, no sentido de manter a fidelidade à matriz latina. Cf. Pasques, 1988: 36-37. Sobre a teorização ortográfica proposta por Mézeray, que seguia em larga medida a escrita tradicional, cf. Swiggers, 1998.

tada como entrada, mesmo que grafias distintas surgissem ao longo do texto lexicográfico⁷. Recusando as pretensões dos ortógrafos reformadores, os académicos consideravam normal que a escrita, independentemente da língua, não reproduzisse fielmente a oralidade, fenómeno que já os latinos notavam. Nem se justificava um esforço, de resultados duvidosos, no sentido de alterar a representação escrita para agradar aos estrangeiros, pois a pronúncia devia ser aprendida pela conversação com os naturais (*Le Dictionnaire de l'Académie Française*, 1694: «Préface»).

Nos três dicionários citados, o destaque que nos paratextos explicitamente se concede à questão ortográfica é desigual. Todavia, em nenhum caso se contraria de forma relevante a escrita etimológica e mesmo os autorizados académicos transformam o uso prestigiado em norma tácita, arbitrando em favor de um uso que, no fundo, era o seu, mas que não conseguem sistematizar.

Tendo em consideração as influências nacionais mais próximas, a *Prosodia* e o *Tesouro* — obras que o teatino constantemente invoca para regular ortografias dúbias — verifica-se que Bento Pereira se debateu com problemas semelhantes, pois limitou-se a seguir o uso que considerava mais correcto, o «escrever dos atilados». Argumentando que não queria desacreditar o dicionário, o jesuíta aceitou com renitência a explicitar regras ortográficas, como confessa na introdução às *Regras gerays* (1666)⁸.

Convém ainda ter presente que a estruturação de uma técnica lexicográfica em Bluteau é anterior à publicação dos volumes da Académie (1694), pelo que colhe as principais influências em dicionários de aspirações enciclopédicas, com a nomenclatura e grafias abonadas por citações literárias, e sem normas ortográficas consensualmente aceites. Assim, algumas insuficiências que o teatino acaba por reconhecer no seu trabalho são «defeitos» de que enfermam obras contemporâneas similares.

⁷ «Et si un mesme mot se trouve escrit dans le Dictionnaire de deux manieres differentes, celle don't il sera escrit en lettres Capitales au commencement de l'Article est la seule que l'Academie approuve» (*Le Dictionnaire de l'Académie Française*, 1694: «Préface»).

⁸ «Poys com razam temia a incoherencia que poderiaõ ter regras gerays, que havia de dar, com os vocabulalos [*sic*] já impressos, desdizendo os documentos dos exemplos, as palavras das obras, ensinando huma cousa, & obrando outra. [...] Quanto mays que os que acharem nam guardar a Prosodia as regras do seu author, o podem desculpar entendendo, que a Prosodia foy impressa antes das regras feytas, & antes do pensamento de se fazerem: & que por entam se conformou com o vulgar, & racional escrever dos atilados» (Pereira, *Regras*, 1666: «Aos despayxonados, & benevolos»).

1.1. Reflexão metaortográfica no *Vocabulario*

Considerando o exemplo da lexicografia francesa, é curioso que a questão da ortografia não tenha sido mencionada no copioso «Prologo a todo o genero de leitores» (1712), omitindo-se qualquer tipo de esclarecimento explícito sobre os critérios adoptados, e anotando apenas alusões gerais à concordância entre o latim e o português⁹. No afã de antecipar todas as críticas possíveis, apressa-se a enjeitar a responsabilidade pelos erros da impressão, mas pelo contexto se percebe que se refere a gralhas, e não a alterações na ortografia¹⁰.

É legítimo supor que se tratasse de um silêncio recomendado pela prudência, pois não havia normas consensuais que pudessem ser invocadas, nem uma obra com uma influência comparável à que a *Orthographia* de Feijó teria após 1734. Além disso, a experiência da impressão dos sermões, a partir de 1670, certamente lhe demonstrara que seria impossível garantir, numa obra tão extensa, o respeito pela grafia do autor, conferindo incoerência aos princípios que eventualmente enunciasse. Por último, e considerando a perspectiva do receptor, se o autor admitisse que julgava a ortografia deficiente, punha em causa a possibilidade de o dicionário se tornar uma obra de referência¹¹.

Para além das grafias que saíram da pena de Bluteau — fossem ou não do seu agrado — há que considerar as alterações imputáveis ao trânsito entre oficinas tipográficas. Em 1716, o *Vocabulario* passa a ser impresso em Lisboa, na oficina de Pascoal da Silva, o que constitui uma oportunidade para introduzir correcções aos quatro volumes publicados no Colégio das Artes. As erratas estendem-se ao longo de 14 páginas e visam apenas emendar algumas gralhas tipográficas que prejudicavam a inteligibilidade — troca ou supressão de letras — pois o teatino considera que os desvios na pontuação e a variação na grafia das palavras são inúmeros e identificáveis pelos doutos. Os dois to-

⁹ «Na grande afinidade do Portuguez com o Latim, se ve claramente, que o Lacio há de ser a fonte, & o thesouro mais propinquo, donde Portugal há de tirar as palavras, de que necessita» (*Voc.*, I: «Ao muyto alto [...] Rey Dom Joaõ»).

¹⁰ «Tambem não sam meus os erros da impressam, mas infallivelmente seram materia da tua Pseudocritica muitos erros destes [...] Se sempre fora o Leitor douto, & benevolo, naõ imputaria ao Autor estes erros do prelo» (*Voc.*, I: «Ao leitor pseudocritico»).

¹¹ Porque se apoiava em usos prestigiados, a obra podia ser apresentada como modelo seguro na ortografia, no entender do censor Fr. Pantaleão de Barros: «[...] & paraque todos os Portuguezes possaõ tirar deste grande Thesouro da sua lingoa muito proveito, a todos se abre em regras seguras de Orthographia; & chegamos a ter, o que athequi naõ tinhamos, calificado methodo de escrever com certeza» (*Voc.*, III: «Licenças»).

mos de 1712 merecem-lhe especial referência, uma vez que os impressores teriam insistido em grafias que reprovava, sobretudo no que respeita à duplicação de consoantes¹². De resto, desconhece-se até que ponto o autor teve oportunidade de acompanhar a impressão dos dois volumes referidos, após o momento em que remeteu os cadernos para Coimbra¹³.

É apenas no volume de 1727 que se encontra, sob a forma de «Advertencias a todo o leitor, para o uso deste Supplemento», o mais explícito reconhecimento das limitações do dicionário a nível ortográfico. Em resposta às críticas que decerto se acumularam ao longo dos anos, lembra que nas Conferências defendera a normalização:

Se (como ja muitas vezes tenho representado, e com mais particularidade em hum discurso, que sobre esta materia fiz na Academia do Conde da Ericeira) se reformara a Orthografia Portugueza, e se reduzira a hum modo de escrever commum, senaõ a todos, aos zelosos da perfeição da sua lingua, não haveria hoje tanta diversidade no escrever, nem tanto trabalho em buscar inutilmente palavras, de cujo significado se necessita (*Supp.*, I: «Ao leitor pseudocritico»).

O lexicógrafo apresenta-se como uma vítima do caos instituído, pois, na ausência de regras, tomou como referência as lições de diferentes autores — isto é, autoridades — originando variações sensíveis. Em consequência, também não considera «certa» a ortografia dos suplementos, ao mesmo tempo que abdica de qualquer tentativa de correcção dos volumes anteriores, já que as erratas são novamente dedicadas às gralhas tipográficas. Bluteau não reclama para o *Vocabulario* um peso normativo, tanto mais que as regras continuavam por definir, dependentes de uma autorização que ultrapassasse as contingências das propostas individuais, com uma difícil aceitação generalizada. A solução

¹² «Advertencias para as emendas dos dous primeiros volumes. I. Não se apontaõ os erros da pontuaçaõ, pela multidaõ delles; facilmente os conhecerà o Leitor discreto, & douto. II. Certas palavras sahem quasi sempre com mais, ou menos letras, ou com letras trocadas: v.g. Edicçaõ, por *Ediçaõ*, plural, por *plural*, luzido, por *luzidio*, Salmacio, por *Salmasio*, accender, & accezo, por *acender*, & *acezo*, &c. Tambem os erros deste genero saõ tantos, que as emendas delles encheriaõ muitas paginas. Dos artigos *do*, & *da*, em lugar de *do*, ou ao contrario, tambem não se faz mençaõ, pela razaõ sobredita» (*Voc.*, V: «Erratas, e emendas»).

¹³ O processo é descrito na carta do padre António Portocarrero a Bluteau (Coimbra, 14-11-1712. B. N. L. Cod. 7.701).

residiria numa decisão consensual, emanada de um conselho de homens doutos, cuja autoridade credibilizaria inequivocamente as regras apresentadas:

Neste Supplemento, como também nos oito volumes do Vocabulario, não está a Orthografia certa, porque até agora não achei no idioma Portuguez regras de Orthografia tão certas, nem Authores nesta arte tão uniformes, que tenhaõ assentado com geral aceitação, e approvação dos Doutos, o verdadeiro modo de escrever; [...] finalmente na Orthografia Portugueza, como na casa onde não ha paõ, todos gritaõ, e ninguem tem razão, porque até não assentarem os Doutos, como o tem feito os das outras naçoens, o modo com que se ha de escrever, sempre haverá contendas, e não saberá o vulgo quem tem razão. Eu, que (como Estrangeiro) não tenho voto na materia, muitas vezes me achei tão confuso, que não sabendo que partido seguir, em huns vocabulos me conformey com a Orthografia de huns Authores, em outros com a de outros; e o peor he, que já não tem remedio esta diversidade, porque nem posso fazer outra impressaõ, nem já me he possivel emendar o que escrevi (*Supp.*, I: «Advertencias a todo o leitor»).

Bluteau teria sobretudo em mente as vantagens em transpor para Portugal o modelo e os objectivos da Academia Francesa, cujo dicionário assentava numa longuíssima discussão sobre os critérios ortográficos a adoptar, iniciada aquando da sua instituição e que se prolongou muito para além da publicação da edição de 1694¹⁴. Mas decerto também não ignoraria a edição do *Diccionario de la lengua castellana* (1726-1739), sob a égide da Real Academia Española¹⁵, ou o renovado *Vocabolario della Crusca* (1691). Concluída a publicação do *Vocabulario*, a obra e o autor ressentem-se da falta de um patrocínio régio ou académico efectivamente legitimador, que marcaria a diferença entre a opinião particular e a força da autoridade.

¹⁴ As atribuições da Academia Francesa justificam-se à luz de um esforço de unificação política e linguística do território, em face da diversidade dialectal. Cf. Pasques, 1988. Apesar de a Académie ter posto de parte o projecto de publicar uma gramática e uma ortografia, a obra *Remarques sur la langue françoise* (1647) de Vaugelas supre em parte essa função, nortando o trabalho lexicográfico dos académicos. Cf. Leroy-Turcan, 1998: 96-100. Sobre a construção da teoria ortográfica da Académie, cf. Biedermann-Pasques, 1998.

¹⁵ Sobre a génese do *Diccionario de la lengua castellana*, cf. Alvarez de Miranda, 1998.

1.2. Ortografia etimologizante

O alargamento das fontes de abonação e o universo intertextual das citações literárias expandiram o leque de ortografias contraditórias. Mesmo que optasse por se restringir aos «autores de boa nota», o que não se verificou, as variações seriam inevitáveis, como reconhece no tomo publicado em 1720 ¹⁶.

A análise exaustiva da norma ortográfica no *Vocabulario* defronta-se com a escassez de manuscritos autógrafos e a dificuldade em estimar os efeitos da intervenção dos tipógrafos. É todavia possível identificar alguns traços que configuram a teorização da ortografia etimologizante, que se desenvolverá ao longo do século XVIII, e em que a influência do *Vocabulario* não é secundária.

1.2.1. Consoantes duplicadas

Os autores dos principais tratados ortográficos do século XVII sistematizam com dificuldade os princípios que regulamentam a duplicação das consoantes na escrita do português. Este era um elemento perturbador do sistema ortográfico e o latinista Bento Pereira (*Regras*, 1666) tenta limitar a sua aplicação, concentrando-se no princípio da fundamentação etimológica: «se as dicções forem Latinas, ou deduzidas por algũa via do Latim, se ponham dobradas, ou singelas conformandose com a Latinidade» (Pereira, *Regras*, 1666: 46). Assim, recusa a duplicação no caso de palavras derivadas que sejam de «composição totalmente Portugueza», como *manso* / *amansar*, *noite* / *anoitecer*, *proveito* / *aproveitar* (*ibidem*: 45). Em contrapartida, recomenda-a nas situações em que a dupla consoante correspondesse a uma diferença efectiva na pronúncia, como na palavra *accento* (≠ *assento*), em que <cc> se realizaria [ks]. A dificuldade residia nos casos em que «mays o uso q̃ a orelha nos ensina que dobram a letra», como a sequência <a + f + VOGAL> (e.g. *affinar*, *affagar*), ou, no caso de <ll>, palavras como *fallar* (*ibidem*: 44-45). Estas opções não se fundavam na etimologia, nem correspondiam a uma pronúncia distinta, mas antes representavam uma tradição escritural enraizada. Comparado com os antecessores, Franco Barreto é aquele que mais claramente tenta pôr em prática uma escrita regulada pelo respeito pela oralidade. As concessões abrangem casos como *occidente* (pronunciado [ks], como notara Bento Pereira), mas também *immenso* e *innavegavel*, o que pressupõe a nasalidade da vogal inicial ([ĩmẽsu]) ¹⁷.

¹⁶ Cf. *Voc.*, s.u. ORTHOGRAPHIA. Citado *supra*, cap. I.3.4.3.

Bluteau reuniu na primeira entrada de cada sequência alfabética um conjunto de notas sobre a ortografia da respectiva letra, elaborando um «breviário ortográfico» em que cita principalmente a *Orthographia* de Leão, o autor mais conservador e marcadamente etimologizante. Este texto metaortográfico — que reproduz parte considerável das listas de grafias recomendadas por Leão — era facilmente localizável e, para o consultante, decerto constituiria um elemento norteador da ortografia do *Vocabulario*¹⁸. Apesar de se tratar de uma obra de 1576, os seus preceitos ainda seriam os que melhor se harmonizavam com o uso prestigiado dos autores portugueses e talvez por isso o lexicógrafo não hesite em reproduzir citações extensas e completas (cf., por exemplo, *Voc.*, s.u. 1). Nunes de Leão pretendeu aplicar às palavras vulgares os mesmos acidentes que explicavam a duplicação em latim, o que permitiu a multiplicação deste tipo de grafias, sobretudo como marcador de fenómenos morfológicos de derivação. Outra consequência é a atribuição de uma aparência latina, mesmo a palavras que só muito remotamente o eram.

O número de consoantes passíveis de duplicação ainda é bastante alargado. Analisando o *corpus* constituído pela letra C, que inclui no total perto de 270 000 palavras portuguesas¹⁹, observa-se que a grafia <ll> ocorre em cerca de 1,75 % das formas, o que a torna o caso de duplicação mais frequente. Seguem-se, mas somente com cerca de 0,2 % cada, as grafias <cc, ff, mm, nn>; em terceiro lugar, <pp, tt>, com 0,1 %; por fim, com emprego muito excepcional, <bb, gg> (0,01 %) e <dd> (0,001 %).

No *Vocabulario*, a duplicação das consoantes é uma prática bem consolidada, e esse traço parece ser pouco alterado com a mudança de compositores e casas tipográficas. Na letra C, de um modo geral, as grafias duplicadas são

¹⁷ «[...] é nossos vocabulos nã dobraremos letra alguma senã quando a orelha o pedir» (Barreto, *Ortografia*, 1671: 184). A esta questão dedica as pp. 179-188.

¹⁸ Bluteau recorre ao capítulo «Das dições, que dobrão as letras» (Leão, *Orthographia*, 1576: 40v-49r) e quase sempre indica a fonte. Apesar de se tratar de uma obra de 1576, os seus preceitos ainda seriam os que melhor se harmonizavam com o uso prestigiado dos autores portugueses. Talvez por isso o lexicógrafo não hesite em reproduzir citações extensas e completas (cf., por exemplo, *Voc.*, s.u. 1). Nunes de Leão pretendeu aplicar às palavras vulgares os mesmos acidentes que explicavam a duplicação em latim, o que permitiu a multiplicação deste tipo de grafias, sobretudo como marcador de fenómenos morfológicos de derivação. Outra consequência é a atribuição de uma aparência latina, mesmo a palavras que só muito remotamente o eram.

¹⁹ Trata-se do somatório de todas as ocorrências; o mesmo *corpus* contém cerca de 38 000 unidades diferentes.

mais frequentes que as respectivas formas alternativas com a consoante simples. Nos casos em que a forma em <c> sobressai, é possível comprovar que se trata de uma opção tipográfica: *bocca* generaliza-se a partir da p. 361, *vacca* a partir da p. 293 e *secca* após a p. 222, quando antes ocorriam sobretudo as formas em <c> ²⁰. Em comparação, o *Supplemento* revela-se um texto ainda mais uniforme, sem hesitações em grafar <cc> nas palavras em que a origem latina era bem perceptível. As divergências parecem registar-se precisamente nos outros casos, em que a duplicação não se funda directamente no latim, variando de acordo com usos particulares ²¹.

1.2.2. Dígrafos latinizantes

Se as consoantes duplas só muito pontualmente se reflectiam na pronúncia, o mesmo já não se verifica no caso dos numerosos dígrafos etimologizantes. Com estes grupos consonânticos, a escrita evocava a imagem gráfica da língua mãe, sem que a realização oral correspondesse necessariamente às consoantes neles representadas. Muitos grupos consonânticos de cariz etimológico, quando comparados com outros grafemas simples, não se distinguiam destes quanto à realização fónica, pelo que podem ser classificados como unidades homofonemáticas. É o caso, por exemplo, de <ct> e <t>, em *douto* e *docto* (cf. Gonçalves, 1992: 28-29).

A generalização deste traço ortográfico resulta numa afectação culta da pronúncia e, em determinados casos, grupos como <ct>, <pt> e <gn> são introduzidos na oralidade. Neste aspecto, a ortografia do *Vocabulario* é ainda muito devedora aos princípios enunciados por Nunes de Leão. Este ortografista, procurando esclarecer em que situações era legítimo empregar os dígrafos, condena aqueles que os aplicam nas palavras que a língua vulgar corrompeu do latim, num esforço de as relatinizar. Nesses casos, recomenda que a ortografia obedeça ao critério da pronúncia. Mas, no que respeita às palavras incorruptas, que do latim somente se distinguem pela terminação, defende uma ortografia etimológica que demonstre a ligação com a origem: «Mas que na scriptura sigamos a corrupção dos vocabulos corruptos, & não a origẽ, & digamos pẽtem, e não pecte. feito, & não fecto. contar, & não comptar; pois

²⁰ Por vezes, a divergência está bem delimitada: 4 das 5 ocorrências de *sucede* verificam-se na p. 181.

²¹ Por exemplo, *vaca* é a forma predominante nos dois tomos do *Supplemento*, enquanto *vacca* / *vaccas* só ocorre no segundo tomo.

já stão corruptos» (Leão, *Orthographia*, 1576: 51v). Tal distinção permite a coexistência de grafias como *insigne / significar / significação* e *sinal / sinete / assinar*, em que o dígrafo <gn> mais não é que um indício da incorrupção das palavras (*ibidem*: 52r)²².

Bento Pereira acentua a aproximação à pronúncia e recusa os dígrafos consonânticos etimológicos nas palavras que «nascē do Latim sendo aporтуезadas, & já diversas no som, & pronuncia», pelo que seriam mais correctas as grafias *Doutor, Douto, Reytor, Colleytor, Perfeyto, effeyto, affeyto* (Pereira, *Regras*, 1666: 33-34). Seguindo uma orientação semelhante, Franco Barreto também elimina o grupo <ct>, escrevendo *santo, doutrina, doutor*, mas recupera o dígrafo etimológico nos casos em que o <c> mudo adquire um valor distintivo, evitando a homofonia em palavras como *acto / ato* e *pacto / pato* (Barreto, *Ortografia*, 1672: 165). Mas, precisamente porque defende uma grafia orientada pela pronúncia, é forçado a admitir algumas palavras latinizadas, em que o costume introduzira uma realização efectiva do <-c-> (*circunspecto, invectiva, aspecto / aspeto / aspeyto, objecto / objeto*) (*ibidem*: 165-166). A pouca estranheza com que o autor regista este tipo particular de cultismos indica que a frequência do seu uso já seria considerável. Em todo o caso, recusa claramente as palavras iniciadas por <sc-, sm-, sp-, st->, em que Nunes de Leão eliminava o <e-> protético (*ibidem*: 162, 242).

Bluteau opta por um caminho diverso, aceitando a autoridade da escrita dita etimológica. Neste domínio, e segundo a «Prosa Grammatonomica», o uso dos autores portugueses é pouco invocado e a correcção da escrita depende da norma latina, só havendo lugar a discussão quando a própria tradição escritural clássica não era consensual. Dos casos que analisa, depreende-se que, uma vez apurada a ortografia latina mais adequada, os grupos consonânticos latinos eram transpostos para a palavra portuguesa e o argumento da pronúncia em vulgar não era considerado. Por exemplo, assim se justifica a duplicação das consoantes — ou a supressão da mesma, quando introduzida abusivamente — em palavras como *sacco, secco, solemne* (e não «sollemne»), *solicitar, succo* (*Prosas*, II: 216-219).

²² No caso particular do <ct>, o testemunho de Leão permite constatar que o dígrafo por vezes se pronunciava e não se limitava à função de alógrafo de um som corrupto. O autor prefere as formas com <c> (*docto, doctor, doctrina, pecto, perfectio*), pronunciadas [ct]; mas «porque na verdade, a pronúnciação d'aquelles vocabulos, & de outros semelhantes, algũus a fazem sem .c.», aceita que também se possam escrever de acordo com a pronúncia corrupta (*douto, doutor, doutrina, peito, perfeito*) (Leão, *Orthographia*, 1576: 52r-52v).

O real impacto deste princípio é difícil de avaliar, pois os esforços do lexicógrafo no sentido de depurar as falsas etimologias instauradas pelo uso confrontavam-se com a norma dos tipógrafos. Mas, no caso das terminologias, a situação era diferente, uma vez que muitas das palavras eram neologismos com ocorrência praticamente insignificante fora do artigo. Por isso, em geral, os neologismos de origem greco-latina apresentam-se com uma ortografia constante, marcadamente etimológica, e é precisamente neste tipo de palavras que no *Vocabulario* se mantêm com regularidade dígrafos com consoantes mudas.

Veja-se como exemplo a dicionarização de um número considerável de termos greco-latinos, em que a forma portuguesa mantém a grafia <s + CONSOANTE> em posição inicial (<s^{c, m, p, q, t-}>)²³. Na letra S (tomo VII) registam-se 163 entradas com estes dígrafos e, apesar de ser frequente a remissão para formas alternativas em <es-> previamente dicionarizadas no tomo III (1713), em muitos neologismos e topónimos a grafia latinizante é a única opção que o lexicógrafo apresenta. O grupo <st-> regista 64 entradas e é o mais representado (e.g. STACIONARIO, STÁTICA, STATUÂ, STEREOMETRIA, STRABISMO) segue-se <sc->, com 60 (SCALENO, SCENA, SCHEMA, SCIÁTICA, SCÓCIA,...); <sp->, com 31 (SPAÇO, SPASMO, SPECTRO, SPIRAL, SPLÊNICO, SPONTÂNEO,...). Alguns destes dígrafos têm uso muito restrito, pois <sm-> regista 4 entradas (SMALANDIA, SMALCALDEN, SMOLENSCO, SMYRNA) e <sq-> apenas 3 (SQUELÊTO, SQUELLACHE, SQUILÍTICO).

Além dos neologismos associados aos tecnolectos, esta solução ortográfica é frequente na transcrição da toponímia estrangeira coeva, constituindo cerca de um quarto das entradas. A transposição normalizada de palavras que certamente ocorreriam muito poucas vezes em textos portugueses impressos era ainda problemática, pelo que o decalque da designação latina seria a solução mais imediata e exequível. De resto, o acrescentamento do <e-> protético contrariava a grafia latina e a respectiva transcrição nas línguas modernas, em que se publicavam os principais dicionários com informação geográfica²⁴.

²³ As grafias em <sc-> já haviam sido defendidas por Nunes de Leão (*Orthographia*, 1576: 54r-54v).

²⁴ Sublinhe-se a influência do *Grand dictionnaire historique* (1699) de Moreri. Entre nós, textos similares são tardios, embora a informação geográfica já se encontrasse representada nos trabalhos de S. Stockhammer («Dictionarium aliud de propriis nominibus», in Cardoso, *Dictionarium latinolusitanicum*, 1569-1570) (cf. Verdelho, 1995: 431-435) e Barbosa (*Dictionarium Lusitanicolatinum*, 1611). A primeira obra de dimensão considerável é o *Dictionario lusitanico-latino de nomes proprios* (1667), por Frei Pedro de Poiães (cf. Almeida, 1967b).

No *Vocabulário*, a comparação do topónimo com a designação latina, geralmente registada no artigo, demonstra o respeito pela forma erudita, ao ponto de, por vezes, a grafia se manter inalterada. Por exemplo, na lista de topónimos indexados na série <sca-> (letra S, volume VII), as grafias portuguesa e latina são frequentemente indistintas: SCAGEN (lat. *Scagenum*); SCALABIS; SCALA (lat. *Scalae*); SCAMANDER; SCANDIA; SCANDINAVIA; SCANIA; SCARDONA; SCARPA (lat. *Scarpus*); SCARPANTO (lat. *Carpanthus*).

A questão da toponímia é apenas parte do processo de versão, em ortografia portuguesa, da nomenclatura de âmbito enciclopédico presente nos dicionários latinos. De facto, a *Prosodia* de Bento Pereira já registava, na nomenclatura latina, uma boa parte dos termos que Bluteau indexava em português. No quadro 9, recolhem-se as entradas que principiam por <sc-> (volume VII, 1720), com as variantes ortográficas indicadas no artigo correspondente. Na última coluna, regista-se a forma latina que ocorre na *Prosodia* e, quando existe, o equivalente português.

QUADRO 9
Entradas com a grafia <sc-> no *Vocabulário*

<i>Voc.</i>	Variantes ortográficas e remissões	<i>Prosodia</i> (1697)
SCAGEN*	—	—
SCALA*	—	—
SCALABIS*	—	L. Scalabis
SCALÊNÔ	—	L. Scalenus
SCAMANDER*	Scamandro	L. Scamander, P. Scamandro
SCANDIA*	—	—
SCANDINÁVIA*	—	—
SCANIA*	—	—
SCANTILHAÔ	→ ESCANTILHAÔ	—
SCARDONA*	—	L. Scardona, P. Scardo
SCARIOTH	Iscariotes	P. Iscariote
SCARPA*	—	—
SCARPANTO*	—	P. Scarpanto
SCENA	—	L. Scena, P. Cena
SCÊNICO	—	L. Scenicus
SCENOGRAPHIA	—	L. Scenographia
SCENOPEGIA	Cenopegia	L. Scenopegia
SCÉPTICO	—	L. Scepticus
SCEPTRO, SCHELÍM,	Ceptro, → CETRO Xelim	L. Sceptrum, P. Sceptro —

<i>Voc.</i>	Variantes ortográficas e remissões	<i>Prosodia</i> (1697)
SCHLESTAT*	—	—
SCHEMA	—	L. Schema
SCHITTÍM	→ SETIM	—
SCHOLASTICO	→ ESCOLASTICO	L. Scholasticus
SCHÔLIO	→ ESCOLIO	L. Scholium, P. Escholio
SCRONHOVEN*	—	—
SCHOUVEN*	—	—
SCIAGRAPHIA	Sciographia	L. Sciagraphia
SCIATERICA	—	L. Sciathericum
SCIÁTICA	—	L. Sciatica, P. Sciatica
SCIENCIA	—	L. Scientia, P. Scientia
SCIENTE	—	L. Sciens, P. Sciente
SCIENTEMENTE	—	—
SCIENTIFICAMENTE	—	L. Scierter, P. Scientificamente
SCIENTIFICO	—	—
SCILLA*	Scylla	L. Scylla, P. Scylla
SCINCUS	—	L. Scincus
SCINTÍLA	—	L. Scintilla
SCINTILAÇÃO	—	L. Scintillatio
SCINTILANTE	Cintillante	L. Scintillosus
SCINTILAR	Cintilar	L. Scintillo, P. Scintillar
SCIOGRAPHIA	—	L. Sciographia
SCIRRO, ou	Scirrho	L. Scirrhus
SCIRROSO, ou	Escirroso	L. Scirrhodes
SCISMA, SCISMATICO	→ CISMA, → CISMATICO	L. Schisma / Schismaticus, P. Sisma / Sismatico
SCITALE	Scytale, Scytal	L. Scytala, Scytale
SCITHA	Scythia	L. Scythae, P. Scythas
SCITHIA*	Scythia	L. Scythia, P. Scythia
SCITHÓPOLI*	Scythopoli	—
SCLERÓTICO	Sclerotico	L. Scleroticus
SCÔCIA	→ ESCOCIA.	L. Scotia, P. Escocia
SCOLOPENDRA	—	L. Scolopendra
SCOPO	—	L. Scopus
SCORBÛTO, ou SCURBUTO	—	L. Scorbuscus, Scorbutus
SCÔRDIO	→ ESCORDIO	L. Scordium, P. Escordio
SCÔTIA	—	L. Scotia, P. Escocia
SCOTOMIA	→ ESCOTOMIA.	L. Scotomia

(*) Topónimo; (→) remissão; (L.) latim; (P.) português.

A opção etimologizante de Bluteau representa uma alteração substancial na tradição ortográfica, sobretudo quando se alarga a comparação ao *Thesouro* de Bento Pereira. De facto, poucas das entradas que no *Vocabulario* principiam em <sc-> ocorrem no *Thesouro*, que era essencialmente um dicionário de língua. Aliás, essa grafia foi simplesmente eliminada do pequeno dicionário, pelo que se encontram as palavras indexadas em <si->, <esc-> ou <c->: CENA DE COMEDIA, ESCOLAR (= lat. Scholasticus), CIATICA DOENÇA, CINTILLAR / SINTILLAR, CIRRO / SIRRO, CISMA NA FÉ / SISMA, CISMATICO / SISMATICO.

Comparando as duas propostas ortográficas, é visível que o esforço de latinização no *Vocabulario* é sistemático, ao ponto de a lista da nomenclatura se assemelhar muito à de um dicionário latino. Por outro lado, esta colagem ao latim demonstrava as potencialidades da etimologia enquanto fundamento da normalização ortográfica, permitindo à língua absorver um enorme caudal de terminologias, sem que a escrita fosse perturbada. Mas convém recordar que os neologismos eram um campo particular, pois ainda não estavam sujeitos à pressão do uso variado dos autores, como se verifica pelo facto de grande parte não registar abonação.

Este incremento da nomenclatura enciclopédica, com consequências na ortografia, foi sem dúvida inspirado nos dicionários franceses que Bluteau seguiu de perto. As obras de Furetière (1690) e Corneille (1694) dedicavam particular atenção à recolha de terminologias e os autores adaptaram os termos latinos com poucas alterações, até porque assim o permitia a ortografia francesa, marcadamente etimologizante.

Porque defendia o princípio da intercomunicação entre obras lexicográficas, Bluteau segue no *Vocabulario* uma ortografia muito semelhante à dos referidos dicionários, para além das óbvias coincidências na nomenclatura. Analisando a mesma série de entradas que serviu de amostra, quase todas fazem parte da nomenclatura de Furetière, também indexadas em <sc->²⁵. Apesar

²⁵ As entradas correspondentes são SCALENE, SCENE, SCENIQUE, SCENOGRAPHIE, SCEPTIQUE, SCEPTRE, SCHELIN, SCHISMATIQUE, SCHISME, SCHOLASTIQUE, SCHOLIE, SCHOLIASTE, SCIATERE, SCIATERIQUE, SCIATIQUE, SCIEMMENT, SCIENCE, SCIENTIFIQUE, SCILLE, SCINC, SCIRRHE, SCLEROTIQUE, SCOLOPENDRE, SCORBUT, SCOTIE, SCYTALE (Furetière, *Dictionnaire Universel*, 1690). Note-se o caso de *cintillar*, em que a língua francesa preferia a forma menos erudita *estinceller*. Mas Bluteau, em função do latim *scintillare*, escreve *scintilar*; assim, traduz de Furetière as entradas ESTINCELANTE, ESTINCELLE, ESTINCELLEMENT, ESTINCELLER, e regista em português SCINTÍLA, SCINTILAÇÃO, SCINTILANTE e SCINTILAR. O dicionário de Corneille (1694), que recupera parte considerável das entradas de Furetière, acrescentava ainda o termo SCIOGRAPHIE, que o teatino incluiu no *Vocabulario*.

de o modelo configurador ser obviamente o latim, tudo indica que o precedente francês tenha facilitado a selecção das palavras a adaptar, proporcionando também algumas soluções ortográficas.

Em outros casos de dígrafos com consoantes mudas, a preferência pela etimologia não representou uma inovação tão notória, uma vez que ia ao encontro do uso reconhecido de autores prestigiados, como se constata nas abonações do *Vocabulario*. A par de grafias <ct, cç, gm, gn, mn, pc, pç, pt>, em que a primeira consoante é muda, coexistiam por vezes as formas simplificadas. Bluteau regista as grafias alternantes, mas, em geral, é a forma etimologizante que surge destacada na entrada, sendo também a mais frequente nas restantes ocorrências ao longo do respectivo artigo. Vejamos, por exemplo, a lista das entradas que na letra C (tomo II) apresentam o dígrafo <-ct->. Trata-se de palavras em que a origem latina é bem patente, e raros são os casos em que explicitamente se assinalam formas alternativas:

CARACTER, character, carater	CONDUCTOR
CATAFRACTO	CONFLICTO, conflito
CATALECTICO	CONJECTURA, conjeitura
CATAPHRACTO	CONJECTURAL
CIRCUNSPECTO	CONJECTURAR, conjeiturar
COLLECTA	CONTACTO
COLLECTICIO	CONTRACTIVO
COLLECTIVAMENTE	CONTRACTO
COLLECTIVO	CONTRADICTION → contraditor
COLLECTOR, colleitor	CONVICTO
COMPACTO	CORRECTAMENTE
COMPLECTAMENTE	CORRECTIVO
CONCOCTIVA	CORRECTO
CONCOCTRIZ	CORRECTOR
CONDUCTA	CORRECTORA
CONDUCTARIO	

Nesta amostra, são poucas as grafias fundadas na pronúncia efectiva, seja pela supressão da consoante muda (*carater, conflito*), ou representação gráfica do ditongo decrescente (*conjeitura, conjeiturar*). É certo que o lexicógrafo não as proscreeve, mas o facto de raramente as abonar representa uma recomendação implícita, atitude em que se pressente a procura de uma coerência ortográfica.

Algumas destas palavras testemunham ainda o emprego dos dígrafos etimológicos com valor distintivo. Assim, além de COMPLECTAMENTE e CONTRACTO, o

Vocabulario regista as palavras COMPLETAMENTE e CONTRATO, em entradas autónomas e correctamente indexadas, mas com significados diversos. Apesar de serem unidades homófonas, a distinção grafemática procura evitar a homonímia e os equívocos decorrentes²⁶. De acordo com a lógica inerente a um sistema ortográfico etimológico, nos termos em que Bluteau o concebe, o facto de marcar com o grupo <-ct-> uma determinada palavra permite sublinhar que o seu significado se aproxima do sentido original do termo latino correspondente, ao passo que a grafia modernizada é um indicador de uma evolução semântica²⁷.

Importa ainda destacar um exemplo de inclusão na nomenclatura de uma grafia analógica, mas com remissão para outra entrada, com a ortografia simplificada. É o caso de CONTRADICTION, forma literariamente atestada, reconstruída à imagem do particípio latino *dictu-*. À luz do respeito pela etimologia, tal grafia seria considerada como imprópria, uma vez que se tratava da latinização das formas derivadas de uma palavra portuguesa (*contradizer*). Assim, o lexicógrafo prefere CONTRADITOR, registando também as entradas CONTRADITORIA, CONTRADITORIAMENTE e CONTRADIÇAM²⁸.

Os princípios que vimos enunciando também se verificam em relação a outros grupos etimológicos: o lexicógrafo procura estabelecer uma coerência na fixação das formas de entrada; integram-se as variantes ortográficas, sobretudo as registadas nos dicionários portugueses precedentes; é notória a aproximação às opções ortográficas consignadas na dicionarística francesa contemporânea.

Convém sublinhar que, embora o critério etimológico seja importante, não se sobrepõe ao uso, visto que o lexicógrafo dispensa ou secundariza a forma latinizante quando a grafia simplificada representa um uso enraizado e autorizado. O uso autorizado explica a opção por grafias como *dano*, *condenar*,

²⁶ No caso de CONTRACTO/CONTRATO, ambas as palavras derivam do latim *contrahere*, mas Bluteau reserva a forma *contracto* para o domínio da terminologia gramatical — e.g. «nomes contractos» —, em oposição a CONTRATO, CONTRATAR, CONTRATADOR e CONTRATADO. De facto, a proximidade com o étimo é maior no primeiro caso, tanto mais que, no *Vocabulario*, as formas latinas correspondentes a *contrato* são *pactum* e *conventum*, abonadas em Cícero, remetendo *contractus* para a linguagem dos jurisperitos antigos. O mesmo princípio permite distinguir COMPLETAMENTE («Inteiramente. Perfeytamente», < lat. *compl re*) e COMPLECTAMENTE («Juntamente», < lat. *complecti*). Cf. *Voc.*, s.u.

²⁷ Além de evitar equívocos como *invito* / *invicto*, «por outras razoens tem o uso introduzido *insecto*, *facto* [...] *exacto*, *olfacto*, e outros assim substantivos, como adjectivos, que sem a letra C, não teriaõ o significado tão claro, nem tão certo» (*Prosas*, II: 191).

²⁸ O *Thesouro* de Bento Pereira (1697) indica como sinónimos *contraditor* e *contradizedor*, correspondendo ao latim *adversator*.

sono (registadas como formas de entrada), ao passo que as variantes *damno*, *condemnar* e *somno* ocorrem no *Vocabulario*, fora dos respectivos artigos, em virtude dos hábitos de escrita dos tipógrafos.

1.2.3. Dígrafos helenizantes

Tal como as consoantes duplicadas e os grupos latinos atrás mencionados, os dígrafos <ch, th, ph, rh> justificam-se sobretudo pela reverência à etimologia, mas com a particularidade de introduzirem no sistema ortográfico equívocos flagrantes com outros dígrafos e grafemas em uso. De facto, os dígrafos helenizantes não se aplicam de acordo com princípios fonéticos, dependendo antes da erudição greco-latina do escrevente e do leitor, pelo que a capacidade para os empregar correctamente constitui um testemunho — ou exibição — de distinção cultural e social.

A sobrecarga visual que representavam, bem de acordo com todo o investimento ornamental de que se reveste a escrita no período em que desponta o neoclassicismo, pode designar-se como uma «extravagância ortográfica» (Gonçalves, 1992: 87). Por outro lado, equivale a uma estruturação do sistema ortográfico em torno de pressupostos de racionalidade, uma vez que a escrita se regulamenta à imagem do código das línguas clássicas, imutável, divulgado e prestigiado.

Mas a defesa da racionalidade também era invocada pelos que defendiam a simplificação da escrita, eliminando o supérfluo e orientando-a pela oralidade, como é o caso de Franco Barreto²⁹. Bento Pereira tolerava as grafias helenizantes, mas, porque não existia aspiração em português, reconhecia que a presença do <h> em *rhetorica*, *philosophia* e *theologia* era perfeitamente dispensável³⁰. Essa indefinição é bem patente no confronto entre o *Thesouro* e a *Prosodia*. No pequeno dicionário, as entradas portuguesas são geralmente grafadas sem os dígrafos, apesar de estes estarem presentes no termo latino correspondente (e.g. FILOSOFO, TEOLOGO, CRISTANDE). É certo que, em algumas formas, o uso do

²⁹ «se os Latinos poẽ aspiraça ẽ alguns nomes, que temos seus [...] nos os escreveremos sê ela; como ancora, Acaya, Acates, Aquerõte, Aquilles, Maniqueos, meco, Monarquia, monocordio, Monicha, camaleã, character, caridade, coro, carta [...] & assi todos os mays» (Barreto, *Ortografia*, 1671: 133).

³⁰ «[...] nam condenarey aos que faltarem no pòr da tal aspiraçam nos nomes ???já os Latinos tomâram dos Gregos» (Pereira, *Regras*, 1666: 53-54).

dígrafo grego já era regular, como em *catholico*, mas a tendência é claramente favorável à simplificação. Por sua vez, a extensa *Prosodia* acolhe grande quantidade de palavras com os referidos dígrafos, que alternam com as respectivas formas simplificadas. Por exemplo, na edição de 1697 da *Prosodia*, o número de ocorrências de *filosofô* / *philosopho* no texto das glosas é quase equivalente.

Essa indistinção é muito notória na edição de 1697 da *Prosodia*, pelo que não surpreende que o *Vocabulario*, saído do prelo poucos anos depois, também apresente neste domínio grafias díspares. O próprio Bluteau reconhece posteriormente que a hesitação entre a ortografia grega e a latina variou ao sabor do uso dos diferentes autores citados. Nas *Prosas*, defende o critério da adopção sistemática das grafias gregas, ao ponto de desejar uma correcção generalizada desse traço ortográfico, numa eventual reedição do *Vocabulario* ³¹.

Mas os seus argumentos não se limitam à etimologia e à distinção social que advém de uma escrita erudita ³². O teatino parece vislumbrar na adopção dos dígrafos gregos um elemento essencial para a intercomunicação do português com as demais línguas cultas europeias, processo em que uma lexicografia alfabeticamente unificada é um requisito fundamental:

Convem, que com *ph*, *th*, e não com *F*, nem *T* simplez, os Portuguezes escrevaõ em Portuguez as palavras Grego-Latinas, porque faltando-lhe este requisito, nos Vocabularios Latinos naõ acharaõ facilmente os vocabulos, de cuja intelligencia necessitaõ, v.g. quem se costumar a escrever *Anfiloquia*, *Anfitrite*, *Anfiscios*, &c. buscando as ditas palavras por *anf*, e naõ por *amph*, naõ as achará, nem poderá saber, que *Amphiloquia* he Cidade da Grecia; *Amphitrite*, o nome de huma filha do Oceano [...] Deste genero de palavras, cuja Orthografia Grega he muito differente da Portugueza, tem os Vocabularios Latinos (naõ só nas letras *ph*, e *th*, mas tambem nas que começaõ por *chi*, como *chiragra*, *chiromancia*, *chimera*, e buscadas por *qui*, diriaõ *quiragra*, *quiromancia*,

³¹ «Eu, que nisto mesmo que encommendo, tenho faltado, confesso minha culpa, e sinto muito ter dado taõ mau exemplo. Em muitas dicções do meu Vocabulario tenho confundido as duas Orthografias Grega, e Latina; porque como no principio, e continuação da obra ainda naõ tinha tomado partido, hum dia, à imitação de algum Author Portuguez, seguia a Orthografia dos Gregos, outro dia, à imitação de outro Author da mesma nação, seguia a dos Romanos; e quando quiz remediar, já naõ era tempo, porque a mayor parte dos volumes tinhaõ sahido à luz» (*Prosas*, II: 195).

³² «[...] pede o decoro, que a nobreza, e os doutos no fallar, e no escrever se distingão do vulgo» (*ibidem*, II: 194). Cf. *supra*, cap. I.3.4.

quimera) muitas palavras, que só com a Orthografia desta syllaba *qui*, quem dellas necessitasse, e nos ditos livros as buscasse, as poderia achar (*Prosas*, II: 195).

No caso de <ch>, além das perturbações na ordenação alfabética, o facto de o mesmo dígrafo já representar [ʃ] / [tʃ] colocava um sério obstáculo à sua aplicação, sobretudo em início de palavra. Bastará consultar as entradas principiadas por <CHI-> para verificar que, no *Vocabulario*, ora segue a ortografia etimológica grega, ora respeita a grafia latina³³.

Se a ortografia dos dígrafos helenizantes já era bastante diversa nas entradas, de responsabilidade do lexicógrafo, o mesmo também acontecerá no texto das glosas, em que os tipógrafos facilmente introduzem alterações, uma vez que não são obrigados a respeitar uma grafia imposta pela ordenação alfabética da nomenclatura. Os testemunhos manuscritos não são suficientes para verificar se os tipógrafos corrigiam no sentido de eliminar estes grupos etimológicos em particular, uma vez que muitas das palavras em que eram empregues não gozavam de uma tradição escrita consolidada em português, e algumas eram mesmo neologismos³⁴.

1.2.4. *Funções do grafema <h>*

No sistema ortográfico, o <h> não era somente uma marca etimologizante, mas permitia também a representação de sons característicos das línguas românicas, para os quais o alfabeto latino não dispunha de grafemas. Em português, é o caso do <h> presente nos dígrafos <ch, lh, nh>, conjunto em que só o <ch> sofreu interferências, a partir do momento em que a africada /tʃ/ se confunde com a dorso-palatal /ʃ/, representada por <x>.

³³ Alguns exemplos: «CHIANA, ou Quiana»; «CHIAVARI, Chiâvari, ou Quiavari»; «CHIMERA. Vid. Quimera»; «CHIMICA. Chímica»; «CHIO. Ilha»; «CHIROMANCIA, Chiromância, ou Quiromançia»; «CHIRURGIA. Chirurçia. Assi se déve dizer, havendose respeito ao Grego; porem Cirurgia he mais vulgar. Vid. Cirurgia» (*Voc.*, s.u.).

³⁴ A amostra que Rita Marquilhas analisou aponta no sentido de uma correcção etimologizante, mas os exemplos são muito escassos e confinados a uma pequena parte de um único volume. Cf. Marquilhas, 1991: 104. O número de ocorrências de palavras em que alterna a grafia <ph> / <f> permite constatar que neste traço ortográfico o uso de um dígrafo como <ph> não parece estar suficientemente enraizado: — Letra C (*Voc.*, II, 1712): philosophia (15), filosofia (1), philosophia (1), philosopho (11), filosofo (5); — *Supp.* (1727-1728): philosophia (2), filosofia (8), philosopho (6), filosofo (11).

Mas, no final do século XVII, os casos que os ortógrafos consideravam mais problemáticos eram precisamente aqueles em que o emprego era justificado em função da língua latina. Como se observou anteriormente, o <h> mantinha-se na constituição dos dígrafos gregos etimológicos <ch, ph, rh, th> — funcionando como marcador ideovisual, sem valor fonético — sendo este um traço ortográfico característico de uma escrita cuidada e socialmente prestigiada (cf. caps. IV.1.2.2 e IV.1.2.3).

Mais representativa seria a variação resultante das incertezas acerca do uso etimológico em posição inicial e medial, em que o <h> se associava a vogais, e não a consoantes. O problema desafiava os esforços de normalização, uma vez que tanto se registariam desvios por abuso — falsas etimologias, grafias analógicas —, como por omissão, em consequência da influência da pronúncia na escrita.

A aprendizagem do emprego do <h-> dependeria da memorização da imagem gráfica da palavra. Uma solução seria recorrer aos léxicos latinos, e escrever por analogia; a outra possibilidade era a simplificação ortográfica, eliminando o <h> quando não se pronunciasse, ignorando a etimologia. Mas a prática ortográfica e os dicionários revelam que a etimologia e a pronúncia originavam grafias alternantes que, por serem foneticamente equivalentes, colocavam dificuldades aquando da alfabetação das palavras. Jerónimo Cardoso não considerava o <h-> um símbolo gráfico do alfabeto português, e por isso não regista entradas assim principiadas. O *Thesouro* regista 143 entradas na letra H, mas o número está claramente inflacionado pela quantidade de palavras derivadas. Tendo em conta as situações em que o <h> não influenciava a pronúncia, Franco Barreto apresenta uma proposta de simplificação, defendendo a supressão do <h> em posição inicial e nos dígrafos gregos, mantendo-se apenas quando fosse indispensável para evitar equívocos (Barreto, *Ortografia*, 1671: 131-139, 188-189).

Para além dos casos etimologicamente justificados, o grafema <h> podia ainda desempenhar uma função similar à de um diacrítico, uma vez que conferia às unidades gráficas um valor distinto daquele que teriam se o referido grafema não fosse empregue. Em determinadas situações, constituía uma alternativa ao uso de um acento gráfico, desfazendo hiatos, distinguindo sílabas em encontros de três vogais e evitando equívocos de homografia³⁵. Bento Pereira enuncia algumas formas em que o <h> apresenta valor distintivo, para além das justificadas pela origem latina. Assim acontece com *he* (ser), *hia* (ir),

³⁵ Sobre a função diacrítica do <h>, cf. Gonçalves, 1998, I: 138, 149.

has, ha, ham (haver); por vezes conjuga-se com a acentuação gráfica, potenciando as possibilidades na distinção de palavras: *há, hâ* (interjeição de alegria), *ah* (temor), *oh* (espanto) (Pereira, *Regras*, 1666: 54-55).

De acordo com a «Prosa Grammatonomica», o primeiro argumento de Bluteau a favor da manutenção do <h-> de origem latina é o exemplo do castelhano, italiano e francês, e tal opção é autorizada pelo uso consagrado nos principais dicionários, nomeadamente o *Tesouro da língua castelhana* (1611), léxicos italianos recentes e «todos os Dictionarios de França, sem exceitar o da Academia» (*Prosas*, II: 199).

Mas, mesmo que se ignorasse o princípio da filiação no latim, subsistia a questão das perturbações que a eliminação do <h-> introduziria na interpretação da língua escrita: «Em quantos absurdos cahirá, e com quantos equívocos se confundirá o idioma Portuguez, se nos vocabulos que começam por vogal, senão conservar o H». Examinado o exemplos de «equívocos» e «absurdos», constata-se que não se limitam a casos de homografia (*hora / hora, horto / orto, Ostia* (topónimo) / *Hostia*), incluindo também *alito, emicyclo, erege, erança, eroe*, entre outros (*ibidem: loc. cit.*). Nestes últimos — os «absurdos» — a ausência do <h-> descaracterizaria a palavra, retirando a informação etimológica que o teatino considerava fundamental para a recuperação do significado. No que respeita à fixação de uma ortografia normalizada, estes pressupostos obrigam não só a introduzir o <h->, mas também a corrigir as aspirações impróprias, pois tanto o abuso como a ausência traem a fiel representação do significado.

Exceptuando os neologismos, em que a matriz greco-latina estava bem marcada, grande parte das palavras com <h-> etimológico conhece uma grafia alternante simplificada, inclusive com abonações literárias e registo lexicográfico. De resto, a *Prosodia* e o *Tesouro* terão proporcionado a Bluteau mais perplexidades que certezas, uma vez que as variações são notórias, sem que se identifique uma tendência evidente de regularização em qualquer um dos textos. No caso deste conjunto dicionarístico, a possibilidade de cotejar a forma portuguesa com o latim, se não contrariou a tendência para a simplificação, pelo menos dificultou a introdução de falsas aspirações etimológicas³⁶.

³⁶ Nos exemplos seguintes, confrontam-se as ocorrências nos dois dicionários, recorrendo à edição de 1697. Porque interessa observar o respeito pela etimologia, na *Prosodia* a pesquisa da forma portuguesa é limitada ao artigo referente à palavra latina e suas derivadas: — *Pros.*: lat. HARPA / *Thes.*: ARPA; — *Pros.*: lat. HARPAGO / *Thes.*: ARPEO; — *Pros.*: lat. HASTA; port. haste / *Thes.*: ASTE, HASTE; — *Pros.*: lat. HEBRUS, port. Hebro; — *Pros.*: lat. HECTICUS, port. etica; — *Pros.*: lat. HERBA, port. herva / *Thes.*: HERVA → ERVA; — *Pros.*: lat. HERI, port. hontem / *Thes.*: HONTEM; — *Pros.*: lat. HORTUS, port. horta / *Thes.*: ORTA.

Quanto ao *Vocabulário*, porque se trata de um dicionário de usos, o autor procura dar notícia das grafias alternantes, mas a dimensão da obra impõe dificuldades suplementares ao lexicógrafo. De facto, na decisão sobre qual a variante que encabeçaria o artigo e qual seria objecto de remissão, Bluteau terá optado por destacar o uso mais generalizado. Observando as entradas da letra H, verifica-se que o procedimento comum é a remissão para a forma sem <h->, inclusive quando a forma aspirada seria a mais concordante com o latim. A seguinte lista indica todas as remissões que ocorrem na letra H. Mas, seguindo a remissão e consultando os respectivos artigos principiados por vogal, nem sempre se indica a existência da variante ortográfica. Na verdade, algumas das grafias omitidas no artigo principal eram pseudo-etimológicas ou analógicas (e.g. HEREMITA, HONTEM), e ao indexá-las na letra H, o lexicógrafo procuraria somente dar conta das diversas possibilidades ortográficas — autorizadas pela tradição literária e lexicográfica³⁷. Como se compreende, este princípio corresponde a uma tendência, mas nem sempre é aplicado, seja pela força do uso instituído, seja pelas limitações dos conhecimentos etimológicos, em que a tradição medieval ainda era preponderante.

Considerando novamente a lista de remissões, nota-se que não inclui palavras principiadas por <hy->. No *Vocabulário* são ao todo 68 entradas, em geral transposições de palavras gregas para o português, ou neologismos técnicos criados preferencialmente também a partir do grego (compostos de *hydr-*, *hyper-*, *hypo-*, ...). Todavia, estes termos não estariam suficientemente vulgarizados ao ponto de permitir simplificações e, quando muito, aceitava-se a variante <hi-> (e.g. «HYDRA, ou Hidra»).

1.2.5. Alternância <ç-> / <s->

A alteração do número de unidades distintivas no sistema das sibilantes — que Paul Teyssier situa em meados do século XVI — introduziu consideráveis dificuldades na ortografia do português (Teyssier, 1997 (1980): 49-51; Castro, 1991: 256-259). No período medieval, o sistema comportava quatro fonemas: a africada dental-alveolar surda /ts/, a sonora /dz/ (grafadas <ç> e <z>, respectivamente), e as fricativas áptico-alveolares surda e sonora. No caso

³⁷ Por exemplo, nos artigos EREMITA, ERMIDA e ERMO, não refere as grafias *heremita*, *hermida* e *hermo*, indexadas na letra H. Esta era uma aspiração imprópria, uma vez que a palavra grega tem espírito brando.

das fricativas, a surda era representada por <s-, -s, -ss->, enquanto a sonora, apesar de se empregar o mesmo grafema, só ocorria em contexto intervocálico. Cerca de 1500, as africadas perdem o elemento oclusivo, mas a oposição entre predorsodentais e ápico-alveolares manter-se-á até finais do século XVI, altura em que nova redução limita o sistema às predorsodentais surda e sonora. Pares como *paço* / *passo* e *cozer* / *coser* tornam-se foneticamente indistintos no eixo Coimbra–Lisboa, uma vez que tais reduções ocorreram sobretudo nas zonas centro e sul do país, onde se definia a língua padrão. Em contrapartida, em finais do século XVII, ainda se conservavam as quatro sibilantes em extensas zonas do norte e centro interior.

A escrita manteve as distinções, mas, nas zonas em que só se pronunciavam duas sibilantes, a lógica inerente ao sistema tornou-se incompreensível. O resultado é uma ortografia muito variável, em que nem o recurso à etimologia parecia fornecer regras seguras. Além disso, e no que à lexicografia diz respeito, a regularidade da alfabetação era seriamente prejudicada, uma vez que o <s-> alternava com <ç^a, o, u->, para além de todas as variações no interior das palavras.

Para Bento Pereira, a questão era de difícil resolução, pois «a letra Ç & a letra S. tem quasi a mesma toada», o que não permitia perceber a diferença entre *cidade* / *sidade*, ou *cinco* / *sinco*. A primeira regra seria respeitar a etimologia nas palavras portuguesas de origem latina, alargando a analogia a associações como *cebola* < lat. *cepe*, ou *cidade* < lat. *civitas*; e, segundo o mesmo princípio, escrever-se-ia <-ci-> vertendo o grupo latino <-ti->. Nos restantes casos, em que o latim não auxiliava, devia obedecer-se ao uso consignado nos dicionários. Quanto ao <-s-> intervocálico, com o valor de /z/, prescreve-o nas situações em que o mesmo grafema se encontrasse nas palavras latinas correspondentes (e.g. *rosa*). Mas, tal como sucedia com o <ç>, as associações etimológicas não eram universalmente válidas, pois prevaleciam grafias enraizadas na antiga pronúncia das sibilantes. Assim, Bento Pereira limita-se a tentar definir regras a partir de uma reflexão em torno de usos efectivos. Por exemplo, a propósito de <z>, isola classes morfológicas e determinados morfemas derivacionais em que, no seu entender, a consoante se devia empregar (patronímicos, gentílicos, mas também designações tão específicas como os nomes femininos abstractos terminados em <-eza>, entre outras) (Pereira, *Regras*, 1666: 47-49).

A organização da nomenclatura do *Thesouro* demonstra bem a complexidade de um sistema em que o /s/ inicial podia ser grafado <s^a, e, i, o, u->, <ç^a, o, u->, ou <c^e, i->, com a série <ça, ce, ci, ço, çu> indexada após <c> (= /k/) e antes

<ch> (= /ʃ/). As palavras principiadas por <ç-> eram minoritárias; por exemplo, cerca de 320 na série <SA-> contra 59 entradas em <ÇA->. Mas destas, o número de unidades frequentemente mobilizadas seria ainda menor, entre as quais se pode destacar ÇAFAR, ÇAPATO, ÇAPO, ÇOTAM, ÇUJAR, ÇURRAR, ÇUMO.

O *Vocabulario* representa uma alteração substancial ao sistema consagrado no *Thesouro*, uma vez que, de acordo com critérios puramente fonológicos, Bluteau não regista entradas com <ç^{a, o, u}-> inicial, desconsiderando a etimologia da palavra. No dicionário, no local onde o consulente esperaria encontrar o início da série <ÇA->, o autor inclui uma série de remissões para <S->, bem como um pequeno texto, em que justifica a opção à luz de princípios de racionalidade: uma vez que não é possível distinguir a diferença entre <S-> e <ç->, o uso deste grafema em tal posição tornou-se dispensável³⁸. Pelo contrário, no interior era útil, pois não era possível atribuir-lhe o valor de /z/, como sucederia com o <-S-> medial³⁹. Trata-se de uma solução de compromisso, que simplifica a alfabetação e, simultaneamente, permite o respeito pela etimologia no interior da palavra. O resultado é mais um contributo para a latinização da língua no que respeita à forma gráfica das palavras, aproximando-se do esquema conhecido na língua latina, e que também regulava a ortografia e a alfabetação nos dicionários franceses contemporâneos.

Bluteau demonstra coerência na concretização deste princípio, pelo menos na fixação das entradas e nas informações sobre ortografia nos respectivos artigos. Confrontando as entradas do *Thesouro* com as do *Vocabulario*, verifica-se que foram indexadas em <S->, e que nos artigos não se refere o facto de Bento Pereira preferir a grafia com <ç->. Todavia, tendo em conta o peso dos hábitos de escrita dos tipógrafos, não é surpreendente que se encontrem palavras iniciadas por <ç-> no mesmo volume em que foram excluídas das entradas. Por exemplo, são frequentes as ocorrências de *çumo*, *çapato*, *çurrar* e derivados⁴⁰.

³⁸ «acho huma tão grande variedade no uso do Cedilho neste lugar, que não sei como distinguir as palavras, que haõ de começar por Ça das que haõ de principiar por Sa. A pronunciação destas duas syllabas, aindaque escritas com diferentes caracteres, he tão semelhante huma com outra, que finalmente me rezolvi a reduzillas todas a huma sò classe» (*Voc.*, s.u. ÇA).

³⁹ «porque se estas, & outras semelhantes palavras se escreveraõ com hum S, em lugar do C, com cedilho, v.g. *Fiansa, Bonansa, Relasão, &c.* [...] darião occasião a que se pronunciassem, como tiverão hum *Ze*, & assi se diria *Finanza, Bonanza, Relazão, &c.*» (*Voc.*, s.u. ÇUJAR).

⁴⁰ As formas em <S-> também ocorrem, mas *çumo* é mais frequente que *sumo*. No caso de *çapato* / *sapato*, o número de ocorrências é aproximado.

A simplificação em favor do <s-> acabará por prevalecer na ortografia portuguesa, mas não sem antes conhecer a oposição de Madureira Feijó, que defende a manutenção do <ç->, pautando a grafia pela pronúncia efectiva, que o autor considerava ser perfeitamente distinta de <s->⁴¹. Feijó também reconhece que a aplicação das analogias com o latim é problemática, pelo que, para os que não distinguem correctamente os sons, a solução é o estudo de listas de palavras, como aquela que inclui a sua obra. Neste aspecto, nem Pereira nem Bluteau são tidos por fontes seguras, mas identifica-se mais com o sistema do *Thesouro*, embora critique muitas das grafias, julgando que nem sempre seguem a pronúncia. Quanto ao *Vocabulario*, conclui que o teatino reduziu todas as palavras à pronúncia dos interamnenses, «que por vicio patrio affectaõ sempre a pronunciação do S, e dizem Cabeça, Sima, Simalha, &c.» (Feijó, *Orthographia*, 1739 (1734): 38).

1.2.6. Alternância <i> / <j>

Por imposições da tradição alfabética latina, que desconhecia o <j>, a designação genérica de «i» podia englobar grafemas de valor fonético distinto. No que respeita à distinção entre [i] e [ʒ], na segunda metade do século XVII os textos impressos revelam que se consolidou o valor do grafema <j> minúsculo em interior de palavra. O <J> maiúsculo, carácter que não abundaria nas tipografias, ainda não se generalizara, podendo manter-se o <I> em posição inicial. A oposição entre [i] e [j] encontra-se bem documentada nos tratados ortográficos, tendo por base o critério da possibilidade de constituir núcleo silábico. Todavia, a semivogal podia ser representada pelos alógrafos <i, y, j, e>, sendo este último grafema frequente nos plurais cuja grafia fora estabelecida com base na etimologia (lat. -ALES > port. -aes) (cf. Marquilhas, 1991: 85).

Em 1666, Bento Pereira separa claramente o «i vogal», o «i consoante» e o «ypsilon Portuguez», que é «hum modo de vogal não sufficiente a fazer syllaba». Essa oposição reflectia-se no sistema ortográfico, pois o <y> representa [j], sem que se enunciem excepções ou concessões a grafias tradicionais. Assim, aplica-se em posição medial e final (*Mayo, Rey*), inclusive nos plurais

⁴¹ «os sons destas duas letras não se equivocão [...] porque se escrevermos como naturalmente pronunciamos, diremos com acerto, Çapato, Çapateiro, Çapataria, Cabeça [...] e não Sapato, Sapateyro, Sapataria, Cabessa.» (Feijó, *Orthographia*, 1739 (1734): 36).

em <-ays, -eys> (*Mortays, andays, sereys*). O <y> representaria simultaneamente o y grego etimológico, correspondente a [i] (Pereira, *Regras*, 1666: 70-71, 74).

Na «Prosa Grammatonomica», Bluteau reconhece que Bento Pereira ditou as «regras mais certas», mas é forçado a admitir que a prática ortográfica era bastante diversificada: se alguns seguem as recomendações do jesuíta, outros recusam-nas e muitos empregam o <y> somente em algumas palavras. O teatino não encara como problemática a identificação das situações em que «a letra I não he sufficiente para constituir syllaba», mas a aplicação da regra encontraria muitas resistências, sobretudo na grafia dos plurais, apesar de a grafia <y> ser plenamente justificada (*Prosas*, II: 226-227). Se o teatino pensava assim em 1722, a verdade é que nem sempre seguiu estas indicações. No manuscrito do *Vocabulario* referente a parte da letra G, Bluteau escrevia com <i> a semivogal no caso dos ditongos decrescentes, prática que a casa impressora corrigiu sistematicamente por <y> (Marquilhas, 1991: 85, 106).

São justamente os princípios de racionalidade subjacentes a esta regra que dificultam a sua aplicação. O emprego do <y> decorria de uma apreciação da realização fonética da palavra, o que contraria um sistema ortográfico marcadamente ideovisual, em que o uso justifica a grafia. Além de implicar alterações substanciais na configuração gráfica de muitas palavras, modificava-lhes irremediavelmente a aparência latina, introduzindo <y> onde os latinos grafavam <i>. De facto, no caso dos ditongos decrescentes em [j], a regularidade na opção por uma determinada grafia constituiria um traço ortográfico marcante, a que o leitor não seria insensível ao primeiro contacto com o texto, apercebendo-se facilmente de eventuais discrepâncias.

2. PRESTÍGIO DA LÍNGUA

Os dicionários monolíngues do século XVII constituíram a sua nomenclatura beneficiando do suporte essencial de um património textual em vernáculo que, para além do número de títulos, se expandia também em variedade temática e riqueza lexical. O esforço de uma abonação sistemática de todas as entradas, sob a forma de remissões, ou, de preferência, através da citação de excertos contextualizadores, é a transposição para o vernáculo do conceito fundamental de *autoridade*, que norteava a filologia e a dicionarística latinas, e de que dependiam noções como o bom uso e a norma. O exemplo da palavra escrita, associada a um autor e acreditada pelo texto impresso, autoriza a propriedade de uso e uma ortografia normalizada, bases sobre as quais se estabelecia a emancipação em relação ao latim.

2.1. O *corpus* de autores portugueses e o cânone literário

Foi a estreita relação entre o património literário, a norma e a lexicografia que configurou os primeiros dicionários do vernáculo, como o *Vocabolario della Crusca* (1612). Os académicos desde cedo perceberam que a promoção do uso literário dos dialectos toscano e florentino dependia da existência de um bom dicionário que além de esclarecer os sentidos, reunisse os exemplos dos melhores escritores. Em 1595 os académicos tinham publicado uma versão da *Divina comédia* expurgada dos termos de outros dialectos, introduzidos no texto ao longo das diversas edições. O *Vocabolario* de 1612 foi

precedido de um intenso trabalho de leitura crítica e análise lexical, e que é reforçado na edição de 1623 ¹.

Nel raccogliere le voci degli scrittori, da alcuni de' più famosi, e riceuuti comunemente da tutti, per esser l'opere loro alle stampe, che si potrebbon dir della prima classe, i quali sono Dante, Boccaccio, Petrarca, Giouan Villani, e simili, abbiamo tolto indifferentemente tutte le voci, e, per lo più, postrai la loro autorità nell'esempio (*Vocabolario della Crusca*, 1623: «À Lettori») ².

O resultado foi uma obra inovadora, recebida com assinalável sucesso em toda a Europa, que se tornou um modelo preferencial para o dicionário da Academia de França, anunciado em 1635 (Quemada, 1998: 50) Todavia, em 1638 o dicionário francês sofreu uma reorientação de objectivos, passando a ignorar os arcaísmos e a recusar a inclusão de citações explícitas de autores vivos ou mortos. Sob o pretexto de que alguns dos melhores escritores franceses eram simultaneamente colaboradores no dicionário — o que tornaria modesta a citação — esta opção manteve-se até 1694 e é justificada no prefácio, em que se reclama para o colectivo dos académicos um poder autorizador bastante (cf. Bray, 1990: 1798).

[...] leur tesmoignage seul auroit fait autorité. [...] Et c'est pour cela qu'il ne cite point, parce que plusieurs de nos plus celebres Orateurs & de nos plus grands Poëtes y ont travaillé, & qu'on a creu s'en devoir tenir à leurs sentiments (*Le Dictionnaire de l'Académie Française*, 1694: «Preface»).

Nesta regra os críticos viam um defeito, e os dicionários que entretanto se iam delineando integraram a abonação como um elemento fundamental. O *Dictionnaire François* (1680) de Richelet contou desde o início com um *corpus* de citações que garantia exemplos de bom uso. O desejo de ver o nome como fonte autorizadora do primeiro dicionário monolíngue era publicamente inconfessável e por isso Richelet não mencionou que foram os próprios autores — alguns académicos — que lhe remeteram listas dos excertos que desejavam incluir, colaborando também na recolha de exemplos em escritores já

¹ Sobre a reflexão linguística no seio da Crusca e a repercussão em academias similares, cf. Parodi, 1995. Sobre o processo de redacção do dicionário, cf. Parodi, 1998.

² A lista de autores e títulos citados estende-se ao longo de 16 páginas.

falecidos³. No prefácio, as citações são apresentadas como um recurso para o esclarecimento de significados e ortografias duvidosas, que simultaneamente ia ao encontro da apetência dos leitores por modelos de uso exemplar e imitável:

[...] j'ai lu nos plus excellens Auteurs, & tous ceux qui ont écrit des Arts avec réputation. J'ai composé mon livre de leurs mots les plus reçus, aussi-bien que de leus expressions les plus-belles. Je marque les diferens endroits d'où je prens ces mots, & ces expressions à moins que les termes & les manieres de parler que j'emploie ne soient si fort en usage qu'on n'en doute point (Richelet, *Dictionnaire François*, 1680: «Avertissement»).

Furetière (1690) foi bem mais comedido na frequência das citações exemplificativas, na medida em que não recorre aos autores para esclarecer dúvidas de língua, mas apenas como uma anotação de usos retórico-literários, o que se reflecte na predominância dos excertos de poesia (Lehmann, 1995: 49). Nas páginas iniciais não existe sequer uma lista de autores ou abreviaturas.

Bluteau reproduz no *Vocabulario* as funções que os lexicógrafos franceses atribuíram às citações, valendo-se dos cadernos de excertos que acumulara ao longo de seis anos e de uma leitura continuada das novas obras editadas até cerca de 1726. O «Catalogo alphabetico, topographico, & chronologico dos autores portuguezes, citados pella mayor parte nesta obra», que se estende ao longo de 32 páginas no primeiro tomo (1712), não representa a totalidade das fontes portuguesas efectivamente citadas, pois já não abrange um período de cerca de 15 anos de reformulações e aditamentos. Tal como sucede nos dicionários da Crusca e Richelet, o catálogo não podia deixar de ser extenso, uma vez que a qualidade da língua era avaliada em função da dimensão do espólio literário⁴.

A lista compreende perto de 290 autores e 415 títulos, acrescentando geralmente a informação sobre o editor e o ano. Um primeiro aspecto a con-

³ Sobre as condições de elaboração deste *corpus*, cf. Lehmann, 1995: 38. Os principais colaboradores, com textos próprios, foram o académico e jurista Olivier Patru (1604-1681) e o jesuíta Dominique Bouhours (1632-1702), este último um acérrimo adversário da doutrina linguística de Port-Royal (cf. Pellat, 1995).

⁴ «Era antigamente a Lingoa Portugueza tam pobre, como o forâm todas as mais linguas nos seus principios; sô nas folhas de alguns livros Historicos; ou Predicativos sahia singelamente â luz; mas com as obras de muitos Autores teve sucessivamente tão preciosos ornatos, que não tem, que envejar às mais elegantes Linguas da Europa o seu luzimento.» (*Voc. I: «Catalogo... dos autores»*).

siderar é a actualidade do *corpus* relativamente ao momento da redacção, tendo em conta que o *Vocabulario* é um dicionário diacrónico que procura esclarecer o significado de termos antigos, mas que o principal objectivo é actualizar e aumentar as nomenclaturas anteriores nos domínios das artes e ofícios, o que aponta para uma descrição sincrónica. Agrupando as obras de acordo com o ano de edição, conclui-se que cerca de 85 % datam do século XVII, 10 % do século XVI e apenas 5 % são posteriores a 1700, e que mesmo os títulos seiscentistas se distribuem com uniformidade ao longo da centúria, sem privilegiar a segunda metade. Ou seja, trata-se de um *corpus* representativo de todo um património e não da mais recente produção editorial.

Segue-se uma divisão dos mesmo autores em 36 domínios temáticos, conferindo ao *corpus* uma diversidade capaz de garantir abonações em português para todos os campos do saber e actividades humanas. Todavia, esta abundância é artificial, pois a leitura dos títulos revela que o peso dos domínios é muito desigual, com perto de dois terços dos autores versando temáticas subordinadas à história e à religião. Retirados da ordenação alfabética em que são apresentados no «Catalogo», podem agrupar-se em 4 categorias temáticas principais: história (120 autores), religião (69), metalinguagem e literatura (48), artes e ofícios (45). A distinção entre «história» e «religião» nem sempre é clara, tendo em conta subgéneros como as histórias das ordens religiosas ou as vidas de santos, que eram simultaneamente relatos de factos históricos e textos moralizantes.

Tudo indica que a disparidade é um reflexo do universo editorial português, e não o produto de uma escolha subjectiva, orientada pelas preferências literárias de Bluteau. Os autores comumente considerados como de inferior qualidade têm lugar a par dos prosadores e poetas canónicos, uma vez que o lexicógrafo explorou ao máximo os tratados técnicos existentes, citando-os pelo seu fundo lexical e não pela qualidade da escrita, como faz questão de sublinhar⁵.

O patrocínio que D. João V dá à fundação da Academia Real de História (1720) renova o interesse das elites intelectuais pela leitura e produção de textos históricos. O género torna-se mais amplo considerando que subcatego-

⁵ «Não pretendo, que os dittos Autores sejam todos igualmente de boa nota; sô digo, que as palavras, que delles tirei, me pareceram dignas de alguma noticia» (*Voc. I: «Catalogo... dos autores»*); «Aos que condenarem a confiança, com que allego com toda a casta de Autores, respondo, que me aproveitei de todos, porque nas materias da sua profissam, cada hum delles he Texto» (*ibidem: loc. cit.*).

rias como itinerários, relações de viagens, genealogias, tratados geográficos, apologias e textos «políticos» são no fundo narrações históricas, com relatos minuciosos, recolhas cumulativas de informação e glorificação de personagens.

Os escritores membros do clero — quase metade dos autores citados no «Catalogo» — merecem especial destaque, pois a eles se deve a composição dos trabalhos de maior fôlego, como a *Monarquia Lusitana* de Fr. Bernardo de Brito, ou as obras espirituais de orientação histórica como as vidas de santos ou as fundações das ordens religiosas em Portugal, tirando partido dos fundos documentais dos conventos. O crescente número de ordens na segunda metade do século XVII fomenta também a edição de sermonários e compêndios de reflexão teológica que, além de serem instrumentos de apoio à prédica, eram amplamente procurados como objectos de fruição literária e fonte preferencial de bons exemplos de retórica e oratória.

No que respeita aos tratados técnicos, o número e a variedade das temáticas era insuficiente, sendo a náutica, a astronomia, a medicina, a equitação e a alveitaria os domínios privilegiados. O objectivo destas obras era a compilação e sistematização de um quadro de saberes tradicionais, o que, se não garantia informações actualizadas, pelo menos fornecia ao lexicógrafo um *corpus* bastante amplo. A medicina pode ser considerada uma excepção, sobretudo graças ao conjunto de tratados dos médicos reais Francisco Morato Roma (1588-1668) e João Curvo Semedo (1635-1719)⁶. Mas no século XVII ainda rareiam tratados sobre as técnicas de inúmeras actividades e profissões, e ao lamentar «Assim tivera eu achado Autores Portuguezes em todas as Artes liberaes, & mecanicas, para allegar com elles» (*Voc.*, I: «Ao leitor pseudocritico»), Bluteau invoca a necessidade de estudos específicos, como o *Methodo Lusitano de desenhar as fortificaçoens* (1680) de Luís Serrão Pimentel ou *Agricultura das Vinhas* (1712) de Silvestre Gomes de Morais. De resto, muitas das obras que no «Catalogo» são classificadas como tratados, em rigor são apenas exemplos do uso de um determinado campo terminológico⁷.

⁶ Sobre este último, Inocêncio afirma: «é dos nossos antigos auctores de medicina o que escreveu com maior correcção e propriedade de linguagem, no tocante á sua faculdade; e por isso os criticos o reputam como texto n'esta parte» (Silva, *Diccionario Bibliographico*, III, 358).

⁷ Por exemplo, os dois únicos livros sobre jurisprudência são a *Allegação de Direito a favor do Marques de Govea, sobre o Ducado de Aveiro* (1666) de Manuel Lopes de Oliveira e a *Allegação de Direito [...] a favor do Conde de Figueirò* (1677) de Manuel Álvares Pegas.

Também não se encontrarão em português reflexos de um novo saber fundado nas ciências experimentais, generalizado nas principais capitais europeias com a criação de laboratórios de física, química e astronomia, e que o próprio teatino testemunhou nas sessões práticas da academia das ciências francesa. Dessas experiências resultavam sínteses e relatos que eram publicados pelas academias, algo que em Portugal só tenuemente se verifica no século XVIII, devido ao empenho pessoal do Conde da Ericeira.

O *corpus* catalogado inclui ainda 27 autores de texto lírico, entre os quais se destacam Camões, António Ferreira, Rodrigues Lobo e Sá de Miranda. A maioria dos restantes nomes reparte-se por temas caros ao gosto português de setecentos: poemas religiosos, dedicados à vida de santos ou à paixão de Cristo; epopeias a partir de temas portugueses e poemas sobre temática histórica recente⁸.

Numa avaliação do conjunto de autores há ainda que considerar as ausências devidas a imposições da censura inquisitorial, escolha em que a condição de qualificador do Santo Ofício decerto influiria. Assim, entre as omissões mais notórias encontram-se Gil Vicente, Bernardim Ribeiro, Garcia de Orta ou o *Cancioneiro Geral*. Mas a cautela em não catalogar obras constantes do *Index* não impede que cite os autores com discrição no corpo do dicionário, sem bem que muito raramente⁹.

Todavia, importa distinguir entre a enunciação de um *corpus* autorizador e o seu uso efectivo no *Vocabulário*. O acolhimento destes textos foi desigual, já que se um núcleo restrito foi intensamente explorado, da maioria dos textos Bluteau apenas aproveitará citações ocasionais. A análise do número das citações revela que as fontes privilegiadas se coadunam com as preferências temáticas atrás enunciadas — religião e história — e que não foi desconsiderado o estatuto dos autores que eram simultaneamente modelos linguísticos e estilísticos (cf. quadro 10).

⁸ Algumas obras que a história literária esqueceu, mas que para Bluteau seriam bons exemplos de vocabulário para o estilo sublime: Francisco Lopes, *Santo Antonio de Lisboa poema sacro* (1610); António de Portalegre, *Paixão de Christo metrificada* (1547); Manuel Tomás, *Insulana* (1635); João Pereira da Silva, *Lysia saudosa* (1690).

⁹ Por exemplo, os *Coloquios dos simples e drogas da India* de Garcia de Orta são citados e tudo indica que a fonte foi consultada (cf. CANFORA, DIAMANTE, entre outros). Clotilde Murakawa (1984: 15-19) amplia a lista de autores omitidos, mas baseia-se somente no «Catálogo» e não considera as ocorrências no texto dicionarístico nem a adição de novos textos no *Suplemento*.

QUADRO 10

Principais fontes das citações (*Vocabulário, letra C*)

> 250	Fr. Bernardo de Brito, <i>et alii</i> P. António Vieira	<i>Monarquia Lusitana</i> (1507-1683) <i>Sermoens</i> (1679-1696)
51-100	Francisco Rodrigues Lobo Luís de Camões Sebastião Pacheco Varela Manuel Tomás P. Fernão de Queirós António da Cruz	<i>Corte na Aldea</i> (1630) <i>Lusiadas, Rimas</i> (ed. de 1669) <i>Numero Vocal. Exemplar Catholico, & politico</i> (1702) <i>Insulana</i> (1635) <i>Historia da vida do veneravel irmão Pedro de Bas- to</i> (1689) <i>Recopilaçam de Cirurgia</i> (1661)
25-50	Francisco Morato Roma Manuel de Faria D. Francisco de Sá de Meneses Fr. António das Chagas Diogo Fernandes Ferreira P. Simão de Vasconcellos António Galvão de Andrade Luís Serrão Pimentel D. Luís de Meneses P. Manuel Fernandes Fr. António das Chagas Fr. Manuel de Azevedo P. Álvaro Lobo Gabriel Pereira de Castro	<i>Luz da Medicina</i> (1672) <i>Promptuario moral de questoës practicas</i> (1675) <i>Malaca conquistada</i> (1658) <i>Obras Espirituaes</i> (1688) <i>Arte da Caça de Altaneria</i> (1616) <i>Noticias curiosas do Brasil</i> (1668) <i>Arte de Cavallaria de Gineta, & Estardiota, bom primor de ferrar, & Alveitaria</i> (1678) <i>Methodo Lusitanico de desenhar as fortificaçoens</i> (1680) <i>Portugal Restaurado</i> (1679-1690) <i>Alma instruida</i> (1688-1699) <i>Cartas Espirituaes</i> (1684-1687) <i>Correcçam de abusos, introduzidos contra o verda- deiro methodo da Medicina</i> (1668) <i>Martyrologio romano</i> (1591) <i>Ulysea, ou Lisboa edificada</i> (1636)
< 25	Luís Mendes de Vasconcelos P. João de Lucena Diogo do Couto Luís Marinho de Azevedo Fr. Leão de São Tomás António Teixeira D. Francisco Manuel de Melo Duarte Ribeiro de Macedo D. Francisco Manuel de Melo João Curvo Semedo > 15 Leonel da Costa	<i>Arte militar</i> (1612) <i>Historia do P. Francisco de Xavier</i> (1600) <i>Decadas</i> (1602-1673) <i>Apologeticos discursos em defesa da fama, & boa memoria de Fernão de Albuquerque, Governador da India</i> (1641) <i>Benedictina Lusitana</i> (1644-1651) <i>Estatutos da Universidade de Coimbra</i> (1654) <i>Epítome das noticias Astrologicas para a Medicina</i> (1670) <i>Carta de guia de casados</i> (1651) <i>Vida da Emperatriz Theodora</i> (1677) <i>Epanaphoras de varia historia Portugueza</i> (1676) <i>Polyanthea</i> (1695); <i>Tratado da peste</i> (1680) <i>Eglogas, & Georgicas de Vergilio, Traduzidas</i> (1624)

A obra mais citada é a *Monarquia Lusitana*, o primeiro ensaio de uma historiografia portuguesa monumental, iniciada no Mosteiro de Alcobaça no período do domínio espanhol e imbuída de um espírito de apologia nacional¹⁰. Sob a responsabilidade sucessiva de quatro autores distintos, as sete partes publicadas até 1683 revelam-se um conjunto heterogéneo, variando o grau de investimento estético-literário e a qualidade da informação citada, oscilando entre um esforço de pesquisa documental nos arquivos portugueses e a pura fantasia mitológica¹¹. Todavia, características como um discurso romanesco, o recurso à hagiografia, o aparato erudito e o apelo constante a um suporte documental — real ou ficcionado — iam ao encontro das apetências do público, facto que justificou inclusive a reedição das partes I-III em 1690. Para Bluteau, a *Monarquia* é sobretudo uma inesgotável fonte lexical devido à abundância de intertextos, cuja fidedignidade não discute, em que são numerosos os arcaísmos e termos em desuso, aplicados em contextos frásicos minimamente esclarecedores.

Da prosa do P. António Vieira (1608-1697), que é a segunda fonte mais representativa, o *Vocabulario* recolhe um manancial de sentidos figurados e estruturas engenhosas, que geralmente pretendem traduzir um uso exemplar e imitável, e não uma mera abonação¹². A edição dos *Sermoens* principiou em 1679, com supervisão e correcções do autor, e prolongou-se além da sua morte, com a publicação póstuma dos tomos XIV-XV. Tal como a generalidade dos pregadores da época, Bluteau veria nos *Sermoens* um modelo estético, uma autoridade na propriedade de expressão e uma das mais conseguidas actualizações em português dos padrões da retórica latina¹³. O teatino seleccionou

¹⁰ Sobre as condições de produção e recepção, cf. Ferreira, 1975-1978.

¹¹ Fr. Bernardo de Brito (1.^a parte, 1597; 2.^a 1609) distingue-se pela qualidade da prosa e pela fantasia com que recria a história de Portugal desde a criação divina; Fr. António Brandão (3.^a e 4.^a, 1632) preocupa-se em introduzir algum rigor documental. Sobre as restantes partes e autores, Fr. Francisco Brandão (5.^a, 1650; 6.^a, 1672), Fr. Rafael de Jesus (7.^a, 1683) e Fr. Manuel dos Santos (8.^a, 1727) cf. Silva, *Diccionario Bibliographico*, II: 360-361, VII: 48-49, VI: 102-104.

¹² O culto do seu estilo, ainda em vida do autor, transformou os *Sermoens* em «paradigmas perfeitos, inculcados a pregadores, principiantes ou experientes, determinando assim uma influência decisiva na parenética do barroco português» (Castro, 1973: 111).

¹³ Nas *Regras da lingua portugueza* (1725 (1721): 310-339), Contador de Argote selecciona uma carta «escrita pelo insigne Padre Antonio Vieyra» como modelo simultaneamente estético e linguístico, através do qual os alunos aprenderiam a «Pratica da regencia da Grammatica Portugueza conforme com a regencia da Latina».

citações em todos os volumes disponíveis, dispensando-lhes comentários elogiosos que raramente são concedidos a outros autores:

AFANAR. [...] Mereceo esta palavra o agrado do P. Antonio Vieira, a que elle da com singular elegancia huma significação activa [...]
 BATERIA [...] Discretamente usou o P. Antonio Vieira desta palavra [...]

A vantagem do jesuíta em relação a outras obras prestigiadas é clara: na letra C totaliza cerca de 250 citações e o autor seguinte, Rodrigues Lobo, apenas 85. Esta preferência pode também dever-se ao sucesso editorial dos *Sermoens*, que seriam um intertexto acessível à generalidade dos consulentes¹⁴.

Mas, não obstante o menor número de citações, a *Corte na Aldea* é uma obra intensamente explorada, tendo em conta a dimensão do *corpus* textual (um pequeno volume in-4.º, com cerca de 300 páginas), quando comparado com a *Monarquia* e os *Sermoens*. Da diversidade temática dos 16 diálogos e da intenção didáctica subjacente ao discurso resulta um testemunho de variedades tecnolectais, a que se associa uma redacção que configura um modelo de tipo enciclopédico. Assim, este texto revela-se particularmente útil para os objectivos de Bluteau, pois a estrutura em diálogo favorece a apresentação de conceitos em esquemas relacionais bastante sintéticos, que podem ser recuperados para os artigos do *Vocabulario* como definições ou informações de tipo enciclopédico:

DOGMATICO. [...] Medicina Dogmatica. He a que não desprezando a experiencia dos remedios, nem a razão dos exemplos della, abraça tambem as razoens naturaes, em que está fundada a Arte. A Medicina se divide em Empirica, Methodica, *Dogmatica*, ou rational. Lobo, Corte na Aldea, Dial. 16. 331.

¹⁴ Bluteau e Vieira certamente se conheceriam. Ambos estavam em Lisboa entre 1668 e 1669 e havia relações privilegiadas entre teatinos e jesuítas. Na qualidade de qualificador do Santo Ofício, Bluteau dispensou-lhe palavras elogiosas na censura do tomo VI dos *Sermões* (1686), lembrando «a inveja que do seu talento toda a Europa tem a Portugal, e da desesperação em que mete os oradores de poder imitar o seu estilo». Mais relevante será a defesa pública da edição de *Las cinco piedras de la honda de David* (1695), que os censores portugueses tentaram impedir e que Bluteau contraria. Por fim, coube ao teatino proferir o sermão nas exéquias de Vieira (1697).

A *Corte na Aldea* permite autorizar um conjunto de expressões que poderiam ser empregues num registo familiar, mas simultaneamente cuidado, uma vez que são considerados adequados ao estatuto dos interlocutores e à situação comunicacional representada por Rodrigues Lobo:

CHAÇA. (Termo do jogo da pela.) He o lugar, em que a pela, faz o següido pullo, que se nota com hum sinal. [...] Chaça. No sentido moral. [...] O vosso remoque não deu boa *Chaça*. Lobo, *Corte na Aldea*, Dial. 5. pag. 114. [...]

Um aspecto que distingue a *Corte na Aldeia* da generalidade das fontes de abonações é o facto de os fragmentos transcritos não servirem apenas para precisar o sentido da palavra-lemma: Bluteau revela uma predilecção pelos «ditos» de Lobo, tal é o número de excertos que introduzem notas humorísticas, lições e exemplos, condensados em frases sentenciosas:

ARRUAR. Apartar em ruas. [...] Para se não corromper de todo a lingua Portugueza, me pareceria, que se ouveraõ de *Arruar* os Letrados, que receyo, se se misturaõ, ã em poucos annos nos achemos em huma certa Babylonia. Lobo, *Corte na Aldea*, Dial. 16. pag. 337.

ESCUTAR [...] O homem, que se *Escuta*, he lisonjeiro de si mesmo. Lobo, *Corte na Aldea*, Dial. 8. pag. 168.

Sem deixar de ser um dos autores mais citados, é notório que Bluteau não investiu num levantamento exaustivo do léxico camoniano. No final do século XVII, Camões era o emblema maior de uma literatura nacionalista, com sucessivas reedições dos *Lustadas* e das *Rimas*¹⁵. Todavia, o período do domínio espanhol e da Restauração favoreceu a produção de outros textos épicos de temática histórica, que visavam a afirmação de uma autonomia cultural e política, como a *Insulana* (1635), *Ulissea* (1636) ou *Malaca conquistada* (1658), para referir apenas as mais citadas. Para o lexicógrafo, estas eram obras cronologicamente próximas, que podiam abonar com segurança e precisão de sentido uma descrição sincrónica do português; mas tudo indica que Bluteau também valorizava a qualidade literária destas epopeias, pois cita frequente-

¹⁵ No *Vocabulario* segue-se a edição de 1669, que reunia todos os textos conhecidos, com correcções e argumentos de João Franco Barreto. Segundo Inocêncio Silva, é «sem dúvida a mais ampla que até áquelle tempo se fizera das obras do poeta» (*Diccionario Bibliographico*, V: 257).

mente séries de estrofes com dois e até quatro versos. É significativa a pouca diferença entre cerca de 80 citações de Camões (*Rimas* e *Lusíadas*) e cerca de 60 da *Insulana* e 42 de *Malaca conquistada*.

Para além da prosa religiosa e histórica, cuja prevalência editorial já se notou, é assinalável a frequência com que cita os tratados técnicos e as «relações» que descrevem o Oriente e o Brasil, o que comprova o interesse por domínios terminológicos que os dicionários anteriores não contemplavam com assiduidade. Neste âmbito sobressaem a medicina (*Recopilaçam, Luz da medicina*), a equitação e a caça (*Arte da caça, Arte de cavallaria de gineta*), engenharia e arquitectura (*Methodo Lusitanico*) e os termos associados às línguas exóticas (*Noticias curiosas do Brasil, Décadas*).

Apenas no *Supplemento* se observará uma profunda alteração no que respeita aos títulos e aos géneros literários predominantes, não só porque se recuperam autores até então pouco citados, mas sobretudo pela inclusão de novas obras entretanto publicadas, posteriores à conclusão do *Vocabulario* (cf. quadro 11). De facto, a prosa de Vieira ou de *Corte na Aldea* cede lugar à poesia cultivada nas academias na segunda metade do século XVII, motivadas pelo gosto gongórico e cultista de influência castelhana, e cujos códigos ainda faziam parte da educação literária da nobreza culta da corte de D. João V. O *Supplemento* corresponde a uma efectiva actualização do repertório bibliográfico, como se verifica pela inclusão de abonações baseadas em números da *Gazeta de Lisboa* de 1726. A mais tardia das referências data de 6 de Junho de 1726 (*Supp.*, s.u. SERENATA).

QUADRO 11

Principais fontes das citações (*Supplemento*)

>150	D. Francisco Manuel	<i>Obras metricas</i> (1665)
100-149	Diogo do Couto Fr. Simão de Sta. Catarina P. Bento Pereira Manuel de Faria e Sousa	<i>Decadas VI, VII, VIII</i> (1602-1673) <i>Orações académicas</i> (1723-1731) <i>Prosodia, Thesouro</i> (1697) <i>Fabula de Narciso</i> (1623), <i>Fonte de Aganipe</i> (1646)
50-99	Fr. Manuel Leal André da Silva Mascarenhas João Curvo Semedo João de Barros Silvestre de Morais Francisco Barreto Landim Manuel Tavares Cavaleiro	<i>Crysol purificativo</i> (1673) <i>Destruição de Espanha</i> (1671) <i>Polyanthea e Memorial de varios simplices</i> (1695) <i>Gazeta de Lisboa</i> (1718-1741) <i>Decadas</i> (1553-1615) <i>Agricultura das vinhas</i> (1720) <i>Panegyrico da [...] vida de S. João de Deos</i> (1648) <i>Ramalhete juvenil</i> (1687)

Nos dois tomos do *Supplemento*, as composições portuguesas de D. Francisco Manuel de Melo, insertas nas *Obras metricas* (1665), são a fonte de abonação mais citada, enquanto no *Vocabulario* apenas a *Carta de guia* e as *Epanaphoras* — prosa histórica — mereciam a atenção do lexicógrafo. São também poemas ao gosto das academias as *Orações* de Fr. Simão, a *Fonte de Aganipe* (1624) e *Fabula de Narciso e Ecco* (1623) de Manuel de Faria e Sousa, e o *Ramalhete* de Manuel Cavaleiro (1687). Com menos destaque encontra-se a épica nacionalista no poema *Destruição de Hespanha* (1671) e a hagiografia heróica no *Panegyrico de S. João de Deos* (1648). Quanto à prosa, no *Supplemento* regressam autores do «Catalogo» que foram pouco aproveitados ao longo do *Vocabulario*, como as *Decadas* de Diogo do Couto, ou o *Crysol purificativo* (1673), este último uma historiografia religiosa. No *Supplemento* é muito baixo o número de citações da *Monarquia Lusitana* e de Camões (inferior a 25); de Vieira cita sobretudo a *História do futuro*, publicada em 1718.

Um aspecto excepcional é o facto de se recorrer à autoridade dos dicionários portugueses para abonar a nomenclatura, com uma assiduidade que no *Vocabulario* era incomum (cerca de 120 referências à *Prosodia* e ao *Thesouro* e 35 a Barbosa nos volumes de 1727-1728). A invocação extraordinária da autoridade dos dicionaristas acompanha um esforço para integrar entradas constantes dos dicionários precedentes, que apresentavam dificuldades na ortografia ou na precisão do sentido ¹⁶.

2.1.2. *Funções das citações*

No capítulo dedicado às fontes da nomenclatura (III.1.4.5) observou-se que, na amostra constituída pela letra D, apenas cerca de metade dos artigos incluía uma citação extraída de um autor português. De facto, o esforço de autorização da nomenclatura, que não pretende abranger todas as entradas, concentra-se em domínios específicos do léxico, que são definidos no «Prologo». Bluteau preocupa-se em legitimar as palavras tomadas do latim e do grego «já admittidas, & naturalizadas pelos melhores Escritores deste Reyno» e, de uma forma geral, os termos de uso pouco frequente, cuja propriedade poderia suscitar dúvidas aos consulentes:

[...] porque rara he a palavra, menos vulgarmente usada, ou termo scientifico, & extraordinario, que não venha autorizada com algum exem-

¹⁶ Cf. cap. III.1.4 sobre as fontes da nomenclatura.

plo, & juntamente com a citaçam da pagina no livro do Autor allegado. Atè das palavras, mais vulgares, muitas vezes trago exemplos, paraque conste do sentido, em que forão usadas; & não he superflua esta curiosa pontualidade, porque sobre o significado de termos corriqueiros & chulos, muitas vezes se levantão controversias, que sô com o exemplo de algum Autor se decidem (*Voc. I*: «Catalogo... dos autores»).

Todavia, mesmo em situações em que a citação seria pertinente, há que considerar a dificuldade em localizar certos termos em textos portugueses, como parece ser o caso da toponímia estrangeira ou das linguagens profissionais menos prestigiadas que não haviam merecido um tratado técnico. Na letra D, pouco menos de 20 % dos cerca de 75 topónimos têm abonação, e entre as excepções encontram-se sobretudo nomes do Oriente e da Índia, recuperados das *Décadas* de Barros e outras relações de viagens; no que respeita aos tecnolecitos, o lexicógrafo declara que se baseou nos testemunhos dos artífices para documentar a nomenclatura em áreas específicas das «artes mecânicas»¹⁷.

Em contrapartida, a abonação parece tornar-se supérflua nos conjuntos de lemas com relações de derivação morfológica regular, em que a autorização das palavras primitivas sustenta as demais unidades lexicais. Assim, é normal que certas categorias como os advérbios de modo e os participios adjectivais não registem citações nos respectivos artigos. No léxico comum, a citação corresponde a acepções particulares ou motivações estéticas e extra-linguísticas que decorrem dos conteúdos do próprio intertexto, daí ser possível encontrar longas séries sem abonações. Porque um dos objectivos da citação era confirmar uma opção ortográfica, compreende-se que, nos artigos que funcionam como remissões, o número de abonações também seja diminuto¹⁸. Mas como

¹⁷ «Assim tivera eu achado Autores Portuguezes em todas as Artes liberaes, & mecanicas, para allegar com elles? Por falta deste subsidio, corri as mais humildes officinas da Republica; passei tardes inteiras em *Atafonas*, entre *Moegas*, & *Almanjarras*, enfarinhado na Arte de moer, esperdiçador de decoros, & aproveitador de farelos [...]» (*Voc. I*: «Ao leitor pseudocritico»). Aponta ainda os domínios lexicais das artes do ferro e da fabricação do vinho e do azeite. A título de exemplo, numa breve sondagem por *termos de atafona* (i.e., relativos à moagem de cereais) não se registam abonações autorizadas, o que parece confirmar o método de recolha (cf. ALEVADOURO, ALMANJARRAS, ARROJADURA, ATAFONA, CACHORRO, CANGALHAS, CANZIL, CARRETE, DORMENTES, EMPARAMENTOS, MOENGAS).

¹⁸ Na letra D, há citações em apenas 10 % das 130 remissões. Formas como DECENDENCIA, DECER, DESCOSTUMAR, DESPOIS, DESPOR, DESPOSSAR, DEZIMA, apesar de constituírem entrada, não são autorizadas.

neste período subsiste o confronto de usos prestigiados — o que não significa que sejam equiparáveis em frequência — justifica-se a duplicação de grafias e entradas, cada qual com o testemunho da respectiva autoridade.

DESPARAR (F. de Queirós, <i>Vida do irmão Basto</i>)	→	DISPARAR (M. Tomás, <i>Insulana</i>)
DESDANHAR (R. Lobo, <i>Corte na Aldea</i>)	→	DESDENHAR (J. Cardoso, <i>Agiologio Lusitano</i>)
DESUADIR (L. da Costa, <i>Eclogas de Virgílio</i>)	→	DISSUADIR (F. de Meneses, <i>Malaca conquistada</i>)
DOCTRINAR (J. Cardoso, <i>Agiologio Lusitano</i>)	→	DOUTRINAR (A. Macedo, <i>Dominio minio sobre a fortuna</i>)

A citação pode desempenhar um papel essencial na construção da definição, proporcionando um «complemento documental directo» (Quemada, 1968: 518) que não se limita a ilustrar um sentido ou testemunhar um uso. Tendo em consideração que as novas adições à nomenclatura, em comparação com o *Thesouro*, resultam da recolha no *corpus* de autores, o principal suporte do lexicógrafo para elaborar as definições era precisamente o contexto da obra em que a palavra ocorria. Deve mesmo admitir-se que Bluteau sentiu dificuldades em apresentar definições claras e autónomas, dando origem a artigos em que a citação assume em exclusivo a função de uma definição por contexto:

- COTOUCO. **Biscouto, muniçoens, Cotoucos, &c.** Couto, dec. 8. fol. 29. col. 2.
 CORAZIL. **Pelo Natal pagareis hum Corazil de toucinho.** Chron. de Cister, 1. part. pag. 298. col. 1.

Mesmo quando o lexicógrafo conhece o significado, a citação pode constituir uma explicação suficiente, ou porque se trata de uma descrição, ou porque o próprio excerto contém uma definição. Em artigos como CONCAVIDADE e CUQUIADA, recursos como a sinonímia e a marca de uso têm um papel secundário, visto que a principal informação se situa no excerto. As frases de autor adquirem também especial relevância quando a principal definição é dada através de uma tradução latina, pelo que a citação veicula a única informação sobre o significado em português (cf. CORRO, CASO).

- CONCAVIDADE [...] Concavidade de chaga. *Vid.* Cavidade. **Alimpar a chaga, & encher de carne a Concavidade.** Recopil. de Cirurg. pag. 10.

CUQUIADA. (Termo nautico da India) **Deraõ huma Cuquiada, que entre elles he appellidar terra per huma denotação de vóz.** Barr. 1. Dec. fol. 81. col. 1.

CORRO de Touros. *Arena, ae. Fem.* **Lançaí o Touro no Corro, & vereis como a todos remette.** Vieyra, Tom. 8. pag. 300.

CASO [...] Caso crime. *Causa capitis.* **Por ser dia, em que se julgaõ os Casos crimes,** Vasconc. Arte Militar. 70. vers. [...]

Este tipo de definições implícitas aproxima o *Vocabulario* do dicionário de Furetière, em que o sentido se explica através de estruturas linguísticas exemplares por ele construídas, uma técnica que Bluteau reproduz empregando excertos autorizados. De facto, a insistência nas transcrições é um traço característico do teatino, pois são numerosos os artigos em que a própria definição parafraseia a citação, o que resulta numa duplicação redundante. Em Furetière, as poucas citações de autor representam quase sempre uma ocorrência singular da palavra-lemma associada a um efeito estético-retórico; em Richelet, o principal objectivo das citações mais longas é a autorização de estruturas sintácticas (cf. Lehmann, 1995: 44-53). Mas ao contrário de Richelet e Furetière, que por norma referem a fonte com intenção de abonar, Bluteau transforma o acto de citar num exercício de argumentação justificativo e defensivo, como se necessitasse de provar palavra a palavra que a sua definição está correcta. Este procedimento é mais notório quando a fonte documental da definição é um tratado técnico, cujo discurso é já próximo do dicionarístico:

COLERA. [...] Cólera vitelina, assi chamada, porque he amarella, & crassa, como gemas de óvos. *Bilis lurida.* [...] **Da cólera, que chamaõ Vitelina, que he como gemas de óvos, & he mais acre, & mais grossa, se faz o herpes exedens.** Recop. da Cirurg. pag. 118. [...]

Motivado pela orientação enciclopédica, o lexicógrafo cita autoridades que permitam atestar a correcção de factos extra-linguísticos, e não apenas testemunhar o uso do lema enquanto termo do português. Daí que prefira as definições que incluem elementos descritivos (cf. CORACORA) ou indicações sobre o funcionamento e funcionalidades do referente (cf. CINCO EM RAMO, CICUTA), concorrendo para um registo próprio de um dicionário universal.

CORACORA. Embarcação da India. **Saõ estas Coracoras navios de remo compridos, & estreytos, a modo de fustas.** Lucena, Vida do S. Xavier, 244. col. 1. **Lãçaraõ suas Coracoras ao mar.** Couto, 7. Dec. 82. col. 4.

CINCO EM RAMO. Erva, que em cada raminho tem cinco folhas. *Quinquifolium, ij* [...] **A erva Cinco em ramo cozida em agoa mel sara os achaques do peito, & resiste à peçonha.** Gabr. Grisl. nos Dezeng. da medic. 112.

CICUTA. Erva venenósa. *Vid.* Ançarinha. **Mortifera Cicuta, que suavemente cruel, offende o externo, & corrompe o interior.** Varella, Num. vocal, pag. 162.

É certo que as citações transmitem informação de tipo linguístico, na medida em seleccionam como paradigmático um uso, num contexto semântico delimitado, elucidando o consulente sobre a propriedade do sentido e os co-ocorrentes privilegiados (termos médicos em textos de medicina, por exemplo; cf. CORROSIVO, *infra*).

Os contextos podem ser alargados ao ponto de constituírem núcleos de informação autónomos, ao jeito de «notícias» suplementares, de alguma forma relacionadas com a temática do artigo. Para o leitor esta adição não seria indesejada, tanto mais que muitos dos artigos são o resultado de uma acumulação de dados «curiosos» (cf. CARRIÇA).

CORROSIVO. (Termo Chimico, Medico, & Cirurgico) Medicamento *corrosivo*. O que com a introdução de humor acido, com suas pontas, como com cunhas, separa, & dissolve as partes de hum corpo compacto [...] **Chaga virolenta, & Corrosiva.** Recopil. de Cirug. pag. 228. CARRIÇA. Avesinha, q̄ anda pelos vallados, & por buracos, donde lhe veyo o nome de Troglodytes, do Grego *Troglas dynei, id est* que vive em cavernas. [...] **A cinza da Ave Troglodytes, a que o povo chama Carriça dada a beber em seis onças de agoa fervida cõ duas outavas de lascas de pao Nephritico, ou, em falta delle, em agoa cozida com hũs raminhos de pimpinella, quebra a pedra da bexiga por huma rara virtude oculta.** Curvo, Polyanth. Medicin. pag. 593. num. 12. [...]

O valor estético de uma estrutura linguística ou o emprego metafórico da palavra-lemma também justifica o alargamento da citação, visto que se trata de usos particulares, devidos ao engenho de um autor e que apenas naquele contexto específico adquirem um determinado sentido. De modo a evitar uma análise semântica explícita, o lexicógrafo proporciona todos os elementos em

que se funda a derivação de sentido, confiando à competência literária e linguística do consulente a interpretação do excerto:

CORRENTE [...] Moeda corrente, no sentido moral. **A moeda dos cõprimentos he a mais Corrente de todas.** Lobo, Corte na Ald. Dial. 7. 138. [...]

CRECENTE [...] Crecente da marè. V. Enchente. Crecente. No sentido moral. **Passadas as Crecentes das perseguiçoens, & as vasantes da pobreza.** Hect. Pinto, Dialog. pag. 210.

CARMIM [...] Liquido Carmim. Metaphoricamente sangue. **Chega fendendo ao casco a espada esquiva. De liquido Carmim sahe fonte viva.** Malaca conquist. Liv. 11. Oit. 53.

As citações mais extensas podem gozar de uma autonomia que quase as desvincula da definição, pois toda a explicitação das circunstâncias enunciativas tem em vista o sentido da composição, e não o emprego da palavra-lemma. São momentos de hiato no discurso lexicográfico, em que o consulente é guiado na apreciação de composições poéticas¹⁹. É de supor que os leitores portugueses tenham reagido com agrado à inclusão de excertos literários selectos, o que terá inclinado Bluteau a aumentar o seu número e extensão, contrariando o exemplo dos modelos lexicográficos franceses. Se no últimos tomos do *Vocabulário* já é notório o crescente interesse pelo intertexto poético, no *Supplemento* torna-se claro que o motivo não é a abonação do lema, uma vez que se abrem adendas apenas para transcrever composições poéticas, isto mesmo quando a palavra já havia sido abonada no primeiro artigo²⁰. E se a motivação não é metalinguística, também não é enciclopédica, pois este género de citações não descreve características ou funções do referente²¹.

¹⁹ Nestes contextos, os comentários de Bluteau são geralmente irrelevantes para a compreensão do sentido da palavra-lemma: «ZAFIRO. Pedra fina. Vid. Safira, tomo 7. do Vocabulário. *Zafiro singular, que foy vendido A quem em ferro o tem mal engastado A ver que por se haver em vaõ achado, Em pastas de carvão foy convertido.* D. Francisco Manoel em hum Soneto, lamentando o infelice casamento de huma Dama. Obras Metricas, Tuba de Calliope Soneto XCVI. pag. 49.» (*Supp.*, s.u.).

²⁰ Os artigos do *Supplemento* podem não introduzir uma nova acepção, ou uma informação adicional a respeito do significado que justifique a adenda. Cf. por exemplo CATA-SOL e VOLUTA (*Supp.*, s.u.), entre muitos outros, em que apenas se transcrevem várias estrofes de D. Francisco Manuel de Melo e Fr. Simão de Santa Catarina.

²¹ A citação integral de uma descrição poética pode justificar um novo artigo, como em «VELHICE. Vid. tomo 8. do Vocabulário. No seu Poema da destruição de Hespanha, André da

A refundação das academias literárias no final do século XVII, a edição das composições dos académicos, a idealização de uma corte ilustrada e literata sob o patrocínio de D. João V são factores que podem explicar o investimento de Bluteau na fruição literária, citando de um modo sistemático os modelos estéticos mais adequados ao gosto predominante. No que respeita à técnica lexicográfica, este desvio das funções inicialmente consignadas à citação cria uma categoria atípica nos dicionários de língua, demasiado recorrente para que se possa equiparar ao excursos literários que pontualmente se encontram em Furetière.

2.2. O português e o latim: comparação e emancipação

Ainda que formalmente bilingue, a nomenclatura do *Vocabulario* abria-se a domínios do léxico que este género de dicionários evitava, na medida em que representavam o limite da intercomunicação entre o latim e os vernáculos. Bluteau reflecte longamente sobre as perplexidades geradas pelo facto de no seu dicionário nem todas as palavras terem latim correspondente, lembrando que «a todas as Artes, Engenhos, Instrumentos, que se inventaram de mais de mil annos a esta parte, faltou a lingua latina, porque era morta» (*Voc. I: «Ao leitor impertinente»*). Porque recusava as circunloquções latinas que, de tão impróprias e imprecisas se tornavam cómicas, uma parte dos artigos do *Vocabulario* é monolingue e estruturalmente inspirada no trabalho de Furetière²².

No fim do século XVII, os três principais dicionários publicados em França abandonaram a tradicional versão para latim da palavra-lemma, o que constituiu um marco na evolução da descrição lexicográfica dos vernáculos. Richelet, Furetière e a Académie reelaboraram um fundo informativo compilado nos dicionários bilingues e latinos, compondo obras orientadas para públicos e

Sylva Mascarenhas no livro 3. Oitava 21. Descreve a velhice nestes versos, *Tem a velhice hum mal, que debilita A toda a cousa, que animada cresce, Ao rico enjoa, ao pobre necessita, Gasta a belleza, as forças enfraquece, As arvores robustas decrepita, As feras vagarosas entorpece, Herva lhe não escapa, ou flor suave, Nadante peixe, ou volatil ave.»* (*Supp.*, s.u.).

²² «Em varios lugares desta obra tomei o trabalho de exprimir com periphrasis, & circunloçoens latinas os nomes Portuguezes de varias Artes liberaes, & mecanicas, que não tem latim proprio; mas conhecendo por experiencia a inutilidade deste trabalho, por serem materias, que rarissimas vezes correm em discursos latinos, resolvime a deixar o latim dellas em branco» (*Voc. I: «Ao leitor impertinente»*).

funções distintos, mas em que as descrições linguísticas se cingiam ao francês e os dados de tipo enciclopédico eram traduções de textos que circulavam em latim.

Desta evolução não se pode inferir que a apetência pela informação latina se extinguiu. Em 1704 o dicionário de Trevoux — que reformulou Furetière e foi o texto francês pré-enciclopédico de maior difusão na primeira metade do século XVIII — retomou a tradução do lema, de uma forma sintética, geralmente no fim do artigo e sem a preocupação em citar autores clássicos. Ou seja, o dicionário essencialmente monolíngue, mesmo quando acolhia o latim, remetia-o para uma posição marginal, que não condicionava a estruturação dos artigos, as abonações literárias ou a análise léxico-semântica ²³.

Inicialmente influenciado pela lexicografia bilingue dos jesuítas, Bluteau delineou um amplo projecto que consistia em explicar os significados das palavras portuguesas e, simultaneamente, compendiar preceitos e exemplos da expressão latina elegante, o que de modo algum se limitava à procura de equivalências lexicais. O intuito seria tornar acessível ao leitor, por meio de tradução, o tipo de auxílios à composição em latim que se encontrariam num *Calepino*, com explicações do vocabulário, distinção das acepções e abonações seleccionadas ²⁴. Este modelo, que em comparação com a dicionarística monolíngue posterior será rotulado de confuso e pouco sistemático, coadunava-se certamente com as expectativas do público-alvo.

O problema da propriedade da expressão não era central numa obra didáctica como a *Prosodia* de Bento Pereira, em que se encontravam soluções para que a generalidade dos objectos do quotidiano pudesse ser declarada em latim, ainda que por meio de construções bárbaras. A equivalência lexical assim obtida é artificial, uma vez que o correspondente português é, por vezes, um termo genérico, que traduz por aproximação objectos e nomes de profissões que, fora do contexto histórico e temporal do mundo antigo, são anacronismos. Por exemplo, na *Prosodia* a palavra *alguidar* traduz cerca de 20 termos latinos e, entre estes, ARTOPTA, CARDOPO, MACTRA, MAGIDA e MAGIS são vertidos por *alguidar de amassar*.

Mas fontes lexicográficas de Bluteau, sobretudo o *Calepino* de 1681, recomendavam uma reflexão filológica mais profunda, pelo que o *Vocabulario*

²³ Sobre o dicionário de Trévoux, cf. Quemada, 1998: 60-61.

²⁴ «A universal aceitação, e as muitas edições do Dictionario de Calepino me obrigáão a tomallo por exemplar do meu Vocabulario» (*Supp.*, II: «Apologia do Autor»).

não se limitará à acumulação de equivalentes. O significado português e o significado latino são planos de análise diferenciados; se não há conformidade nos referentes, a tradução não é legítima e esse facto é sublinhado no comentário dicionarístico. Para a mesma palavra *alguidar*, o *Vocabulario* conclui que se trata de uma transposição impossível, e em *alguidar de amassar* apenas a lição do *Calepino* é considerada:

ALGUIDAR. Vaso de barro, com mayor circumferencia, que fundo. **Naõ he facil achar palavra propria latina.** *Capedo, onis. Fem.* entre os Romanos era hum vaso largo, & especie de alguidar, de que usavão nos seus sacrificios. Poderaselhe acrescentar o epitheto *fictilis*. Certo Poeta traduzindo estas palavras de Virgilio, *Spumãtia cymbia lactis*, diz Alguidares cheios de leite. Porem *Cymbium* era hũ vaso da feiçãõ de barquinho. **Alguidar de amassar paõ.** *Artopta, ae. Fem. Vid. Calepinum, verbo Artopta, ubi ait, (Aliqui accipiunt pro vase, in quo farina subigitur. [...])*

Por recusar os neologismos abusivos em latim, há um conjunto de domínios lexicais em que o *Vocabulario* não cumpre a função de dicionário bilingue, muitas vezes dispensando também os circunlóquios. Entre muitos exemplos desse tratamento monolingue destacam-se os termos que designam a fauna e flora exóticas — nomeadamente os que têm origem no Brasil e na Índia — cujas características morfo-fonológicas sempre haviam dificultado qualquer tentativa de latinização (e.g. CAJAZEIRO, CARAPINIMAS, IGBANEXIMANA, ZABUCAJO, citando apenas alguns nomes de árvores do Brasil). O mesmo se verifica com os nomes de objectos e instrumentos que representavam progressos continuados da técnica, e.g. os mecanismos de impressor, os instrumentos náuticos ou cada uma das partes constituintes do navio.

No que respeita às linguagens profissionais, o bilinguismo mantém-se naquelas em que o latim era a língua privilegiada de comunicação, aprendizagem e teorização, como a medicina, o direito e a teologia. Porém, em outras áreas, Bluteau depara-se com um aparato terminológico extenso e bem explicitado em tratados que se haviam emancipado da língua latina. A veterinária — os *termos de alveitar* — será talvez um dos domínios em que o latim tem, no início do século XVIII, uma presença mais residual, sem abonações em fontes clássicas e com poucos circunlóquios, preferindo reproduzir as explicações contidas nos autores portugueses. Também a equitação e a náutica estavam bem documentadas em obras recentemente publicadas, que se valiam sobretudo de termos vernáculos. O seu carácter eminentemente técnico percebe-se logo nos títulos, como nos seguintes tratados, que Bluteau cita assidua-

mente: António Galvão de Andrade, *Arte de Cavallaria de Gineta, & Estardiota, bom primor de ferrar, & Alveitaria* (1678); António Pereira Rego, *Instrucçam da Cavallaria de Brida, com hum Tratado de Alveitaria* (1693); Francisco Pinto Pacheco, *Tratados da Cavallaria de Gineta* (1670).

As expressões idiomáticas portuguesas colocaram dificuldades à transposição directa para latim, daí que, quando está presente, a tradução é geralmente substituída por uma citação literária que exprime um significado aproximado. Também rareia o latim nas expressões que são classificadas como *termos chulos*, que o uso cuidado evitava introduzir na conversação quotidiana e no registo escrito, devendo ser substituídas por palavras mais dignas²⁵.

As palavras que não suscitavam desenvolvimentos de tipo enciclopédico, sobretudo verbos e adjectivos, recebiam normalmente uma definição dicionarística por sinonímia ou paráfrase. Apesar de serem concisas e de estrutura simples, não se pode ignorar que a maior parte destas definições, hoje consideradas elementares, surge pela primeira vez no *Vocabulario*, o que representou um aproveitamento ponderado das relações de sentido entre as unidades lexicais da língua portuguesa, mas em que ainda é sensível o ascendente do latim.

Embora se admita que as sequências sinonímicas das glosas da *Prosodia* e a fácil intercomunicação entre o português e latim podiam sugerir algumas das definições, a leitura assídua dos dicionários bilingues franceses forneceria a Bluteau informações mais proveitosas. Nas obras de Pomey e Danet, a palavra-lemma recebia uma breve definição em francês, isto para além de uma ampla fraseologia latina que procurava também traduzir as variações semânticas do vernáculo. Se a definição francesa nem sempre era transponível para o português, a resposta podia encontrar-se na tradução de uma expressão latina ou na sugestão de sinónimos derivados por via erudita. Comparando o *Vocabulario* com Danet, identificam-se sólidas coincidências no que respeita à estrutura do

²⁵ A tradução latina também acompanha essa elevação:

— BOQUISECO. (Termo chulo.) Ficar boquiseco. **Emmudecer**. Não dizer palavra. **Obmutescere**. (*Voc.*, s.u.). No artigos de *palavras chulas* (e.g. ATABALHOADO, BOQUITORTO, BALDROCA, CARISMOCHO) não é incomum a ausência de qualquer tipo de informação latina. A excepção parece ser as expressões com um forte pendor satírico, para as quais Bluteau encontra com alguma facilidade citações latinas, também elas expressões idiomáticas:

— ESCANGALHARSE com riso. Termo chulo. *Dissolvere ilia risu. Petron.*

— CALMAR. (Termo chulo.) Dar a alguém com hum pao. *Calmoulhe à parte. Illum male multavit. Cic. [...]* (*Voc.*, s.u.).

enunciado e às soluções para a definição, dando origem a artigos como *deba-ter: contender com alguém / cum aliquo contendere*²⁶.

DÉBAT, s.m. Contestation, contention, dispute. Contentio, onis, f. Cencertatio, onis. f. Controversia, ae, f. Altercatio, onis, f. [...]

DÉBATTRE, V. act. Contester, disputer. Aliquid ou de re aliquâ cum aliquo contendere [...] ou disceptare ou concertare [...]

DÉBILE, adj. m. & f. Faible, sans force, languissant. Debilis, m. & f. debile, n. [...]

DÉBILITÉ, subst. fem. Faiblesse de quelque partie du corps. Debilitas, atis f. [...] de la faiblesse de l'esprit. Animi debilitas. Cic. Infirmus animus. Ter.

DEBILITER, V. act. Affaiblir, rendre faible. Debilitare. Infirmare. [...]

DEBATE. Contenda, disputa. *Altercatio, onis. Fem. Cic. Contentio, onis, ou controversia, ae. ou concertatio, onis. Fem. Cic. [...]*

DEBATER. Contender com alguém. *Cum aliquo concertare, ou contendere. [...]*

DEBIL. Fraco de forças. *Debilis, le, is. [...]*

DEBILIDADE. Fraqueza do corpo, ou do espirito. Debilidade do corpo. *Corporis debilitas, atis. [...]* Debilidade do espirito. *Animi infirmitas, ou debilitas [...]*

DEBILITAR. Enfraquecer. *Debilitare. Cic. Debilitar. Abater. Diminuir. [...]*

Neste género de definições, a identificação das fontes é complexa, tanto mais que para a sua composição o lexicógrafo mobiliza antes de mais a própria competência linguística. Todavia, sabendo-se que Bluteau percorreu estes dicionários para deles retirar exemplos de latim expurgado de barbarismos, não poderia deixar de colher influências das definições francesas, que frequentemente se concertavam com fraseologia latina por meio de vínculos etimológicos, igualmente válidos para o português.

No *Vocabulario*, a tradução não se resume à procura de equivalentes para o português. Porque a discriminação de sentidos em latim goza de uma considerável autonomia, o processo de tradução funciona em ambas as direcções. Em português, os exemplos e as combinatórias fixas estão limitadas pela categoria gramatical da palavra-lemma, mas na componente latina do mesmo artigo as fronteiras podem alargar-se a toda uma família de palavras derivadas. Os dicionários vernáculo-latim integravam com naturalidade as divergências nos siste-

²⁶ Sobre as características do dicionário de Danet, no que respeita à técnica de definição, cf. Quemada, 1998: 55-56.

mas morfológico-derivacionais das línguas em confronto, pois os consulentes pretendiam aceder a uma informação latina tão completa quanto possível, desconsiderando a coerência da análise semântica do vulgar. Dando continuidade a este modelo, Bluteau dispõe aleatoriamente alíneas subordinadas ao latim nos artigos do dicionário, o que perturba a clareza da ordenação dos sentidos em português, na medida em que tais subentradas não podem ser consideradas como parte da nomenclatura, nem são formalmente equiparáveis a exemplos ou colocações.

Na falta de uma palavra específica, o dicionarista exprime, através de paráfrases, determinadas categorias lexicais latinas de formação regular que a gramática portuguesa não contemplava. De facto, estes enunciados poderiam ser lidos ao contrário, pois o verdadeiro lema é o termo latino e a subentrada a sua explicação²⁷. Entre os casos mais frequentes destacam-se:

— os substantivos abstratos derivados de uma raiz verbal (com sufixo latino *-tio*), e que traduzem a realização da acção que o verbo descreve:

BANHAR [...] A acção de se banhar. *Lavatio, onis. Plin. Hist.* [...] [< lat. lauare]

BELISCAR [...] A acção de beliscar. *Vellicatio, onis. Fem. Senec.* [< lat. uellicare]

CAVALLO [...] A acção de andar a cavallo. *Equitatio, onis. Fem. Plin. Histor.* [...] [< lat. equitare]

— os nomes de agente a partir do sufixo latino *-tor / -trix*:

CONCERTAR [...] O que concerta as cousas, & as poem em ordem. *Dispositor, & ordinator. Senec. Philos.* [...]

BUSCAR [...] O que busca alguma cousa. *Indagator, oris. Masc. Columel. Investigator, oris, Masc. Cic. A que busca. Indigatrix, icis. Fem. Cic. S. Tuscul.* [...]

— adjectivos derivados de substantivos, com os sufixos *-to / -fer*, de valor possessivo:

ABANICO [...] Aquelle, que traz abanico. *Flabellifer, a, um. Plaut.* [...]

BRACELETE [...] Aquelle, que traz braceletes. *Armillatus, a, um.* [...]

²⁷ Cf. Girardin, 1995: 23-24, sobre a natureza e função dos enunciados exemplificativos no dicionário bilingue de Pomey, que são traduções dos termos latinos e não exemplos da palavra-lema.

CAPA [...] Aquelle, que traz capa d'agoa. *Penulatus, a, um. Cic. pro Mil.* [...]

Com as progressiva latinização do português, muitos destes termos serão decalcados com o significado original, suprimindo necessidades da expressão cuidada a que só o latinismo parecia dar solução satisfatória:

BANHO [...] Cousa concerente a banhos. *Balnearius, a, um. Ulpian. Balneatorius, a, um. Mart. Jurisconsul.* [...]

BANQUETE [...] Cousa concernente a banquete. *Convivalis, Masc. & Fem. le, is. Tit. Liv.* [...]

Para muitas destas dificuldades a *Prosodia* apresentava soluções mais próximas do vernáculo, como *equitatio / a cavalgata, vellicatio / a beliscadura, indigador / o caçador*, mas a tendência para os latinismos prevaleceria ao longo do século XVIII. Algumas palavras, que nem sequer figuravam na nomenclatura do *Vocabulario*, já eram empregues com um carácter híbrido e ocorrem integradas no texto das glosas, mantendo o sentido original²⁸.

Os dicionários bilingues dos jesuítas franceses não eram instrumentos elementares do ensino do latim, pois pretendiam consagrar nos seus artigos as «meilleurs façons de parler» e as «expressions elegants», como se pode ler nas páginas de rosto das obras de Danet (1683) e Pomey (1664, 1691). Seguindo o exemplo destes autores, Bluteau concebe um dicionário em que a expressão portuguesa possa beneficiar da tradução de bons modelos de eloquência latina, ao mesmo tempo que fornece, aos que desejam compor em latim, excertos suficientemente extensos e elucidativos, que permitam reproduzir um uso com propriedade e elegância sintáctica.

O *Vocabulario* cumpre a função primordial de verter para latim, sempre que possível, as estruturas essenciais da língua portuguesa, sejam combinatórias fixas ou co-ocorrentes privilegiadas, o que implica frequentemente a composição de fraseologia latina para esse efeito específico, sem abonação em autor clássico. Todavia, não seria de menor interesse para o consulente típico a incorporação de uma variedade e quantidade de citações latinas, de uma forma inédita na lexicografia portuguesa, directamente inspirada na tradição do *Thesau-*

²⁸ Por exemplo, *convivalis*, «relativo a banquete»: «Nos seus Symposiacos, ou questuens **convivaes** mostra como este Adonis [...]» (*Supp.*, s.u. ADONIS).

rus de Robert Estienne e no *Calepino* de Lyon (1681)²⁹. Nenhum dos anteriores dicionaristas portugueses conseguiu reproduzir as características que valorizavam o *Thesaurus*, mas que estavam muito para além dos objectivos de edições com horizonte escolar: abundância de exemplos em contextos, citações dos melhores autores do período áureo da latinidade e rigor filológico nas transcrições³⁰.

Estienne instituiu um fundo textual, parcialmente recuperado dos primeiros *Calepinos*, que será partilhado pelos lexicógrafos posteriores, de acordo com os objectivos e dimensão das respectivas obras. O confronto do *Vocabulario* com os diversos dicionários latinos que Bluteau consultou demonstra que frequentemente prefere o *Thesaurus*, não só para recuperar na íntegra as citações que os autores seguintes mutilaram, mas sobretudo porque a obra, tal como fora concebida, permitia uma tradução para vernáculo das estruturas linguísticas que introduziam as subentradas, como de resto sucedera em francês com o *Dictionarium latinogallicum* (1538) de Estienne. Mas, tendo em conta a extensão dos artigos do *Thesaurus* — por vezes várias páginas em tipo miúdo — os dicionários bilingues mais recentes proporcionavam sínteses muito úteis, na medida em que seleccionavam a fraseologia francesa essencial e as estruturas latinas correspondentes, que Bluteau podia ampliar com citações.

Nos domínios lexicais «translinguísticos», essencialmente herdados do latim, este auxílio foi bem aproveitado. Sem excluir o recurso a outros textos lexicográficos, nomeadamente o *Calepino*, é clara a importância do *Thesaurus* enquanto *corpus* informativo de referência. Bluteau respeita a ordenação lógica do grande dicionário latino — primeiro as combinações do lema com os quali-

²⁹ No início do século XVIII, o *Dictionarium, seu Latinae Linguae Thesaurus* mantinha-se como uma fonte autorizada e abundantíssima das melhores citações latinas, com a vantagem de estas se encontrarem agrupadas de acordo com os contextos sintácticos (1.^a ed. Paris: 1531; 2.^a 1536, ampliada e bilingue; 3.^a 1543, monolingue. Bluteau possuía uma edição de Lyon, 1573, 4 vol. in-fol.). Sobre os principais aspectos lexicográficos do *Thesaurus* e a influência nos primeiros dicionários portugueses, cf. Verdelho, 1995: 346-363. Cardoso, Barbosa e Bento Pereira consultaram Estienne e dele retiraram informação para a constituição da nomenclatura, exemplos de estruturas linguísticas fundamentais, algumas breves citações e muitas indicações de abonação; todavia, sobretudo na *Prosodia*, o ascendente do *Calepino* foi preponderante (*ibidem*: 349, 363). Sobre as fontes lexicográficas do *Thesaurus* e a recepção da obra, cf. Quemada, 1998: 49.

³⁰ Segundo T. Verdelho (1995: 350), é precisamente este quadro tipológico que liga a designação de *Thesaurus* às ideias de abundância (riqueza) e de recuperação do património textual escrito.

ficadores, depois os sintagmas com núcleo verbal — e integra mais de metade das subentradas da obra original. Embora não iguale o número de abonações, as citações mais extensas também foram recolhidas em Estienne. Por sua vez, o dicionário de Danet forneceu as combinações mais frequentes e de interpretação consensual, que não necessitariam de clarificações adicionais ou exemplos.

O facto de o latim ser ainda uma língua de expressão literária e de intercomunicação, em muitos domínios com larga vantagem sobre o vernáculo, parece justificar a ruptura nas relações de equivalência entre as duas línguas. Bluteau não subestima a competência do consulente no que respeita à interpretação do latim, pelo que, em determinados contextos, os artigos integram informação que é muito parcialmente explicada em português, ou que permanece sem qualquer tradução. Os leitores eruditos decerto apreciariam a citação de largos excertos de autores e títulos de acesso restrito, evocando um *corpus* de referência que à distância pode ser classificada como a literatura histórica e científica mais valorizada no século XVII.

3. INTEGRAÇÃO DE SABERES

A configuração tipológica do *Vocabulario* admite, para além da informação linguística, um desejável alargamento a dados de tipo enciclopédico que reflectem conhecimentos sobre factos e coisas, e não apenas sobre as palavras que os designam. Como se observou a propósito da técnica de elaboração da definição — estritamente entendida como a categoria de informação dicionarística que explica o significado da palavra — o facto de esta poder assentar em descrições pormenorizadas das características e funcionalidades dos referentes extralinguísticos é já revelador de uma orientação enciclopedista, na medida em que o lexicógrafo omite as informações respeitantes ao uso do signo linguístico e a palavra-lemma é entendida como um pretexto para a evocação de realidades e factos, por vezes com relações remotas ou circunstanciais ¹.

Mas o principal núcleo de informação de tipo enciclopédico encontra-se sob a forma de dados suplementares, aparentemente externos à definição, mas que na prática a completam, seja pelo desenvolvimento de aspectos sucintamente abordados nas marcas de finalidade, funcionalidade e descritivas, seja pela adição de factos históricos. Não se trata de uma categoria de ocorrência sistemática, mas sim um enriquecimento apreciado e acrescentado de acordo com a disponibilidade das fontes, que obriga a ajustamentos na estrutura do enunciado dicionarístico de modo a integrar as informações acessórias, ori-

¹ Sobre a confluência da informação linguística e enciclopédica nos dicionários, cf. Hartmann e James, 2001: s.u. ENCYCLOPÉDIC DEFINITION, ENCYCLOPÉDIC DICTIONARY, ENCYCLOPÉDIC INFORMATION.

ginando um conjunto de artigos extensos, de redacção mais cuidada e essencialmente monolíngues.

A configuração do discurso enciclopédico é patentemente influenciada pelo dicionário de Furetière e pelos subsequentes imitadores, responsáveis por uma original técnica de compilação e ordenação de dados extralinguísticos em vernáculo, a partir de um *corpus* que reunia fontes clássicas e fontes actualizadas. O confronto entre o *Vocabulario* e o *Dictionnaire Universel* revela uma transposição dos artigos que por vezes é quase literal, reproduzindo o tipo de informação e a sua concatenação, mas também é notório que Bluteau facilmente intuiu as regras do modelo subjacente, o que lhe permitiu abreviar a generalidade dos artigos de Furetière, eliminando as informações que considerava demasiado especializadas ou contrárias à fé e às explicações decorrentes da doutrina religiosa. Da mesma forma se explica o modo como compôs inúmeros artigos relativos a factos e referentes não contemplados em Furetière, seleccionando de fontes do património textual português as «notícias» que julgava serem adequadas a um dicionário universal.

As características deste discurso enciclopédico faziam do *Vocabulario* um texto original no panorama editorial português, ímpar no que respeita à abundância, variedade temática, referência de autoridades, clareza quase didáctica e organização indexada, isto para além do facto de reproduzir dados muito actuais, inacessíveis em língua portuguesa e ignorados até nos tratados latinos de aceitação mais comum nos colégios nacionais. No século XVII, o conhecimento das teorias fundamentais da astrologia, física e filosofia, deve-se aos estrangeiros que ensinaram em Portugal uma vez que os livros que as veiculavam haviam sido proibidos (Dias, 1953: 275-280). Por isso, a informação enciclopédica é um dos elementos que conferem ao *Vocabulario* um estatuto lectural verdadeiramente transdicionarístico.

Percebe-se a real importância desta renovação uma vez que o exemplo mais próximo de uma recolha ampla de saberes é a *Escola decurial de varias liçoens* do cisterciense Fr. Fradique Espínola (m. 1708), com 12 partes publicadas entre 1696 e 1721, que é uma tentativa de actualizar um enciclopedismo de tradição medieval. Trata-se de uma obra de carácter lúdico, com uma distribuição aleatória das diversas matérias, e orientada sobretudo para uma leitura integral, já que os índices e os títulos dos capítulos são pouco informativos acerca dos conteúdos ².

² «o [tempo] q̄ eu gastey em te dar estas noticias (materias, que bem te podem divertir, quádo a forma te não contente) foy sómẽte, por aproveitar aos principiãtes, que desejaõ de

No conjunto destaca-se o predomínio das temáticas religiosas, com abundantes referências a episódios bíblicos e explicitação de preceitos da vivência cristã e simbologia dos rituais litúrgicos (Espínola, *Escola decurial*, I: 49). O autor acolhe tópicos de uma longa tradição de especulação filosófica medieval, como a idade dos homens no início do mundo ou as múltiplas questões *de origine* a propósito das artes e das práticas sociais. Repetidas vezes manifesta a crença na influência da astrologia na índole e características pessoais (*ibidem*, II: 7), e também os fenómenos físicos são explicados pela «subordinação que todas as cousas sublunares tem aos corpos celestes» (*ibidem*, I: 31). Na *Escola decurial* não há intenção de refutar as alegações dos «graves Autores», pelo que se reproduzem casos prodigiosos, pitorescos e moralizantes, recolhidos acriticamente da tradição escrita. O tema da linguagem tem um espaço diminuto, preenchido por episódios históricos e míticos de algum modo relacionados com a escrita ou a fala, ou por declarações de etimologias fundamentadas em alegorias³.

Bluteau não recusará em absoluto a inclusão de pormenores anedóticos ou prodígios fantasiosos, mas o distanciamento com que os narra e o espaço que lhes dedica afastam-no do modelo de miscelânea que preside ao texto de Fr. Fradique⁴.

3.1. Conteúdos do discurso enciclopédico

No *Vocabulario*, bem como em Furetière, a estrutura do enunciado enciclopédico não é fixa, sendo possível identificar um conjunto de técnicas para a

tudo saber algũa cousa; e a aprêder em poucas regras, o q̄ os outros estudàrão em muitas quantidades de livros» (Espínola, *Escola decurial*, I: «Ao leitor»).

³ Por exemplo, no capítulo «Donde teve principio este nome Fidalguia» (Espínola, *Escola decurial*, III: 60), esclarece que a origem remonta ao casamento entre um varão ilustre de nome Fidal e uma senhora de nome Guia. No *Vocabulario*, Bluteau comenta este achado filológico e distancia-se das explicações que não sejam corroboradas pela tradição gramatical: «O Padre Fr. Fradique Spinola na 3. parte da sua Eschola Decurial Decuria 3. lição 9. deu a esta palavra huma notavel etymologia, que até agora só neste seu livro achei. [...] No tempo, que eu estive no Real Mosteiro de Alcobaça, tive muita amizade com este Padre, e sempre me pareceo muito amigo da verdade; supponho, que naõ inventou esta etymologia, mas até naõ achalla em Author antigo fidedigno confesso, que sempre a terey por patranha.» (*Supp.*, s.u. FIDALGUIA).

⁴ O *Vocabulario* será uma fonte privilegiada para outra publicação de tipo enciclopédico no século XVIII, o *Divertimento erudito* (1734-1744) de Fr. João Pacheco. Cf. cap. V.1.3.

construção de um discurso que completa a definição, orientado para a explicação de dados extra-linguísticos ⁵. Essas técnicas discursivas, que vinham sendo desenvolvidas desde a lexicografia latina, podem ser sintetizadas em quatro categorias principais:

- amplificação das informações constantes na definição;
- adição de subcategorias informativas não contempladas na definição;
- adição de exemplos com o intuito de corroborar a definição com outros factos extralinguísticos;
- divisão de um conceito genérico em espécies, recorrendo a listas e taxionomias.

Embora estas estratégias conheçam uma aplicação transversal, é possível identificar formulações típicas de determinados domínios do saber, na medida em que a ordenação lógica da exposição se ajusta à natureza dos conteúdos temáticos. Isto porque as fontes informativas — fossem em primeira mão ou já recuperadas de outro dicionário — eram sobretudo os autores que haviam compilado os dados numa área do conhecimento, pelo que os excertos tendem a reflectir as estratégias discursivas que lhe eram características. Assim, artigos consagrados a termos de medicina, geografia ou botânica distinguem-se não só pelo tipo de definidores específicos que seleccionam, mas também pelos tópicos da informação complementar. A análise de um número restrito de domínios (medicina, química, cosmologia, botânica, toponímia), que representam um número elevado de artigos do *Vocabulario*, permite observar o emprego das estratégias acima enunciadas.

3.1.1. *Medicina*

A explicação dos termos relativos à anatomia, farmácia, doenças e fenómenos fisiológicos — em geral decalcados ou construídos tardiamente a partir do grego — principia por uma análise etimológica em que se evidencia a justa relação entre o nome e as funções ou propriedades do referente. No caso es-

⁵ Sobre o discurso enciclopédico de Furetière, cf. A. Rey, 1978, em especial os capítulos «Le Dictionnaire universel — Un texte élaboré» (pp. 79-84) e «Structures d'un dictionnaire» (pp. 85-95).

pecífico dos termos de anatomia (cf. o artigo DIAFRAGMA), a definição completa-se com a explicitação da função e a localização relativa face a outros referentes conhecidos (cf. 1, *infra*). As informações complementares (2) são amplificações de aspectos que haviam sido sumariamente referidos na definição inicial, como a relação entre a forma, a função e o funcionamento (2.1), ou a descrição pormenorizada das partes componentes (2.2). Por fim, algumas afirmações lacónicas que no *Vocabulario* surgem sem autorização e quase a título de curiosidade (como 2.3) traduzem muito parcialmente uma subcategoria informativa que em Furetière se encontra bem mais desenvolvida, e que acolhe dados decorrentes de observações, experiências e autópsias, avalizadas pela sistemática citação de autoridades médicas recentes ⁶.

- | | |
|-----|--|
| [1] | DIAFRAGMA. (Termo Anatomico.) Derivase do Grego <i>Diaphratein</i> , que val o mesmo, que dividir huma cousa da outra, como frontal, ou muro divisorio. O diafragma, he hum paniculo, ou membrana musculosa, que atravessando o peito, divide, & separa os membros vitaes, a saber, o coração, & os bofes, dos membros naturaes, a saber, o baço, & intestinos. |
| [2] | [2.1] He largo, & redondo a modo de Raya, & se estende de hũa a outra ilharga, com situação oblíqua, & como principal instrumento da respiração, se afroxa, quando se toma o ar, & quando se lança, se entesa. [2.2] He composto de dous circulos hum membranoso, & outro carnosos; tem duas veas, duas arterias, & dous nervos, & dous buracos na parte inferior, hum, por onde passa a vea cava montante na parte direita, & outro na parte esquerda, por onde passa o Izofago ao estomago. [2.3] Dizem que se vẽ morrer com o riso na boca, os a que se atravessou com espada o diafragma [...] |

Em geral, a amplificação inscreve no artigo dois núcleos de informação com graus distintos de complexidade. Em *CAVA* (*infra*) observa-se o modo como dois aspectos essenciais da definição — é a «mayor vea do corpo» (descrição) e «nela todas as veas vão desagoar» (função) — são desenvolvidos na segunda parte do artigo, com a discriminação do percurso (2.1) e a enumeração das veias com que comunica (2.2). Sem deixar de proporcionar uma

⁶ Este aspecto é aprofundado no capítulo IV.3.2, dedicado às fontes da informação enciclopédica.

descrição exaustiva do referente, a informação complementar representa uma síntese do conhecimento sobre um sistema mais vasto do qual o referente é uma parte.

- [1] Cava. (Termo Anatomico.) A vea cava. Assim chamada, em razaõ da sua notavel cavidade, he a mayor vea do corpo humano; & nella todas as veas sanguinhosas, excepto a pulmonaria, como riachos, & ribeiros vaõ desagoar, & descarregar o sangue, que levaõ.
- [2] [2.1] Corre a *vea cava* ao longo do espinhaço, desde o osso sacro até à garganta, & passando em linha recta pelo ventre superior, inferior, naquelle está immediata ao Coração, & neste está pegada ao figado, de cujas partes gibbosas sahindo divide o seu tronco em ascendente, & descendente, & se ramifica por todo o corpo. [2.2] Do Diaphragma para cima entraõ na *vea cava*, as *veas Phrenica, Pulmonica, Coronaria, a Intercostal superior, as Subclavias, as Axillares*, & outras muitas pequenas; & do Diaphragma para baixo entraõ na dita *vea cava*, a *Intercostal inferior*, a *Mammilar*, a *Mediastina*, a *Cervial* [sic], a *Muscular inferior*, &c. [...]

Nos exemplos observados, sob a aparência de um artigo difuso, a estrutura do enunciado é encabeçada pelos tópicos essenciais que garantem uma definição minimamente completa, com autonomia textual, que poderia mesmo dispensar os excursos subsequentes.

Nos artigos sobre doenças ou fenómenos fisiológicos, a definição é autónoma, mas os complementos são subcategorias de informação originais (cf. EXCRECENCIA). De facto, tópicos como as causas (2.1) ou os processos conducentes à cura (2.2) não são considerados entre os definidores fundamentais, embora se enquadrem perfeitamente no tipo de notícias em que assentava a abrangência de um dicionário universal. Quanto às práticas supersticiosas narradas em 2.3, a estrutura impessoal («dizem...», «dão por razão...») expressa um distanciamento crítico, que remete este género de informações para o domínio do pitoresco e do insólito⁷.

- [1] EXCRECENCIA. (Termo de Cirurgiaõ.) Carne, que se cria preternaturalmente em alguma parte do corpo.

⁷ Como nota Alain Rey (1978: 82), com as estruturas impessoais invoca-se uma autoridade de sábios anónimos. A medicina é um contexto privilegiado para recolher superstições incontestadas, das quais o lexicógrafo não se distancia: «EXCREMENTO [...] Até nos excrementos

- [2.1] Procede este genero de tumores do alimento da parte nervosa, ou membrosa, copioso, retido, pouco alterado, mudado em outra substancia, & envolto em sua propria membrana, com diferentes nomes, segundo a diversidade do humor; [2.2] & sua exstirpação total se faz com ferro, ou com fogo, & este antes potencial, que actual. [2.3]
- [2] Dizem, que com o toque da mão do cadaver de homem morto de doença dilatada, se tiraõ as excrecencias; & daõ por razaõ, que o medo da morte communicado ao arqueo da excrecencia, a faz decrecer & minguar insensivelmente, o que não faz o cadaver de homem morto de morte violenta, porque ainda conserva alguma vitalidade, & algum residuo de seu espirito implantado. [...]

Nos artigos que descrevem as classes de medicamentos (cf. CAUSTICO) identificam-se subcategorias como a formulação (2.2) e modo de emprego (2.3), aspectos estes também desconsiderados na definição. No exemplo seleccionado ocorre uma marca comum nos enunciados enciclopédicos, que é a divisão de conceitos genéricos nas suas espécies, que partilham dos traços mínimos anteriormente definidos (2.1):

- [1] CAUSTICO. Substant. (Termo de Cirurgioens, Medicos, &c.) Derivase do Verbo Grego, *Caio*, que val o mesmo, que *Queimo*. Medicamento corrosivo, & adurante, que consõme a carne, como se queimara.
- [2.1] Fazem os Doutores menção de tres generos de causticos, huns fortes, que obrando cõ violencia, são perigosos, outros brandos, mais seguros, & outros, a que chamaõ mediocres, entre o rigor dos fortes, & a suavidade dos brandos. [2.2] O caustico mais ordinario se faz com pò sutil de cal virgem, com partes iguaes, ou com duas partes de sabaõ, o que tudo incorporado faz huma especie de unguento, [2.3] que applicado na parte conveniente, v.g. nas pernas, para a Modorra, nos quadris, para a Ciatica, nas costas, para as tões inveteradas, de traz das orelhas para os estillicidios, abre em poucas horas huma chaga, da qual sahe sem dor a materia, &c. [...]

mostra a natureza, que não obra nada utilmente. De todos pode a Medicina tirar admiraveis remedios. [...] as aparas das unhas dos pés, & das mãos, atadas, sobre o embigo, purgaõ poderosamente as agoas dos Hydropicos. Para a gota, cortaõse as unhas do pé, mettemse dentro de hum buraco, aberto no tronco de hum carvalho, o qual se tapa com huma cunha, & logo cessa a dôr; para desfazer à sospeita de ser este remedio superstição, dá a razaõ delle Marcos Marcial no seu livro, intitulado, Philosophia dos Antigos restaurada. [...]» (*Voc.*, s.u.).

3.1.2. *Química*

No início do século XVIII, «química» era uma designação muito abrangente, recobrando domínios do saber como a alquimia de tradição medieval ou a medicina e farmácia, e que visava explicar a constituição de todos os corpos naturais — incluindo o corpo humano — bem como as regras e procedimentos para a sua manipulação⁸. O profundo conhecimento de Bluteau acerca do pseudo-lulismo e da alquimia, o que poderá explicar o número de entradas do *Vocabulario* relativas aos termos químicos e a extensão dos artigos (cf. cap. 1.4.2). Trata-se de um *corpus* terminológico complexo, de emprego e significação herméticas, em que as próprias definições são geralmente incompreensíveis para os não iniciados.

No que respeita à estrutura do enunciado dicionarístico, partilha com a medicina algumas das subcategorias de informação enciclopédica atrás referidas, como a explicitação de processos e formulações. Todavia, na maioria dos artigos, a definição dos termos químicos baseia-se desde logo na descrição de um processo e dos seus efeitos (cf. 1, em CALCINAR), pelo que na informação complementar encontram-se sobretudo exemplos da aplicação desse processo, que descrevem não o uso da palavra, mas factos extralinguísticos relacionados com o conceito que ela representa:

- | | |
|-----|---|
| [1] | CALCINAR. (Termo de Chimico.) He reduzir metaes, ou mineraes a hum pó subtilissimo, a modo de cal, ou unicamente com a violenta operação do fogo, ou cõ a penetrãte efficacia de agentes corrosivos. |
| [2] | Com azougue, & sal ammoniaco se calcina o ouro em fogo de reverberaçãõ: a prata com sal uzual, & sal de Alkali, o cobre com sal, & enxofre, o ferro com sal ammoniaco, & vinagre, o estanho com antimonio, chumbo, & enxofre, o azougue com agua forte, ou só com fogo, como outros mineraes, que se calcinaõ sem droga alguma. Calcinar antimonio. <i>Stibium torrere (torreo, torruí, tostum.)</i> O ouro se calcina pondolhe tres partes de sal. [...] |

O facto de a relação entre a palavra-lema e um conjunto de factos aduzidos ser meramente analógica é uma marca característica do método de com-

⁸ «CHIMICA. Segundo a accepção commua, he Synonimo de *Alchimia*, ou *Alquimia*. [...] Mas por *Chimica* ordinariamente entendemos a Arte, que com varias, & sutilissimas operaçoens, reduz todos os córpos naturaes a seus primeiros principios, & em minimas particulas os resolve. Á Chimica déve a Medicina a preparação dos metaes, & a parte mayor dos efficazes, & poderòs remedios [...]» (*Voc.*, s.u.).

pilação e indexação das informações extralinguísticas no registo enciclopédico. Regressando ao exemplo, observa-se que o conjunto de factos acumulados (cf. 2 *supra*) nem contribui directamente para a definição, não só porque a relação entre o significado da palavra «calcinar» e a lista das substâncias que permitem calcinar uma determinada série de metais é analógica, mas também porque a compreensão desses factos depende da descodificação do conceito que a palavra-lemma representa.

3.1.3. *Cosmologia, astrologia, astronomia*

Nestes domínios é particularmente notório o modo como os conteúdos da informação enciclopédica se conformam ao contexto cultural português. Ao longo do século XVII, o entendimento sobre a natureza, constituição e funcionamento do universo sofre mudanças decisivas, graças às descobertas de Tycho Brahe (1546-1601) e Kepler (1571-1630), e à divulgação do sistema cartesiano. A nova cosmovisão permite traçar uma distinção essencial entre a astronomia — a observação do movimento dos astros — e astrologia, sendo esta progressivamente descredibilizada à medida que os pressupostos teóricos que a sustentavam são ultrapassados. A astrologia, tal como ainda era veiculada nos tratados do século XVII, conjugava-se com o modelo Ptolomaico dos círculos concêntricos para sustentar teorias sobre a influência dos corpos celestes, cujas forças desciam até ao mundo terreno e condicionavam diversos aspectos da meteorologia, biologia e comportamentos humanos ⁹.

Mas em Portugal encontram-se abundantes testemunhos da prevalência da astrologia e da cosmovisão tradicional, em obras que gozavam de aceitação e são frequentemente citadas no *Vocabulário*, como a *Chronographia, ou Repertorio dos tempos* (1602) de André de Avelar, ou o *Epitome das noticias Astrologicas para a Medicina* (1670) de António Teixeira, que incluía uma acesa crítica aos que descuravam a influência dos astros no tratamento das doenças. É certo que a renitência aos novos paradigmas se explica por motivos religiosos, mas deve assinalar-se também a inexistência de observatórios régios ou universitários

⁹ Na definição do *Vocabulário*, sublinha-se a distinção: «Alguns Authores, assi antigos como modernos, poem entre *Astrologia*, & *Astronomia* esta differença, que esta sò considera o sitio, o movimento, o nascimento, o occaso, a estação, a retrogradação, &c. das estrellas. E aquella se occupa em conhecer, & prognosticar de todas estas noticias o futuro» (s.u. ASTROLOGIA).

que apoiassem o ensino prático da astronomia. Apenas no segundo quartel do século XVIII D. João V mandará instalar no paço um observatório, sob a supervisão dos jesuítas italianos Carbonne e Capacci (Cf. Carvalho, 1975-1978).

Bluteau não desconhecia os progressos científicos, mas ao seleccionar a informação relativa a factos que contrariassem as doutrinas religiosas, procurou adequá-la ao quadro cultural dos receptores (cf. *supra* cap. 1.2.2). Neste aspecto, demarca-se de Furetière e Corneille, que nos seus dicionários instituíram o princípio notavelmente rigoroso de descrever os diversos postulados científicos e expurgar dos artigos muitos dos saberes fundados na superstição. Tanto assim, que um dos objectivos do *Dictionnaire universel françois et latin* (1704) dos jesuítas de Trévoux será justamente recuperar o texto de Furetière, eliminando marcas de heterodoxia. O enciclopedismo do *Vocabulario* tenta corresponder a um conjunto de saberes tradicional e localmente valorizados. Por isso, a leitura que Bluteau faz das fontes enciclopédicas não é servil, omitindo ou acrescentando dados e subcategorias informativas, de modo a que o leitor erudito português encontre os seus interesses espelhados nas páginas do *Vocabulario*.

O tratamento dos termos de astronomia e astrologia obedecerá a esse princípio, com um núcleo de informação que coincide com os tópicos de Furetière e Corneille, com a definição por localização num sistema restrito (cf. 1.1 em CANCRO, *infra*), a relação entre o nome e as características do referente (1.2) e a compilação dos dados das observações astronómicas (1.3)¹⁰. O segundo grupo reúne o género de excursos que os lexicógrafos franceses recusavam, como as influências dos astros na natureza (2.1), no ser humano e na sua saúde (2.2) e a narração do fundo mítico clássico associado ao corpo celeste ou facto astronómico (2.3).

- [1] CANCRO. (Termo Astronomico.) [1.1] He o quarto dos doze signos do Zodiaco, que em Latim se chama *Cancer*, que quer dizer Cangrejo, ou Caranguejo; [1.2] porque assim como este marisco anda para traz, assim o Sol entrando no tal signo, he retrogrado, [1.3] virando para a linha equinoccial, em 21. dias de Junho, que he o ponto, em que se dá o Solsticio estivo. Consta este signo de treze Estrellas na opiniaõ de Ptolomeo, na de Queplero tem 17. & na de Bayero 35.

¹⁰ Cf. o original de Furetière: «CANCER, est aussi un des signes du Zodiaque, où quand le Soleil est parvenu vers le 21. Juin, il est au Solstice d'esté. C'est une Constellation qui a 13. estoiles, selon Ptolomé; selon Kepler 17. & selon Bayerus 35. qui sont de la nature de Mars & de la Lune: aussi le Cancer est-il la maison de la Lune. Il a été ainsi nommé, à cause qu'il represente un cancre ou écrevisse, & que le Soleil commence à reculer ou à retourner vers l'Equateur quand il y est arrivé, à la maniere des écrevisses» (Furetière, *Dictionnaire Universel*, 1690, s.u.).

[2] [2.1] He signo Estivo, Solsticial, & mobil, porque quando o Sol entra nelle, se muda a calidade do tempo, acabando a primavera, & começando o Estio. He casa nocturna, & diurna da Lua, exaltação de Jupiter, detrimento de Saturno, & cahida de Marte. [2.2] Tem dominio no peito, estomago, bofe, & baço. [2.3] Fingirão os Poetas, que sahira de huma lagoa hum cangrejo, & que mordera a Hercules, quando pelejou com a Serpente Lernèa; & com esta fabula quizeraõ significar a natureza deste signo, o qual he aquatico, & sua influencia moderadamente fria, & humida para a criação, & nutrimento das criaturas vegetantes, & sensitivas. [...]

Bluteau não pretende negar a existência de novas teorias para explicar o real, nem oculta o nome dos proponentes; todavia, cita-as de forma abreviada e com comentários que sublinham a sua reprovação¹¹. O *Vocabulario*, que se assume como uma obra institucional favorecida pelo poder político e religioso, não poderia transigir na defesa de princípios basilares da ordem estabelecida.

3.1.4. *Botânica*

Os nomes de plantas mereciam destaque alargado nos dicionários monolíngues latinos desde o século XVI. Nos *Calepinos* mais volumosos encontram-se descrições pormenorizadas, a par de especulações filológicas que confrontam as diversas referências a plantas que ocorrem nos textos latinos, procurando identificá-las entre as espécies do mundo natural moderno¹². Neste domínio, a

¹¹ Cf. a discussão sobre o movimento da Terra: «SYSTEMA. [...] Este Systema [de Copérnico] tem muytas probabilidades apparentes, & muytos sequazes, principalmente da categoria dos Eterodoxos, & de Filosofos naturaes, q̄ cõ sutilissima audacia interpretação em seu favor as escrituras declaradoras do movimêto do Sol, & da immobilidade da Terra. Porém como não ha demonstraçoens, nẽ evidencia algũa das singularidades, q̄ neste Systema se supõem, melhor he ignorallas com docilidade, & obediencia, do que sustentallas com obstinação [...] Descartes Philosopho, & Cavalheyro Francez, acrescentou outro Systema, em que depois de confutado, & regeytado o de Ptolomeo, que se não compadece com algũas observações modernas, faz dos outros dous hum composto, & hum discreto temperamento, em que não admite cõ Copernico o movimento da terra [...]» (*Vóc.*, s.u.).

¹² Consultou-se uma edição de Lyon, 1559. Também na *Prosodia* de Bento Pereira são frequentes as hesitações em atribuir o português correcto a nomes latinos de plantas.

técnica lexicográfica obedecia a um modelo cristalizado, pelo que os dicionários universais se limitam a ampliar a quantidade e a minudência das informações.

Na ausência de um sistema de espécies e subespécies, a definição apresenta-se sob a forma de uma extensa descrição, na qual não é possível isolar um núcleo em que reside uma explicação concisa que assinale o género e diferença. Observe-se o artigo ARRUDA (cf. *infra*), em que a justificação etimológica inicial (1) não constitui definição bastante e apenas introduz uma longa descrição (2), logicamente estruturada de acordo com as características do referente, em que são tópicos habituais a divisão em espécies (2.1 e 2.2), a descrição de cada um dos componentes (caule, folhas, flor, frutos, ...) e a percepção ao olfacto, tacto ou paladar. São comuns as comparações com referentes de aspecto e características semelhantes, o que reforça o visualismo deste género de descrições¹³:

- [2] ARRUDA. [1] Planta, assim chamada do Grego *Ruo, conseruo*, porque ajuda a cōservar a saude. [2.1] Hà de duas especies, Arruda mansa, hortense, ou domestica, lança hūs talos da grossura de hum dedo, ramosos, & cubertos de huma casca alvadia; as folhas são pequenas, compridinhas, carnosas, retalhadas, & de huma cor de verde mar. Na summidade das folhas brotaõ as flores, cada huma de quatro folhas, de hum amarello deslavado. Toda a planta tem hum cheiro muito desagradavel, & he muito acre, & amargosa ao gosto. [2.2] A arruda brava, ou silvestre he de duas especies, differe da Arrudà domestica em ser muito mais pequena, & ter as folhas divididas em partes mais estreitas, & de hum verde mais escuro. A segunda especie de Arruda brava dà humas folhas deitadas por terra, & muito mais miudas, que as outras.
- [3] [3.1] Toda a casta de Arruda he attenuante, incisiva boa contra venenos, & mordeduras de cãens danados, abate os vapores, fortifica o cerebro. [3.2] Antigamente mettêdo humas folhas de arruda agreste, & duas pernas de noz em hum figo agreste, o comiaõ, para se preservarem da peste. Nas portas se penduraõ folhas della para defenza de feitiços; tambem dizem, que seu fumo he excellente nas casas, & berço das criãças, para as preservar de quebranto, & as curar estando já abaladas, & enfermas delle. [...]

¹³ No artigo ARRUDA a comparação está limitada a uma espécie próxima; tal não sucede no seguinte exemplo: «CARYOPHILLATA. [...] colhida no fim do mez de Março dà hum cheiro aggradavel, quasi como de cravo. Lança muitas folhas compridinhas, peludas, como as da Agrimonia, mas mais asperas, mais duras [...] sahem huas flores amarellas, com figura de rosas [...]» (*Voc.*, s.u.).

Segue-se a lista das utilizações da planta, o que pode compreender as virtudes terapêuticas, aplicações na alimentação humana ou animal e também a descrição dos respectivos processos de preparação (3.1). Bluteau ainda valoriza as propriedades de carácter simbólico e os rituais supersticiosos em que eram empregues (3.2), tópicos que por norma Furetière e Corneille ignoravam¹⁴.

Não é uma coincidência que este tipo de enunciado lexicográfico, quando sobrecarregado de pormenores, se assemelhe às observações da natureza exótica que se encontram nas relações de viagens, que conjugavam a descrição física e uma cuidada narração dos usos que os nativos lhes davam. Os testemunhos dos viajantes contam-se entre as fontes informadoras dos dicionários franceses e também de Bluteau, que no *Vocabulario* traduziu quase à letra longos excertos de descrições da flora da Índia e do Brasil, aproveitando os pormenores pitorescos que relacionavam as plantas com os costumes dos habitantes locais (cf. Gonçalves, 2003: 400. Cf. também cap. IV.3.2.3).

3.1.5. *Toponímia*

As informações sobre países, regiões, cidades, rios, montes e outros acidentes naturais decerto suscitaram um vivo interesse entre os leitores do *Vocabulario*, o que se depreende do incremento que este domínio do léxico registou no *Suplemento*. Trata-se da primeira tradução para português de um manancial de dados que circulavam em dicionários latinos especializados e na recente obra de Moreri, modelos estes que configuram artigos em que a vertente linguística é praticamente ignorada (cf. cap. III.1.4.3).

No *Vocabulario*, a leitura destes extensos enunciados revela uma estrutura complexa e variada. Por um lado, os dicionários históricos que Bluteau compulsou encontravam-se ainda numa fase de expansão dos conteúdos, pelo que para os seus autores a acumulação de dados era mais importante que um esforço de síntese e reordenação ponderada; por outro lado, o teatino recorrerá também às notas geográficas e etnográficas das relações de viagens, o que imprime ao dicionário a característica prolixidade das descrições originais.

A influência das «relações» é notória nos artigos relativos à toponímia exótica do Oriente e do Brasil. O nome de uma região ou cidade é apenas o

¹⁴ Furetière (1690) e Corneille (1694) são a fonte principal do artigo ARRUDA (s.u. RUE, nos dois dicionários) e ambos os autores se cingem às aplicações médicas.

pretexto para a descrição física, social e cultural, de acordo com um conjunto de tópicos que, sem ocorrerem obrigatoriamente em todos os artigos, ou sem que a ordem da apresentação obedeça a uma estrutura fixa, corresponderiam ao âmbito de interesses do leitor «curioso». Os tópicos mais frequentes são ¹⁵:

— localização geográfica e política, mencionando regiões ou países próximos:

LAO. Reyno da India, ao Levante do Reyno de Tunquin, e ao meyo dia do Reyno de Camboja. [...]

— descrição da geografia, fauna e flora:

As cordilheiras dos montes, que o cercaõ, e as grandes matas de arvores altissimas aos pés dos ditos montes, o fechaõ [...] Tem hum grande rio, tambem chamado Lao, dividido em muitos canaes, pela mayor parte navegaveis, e por muitos rios que correndo receba em si, nunca tresborda, porque tem margens muito altas [...]

— índole dos habitantes:

Os Povos de Lao são muito doceis, e cortezes para com os estrangeiros; prezaõse de fieis, e synceros; dos bons officios que fazem, o primeiro que elles mais estimaõ he, que a pessoa que da sua agencia se valeo, celebre a sua fidelidade [...]

— instituições de governo:

O Rey he senhor absoluto de todas as terras do Reyno, aos filhos dos defuntos só larga alguns moveis, e lhes dá alguma tença. Em cada huma das sete Provincias do seu Estado constitue hum Vice-Rey, mas todos sete sempre assistem na Corte, e mandaõ locotenentes para os seus governos [...]

— defesa das cidades e acessibilidades (terra, mar, portos):

Tem este Reyno muita gente, na resenha, que se fez nos annos de mil e setecentos, se acharaõ quinhentos mil homens capazes para as fun-

¹⁵ Os excertos ilustrativos são retirados do artigo LAO (*Supp.*, s.u.).

çoens militares, sem fallar em velhos, que ainda na idade de cem annos podiaõ servir na guerra em caso de necessidade [...] As cordilheiras dos montes, que o cercaõ, e as grandes matas de arvores altissimas aos pés dos ditos montes, o fechaõ de sorte, que o fazem quasi impenetra-vel aos Povos visinhos, se o quizessem invadir [...]

— religião e ritos:

Pelo que toca à Religiaõ, são Idolatras, e summamente supersticiosos; porém não offerecem sacrificios, nem aos seus idolos immolaõ victimas; só os perfumaõ com cheiros, e com flores cobrem os seus Altares [...]

— riquezas (fausto, abundância de alimento, produtos comerciáveis):

A terra he fertilissima. Na parte que olha para o Oriente dá hum arroz, que tem hum cheiro, e sabor admiravel [...]

Entaõ [o rei] sahe com diadema na cabeça, montando em hum Elefante, e cuberto de tantos diamantes, e pedras finas, que sem encarecimento se póde dizer, que traz sobre si as riquezas de hum Reyno [...]

— notas pitorescas (costumes extraordinários) ¹⁶:

raras vezes comem vaca, ou aves de penna; quando as poem a assar no espeto, não as depennaõ, nem se lhes dá do mao cheiro causado do fumo. Dos furtos que se fazem nas estradas, os moradores mais visinhos tem obrigação de pagar o valor [...] e he cousa notavel, que os peixes deste rio, entrando no de Camboja, morrem; e aos do rio Camboja, passando para o rio Lao, succede o mesmo [...]

Do ponto de vista linguístico, um dos interesses destes longos relatos reside na tentativa de reproduzir as designações das línguas originais (cargos, deuses, fauna, flora), que em geral são acompanhadas por definições integradas no discurso (e.g.: «só aos Telapoens, ou Sacerdotes dos Idolos he licito ter casas de cantaria»).

¹⁶ As descrições de paragens exóticas são férteis em casos fabulosos. Segundo Alain Rey (1978: 82), para Furetière África é o «asile de l'irrationnel», onde locais distantes e secretos acolhem prodígios e um quotidiano impensável.

A atenção que Bluteau concede à vastíssima toponímia da história antiga e do mundo clássico obedece a objectivos distintos. Trata-se de locais referidos pelos autores clássicos (cidades, palcos de batalhas, sítios bíblicos) e que são descritos à luz dos contextos históricos da Antiguidade, como se cristalizados no tempo. Na generalidade dos artigos não há actualização das informações da tradição pelo que, para o consulente, pode até suscitar-se a dúvida sobre a existência moderna desses locais com os mesmos nomes. De facto, muitos desses topónimos converteram-se em tópicos de uso literário e nessa condição que são incluídos na nomenclatura do *Vocabulario*, seja pela evocação dos factos históricos que neles ocorreram ou pelo fundo mítico que explica o seu nome ou a sua origem. Daí que Bluteau privilegie informações eruditas como a origem fabulosa e a simbologia inerente ao nome, e exemplifique os aproveitamentos literários na literatura latina e portuguesa, sobretudo a épica ¹⁷:

CYTHERON. Monte da Boecia, que acaba junto da Cidade de Thebas, cujas raizes lava o Rio Assopo. Não he parte do Monte Parnasso, (como cuydou Servio) porque (como advertio Probo) dista do Parnasso mais de trinta mil passos. Foy consagrado a Apollo, & às Musas, donde ellas se chamaoẽ *Cytherides*; foy consagrado a Bacco, & nelle se faziaoẽ huns sacrificios nocturnos a Bacco cada tres annos, chamados por esta razaoẽ *Trieteria*; & porque se cuydava, que Bacco vivia neste monte com as Musas, dahi veyo, coroaremse os Poetas com Era, insignia de Bacco. *Cytheron, onis. Neut. (Penult. long.)* Cytheron com voz alta, já nos chama E os Laconicos caens, & a domadora Cidade de Cavallos, Epidauró. Costa, Georg. de Virgil. pag. 93. col.

Nos artigos consagrados à toponímia moderna europeia, insiste-se nos dados que permitem a localização dos referentes, imprimindo ao enunciado uma configuração que neste aspecto particular muito deve ao dicionário de Moreri. Bluteau, que denunciara no prólogo do *Supplemento* a ignorância dos portugueses acerca da geopolítica europeia ¹⁸, selecciona do *Dictionnaire histori-*

¹⁷ A relação entre a origem mítica e a criação literária é sublinhada em expressões como «**Fingiraõ os Poetas** que neste monte [...]» (s.u. ETNA).

¹⁸ «tem [...] taõ pouca curiosidade dos nomes proprios das terras, e naçoens da Europa, que alguns delles, ainda que nobres e bem creados, não se pejaõ de perguntar, em que parte de Roma está a Hungria [...] e commummente a todo o genero de estrangeiro, quer Inglez, quer Italiano, Francez, ou Alemaõ, chamaõ Flamengo.» (*Supp.*, I: «Ao leitor pseudo-critico»).

que informações como os nomes das províncias, capitais, cidades principais, o trajecto dos rios e os limites dos impérios.

ALEMANHA. Grande região da Europa, com título de imperio [...] Desde o reinado de Carlos magno a Alemanha se divide, em alta-Alemanha, *Germania superior*, & em baixa Alemanha, *Germania inferior*. Na alta Alemanha estão as províncias, que se seguem, A Suíça, a Alsacia (que hoje está debaixo da dominação Franceza) a Suabia, o Ducado de Virtemberg, a Baviera, o Palatinado do Rhin, a Bohemia, a Moravia, a Austria, a Estiria, a Carinthia, a Carnia, & o Tirolo. Na baixa-Alemanha, alem das dezassete províncias dos países baixos, estão o Bispado de Liege, os tres Bispados, & Eleitorados de Colonia, Moguncia, & Treveri, os países de Cleves, de Vespália, de Hassia, de Turingia, de Saxonia, de Misnia, de Lusacia, de Silezia, o Marquezado de Brandeburgo, a Pomerancia, & os Ducados de Mechelburgo, & de Hostein.

A propósito dos países do norte da Europa, os pormenores reduzem-se às divisões territoriais e respectiva toponímia, deixando de parte os aspectos históricos — nomes de governadores, batalhas, datas importantes — ou porque seriam desinteressantes para os leitores portugueses, ou porque alguns focariam as dissensões religiosas com o sul católico.

Apenas na toponímia portuguesa se encontram artigos que pela extensão e variedade de conteúdos se assemelham ao modelo de Moreri. Partindo de fontes documentais como a *Monarquia Lusitana*, o texto respeita uma ordenação cronológica, com inúmeras referências a factos datados e figuras históricas, como nobres, bispos e monarcas. Comparando a toponímia exótica com a portuguesa, pode concluir-se que nesta a história de Portugal ocupa o espaço preponderante que na exótica cabia às descrições e notas pitorescas. Os tópicos essenciais são:

— localização geográfica:

BRAGA. Cidade de Portugal na provincia de Entredouro & Minho, Archiepiscopal, & Primaz das Hespanhas [...]

— origem do nome:

foi povoação dos Gallos Celticos Braccatos, ou *Bracatos* assim chamados, por causa de sua vestidura chamada *Brecca*, ou *Bracca*, donde tomou a dita Cidade o nome. [...]

— habitantes primitivos:

nos seus principios foi povoação dos Gallos Celticos [...] A estes celtas Braccatos, que possuirão Braga quarenta annos, succederão os Romanos, que a dominarão cincoenta, & lhe derão o titulo de Augusta. No tempo dos suecos [*sic*] pello espaço de 170. annos foi Corte. Depois ficou sogeita ao dominio dos Godos, annos 127. [...]

— episódios históricos (actos fundadores, batalhas):

concilio do anno 408. convocado por Pancracion Arcebispo de Braga [...] Deve Braga a el-Rey D. Affonso o Casto a sua restauraçõ. [...] doaçõens, que lhe fizeraõ os Reys de Leão, que confirmou o Conde D. Henrique, & a Raynha D. Tareja. [...] De como a Primazia de Hespanha pertence a Braga [...]

— descrição da cidade / vila (destacando fortificações e igrejas):

Goza esta Cathedral de treze dignidades, quarenta, & duas prebendas, doze tercenarias, outros tantos Sacerdotes, [...] hà em cinco capellas, em cada huma das quaes se reza o Officio Divino [...] Tem Braga seu assento em huma grande planicie, entre os Rios Cavado, & Deste, cõ castello, & muros que edificou El-Rey D. Diniz, & reedificou El-Rey D. Fernão. He lavada de mais de settenta fontes, entre publicas, & particulares, & povoada de alguns quatro mil vizinhos, com muita nobreza, & grande trato de mercadores, cirgueiros, & officiaes de excellentes armas de fogo.

Tal como se observa em Moreri, estes artigos são verdadeiramente abrangentes e admitem longas derivações a propósito de instituições ou factos históricos de relevo ocorridos num local ¹⁹.

3.2. Fontes de informação enciclopédica

Do vasto conjunto de fontes lexicográficas e literárias já se assinalaram aquelas que se revelaram úteis para a fixação da nomenclatura e das estruturas linguísticas portuguesas e latinas, seja sob a forma de entradas e subentradas,

¹⁹ Cf., por exemplo, o artigo COIMBRA, que inclui um pormenorizado relato da fundação e desenvolvimento da universidade até ao século XVI, e AVIS (vila de Évora), em que se destaca a origem da Ordem de Avis, bem como as suas insígnias e privilégios.

seja através de citações. Resta explorar um conjunto de obras que documentaram a redacção de definições amplas e excursos enciclopédicos, originando um discurso verdadeiramente multidisciplinar, que inclui factos históricos, quantificações, notas geográficas e terminologias profissionais de aplicação restrita.

A relação de intertextualidade entre o *Vocabulario* e um número determinado de dicionários franceses não será muito diferente daquela que existiu entre Moreri e Furetière e as respectivas fontes: trata-se de uma complexa técnica de compilação de fontes autorizadas e dispersas, mas que simultaneamente garantiu ao lexicógrafo a possibilidade de um trabalho expedito.

O facto de o *Vocabulario* não se identificar tipologicamente com nenhuma das fontes lexicográficas a que recorreu tornou difícil a tradução integral dos artigos, pois com frequência Bluteau se deparava com informação em excesso para o âmbito do seu dicionário. Assim, de modo a reservar espaço para a informação bilingue e para as citações, optou pela síntese ou por um aproveitamento muito parcial dos dados, sem que, todavia, se perdesse a matriz dos dicionários históricos e universais.

Não obstante a proximidade com as obras francesas — que seria evidente para a generalidade dos leitores eruditos — Bluteau não declara que transcreve Furetière e Moreri, o que é compreensível à luz das noções coevas de autor e autoridade. A compilação de Bluteau não seria interpretada como uma apropriação abusiva de dicionários pré-existentes, tanto mais que actualizava um património inédito em português. De resto, o procedimento era comum até no âmbito de uma mesma língua, bastando recordar que o dicionário de Cornille (1694), editado sob a protecção da Académie, reproduz quase textualmente parte substancial dos artigos de Furetière. Um lexicógrafo é visto como um compilador de «notícias» e não como um criador, pelo que uma constante reverência ao *Dictionnaire universel* e ao *Dictionnaire historique* seria desnecessária. Numa cadeia de apropriação contínua dos discursos, de que Bluteau passa a fazer parte, importa preservar a memória das autoridades que escreveram com propriedade de conhecimento sobre uma matéria, e não a dos que se limitam a reproduzir em segunda mão ²⁰.

²⁰ O problema não se colocava na lexicografia latina monolingue, que partilhava um *corpus* de citações, definições e descrições autorizadas. Aos críticos, Bluteau lembra que os lexicógrafos, à medida que expandem os conteúdos informativos dos dicionários, não podem deixar de citar textos alheios: «Supponho, que o Pseudocritico dirá, que tambem nestas obras haverá muita doutrina, e erudição, tomada de outros Authores, e eu o confesso, porque para saber de tudo, dos escritos de todos cada dia mendigo; nem chega a dar-me cuidado a severi-

É precisamente a ausência de referências que dificulta um levantamento exaustivo das fontes e do modo como são integradas no enunciado dicionarístico. Ainda assim, é possível reconstruir com razoável grau de certeza a «mesa de trabalho» do lexicógrafo, que compreende um número de dicionários e textos monográficos essenciais, que permitiriam coligir informação linguística e enciclopédica para compor a generalidade dos artigos. Destacam-se o *Dictionnaire Universel* (1690), o *Dictionnaire historique* (1699), o *Dictionnaire general* (1680) e um conjunto de fontes não lexicográficas, que contempla os tratados técnicos, as «relações» e a historiografia.

Os lexicógrafos franceses ampliaram as notícias de tipo enciclopédico recorrendo ao património textual em vernáculo, com particular destaque para os tratados técnicos, as obras de erudição histórica e as relações de viagens. Porque não se trata de dicionários, a informação encontra-se indexada de forma muito parcial, através da divisão em capítulos temáticos, com uma extensão e técnica de composição discursiva que os aproxima da narrativa. Nestas obras compilam-se notícias históricas e geográficas, descrições físicas de elementos do mundo natural e explicações dos processos das artes e ciências, que o lexicógrafo selecciona no decurso de uma leitura que em muitos casos é extensiva.

O modo como Bluteau integra no *Vocabulario* os conteúdos informativos dispersos em obras em língua portuguesa e francesa — estas últimas talvez da sua biblioteca pessoal — não diferirá muito do tipo de aproveitamento que Moreri ou Furetière fizeram do *corpus* que tinham disponível. Na presente análise, que atenta apenas nos mecanismos da intertextualidade, toma-se para exemplo um número restrito de obras que, por serem amplamente citadas, serão representativas da técnica de elaboração dos artigos.

3.2.1. *Dicionários franceses*

O *Dictionnaire Universel* foi certamente a fonte que foi explorada de um modo mais sistemático, na medida em que o *Vocabulario* poderia acolher qual-

dade do Pseudocritico, que não tem por homem douto ao Author, que para o seu intento de noticias alheas se aproveita. [...] E do Diccionario das Artes, composto por Thomás Corneille, alumno da dita Academia, que estimação fará a Pseudocritica? Dirá, que he hum Alfabeto conglobado de nomes de plantas, animaes, artefactos, e termos scientificos, de que já muitos Authores deraõ noticia ao Mundo. Isto mesmo confessa o proprio Author da obra, porque na prefacção della diz que o dito seu Vocabulario he hum extracto dos melhores Authores, que escreveraõ sobre materias de sua profissãõ.» (*Supp.* II: «Ao leitor pseudocritico»).

quer uma das entradas de Furetière e os seus conteúdos de tipo enciclopédico eram valorizados por Bluteau. Não há indicações acerca da recepção do dicionário de Furetière em Portugal, ou mesmo se os conflitos com a Académie, o desafio às proibições régias e alguns laivos de heterodoxia ao longo da obra seriam suficientes para motivar a desconfiança da Inquisição, o que explicaria o silêncio de Bluteau. Em todo o caso, quando o *Vocabulario* foi finalmente publicado, a Europa culta já quase tinha votado o *Dictionnaire universel* ao esquecimento com a edição do dicionário de Trévoux (1704), que na prática o substituíra.

Não obstante o que acima se notou a propósito do estatuto do lexicógrafo em relação às demais autoridades, é surpreendente que o teatino siga tão à letra os artigos de Furetière, sem lhe dispensar uma referência especialmente elogiosa nos prólogos. Pode legitimamente falar-se numa apropriação de discurso, uma vez que a influência modeladora é perceptível no estilo das narrações descritivas e na técnica de concatenação dos conteúdos. O confronto com a fonte revela que Bluteau compunha os seus artigos a partir de fragmentos do texto de Furetière, podendo supor-se uma redacção quase ao decorrer da leitura, em que da tradução se eliminam as informações redundantes ou os dados considerados como de interesse muito restrito.

O artigo DIAFRAGMA exemplifica o modo como recupera e reescreve os artigos de Furetière, que geralmente são mais extensos. Na coluna da esquerda, assinalaram-se a negrito os segmentos que Bluteau traduziu:

DIAPHRAGME. s.m. Terme de Medicine. **Membrane ou muscle nerveux qui separe la poitrine d'avec le bas ventre, & qui est comme une espece de plancher qui est entre les parties vitales & les naturelle, & entre les deux estages du tronc du corps. La figure de ce muscle est ronde, representant parfaitement la figure d'un poison qu'on appelle une raye. Tout son corps est composé de deux cercles, dont l'un est membraneux, & l'autre charneux, de deux veines, de deux arteres** qui s'appellent *phreniques*, & de deux nerfs. La membrane qui le couvre par dessus s'appelle la *pleure*, & celle

DIAFRAGMA. (Termo Anatomico.) Derivase do Grego *Diaphratein*, que val o mesmo, que dividir huma cousa da outra, como frontal, ou muro divisorio. O diafragma, he hum paniculo, ou membrana musculosa, que atravessando o peito, divide, & separa os membros vitaes, **a saber, o coração, & os bofes**, dos membros naturaes, **a saber, o baço, & intestinos**. He largo, & redondo a modo de Raya, & se estende de hũa a outra ilharga, com situação obliqua, & como principal instrumento da respiração, se afroxa, quando se toma o ar, & quando se lança, se entesa. He composto de dous circulos hum

qui est par dessous le *peritoine*. **Sa situation est oblique**, parce qu'il va de l'os de la poitrine par ses extremités des costes à la region des lombes. **Il est percé en deux endroits pour faire passage à l'estomac & à la veine cave montante**. Ce muscle est mi-parti & fait deux actions, l'une pour l'aspiration, & l'autre pour l'expiration. **Il se lasche dans l'aspiration, & se bande dans l'expiration**. On le trouve toujours bandé dans un animal mort. **Ceux à qui on traverse le diaphragme d'un coup d'épée, meurent en riant**. C'est Platon, au rapport de Galien, qui le premier l'a nommé *diaphragme*, du verbe *diaphrattein*, qui signifie *separer* ou *estre entredeux*. [...]

membranoso, & outro carnosos; tem duas veas, duas arterias, & dous nervos, & dous buracos na parte inferior, hum, por onde passa a vea cava montante na parte direita, & outro na parte esquerda, por onde passa o Izofago ao estomago. Dizem que se vê morrer com o riso na boca, os a que se atravessou com espada o diaphragma [...]

Bluteau mantém as comparações explicativas que são um traço característico de Furetière («frontal, ou muro divisorio»/«espece de plancher»; «a modo de raya»/«la figure d'un poison qu'on appelle une raye»), mas esforça-se por encurtar os artigos, condensando vários períodos num só, pela colagem de segmentos do texto.

A tradução é norteada por um espírito de síntese, uma vez que selecciona os tópicos essenciais da estrutura lógica do artigo, não se limitando a copiar mecanicamente os parágrafos iniciais. Interessa-lhe sobretudo recolher uma descrição geral, uma enumeração das partes componentes, a descrição dessas partes, a função e o funcionamento, ainda que de forma abreviada. Numa avaliação global, o *Vocabulario* perde quase sempre em abundância de informação enciclopédica, mas mantém intacta uma matriz que confere coerência estrutural e tipológica ao discurso. A principal distinção é o destaque concedido à informação linguística, neste caso a etimologia, que Bluteau coloca à cabeça do artigo como tópico essencial para acesso a um significado, e que em Furetière é equiparada a uma nota entre episódios históricos e factos curiosos.

Em geral, as citações de autoridades são reproduzidas de uma forma meticulosa, aproveitando todas as informações bibliográficas que Furetière transcreve. Para além de conferir ao texto dicionarístico marcas de rigor e credibilidade, o lexicógrafo dá a entender que ele próprio consultou diligentemente

as fontes, reclamando para si um lastro de conhecimentos ainda mais amplo do que transparece na brevidade de um artigo de dicionário. Não se duvida da bondade de Bluteau quando afirma que «procurei reduzir a esta obra todos os livros, que me vieram às mãos, Latinos, Gregos, Hebraicos, Portuguezes, Castelhanos, Francezes, Italianos, &c.» (*Voc.*, I: «Ao leitor mofino»), mas é patente que a maioria das notas de erudição autorizadas são recolhidas de fontes em segunda mão e que a tarefa de síntese bibliográfica não seria tão imensa quanto a leitura do *Vocabulario* faz supor. Veja-se a referência à obra de João Baptista Porta, nos artigos TELESCOPE e OCULO:

TELESCOPE [...] **Il est vray que Jean Baptiste Porta a fait mention du secret des lunettes long-temps auparavant, quant à la speculation; mais il ne les a point reduites en pratique, car il en parle dans sa Magie naturelle imprimée en 1549. au Chap. 10. du 17. Liv.** Quelques uns croyent que Bacon en a aussi eu quelque connoissance; & Fra Paolo en fait aussi quelque mention. D'autres croyent que Democrite en avoit quelque usage, parce qu'il a dit le premier, que la Voye Lactée étoit un assemblage de plusieurs étoiles. **On dit que Ptolomée Evergetes avoit dans le Phare d'Alexandrie un telescope, d'où il descouvroit les navires de 60. milles en mer: mais il n'y a pas d'apparence que ce fust le même que le moderne.** On a mis les noms des Auteurs qui en ont écrit au mot de LUNETTE. [...]

OCULO [...] **João Bautista Porta, no capítulo. 10 do liv. 17. da sua Magia Natural, impressa no anno de 1549. falla em oculos de longa mira, mas theorica, & não praticamente.** Tem para si alguns, que Democrito usára de oculo de longa mira, porque foy o primeyro que disse, que a via Lactea he hũa uniaõ de muitas estrellas pequenas. **Nem falta quem diga, que Ptolomeo, terceyro do nome, Rey do Egipto, cognominado Evergetes, (que quer dizer Bemfeytor) tinha hum oculo de longa mira, com o qual descobria do Pahro de Alexandria os navios sessenta milhas ao mar; mas não he provavel que este oculo fosse como os que hoje se usaõ.** [...]

Também não é claro se Furetière consultou o texto de Porta, porque é precisamente a técnica de redacção das citações que insinua um conhecimento com propriedade, ao transformar numa espécie de nota de leitura aquilo que anteriormente era uma informação formularizada, breve e quase marginal.

O artigo OCULO permite ainda ilustrar o interesse que mereciam as curiosidades da história antiga, envolvendo personagens comumente reconhecidas pela tradição literária e tratadística latinas, enquadrando-se no conceito lato

de «notícias eruditas». Estes tópicos, que no *Vocabulario* mantêm a localização no fim do artigo, acrescentam pormenores que em nada contribuem para a descrição ou para o efectivo conhecimento das «coisas». Estas selecções assemelham-se remotamente a uma tentativa de reconstrução de uma envolvente histórica, ou de um discurso *de origine*, apesar de, por norma, os episódios serem dispersos e carecerem de uma ordenação cronológica. Nestes relatos concisos sobressaem quase sempre as marcas do pitoresco, sob a forma de factos extraordinários relacionados com o mundo natural ou com a técnica, factos esses que assentavam num conhecimento autorizado pela tradição e pertencente a um universo de referência simultaneamente histórico e mítico.

A transposição dos artigos de Furetière somente foi possível porque Bluteau era qualificador do Santo Ofício. O *Dictionnaire universel* não era de modo algum uma obra subversiva, mas, à luz do contexto cultural português, exigia uma leitura criteriosa que filtrasse os conteúdos e as referências a autores considerados inadequados pela Inquisição. Bluteau tenta manter a estrutura dos artigos, limitando-se a cortar segmentos do texto, como se verifica nas recorrentes referências a Descartes, que o *Vocabulario* não repete, mesmo quando o contexto é aparentemente inofensivo²¹. Procura oferecer aos leitores um texto informativo e coerente, ainda que mutilado, em que o espaço das teorias censuradas é ocupado pela amplificação das que são consentâneas com os cânones dos inquisidores. Mas, em geral, bastam reformulações subtis e precisas, como se observa no artigo CIRCULAÇAM, em que relata a descoberta da circulação sanguínea, mantendo as personagens e as datas inscritas no texto original, mas sem explicitar as referências de Furetière às perseguições e práticas censórias da Inquisição italiana.

CIRCULATION, se dit aussi en Medecine du mouvement qui fait le sang [...] Harvée est un Docteur moderne d'Angleterre qui a le premier decouvert la *circulation* du sang en l'année 1628. qui est maintenant reconnuë par tous les Medecins. [...] Jean Leonicensus adjoûte que le Pere

CIRCULAÇAM [...] mas consta, que só no anno de 1628. se começou a fallar claramente na *Circulação* do sangue, quando a divulgou Harveo medico Inglez, como doutrina, que lhe revelara seu Mestre na Universidade de Padua, o famoso Anatomista, Aquapendente; ao qual

²¹ Outro excerto do artigo OCULO, em que se omite uma autorização em Descartes: — «A Jacobo Mecio, natural da Cidade de Almaer em Holanda, **attribuem muytos** a invenção deste oculo [...]» (*Voc.*) — «L'invention du telescope **est attribuée par Descartes** à Jacques Metius natif d'Aickinaer en Hollande» (Furetière, *Dictionnaire Universel*, 1690, s.u. TELESCOPE).

Fra Paolo avoit decouvert la *circulation* du sang, & les valvules des veines; **mais qu'il n'osa pas en parler, de peur de l'Inquisition**, & qu'il communiqua seulement son secret à Aquapendente, qui après sa mort mit le livre qu'il en avoit composé [...]; mais que Aquapendente decouvrit ce secret à Harvée qui étudioit sous luy à Padouë, **lequel le publia étant de retour en Angleterre pays de liberté, & s'en attribua la gloire.** [...]

o P. Fr. Paulo, antes de morrer, a havia comunicado, mostrádo-lhe juntamente o livro, que compuzera sobre esta materia, **& por certas razões não quizera dar à estampa.** [...]

O confronto entre as fontes revela que a obra de Furetière foi muito mais explorada que o *Dictionnaire des arts* (1694) de Corneille. Este último, publicado quatro anos depois do *Dictionnaire Universel*, não aprofunda significativamente os dados de Furetière e até é menos copioso em datas e notícias eruditas, pelo que a sua utilidade se resumia às novas entradas e alguns aditamentos pontuais²².

As diferenças tipológicas entre o *Dictionnaire historique* e o *Vocabulario* eram mais acentuadas, com um conjunto de conteúdos temáticos que não se enquadravam no modelo de dicionário universal, tal como Furetière o definira. De entre as quatro principais categorias temáticas de Moreri — geografia, história do mundo antigo, história contemporânea, biografias — apenas as duas primeiras interessavam a Bluteau, que incluiu na sua nomenclatura a toponímia antiga e moderna, bem como os nomes de cargos e ritos da Antiguidade. A principal contrariedade residia na enorme extensão dos artigos de Moreri que, além de serem difíceis de resumir, compreendiam tópicos de informação muito especializada. Neste contexto, e ao contrário do que se observou para o *Dictionnaire universel*, o lexicógrafo optará pela tradução de apenas uma secção do artigo, e não por uma síntese.

Nos artigos dedicados à toponímia, Bluteau distancia-se do interesse de Moreri pela enunciação de extensas listas de províncias e por relatos pormenorizados de sucessos históricos, que o autor francês apresentava inclusive para locais fora da Europa. Perante artigos de média ou reduzida extensão, em que pode recorrer à técnica da selecção de fragmentos para compor o seu próprio

²² Sobre o *Dictionnaire des Arts* e a sua relação com o *Dictionnaire Universel* de Furetière e o dicionário da Académie, cf. Quemada, 1998: 61; Gemmingen, 1998.

texto, limita-se a reproduzir os tópicos de informação essenciais, como a localização relativa e a indicação da capital (cf. DECAN, DORTMUNDA, *infra*). A condensação atinge extremos em artigos como DORTMUNDA / DORTMOND, em que Bluteau elimina as indicações históricas que seriam pouco significativas ou até mesmo fora do domínio de referências histórico-culturais do leitor português:

DECAN **Roïaume des Indes, dans la presqu'isle de deçâ le Gange.** Il a pour limites à l'Orient **Orixa, Province de Bengala;** à l'Occient la mer des Indes, où est le **golfe de Cambaïe; le Roïaume de Binasgar** au Midi; & au Septentrion **les Etats du Grand Mogol,** où se rencontrent les Provinces de Guzarate, ou Cambaïe, de Chitor, &c. Ce país étoit autrefois sous la domination d'un seul Roi, dit Idalmac ou Idal-Scach, & étoit divisé en diverses belles Provinces, avec grand nombre de villes riches & vastes. Mais les choses sont changées, depuis cent ou six vingt ans. **Outre que les Portuguais y ont la celebre ville de Goa,** le Grand Mogol y a pris les villes de Kerbi, de Chaoül, Darvatabad, &c. & il y a fait bâtir celle d'Aureng-Abad. **L'Idalcam fait sa residence à Visapour; car cette ville est la Capitale du Roïaume** de ce nom. Il en possedit autre fois plusieurs autres, comme Decan, Cunan, Balagate, Hamedanage, &c. *Texeira, liv. I, ch. 22. Jean de Baros. l. 9. Ch. I. &c.

DORTMONT, **Ville Imperiale & Anseatique d'Allemagne, dans la Westphalie,** en Latin *Tremonia.* Elle est sur la riviere d'Empser, à 6. ou 7. lieuës de Munster, **& elle est aujourd' hui** du Comté de la Mar-

DECAN. Reyno da India, na Península d'aquem do Ganges, entre Orixa, Provincia de Bengala, o Golfo de Cambaya, o Reyno de Bisnaga, & alguns Estados do Graõ Mogol. *Decan* tambem era o nome de huma Cidade principal deste Reyno, o qual despois da entrada dos Portuguezes na India, tem experimentado muitas mudanças. Visapur he a Cidade capital aonde reside o Idalcaõ, senhor do Reyno. [...]

DORTMUNDA. Cidade de Alemanha na Vestphalia. Hoje he do Marquez de Brandeburgo. *Tremonia*, ou *Drotmania*, *ae. Fem.*

ck au **Marquis de Brandebourg**.
L'Empereur S. Henri fit en sorte que
les Prélats y tinrent un Concile le
7. Juillet de l'an 1005. pour la re-
forme du Clergé. Dithmar, liv. 6.

Nos artigos consagrados à história antiga, o *Vocabulario* não pretende acompanhar a minúcia dos relatos, nem a profundidade da informação, que frequentemente assumia a configuração de listas que se destinavam a uma consulta ocasional, e não a uma leitura de fruição. Veja-se os artigos DICTADOR (*Voc.*) / DICTATEUR (*Le grand dictionnaire historique*) — que não se citam aqui pela extensão deste último — em que Moreri enumera todos os ditadores até Augusto, com as respectivas datas de mandato, e alarga o alcance temporal da notícia aos títulos de ditador na história europeia recente. Bluteau, que concentra apenas a sua atenção na origem do cargo na Roma antiga, aproveita uma breve secção do texto de Moreri, de acordo com o princípio de que um dicionário universal pode abarcar uma ampla variedade de conteúdos, mas de uma forma sintética. No que respeita à mitologia greco-latina e religiões pagãs, parece registar-se um maior equilíbrio entre a fonte e a informação aproveitada, o que se explica pelo interesse de Bluteau no aproveitamento poético e discursivo dos episódios fabulosos e do respectivo simbolismo ²³.

Cada artigo do *Dictionnaire general et curieux* (1685) apontava uma colecção de sugestões para o desenvolvimento de discursos a partir de citações literárias, episódios históricos, passagens bíblicas e textos dos doutores da igreja, em séries que facilmente somavam várias dezenas de exemplos. Rochefort não disfarçava um interesse particular pela temática religiosa, mas formara um conjunto equilibrado, que se revelava útil quer ao orador sagrado, quer ao profano. Todavia, de uma maneira geral, a selecção que Bluteau faz deste *corpus* é visivelmente orientada para o púlpito e para a composição de discursos moralizantes.

Veja-se por exemplo o artigo DESGRAÇA, que é elaborado tendo por base o correspondente DISGRACES, em Rochefort. O primeiro aspecto a considerar é o facto de, no que respeita a este tipo de elaboração discursiva, Bluteau con-

²³ Além de Moreri, deve registar-se a consulta do *Lexicon Universale* de Hofmann, em que, tal como se verifica com o francês, o latim é traduzido quase à letra: — «CHAMOS, nomen Idoli Moabitarum, cui Salomon, à peregrinis uxoribus seduci se passus, fanum, in excelso monte, prope Hierosolymam extruxit [...]» (Hofmann, *Lexicon*, 1698, s.u.). — «CHAMOS. Pronuncia Camos. Idolo dos Moabitas, ao qual Salamaõ, allucinado por mulheres idolatras, mandou edificar hum Templo em hum monte perto da Cidade de Jerusalem. [...]» (*Supp.*, s.u.).

jugar o recurso a uma fonte com uma margem considerável de criação autónoma, fazendo valer a sua própria experiência de composição literária e um vasto conhecimento dos processos de amplificação retórica para uso da parenética ²⁴.

Assim, constata-se que Bluteau selecciona do *Dictionnaire general* uma pequena parte dos tópicos apresentados, insistindo nos exemplos de cariz religioso e recusando quase todos os episódios da história moderna. Por outro lado, reordena os excertos escolhidos sem respeitar a sequência do artigo francês e sem manter a integridade desses mesmos excertos, de modo que o resultado final é uma recriação, em que fragmentos de Rochefort são intercalados com frases compostas pelo lexicógrafo, ou retiradas de outras fontes. Confronte-se o artigo do *Vocabulario*, citado na íntegra, com os trechos que o inspiraram. Assinalaram-se a negro os excertos que Bluteau traduziu quase literalmente, permitindo verificar como alguns segmentos de Rochefort foram isolados e transformados em máximas morais (cf. 1 e 2, *infra*). Há todavia uma margem para a criação pessoal do lexicógrafo, seja pela amplificação de ideias e breves passos, reorientando ou completando o sentido original (cf. 3), seja pela forma como intercala frases que se supõe fazerem parte do seu arsenal de lugares comuns predilectos (cf. 4):

— **La plus grande fortune a sa disgrace**, voyla pourquoy on dit, un Revers de medaille, pour montrer qu'il est aussi necessaire à la prosperité d'avoir ses changements, **comme à la medaille d'avoir son révers**. V. Changement.

— Les ruines des Familles, & des Estats ont des causes occultes plus dangereuses que les apparentes, la fortune embrasse ceux qu'elle veut étouffer, & pendant que **le theatre du monde durera on verra toûjours succeder les malheurs aux prosperitez injustes**. Voyez Infortune.

DESGRAÇA. Infortunio. Mà sorte. Mao successo. A mayor fortuna tem seu infortunio, como a mais fermosa medalha seu avesso.

Em quanto durar o theatro do mundo, sempre haverá diferentes senas, & prosperidades alternadas com desgraças.

No templo de Matelin, cidade do Egypto. mandou Pita dedicar huma escada dando a entender, que toda a vida humana consistia em subir, & decer.

²⁴ Afirma Bluteau, a propósito das características que distinguem o *Vocabulario*: «Tambem deve o Pseudocritico advertir, que em muitas partes deste Vocabulario ha discursos Moraes, Filosoficos, e Theologicos, que sahiraõ da penna do Author, e a Oradores Sagrados, e profanos podem dar para muitos assumptos grande socorro» (*Supp.* I: «Ao leitor pseudocritico»).

— **Pitta dedia une eschelle au Temple Metelin pour enseigner aux hommes, que toute leur condition est de monter, ou de descendre.**

— **puis qu'ils nous a appris par sa bouche que les Cieux periront, & que rien ne demeurera sur la terre, & souvent le bien que nous perdons nous est tombé injustement en partage, nous, ou nos ancestres en ont peut-estre dépouillez nos voisins, peut-estre aussi que pour s'accomder ils ont violez les Loix de Dieu, & de la nature;**

— **DISGRACES.** La fortune n'a rien que de funeste, les disgraces sont plutôt des preuves de la Bonté de Dieu à nôtre égard, que des marques de sa colere, par elles il exerce la vertu des Innocens, & donne quelques fois par elles des remedes aux coupables;

— **Le Comte d'Essex eût la teste tranchée faute d'avoir demandé pardon à la Reyne d'Angleterre, il disoit qu'un Favory disgracié ne devoit plus vivre:**

Neste mundo, em que segundo o oraculo Divino tudo he transitorio. *Caelum, & terrae transibunt*, he necidade esperar felicidades permanentes. Nenhũ direito temos nos bens, que logramos; muitas vezes perdemos justamente, o q injustamente possuimos; poderá ser, que os nossos pays, tenhaõ tirado a seus cõtemporaneos as fazendas, que herdamos; poderá ser que as tenhaõ adquirido violentamente, contra a ley de Deos, & da natureza.

Mas nem as desgraças que nos perseguem, sempre saõ castigos de Deos; com ellas exercita Deos a paciencia dos innocentes & lhes prepara triunfos na gloria.

Naõ hã desgraça mais sensivel, que aque se segue ahum glorioso successo. Para ser mais aspera & dolorosa sua sagrada Paixaõ, quiz o senhor, que succedesse ao triunfo, que teve em Jerusalem. No breve espaço de cinco dias se trocaraõ os applausos, em injurias, & em sentenças de morte, os vivos. Desgraças, hã q fazem aborrecer a vida. Ahum valido, descahido, lhe convem mais morrer, que viver; observou o conde de Essex este dictame: foi degollado, por naõ querer pedir perdaõ a Rainha de Inglaterra; depois de perder a graça de sua princeza, pareceolhe vergonhosa a vida. A mayor de todas as desgraças, he o peccado, por que he privaçaõ da graça de Deos. [...]

Numa leitura do conjunto, ainda que as citações do *Dictionnaire general* partilhem uma temática e intenção discursiva comuns, a redacção de Bluteau

não lhes confere uma sequência lógica que contrarie o carácter fragmentário original, pelo que continuam a funcionar como uma mescla de sugestões para os oradores.

3.2.2. *Tratados técnicos*

Nos tratados de medicina e farmacopeia do século XVII, para além da pormenorização das características das doenças, sintomas e processos de cura, constavam as descrições das plantas, animais e minerais exóticos e pouco conhecidos, a partir dos quais se confeccionavam os medicamentos.

O conjunto das obras de João Curvo Semedo (1635-1719) foi muito informativo neste domínio, usando Bluteau excertos da *Polyanthea* nos artigos dedicados às enfermidades e do *Memorial de varios simplices* para as plantas e medicamentos (cf. caps. III.1.4.5 e IV.2.1). Através de citações quase literais, é possível recolher tópicos como as propriedades, aplicações e preparação²⁵; por vezes, o texto original é tão copioso que sugere ao lexicógrafo a reordenação da informação original, dividindo-a em artigos ou subentradas distintas. O que para Curvo Semedo é uma nota marginal curiosa, para Bluteau é uma relação de sentido que justifica uma hierarquia bem delimitada na estrutura do artigo, encabeçado pelo nome «primitivo». Assim, isolando a informação sobre o animal (cf. *infra*, texto a negro) e sobre a planta (texto sublinhado) reconstrói o processo lógico de criação do seu sentido.

Raiz de Monguz, & suas virtudes	MONGUZ. Animalejo, que em a fôr-
Esta raiz <u>tomou o nome</u> de hum ani-	ma, e corpo de hum foraõ: costuma
malejo, que tem a fôrma, & corpo	pelejar com as cobras, e tanto que

²⁵ Geralmente são mínimas as diferenças entre os dois textos: — «A arvore chamada Largis **he pequena como** hum pessegueyro; as suas folhas são córadas, cria-se nos confins da Persia junto a Turquia; são poucas, & muy raras as ditas arvores. A principal virtude da casca desta arvore he contra a Ictericia, trazida no pesçoço junto à carne; não se toma cozida, nem preparada em agua, **como cà se tem introduzido**. Da casca desta arvore, chamada Largis, com raiz de Iosna, & uvas passadas se faz um **quasi divino** xarope [...]» (Curvo Semedo, *Memorial*, 1727: 17). — «LARGIS. Pao de largis, he o de huma arvore **do tamanho de** hum pessegueiro. As suas folhas são coradas. Criase nos confins da Persia, junto a Turquia. São poucas, e muy raras as ditas arvores. Sua principal virtude he a da casca, contra a ictericia, trazida no pesçoço junto à carne, sem ser cozida, nem preparada em agoa, **como algum dia se costumava**. Da casca desta arvore, com raiz de Iosna, e uvas passadas, se faz hum **admiravel** xarope [...]» (*Supp.* s.u.).

de hum foraõ; este costuma pelejar com as cobras, & tanto que se sente ferido, larga a peleja, & vay buscar a raiz, & mastigando-a volta a continuar a briga, & assim se cura, & defende das mordeduras da cobra, atè que a mata, & o Monguz fica salvando a vida nessa forma.

Serve moida em agua, & bebida em pequena porçaõ, contra toda a outra especie de veneno, & contra as febres, & dores Nephriticas; & farà muyto melhor os seus effeytos, se se der a beber depois que o doente tiver tomado tres onças de agua Benedicta, ou seis grãos de Tartaro emetico.

Serve, trazida no braço junto à carne, para defensivo dos bichos peçonhentos, & preparada em azeyte sem sal, serve para curar inflammaçoens, & bostelas da cabeça.

se sente ferido, larga a peleja, e vay buscar a raiz, e mastigando-a volta a continuar a briga, e assim se defende das mordeduras da cobra, até que a mata.

Raiz de Monguz. He a que tomou o nome do dito animalejo. Moida em agua, e bebida, e posta sobre a mordedura, serve contra todas as feridas de bichos peçonhentos. *Curvo, Memorial de varios simplices da India Oriental, America, e outras partes do Mundo, pag. 21.*

Tal como se observou a propósito da intertextualidade com dicionários, mantém-se a apropriação de excertos sem delimitar com precisão o que é citado. Todavia, nos artigos que incidem sobre a farmacopeia e medicina, o lexicógrafo não pretende fazer crer que os conhecimentos são da sua responsabilidade, pelo que a fonte da informação enciclopédica é quase sempre declarada.

A condenação *post-mortem* de Garcia de Orta (c.1499-1568) pela Inquisição portuguesa, em 1580, é a explicação mais provável para o facto de o *Coloquio dos simples e drogas* (1563) não ter sido extensamente aproveitado por Bluteau. A informação compilada pelo médico em Goa foi abreviada em latim pelo francês Clusius (Charles L'Ecluse, 1525-1609), logo em 1567, e rapidamente difundida em traduções nas principais línguas europeias desde o início do século XVII²⁶. A primeira edição em francês data de 1602 — atri-

²⁶ Clusius, *Aromatum et simplicium aliquot medicamentorum apud Indos nascentium historia*, 1567. Cf. Murakawa, 2003: 591.

buindo o texto original a *Garcie du Jardin* — e por isso os dicionários e tratados que Bluteau consultou incluíam normalmente referências ao autor português²⁷. Essas notícias foram incorporadas no *Vocabulario*, mencionando raramente a fonte primária. De resto, esta complexa intertextualidade, de que o *Coloquio* é um bom exemplo, dificulta a identificação dos tratados efectivamente consultados. No caso de obras portuguesas, sabe-se quais foram lidas e exploradas na totalidade, em busca de termos para a nomenclatura e de expressões para abonações ou definições. Todavia, a respeito de tratados estrangeiros frequentemente citados, a leitura do original poderia ter sido dispensada, pois, tal como o texto de Orta, a informação de tipo enciclopédico já havia sido integrada na memória dicionarística do francês.

3.2.3. *Relações de viagens*

No final do século XVII, os termos das relações de viagens eram já uma categoria fundamental na nomenclatura dos dicionários franceses, e no século seguinte conheceram nos repertórios um crescimento paralelo ao da terminologia científica e técnica (Quemada, 1968: 309-310). Para a explicação dos sentidos, os lexicógrafos elaboravam definições com base nos contextos em que as palavras ocorriam, o que só por si motivava a intertextualidade. Todavia, com a interferência do modelo dicionarístico proposto por Furetière, pelas reedições de Trévoux e também por Bluteau, o objectivo não é somente permitir a interpretação dos termos das relações, mas sobretudo reproduzir o prazer da leitura dos textos.

Assim, mesmo quando o artigo representa uma síntese, são notórias as afinidades entre os tópicos seleccionados para o enunciado dicionarístico e o desenvolvimento temático típico dos relatos de viagens (sobretudo no que respeita aos costumes dos povos, aspectos económicos, descrições da natureza e notas pitorescas). Para além das diversas *Decadas*, Bluteau privilegia autores franceses que não se encontravam traduzidos em português ou latim, o que constituía um fundo de notícias apetecíveis para os leitores do *Vocabulario*.

²⁷ Anthoine Colin (tradutor), *Histoire des drogues espiceries, et de certains medicaments simples, qui naissent és Indes, tant Orientales que Occidentales, divisée en deux parties. La première composée de trois liures: les deux premiers de M. Garcie du Iardin*, 1602.

Um dos autores mais citados é o viajante Jean Baptiste Tavernier (1605-1689), sobretudo em extensos artigos do *Supplemento*²⁸:

Chap. IV. Route de Surate à **Angra par Brampour** & Seronge.

[...] *Seronge* est une grande ville don't la plupart des habitants sont marchands Banianes & artisans qui y sont de pere en fils, ce qui est cause qu'il y a quelques maisons de pierre & de brique. **Il s'y fait un grand negoce de toutes sortes de toiles peintes qu'on appelle Chites, dont tout le menu peuple de Perse & de Turquie est habillé, & dont l'on se sert en plusieurs autres país pour des couvertures de lit & des napes à manger. On fait de ces mêmes toiles en d'autres lieux** qu'à Seronge; mais les couleurs n'en sont pas vives, & elles se'en vont en les lavant plusieurs fois. C'est le contraire de celles de Seronge, & plus on les lave plus elles deviennent belles. **Il y passe une riviere dont l'eau a la vertu de donner cette vivacité à ces couleurs;** & pendant la saison des pluyes qui durent quatre mois, les Ouvriers impriment leurs toiles selon que les marchands Etrangers leur en donnent la montre, parce que **désque les pluyes ont cessé, plus l'eau de la riviere est trouble, & le plûtost que l'on peut laver les toiles, les couleurs**

SERONGA. Cidade do Imperio do Mogor, na India, entre Brampur, e Agra. Faz-se nella hum grande negocio de pannos pintados, chamados *Chitas*, com que todo o povo da Persia, e Turquia se veste, e em muitas partes usão dellas para cobertores, e toalhas de mesa. Às mais *Chitas*, que em outras Cidades se fazem, as de Seronga leuão a preferencia; porque o rio, em que se tingem, lhes dà huma viveza superior a todas as outras; esperaõ que chova, e acabando de chover, na agua turva as metem: communicalhes a dita agua tanta viveza na cor, que nunca desbotaõ, e quanto mais as lavaõ, mais se acendem. Tambem em Seronga se faz outra casta de pannos, taõ finos, e transparentes, que vestidos deixaõ as carnes à mostra, como se estivessem nũas. Aos mercadores naõ he licito levallos a outras terras; o Governador os manda todos para o Serralho do Gram Mogor, e para os Magnates da Corte; com elles as Sultanas, e mulheres nobres fazem camisas para o Estio. *Tavernier, Viagem da India.*

²⁸ O próprio título parece coincidir com as áreas de interesse dos dicionários históricos: *Les six voyages de Jean Baptiste Tavernier [...] qu'il a fait en Turquie, en Perse, et aux Indes, Pendant l'espace de quarante ans, & par toutes les routes que l'on peut tenir: accompagnez d'observations particulieres sur la qualité, la religion, le gouvernement, les coütumes & le commerce de chaque país; avec les figures, les poids, & la valeur des monnoyes qui y ont cours*, 1676.

tiennent davantage & en sont plus vives.

Il se fait aussi à Seronge une sorte de toile, qui est si fine que quand elle est sur le corps on voit toute la chair comme si elle estoit à nû. Il n'est pas permis aux marchands d'en transporter, & le Gouverneur les envoie toutes pour le Serrail du Grand Mogol, & pour les principaux de la Cour. C'est de quoy les Sultanes & les femmes des Grands Seigneurs se font des chemises & des robes pour la chaleur, & le Roy & les Grands se plaisent à les voir au travers de ces chemises fines & à les faire danser.

3.2.4. *Historiografia*

O *Vocabulario* não acolhia com facilidade o mesmo tipo de conteúdos que se encontravam no dicionário de Moreri, em que uma parte considerável da informação histórica é indexada a partir de nomes próprios (monarcas, chefes militares ou religiosos). Em virtude dos limites da nomenclatura do *Vocabulario*, muitas das notícias sobre a história de Portugal constituem um fundo informativo oculto, que pode ser encontrado ao longo da leitura, mas dificilmente localizável por palavras-chave.

A excepção parece residir na toponímia e nos termos militares, que facilmente proporcionavam desenvolvimentos em factos históricos que documentassem origens, fundações, batalhas ou etimologias. Assim, a recolha de dados em relações do Oriente ou em obras monumentais como a *Monarquia Lusitana* privilegia sobretudo os conteúdos que podem ser encabeçados por um topónimo ou um nome de um povo.

A *Monarquia*, que é o texto mais citado para abonação da nomenclatura, apenas revela verdadeiramente o seu valor como fonte de dados históricos nos artigos consagrados à toponímia portuguesa primitiva e moderna. Até o estilo de Fr. Bernardo de Brito — uma redacção densa, acumulando autoridades e notícias acessórias — se revela adequado aos objectivos de Bluteau. Tomando partido das referências marginais e das citações em segunda mão, elabora um

discurso que aparenta resultar de uma colecção exaustiva e laboriosa de fontes, quando de facto assenta no aproveitamento hábil de um único autor.

CAPITVLO XI. De como o Consul Decio Bruto deu aos soldados de Viriato terras em que viver [...] com a rellação de hũa batalha, que deu aos Portugueses junto á cidade chamada antigamente Eburobritio.

[...] Só diremos o recontro, q teue cõ os moradores da cidade chamada antigamente EburoBritio, q **Plinio assenta nos Turdulos antigos, & Diogo de Vasconcellos** [nota marginal: **Plinius 1. 4. c. 22. Vasçõc. annot. in Res.**] a **canoniza por hũa villa situada nos coutos de Alcobaça, chamada em nossos tempos Euora. inda que se enganou em cuidar, que esteue neste sitio, pois como logo veremos, a pouoação teue seu assento muyto mays perto do mar, onde agora está hũa villa piquena, que chamão Alfeizarão, na qual se vem muytos letreiros Romanos antigos, cõ nottaueis indicios de antiguidade [...]** [transcreve textos epigráficos, com traduções e comentários] [...] auemos de crer, que a cidade antiga, q Plinio chama Eburobricio, esteue muy perto de Alfeizarão, & **não em Euora de Alcobaça, onde não ha indicios, nem rastos de cousa antiga [...]**

EBUROBRICIO. Antiga cidade de Portugal, que Plinio no livro 4. cap. 22. assenta nos Turdolos; e Diogo de Vasconcellos, Annotat. in Resend. reconhece por huma Villa, situada nos Coutos de Alcobaça, chamada em nossos tempos Evora, ainda que (como advertio o Padre Bernardo de Brito, Mon. Lusit. tom. 1. fol. 143. col. 4.) o ditto Vasconcellos se enganava em cuidar, que esteve neste sitio, porque a Povoação teve seu assento muito mais perto do mar em huma Villa pequena, que chamaõ Alfeizeraõ, na qual se vem muitos letreiros Romanos antigos, o que se não acha em Evora de Alcobaça, onde não ha indicios, nem rastos de cousa antiga.

Ainda que construídas a partir de excertos dispersos, por vezes separados por várias páginas, as sínteses de Bluteau são muito eficazes, na medida em que proporcionam uma informação coerente e representativa do sentido do texto original. Foi esta técnica, sistematicamente aplicada a dicionários, textos franceses e portugueses, que permitiu a elaboração de um texto tão amplo,

inscrevendo Bluteau numa tradição de lexicógrafos que, num labor essencialmente individual, produziram obras imensas, à base de processos de compilação.

Na grande maioria dos artigos anteriormente citados, a informação de tipo enciclopédico é predominante e a palavra-lemma é um pretexto para a narração de factos e para tentativas de explicação do real, através da constituição de classes de objectos e seres, com discriminação lógica das espécies e descrição das características²⁹. Em contrapartida, quando é uma parte de um artigo mais vasto, o confronto com a informação linguística evidencia as diferenças tipológicas dos dois registos dicionarísticos, e dessa coexistência resultam perturbações como a criação de distinções semânticas artificiais e a multiplicação de subentradas de extensão e valor informativo díspar.

A consequência mais comum desta interferência é precisamente o número de acepções. A análise semântica sujeita-se à estrutura lógica da informação enciclopédica, criando subdomínios do uso que correspondem mais a conteúdos temáticos de informação extralinguística do que a distinções pertinentes ao nível do significado. Veja-se o exemplo do artigo COROA:

COROA [...] ornamento [...]
 Coroa, no uso da Armeria. [...]
 Coroa. Insignia de pessoa Real. [...]

No primeiro parágrafo declara longamente a origem da coroa, enumerando os materiais e as situações em que eram atribuídas na Antiguidade greco-latina; o segundo parágrafo explica a simbologia da coroa na heráldica e o terceiro é dedicado à correcta versão para latim da expressão «coroa real», justificada com razões históricas. Estas subentradas merecem um tratamento lexicográfico que as equipara aos casos de polissemia ou homonímia, pelo que cabe ao consulente avaliar se a distinção semântica é relevante. Ainda no mesmo artigo:

Coroa de Nossa Senhora. He composta de Setenta, & duas, ou mais Ave Marias [...]
 Coroa de Rey. Erva, que lança umas flores pequenas [...]

²⁹ Bluteau aprende em Furetière um «intérêt constant pour les constitutions de classes extensionnelles (les «choses» désignées), les mots n'étant là que pour les transmettre» (Rey, 1978: 84).

Coroa de ouro em França. Antiga moeda d'aquelle Reyno, que El-Rey Phelippe VI. fez lavar no ano de 1339. [...]

Coroa de ouro em Portugal. [...] era huma moeda de ouro, que valia dous mil, & desaceis reis. [...]

Para o lexicógrafo, *Coroa de ouro* não é apenas uma expressão linguística que designa «moeda de ouro», pois o tratamento dicionarístico separa referentes com existência e características históricas distintas, ainda que exista uma clara associação de sentido entre as duas subentradadas.

A segunda consequência é a indexação de subentradadas que apenas podem introduzir informação de tipo enciclopédico. Considerando os exemplos *Coroa de Nossa Senhora*, *Coroa de Rey* e *Coroa de ouro*, pode admitir-se para todos eles uma definição dicionarística simples («oração», «erva», «moeda»), que no fundo está implícita, e que permite classificar todos os dados adicionais como informação complementar. Tal não se verifica com as inúmeras designações históricas e mitológicas, que resultam certamente da influência tipológica e documental dos dicionários históricos, mas que no *Vocabulario* são incluídas na dependência de uma palavra-lemma, por analogia formal ou semântica (cf. ainda a sequência de COROA e CANAL, *infra*).

COROA [...]

Coroa de Ariadna. [...] he a coroa, que Baccho deu a Ariadna, quando veyo a Creta, para casar com ella. Era toda de ouro [...]

A Pedra da Coroação. [...] pozerão os Chins na Cidade de Cochim, deyxando por ley, que todos os Emperadores do Malabar, fossem tomar a investidura do Imperio em Cochim, da mão do Bramane Mór, para a qual função deyxarão naquella Cidade huma pedra, com obrigação, que nella aquelles Emperadores se coroassem [...]

CANAL [...]

O canal de Inglaterra. He a parte do mar Oceano Septentrional, que separa o Reyno de Inglaterra do Reyno de França, & corre do Cabo de Cornualha, até Cales.

A batalha do Canal. Assim chamada do lugar, em que se deo no Alemtejo no anno de 1663 [...]

Esta é uma forma de contornar na prática as limitações impostas pelo facto de ter recusado fazer do *Vocabulario* um dicionário de mitónimos ou antropónimos, uma decisão que é reconsiderada e remediada no *Supplemento*. Por vezes os excursos enciclopédicos são evocados mediante ténues relações analógicas entre uma palavra-lemma e uma coisa ou facto. A própria indexação

é flexível, na medida em que este tipo de informação não se destina a ser localizado, mas sim «encontrado», no decurso de leituras ocasionais ou mesmo extensivas. A noção de acumulação erudita envolve o leitor no prazer das descobertas inesperadas, o que permite encontrar no artigo CAVALLO — e não em CHAFARIZ — uma subentrada *Chafariz dos cavallos*, com a descrição das estátuas de uma fonte de Lisboa³⁰; uma lista de personagens míticas que foram convertidas em constelações, na subentrada *Por entre as estrellas* (s.u. ESTRELLA); ou mesmo a história da conquista de Tróia em *Cavallo de Troya* (s.u. CAVALLO).

Este discurso dicionarístico entrecortado por enxertos enciclopédicos estaria perfeitamente adequado às expectativas do leitor-alvo do *Vocabulario*. O testemunho do Conde da Ericeira, ao afirmar que «neste Vocabulario se acha a cada folha uma flor, e hum fruto [...] os outros Diccionarios servem só para buscar, e este tambem para se ler, instruindo, deleitando» parece bem revelador de um sentimento de fruição literária e intelectual (*Supp.* I: «Censura do Excelentissimo Conde da Ericeira»).

Será necessário esperar pela consolidação das fronteiras tipológicas entre dicionários universais, dicionários de língua e dicionários geográfico-históricos, bem como pela difusão de tais obras em Portugal, para que o público português se aperceba dos defeitos estruturais do *Vocabulario*, nomeadamente um discurso enciclopédico difuso, complexo e formalmente pouco eficaz. Em França, os materiais coligidos por Moreri e Furetière foram sucessivamente reeditados com maior rigor crítico, reformulando imperfeições estruturais e discursivas, o que prolongou a sua boa recepção até perto do fim do século. A obra de Bluteau, que permaneceu intocada tal como o autor a deixou, encontrava-se em meados do século XVIII mais envelhecida do que aquelas que lhe tinham servido de exemplo.

³⁰ «Chafariz dos cavallos. Fonte publica da Cidade de Lisboa, na Rua nova. Tem este nome, [...] porque antigamēte havia nella humas estatuas equestres de brōze, q̄ lâçavaõ agoa pella boca dos Cavallos [...]» (*Voc.*, s.u. CAVALLO).

4. AUXÍLIO DA PRODUÇÃO TEXTUAL

O *Vocabulario* inclui recursos para servir de apoio à composição literária e à oratória em diversos registos, compendiando exemplos de desenvolvimento textual e elementos temáticos frequentes no discurso barroco (mitologia, história antiga, descrições simbólicas), apresentados em moldes que permitiam um aproveitamento quase imediato. Estes auxílios, inseridos nos artigos, ou assumindo a configuração de dicionários apresentados em anexo ao *corpus* principal, não podem ter deixado de moldar os hábitos de consulta e as expectativas dos leitores em relação ao dicionário, desenvolvendo a apetência por instrumentos autónomos e especializados, dedicados aos sinónimos, à mitologia, à rimas, ou aos epítetos.

4.1. Discursos

No *Prologo segundo*, o lexicógrafo aponta, entre as características que tornam o seu dicionário original, a profusão de «discursos Moraes, Filosoficos, e Theologicos, que sahirão da penna do Author, e a Oradores Sagrados, e profanos podem dar para muitos assumptos grande soccorro» (*Supp.*, I: «Ao leitor pseudocritico»). Não obstante esta reivindicação de autoria, o modelo é inspirado no dicionário de Rochefort (1685) e aproveita largamente o material nele acumulado, o que não invalida a inclusão de alguns textos do próprio Bluteau, que os contemporâneos reconheciam como um hábil orador. Além do citado *Dictionnaire general et curieux*, este tipo de informação era abundante em manuais de retórica, de lugares predicáveis e de interpretação de passos bíblicos, que o teatino possuiria em várias línguas.

No *Vocabulario*, os discursos são predominantemente orientados para o púlpito, de tal modo são férteis em referências bíblicas e prescrições morais. O espaço que lhes é dedicado é variável, bem como a sua extensão, apresentando-se sob a forma de máximas, apotegmas, ou mesmo breves discursos com uma estrutura lógica coerente, que inclui a apresentação de proposições e uma conclusão. Esta orientação da temática dos artigos é complementada pela assídua citação dos principais pregadores portugueses (cf. cap. IV.2.1). Os discursos ocorrem na dependência de palavras cujo sentido aponta diretamente para valores morais, mas há um considerável grau de imprevisibilidade, já que se verificam inúmeras relações analógicas, decorrentes dos próprios artifícios discursivos. A ordenação deste material parece obedecer mais uma indexação lexical do que temática. Assim, artigos como PECCADO, PECCAR ou PARAISO — que são termos marcados no discurso religioso — são surpreendentemente pobres em sugestões para os pregadores. Todavia, o tema da salvação e da condenação é recorrente ao longo do *Vocabulario*, mas partindo de outros termos-chave em que assenta o discurso.

Bluteau dá preferência a estratégias habituais na parenese barroca, como a personificação dos vícios e virtudes e a insistência na linguagem metafórica. Sugere frequentemente imagens alegóricas como a caminhada ou a luta, entre outros lugares comuns do discurso religioso (cf. *ESCRUPULO*, *infra*). No que respeita à língua, sobressai a exploração das relações semânticas, sob a forma de jogos de palavras, enumerações e antíteses engenhosas, e demais estratégias da amplificação barroca, mas sem agudezas extremas que tornem imperceptível o conceito (cf. *VIDA*):

ESCRUPULO. [...] Na estreita campanha de huma consciencia timorata, daõ os escrupulos grandes batalhas. Duvidosa a alma entre peccado, & não peccado, como se estivera suspensa entre o ceo, & o Inferno, já affirmando o que nega, já negando o que affirma, se contradiz a si propria, & se implica comsigo mesma [...]

VIDA [...] Só póde a vida humana parecer breve aos que errando o caminho, vaõ direitos ao inferno. Notavel loucura esta, queixarse de que passa o tempo, & buscar passa tempos; entregarse a prazeres fugitivos, & sentir que a vida fuja. Mais justa seria a queixa do homem no principio da vida, que no fim, porque nasce para morrer, & morre para sempre viver [...]

Estes discursos podem ser autónomos em relação ao sentido da palavra-*lema*, na medida em que são ponto de partida de desenvolvimentos analógi-

cos. Assim se interpretam as séries de sentenças lapidares, aparentemente desconexas entre si porque a presença da palavra-lemma não é obrigatória. Veja-se o exemplo de VESTIDO, em que se aborda o tema da « vaidade » sem que este seja explicitamente introduzido, dependendo a interpretação de uma leitura global do conjunto de frases:

VESTIDO [...] O peccado foi a causa, porque se introduzirão os vestidos; quem se glorea delles, do peccado se glorea. [...] Foraõ os vestidos inventados para cobrir, não para enfeitar. He desavergonhado o vestido, q̄ merece mais barretadas, que seu dono. Não he sempre melhor o ginete, q̄ tem melhores jaezes. Em Arithmetica não monta nada a cifra, senão encostada a algum numero. Não se julga da bondade do licor pelo exterior da vasilha. [...] Homens de engenho obtuso, ordinariamente vestem panno mais fino [...]

A constante alusão a exemplos bíblicos era um elemento essencial na estrutura do sermão, que admitia também exemplos retirados da história antiga. No domínio dos textos sagrados, Bluteau é bem mais copioso que Rochefort, o que é compreensível tendo em conta que era doutor em teologia e trabalhava simultaneamente na composição do *Oraculum utriusque testamenti*. Se exceptuarmos os contextos em que a citação da Bíblia assume os contornos de um comentário exegético, com a invocação dos doutores da igreja, não há claras distinções entre o aproveitamento discursivo das personagens bíblicas e da história antiga. Ambos os universos constituem um fundo de exemplos de boa ou má conduta, de valor ou iniquidade ¹:

ENVEJA [...] Desdo principio do mundo ardeo o Demonio neste fogo, delle resultaraõ a Adaõ, na extinção da sua felicidade, as cinzas da morte. Do coração do Demonio se ateou no coração de Cain o fogo da Enveja: o primogenito da natureza foi o primeiro verdugo da inno-

¹ Todavia, raramente associa figuras bíblicas e personagens da mitologia pagã, como sucede s.u. EXEMPLO (*Voc.*): « Quando o imperio do principe não abala ao subdito, obrigo o exemplo. A seu pagem da lança mandou Saul, que o matasse; mas não obedeceo; tirou Saul pella espada, & se tirou a vida, logo o pagem cobrou valor, & á imitação de seu senhor, se matou a si mesmo. Tanto que Jupiter, primeiro Nume da Gentilidade, se avassallou a Cupido, todos os mais deoses se sogeitaraõ ao imperio do Amor, pode mais o exemplo do Principe, que a Ley ». A mitologia greco-latina, repleta de alegorias e simbolismos, era particularmente apta para desenvolvimentos em discursos profanos e poéticos, de acordo com tópicos transmitidos também pela tradição retórica e a lexicografia latina (cf. cap. IV.4.2).

encia. O mayor mal da Enveja, he pegarse ao melhor. Tambem busca este fogo os altos; sô virtudes, & talentos sublimes saõ isca para este incendio. Felipe, Rey de Macedonia não podia sofrer o valor de seus capitaens. Alexandre aborrecia a Lysimacho grande General; chorou Cesar de rayva, vendo no retrato de Alexandre, o exemplar dos Heroes; [...]

Parte destas sentenças pode ter origem em excertos recolhidos em autores portugueses, compilados por Bluteau nos mesmos cadernos que forneceram as abonações. No tomo VIII, s.u. VERDADE, encontra-se uma longa lista de «Verdades géraes, para toda a sorte de homens, tomadas de livros Portuguezes, impressos, ou manuscritos», com 12 páginas e sem indicação de fontes. Apesar de também poderem suportar o desenvolvimento de discursos, o lexicógrafo apresenta-as neste artigo como sentenças didáticas — «Ethicas, Politicas, & Economicas» — destinadas ao aperfeiçoamento do leitor, o que confirma a orientação moral de todo o conjunto de informações. O lexicógrafo justifica o carácter atípico desta informação num dicionário de língua: «Não faltará Criticos, que condenem esta colecção de verdades, como impropria para hum Vocabulario, mas acho, que outros Autores de Vocabularios, os enchem de noticias muito menos uteis, que estas» (*Voc.*, s.u. VERDADE).

4.2. Mitologia

Os grandes dicionários latinos, como o *Thesaurus* ou o *Calepino*, acumulavam notícias respeitantes à mitologia, sob a forma de breves explicações de carácter erudito, excertos literários e estruturas linguísticas, tendo como principal objectivo a interpretação dos autores clássicos. Reelaborando o mesmo fundo linguístico e documental, publicavam-se também colectâneas de tipo lexicográfico orientadas para a retórica, que do imaginário mitológico destacavam aspectos como os epítetos e as descrições poéticas e simbólicas².

² Deste género de dicionários é exemplo o *Apparatus Latinae locutionis, in usum studiosae juventutis, post Marii Nizolii principia, ex Marci Tullii, Ciceronis, libris collectus [...]* *nominibus quoque, sua Epitheta: Verbis verò, Adverbia subiuncta sunt* (1632), que Bluteau consultou e cita no *Vocabulario de vocabularios* (*Supp.* II). Nesta obra, que contempla os nomes mitológicos, os artigos incluem um parágrafo especificamente dedicado à enumeração de palavras que costumam acompanhar a palavra-lemma, na condição de adjectivos ou epítetos.

Os primeiros dicionários monolíngues franceses, que pretendiam valorizar e autonomizar o vernáculo, resistiram à inclusão na nomenclatura dos nomes fabulosos, bem como da antroponímia em geral (Richelet, Furetière, Cornille, Académie). Até ao final do século XVII, a mitologia é considerada um domínio dos dicionários históricos, que os próprios autores cultivam e publicam com realce nas páginas de rosto e nos prólogos. O primeiro subtítulo de Moreri é «Mélange curieux de l'histoire sacrée et profane, qui contient en abrégé l'histoire fabuleuse des dieux & des Heros de l'Antiquité Payenne»; poucos anos depois, um dos propósitos da edição do *Dictionnaire historique et critique* (1697) de Pierre Bayle será precisamente ampliar e corrigir o fundo de história antiga e mitologia de Moreri³.

Entre as fontes privilegiadas de Bluteau, o primeiro exemplo da incorporação de mitónimos num dicionário de língua é a abrangente edição revista e ampliada do *Dictionnaire universel* de Trevoux (1721), que é publicado no período da elaboração do *Supplemento*. Mais do que uma inflexão nos limites da nomenclatura do *Vocabulario*, que recusava os nomes próprios, trata-se de um novo tipo de informação, subordinada a uma renovada orientação estético-literária. Esta abertura aos mitos merece insistentes justificações no *Prologo segundo*, em que o lexicógrafo afasta prudentemente as comparações com dicionários históricos.

[...] nomes de pessoas pertencem a Vocabularios Historicos, como he o de Moreri; nomes de cousas são para Vocabularios de linguagem. He verdade, que no meu Vocabulario tenho dado lugar a nomes de pessoas, como v. g. Apollo, Atlante, Bacco, Bellorophon, Cadmo, Faetonte, &c. mas estas são pessoas fabulosas, e ficticias, e como taes nem cousas são [...] (*Supp.* II: «Ao leitor pseudocritico»).

Tambem he de notar, que como a mayor parte dos Numes, ou Heroes fabulosos tem além do nome mais commum, outros nomes no idioma Portuguez usados, porque chamaõ os nossos Poetas a Vulcano *Mulciber*, a Marte *Gradivo*, a Bacco *Lyeo*, &c. não he escusada a noticia, e declaração destes appellidos: de mais, como este Vocabulario he Portuguez, e Latino, entendi, que convinha fazer mençaõ dos nomes, epi-

³ Afirma Bayle: «Et comme Mr. Moreri s'est beaucoup plus abusé dans ce qui concerne la Mythologie, & les familles Romaines, que dans l'Histoire moderne, j'avois principalement fait des recueils sur les Dieux & sur les Heros du Paganisme, & sur les grans hommes de l'ancienne Rome.» (Moreri, *Le grand dictionnaire historique*, 1697, «Preface»: 2).

thetos, e frases Latinas dos antigos Poetas, para ajudar aos compositores em hum, e outro idioma [...] (*Supp.* II: «Ao leitor impertinente»).

Todavia, o tratamento lexicográfico destas unidades lexicais ultrapassa em muito o esclarecimento dos epítetos, alargando-se a todas as informações essenciais para uma correcta interpretação e uso em discurso elaborado, com a descodificação justificada das metáforas e dos símbolos, relatando quando necessário os meandros dos episódios lendários, tal como faziam Moreri, Bayle e Hofmann.

O alargamento a um discurso histórico e enciclopédico é corroborado pela presença de entradas e extensos artigos dedicados à mitologia egípcia e do norte da Europa, bem como a deuses pagãos e epítetos referidos na Bíblia, que decerto não seriam comuns na poesia portuguesa (cf., por exemplo, CANOPO, CRACO, CYNOCEPHALO). Somando os artigos sobre instituições e ritos da história antiga, em que a religião é geralmente retomada, pode considerar-se que no *Supplemento* o discurso lexicográfico é preenchido por alusões a episódios míticos, com reflexos no índice de frequência de determinadas unidades lexicais. Os mitónimos com larga exploração literária merecem extensos artigos no *Supplemento*, mais pormenorizados, como APOLLO, BACCO, JUPITER, VENUS, o mesmo se verificando com as personagens míticas celebradas pela tradição épica, como HELENA ou PENELOPE. Assim, algumas palavras que no *Vocabulario* tinham uma expressão pouco significativa, tornam-se recorrentes nos dois últimos tomos, como os nomes dos principais deuses greco-latinos. Tal não significa que a mitologia estivesse ausente no *Vocabulario*, mas em todo o caso merecia uma atenção marginal, como uma informação complementar de difícil localização. Um conteúdo que no artigo CYPRESTE (tomo II) é uma nota quase etimológica, no *Supplemento* autonomiza-se graças ao destaque concedido à explicação dos mitos:

CYPRESTE [...] Dizem, que o fumo do *Cypreste* queymado afugenta os mosquitos, & que ramos delle, metidos entre os vestidos, os preservão da traça. *Cypreste*, & seu nome Latino *Cyparissus*, se derivaõ de *Cyparus*, que he o nome de hum menino, do qual fingiraõ os Poetas, que fora convertido por Apollo em *Cypreste*. [...]

CYPARISSO. Mancebo de taõ boa feição, que delle se namorou Apollo. Criava hum veado, que elle matou por erro; do que ficou taõ sentido, que se quiz matar a si proprio. Apollo movido de piedade, o transformou em Acipreste. *Ovid. liv. 10. Metamorph. Fab. 3.*

Os conteúdos dos tópicos de informação mais comuns contribuem para que os artigos se apresentem repletos de mitónimos e designações alegóricas

equiparáveis, muitos dos quais nem possuem uma entrada autónoma. Um desses tópicos obrigatórios é a complexa genealogia dos deuses, só por si responsável por uma sobrecarga de nomes:

CUPIDO. Fabuloso Deos do amor, a que os Poetas, e Filosofos deraõ differentes pays. Hesiodo o faz filho do **Caos**, e da terra; Luciano, e depois d'elle Cicero, filho de **Marte**, e de **Venus**; Arcesiaõ, da **Noite**, e do ar; Sapho de **Celo**, ou do Ceo, e de **Venus**; Alemeon de **Flora**, e de **Zephiro**; Plataõ da **Pobreza**, e de **Poro**, filho do **Conselho**, e da **abundancia**; Seneca de **Vulcano**, e de **Venus**. Ovidio, e antes d'elle Plutarco, querem que haja dous Cupidos; e o mesmo Plataõ reconhece dous, o primeiro filho de **Venus Urania**, *id est*, **Celeste**; e o segundo de **Venus Terrestre**, ou **Marina**, nascida da escuma do mar. Outros finalmente o fazem filho de **Jupiter**, e de **Venus**, ou do **Erebo**, e da noite. [...]

Para além de uma relação sintética dos principais episódios que tornariam compreensíveis a generalidade das alusões literárias, o lexicógrafo investe na descrição e comentário das representações simbólicas das divindades, que reuniam toda uma série de marcas características comumente reconhecidas e glosadas pelos poetas. Esta insistência, que não é típica de Moreri, acompanha decerto a preferência da estética barroca pelos enigmas e divisas, frequentemente baseados em alusões mitológicas ⁴:

CYBELE [...] Em humas medalhas antiquissimas se vê Cybele representada, pondo a mão sobre hum tambor, figura do globo da terra; nas torres que lhe poem sobre a cabeça, se significaõ as Cidades, e outras Povoaçõens; as cadeiras que tem ao redor de si, demonstraõ que em quanto ella fica immovel, tudo ao redor della se move [...] No Leão solto, e manso se denota, que não ha terra taõ bravia, que não possa ser cultivada. Os que representaraõ a Cybele com huma chave na mão, quizeraõ dizer, que no tempo do Inverno a terra fecha em si toda a sua vegetativa prole, e na Primavera se abre para a pôr na luz do Mundo. [...] Os quatro animaes, que puxaõ pelo carro de Cybele, denotaõ as quatro Estaçoens do anno, ou os quatro ventos cardinaes, ou os quatro elementos. Finalmente deraõ a Cybele Saturno por marido, porque não produz a terra, senaõ com o tempo [...]

⁴ Bluteau desenvolve amplamente este tema na «Prosa symbolica. Tratado compendio da arte symbolica, declarada em toda a sorte de figuras enigmaticas» (*Prosas*, II: 11-106).

Estes comentários alargam-se em sugestões de desenvolvimentos retóricos, em que a partir dos vícios e virtudes alegorizados na mitologia pagã se compõem discursos de tom moralizante, conformes com a doutrina cristã. Mais uma vez, trata-se de uma marca que o *Vocabulario* não partilha com os dicionários históricos, devendo-se esta configuração às motivações pessoais do lexicógrafo e expectativas dos receptores. Veja-se o artigo CUPIDO, em que o pecado e a condenação do amor sensual se tornam domínios temáticos centrais:

CUPIDO [...] Em toda a parte onde se acha, causa desordens, roubos, homicídios, adulterios, incestos, e todos os mais crimes são seus inseparáveis companheiros. Por isso os Antigos o representaraõ, ora como filho da noite, e da pobreza, ora como parto da discordia, e do litigio, deraõlhe por sequazes o arrependimento, a dor, as inimizades, e a febre, querendo dizer, que delle nascem todas as desordens, e desatinos, que na escuridade das trevas, e da culpa se comettem, e que naõ he huma só doença, mas hum composto, e huma multiplicação de todos os males. Está nũ, porque ordinariamente quem ama, se despe de quanto possue, descobre o seu segredo à imitação de Sansaõ, e fica objecto de escarneo, e alvo de todos os opprobios, e miserias do Mundo. [...]

Não obstante estarmos em presença de um universo de referência culturalmente prestigiado e valorizado pela tradição literária, subsiste a preocupação em sublinhar incessantemente a falsidade de todas as religiões pagãs, ídolos, prodígios e rituais da gentildade que, de acordo com Bluteau, «quanto mais extravagantes são, mais acreditaõ as solidas verdades da nossa Sagrada Theologia» e «as ridiculas fabulas, que delles se contaõ, nos devem servir de motivo para dar graças a Deos, de nos ter allumiado com a doutrina do Euangelho» (*Supp.* I: «Ao leitor impertinente»). A redacção destes artigos obedece às cautelas que a censura inquisitorial impõe, recorrendo a expressões modalizantes como *fabuloso*, *patranha*, *fungirão os Poetas*, que afastam o perigo de o lexicógrafo ser acusado de propagar heresias, ainda que de forma involuntária ⁵.

⁵ Trata-se de um conjunto de marcas que por norma não ocorrem em Moreri: (s.u. CADMO) «**fungio a Fabula**, que Cadmo, e Hermiona foraõ mudados em Serpentes»; (CHARYBDE) «o que **deu motivo aos Poetas**, que Charybde, e Scylla eraõ dous horrendos monstros»; (CEPHEO) «**fungiraõ os Poetas**, que fora transformado em Astro [...] foy reputado invencivel pela virtude de hum cabelo, **que (pelo que dizem)** lhe tinha pegado na cabeça, depois de o tirar da de Minerva»; (GERYAO) «A Fabula de Geryaõ **era huma patranha** da Phenicia, cuja explicação he esta»; (ANUBIS) «Os Authores naõ só Christãos, mas tambem Gentios, **zombaraõ deste ridiculo, e fabuloso Deos** dos Eypcios».

Resta referir a dicionarização da tradução de longas séries de epítetos latinos, que neste período gozariam de um estatuto lexical dúbio, consideradas ora portuguesas, ora latinas. O *Vocabulario* admite na nomenclatura epítetos derivados de adjectivos e topónimos latinos, mas o facto de o lexicógrafo não apresentar abonação em autores portugueses para uma parte destas palavras sugere que a principal motivação é compendiar informação erudita para uso literário. De facto, nem todos os epítetos, directamente derivados de adjectivos e topónimos latinos, possuem a mesma capacidade de se adaptar à morfologia portuguesa: ACIDALIA, AGNIFERO, ANTÍTYPO, ARMÍSONO, BRONTEO, CINTILIA, DELIO, DIONYSIO, DIRCEO, EGIOCHE, EGOBOLO, ELELEO, FEBUO, FERETRIO, GRADIVO, HYPERIAÓ, INTERCISO, LIBER, MENDRACULA, MULCIBER, NOCTURNA, PAPHIA, PYTHIO, VESPERTINO, VITREO ⁶.

O número de epítetos é elevado, somando os que fazem parte da nomenclatura com aqueles que surgem como informação complementar no interior dos artigos. A enumeração comentada dos epítetos é uma técnica de redacção muito frequente, uma vez que a explicação dos seus significados invoca toda uma série de episódios fabulosos ou circunstâncias como o nascimento, poderes, local de culto ou metamorfose de uma personagem mitológica. O facto de o lexicógrafo integrar estas palavras com naturalidade no enunciado português constituiria uma autorização implícita do uso em vernáculo:

CYBELE. Filha de Celo, irmã, e mulher de Saturno, que pario a Jupiter, e foy chamada Mãy dos Deoses; teve muitos outros nomes, porque tambem lhe chamaraõ *Rhea*, *Dyndimena*, *Berecynthia*, *Idea*, *Perlinuncia*, *Ops*, *Maya*, *Tellus*, e *Boa Deosa*. [...] *Rhea*, tambem he nome, derivado do Grego *Reein* (correr fallando em cousa liquida) e a *Cybelle* se deu este nome, por causa das chuvas, e influencias celestes, que fertilizaõ a terra [...] *Dyndimena*, ou *Dyndimia*, he nome que se deu a *Cybele*, porque foy particularmente adorada em hum monte da *Phrygia*, ou da *Troada*, chamado *Dyndima* [...]

Os Poetas Latinos chamaõ a *Cybele*, *Alma Deum genitrix*, *Alma parens Idae*, *Magna Deum mater*, *Turrigera*, ou *Turrita Dea*, *Phrygia mater*, *Cybeleya Dea*.

⁶ Exemplos recolhidos no *Supp.* As fontes das formas autorizadas encontram-se geralmente nos poetas dos séculos XVII e XVIII: «DELIO. Epitheto, que os Poetas daõ a Apollo, ou ao Sol, por ter nascido na Ilha de Delos. *Delius*. *Virg. Nas aguas se mergulhe o Delio Nume*. Oraç. Academ. de Fr. Simaõ, pag. 367.»; «GRADIVO. Epitheto, que deraõ os Poetas ao Deos Marte [...] *Toma espada o Gradivo soberano*. Faria, Fonte de Aganipe, liv. 1. Centuria 6. Soneto 84.»

Tal como o artigo CYBELE ilustra, a estrutura inclui normalmente um segundo núcleo de informação que reúne epítetos e frases da tradição poética latina sem quaisquer comentários, e cuja adaptação ao português é mais problemática, pois resultam de designações por paráfrase.

O testemunho de Bluteau indicia que esta duplicação não seria entendida pelos leitores como desnecessária, pois permitia distinguir quais os epítetos admissíveis em português e quais os restritos ao latim ⁷. Numa leitura global dos artigos, o *Supplemento* proporcionaria o acesso a um tipo de informação muito similar à que se encontrava em manuais de apoio à composição como o *Gradus ad parnassum*, decerto com menor variedade de exemplos, mas com a vantagem de apresentar notas eruditas mais amplas ⁸.

4.3. Codificação literária

Nos artigos relativos aos géneros poéticos e formas métricas, o tipo de informação complementar orienta-se para a enunciação de preceitos e modelos estéticos que regulam a composição literária. O *Vocabulario* é configurado à medida dos interesses de uma elite culta que encontrava nas diversas academias um espaço de afirmação social e fruição, que permaneceu temporalmente para além da fundação da Academia Real de História (1720). Nas *Prosas Portuguezas*, em que se registam os principais nomes da Academia dos Generosos, Bluteau dá conta do gosto dos nobres pela erudição e literatura latinas, adivinhando-se uma habilidade para a composição poética em latim, cultivada

⁷ «como este Vocabulario he Portuguez, e Latino, entendi, que convinha fazer menção dos nomes, epithetos, e frases Latinas dos antigos Poetas, para ajudar aos compositores em hum, e outro idioma» (*Supp.* II: «Ao leitor impertinente»).

⁸ O *Gradus ad Parnassum, sive novus synonymorum, epithetorum, phrasium poetarum, ac versuum Thesaurus*, compilado pelo jesuíta Paul Aler, não consta do «Vocabulario de vocabularios», nem é referido no texto do *Supplemento*, mas há evidentes contactos no tipo de informação que ofereciam. Veja-se um exemplo retirado de uma edição de 1716: — (*Supp.*) «PENELOPE. [...] Os Poetas Latinos chamaõ a Penelope *Icaria, Icaris, Icariotis. Casta Ulyssis conjux. Difficilis procis. Illus docta fugare procos. Nocturno solvens texta diurna dolo.*» — (*Gradus*) «Penelope, es. [...] Icarí filia, Ulyssis conjux, quae absente per viginti annos marito castitatem inviolatam servavit. Redux Ulysses, sub mendici habitu procos omnes interemit. SYN. Icatís, icariotis. EPITH. Icaria, pudica, casta, pia, fidelis, fida, formosa, decora, Argolica. PHR. Casta semper Ulyssis conjux. Absenti fida marito. Multis una petita procis. Illus docta fugare procos.»

desde tenra idade (*Prosas*, I: 20-21). Aí se encontram figuras que fariam parte do círculo de relações do lexicógrafo e que colaboraram na elaboração do *Vocabulario*, remetendo-lhe sugestões de entradas e informações relacionadas com a composição literária, em que confluem as suas preferências estéticas⁹.

É no *Suplemento* que o espaço dos preceitos formais se alarga — a par da fábula mitológica e dos epítetos — com a adição de novos artigos e a amplificação de aspectos que haviam sido abordados no *Vocabulario*, constituindo um breviário poético português e latino. A participação assídua de D. Francisco Xavier, o ressurgimento das academias após um longo período de guerra, o patrocínio da D. João V às artes são explicações possíveis para um género de compilação sem precedentes nos dicionários franceses do século XVII.

O *Vocabulario* já contempla a generalidade dos termos da poesia vernácula e latina, mas com um tratamento lexicográfico menos orientado para a sistematização e exemplificação¹⁰. De facto, é comum que nos artigos se privilegie a informação linguística e o acesso ao significado, e que as citações ilustrem o uso e o sentido da palavra-lemma, e não a forma poética em causa:

BALHATA. Canção, com que se baila. He composta de repreza, mudanças, & volta. *Saltatorium carmen, inis. Neut.* ou *Saltatoria cantilena, ae. Fem.* *Balhata* vem do verbo Italiano Ballare, que quer dizer *Bailar*, porque com estas cançoens cantavaõ, & bailavaõ. Phelip. Nun. Arte Poet. pag. 26. vers.

ENDECHA. Poesia funebre composta de humas coplas, como as de Romance, & humas vezes se fazem de seis pès cada verso, & outras vezes de sinco pès somente, & quanto aos soantes se guarda a mesma regra,

⁹ Para além dos Condes da Ericeira (cf. cap. 1.2.1), importa destacar o nome de Inácio de Carvalho e Sousa (1680-1759?), fundador e anfitrião dos Anónimos, onde explicava as lições da arte poética, e membro das principais academias da época (cf. Silva, *Diccionario Bibliographico*, III: 205). Como reconhece no «Prologo Segundo», «ao seu laborioso estudo, e discreta curiosidade deve este Vocabulario a noticia dos termos mais exquisitos da Poesia Portugueza» (*Supp.* II: «Ao leitor malévolo»).

¹⁰ Os principais termos da poesia vulgar que merecem artigo próprio no *Vocabulario* estão enunciados s.u. POESIA: «A Poesia vulgar, Portugueza, além das Eclogas, dos Enigmas, Anagrammas, Acrosticos, Centoens, & composicoens varias de versos retrogrados, Leoninos, &c. que imita da Poesia Latina, dá largo campo ao engenho humano em outras muytas obras metricas, como Coplas, Grozas, Redondilhas, Lyras, Romances, Sonetos, Madrigaes, Vilhancicos, Balhatas, Canções, Tercetos, Quartetos, Oitavas, & Sextas rimas, Sextinas, Decimas, Labirinthos, &c.»

que no Romance. Querem alguns, que *Endechas* seja huma corrupção da palavra *Indicios*, porque as *Endechas* são *Indicios* de tristeza, & de amor. [...] Tornemse *Endechas* tristes As doces cantilenas destas aves. Crist. D'alma, 215. [...] *Endechas*, como verso funebre se podê chamar, *Nenia*, ou *Naenia*, *ae. Fem. Ovid. 6. Fastos.* ou *Naeniae, arum. Fem. Plur.* Tambem a versos alegres se dá o nome de *Endechas*. Cantando alegremente *Endechas* semelhantes às que nas Aldeas se costumaõ. Maris, Vida de S. Joaõ de Sahagum, 2. part. pag. 106.

O lexicógrafo considera suficiente definir tipologias, com uma informação sucinta que assenta em traços distintivos essenciais, mas que não são ilustrados com excertos (cf. REDONDILHA, *infra*). Isto verifica-se quando os artigos têm de comportar notícias sobre as diversas acepções de uma palavra-lemma (como DECIMA, ECO, ESTANCIA, LABERINTO, por exemplo) em que, além do uso como termo poético, se regista o sentido primitivo ou outros.

REDONDILHA [...] Ou se chama *Redondilha*, porque se canta nos coros das Tragedias, & Comedias, nos quaes se dança, & dançando se dá muyta volta. Compõem-se de cinco, ou de quatro, & às vezes de oyto versos. Ha *Redõdilhas* simplices, dobradas, & mistas. As mistas tem hũa Redondilha de quatro versos, & outra de cinco. Não temos palavras proprias Latinas para estes generos de versos.

Por outro lado, se no *Suplemento* são frequentes os aditamentos que se limitam a um único tema, os artigos do *Vocabulario* ressentem-se mais do espírito de acumulação, pelo que palavras-lemma como VERSO motivam largos excursos com informação erudita histórica e mitológica, sugestões para ampliações retóricas e dezenas de traduções de fraseologia latina, sobrando pouco espaço para uma discriminação dos principais tipos de versos.

Não surpreende que a informação a respeito da poesia latina seja mais abundante, mesmo quando o termo em análise se pode aplicar à produção em português. Os poetas clássicos eram modelos matriciais, que inspiravam as composições dos académicos com um arsenal de recursos estéticos, que os manuais de retórica e as selectas literárias reproduziam e perpetuavam¹¹. Não

¹¹ Cf. RETROGRADO, em que as palavras e versos retrógrados são copiosamente ilustrados com exemplos latinos e com um soneto castelhano, mas sem uma única citação portuguesa.

haveria metro, forma ou temática para o qual Bluteau não pudesse reunir com facilidade exemplos prestigiados e esclarecedores, bastando para tal valer-se da sua completa formação literária em La Flèche e da experiência em compor versos latinos, que exercitava com assiduidade. E porque uma parte considerável da produção poética do século XVII foi publicada em castelhano, os leitores não estranhariam que os exemplos para determinadas formas métricas engenhosas fossem apresentados nessa língua e não em português¹².

As formas poéticas que por norma merecem descrições mais pormenorizadas, tanto no *Vocabulario* como no *Supplemento*, são aquelas que obedecem a prescrições rigorosíssimas, e cujo grau de dificuldade demonstra a mestria do poeta no domínio da língua e dos códigos¹³:

TERCETO. (Termo da Poesia vulgar.) Compõem-se de tres versos, de tal maneira entresachados, que o terceiro responda ao primeiro, & o primeyro do Terceto seguinte ao segundo do immediato, que passou, & se pódem fazer quãtos o Poeta quizer. Porém o ultimo Terceto ha de levar hum pé mais que responda ao segundo pé do mesmo Terceto ultimo. Não se ha de suspender o côceito de hum Terceto para outro, aindaque Garcilazo o fez. [...]

LABERINTO. Tambem se da este nome a obras de engenho em versos, ou em prosa, com certo genero de coplas, dicções, ou letras, tam artificiosamente intrincadas, que sem se conhecer o artificio, não se póde entender o sentido. [...] Outros Laberintos se fazem de versos inteiros, os quaes lidos ao direito, ou ao revez, saltados, ou cruzados, ou de outras maneiras, fazem copla com um soneto retrogrado. Outros se compoem de de Coplas, Redondilhas, ou de Serventesios. Outros ha donde não só se lem os versos de muitas maneiras, porém lidos de outra, fazem hum sentido, & lidos de outra, fazem o contrario, & compoemse de Coplas a Arte mayor, & de Redondilhas menores. [...]

¹² Cf. o artigo RIMA, em que todos os géneros de rima recebem citações em castelhano.

¹³ Recorde-se que Bluteau não criticava o rigor formal, mas a vacuidade dos temas a que se dedicavam as academias literárias do século XVII: «O engenho, discríção, agudeza e primor Poetico, com que os Academicos trataraõ estes, e outros semelhantes assumptos, certamente he digno de admiração; não póde haver assumptos mais inuteis, e menos dignos do talento, habilidade, e sciencia de taõ grandes sogeitos!» (*Prosas*, I: 337).

A terminologia relativa à técnica de composição poética encontrava-se sobretudo em obras castelhanas. Por isso, neste domínio específico, os dicionários e os tratados franceses dão lugar às obras peninsulares, mais adequadas ao gosto estético vigente. A *Arte Poetica Española* (1592) de Juan Diaz Rengifo (1553-1616) é uma fonte privilegiada, na medida em que recolhe preceitos técnicos e abundantes exemplos que, sintetizados por Bluteau, conferem aos artigos do *Vocabulario* um intenção didáctica próxima do texto original. O confronto dos artigos acima citados com o tratado de Rengifo evidencia a intertextualidade:

Otros Tercetos ay, que se componen de tres versos de tal manera eslavonados, que el tercero responda al primero, y el primero del Terceto, que se sigue, al segundo del inmediato, que passò; y desta manera se vãn continuando, y se pueden hazer quantos el Poeta quisiere: pero el vltimo Terceto ha de llevar vn Pie mas, que responda al segundo Pie del mismo Terceto vltimo. [...] Finalmente en est [*sic*] Metro no se ha de suspender el concepto de vn Terceto para otro, como de ordinario no se haze en el Latin en los versos Elegiacos, aunque Garcilasso de la Vega le suspendiò en la Elegia segunda [...] (Rengifo, *Arte poetica*, 1727 (1592): 87).

Otros Labyrinthos se hazen de versos enteros, los cuales leídos al derecho, ò al revès, saltados, ó cruzados, ù de otras maneras, siempre hazen Copla, como el Soneto Retrogrado, que queda atrás [...] Otros se componen de Coplas Redondillas, ò de Serventesios en esta forma [...] Otros Labyrinthos ay, donde no solo se leen los versos de muchas maneras, pero leídos de vna, hazen vn sentido, y leídos de otra, hazen el contrario, y componense de Coplas de Arte mayor, y de Redondillas menores [...] (*ibidem*: 184-185).

Entre os autores portugueses, a breve *Arte poetica* (1615) do dominicano Filipe Nunes, citada em BALHATA, é a fonte mais frequente de Bluteau, proporcionando, além das definições, algumas composições castelhanas modelares¹⁴. As principais diferenças do *Supplemento* em relação ao *Vocabulario* de-

¹⁴ O título completo da obra é *Arte poetica, e da pintura, e symmetria, com principios da perspectiva* (1615) e apenas os primeiros 36 fólhos (74 no total) são dedicados à definição e partes da poesia, incluindo um tratado de versificação.

correm do facto de as adições não incluírem informação linguística e análise semântica. São artigos atípicos, em que o lexicógrafo propõe sínteses abrangentes, sob a forma de pequenos tratados, que inclusivamente podem repetir informações presentes em outras entradas do *Vocabulario*¹⁵. Trata-se afinal de uma subversão dos princípios de ordenação dicionarística que seguiu ao longo dos oito volumes, pois o objectivo já não é a indexação extensiva do léxico, e pode recorrer a palavras-lemma muito mais genéricas, próprias de um dicionário enciclopédico tematicamente orientado. Alguns artigos extensos como VERSO (8 páginas) apresentam uma divisão interna por meio de subtítulos, que agrupa a informação em núcleos temáticos:

VERSO [...]

Versos Latinos, mais usados, e que fazem melhor harmonia [...]

Nomes de versos latinos em ordem ao numero dos tempos, e das medidas dos versos [...]

Titulos latinos, e grego-latinos para varios assumptos de versos [...]

Outros nomes latinos, e Grego-Latinos, que pelo extraordinário, e engenhoso artificio da sua composição se chamaõ *Ludus Poeticus* [...]

Outra característica do *Suplemento* é o facto de o lexicógrafo não parecer impor limites de espaço à exemplificação, acompanhando os preceitos com modelos seleccionados¹⁶. No artigo SONETO (6 páginas) reproduzem-se integralmente 17 textos, entre os quais duas engenhosas composições com efeitos visuais que obrigam a quebrar a composição tipográfica regular, e que aproximam definitivamente as páginas do *Vocabulario* — no conteúdo e na forma — de uma colectânea selecta do gosto das academias literárias. O estilo encomiástico, a referência explícita a nomes e factos presentes, a consagração pública nas páginas do dicionário de figuras preponderantes na corte, são marcas transversais a toda a obra, mas que no *Suplemento* se acentuam graças à citação das produções académicas (cf. figs. 17 e 18).

¹⁵ Por exemplo, no artigo SONETO do *Suplemento*, os tópicos «soneto com eco» e «soneto retrogrado» reelaboram e amplificam as entradas ECO e RETROGRADO do *Vocabulario*.

¹⁶ E.g.: «SONETO. No setimo tomo do Vocabulario temos dado contada differença dos Sonetos, mas sem exemplos delles, circunstancia necessaria para a noticia, e uso deste genero de Poesia [...]».

SONETO TETRACROSTICO
Em applaudo do Presidente da Academia dos Applicados
TRISTÃO GUEDES DE QUEIROS,
Na Sessão de 30. de Janeiro de 1720.
Pelo Academico Applicado Francisco de Souza de Almada.

* A T R I S T A M G U E D E S	pollo vos ristão por ayos ufo abio endo o dmiravel este ercurio lorias offa ssa onde effes levais eculos	V I R I S I S A M G U E D E S	dmire, e Tantos R epira, e I nterpondo o T riunfo no cto ais rato ictoria, e sfera effe ons, e sse empre, e	A T R I S T A M G U E D E S	me itulos, aye uizo olido, e ropico pplauda agniloquo ozais alido p irito otes ngenho, abios	A T R I S T A M G U E D E S	ltamente, riunfante, utilante, ntelligente. apiente, onante, mante ente. lorificando encendo levando : ispendendo, xuperando uspendendo.
--	---	---	--	--	--	--	---

SO-

Figura 17: Composição poética. *Supp.*, s.u. SONETO

226 SON SON

SONETO PROTEO, EM LABYRINTHO;

Retrogrado, Terciado, Continuo, tirado dos Enneaticos applausos, que compoz Francisco de Souza de Almada em obsequio do Duque de Banhos, aliás de Aveiro,

METRO VII. ASSUMPTO V.

O qual he dar-se a sentença em hum Sabbado, que foy a 17. de Fevereiro, do Anno de 1720.

<p>A Urorá, Estrella, Sol, Esperança, Astro, bem, Senhora, liberal, Confiança singular, Tutora Celestial, Bonança, Candor, luz, Valedora, Ceo, flor, Aliança superior, Defensora, ley, paz, Segurança, Nao, Mar, Pandora Virginal, Aliança, prazer, Dom, Exora feliz Máy, Alcançao Duque fim,</p>	<p>Gloria Maria, Nectar, sustento, Segura Guia, Sacro portento Alta Alegria, Suave alento, Sagrada via, Facil augmento, Apta Harmonia, Doce concerto, Sacra valia, Contentamento, Glorioso Dia, Dà vencimento.</p>
--	--

Figura 18: Composição poética. *Supp.*, s.u. SONETO

Além do intertexto poético, o *Supplemento* alarga-se a conteúdos que dificilmente se enquadrariam nas categorias informativas de um dicionário de língua. Um dos melhores exemplos dessa abrangência é o catálogo de ecos latinos, um dicionário de rimas que estende ao longo de 18 páginas. Com o intuito de «facilitar no idioma Latino o uso deste genero de obra, que ordinariamente dá muito trabalho aos mais agudos engenhos», Bluteau abreviou, decerto para uso pessoal, uma lista de rimas publicada no século XVI pelo humanista Janus Douza (Johan Van Der Does, 1545-1604)¹⁷. Na prática, trata-se de um dicionário dentro de um artigo de dicionário, que podia figurar entre os vocabulários publicados no fim do segundo tomo.

O *Supplemento* é um compêndio de limites muito flexíveis, que aceita todo o tipo de notícias para uso dos poetas e fruição dos leitores, ainda que não se conformassem com a nomenclatura portuguesa. Os leitores — entre os quais o Conde da Ericeira, que tece largos elogios à estrutura e aos conteúdos que ele próprio ajudou a delinear — apreciariam um conjunto de contributos diversos para uma poética do engenho, com particular destaque para a métrica, formas e textos exemplares, em latim e português (cf. *Supp.* I: «Censura do Excelentissimo Conde da Ericeira»).

4.4. Adágios portugueses

A incorporação no *Vocabulario* de um fundo de milhares de adágios portugueses resulta de um esforço de inventariação que decorreu ao longo do século XVII. Bluteau valoriza um património de memória que já então era entendido como uma manifestação simultaneamente cultural e linguística, e que seria bastante apreciado considerando o destaque que lhes foi concedido nas obras lexicográficas precedentes. Os adágios — enunciados concisos, culturalmente significativos, que encerram uma mensagem moral ou prática — terão conhecido nos séculos XVI e XVII um amplo uso no ensino das línguas, o que justificaria a sua inclusão em várias edições de cariz didáctico e uma eficaz divulgação e partilha destes micro-textos no interior da comunidade¹⁸. A

¹⁷ «como o dito Catalogo he raro, com má ordem impresso, e diminuto, para servir aos amigos deste genero de curiosidades, procurey darlhe melhor fórma, tirar huns vocabulos (na minha opiniaõ) inuteis, e acrescentar outros, que me parecem precisos» (*Supp.*, s.u. ECO).

¹⁸ Cf. Hartmann e James, 2001: s.u. PROVERB, PAROEMIOGRAPHY. «A leitura, análise e memorização dos provérbios e textos análogos, na instância escolar, não pode deixar de ter

quantidade de adágios era também um dos argumentos na longínqua disputa dos vernáculos, em que o número e a originalidade deste tipo de frases concorria para uma expressão pautada pela abundância e pela concisão, marcas incontestáveis da antiguidade e da perfeição. Manuel Severim de Faria, nos *Discursos varios politicos* (1999 (1624): 89), apresenta como uma das provas da perfeição da língua portuguesa o «grande número de sentenças, adágios, ditos, e motes, que se trazem vulgarmente, onde com suma brevidade se mostram grandes conceitos».

De acordo com a definição de Bluteau, o adágio é uma «sentença comum, popular, & breve com allusão a alguma cousa» (*Voc.*, s.u. ADAGIO) e os termos refrão, provérbio e ditado são seus sinónimos. Quanto a outros conceitos próximos, o anexim é um «axioma vulgar, dito picante, como aquelles de q̄ commummente usaõ Regateiras, & gente popular», a sentença um «dito grave, de poucas palavras, & com algum documento moral» e o apotegma «huma breve sentença, pronúciada por algũ varaõ illustre» (*Voc.*, s.u. ANEXIM, APOTHEGMA, SENTENÇA, respectivamente).

Os reflexos da literatura paremiológica na lexicografia portuguesa estão presentes logo no dicionário de Cardoso, que incorporou no seu texto o «Index prouerbiorum secundum ordinem alphabeti» dos *Adagia* (1500) de Erasmo, com a respectiva tradução¹⁹. Mas é em colectâneas da segunda metade do século XVII que se encontram as fontes que informaram o *Vocabulario*, principiando com *Adagios portuguezes reduzidos a lugares communs* (1651) por António Delicado (1610-?). Esta obra acumula mais de 3500 provérbios, agrupados em núcleos temáticos encabeçados por palavras-chave, a que o autor chama lugares comuns, considerando que deste modo «ficam em muito melhor disposiçam, que os que andam em outras linguas escritos, porque com facilidade se acharam sobre qualquer materia, grande numero de conceitos, de

tido influência na configuração das mentalidades e das competências linguísticas. Os textos dos alunos e até o discurso geral quotidiano deveriam repercutir uma certa impregnação do vocabulário e das próprias fórmulas proverbiais» (Verdelho, 1995: 297). A sua inclusão no dicionário da Académie, que recusava citações literárias, é justificada pelo facto de traduzir estruturas linguísticas fixadas pelo uso popular. Cf. Chevalier, 1998: 300.

¹⁹ Cf. Verdelho, 1995: 417. Os cerca de 4000 adágios de Erasmo, divididos em quíliades e centúrias, ocuparam um espaço essencial na pedagogia humanista. Antes de Cardoso há a registar a publicação de um *Index rerum et verborum copiosissimus ex Des. Erasmi Roterodami Chiliadibus* (Coimbra, 1549), compilado por João Vaseu, e que permitia um fácil acesso à informação erudita e literária (*ibidem*: 411-414). Cf. também Teyssier, 1980: 30-32.

conselhos, de doutrina de experiencia, que podem seruir, nam só para cousas particulares, mas para importantes discursos em pensamentos maiores» (Delicado, *Adagios*, 1651: «Ao leitor») ²⁰.

Mas o reportório mais divulgado foi sem dúvida o «Florilegio dos modos de fallar e adagios da lingua portuguesa (1655) de Bento Pereira, publicado juntamente com a *Prosodia* a partir de 1661. O «Florilegio», além das «Frasas portuguezas, a que correspondem as mais puras, e elegantes latinas», inclui os «Principais adagios portuguezes, com o seu latim proverbial correspondente», com cerca de 1800 provérbios ordenados alfabeticamente pela primeira letra da frase ²¹. A vertente da tradução, que não fora contemplada por Delicado, torna mais evidentes os casos em que o provérbio português decorre do latim (e.g. «Ao homem ousado a fortuna dà a mam / Audaces fortuna juvat»), bem como a situação contrária, em que a confluência assenta nos conceitos e não nas palavras, indiciando a autonomia do adágio português (e.g. «Se te fizeres mel, comerteham as moscas / Quisquis ovem simulat, hunc lupus ore vorat»). Apenas a interpretação dos adágios latinos justifica a adição de comentários que explicam alusões mitológicas ou peculiaridades culturais ²².

O *Vocabulario* propõe uma reordenação deste *corpus*, em que o agrupamento temático ou a seriação estritamente alfabética são substituídos por uma indexação que valoriza determinadas palavras-chave dos enunciados. Cada um dos adágios citados num artigo representa uma ocorrência efectiva da palavra-lemma, pelo que a sua função não é ilustrar um significado ou um sentido,

²⁰ A ordenação alfabética aplica-se à sequência dos lugares comuns e também à disposição dos provérbios no interior de cada um dos conjuntos temáticos, por vezes em séries de largas dezenas. Veja-se, a título de exemplo, a lista dos lugares comuns principiados por A: *affeçam, agradecimento, agricultura, amizade, amo é creado, animaes, asno, astrologia pera agricultura, avareza é cobiça*. Cf. Ribeiro, 1999.

²¹ Sobre estes complementos da *Prosodia*, cf. Verdelho, 1982: 18-19, que propõe uma leitura do *Florilegio* como veículo para «uma mensagem doutrinária» que insinua «uma ordem espiritual e política». O conjunto insere-se numa tradição de transmissão cultural em que a selecção de frases e temas revela uma síntese das preocupações históricas, nomeadamente a guerra e um ambiente cavaleiresco. Cf. também Silva, 1999.

²² E.g.: «Quem troca odre por odre, algum delles ha de ser podre. / Diomedis, & Glaucci permutatio. Foi troca desigual: porque em Troia Diomedes deu a Glauco suas armas de cobre por humas de ouro». O facto de pontualmente se citarem adágios castelhanos, sem qualquer tradução ou equivalentes portugueses, revela um intercâmbio ibérico no que respeita a este património linguístico: «Paga loque debes, sanarás del mal, que tienes. / Solve aes alienam, & quod te cruciat, scies».

mas sim documentar o uso de uma unidade lexical. Uma das consequências desta estratégia de leitura é o facto de o lexicógrafo poder constituir longas listas de provérbios em que o termo-chave é uma palavra de significação linguística, e em que não se pretende qualquer espécie de unidade temática entre os exemplos ²³.

A recolha foi ampliada no *Suplemento*, decerto exaurindo quase por completo o material que ainda não fora aproveitado. Tomando por exemplo os artigos CABEÇA, conclui-se, por um lado, que todos os adágios faziam parte das compilações anteriores e, por outro, que a leitura do lexicógrafo foi meticulosa, uma vez que se encontram reproduzidas 18 das 25 ocorrências da palavra «cabeça» em António Delicado e 5 das 8 ocorrências em Bento Pereira.

— **Voc.:**

CABEÇA [...] Adagios Portuguezes da cabeça.

[D] Não te metas em contenda, não te quebraráo a cabeça.

[D] A cabeça com comer endireyta.

[D] A dor de cabeça minha, & as vaccas nossas.

[D] Quebrasme a cabeça, untasme o casco.

[D] Tal cabeça, tal sizo.

[BP] Ditoso de quem experimenta em cabeça alhea.

[BP] Isto vos há de dar na cabeça.

[D] Nunca lavey cabeça, que me não sahisse tinhosa.

[BP] Não nos doa a nós a cabeça até lá.

[BP] Quem não tem cabeça, não há mister carapuça

[D] Quem em pedra duas vezes tropeça, não he muyto quebrar a cabeça.

[BP] Quantas cabeças, tantas carapuças. *Quot homines, tot sententiae.*

[...]

— **Supp.:**

CABEÇA. Vid. tomo 2. do Vocabul. Outros Adagios da Cabeça.

[D] Não sejas forneira, se tendes Cabeça de manteiga.

[D] Ensaboar a Cabeça do asno, perda do sabaõ.

[D] A Cabeça do vesugo, come o sesudo, e da boga dá à sua sogra.

²³ Palavras de diversas categorias gramaticais podem motivar listas de adágios. Alguns exemplos, recolhidos na letra A do *Suplemento*: ACHAQUE, ACOMETER, AGORA, AINDA, AL, AL-CANÇAR, ALEGRIA, ALHO, ALMA, AMETADE, ANDAR, ANTES, AONDE, AQUELLA, AQUI, ARMA, ARRANHAR, ARREPENDER, ASSAZ, ASSI, ASSOMBRADO, ASSOPRAR, ATIRAR, AVENTURAR.

- [D] Quem pedra para cima deita, cahelhe na Cabeça.
 [D] Se queres enfermar, lava a Cabeça, e vaite deitar.
 [D] O mulato sempre parece asno; quer na Cabeça, quer no rabo.
 [D] Preguiça não lava a Cabeça, e se a lava, não a penteia.
 [D] A quem tem Cabeça, não lhe falta carapuça.
 [D] Boa he a fazenda, quando não sobe à Cabeça.
 [D] Com Cabeça de lobo, ganha o raposo.
 [BP] Escarmentar em cabeça alheia.
 [D] Ainda que João Vaz tem besta, não deixaõ de lhe dar na Cabeça.

Este tipo de ordenação subverte o agrupamento temático e não orienta o leitor para a interpretação mais comum do adágio, pelo que o dicionário não cumpre a função de explicar o sentido. Bastará notar que, em CABEÇA, os adágios extraídos da obra de Delicado inseriam-se em temas como *guerra & paz, medicina, ignorancia, mulher, asno, economica, maldade, morte, preguiça, prudencia, animaes*.

São mais informativos os artigos que apresentam o adágio como um enunciado linguístico com um significado bem delimitado e que pode ser aplicado num determinado contexto comunicativo. O lexicógrafo procura atribuir-lhe uma explicação e um uso racionais, relatando experiências da vivência social ou as metáforas que estão na origem de um determinado dito formular (cf. «Senão bebo na taverna, folgome nella» e «Bebe como funil»).

BEBER [...] Proverbialmente se diz, **Ninguem diga desta agoa não beberei, id est**, vendo ao proximo em algum trabalho, consideremos, que nos pode succeder o mesmo. *Homo es, nihil à te alienum putes*. Com outro adagio popular diz o vulgo. **Se não bebo na taverna, folgome nella**. Applicase aos que estão vendo com gosto o passatempo, ou occupação, em que outros se deleitão, como v.g. o que na casa do jogo està vendo jogar a outros, & não joga. *Oculis laetitiam capio*. He frase de Cicero, ou *Alieno delector oblectamento*. De quem bebe muito vinho, dizemos, que **Bebe como funil**. *Est vino inexplebilis*, assim como diz Quintiliano, *Potu inexplebilis*. [...]

Para a tradução dos adágios portugueses em latim proverbial recorre geralmente a excertos de inspiração literária, pelo que a equivalência reside num sentido global que procura reproduzir intenções discursivas similares. Este tipo de citações era abundante nos grandes dicionários latinos, mas

Bluteau terá também consultado o adagiário de Erasmo, que merece no *Vocabulario* algumas referências precisas ²⁴.

Esta segunda técnica de apresentação dos adágios é muito semelhante à que se encontra em Furetière, que os encarava como expressões fraseológicas, integráveis em contextos discursivos. De resto, «proverbialmente» e «diz-se proverbialmente» são fórmulas de redacção que Bluteau aprendeu no *Dictionnaire universel*, e que neste dicionário introduzem longos parágrafos dedicados à explicação de estruturas linguísticas que não se limitam aos adágios, abrangendo também expressões idiomáticas ²⁵.

4.5. Dicionários especializados

A adição de glossários especializados, índices, listas de fraseologia e adágios era uma prática comum nos dicionários latinos ou bilingues do século XVII. Todavia, a evolução da técnica lexicográfica tornou cada vez menos pertinente a presença destas listas auxiliares, uma vez que o tipo de informação que reuniam foi progressivamente integrado em artigos do texto dicionarístico principal, localizáveis na ordenação alfabética da nomenclatura. Se nas obras monolíngues do final do século (Richelet, Furetière) já não se encontra qualquer tipo de dicionário especializado, eles continuam presentes nos principais dicionários bilingues.

O *Thresor de la langue françoise* (1606) é um bom exemplo de estrutura complexa, reunindo num único tomo um espectro muito diversificado de informação linguística relativa às línguas clássicas e aos principais vernáculos, pois além do dicionário francês-latim, acrescenta uma gramática francesa traduzida em latim, uma recolha de adágios vulgares com tradução, uma reedição ampliada do *Nomenclator octilinguis* de Hadrianus Junius e um glossário

²⁴ «MENDRÁCULA. Supponho, que he corrupção de Mandragora, herua cuja raiz he usada para philtros, ou feitiços, que induzem a amar; tanto assim, que (como advertio Erasmo, Chil. 4. Centur. 5. mihi pag. 864. num. 64. sobre o adagio Latino Bivere *Mandragoram*) os Antigos chamáraõ à Mandragora *Circea*, epitheto tomado da famosa Maga, ou encantadora Circe.» (*Supp.*, s.u.) Cf. também CARRILHO e QUADRADO, entre outros.

²⁵ Um exemplo da similitude da técnica de redacção: «EAU, se dit proverbiallement en ces phrases. Un Medecin *d'eau douce*, c'est à dire, un malhabile Medecin qui n'a pour remede que de *l'eau douce*. On dit qu'un homme a mis de *l'eau* dans son vin, pour dire, qu'il est revenu de son emportement. Ses desseins vont avau *l'eau*, pour dire, Cela luy donne l'envie d'en taster [...]» (Furetière, *Dictionnaire Universel*, 1690, s.u.).

latim-grego. Em outras obras, pretendia-se somente o acesso a informação não indexada, como é o caso do «Indice delle voci e locuzioni latine» do *Vocabulario della Crusca* (1623), ou da «Table» do *Dictionnaire de l'Academie* (1694), em que se indicam e localizam as palavras tratadas em subentrada, em virtude da ordenação etimológica da nomenclatura no referido dicionário. A informação gramatical para o vernáculo é pouco considerada, assinalando-se o exemplo da «Liste des verbes dont quelques temps se conjuguent irrégulierement», registada no *Grand dictionnaire françois et latin* (1713) de Danet. Mas é no âmbito dos dicionários especializados que se comprova a continuidade entre a tradição das obras bilingues e o *Vocabulario*, nomeadamente nos catálogos que recolhem domínios restritos do léxico (antroponímia, toponímia), terminologias ou informações de tipo retórico-literário ²⁶.

4.5.1. *Vocabulários onomásticos*

Sob a designação genérica de «Vocabulario de nomes propios», Bluteau reúne um conjunto de 9 listas de antropónimos, de extensão desigual, precedidas por uma reflexão acerca da variedade, antiguidade e características particulares dos nomes portugueses. Considerando o facto de também recorrer a fontes documentais como a *Monarquia Lusitana*, é provável que a maior parte dos dados tenha sido coligida em simultâneo com a composição do corpo dicionarístico principal.

De acordo com o prólogo do *Suplemento*, os antropónimos haviam sido excluídos da nomenclatura porque exigiriam um tratamento consentâneo com o modelo definido nos dicionários históricos, que estava a ser aplicado para os mitónimos e os topónimos ²⁷. Daí que Bluteau prefira identificar-se com o

²⁶ Entre as obras contemporâneas na redacção do *Vocabulario*, registre-se o *Dictionnaire Royal* (1691) de Pomey, que inclui «cinquante Descriptions; comme aussi d'un petit Traité de la Venerie & de la Fauconnerie», ou o *Lexicon universale* (1698) de Hofmann, com «indici-bus atque catalogis regum, principum, populorum, temporum, virorum et feminarum illustrium, animalium, plantarum; tum praecipue nominum, quibus regiones, urbes, montes, flumina, &c. in omnibus terris» (cf. *supra*, caps. II.2.3 e II.2.6).

²⁷ Para o lexicógrafo, o esforço de pesquisar biografias portuguesas seria demorado e, neste campo, as fontes francesas revelavam-se pouco abundantes. «O meu Vocabulario não he de pessoas. Se nas folhas dos nomes das pessoas entrar o de Adam, será necessario dar nellas lugar a Abel, a Abrahaõ, a Abimelec, e todas as mais pessoas insignes, cujos nomes começaõ por A, e pelo consequente será preciso fazer o mesmo dos nomes, que principiaõ pelas mais

dicionário bilingue de Pomey (1691), que proporcionava um modelo menos ambicioso, mas com coerência tipológica, cingindo-se a um conjunto de informações adequadas ao âmbito de um dicionário de língua (aspectos como a inventariação, sinalização de formas corruptas, fixação de variantes ortográficas e a equivalência latina)²⁸.

Na sequência das listas parcelares percebe-se uma distinção fundamental entre os nomes de pessoas (1-3) e os nomes de personagens fictícias da tradição literária (4-8):

- 1) Vocabulario de nomes propios, gentilicos, e christãos, para o latim, e para os distinguir uns dos outros no Bautismo (pp. 3-12);
- 2) Vocabulario de nomes propios masculinos, e femininos, mais, ou menos usados, mais vulgares, ou mais raros (pp. 13-48);
- 3) Nomes muito raros de Emperadores, Reis, Príncipes, e Cavalheiros (pp. 48-51);
- 4) Nomes de cavalleiros andantes, e outros destes livros (pp. 53-55);
- 5) Nomes de pastores, e pastoras (p. 55);
- 6) Nomes ridiculos, que formáraõ Adagios, e historias vulgares (p. 55);
- 7) Nomes de Comediantes Italianos (pp. 55-56);
- 8) Nomes de Comediantes Francezes (p. 56);
- 9) Nomes propios usados dos Portuguezes no Brasil (p. 56).

Os dois primeiros vocabulários são os mais importantes do conjunto e, apesar de uma aparente sobreposição no que respeita aos objectivos, terão sido finalizados em momentos distintos e com horizontes de exaustividade diversos, diferindo na selecção e ordenação da nomenclatura, na extensão dos artigos e no aprofundamento dos conteúdos informativos. É o próprio lexicógrafo que sublinha o carácter parcelar do repertório inicial, advertindo que «na segunda parte deste Vocabulario de nomes propios, que se segue, achará o Leitor outro Catalogo de nomes propios [...], mais amplo, e mais exacto, que este primeiro» (*Supp.*, II: «Vocabulario de nomes propios»: 12).

letras de todo o Alfabeto: nomes de pessoas pertencem a Vocabularios Historicos, como he o de Moreri; nomes de cousas são para Vocabularios de linguagem.» (*Supp.*, I: «Ao leitor pseudocritico»).

²⁸ «Peloque tenho observado, de todos os Autores de Diccionarios, Francezes, e Latinos, só o P. Francisco Pomey [...] se lembrou dos nomes propios [...]. Animado com este exemplo, naõ só direy o Latim, que aos nomes propios costumaõ dar os Autores, mas distinguindo os nomes Christãos, a estes darey a preferencia, por serem ordinariamente nomes de Santos.» (*Supp.*, II: «Vocabulario de nomes propios»: 1).

O âmbito restrito da nomenclatura (apenas 72 entradas) deve-se ao facto de pretender sobretudo o esclarecimento de casos em que era duvidosa a existência de um santo, como se depreende do conjunto de entradas na letra A: ADEOSINDA, AIDULFO, APRÍGIO, ARAGUNTA, ARTURO, ALDONÇA, ALDA, ABRIL, APPARÍCIO, AYMERICO, AFFONSOS, AHUFO AHUFES, AYRES, ANNES. Bluteau não o cita, mas há um evidente paralelo com um opúsculo publicado poucos anos antes pelo abade Claude Chastelain (1639-1712), em que a tónica era precisamente a conveniência em adoptar nomes de santos católicos ²⁹.

No que respeita às fontes informadoras, a *Monarquia Lusitana* e as *Décadas* de Barros forneceram a maioria dos nomes antigos, raros ou fora de uso, bem como as respectivas ocorrências em contexto, que introduziam breves notícias históricas (*Supp.*, II: «Vocabulario de nomes propios»: s.u. BERENGUER). A atestação dos nomes ultrapassa o âmbito da antroponímia portuguesa ou da hagiografia cristã, com a inclusão de notas de tipo biográfico, relativas a nomes de bispos e de membros das famílias reais, recolhidas nos dicionários de Moreri e Hofmann (*ibidem*: s.u. BRANCA). Mas o domínio privilegiado é claramente o da hagiografia, com frequentes alusões a episódios das vidas dos santos, extraídos do *Martyrologio romano* (1681) e do *Agiologio Lusitano* (1657-1666) (*ibidem*: s.u. BRITES).

A inclusão de nomes de santos não usados em Portugal parece resultar da consulta do «Vocabulaire hagiologique» — também composto por Chastelain — que foi publicado em anexo ao *Dictionnaire Etymologique, ou Origines de la Langue Française* (1694) de Ménage ³⁰. Esta fonte revelou-se útil na fixação dos

²⁹ *Vocabulaire des noms français et latins des saints et des saintes que l'on peut donner au baptesme et à la confirmation, et sous le titre desquels une église ou une chapelle peut être bénie*, 1700 (68 pp.). Para além da semelhança do título, as advertências de cariz religioso são um assunto central no prólogo justificativo que antecede a nomenclatura: «Em ordem ao Latim, os nomes propios Portuguezes se podem reduzir a tres classes: huns differem do Latim, outros são quasi meramente Latinos, outros de nenhuma sorte são derivados do Latim. [...] A terceira classe, he dos nomes propios, que não sómente não tem afinidade com o Latim, mas não são nomes de Santos, nem nas lendas mais antigas se achaõ. Neste lugar obriga-me o zelo a estranhar em Reinos Catholicos, nomes propios, improprios ao decoro, e santidade da Religiaõ, que as pessoas professão. [...] Supposto isto, devem os Pays, Padrinhos, e Parocos procurar com zelo, que aos bautizandoos não se ponhaõ nomes, Gentilicos, Fabulosos, extravagantes, e ignotos à Igreja [...]» (*Supp.*, II, «Vocabulario de nomes propios»: 1-2).

³⁰ «Vocabulaire hagiologique, ou recueil de noms de saints, contenant principalement ceux que l'usage a éloignés de leur origine». Com mais de um milhar entradas em latim ao longo de 40 páginas, é complementado por um índice remissivo dos nomes em vulgar.

nomes latinos correspondentes e na tentativa de explicar as «corrupções» que originaram as formas vulgares:

— «Voc. de nomes»:

MAFALDA. No seu Vocabulario Agiologico diz Menage, verbo *Sicildis*, que de *Mathildis* os Francezes fizeraõ *Mahaud*. Nos de *Mathildis* e *Mahaud* fizemos *Mafalda* [...]

— «Voc. Hagiologique»:

Sicildis, Sainte Seraute; Vierge du Maine; communément *Sainte Serote*. Ce nom c'est ainsi formé: *Sicildis*. Sefaut, comme *Mathildis* Mahaut; puis *Seraut*, comme pour *maison* le peuple du Maine dit *mairon*; & enfin *Seraute* [...]

O segundo vocabulário, «de nomes propios masculinos, e femininos», foi elaborado de raiz, repetindo entradas e dados que constavam no anterior. A extensão da nomenclatura, com perto de 530 entradas, constitui a diferença mais notória num conjunto em que subsistem traços como as anotações biográficas ou os episódios das narrativas hagiográficas.

A longa sistematização teórica que o precede (pp. 13-19) tem em conta o leitor estrangeiro — que é explicitamente referido³¹ — uma vez que insiste em minuciosas explicações a propósito da formação dos nomes em português, focando aspectos como a combinação dos apelidos ou o emprego da preposição *de*. O lexicógrafo aponta uma série de fontes antes não consideradas, nomeadamente o elenco de nomes dissimulados e de anagramas recolhidos nos *Commentarios* (1639) de Faria e Sousa; os nomes antigos e raros do *Catalogo real genealogico de España* (1639), por Rodrigo Mendes Silva; ou o capítulo «As origens de todos os appellidos e armas das familias nobres do reino» nas *Noticias de Portugal* (1655) de Severim de Faria³².

O objectivo é compilar uma ampla lista de nomes e, simultaneamente, apreciar a frequência de uso, através de uma classificação tripartida que também contempla a dimensão diacrónica. Em cada sequência alfabética as entradas são divididas em três grupos: *nomes comuns*, *nomes raros* e *nomes antigos*.

³¹ «[...] e aqueles, que julgaõ inuteis, ou ridiculas nos Vocabularios estas observaçoens, não sabem que para os Estrangeiros são muitas vezes, como as mais importantes» (*Supp.*, II: «Vocabulario de nomes propios»: 13).

³² Quanto a fontes francesas, por duas vezes cita o *Traité de l'origine des noms et des surnoms, de leur diversité, de leurs propriétés* (1681), de Gilles-André de la Roque (*Supp.*, II: «Vocabulario de nomes propios»: 15; *ibidem*: s.u. TRISTAÕ).

As designações adoptadas suscitam dúvidas de interpretação, pois um grupo de nomes *comuns* abarca unidades com índices de frequência diversos, o que motiva a adição de comentários como *não he muito commum*, ou *pouco usado*. Por outro lado, a julgar pelas fontes de abonação, muitos dos nomes classificados como *raros* são também *antigos*, mas conheceram um uso continuado até ao século XVIII, sendo todavia pouco frequentes. Veja-se o exemplo dos nomes masculinos da letra M:

— Nomes de homens mais communs:

MANOEL, MARCOS, MARÇAL, MARTINHO, MATTHEUS, MATHIAS, MAURICIO («naõ he muito commum»), MAURO («he pouco usado»), MAXIMO («Em Portugal naõ he muito commum»), MELCHIOR, MIGUEL

— Nomes de homens mais raros:

MACÁRIO («Naõ he vulgar»), MAMEDE, MANRIQUE («He mais usado em Castella, que em Portugal; e o foy só em algumas familias nobres»), MANÇOS («He mais usado nas Provincias»), MEDARDO («nome de um Bispo de Suessons em França»), MENDO

— Nomes masculinos antigos:

MANFREDO («houve hum Rey de Napoles deste nome»), MARINHO, MARIO («pouco usado em Portugal»), MEM, MOÇO, MONINHO

De novo ocorrem nomes que, sem serem usuais em português, faziam parte da memória histórica europeia ou eram antropónimos comuns em línguas estrangeiras. De modo a facilitar a tradução, são registados no catálogo com as adaptações necessárias à morfologia portuguesa, mantendo-se o confronto com a forma original³³.

Para além do esforço de inventariação, importa assinalar o conjunto diversificado de informações que se revestem de interesse para o estudo linguístico. É o caso da indicação de nomes *comuns* e *raros* que no seu emprego conheciam alguma delimitação de tipo social ou geográfico, geralmente opondo a nobreza ao povo, ou o território castelhano ao português (cf. grupo 1, *infra*). A leitura das glosas permite ampliar consideravelmente o espectro da efectiva variedade de antropónimos, dada a quantidade de diminutivos, de formas resultantes de fenómenos fonéticos e de designações poéticas de nomes comuns (cf. 2):

- 1) *Abrahaõ* [...] Em Portugal foy pouco usado, excepto de alguns Estrangeiros, que se naturalizáraõ. [...]

³³ E.g.: «*Lutgarda*, ou *Luigarda*, mulher de Carlos Magno, era Alemãa, e amiga das boas letras.»; «*Lançarote*, he tomado do Francez *Lancelot*, ou *Lancilot* [...]» (*Ibidem*: s.u.).

Adriaõ. Na nobreza de Portugal naõ tem uso. Foy mais commum entre o povo. [...]

Adaõ [...] em Portugal he mais usado dos lavradores.

Brazia, feminino de *Braz*, mais usado no povo, e paisanos [...]

- 2) *Antonia* [...] O seu diminutivo he *Antonîca*, e *Antoninha*. [...] Poeticamente se diz *Antandra*, *Tionia*, *Anfrisa*.

Fadrique, corruptamente *Fradique*, sendo abreviatura de *Federico* [...]

Raimundo, que alguns dizem *Reimundo* erradamente. [...] antigamente se disse *Ramon*, *Raymondo*, e *Reymondo*, e depois *Raimaõ*, que durou em familias nobres [...]

Sem que se aborde a questão do baptismo, no que respeita aos nomes bíblicos e de santos é frequente a exploração de sentidos simbólicos, com base nas etimologias hebraicas e na tradição da interpretação do texto sagrado, que relacionava os nomes com valores morais e qualidades (cf. 3) ³⁴. Outro nível de análise do sentido, mais próximo do âmbito de um dicionário geral de língua, é a formação de substantivos comuns a partir de antropónimos, por fenómenos de extensão semântica. Trata-se, em geral, de palavras compostas ou combinatórias fixas, em que o nome próprio é um elemento essencial para a explicação lógica do significado (cf. 4) ³⁵:

- 3) *Anna*, nome Hebraico, que significa *Graciosa*, e *pia* [...]

Gabriel, em Hebraico, *Fortaleza de Deos* [...]

Susanna, significa *Lirio*, *Rosa*, e *Alegria*; e parece que estas agradáveis propriedades lhe deraõ o privilegio de ser quasi o unico nome do Testamento velho, que he mais commum em Portugal, menos na nobreza.

- 4) *Lâzaro* [...] *lazarento* se diz dos que estaõ com chagas, e lepra, por se dedicarem a este Santos os Hospitaes, ou Albergarias deste mal; e paga cada casa de Lisboa hum Real, que se chama Real de S. Lazaro [...]

³⁴ Sobre a tradição medieval de definição etimológica dos nomes próprios, sobretudo quando provenientes da onomástica sagrada, cf. Buridant, 1990: 44, 51.

³⁵ Observa-se o mesmo processo na explicação dos adágios: «*Bernardo* [...] Adagio. *Valente como hum Bernardo*, o que allude a *Bernardo del Carpio*, a que se attribuirãõ muitas açoens heroycas. Outro adagio, *Remoque Bernardo*, quando he muito claro; [...]» (*Supp.*, II: «Vocabulario de nomes próprios»: s.u.).

Luzia [...] Chamaõ-se olhos de Santa Luzia huns doces de açucar queimado, e ovos molles, que tem esta fôrma.

É rara a intertextualidade com o corpo do *Vocabulario*, sob a forma de remissões explícitas. Estas apontam sobretudo para informação extralinguística (notas pitorescas, episódios históricos) de modo a não alargar a extensão das glosas, que por norma são breves³⁶.

Exceptuando os «Nomes muito raros de Emperadores e os Nomes proprios usados dos Portuguezes no Brasil», as restantes listas enumeram nomes fictícios. Para além do facto de estes se afastarem da antroponímia portuguesa, são menos interessantes no que respeita à técnica lexicográfica, uma vez que as entradas sucedem-se com poucas ou nenhuma explicação, e por vezes até com desrespeito pela ordenação alfabética. Ocorrem nomes como:

— Cavalleiros: Orlando furioso, e namorado, Palmeirim de Inglaterra, Palmeirim de Oliva, Dom Quixote de la Mancha, Rodamonte, Roldaõ, Rogeiro, Rocicler.

— Pastores: Satyro, Salicio, Sereno Pescador, Silvio, Silvia, Silvano

— Nomes ridículos: *Gargantuà*, nome, com que se intimida aos meninos, e que foy tirado da celebre Historia de *Rabelais*, Medico Francez, de exquisita erudição.

— Comediantes: Arlequím. Scaramucha, o Doutor Baluado, ou o Doutor Graciano. Polichinello. Pantalaõ. Capitaõ Spetza ferro. Capitaõ Spetza monti.

A divisão temática (cavaleiros, comediantes, pastores) parece decorrer do aproveitamento de um fundo onomástico da memória literária, com particular destaque para a literatura de cavalaria, o que pode ser considerado como um testemunho da prevalência deste género em Portugal no século XVII³⁷.

³⁶ E.g.: «*Marcos* [...] chama-se *Touro de S. Marcos* huma festa, e cerimonia supersticiosa, que não devia ser tolerada. Vid. tomo 8. do *Vocabulario*, na palavra *Touro*, *Touro de S. Marcos* [...]» (*ibidem*, s.u.). — «TOURO [...] O Touro de S. Marcos. Em algumas partes, vespera do Euangelista S. Marcos, costumaõ tomar hum Touro muito bravo, & emborrachallo [...] no dia seguinte os rapazes, & as raparigas o levaõ até a Igreja, aonde o ebrio animal, em quanto se dizem os Officios, está cabeceãdo [...]» (*Voc.*, s.u.).

³⁷ «[...] não me esquecerãõ os nomes de Pastores, nem os de Cavalleiros andantes, fazendo so memoria dos principaes, que andaõ em livros Portuguezes» (*Supp.*, II: «*Vocabulario de nomes proprios*»: 14). «Dos nomes Pastorís, e até dos ridiculos, fiz alphabetos separados;

4.5.2. *Vocabulários analógicos*

No final do século XVII, os principais exemplos de dicionários com organização temática encontravam-se em obras destinadas a auxiliar a aprendizagem do vocabulário latino, através do agrupamento do léxico em campos semânticos frequentemente mobilizados no discurso. Com a tradução e adaptação para português da *Amalthea onomastica* (1664) e do *Indiculus universalis* (1667), propôs-se uma reordenação global do léxico de acordo com uma cosmovisão que dividia o real em classes e subclasses, estabelecendo taxinomias que conduziam a conjuntos cada vez mais restritos. Entende-se por dicionário analógico um tipo de obra que recorre à ordenação temática como princípio organizativo, em que as palavras são a expressão de conceitos semanticamente relacionados (com base em aproximações de sentido, noções ou famílias de palavras). Numa perspectiva onomasiológica, direcciona-se do conceito para a palavra, e não da palavra para a explicação³⁸.

Apesar das alterações e adições, os textos portugueses mantiveram-se fiéis aos modelos originais, privilegiando sobretudo a compilação de substantivos. A *Amalthea, siue hortus onomasticus* (Lisboa, 1673) apresenta-se em duas partes, a primeira respeitante ao mundo natural e a segunda às actividades humanas. As designações dos diversos capítulos correspondem geralmente a conceitos equiparáveis a hiperónimos, e que permitem a indexação de conjuntos bem delimitados de substantivos comuns³⁹.

O *Indiculo* (Évora, 1716) proporciona um tipo de informação mais diversificada, porque o seu objectivo era desenvolver a fluência em latim a par

mas como estes, e os dos Cavalleiros andantes são infinitos, e se fingem, como os Poeticos, segundo as idéas, etymologias, anagrammas, e letras iniciaes, ao arbitrio de cada hum, só fiz memoria dos mais celebres» (*ibidem*: 19).

³⁸ Cf. Hartmann e James, 2001: s.u. ONOMASIOLOGICAL DICTIONARY, THEMATIC DICTIONARY. Sobre a tradição europeia dos dicionários temáticos (monolíngues e bilingues) até ao século XVII, cf. Jackson, 2002: 147-150, que concede especial destaque à *Ianua linguarum* (1631) de Coménio e à proposta de classificação universal do léxico, por John Wilkins, em *An essay towards a real character* (1668). Deve acrescentar-se a referência à *Ianua linguarum* (1611) de William Bathe e à *Porta de linguas* (1623) de Amaro de Reboredo (cf. Almeida, 1969a; Verdelho, 2000a).

³⁹ Alguns exemplos desses conjuntos lexicais: «Florilegium primum. De rebus physicis, siue naturalibus: De animalibus, De vermibus, de piscibus, De partibus terrae, De virtutibus, & vitijs»; «Florilegium secundum. De artefactis, siue de rebus artificialibus: De armis, De vestibus sacris, & profanis, De calceamentis, De officijs rusticis, De officijs maritimis, De officijs militaribus» (Luz, *Amalthea*, 1673). Cf. Almeida, 1969b.

do domínio do léxico. Além dos substantivos, inclui verbos e segmentos em que se registam relações de predicação que permitem a construção de enunciados, descrevendo estados de coisas, situações ou eventualidades. Ainda que na estrutura lógica da constituição de conjuntos lexicais se assemelhe à *Amalthea*, encontram-se alíneas que envolvem conceitos mais abstractos, que são expressos preferencialmente através de fraseologia ⁴⁰:

Modos Bellicos, *Formulae Bellicae*

Ajuntar gente da guerra com o sinal da cayxa; Alistarse; Obrigar o soldado dandolhe juramento; Pagar o soldo; Fazer rezenha dos soldados para lhe pagar o soldo; Soldado, a quem se tirou o estipendio [...] (Franco, *Indiculo*, 1716: 213).

O «Vocabulario de termos propios, e metaforicos, em materias analogas» distingue-se dos exemplos precedentes no que respeita aos objectivos e à estrutura. Orientado para a composição literária, trata-se de uma selecção de conceitos que decorre do conhecimento dos *topoi* que sustentam a retórica barroca. Explorados isoladamente, ou conjugados com outros conceitos semanticamente relacionados (por semelhança ou antagonismo), constituem um abundante fundo para a construção do discurso engenhoso, dando corpo a antíteses, enumerações, paráfrases, símiles e amplificações ⁴¹. De facto, a maioria dos conceitos dispõe-se em pares antitéticos, com a redacção dos títulos a sublinhar fenómenos de antonímia entre as unidades lexicais que os compõem. Por exemplo:

— De cousas, que principiaõ, e começaõ a existir / De cousas, que acabaõ, e por varios modos tem fim

⁴⁰ «Dividi este Indiculo em tres partes, com a mayor distincam, que me foi possivel. A primeira trata do Mundo em geral, e principiando de sua creaçam, explica as suas partes, que sam os Ceos, e os quatro Elementos. A segunda trata do Homem, e suas partes, Alma, e Corpo [...] A terceira trata da Cidade, em primeiro lugar dos Habitadores divididos em varias classes, conforme a idade, o estado, a consanguinidade, e afinidade, &c. Depois se refere cada huma das partes da Cidade em geral» (Franco, *Indiculo*, 1716, «Prefaçam do Autor»: 4-5).

⁴¹ «Para te poupar a Ti, e a qualquer compositor este trabalho, Te offereço este Promptuario de termos propios, e metaforicos em materias Anàlogas, quero dizer, materias, que tem semelhança, ou proporçãõ com a natureza, ou significado de outras; [...] Naõ te pareça inutil, ou pueril este trabalho, porque em todo o genero de discursos Te poderã dar grande soccorro, para proprias, doutas, e discretas expressoens.» (*Supp.*, II, «Vocabulario de termos»: 425).

- De diferentes modos de atar / De diferentes modos de desatar, e desfazer
- De melhoras, e accrescentamentos / De danificar, e peजार
- De cousas, que alegraõ / De cousas, que entristecem
- De cousas maximas / De cousas minimas
- De castigos, e infirmitades do corpo, e da Alma / De recompensas, e premios
- De não falar, e guardar silencio / De varias castas de estrondo

Em casos de antonímia graduável, as relações semânticas podem alargar-se a conjuntos mais amplos que exploram cadeias de sentido, compreendendo variações de espaço, tempo ou intensidade (cf. 1, *infra*). São menos frequentes as relações de tipo hierárquico entre conceitos genéricos e conceitos específicos (cf. 2):

- 1) De cousas mais altas, que outras.
De cousas, que se abatem, ou vão para baixo.
De cousas, mais patentes à vista, que occupaõ o primeiro lugar.
De cousas, que occupaõ o lugar do meyo.
De cousas, que occupaõ o ultimo lugar.
De cousas metidas em outras, ou entre outras.
- 2) De cousas, que cobrem, e encobrem.
De cousas, com que cobre o homem a cabeça.
De diferentes modos de descobrir.

De varias desordens, e desconcertos.
De calamidades, e ruinas publicas.

No que respeita às fontes consultadas para a elaboração do «Vocabulario de termos», a leitura de manuais de retórica ou dicionários especializados não terá sido essencial, uma vez que parte substancial da informação foi recolhida a partir da nomenclatura, expressões idiomáticas e fraseológicas do próprio *Vocabulario*. Num exercício de pesquisa lexical, o autor percorreu os artigos correspondentes à palavra-chave do conceito (cf. 3), bem como palavras sinóni-

mas, ou que traduziam conceitos aproximados (cf. 4). Na coluna da esquerda reproduzem-se excertos de artigos do *Vocabulário*:

3)

ATAR alguma cousa [...] **Atar huma ferida.** *Vulnus obligare, alligare.* [...] Dizemos proverbialmente, **chegou ao Atar das feridas, id est, Tarde. Atarse ao parecer de alguém.** *Alicujus opinioni adhaerescere.* [...] **Atar a lingua a alguém. No sentido figurado. Convencer alguém de modo, que não tenha, que responder.** *Aliquem elinguem reddere.* [...] **Atálas. Fogir.** Atou-as. Em phrase chula. **Não ata, nem desata.** Não diz cousa concertada, & com ordem. [...]

Termos, e diferentes modos de atar.

Atar as feridas, chegar ao atar das feridas, id est, tarde.

Atar a lingua a alguém, convencello com razões de sorte, que não tenha que responder.

Atar-se ao parecer de alguém.

Fulano não ata, nem desata.

4)

DESDAR o nó
(DASARMAR) Desarmar huma cousa tesa como a corda de hum arco
(DESARMAR) A vara da costella
(DIRIMIR) Dirimir. Desfazer. Dissolver o matrimonio
(DIRIMENTE) Impedimentos dirimentes, são os que dissolvem o matrimonio já contrahido
(DISSOLVER) Dissolver. Derreter, falando em neve, caramelo, metaes.
&c.

Termos, e diferentes modos de desatar, e desfazer.

Desdar hum nó.

Desarmar o arco, desarmar a vara da costela.

Dissolver, ou dirimir o Matrimonio.

Impedimento dirimente.

Derreter neves, caramelos, metaes.

A técnica de ordenação dos artigos não contempla uma distinção entre sentidos próprios, figurados, ou extensões de sentido ⁴². A ordenação revela-se complexa, combinando critérios lógicos e alfabéticos, pois no mesmo artigo

⁴² Na já citada lista de «Termos, e diferentes modos de atar», os itens interpretáveis no sentido próprio (e.g.: «Amarra, que se ata à ancora; Pega de Boy; Trèla de Galgo») alternam com sentidos figurados («Atar a lingua; Ligar por feitiçaria; Liarse em parentescos; Rima encadeada; O encadeado de letras escritas; Encadear palavras»).

observam-se agrupamentos de itens com sentidos próximos (cf. 5, *infra*), mas também outras sequências em que apresenta uma seriação alfabética das palavras-chave até à primeira ou segunda letras. Esta última possibilidade confirma que a compilação seguiu de perto a nomenclatura indexada do *Vocabulario* (cf. 6).

- 5) — De cousas, que acabaõ, e por varios modos tem fim.
Chegar ao ultimo da vida. Dispor da sua ultima vontade. O dia dos finados.
— De movimento apressado
Homem madrugador. Sahir de madrugada. Primeiro que o Sol, madruga a Aurora.
- 6) — De cousas de muita duraçaõ.
Cadea **indisoluel**. Materia **inconsumptivel**. **Incansavel** no trabalho. **Incessante** curso do Sol. Fidelidade **inconcussa**. Praça **inconquistavel**. **Inconsolavel** pena. Achaque **incuravel**.

A maior parte dos artigos acumula indistintamente substantivos, verbos e expressões que representam relações predicativas. A excepção verifica-se em algumas categorias semanticamente bem delimitadas, similares às da *Amalthea* (1673), que agregam substantivos hipónimos⁴³. O traço mais característico do «Vocabulario de termos» é a abundância de expressões fraseológicas que, através do desenvolvimento de uma breve glosa geralmente retomada do *Vocabulario*, permitem o acesso ao significado, como se de um dicionário de língua se tratasse. Mas o principal objectivo é proporcionar conteúdos especialmente configurados para o aproveitamento retórico-literário, como a elaboração de símiles, acompanhados de orientações para a sua interpretação (cf. 7,

⁴³ E.g.: «De cousas, com que cobre o homem a cabeça: Tiara do Pontifice. Coroa, ou Diadema de Rey. Capello de Cardial. Mitra de Bispo, ou Arcbispo. [...]»; «De materias excrementicias, e superfluas: Borra do azeite. Balsa do vinho. Sarro da pipa. Bagaço da uva. Migalhas da mesa. [...]» Veja-se a semelhança com a Areola XXII da *Amalthea* (1673), «Sordes, faeces, excrementa, aliaequ corruptiones, & eorum contraria». Pelo facto de os conceitos seleccionados por Bluteau serem geralmente abstractos, a relação de sentido que os itens dos artigos mantêm entre si é mais ténue que na *Amalthea*, por vezes dependendo da interpretação das expressões à luz de um determinado contexto discursivo: «De moderar, e ter maõ: Rios, e torrentes com diques se reprezaõ. O sangue, que se extravaza, se veda. Ter a redea curta aos moços. Reduzir um moço desencaminhado».

infra); ou a enumeração de expressões que, por reiterarem o mesmo conceito, permitem a construção de amplificações (cf. 8).

- 7) — De diferentes modos de alumiar.
 Branquear taboas, he tirar o carpinteiro a carepa, ou superficie dellas, para as aprainar.
 Lumiar he lugar; Lumiares Villa de Portugal.
- 8) — De diferentes modos de alumiar.
 Sedas, metaes, marmores, &c. recebem polimento, e se lustraõ. Tambem dà o Orador lustre ao discurso. Ha paineis, que vistos a huma luz representaõ huma cousa, e vistos a outra luz representaõ outra. Raros saõ homês grãdes a todas as luzes.
 — De castigos da Justiça, enfermidades do corpo, e da Alma.
 Tambem as paixões atormentaõ o homem. O medo comprime o coração. A inveja o roe. A soberba incha o homem. A ira o acende. O furor o precipita. [...]

Resta referir, no âmbito dos dicionários analógicos, o «Vocabulario de Cavallaria. Termos pertencentes á pessoa do Cavalleiro» (pp. 478-494), que explora um *corpus* lexical e fraseológico de uma linguagem especializada, dividindo-o em núcleos temáticos pertinentes («exercícios propios do cavalleiro», «partes do corpo do cavallo», «boas qualidades do cavallo», «differêtes movimentos», ...). Trata-se de um exemplo isolado de um projecto ambicioso de tipo glossarístico, no sentido de elaborar vocabulários temáticos, analogicamente estruturados, dos termos das artes e das ciências, e que Bluteau não concretizará, «desanimado com a consideração do trabalho, e duvidoso da acceitação» (*Supp.*, II, «Vocabulario de termos»: 426).

4.5.3. «Vocabulario de synonymos, e phrases»

O dicionário de sinónimos de Bluteau filia-se numa tradição de compêndios latinos, em que se entrecruzam a exploração das relações de sentido e o inventário de exemplos para uso literário, e que desde o século XVI vinham conhecendo adaptações às línguas vernáculas. O investimento neste género de compilações advém sobretudo do valor que a retórica barroca concedeu à sinonímia, aproveitando as equivalências de sentido na construção de amplificações⁴⁴.

⁴⁴ Entre as obras latinas que configuraram os dicionários poéticos e os dicionários de sinónimos importa destacar *Epithetorum opus* (1541) de Ravisius Textor e *Epitheta M. T. Ciceronis* (1570) de Nunes de Valença. Cf. Verdelho, 1995: 287-289, 291.

Situa-se na segunda metade do século XVII o período em que a crítica das redundâncias oratórias altera os objectivos das recolhas de sinónimos, procurando conjugar a ornamentação da frase com a clareza de expressão: a repetição de palavras é entendida como um defeito do discurso, recomendando-se a sua substituição por equivalentes ou epítetos adequados (Quemada, 1968: 135-136). No que respeita às recolhas em francês, que poderão ter constituído uma influência motivadora ou informadora, refira-se *Synonymes et epithètes françoises* (1645) de A. de Montmérán, que associa os epítetos aos sinónimos, integrando o material reunido no século anterior por Maurice de la Porte ⁴⁵.

Em Portugal, a prevalência do barroco literário no início do século XVIII condiciona o primeiro dicionário de sinónimos que, tal como as obras europeias similares, privilegia a informação poética e literária. No prólogo, Bluteau explicita que se trata de um instrumento auxiliar, para «abrir o caminho para descriçõens, amplicaçoens [*sic*], e engenhosas expressoens em prosa, e em verso» (*Supp.*, II, «Vocabulario de synonymos»: 58-59). Apesar de criticar o uso imoderado de sinónimos, na prática o material compilado permite dar corpo a composições marcadas pela acumulação e pela reiteração de sentidos, adequando-se às expectativas da maioria dos consulentes ⁴⁶.

O facto de não ter conhecido uma edição autónoma não retira importância a esta obra precursora, que influenciará compilações subsequentes e de largo uso, como o *Diccionario poetico* (1765) de Cândido Lusitano. Os aspectos relativos ao conceito de sinonímia, a selecção e seriação das unidades lexicográficas apresentadas como sinónimos, a técnica lexicográfica e as valências poético-literárias foram já objecto de um estudo anterior (E. Verdelho, 1981), pelo que no presente trabalho merecerão uma referência sumária. Permanecem ainda insuficientemente exploradas a sondagem de prováveis fontes informadoras e uma avaliação do aproveitamento das redes de relações semânticas estabelecidas no *Vocabulario*, sob a forma de remissões e definições.

⁴⁵ *Les epithetes [...] livre non seulement utile à ceux qui font profession de la poësie, mais fort propre aussi pour illustrer toute autre composition françoise*, 1571.

⁴⁶ «A muitos parecerá pueril, ou inutil este opusculo. A mim me pareceu muito necessario. O mais eloquente Rhetorico, o mais sutil Philosopho, o mais sabio Jurisconsulto, o mais profundo Thelogo poderá necessitar delle. A qualquer delles, que no idioma Portuguez queira compor em materias da sua profissão, synonymos lhe seráõ precisos, por não repetir muitas vezes o mesmo vocabulo, ou para ornar com a variedade das dicçoens o seu dizer. [...] Conheço, e confesso, que Synonimos, sem prudente moderação amontoados, embaraço a oração [...] mas não he razaõ, que por este inconveniente se condene o uso delles; porque no nimio, e não na mediana està o vicio» (*Supp.*, II, «Vocabulario de synonymos»: 57-58).

4.2.3.1. *Sinónimos*

A primeira categoria informativa na estrutura dos artigos consiste no reagrupamento de unidades lexicais de sentido aproximável. No texto preambular, Bluteau nega a existência de uma sinonímia absoluta, baseando a sua argumentação em exemplos da tradição gramatical latina que, por extensão, aplica às línguas modernas:

Nesta obra, não me obrigo a dar synonymos tão perfeitos, que debaixo de nomes diversos, sempre signifiquem a mesma cousa, porque duvido muito, que em nenhuma lingua se achem termos com esta identica semelhança; até nos exemplos, que trazem os Autores, acho muita differença na significação (*Supp.*, II, «Vocabulario de Synonimos»: 58)⁴⁷.

Todavia, trata-se de um conjunto de princípios repetidos por outros lexicógrafos contemporâneos, mas com poucas repercussões na análise semântica⁴⁸. A constatação de que muitos dos termos geralmente considerados sinónimos não são comutáveis entre si em determinados contextos suscitou aos compiladores inúmeras dificuldades na distinção dos sentidos. Daí que as primeiras recolhidas em vulgar sejam exercícios de sinonímia cumulativa, com listas agrupadas por campos semânticos, sem incluir definições que esclareçam a natureza das diferenças ou o grau de aproximação dos significados⁴⁹.

⁴⁷ Cf. o respectivo artigo no *Voc.*: «SYNÔNIMO. Deriva se da particula Grega *Syn, Cum, & Onoma, Nome, & val o mesmo que nome, ou verbo, que significa o mesmo que outro, com pouca differença, v.g. Ensis, Mucro, Gladius. Vozes Synonymas. Vocabula, quae idem significant, ou idem valent. Quintil. [...]» (s.u.). A respeito da sinonímia, Bluteau cita no prólogo a obra *Eloquentiae sacrae et humanae parallela libri XVI* (1619) de Nicolas Caussin e é possível estabelecer pontos de contacto com a teorização de Francisco Leitão Ferreira na *Nova Arte de Conceitos* (1718-1721). Cf. E. Verdelho, 1981: 181-182, 187-188.*

⁴⁸ Segundo Quemada (1968: 134), «toutes les analyses effectuées du XVI^e au XIX^e siècle aboutissent à la même conclusion: il n'existe d'équivalence rigoureuse entre deux termes que dans des catégories lexicales délimitées, associées à des concepts ou à des techniques spécialisés». No *Dictionnaire de l'Académie* (1694: «Preface») adverte-se que «le Synonyme ne respond pas tousjours exactement à la signification du mot don't il est Synonyme, & qu'ainsi ils ne doivent pas estre employez indifferemment». Todavia, os exemplos propostos nos artigos são apresentados como casos de sinonímia total: «SYNONYME. adj. de t.g. Qui a mesme signification qu'un autre mot. *Espée est synonyme de glaive. aimer & cherir sont mots synonymes, sont termes synonymes, sont synonymes. [...]» (ibidem, s.u.).*

⁴⁹ Uma excepção é a obra do abade Gabriel Girard, *La justesse de la langue françoise, ou les différentes significations des mots qui passent pour synonymes* (1718), de que Bluteau não

Apesar de não haver uma indicação explícita acerca da génese desta recolha, tudo indica que a base do trabalho se encontra em material elaborado por D. Luís Caetano de Lima (1671-1757), autor de um *Vocabulario de Synonimos e Equivalentes*, que permanece manuscrito e incompleto na B. N. L. (Cod. 3137-3138). Bluteau decerto acompanhou os diversos projectos lexicográficos de D. Luís, embora só declare ter beneficiado de uma compilação de «expressoens, por ordem alfabetica distribuidas em cadernos avulsos» (*Supp.* II: «Ao leitor malevol»). O manuscrito do teatino português é de data incerta, mas não se trata de uma compilação elaborada a partir do texto já publicado no *Supplemento*, pois apresenta artigos incompletos ou só com a palavra-lemma, que em Bluteau surgem desenvolvidos. Caetano de Lima também não regista epítetos ou amplificações retóricas, pelo que estas categorias teriam sido acrescentadas ao material disponibilizado. Assim, e considerando as coincidências entre os dois textos, pode concluir-se que o pequeno manuscrito constituiu uma fonte extensamente explorada, como se observa na seguinte sequência de entradas:

— *Vocabulario de Synonimos e Equivalentes*:

Fiança. Caução, abono.

Fidalguia. Nobreza, sangue, generosidade, soberania, dignidade, magestade.

Figura. Forma, representação, significação, simbolo, idea, retrato, imagem, jeroglifico, exemplar, emblema.

Fingido. Ficticio, postiço, falso, supposto, mentido, fabuloso.

— «Vocabulario de Synonimos»:

FIANÇA Caução. Abono. Garantia.

FIDALGUIA. Nobreza. Sangue illustre.

FIDALGUIA. II. Generosidade. Soberania. Dignidade.

FIDELIDADE. Lealdade. Fè. *Virtude, que

sempre deve luzir nos contratos [...]

FIGURA. Fórma. Representação. Significação. Symbolo. Idèa. Retrato. Imagem. Jeroglyfico. Exemplar. Emblema.

parece recolher influências sensíveis. O autor justifica a necessidade de uma sinonímia de tipo distintivo: «D'autrefois ces différences sont plus petites, difficiles à remarquer, & apperçûes de peu de gens [...] enfin toutes celles des mots qu'on nomme communément synonymes; qu'il est important de bien caractériser, par ce qui leus est propre & particulier; afin qu'on aprenne à ne les employer qu'à propos, à ne les point confondre, & à les mettre précisément à leurs places» (Girard, *La justesse*, 1718, «Discours préliminaire»: xv-xvi). Cada artigo compara um grupo de palavras, explicando a diferença de sentidos com recurso a frases e ditos sentenciosos. E.g. «FIN. DELICAT. Il suffit d'avoir assez d'esprit pour concevoir ce qui est Fin: Mais il faut encore du goût pour entendre ce qui est Délicat. Le Fin n'est pas compris de tout le monde: Le Délicat l'est de peu de personnes» (*ibidem*, s.u.).

Fim. Remate, termo, baliza, clausula, confins, limites, arrabal-des.

Fingimento. Ficção, dissimulação.

Finta. Contribuição.

FILHOS. Partos. *Netos.* Successores. Herdeiros. Descendentes. Vindouros. Fruto. Efeito. Sangue. Progenie. Prole. [...]

FIM. Termo. Baliza. Clausula. Remate. Confins. Limites. Arrabal-des. Horizonte. Conclusão. Fecho. Causa final. Peroração.

FINEZA. Primor. Desvelo. [...]

FINGIDO. Fictício. Postiço. Falso. Mentido. Apocryfo. Fabuloso.

FINGIMENTO. Ficção. Vid. Dissimulação. *Efeito ordinario do medo [...]

FIM. Termo. Cessação. Extinção.

A reescrita de Bluteau introduziu novas entradas (e.g. FIDELIDADE, FINEZA), mas não ampliou consideravelmente o número de sinónimos dos artigos de Caetano de Lima. De um modo geral, não há lugar a uma reordenação dos itens lexicais de acordo com o grau de aproximação semântica em relação à palavra-lemma, embora se observe, muito pontualmente, uma desmultiplicação dos artigos, que visa distinguir acepções ou extensões de sentido (cf. FIDALGUIA, FIM, *supra*)⁵⁰.

O contributo do *Vocabulario*, na perspectiva da intertextualidade, parece ser pouco relevante. De facto, as redes de sentidos presentes nas remissões e nas definições por sinonímia estão aquém da variedade apresentada no «Vocabulario de Sinonimos», constatando-se que apenas uma parte ocorre nos respectivos artigos do *Vocabulario*. Numa breve sondagem de uma sequência de entradas, observa-se que os artigos do *Vocabulario* não ofereciam uma solução expedita para a composição das listas de sinónimos, mesmo alargando a análise às palavras latinas, que podiam sugerir equivalentes por via erudita⁵¹.

⁵⁰ Outras estratégias de distinção dos sentidos consistem na fixação de entradas no singular e no plural (e.g. FUMO / FUMOS, GASTO / GASTOS, GRAÇA / GRAÇAS), ou no registo de contextos sintáticos e semânticos (ADVERTIR A OUTREM / ADVERTIR A SI; ABATIMENTO, POR OBSEQUIO / ABATIMENTO, POR DESPREZO). Cf. E. Verdelho, 1981: 183-186.

⁵¹ Por exemplo, o artigo DEBATE regista apenas 2 dos 17 sinónimos presentes no «Vocabulario de Sinonimos». Observa-se a mesma tendência em outros artigos: DEBILITAR: 2 em 5; DEBRUÇAR-SE: 0 em 3; DEBUXAR: 1 em 2; DECLARAR: 3 em 14; DECORO: 0 em 4; DECREPITO: 1 em 2; DECREITAR: 0 em 4; DEFEITO: 3 em 9; DEFENDER: 2 em 8.

Mais significativo é o facto de desconsiderar inclusive algumas possibilidades de sinonímia destacadas nas definições do *Vocabulario*, como se observa em DECRETAR:

— *Voc.*:

DECRETAR. Passar hum decreto. V. Decreto. **Determinar. Resolver.** *Aliquid discernere, (no, crevi, cretum.) Aquid statuere, ou constituere, (uo, ui, utum).* Aprove o Rey com a observancia, o que Decreta com a potestade. Varella Num. Vocal, p. 399.

— «Vocabulario de Synonimos»:

DECRETAR. Ordenar. Mandar. Sentencear. Julgar.

Não obstante o facto de ser a mais ampla nomenclatura em português, o *Vocabulario* não era um fundo a partir do qual se pudessem extrair facilmente listas de sinónimos. No que respeita a esta categoria de informação, será preferível considerar que Caetano de Lima e Bluteau mobilizaram sobretudo os conhecimentos resultantes da própria experiência de exercitação literária, que integrava a poesia, a gramaticografia e a parenese.

4.2.3.2. *Epítetos*

Sob a designação de «epíteto» confluem nos artigos dois tipos de estruturas linguísticas, que Bluteau aproxima tendo em conta a função que desempenham no discurso. De acordo com o respectivo artigo no *Vocabulario*, o epíteto «he hum nome, que se ajunta com hum substantivo, & serve para descripção, & declaração das cousas, ou para propriedade, ou para ornamento, & enfeite, como tambem para desdouro, & deslustre dellas» (*Voc.*, s.u.).

Esta concepção, que aproxima o epíteto do adjectivo enquanto adjunto nominal, coincide com as definições apresentadas pelos lexicógrafos franceses⁵² e conforma-se com a orientação da generalidade das recolhas em latim e vernáculo. A mais difundida, *Les epithetes de M. de La Porte* (1571), reúne quase exclusivamente adjectivos, sobretudo nos artigos relativos a nomes comuns; os

⁵² «EPITHETE. s.f. Nom adjectif qui designe quelques qualitez d'un nom substantif qui luy est joint [...]» (Furetière, *Dictionnaire Universel*, 1690); «EPITHETE. [...] Terme adjectif, qui estant joint à un substantif, y designe, y marqué, y fait connoitre quelque qualité [...]» (*Le Dictionnaire de l'Académie Française*, 1694).

adjectivos que permitem designações por antonomásia registam-se geralmente em artigos sobre mitónimos, ou outros nomes próprios⁵³.

Todavia, no *Vocabulario de Synonimos*, o conceito compreende as expressões compostas por vários lexemas, formando sintagmas nominais complexos que, além de acompanhar o nome, podem adquirir autonomia e substituí-lo, na medida em que funcionam como uma descrição parafrástica: « neste opusculo acharà o Leitor muitos epithetos, os quaes, inda que não sejaõ synonymos, significaõ o mesmo que o nome, ao qual se applicaõ » (*Supp.*, II, «Vocabulario de Synonimos»: 58). A opção de Bluteau é atípica, já que os manuais mais recentes, e entre eles o latino *Gradus*, distinguem claramente as três categorias de informação:

— «Vocabulario de Synonimos»:

ELOQUENCIA. Rhetorica. Facundia. Elegancia no falar. Elocução culta, e ornada de figuras. Adorno da practica. Enfeite da frase. Concerto da lingoagem. Doua, e discreta affluencia de palavras. [...]

— Aler, *Gradus ad Parnassum*, 1647: s.u.

Eloquentia. SYN. Facundia, eloquium. EPITH. Nectarea, facunda, ambrosia [...] PHR. Dicendi vis, ubertas, copia. Larga copia fandi, oris facundia culti. Blandae modulamina linguae. Facundia melle dulcior. Eloquii nitor, décor, gratia. Verba diserta. Liquido verba fluentia cursu. Potentis eloquii virtus. Facundae suavissima gratia linguae. Gratia facundi quanta sit eloquii.

No que respeita às fontes informadoras, a influência dos sermonários e das recolhas de conceitos predicáveis terá sido preponderante, tendo em conta que os temas seleccionados são particularmente adequados ao púlpito. A extensão dos artigos que se referem a vícios, virtudes e comportamentos deve-se, em grande medida, à enumeração de lugares comuns da oratória sacra⁵⁴:

CARNE [...] Lodo animado. Barro vivente. Pó organizado. Trofeo do tempo. Jogo da Fortuna. Alvo de miserias. Campo de dores. Theatro da podridaõ. Isca de bichos. Triunfo da morte. [...]

⁵³ E.g.: «Declaration. *Facile, entiere, aperte, publique, manifeste, articulee* [...]»; »Dedale ou Dedalus. *Labyrinthean, subtil, fameux, cherpenteur* [...]» (La Porte, *Les epithetes*, 1571, s.u.).

⁵⁴ Cf. E. Verdelho, 1981: 190: «além da inclusão de epítetos em artigos sobre entidades como ADAM, ANJO, DEMONIO, DEOS, JESU CHRISTO, PAPA, há também que referir a sua presença em muitos outros concernentes a temas, aspectos da doutrina e a actos do ritual cristãos.»

CASTIDADE [...] De vicios venereos exterminio glorioso. Vittoria do sensual appetite. Desprezo de prazer immundo. Freyo da concupiscencia. CASTIGO [...] Freyo da culpa. Preservativo da iniquidade. Guarda da innocencia. Remedio dos males da Republica. [...]

Nos artigos do *Vocabulario*, em contextos temáticos semelhantes, as paráfrases também são comuns, sobretudo na informação latina. De resto, a fraseologia dos dicionários bilingues que Bluteau consultou é uma fonte a considerar, uma vez que estas obras pretendiam constituir um auxílio à composição estilisticamente cuidada, citando ou adaptando expressões de autores latinos⁵⁵.

4.2.3.3. *Discursos*

Nesta categoria de informação, geralmente localizada no fim dos artigos, o lexicógrafo apresenta um conjunto de textos exemplares, de extensão variável, que obedecem a uma estrutura lógica, incluindo um mote relacionado com o tema do artigo, o seu desenvolvimento através de estratégias retóricas e uma conclusão. A presença destes textos, claramente orientados para a composição da oratória, é um traço que o «Vocabulario de Synonimos» partilha com o *Vocabulario*, recorrendo novamente à intertextualidade com o *Dictionaire general et curieux* (1685). Principiando com um mote, que por norma não se encontra em Rochefort, Bluteau recria textos coesos, plenos de enumerações e amplificações, a partir de fragmentos do dicionário francês.

DISCORDES. [...] Rome, maîtresse de l'Univers se perdit par la discorde de ses Citoyens, & par les sanglantes inimitiez de Cesar, & de Pompée, Athènes fit la mesme fin, partagée par la division & discorde de ses Philosophes. [...] Cesar ne devoit la conquete d'Egypte qu'aux més-intelligences des Habitants. La puissance du Turc ne subsiste que par la discorde des Princes Chrétiens. [...]

⁵⁵ Um dos dicionários mais abundantes em paráfrases é o *Invantaire des deus langues françoise et latine* (1636) do padre Philibert Monet. Nele se identifica o mesmo interesse pelos temas do discurso religioso moralizaste. Por exemplo: «*Charnel*. [...] Quod suadetur ab sensibus libidine deprauatis, voluptatis pruritu concitatis, libidinis titillatione percitis. *Plaisir Charnel*: Foeda sensuum voluptas. Impurae voluptatis titillans sensus. Contaminatis mollitia membrum hausta oblectatio. Libido impura. Voluptas foeda» (s.u.).

DISCORDIA. [...] * Febre Ethica, que insensivelmente consome os corpos politicos, mais robustos, e poderozos. Roma, Senhora do Universo, pereceo pelas discordias de seus moradores, e pelo implacavel odio de Cesar, e de Pompeo. Padeceo Athenas outra semelhante ruina pelas dissensões dos seus Filósofos. Deve Cesar a Conquista do Egypto às desavenças dos Egyptcios; não subsiste o poder do Turco senão pela perpetua emulaçã dos Principes christaõs.

Na relação de intertextualidade, o teatino explora os segmentos que facilitam a elaboração de símiles em torno de um conceito, juxtapondo comparações que permitem interpretações simbólicas. Todavia, se no *Vocabulario* os textos retirados do *Dictionnaire general* podiam ser lidos como um somatório de aspectos históricos curiosos, dado o seu carácter fragmentário, no «Vocabulario de Synonimos» Bluteau torna mais explícitos os símiles de Rochefort, completando-os com um mote ou um remate que esclarecem a intenção discursiva moral e doutrinária.

DISSIMULAÇAM [...] * **Arquitectura Pyramidal.** Nas Pyramides huma das tres faces sempre fica fóra de vista, por muitas voltas, que dem os olhos para as descobrir juntamente todas. **No homem dissimulado sempre fica alguma face às escuras.** * **Apparencia enganosa, aborrecida do supremo Monarca.** No numero das suas victimas não quiz Deos admitir o Cysne. *Levit. Cap. II. num. 18.* Debaixo da sua candida plumagem cria o Cysne huma carne escura e negra; **symbolo do dissimulado, que debaixo de huma superficial candidez traz hum coração danado.** [...] ⁵⁶

A maioria dos textos direcciona-se para a temática moral ⁵⁷, mas importa assinalar a atenção que concede a assuntos da literatura e estética literária, seja

⁵⁶ O original de Rochefort: «DISSIMULER, DISSIMULATION [...] Les dissimulez sont comme le pyramides, qui ne se montrent jamais toutes entieres, de trois faces, il y en a toujours une, qui demeure hors de la veuë, de quelque oeil de perspective qu'on la puisse envisager. [...] Les Interpretes du Texte Sacré remarquent que Dieu a rejeité le Cygne nonobstant la blancheur de son plumage, & la douceur de son chant, jamais il ne l'a voulu admettre au rang de ses victimas, d'autant que sous sa plume blanche, il cache une chair noire, tellement il deteste les apparences sans effets, & les choses deguisées. *Levit. cap. II. v. 18.* [...]» (Rochefort, *Dictionnaire General*, 1685, s.u.).

⁵⁷ Para uma lista de artigos em que o espaço dos discursos morais e religiosos é preponderante, cf. E. Verdelho, 1981: 192-193.

pela abordagem de tópicos mitológicos, seja pela crítica dos exageros estilísticos da poesia contemporânea ⁵⁸.

4.5.4. Glossários

Inclui-se nesta categoria um conjunto de vocabulários que se caracterizam por uma nomenclatura circunscrita a domínios lexicais bem delimitados e por apresentarem uma informação dicionarística sucinta. Distinguem-se dos agrupamentos analógicos, atrás abordados, na medida em que o objectivo destes glossários é uma descrição parcial do léxico, seja uma linguagem especializada, seja um registo dialectal ou sociolectal (Cf. Hartmann e James, 2001: s.u. GLOSSARY). A diversidade das temáticas, que reforça a autonomia de cada um dos repertórios, está patente nos títulos:

Vocabulario de termos commumente ignorados, mas antigamente usados em Portugal, e outros, trazidos do Brasil, ou da India Oriental, e Occidental (pp. 495-500)

Vocabulario de palavras e modos de falar do Minho, e Beira, &c. (pp. 501-505)

Vocabulario de titulos de dignidades ecclesiasticas (p. 506)

Vocabulario de titulos de dignidades seculares (pp. 507-509)

Vocabulario de nomes, que ficaraõ de plantas, tomados do Latim, e do Grego, para evitar circunloçoens (pp. 468-477)

Vocabulario de varios officios da republica, com titulos portuguezes, e versos latinos (pp. 512-534)

Dos dois primeiros há notícia de que resultaram de listas de palavras que foram remetidas ao lexicógrafo já tardiamente e que, por conseguinte, não puderam ser integradas na nomenclatura do *Supplemento* ⁵⁹.

⁵⁸ Sobretudo em artigos como CONFEITEIROS, CONVERSAÇAM, ELOQUENCIA, ESTYLO NO COMPOR, NOVELLA, PALAVRA, PENNA DE ESCRITOR, POESIA, SCIENCIA DAS FABULAS, SENTENÇA e VOCABULARIO, de acordo com a selecção de E. Verdelho (1981: 193).

⁵⁹ «Tambem não es o primoroso, e muito douto Advogado Manoel Tinoco de Magalhães, que da Cidade de Braga me escreveu huma carta com data de 12. de Janeiro de 1727 [...] Nesta mesma carta me dá o Author della para o Supplemento do Vocabulario humas noticias, que por virem tarde, não poderaõ occupar o seu lugar alfabetico; mas ficaõ no fim do segundo volume deste Supplemento, debaixo do titulo, que diz, Vocabulario de nomes,

O «Vocabulario de termos commumente ignorados» é uma lista de palavras cujo significado permanecia obscuro ou insuficientemente explicado, acompanhadas pela indicação de uma fonte autorizadora. A nomenclatura agrega, sem distinção, léxico português antigo e nomes de plantas e animais introduzidos a partir das línguas exóticas, constituindo estes últimos a maioria das entradas. As principais fontes, de resto já exploradas no *Vocabulario*, são a *Monarquia Lusitana*, a *Nobiliarquia Portuguesa* de António Sampaio (léxico português), a *Description d'Afrique* (1686) de Dapper, a *Historia naturalis Brasiliae* (1648) por Willem Piso e a *Nova Lusitania, historia da guerra brasílica* (1675) de Francisco de Brito Freire (termos das línguas exóticas). A lista não foi elaborada tendo em conta eventuais lacunas na nomenclatura do *Vocabulario*, uma vez que algumas das palavras têm entrada própria ou ocorrem no interior de artigos.

— «Voc. de term.»: Boicinininga. Boioboí. Boitiapo. Boiguacu. *Co-bras*. S.

— *Voc.*: CÓBRA. [...] Cóbrea de Cipó. Serpente do Brasyl, de côr azeitonada [...] O Gentio lhe chama, **Boitiapò**. [...] Cóbrea de veado, ou Gibóya, ou cóbrea Boy. Outra Serpente do Brasyl, & por ventura a mayor de todas. [...] O Gentio lhe chama *Giboya*, & **Boiguacú**. [...] Cóbrea verde. Outra Serpente do Brasyl, verde, como porro. [...] O Gentio lhe chama **Boiobi**. [...] Cóbrea de cascavél. Serpente do Brasyl assi chamada, porque com a extremidade da cauda faz ruido sonoro [...] O Gentio lhe chama **Boicinininga**. [...]

A ordenação não é estritamente alfabética, observando-se agrupamentos por categorias de referentes, ou por conjuntos de palavras extraídas da mesma fonte autorizadora. O esclarecimento do significado resume-se a anotações de espécie — e.g. *herva, animaes, arvores* — ou, quando é obscuro, à indicação do texto em que é mencionada.

O «Vocabulario de palavras e modos de falar do Minho, e Beira, &c.» retoma um aspecto da análise lexical que fora amplamente considerado ao longo do *Vocabulario*, pois desde os primeiros volumes se observa uma marcação da variedade linguística de tipo regional. Não obstante o facto de declarar em subtítulo que a notícia das palavras «naõ veyo a tempo de se lhe dar lugar

pela mayor parte ignorados, & c.» (*Supp.* II: «Ao leitor malevolo»). É possível que o «Vocabulario de palavras e modos de falar do Minho», «cuja noticia naõ veyo a tempo de se lhe dar lugar Alfabético neste Supplemento» (p. 501), deva a sua autoria ao mesmo colaborador.

Alfabetico neste Supplemento», boa parte encontra-se registada na nomenclatura, com significado preciso e, por vezes, acompanhada de um marcador de informação diatópica explícito. Todavia, o compilador não terá trabalhado a partir do *Vocabulario*, pois esclarece significados que Bluteau não dilucidara (cf. CONGOSTA):

— *Voc.*:

CANHOTO [...] Canhoto, tambem se chama hum troço de pao, mal feito, & cheyo de nós.

COMESTO. Comido. Vid. no seu lugar. [...]

CUNCA. Tigella de páo, no Minho. V. Tigella

CONGOSTA. Obrigando o inimigo a meterse numa Congosta. Successos militar. p. 73.

— «Voc. de palavras»:

Canhoto, *Acha pequena*.

Comesto, *Comido*.

Cunca, *Tigela*.

Congosta, *Azinhaga*.

Em contrapartida, o catálogo revela-se inovador na inclusão de formas que se desviavam do padrão linguístico em aspectos fonológicos (metáteses, realização das consoantes /b/ e /v/ (cf. 1, *infra*) e no registo e comentário de locuções interjectivas ou idiomáticas, que se supõe serem inusuais em Lisboa (cf. 2):

1) Aldigar, *Alguidar*.

Acolocos, *Acolytos*.

Austinado, *Obstinado*.

Binagre, *Vinagre*.

Coibes, *Couves*.

2) Ai nossa Senhora! *Quando se admiraõ.*

Botou para fõra, *Naõ està em caza.*

Derrancoulhe as colladas, *Moeu-o.*

Acerca dos restantes glossários não há informações que permitam atribuí-los a colaboradores de Bluteau. O interesse do «Vocabulario de titulos de dignidades» (eclesiásticas e seculares) reside na compilação de uma grande quantidade de nomes estrangeiros, retirados sobretudo das relações de viagens e memórias históricas contemporâneas, enumerando as designações das hierarquias civis e religiosas nos principais reinos da Europa e da Ásia. No que

respeita à estrutura, para além do facto de a organização não ser alfabética, a maioria dos artigos dispensa a glosa, na medida em que os itens são registados em contextos que asseguram a informação essencial:

Eleitor do Imperio.
Vaivoda da Transilvania.
Burgravio, ou Bulgravio de Bohemia.
 [...]
 Presidente de qualquer Tribunal.
Governador de Provincia.
Procurador S. Marcos, em Veneza.

O «Vocabulario de nomes, que ficaraõ de plantas, tomados do Latim, e do Grego» reúne informação extralinguística acerca das propriedades e utilidades da planta. Todavia, a selecção das unidades lexicais que constituem entrada é orientada não por referentes concretos (como sucedia no *Vocabulario*), mas por categorias tipológicas que organizam os itens num campo do mundo natural. A indexação parte de um adjectivo, de significado lato, aplicável a uma série de plantas que se integram numa determinada categoria:

Herva pratense. Toda a herva, que naturalmente se cria nos prados, se chama *Pratense*, porque o Latim *pratium* he prado.
Herva hepatica. A que he boa para o Fgado, que em Latim he *Hepar*.
 [...]
 Herva cochleada. A, cujas flores se torcem, e retorcem a modo de caracol, em Latim *Cochlea*.

Por fim, o «Vocabulario de varios officios da republica, com titulos portuguezes, e versos latinos» encontra um paralelo — e provavelmente um modelo — nas 50 descrições que Pomey publicou em anexo ao *Dictionnaire Royal*⁶⁰. Do conjunto de glossários em análise, é aquele em que a informação relativa ao português é mais residual, apenas presente quando a entrada pode suscitar equívocos de interpretação (e.g. «Arqueyro. Official, que faz arcas»; «Artelheiro. Official, que faz canhoens, e outras peças de Artelharia»). As des-

⁶⁰ «Ayant aussi considéré le bon office que je rendois au public, si j'ajoutois aux simples locutions, quelques descriptions de ce choses, qui souffrent & qui semblent même demander cette sorte d'enrichissement; [...] j'ai fait reflexion, qu'il seroit plus commode de les ramasser toutes ensemble à la fin [...]» (Pomey, *Le Dictionnaire Royal*, 1716 (1691): «Avis au lecteur»).

crições em latim que preenchem os artigos têm como objectivo, por um lado, traduzir através de paráfrases os nomes de profissões, actividades, instrumentos e práticas que não tinham correspondente na Antiguidade ⁶¹.

Por outro lado, porque são estilisticamente elaboradas e estão redigidas na primeira pessoa, permitem dar corpo a descrições enigmáticas, que eram um exercício textual com aceitação nas academias literárias e constituíam uma técnica de aprendizagem da composição em latim ⁶².

*

A hipertrofia de informação e prática retórica no *Vocabulario* é uma marca do tempo em que foi redigido e o resultado de uma envolvimento socioliterária irrepitível. Morais, com uma expectativa de recepção muito diferente, procurou alterar ou eliminar as definições estilisticamente elaboradas, de modo a aproximá-las de um discurso de tipo metalinguístico. Na redacção dos artigos, perde-se o pendor didáctico das explicações, apresentado apenas exemplos para clarificar a definição, sem o intuito de servir de modelo para a escrita.

O *Vocabulario* permaneceu, nos anos seguintes, como uma obra prestigiada, reconhecida como modelo autorizador e instituidor de um cânone literário. Se a terminologia da retórica foi incorporada em outros dicionários, a informação complementar de apoio à escrita e muito particularmente da oratória sacra não foi recuperada, pelo que o dicionário de Bluteau continuou a ser assiduamente frequentado pelos escritores e pregadores da época, tanto pela vertente latina como pela portuguesa. O conjunto dicionarístico não foi reeditado, pelo que o volumoso *corpus* de *topoi* discursivos é actualmente quase desconhecido. A recuperação desse património, com o auxílio de instrumentos informáticos que tornem eficaz a leitura e a pesquisa, revelará certamente uma fonte de referência da cultura literária do século XVIII.

⁶¹ Por vezes, a designação portuguesa presente na entrada também é parafrástica: «Official, que faz bacias de cobre, de toda a casta»; «Official, que faz, ou vende balanças» (*Supp.*, II: «Voc. de varios officios»).

⁶² E.g.: «IMPRESSOR. Arte meâ reliquas illustro Typographus artes. Imprimo dū varios aere micâte libros. [...]»; «MINEIRO. Qui loca terrigeno foecunda metallicus auro, Divitis, & Pluti mille pererro domos. [...]» (*ibidem*: s.u.). Nas *Prosas Portuguezas* encontram-se abundantes exemplos, em latim e português, desta exercitação literária a que o próprio Bluteau se dedicara, tendo inclusive coligido um caderno destas composições (cf. *Prosas*, II: 11-53).

V

**DO *VOCABULARIO* À LEXICOGRAFIA
MONOLINGUE DO PORTUGUÊS**

1. RECEPÇÃO DO *CORPUS* DICIONARÍSTICO

No longo período que mediou entre o *Suplemento* e o *Diccionario* de Morais Silva (1789), a produção de obras lexicográficas não foi abundante, nem representou um acréscimo substancial à nomenclatura coligida por Bluteau. Tendo em conta o percurso editorial de obras europeias congêneres — Furetière e Trevoux, por exemplo — a evolução do imenso fundo de informação lexical passaria normalmente por uma actualização e correcção que remediasse as falhas tipográficas e as incongruências da técnica lexicográfica, decorrentes de um processo de composição e edição que se prolongou por mais de trinta anos.

O *Vocabulario* não beneficiou de uma reformulação que mantivesse e aprofundasse as marcas características de um dicionário monumental, repleto de informação linguística, literária e enciclopédica, como os que se aperfeiçoavam nas principais línguas europeias, e que o tornaria um instrumento mais completo para a preservação da memória lexical. Desconhece-se qual a efectiva orientação do *Complemento* preparado por José Caetano (n. 1690), que, de acordo com os testemunhos citados por Inocêncio Silva, estaria no prelo aquando do terramoto de 1755, o que explicaria o malogro de todo o projecto ¹. Mas,

¹ «De uma carta autographa de José Caetano [...] datada de 23 de Agosto de 1755, e dirigida ao Padre Preposito da Casa de S. Caetano, se vê que este professor fôra encarregado muitos annos antes, por ordem d'el-rei D. João V, em virtude de proposta feita pelo conde da Ericeira D. Francisco Xavier de Menezes, e pelo padre D. Raphael Bluteau, de revêr, pôr em limpo, e fazer imprimir o *Complemento do Vocabulario portuguez* do mesmo Bluteau; empreza que [...] se conservára suspensa até que el-rei D. José resolvêra tomar a si a continuação [...]. Vê-se mais que á data da carta havia já uma porção de folhas impressas, e se ia proseguindo em imprimir as restantes [...]» (Silva, *Diccionario Bibliographico*, IV: 281-282).

a avaliar pelo título, tratar-se-ia da revisão de materiais que não haviam sido incluídos no *Suplemento*, compilados por Bluteau e pelos Condes da Ericeira. Pode admitir-se a uma relação entre o texto de José Caetano e o *Complemento ao Doutissimo Vocabulario do P. D. Rafael Bluteau*, que Barbosa Machado atribui a D. Luís Carlos de Meneses (cf. *supra* cap. 1.2.1). Da correspondência entre Bluteau e D. Francisco Xavier, conclui-se que D. Luís teria um particular interesse pela terminologia científica e que colaborou com o pai numa revisão que visava conferir uma maior sistematicidade à nomenclatura, corrigindo incongruências e palavras erradas que não haviam figurado em erratas anteriores (Bem, *Memorias*, 1792: 314). Esse trabalho poderá ter sido posteriormente ampliado e ter servido de base de trabalho a José Caetano.

No que respeita à redução do *Vocabulario* a um formato e extensão compatíveis com um uso escolar, há que considerar o facto de esse espaço ser ocupado pelas reedições de Cardoso e pela *Prosodia*, que gozava da preferência dos jesuítas e se conformava com o seus métodos de ensino (cf. Teyssier, 1980: 11). Apenas em meados do século XVIII parece haver condições que propiciem a edição de obras alternativas, que se propõem erradicar os barbarismos do dicionário dos jesuítas e que reclamam um rigor filológico e a propriedade na expressão latina. Este interesse pela qualidade do ensino do latim — que antecipa as orientações da reforma pombalina — adia os esforços para a composição de um dicionário monolíngue e pode explicar o facto de os lexicógrafos não terem sentido a necessidade de ampliar a nomenclatura ou de melhorar as definições das palavras portuguesas.

Antes da profunda reformação de António Morais Silva, de que resultará uma obra substancialmente diferente, o *Vocabulario* foi a principal fonte informadora de um conjunto de textos lexicográficos e paralexográficos, em que se destacam os dicionários bilingues de Carlos Folqman (1755) e José Marques (1764), e o catálogo anexo à *Orthographia* (1734) de Madureira Feijó. Com menor repercussão na tradição dicionarística subsequente, o texto de Bluteau motivou também a recolha de informação de tipo enciclopédico e terminologias nele contidas, sob a forma de compilações paralexográficas e indexações de extensão variável, como é o caso do *Divertimento erudito* (1734) de Fr. João Pacheco, ou do pequeno *Diccionario portuguez das plantas* (1765) de José Monteiro de Carvalho.

1.1. *Diccionario portuguez, e latino* (1755)

O dicionário bilingue composto pelo padre Carlos Folqman (1704-?) é a primeira obra que patenteia de forma explícita uma filiação no *Vocabulario*,

pretendendo resumi-lo a um pequeno volume in-4.º, orientado sobretudo para o trânsito escolar ². Filho de pai alemão e mãe holandesa, com formação escolar no estrangeiro, deve-se à sua experiência multilingue um conjunto de obras de reflexão linguística, com a *Grammatica hollandeza* (1742) e a *Nomenclatura portugueza, e latina das cousas mais communs e vesiveis* (1793) ³.

O principal objectivo é tornar acessível aos estudantes uma série de equivalências bilíngues apenas registadas no volumoso e raro dicionário de Bluteau, fundadas em bons autores e transcritas com preocupações filológicas ⁴. Folqman, que não dispensa qualquer elogio a Cardoso, Barbosa ou Bento Pereira, apresenta o seu dicionário como sendo «não só utilissimo, mas summamente necessario» a todos que estudam a língua latina, o que aponta para uma renovação do ensino, baseado em instrumentos pedagógicos mais criteriosos que a *Prosodia* dos jesuítas. De resto, este dicionário é contemporâneo do *Apparato critico para a correcção do Diccionario intitulado Prosodia* (1755), publicado por António Pereira de Figueiredo, em que se aprecia a pouca valia do *Thesouro* como modelo de boa latinidade ⁵.

² *Diccionario portuguez, e latino, No qual as dicções, e frases da lingua portugueza, e as suas variantes significações, genuínas, e metafóricas, se achão clara, e distinctamente vertidas na Latina, e autorizadas com exemplos dos Authores classicos, compilado do Vocabulario do Reverendo Padre D. Rafael Bluteau, e dos melhores Diccionarios de varias linguas, A todos, que estudão a lingua Latina, não só utilissimo, mas summamente necessario, [...] Oferecido ao Rei Fidelissimo Dom José I Nosso Senhor por Carlos Folqman, 1755.*

³ Também estas obras apresentam uma organização paralexigráfica. A *Grammatica hollandeza* inclui «huma nomenclatura copiosa, varios dialogos em huma collecção dos mais selectos proverbios de ambas as linguas», e a *Nomenclatura*, para além de uma ordenação do léxico por campos semânticos, adiciona um «pequeno vocabulario de verbos Portuguezes, e Latinos» (pp. 29-87). São escassos os dados biográficos sobre Carlos Folqman, capelão de S. Bartolomeu dos Alemães, em Lisboa (cf. Silva, *Diccionario Bibliographico*, II: 31). Para uma apresentação geral das obras de Folqman, cf. Almeida, 1969e: 27-36; 1972.

⁴ «Como o grande Vocabulario Portuguez, e Latino do Reverendo Padre D. Rafael Bluteau pela sua multidão de tomos ficou só servindo de ornato de livrarias, e não para bem publico dos que estudão a lingua Latina, faço com este Diccionario compendioso à Republica litteraria deste Reino participante do que nelle, e em outros Diccionarios de varias linguas achei mais util para o estudo de verter huma oração Portugueza na Latina» (Folqman, *Diccionario: «Prologo ao Leitor»*).

⁵ «É este *Thesouro da Lingua Portugueza* o único dicionário de que para as suas composições se valem principalmente os que frequentam as aulas da Companhia. Para nós vemos que tais sairão estas composições, basta saber os muitos barbarismos e os vocábulos viciosos que por este *Thesouro* se aprendem» (*Apparato*, Proposição XII, cit. por Mendes de Almeida, 1969d: 34). Cf. Verdelho, 1982: 17-23.

A base de trabalho de Folqman é a nomenclatura estabelecida por Bluteau, da qual selecciona as palavras de uso frequente, ou aquelas que, uma vez traduzidas, correspondem às estruturas linguísticas fundamentais do latim. Assim, tomando por amostra a letra D, verifica-se uma notória coincidência entre as duas nomenclaturas, já que 98 % das entradas de Folqman estão registadas no *Vocabulario* (964 num total de 982).

Apesar de Folqman ter reduzido a nomenclatura em mais de metade (na letra D, apenas aproveita 41 % das 2326 entradas de Bluteau), o resultado é um dicionário de língua bastante completo, em que se mantém o vocabulário essencial do português. Para esta redução contribuiu a supressão de muitas entradas que resultavam de variações morfológicas de outras palavras primitivas; mas as unidades lexicais eliminadas pertencem sobretudo aos domínios das terminologias especializadas e da toponímia moderna, que além de serem palavras de emprego restrito, por norma suscitavam a introdução de barbarismos⁶.

Por exemplo, a sequência DIA- do *Vocabulario* (120 entradas), que está repleta de termos de medicina e farmácia, apenas concorda com o dicionário de Folqman em 10 palavras-lemma: DIA, DIABOLICO, DIACONO, DIAFA, DIALOGO, DIAMANTE, DIANTE, DIANTEIRA, DIANTEIRO, DIARIO. De fora ficam termos como DIACALAMINTHES, DIACARTHAMO, DIACASSIA, DIACASTOREO, DIACATOLICAM, que Bluteau registara justamente para assegurar a intercomunicação entre o português e o latim em todas as áreas do conhecimento. Folqman também ignora a generalidade dos nomes próprios, sejam topónimos (e.g. DABUL, DACIA, DALMACIA) ou mesmo mitónimos greco-latinos (e.g. DANAE, DANAIDES).

O lexicógrafo revela a sua autonomia em relação à fonte em aspectos como a avaliação de tipo sociolinguístico da nomenclatura, bem como no esforço para uma normalização ortográfica. Assim, recusa um determinado número de palavras que se desviavam do «bom uso», e que no *Vocabulario* eram marcadas como *termos vulgares* e *chulos*⁷. No que respeita à ortografia, Folqman

⁶ «Muitas palavras excluí, por serem de pouca importancia, e não terem os latins certos, como são: Alfelo, Alfénim, Alhada, Amortecer, Bispar, Encarapitar-se, Encaramonado, e outras semelhantes» (Folqman, *Diccionario*: «Prologo ao Leitor»). Bluteau apresenta tradução latina para todas estas palavras, mas através de paráfrases elaboradas. E.g.: «ALFELOA, *juncus saccharreus flavi coloris*»; «ENCARAPITARSE, *alicui rei editiore incinere*» (*Voc.*, s.u.).

⁷ «Outras [palavras] refuguei, por serem de má linguagem Portugueza, como são: Aca-bellado, Acaçapar, Afundar, Emmarar-se, &c.» (Folqman, *Diccionario*: «Prologo ao Leitor»). Todos estes exemplos constam no *Vocabulario* e são tratados como palavras de uso restrito.

elimina as entradas duplas de Bluteau, que se conformavam com opções e autoridades divergentes, e declara peremptoriamente que uma determinada forma é incorrecta, o que pressupõe uma evolução na consciência dos limites da norma culta ⁸.

O peso das entradas que não se encontravam na nomenclatura do *Vocabulario* é muito reduzido, quer pelo seu número global (na letra D, não ultrapassa 19 entradas em 982, cerca de 2 %), quer considerando o seu contributo para uma efectiva ampliação do fundo lexical. De facto, as adições são geralmente variações morfológicas de outras palavras-lemma contempladas, o que resulta apenas na correcção de omissões que perturbavam a regularidade formal da nomenclatura estabelecida por Bluteau. Veja-se a lista das adições na letra D, acompanhadas pela indicação de formas próximas presentes no *Vocabulario* ⁹:

DA	DESCURIOSO (<i>Voc.</i> DESCURIOSIDADE)
DANÇARINO (<i>Voc.</i> DANÇADOR)	DESENCAIXADAMENTE (<i>Voc.</i> DESENCAIXADO)
DECADENCIA	DESENFARDAR
DECOAR (<i>Voc.</i> DECOADA)	DESGARREAR-SE
DESAFIADO (<i>Voc.</i> DESAFIAR)	DESIRMANADO (<i>Voc.</i> DESIRMANAR)
DESANCAR	DESPROVIDO
DESARVORADO (<i>Voc.</i> DESARVORAR)	DINAMARQUEZ
DESCARADAMENTE (<i>Voc.</i> DESCARADO)	DISFARÇADAMENTE (<i>Voc.</i> DISFARÇADO)
DESCONSOLADO	DISTRIBUIDO (<i>Voc.</i> DISTRIBUIR)
DESCULPAVEL	

Folqman reduz a estrutura dos artigos ao esquema original que Bluteau recuperara dos dicionários bilingues franceses de uso escolar — lema, definição

⁸ No seu dicionário, altera «muitas [palavras], que estão escritas por má ortografia, como: Abaxo, Baxa, Baxeza, Baxo, Comprir, Cubrir, Enquerir, Enqueridor, Encubrir, Inveja, Jogar, &c.» (*ibidem: loc. cit.*). Em regra, no *Vocabulario* os artigos eram encabeçados pelas formas que Folqman repudia sem hesitação: ABAXO, ou abaixo; BAXA, ou baixa; BAXEZA, ou baixeza; BAXO, ou baixo; COMPRIR; CUBRIR; ENQUERIR, ou inquirir; ENQUERIDOR, ou Inquiridor; ENCUBRIR, ou encobrir.

⁹ As omissões na nomenclatura do *Vocabulario*, que os dicionaristas posteriores tentam corrigir, por vezes explicam-se à luz da própria técnica de ordenação da informação. Por exemplo, Folqman adiciona DESCURIOSO, mas esse termo já era explicado por Bluteau (*Voc.*, s.u. DESCURIOSIDADE): «DESCURIOSIDADE. Pouca, ou nenhuma curiosidade, *Incuriositas*, não he palavra Latina. *Incuria*, he negligencia, ou descuido. E assim *Incuriosus*, não he **descurioso**, mas negligente. Por descuosidade poderás dizer *Parum curiositatis*, ou *Nulla curiositas*, e por **descurioso**: *Expers curiositatis*.»

sintética, tradução, fraseologia — mas que no *Vocabulario* frequentemente se intumescia com especulações etimológicas para ambas as línguas e com as definições de tipo descritivo. Por exemplo, no artigo DAMA, que ilustrará a comparação entre os dois dicionários, Bluteau principia com uma longa explicação da origem da palavra, citando comentários de Manuel Faria e Sousa e alegando com exemplos castelhanos. Folqman ignora completamente a questão e concentra-se na informação linguística, aproveitando parte das definições e esforçando-se por apresentar uma hierarquia das acepções mais coerente e delimitada, para o que muito contribui uma rigorosa aplicação de auxílios visuais tipográficos, como os asteriscos, caracteres em capital e o avanço de parágrafo (cf. coluna da direita):

— **Voc.:**

DAMA [...] Dama. Molher fidalga. Molher de sangue illustre. *Illustris*, ou *nobilis femina*, ou *matrona*. *Femina Primaria*. Ter. *Cic.* (Fallandose com ella, se poderá dizer no vocativo, *Domina*.) Dama de Palacio. *Virgo aulica*, *ae*. Molher Dama. *Meretrix*, *icis*. *Fem*. Dama, que ama, & he amada de h?? Varaõ. *Amatrix*, *icis*. *Fem*. *Plaut*. Damas. He jogo de Tabulas no tabuleyro de Xadrês, que não depende de fortuna. Dama, no jogo das damas he a tabula, que chega a ultima casa do jogo, sobre a qual, se poem outra. *Scrupus geminatus*. *Duella*, & *duplio*, com que alguns querẽ significar hũa dama destas, significaõ outra cousa. Fazer dama cobrir a dama *Scrupos geminare*. Dama de Xadrês. He a segunda peça, depois do Rey, que anda como todas as mais peças, excepto como cavallo. *Latrunculus*, quem *Dominam vocant*, ou *Regina*, in *ludo latruncolorum*. Dama da copa. Vid. Copa.

— **Diccionario:**

DAMA. f. (mulher fidalga, mulher de sangue ilustre). *Illustris*, ou *nobilis foemina*, ou *Matrona*. *Foemina primaria*, *ae*, *f*.
 * DAMA do Palacio, ou do Paço, *Virgo aulica*, *ae*. *f*.
 * MULHER DAMA, *Meretrix*, *icis*. *f*.
 * DAMA no jogo das damas, *Scrupus geminatus*. *Calculus*, *latrunculus*, *i*, *m*.
 O jogo das damas, *Scruporum ludus*.
 Jogar o jogo das damas, *Ludere scrupis*.
 Estamos jogando as damas, *Latrunculis ludimus*. *Sen*. *Ph*.

Mas o aspecto mais notável do trabalho de Folqman será talvez a leitura criteriosa das extensas listas de expressões fraseológicas portuguesas, que se

confundiam com inúmeras traduções em vernáculo de citações latinas. O *Vocabulario* acumulava expressões sem atentar no facto de serem ou não estruturas frequentes da língua, tanto mais que a vertente retórico-literária era muito valorizada. O *Diccionario portuguez* selecciona estruturas fundamentais que, no seu conjunto, apresentam um espectro muito completo das possibilidades semânticas de uma determinada palavra em diversos contextos frásico. Esta triagem é interessante sobretudo quando se aplica a palavras que implicavam uma análise semântica complexa, e que no *Vocabulario* originavam artigos extensos, com expressões de valor semelhante. Veja-se o artigo DAR, em que Bluteau colige 64 expressões em português com tradução latina, ao passo que Folqman apenas apresenta 20, 19 das quais retiradas do *Vocabulario* com a respectiva tradução¹⁰:

- DAR alguma cousa a alguem.
- Dar a escolher.
- Dar a cada qual o que he seu.
- *DAR, (produzir, fallando em arvores)
- A oliveira não dá todos os annos, mas de ordinario de dous em dous annos.
- * DAR em alguem [...] Dar huma punhada em alguem [...] Dar sobre o inimigo
- * DAR com alguem (colher, como quando se diz: Deu a justiça com elle)
- * DAR de si, (fallando em huma viga muito carregada)
- * DAR com a cabeça n'huma parede
- * DAR com o navio nos cachopos
- * DAR, (fallando do Sol.) Neste lugar dá o Sol desde a manhã até á noite
- * DAR em parvoices, em ridicularias
- Deu em pleitar pelos amigos
- * Esta rua vai dar à praça
- * DAR-SE, (applicar-se, entregar-se.) Dar-se a hum genero de vida
- Deu-se á Filosofia
- * DAR-se-lhe de alguma cousa
- Não se me dá de cousa alguma

¹⁰ Não se reproduz a tradução latina, que segue a lição do *Vocabulario*. Apenas a expressão «dar huma punhada em alguem» não se encontra aí registada.

Apesar de Folqman invocar em subtítulo a leitura «dos melhores Dicionários de varias linguas», o seu *Diccionario portuguez* foi elaborado quase exclusivamente a partir do *Vocabulario*. O autor não pretendeu ir além de uma obra elementar — o que explica a redução na nomenclatura e a parcimónia na citação de fontes clássicas — ao mesmo tempo que respeita princípios de clareza e racionalidade, reordenando o excesso de informação de Bluteau. Não obstante os seus méritos, tudo indica que o *Diccionario* teve um acolhimento muito modesto, talvez porque fosse entendido como um instrumento incompleto, tendo em conta os métodos mais difundidos de ensino do latim em Portugal. De resto, nem se encontra entre as obras recomendadas nas *Instrucções para os professores de grammatica latina*, publicadas em 1759 (cf. Verdelho, 1982: 31-32) ¹¹.

1.2. *Novo dictionario das linguas portugueza, e franceza* (1764)

Este dicionário bilingue, que terá sido composto pelo P. José Marques ¹² antes do *Diccionario portuguez, e latino* de Folqman, apenas logrou a publicação em 1764, em virtude de um percurso editorial atribulado. O autor concebeu-o como complemento de outra obra sua, o *Nouveau dictionnaire des langues françoise, et portugaise*, mas, de acordo com as datas das licenças, ambos os volumes estariam concluídos em 1748. O dicionário francês-português foi editado em 1752 e novamente em 1756 ¹³, e em nota do editor dá-se a notícia de que nesta última data a impressão do segundo volume estaria em

¹¹ O *Diccionario portuguez, e latino* é hoje uma obra rara. Na B. N. L. existe apenas um exemplar referenciado.

¹² Sobre José Marques, Inocêncio Silva apenas reproduz o que se pode ler no frontispício do *Novo dictionario*: «Capellão Regente do Coro, e Mestre da Musica da Igreja de Nossa Senhora do Loreto». Sobre a obra, acrescenta que «está hoje de todo antiquada, e não tem uso algum. Tambem no mercado são raros de encontrar os exemplares á venda» (cf. *Diccionario Bibliographico*, V: 59, 453).

¹³ *Nouveau dictionnaire des langues françoise, et portugaise. Tiré des meilleurs Auteurs, & des Dictionnaires de l'Academie, de Trevoux, de Furetiere, de Tachard, de Richelet, de Darnet, de Boyer, &c. Avec les noms des Nations, des Royaumes, des Provinces, des Villes, des Contrées, des Rivières du Monde, & les noms propres d'Hommes, & des Femmes, &c.*, 1756. No prólogo da edição de 1756 explica-se que a reimpressão se deveu à perda dos exemplares armazenados, aquando dos incêndios de 1755.

curso. Todavia, este somente aparecerá em 1764, ao que tudo indica sem alterações ao texto original ¹⁴. Apesar de as duas páginas de rosto serem similares na apresentação dos conteúdos e dos objectivos, o 2.º volume demarca-se por anunciar o *Vocabulario* à cabeça da lista de fontes lexicográficas. Na verdade, os dois dicionários de Marques são obras substancialmente diferentes, que não assentam numa apresentação reversa da entrada e da tradução.

O *Novo dictionario* é uma compilação da nomenclatura, definições e tradução latina do *Vocabulario*, mas em moldes distintos de Folqman. Retomando a comparação no *corpus* da letra D, Marques aproveita 1559 (67 %) das 2326 entradas de Bluteau e apenas adiciona 5 que não constavam do *Vocabulario* ¹⁵. À semelhança do volume francês-português, o *Novo dictionario* recolhe grande quantidade de topónimos (cidades, rios, províncias), sobretudo os relativos ao continente europeu ¹⁶. Embora o espaço concedido às terminologias não seja amplo, é superior ao de Folqman, com ocorrências de domínios como a farmacopeia, medicina, astronomia e arte náutica. Esta abrangência no tipo de entradas e conteúdos pode encontrar explicação nas palavras do editor, que entende o conhecimento da língua francesa como um veículo fundamental para o acesso às «materias scientificas» ¹⁷. Todavia, o lexicógrafo parece ter-se

¹⁴ *Novo dictionario das linguas portugueza, e franceza, com os termos latinos, tirado dos melhores Authores, e do Vocabulario Portuguez, e Latino do P. D. Raphael Bluteau, dos Dictionarios da Academia Franceza, Universal de Trevoux, de Furetiere, de Tachard, de Richelet, de Danet, de Boyer, &c. Com os nomes proprios das Naçoens, dos Reinos, das Provincias, das Cidades, das Comarcas, dos Rios do Mundo, &c., 1764*

¹⁵ DECADENCIA, DESPERDIÇADOR, DESPROPORCIONADAMENTE, DIACIDRÃO, DROGUISTA. São unidades lexicais que nem sequer representam neologismos introduzidos no período temporal que separa os dois dicionários. No *Vocabulario*, a palavra *desperdiçador* é apresentada como forma alternativa de DESPERDIÇADO (s.u.), ao passo que outras ocorrem integradas no texto dicionarístico: «ENORME. **Desproporcionadamente** grande»; «Por senão saberem as leys da **decadencia**, muitos erros se fazem» (s.u. ERRO); «assí chama Plinio aos **droguistas**, ou boticarios» (s.u. CHEIRAR). Quanto a *diacidrão*, está registado na *Prosodia*, s.u. DIACITRON: «O **Diacidram**, a cidrada, ou casquinha».

¹⁶ Aproveita do *Vocabulario* topónimos como DABIR, DACIA, DAMIATA, DANUBIO, DARDANELLOS, DECAN, DELFINADO, DELPHOS, DONAVERTE, DORCESTER, DORDONHA.

¹⁷ «[...] lisongearay o gosto daquelles Portuguezes, que verdadeiramente amaõ as letras, e como taes cultivaõ a lingua Franceza, em que se achaõ escritas as obras mais selectas, e que todos deveraõ aprender para chegarem a possuir o mais delicado gosto nas materias scientificas» (Marques, *Novo dicionário*: «Nota do Editor»). Encontram-se termos como DALA (náutica), DELTETON (astronomia), DIAGARGANTE, DIAGNOSTICO, DIALTEA, DIAPALMA, DIAPAPAR (medicina e farmácia).

concentrado em termos técnicos de uso mais generalizado, ignorando, por exemplo, a maior parte dos nomes de medicamentos na sequência DIA-. De facto, a sua preocupação não é a extensão ou a actualização do *corpus* lexical português a traduzir para francês, tanto mais que não adicionou as novas entradas que surgiram no *Supplemento*, guiando-se apenas pelos volumes de 1712-1721.

No que respeita à redacção dos artigos e selecção da informação, o *Vocabulario* revelava-se muito útil, na medida em que Marques concebeu um dicionário que na prática era trilingue, com uma indicação sumária da tradução latina. Daí que conviesse manter a lição de Bluteau em aspectos como o número de acepções e as respectivas correspondências na língua clássica (cf. DAMA):

Dama, mulher nobre, fidalga. *Dame de qualité*. (Domina, illustris matrona.)

Dama de Palacio. *Dame du Palais*. (Virgo aulica.)

Dama, mulher dama, amiga de alguém. *Dame, maitresse, l'amie de quelqu'un*. (Amatrix, icis.)

Dama, mulher corrupta. *Une femme débauchée, une courtisane*. (Meretrix, icis.)

Damas, he jogo de taboas no taboleiro de xadrez. *Le jeu des Dames, avec le damier*. (Tessera, ae.)

Em comparação com o *Vocabulario*, e inclusive com Folqman, observa-se uma redução acentuada da quantidade de informação linguística, ao ponto de se descreverem muito parcialmente as possibilidades semânticas em português. O resultado são enunciados claramente incompletos, de uma surpreendente brevidade, atendendo à fraseologia que Bluteau acumulara. Observe-se o artigo DAR:

Dar alguma cousa a alguém, dar alguma cousa occultamente a alguém. *Mettre quelque chose dans la main de quelqu'un sans qu'on s'en aperçoive, lui donner quelque chose secrètement*. (Dare aliquid alicui in manum.)

Em contrapartida, nas palavras que são definidas por meio de descrições, tende a manter quase literalmente parte do texto do *Vocabulario*. A tradução não se refere apenas à palavra lema, uma vez que o lexicógrafo transpõe tam-

bém uma parte da definição, conferindo ao enunciado francês um elevado grau de autonomia:

— **Voc:**

DALA da Bomba. (Termo de Navio.) He hum cano de taboas, a modo de calha, ou quelha de moinho sobre a cuberta, por donde corre a agoa, que do poraõ se tira com a bomba, & vay para o mar

— **Novo dicionario:**

Dala da bomba, (termo nautico) he hum cano de taboas, a modo de calha, ou quelha de moinho sobre a cuberta, por donde corre a agua, que do poraõ se tira com a bomba, e vay para o mar. Le canal de la pompe du navire, par où s'écoule l'eau.

O *Novo dicionario* repete alguns dos excursos de Bluteau, pelo que em muitos dos artigos não há sequer a comparação entre estruturas linguísticas, substituídas pela reprodução de notícias geográficas e históricas. Essa mesma informação é quase integralmente vertida para francês, tirando partido da intercomunicação entre o *Vocabulario* e as suas fontes dicionarísticas estrangeiras. No artigo DAIRO de Marques, a tradução francesa foi extraída do dicionário de Moreri (s.u. DAIRO) e corresponde sem grandes diferenças de conteúdo ao texto apresentado por Bluteau, originalmente retirado também do *Dictionnaire historique*:

— **Voc:**

DAYRI, ou Dayro. Titulo do Emperador do Japão. [...] Segundo o Livro da Embaixada dos Olandezes no Japão, os predecessores do Emperador, que hoje reyna, usurparaõ o nome de *Daryo* à familia do Sûmo Pontifice dos Japoens; de sorte que este titulo, ou nome *Dayro* he mais proprio do dito Pontifice, que do Emperador. Tem este o assento da sua Corte na Cidade de Sedo; o Pontifice, ou verdadeyro *Dayro*, tem na Cidade de Miacõ seu palacio. A Santidade, que attribuem os Japoens a este seu Pontifice, he taõ grande, que nem seus pés haõ de tocar terra, nem lhe há de dar o Sol na cabeça, nem já mais há de ficar descuberto ao Ar,

— **Novo dicionario:**

DAYRO, ou Dairo, he o nome que tomavaõ os Imperadores Japão. [...] O Imperio do Japão pertencia à familia deste Principe, e foy usurpada pelos predecessores do Imperador, que reina no tempo presente. O Palacio do Dayro está na Cidade de Meaco, e o do Imperador na Cidade de Jedo, que agora he a capital do Japão. A santidade que attribuem os Japões ao seu Dayro he taõ grande, que nem seus pés haõ de tocar a terra, nem lhe ha de dar o Sol na cabeça, nem já mais ha de ficar descuberto ao ar, nem se lhe haõ de cortar os cabellos, unhas, nem barba [...] *L'Empire du Japon appartenoit à la famille de ce Prince, & a été usurpé par les prédecésseurs de*

nem se lhe haõ de cortar os cabellos, unhas, nem barba. Todos os dias lhe cozem o comer em louça nova, & lhe servem na mesa em pratos novos. [...]

l'Empereur, qui reges à present. Le palais du Dairo est dans la Ville de Meaco; & celui de l'Empereur dans la Ville de Jedo, qui est maintenant la capitale du Japon. La sainteté que les Japonais attribuent à leur Dairo est si grande, qu'il ne faut pas que ses pieds touchent la terre, que le Soleil donne sur la tête, qu'il soit jamais découvert à l'air, qu'en lui coupe ni les cheveux, ni la barbe, ni les ongles. [...]

1.3. *Divertimento erudito* (1734-1744)

A obra do eremita augustiniano Fr. João Pacheco (n. 1677), ainda que não tenha sido integralmente publicada, representa um amplo e ambicioso projecto de um compêndio de tipo enciclopédico em língua portuguesa. O título aponta para uma miscelânea de notícias dispersas, mas a análise da estrutura, selecção e disposição das matérias revela um conjunto muito mais coerente e actualizado que a *Escola decurial* de Fr. Fradique Espinola¹⁸.

O autor apresenta o seu trabalho como uma história cronológica, em que as referências temporais são estabelecidas pelos episódios da narrativa bíblica, e em que a temática predominante é a religião, seja pelo comentário dos textos sagrados, seja pela presença de discursos de cariz moralizante. Na estrutura delineada por Fr. Pacheco, as notícias das restantes áreas do saber (artes e ciências), subordinam-se ao fio condutor da história bíblica:

E como este titulo me está convidando a tratar de tudo, o que he digno, e util de saberse de todo o genero de pessoas, tanto doutos,

¹⁸ *Divertimento erudito para os curiosos de noticias historicas, escolasticas, politicas e naturaes, sagradas, e profanas. Descobertas em todas as Idades, e Estados do Mundo, até o presente*, 1734. As informações de Inocêncio Silva respeitantes às datas de publicação e impressores parecem imprecisas, apontando 1738 como o ano de edição dos tomos II, III e IV (*Diccionario Bibliographico*, III: 430-431). De acordo com os volumes da B. G. U. C. consultados, a sequência é a seguinte: tomo I, Lisboa Oriental, Na officina Augustiniana, 1734; tomo II, Lisboa Occidental, Na officina de Antonio de Sousa da Sylva, 1736; tomo III, Lisboa Occidental, Na Officina de Pedro Ferreira, 1741; tomo IV, Lisboa Occidental, Na Officina de Domingos Gonçalves, 1744.

como indoutos, porque estas, e aquellas desejaõ ter noticias, do que lhes pôde, ou pertencer, ou servir, nas occasioens, que a cada passo, se offerecem; me resolvi a tratar, quasi como se fora ex professo, com extensaõ todas as Artes, e Sciencias, que das palavras da Sagrada Historia colho, e infiro (Pacheco, *Divertimento*, II, 1736: «Prologo»).

A macro-estrutura assenta na divisão da história em sete idades, e os tomos correspondem às suas subdivisões. O primeiro volume é consagrado ao período compreendido entre a criação do mundo e a expulsão do paraíso, e nele se encontram capítulos em que a introdução de notícias científicas é motivada por associações analógicas. Por exemplo, a propósito «Da Creação do terceiro Dia», surgem subcapítulos em que se exploram tópicos como a navegação ou as tipologias dos minerais:

- Articulo VII. Da Creação do terceiro Dia
- Articulo VIII. Do Elemento da Agoa
- Articulo IX. Da Arte de Navegar
 - §. I. Dos Ventos, de que pôde servir hum baixel [...]
 - §. IX. Da Qualidade, e Diversidade dos Ventos [...]
- Articulo X. Do Elemento da Terra
 - §. I. Do que he este Elemento, e suas propriedades, e extensaõ
 - §. II. Dos mineraes em commum
 - §. III. Dos Metaes em particular [...]
 - §. VI. Das Plantas, Hervas, e Arvores

Em boa parte destes subcapítulos, após um texto introdutório, com considerações de carácter geral sobre a origem de uma arte ou ciência, ou sobre os seus princípios fundamentais, segue-se uma lista de palavras, ordenadas alfabeticamente e acompanhadas de uma breve definição. Assim, estes tratados apresentam uma configuração de tipo lexicográfico, em que o *Vocabulario* sobressai como a principal fonte informadora.

O próprio Bluteau, no prólogo de 1712, já sublinhava as vantagens de uma recolha sistemática do léxico dos diferentes domínios terminológicos, que permitiria aprender um conjunto de noções essenciais sobre uma arte ou ciência, abrindo caminho para um conhecimento amplo com pouco esforço e dispendio de livros¹⁹. Dos léxicos especializados que integram o *Supplemento*, o

¹⁹ «este [dicionário], que por mao, que seja, he tão bom que lendo por elle, & pondo em papel cada dia dez, ou doze vocabulos, distribuido em colunas, ou cadernos, debaixo de diferentes titulos. v. g. as palavras Theologicas, debaixo do titulo Theologia, as Astronomicas,

«Vocabulario de cavallaria» é o que mais se aproxima do modelo geralmente empregue no *Divertimento* (*Supp.* II: 478-494). Um tema pode compreender uma série de subdomínios lexicais, devidamente discriminados, que por norma reflectem divisões taxionómicas (partes constituintes, categorias) ou associações analógicas²⁰.

Nos quatro tomos do *Divertimento* identificam-se mais de trinta léxicos especializados, de extensão variável, mas que frequentemente ultrapassam as 50 páginas, reunindo centenas de entradas:

— Tomo II.

Da Anatomia (pp. 34-101)

Termos de Pintor, Escultor; e Tintureiro (pp. 162-178)

Termos de todo o genero de Agricultura, ou Arte de cultivar a terra (pp. 209-252)

Termos Pastoriz, e de Boeiros (pp. 255-265)

Termos da Architectura (pp. 290-312)

Termos de Carpinteiro, Marceneiro, Torneiro, Semblador, e officios semelhantes (pp. 312-332)

Termos de Tanoeiros (pp. 332-334)

Termos da Carpentaria de toda a sorte de carruagens (pp. 334-338)

Termos de moinhos, atafonas, azenhas, lagares e noras (pp. 338-342)

Termos de Imprensa, e tudo, o que a ella pòde pertencer, como papel, livros, com todos os seus officiaes (pp. 342-348)

Termos de Alvaneos, Pedreiros, Oleiros, e outros semelhantes (pp. 348-363)

Termos Mathematicos que comprehendem a Geometria, Arithmetica, e Astronomia, ou Astrologia (pp. 782-881)

Das Moedas, e seus artifices (pp. 886-905)

de baixo do titulo, Astronomia, & assim todas as mais, no espaço de quatro, ou cinco anos, terás sufficiente cabedal, para te fazeres sciente em todas as materias [...] sem outros mestres, nem livros, que muitos vocabulos de cada sciencia, ou Arte, distribuidos em classes» (*Voc.*, I: «Ao leitor indouto»).

²⁰ No «Vocabulario de cavallaria» encontram-se listas parcelares de termos e fraseologia referentes a domínios e temas tais como: «Exercicios proprios do cavalleiro», «Termos proprios das partes do corpo do cavallo», «Termos proprios de cavallos de pouco prestimo, e dos seus defeitos, e vicios», «Termos proprios dos arreyos dos cavallos». — *Divertimento*: «Declinação da Agulha: He quando a Agulha se desvia do verdadeiro Norte, ou Pólo.»

Cathalogo de algumas pedras que senaõ poseraõ no I. Tomo (pp. 910-911)

Termos dos Ourives de ouro, e prata, e Lapidarios (pp. 911-924)

Dos Pezos (pp. 924-930)

Entre as principais áreas de interesse encontram-se as classes do mundo natural (espécies de animais, plantas e minerais), as ciências «escolares» (matemática, filosofia e teologia), ou temáticas literárias, como a tipologia dos géneros e subgéneros poéticos. Mas o *Vocabulario* revela a sua utilidade sobretudo na elaboração de listas de instrumentos e técnicas das artes mecânicas, que no *Divertimento* constituem a maioria dos léxicos acima referenciados. Para além das entradas que apresentavam marcas diatélicas, Fr. Pacheco procedeu a uma recolha atenta das subentradas, acepções e locuções nominais e verbais, revelando um vasto número de termos técnicos que no *Vocabulario* eram de difícil localização.

Tomando por amostra a lista de termos marítimos (I: 127-157), que reúne 625 entradas ao longo de 31 páginas, verifica-se que o *Vocabulario* informou a grande maioria dos artigos. Da sequência da letra D, que abaixo se transcreve, apenas 3 entradas não foram registadas por Bluteau (DESAFOGAR A VÊLA, DESPEDIDA NAO, DUNETÁ); as restantes encontram-se no *Vocabulario*, à cabeça do artigo ou no seu interior, recolhidas em subentradas ou nas frases de exemplo. As compilações de Fr. Pacheco são abundantes em locuções, que são indexadas de acordo com as palavras-chave definidas na fonte lexicográfica. Assim, mantêm-se entradas como DESNAVEGAVEL TEMPO, DESEQUIPADO NAVIO, ou DESTROÇADO NAVIO, quando a dimensão da nomenclatura permitiria facilmente uma reformulação.

DALA DA BOMBA	DESEMBARCAR	DESFERIR AS VÊLAS
DAVANTE	DESEMBARQUE	DESFRALDAR AS VÊLAS
DECLINA	DESEMBOCAR	DESGARRAR
DECLINAÇÃO DA AGULHA	DESEMMASTEAR	DESNÁVEGAVEL TEMPO
DENTE DA ANCORA	DESENCALHAR A NÃO	DESTROÇADO NAVIO
DERROTA	DESENCAPELLAR	DOBRAR HUM CABO
DESAFERRAR DO PORTO	DESENAZAR A NÃO	DORMENTES
DESANCORAR	DESENXARKEAR HUM NAVIO	DRIÇA
DESAPARELHAR A NÃO	DESEQUIPADO NAVIO	DUNA
DESCAHIR	DESFEITA TORMENTA	

As glosas do *Divertimento* são muito concisas, concentrando-se numa definição descritiva, completada pela indicação das funções ou utilidades dos referentes, sem aproveitar a informação latina. Em geral, Fr. Pacheco recupera excertos das definições originais de uma forma literal, reproduzindo nos seus

pequenos dicionários as mesmas técnicas e soluções. Assim, opta ou pela citação do núcleo da definição, ou pela junção de excertos, eliminando segmentos que considera supérfluos ²¹.

A vertente lexicográfica é apenas uma parte, se bem que substancial, de um conjunto muito heterogéneo de informação. No copioso «Index dos autores, de cujas obras se extrahiraõ estas noticias» figuram nomes clássicos e modernos (como Lutero, ou Atanásio Kircher), lexicógrafos (Charles Estienne, Cardoso e Bento Pereira), mas não há referência a Bluteau ou ao *Vocabulario*, não obstante a sua utilização ser recorrente.

Desconhece-se qual o efectivo contributo do *Vocabulario* na composição dos volumes que ficaram por publicar, ou cuja redacção foi somente delimitada. A julgar pelo projecto que o autor expôs no prólogo do tomo II, é legítimo supor que as notícias históricas e geográficas compiladas por Bluteau poderiam continuar a ser uma fonte privilegiada de citações ²².

1.4. *Diccionario Portuguez das Plantas* (1765)

O facto de o *Vocabulario* ter sido a fonte quase exclusiva dos dicionários do *Divertimento* deve-se ao carácter elementar das glosas compostas por Fr. Pacheco. O seu objectivo era apenas a compilação de uma nomenclatura previamente registada e garantir o acesso ao significado das palavras, coligindo excertos das definições disponíveis, independentemente do modo como haviam sido formuladas (sinónmia, paráfrase ou descrição).

²¹ Alguns exemplos de intertextualidade: — *Voc.*: «DAVANTE. Em phrase Nautica val tanto, como por diante. Fez tomar o navio por *Davante*. Barros, Dec. 4. fol. 57. Saltaraõ no Castello *Davante*. Barros, I. Dec. 116. col. 3. Era o vento tanto por *Davante*. Ibid. 164. col. 2. Antes de darem por *Davante*. Britto, Viagem do Brasil, 284.» — *Divertimento*: «Davante. He o mesmo, que Pór diante. Dar por davante; Tomar por davante, & c.» — *Voc.*: «DECLINAÇÃO. [...] (Termo Nautico.) *Declinação* da Agulha, he quando a agulha se desvia do verdadeiro Norte, ou do Polo. *Declinatio, onis. Fem.* Outros lhe chamaõ *Variação*. Vid. no seu lugar. [...]»

²² «O que prosigo no terceiro Tomo, que he como segunda Parte deste segundo; que já está composto. O mesmo farei no Tomo quarto, e quinto a que já vou dando principio. No sexto, e settimo te exporei hum Mappa universal de todo o Mundo com as maiores individuaçoens, que se podem desejar. Nos seguintes te refirirei todos os sucessos dellas, entretecidas com algumas Historias naturaes» (Pacheco, *Divertimento*, II, 1736: «Prologo»). Inocência noticia a existência, no espólio da B. N. L., de um tomo manuscrito que o autor não chegou a imprimir (Silva, *Diccionario Bibliographico*, III: 430).

Todavia, um tipo de aproveitamento que se direccionasse apenas para o discurso enciclopédico (compreendendo tópicos de informação como descrições pormenorizadas, funções, origens, causas, efeitos) era mais problemático, porque esta formulação não estava presente de forma regular em todas as palavras de um determinado domínio lexical. Bastará recordar que Bluteau recolhia as notícias de acordo com a disponibilidade das suas fontes, alternando artigos em que se destacava o confronto bilingue, com outros em que predominava a descrição de factos extra-linguísticos. Na prática, o *Vocabulario* proporcionava aos autores posteriores um *corpus* informativo de tipo enciclopédico demasiado lacunar, que só por si não podia constituir uma fonte completa.

A relação de intertextualidade entre o *Vocabulario* e o *Diccionario Portuguez das Plantas* demonstra em que medida a indefinição das características tipológicas condicionou a recepção da obra. Composto por José Monteiro de Carvalho, este dicionário colige termos que designam espécies do mundo natural (vegetal, animal e mineral), acompanhadas por definições em que se privilegiam as descrições e as funções do referente²³.

No que respeita à nomenclatura, e mesmo tendo em conta que o objectivo de Carvalho não é proceder a uma acumulação exaustiva, são inúmeros os casos de entradas que não ocorrem em Bluteau, o que revela a inevitável desactualização do *Vocabulario* no campo das linguagens especializadas, em meados do século XVIII. No conjunto de 19 entradas da letra D, identificam-se 8 termos novos (aqui assinalados a negrito), que nem sequer estão registados em subentrada:

DABUTI	DORONICO
DAMASQUEIRO	DOURADA
DAUCO	DOURADINHA
DEDO DE MERCURIO	DRABA
DELFIN	DRAGÃO
DITAMO	DRAGAM
DONINHA	DRAGOEIRO
DORMIDEIRA	DRIOPTERIA
DORMIDEIRA CORNICULAR	DURIAM
DORMEDARIO	

²³ *Diccionario Portuguez das Plantas, Arbustos, Matas, Arvores, Animaes quadrupedes, e reptis, Aves, Peixes, Mariscos, Insectos, Gomas, Metaes, Pedras, Terras, Mineræes, &c. que a Divina Omnipotencia creou no globo terraqueo para utilidade dos viventes*, 1765. Trata-se de um pequeno volume em 8.º, com 600 páginas de texto dicionarístico. Inocêncio Silva (*Diccionario Bibliographico*, V: 75) não apresenta dados biográficos para além do facto de o autor assinar com o título de capitão e ter publicado uma *Noticia astronomica, ou discurso do cometa que na noute de 28 de Dezembro se viu sobre esta cidade de Lisboa*, 1744.

Para além das adições à nomenclatura do *Vocabulario*, há que considerar o facto de a intertextualidade apenas se verificar quando os artigos respeitam os tópicos do discurso de tipo enciclopédico. As definições sinonímicas e relacionais, geralmente sintéticas, não se coadunavam com o modelo definido por Carvalho, que nestas circunstâncias recorreria a dicionários estrangeiros (especializados ou de língua) em que o discurso enciclopédico era explorado com maior coerência. Bluteau ainda apresenta soluções como:

DAMASQUEYRO. Planta, q dá Damascos. [...]

DONINHA. Animal daninho aos pombaes, capoeiras, &c. [...]

DOURADA. Peixe conhecido. [...]

DRAGOEIRA, ou Dragoeiro. A plâta, que dá o sangue de Drago [...]

É certo que as definições sintéticas também têm lugar nas glosas de Carvalho, mas são completadas por uma notícia mais pormenorizada e descritiva, que contemple aspectos como a função e utilidade para o homem (instrumento, medicamento, alimento, ...). Quando estes tópicos estão presentes, o texto do *Vocabulario* é geralmente integrado, não sob a forma de uma citação literal ou integral, mas através de uma reescrita que sintetiza o enunciado original, e elimina as remissões para as autoridades e a informação bilingue:

— *Voc.:*

DROMEDARIO. Especie de Camelo mais pequeno, & mais veloz, que os Camelos ordinarios. Na Relação da sua Viagem da India, diz o P. Manoel Godinho, que hum Dromedario anda trinta legoas em hum dia, os Camelos nove até dez, naõ mais; que andando pella Arabia Deserta, leva sobre si a agoa, que há de beber no caminho, & come os espinhos, & carrascos, que acha; se naõ os há, jejua dous, & tres dias, sem por isso desfallecer, mas que a desinquietação do seu andar he tal, que moe todo hum corpo. *Dromas camelus, dromadis cameli. Quint. Curt.* Com estas duas palavras se pode por seguramente hum adjectivo, porque *Dromas* he do genero feminino, & *Camelus* como tenho mostrado sobre a palavra Camelo, he do genero cõmum. [...]

— *Diccionario portuguez das plantas:*

Dormedario. Animal quadrupede, que he especie de Camelo, porém mais pequeno do corpo, e muito mais veloz, porque anda trinta leguas em hum dia pelos desertos da Africa, e leva sobre si a agua, que ha de beber no caminho, servindo-lhe de sustento os espinhos, e carços, que acha, que se os não ha, jejua dous, e tres dias, sem por isso desfalecer; porém a desinquietação, com que anda, moe o corpo de quem vai em sima delle.

1.5. *Orthographia* (1734)

No *Supplemento*, Bluteau reconheceu que o seu conjunto dicionarístico não permitia sustentar uma norma ortográfica coesa. Para esta insuficiência concorriam várias razões, como as contradições dos usos autorizados, as intervenções abusivas dos tipógrafos e, sobretudo, o facto de só tardiamente o lexicógrafo ter adoptado um sistema coerente de orientação etimologizante. Não obstante as concessões a usos instituídos e a duplicação de grafias, a opção pela etimologia era predominante, e uma reedição revista decerto viria a conferir ao *Vocabulario* um estatuto normativo distinto.

Ainda que indirectamente, a tarefa de rever o conjunto foi ensaiada por Madureira Feijó (1688-1741), que, de uma forma prática e expedita, aproveitou o inventário lexical de Bluteau, submetendo-o ao que considerava ser uma sistematização racional no sentido de aprofundar os vínculos com o latim, criando uma base estável para a norma culta. A análise das relações entre o *Vocabulario* e a *Orthographia* merece especial atenção, tendo em conta a efectiva influência deste compêndio no ensino e na prática da escrita, como se depreende do número de edições, sucessivamente corrigidas, até meados do século XIX²⁴.

A primeira e segunda partes da *Orthographia* apresentam um discurso metaortográfico com uma estrutura comum à generalidade dos tratados até então publicados, incidindo na formulação de regras e em listas de exemplos. Os títulos das partes são, respectivamente, «Que cousa he orthografia, como se divide, e com que Letras se haõ de escrever as Palavras» e «Divisaõ das Palavras, e Pontuaçaõ» (Feijó, *Orthographia*, 1739: 15-108, 109-130). Todavia, rejeita boa parte das lições dos ortografistas e lexicógrafos precedentes, invocando a desactualização das suas descrições. Em contrapartida, Bento Pereira e Bluteau são as fontes mais coerentes com o uso coevo e na reflexão de Feijó é constante a aferição com as prescrições dos dois autores²⁵.

²⁴ *Orthographia, ou arte de escrever, e pronunciar com acerto a lingua portugueza*, 1734; cita-se a partir da 2.^a impressão, de 1739. Inocêncio Silva (*Diccionario Bibliographico*, III: 422) regista a 10.^a edição (1824) e Filomena Gonçalves (1992: 53) acrescenta a notícia de uma posterior, datada de 1861.

²⁵ «Outros Auctores ha, cuja Orthografia devia ser a mais correcta, porque tinhaõ obrigação de a indagar. [...] E sendo este Auctor [Bluteau] o ultimo que escreveo na materia, teve razãõ para mais apurar o exame das palavras Portuguezas; como doutamente faz [...]; mas elle mesmo se queixa das muitas que se imprimiraõ alheyas do seu original [...] Quanto aos Orthografos, que já nos ensináraõ as regras desta arte de tres, que li, nenhum deve ser imitado» (Feijó, *Orthographia*, 1739, «Introducçaõ»: 3).

No que respeita à formulação das regras, Feijó aceita os princípios do «doutissimo Bluteau» relativos à escrita etimológica, nomeadamente o uso dos grafemas e dígrafos que preservavam a memória da origem grega e latina²⁶. Em geral, a etimologia e a analogia são os critérios preferenciais para uma norma racional e sustentam-se numa linha de argumentação filológica que o teatino desenvolveu no *Vocabulario* e na *Prosa Grammatonomica*:

Estas linguagens porém, que são do verbo *Pôr*, e no Latim *Pono*, e as dos seos compostos, na primeira pessoa do preterito: eu *Pús*, *Antepús* [...] diz o doutissimo Bluteau, que se escrevem com S; e tem mais razão, e fundamento, que aquelles, que eu li, e dizem, que se escrevem com Z; porque a orthografia do S nas dictas palavras, tem analogia com as Latinas, que lhe correspondem, que tambem se escrevem com S, pronunciado como Z: *Posui*, *Anteposui* [...]» (Feijó, *Orthographia*, 1739: 101)²⁷.

As listas de exemplos que se seguem às regras serão também resultado da leitura da nomenclatura do *Vocabulario*, não só porque se verifica uma elevada concordância ortográfica, mas porque muitas das unidades lexicais seleccionadas não fazem parte do *Thesouro* e revelam traços que Bluteau tornaria consistentes, como a duplicação de consoantes ou o emprego sistemático dos grupos <pc> e <pt>. Ao *Vocabulario* devem-se extensas listas de exemplos, com uma rigorosa ordenação alfabética, como a «Das palavras, que se escrevem com dous ll» (*ibidem*: 63-67), com cerca de 430 unidades.

A terceira parte, intitulada «Erros do vulgo, e emendas da orthografia», é a mais extensa (pp. 131-541), quase totalmente preenchida pelo catálogo de «Erros communs da pronunciaçam do vulgo, com as suas emendas em cada

²⁶ Por exemplo, o caso do <y> etimológico: «São innumeraveis as palavras, que pela sua analogia se devem escrever com Y. O doutissimo Bluteau assigna estas regras para a mayor parte dellas» (*ibidem*: 92-93). Feijó cita as 9 regras enunciadas no *Vocabulario*, no início da letra Y, e recolhe da nomenclatura uma lista com perto de 300 exemplos.

²⁷ Todavia, há aspectos em que Feijó discorda de Bluteau, como na questão do <ç> inicial, cuja pronúncia o autor da *Orthographia* ainda diferenciava de <s>: «O doutissimo Bluteau diz, que por evitar a variedade, que achou no uso do C, e do S, as reduzio todas à classe do S. E eu digo, que desta classe só pódem ser bons discipulos os Interamnenses, que por vicio patrio affectaõ sempre a pronunciaçaõ do S, e dizem *Cabesa*, *Sima*, *Simalha*, &c. [...] ou havemos de mudar a pronunciaçaõ Portugueza universalmente usada dos mais doutos, e sabios da Corte, das Universidades, e dos pulpitos; ou se haõ de escrever com Ç, e as mais, que dellas se dirivarem» (*ibidem*: 38).

letra» (pp. 157-541). Feijó apresenta-a como uma compilação de tipo lexicográfico, que goza de uma certa autonomia no conjunto em que se integra, uma vez que foi composta posteriormente, sendo por isso mais correcta, actualizada e coerente que os textos que a precedem.

E bem lhe podes chamar hum Thesouro, ou Vocabulário Orthográfico da lingua Portugueza; porque só neste acharás o como se escrevem, e como se pronunciaõ todos os vocábulos da nossa lingua, que poderião causar duvida, ou nas letras, ou na pronunciaçaõ. Só neste acharás os erros oppostos, para os conhecer por táes, ainda quando se encontraõ em alguns Auctores [...]

[...] no tempo, em que compuz a Primeira, e Segunda Parte, ainda me não vinha ao pensamento a Terceira pelo methodo com que vay disposta; e por isso me hia accomodando ao uso commum dos nosso Auctores, sem a rigorosa observaçaõ dos accentos para a pronunciaçaõ, e sem aquelle particular exame, com que a fui apurando [...] (*ibidem*: «Prolegomeno»).

Trata-se de uma extensa análise da ortografia e ortoépia, tomando por referência a nomenclatura do dicionário mais compendioso e abrangente. Ainda que não se reproduzam todas as preferências ortográficas de Bluteau, a dependência em relação a um dicionário extensivo garantia que o catálogo não deixava em claro nenhuma das principais dificuldades de escrita. O aspecto em que mais se distingue do tipo de auxílio proporcionado por um dicionário convencional é o facto de não se limitar às tradicionais formas paradigmáticas, indexando variações morfológicas que suscitavam problemas, como o plural dos substantivos, a variação em género ou formas da conjugação verbal.

Com frequência a glosa alarga-se em explicações que permitem aceder ao significado de palavras de uso restrito ou de sentido equívoco (sobretudo os casos de homonímia e paronímia), baseando-se nas definições do *Vocabulario*, citadas de uma forma muito concisa. O resultado é um completo dicionário de casos duvidosos, no que respeita à pronúncia, ortografia e sentido.

Só me podes estranhar, que as significaçõens que ajunto a todas as palavras, que necessitaõ dellas, não pertencem á Orthografia, e que estas tinhas tu em Bluteau. Respondo, que tens razaõ, porque daqui se segue, que se eu não tivéra o excessivo trabalho do que estranhas, não terías tu o allívio de saber como se escreve, e pronuncia esta, e aquella palavra, mas ficarias ignorando o que significa, ou irias buscarlhe a significaçãõ a Bluteau [...] (Feijó, *Orthographia*, 1739: «Prolegomeno»).

A nomenclatura é consideravelmente extensa, tendo em conta o âmbito específico do dicionário. Na amostra constituída pela letra D, que na *Orthographia* soma cerca de 550 artigos, Feijó recupera, com poucas adições, quase um quarto das entradas do *Vocabulario*, sendo portanto esta a fonte principal. A estimativa é aproximada, porque por vezes a mesma entrada do *Vocabulario* desmultiplica-se em duas ou mais entradas na *Orthographia*, consoante o número de dificuldades que as variações morfológicas suscitem. As adições efectivas são pouco significativas: DEMONÍACO, DESECANTE, DESHONESTAR, DESPROPOSITAR. A abrangência de domínios lexicais também é reproduzida, uma vez que se encontram topónimos e termos técnicos, alguns de uso bastante restrito. Inclui designações geográficas como DELFICO, DELFINADO, DORNELLAS ou termos de raro emprego como DIOPTRA, DIOPTRICA, DUTRO com o objectivo de esclarecer a sua correcta pronúncia, mediante a marcação de diacríticos.

A intervenção mais notória consiste numa reavaliação do elevado número de grafias alternativas, que Bluteau acumulava nas entradas e remissões, sem se pronunciar explicitamente sobre a correcção e a frequência. Em contrapartida, na *Orthographia* propõe-se uma distinção taxativa entre o aceitável e o erro:

- Voc.* DESSECAR, & dessecativo. Vid. Desecar, & desecativo.
Orth. Deseccar. Erro: dessecar
Voc. DESCUBRIR. Vid. Descobrir.
Orth. Descobrir. Erro: Descubrir.
Voc. DELICTO. Vid. Delito.
 DELITO, ou Delicto.
Orth. Delicto, melhor que Delito.

O resultado desta leitura crítica está patente no modo como reformula um conjunto de informações que, devido a erros tipográficos, a uma redacção pouco clara, ou a imprecisões da análise semântica, se apresentavam como enunciados incoerentes. Sem se referir directamente ao *Vocabulario*, Feijó propõe a correcção de grafias ou de explicações dos sentidos e acepções. O artigo DIGIRIR ilustra o desencontro entre a forma registada como palavra-lemma e as restantes ocorrências na glosa e nas remissões, provavelmente da responsabilidade dos compositores:

- Voc.* DIGIRIR. Vulgarmente se toma por cozer o comer no estomago, mas segundo a sua origem do verbo Latino *Digerere*, **Digerir** he

distribuir, & repartir por todas as partes do corpo a substancia do que se tem comido, & neste següdo sentido o **digerir** [...] DIGESTIR. **Digerir**. Vid. no seu lugar. [...] COZER [...] Cozer. **Digerir**. Fazer cozimento. Cozer o comer. [...]

Orth. Digerir, e não Digirir, nem Digestir. fazer cozimento, distribuir.

O mesmo se verifica com a duplicação artificial de acepções, que no *Vocabulario* representavam distinções pertinentes na língua latina, mas pouco relevantes para o significado em português:

Voc. DEFLORAR. Deshonrar. Tirar a flor da virgindade *Virginem constuprare*. [...]

Desflorar. Tirar o mais puro, o mais fino, perfeito de alguma cousa. *Aliquid deflorare, ou prae florare* [...]

Orth. Desflorar, e Deflorar. Acho a hũa, e outra palavra com differente applicação, porque Deflorar dizem que he deshonrar a donzella: e Desflorar, que he tirar o mais puro, o mais fino, e o mais perfeito de algũa cousa. Eu digo, que ambos significaõ o mesmo, porque no Latim Defloro não tem differença, e he o mesmo que tirar a flor. Ordinariamente se tóma no primeiro sentido, e sempre se diz Deflorar.

Todavia, não consegue resolver satisfatoriamente muitas das dificuldades com que Bluteau também se confrontou, no que respeita ao largo uso, por autores de boa nota, de formas contrárias à etimologia. Embora destaque a grafia que prefere, as variantes «prestigiadas» não são proscritas:

Voc. DAMNIFICAÇAM, damnificador, damno & c. *Vid.* Danificação, Danificador, Dano, &c.

DANO, ou Damno, ou Danno.

Orth. Damnificar, com os seus derivados Damno, e Damnos. Outros escrevem sem m.

Voc. ALUMIAR. [...] A luz deste castiçal alumea o templo [...]

Orth. Allumiar, dar luz: Esta he a derivação mais propria do Latim *Illuminare*. [...] Outros dizem *Allumea*, *Allumêo*, *Allumêas* &c. Mas não tem mais razão do que escreverem assim, porque assim querem pronunciar²⁸.

²⁸ Neste contexto refere-se precisamente à autoridade do *Vocabulario*: «Entre na duvida da conjugação de muitos verbos; e se me queria valer dos Vocabularios Portuguezes, estes me

O domínio da metalinguagem em que a autoridade do *Vocabulario* é mais vezes invocada de forma explícita é precisamente o da etimologia, uma vez que, à época, era a fonte portuguesa que acumulava mais discussão etimológica, compilada da tradição lexicográfica castelhana e submetida a uma leitura crítica. Bluteau, que consultou os tratados de Ménage (1650, 1694), propôs correcções a inúmeras etimologias fantasiosas registadas no *Tesoro* (1611) de Covarrubias ²⁹.

Perante a instabilidade de registos dialectais e sociolectais, Feijó recorre a Bluteau para justificar vínculos que, apesar de remotos, eram suficientes para decidir casos em que a realização fonológica perturbava a fixação da forma escrita ³⁰.

1.6. *Diccionario da lingua portugueza* (1789)

Até ao dicionário de António Morais Silva (c.1756-1825), o património de informação lexical do *Vocabulario* foi reaproveitado em projectos pouco

causavaõ mayor confusaõ; porque não achando nelles mais que os infinitos, ainda esses saõ taõ varios, que não he facil acertar qual seja o proprio [...] nos Auctores achei Allumia como traz Vieyra; e a Allumêa como diz Bluteau» (*ibidem*: 132).

²⁹ Feijó encontra no *Vocabulario* um confronto das principais fontes que poderiam confirmar ou invalidar a justeza da aproximação entre uma palavra portuguesa e a língua latina: «OUTORGAR. Parece derivado do Francez Octroyer, que quer dizer *Conceder*. Da palavra *Otorgo*, que he substantivo do verbo *Otorgar*, diz Covarrubias, que he do numero das palavras antigas Hespanholas, e que atégora, com ser taõ usada, lhe não tem achado etymologia, senaõ do verbo Latino *Auctorare*, que he alistarse na milicia com juramento de não faltar à sua palavra; mas nesta etymologia não acho fundamento por duas razoens, a primeira porque o verbo Latino, que significa Alistarse para soldado, ou obrigar-se a alguem com juramento, segundo Calepino, mais propriamente he *Authorare* do que *Auctorare*; a segunda, porque este sentido he muito differente do que damos à palavra *Outorgar*, como se vê no Thesouro da lingua Portugueza do P. Bento Pereira, que no seu lugar alphabetico diz, *Outorgar, Concedo, permitto*. A outra etymologia de *Outorgar* tambem de Covarrubias me parece taõ impropria como a primeira, porque procura reduzir o vocabulo *Otorgo*, ao verbo Grego *Optomai*, vejo, e dà por razãõ, que quem *Outorga* huma cousa, o faz, havendo-a primeiro visto, e considerado. Etymologias, muito puxadas, passaõ a ridiculas. Melhor he dissimular a origem de huma palavra, do que porfiar em lhe attribuir huma derivação falsa. No idioma Francez (como já temos dito) *Octroyer* quer dizer *Outorgar*, mas no livro das suas Etymologias o famoso Menage não se cansa em buscar donde se deriva, porque desconfiou de poder achar a este verbo derivação certa» (*Supp.*, s.u.).

³⁰ «Albricóque. fruta nova. Outros dizem *Albecorque*, outros *Alboquorque*, e outros *Alvericóque*, que assim succede, quando cada hum pronuncia como lhe tôa, ou como quer sem etymologia, nem analogia. Pela origem, que lhe dá Bluteau, devemos dizer *Albercóque*, porque diz, que se deriva da palavra Arábica *Albercóg* [...]» (Feijó, *Orthographia*, 1739: s.u.).

ambiciosos, que não ampliaram de modo sensível a nomenclatura, nem propuseram uma explicação das estruturas linguísticas do português que não passasse pelo confronto bilingue.

O *Diccionario* de Moraes Silva corresponde a uma profunda transformação da obra que serviu de modelo principal, apenas possível graças a uma leitura criteriosa, documentada pela comparação com fontes lexicográficas e textuais novas ou até então insuficientemente exploradas. Para além da selecção de um *corpus* monolingue de palavras e expressões, em que se reconhece a intertextualidade com o *Vocabulario*, há todo um investimento na actualização da técnica lexicográfica, desde logo visível em aspectos como redacção dos artigos, a valorização da informação metalinguística ou aplicação de um sistema auxiliar de abreviaturas (Cf. Verdelho, 2002: 479-480).

Apesar de o subtítulo apresentar o trabalho como uma reedição revista do texto de Bluteau, essa indicação é reformulada nas edições seguintes. É compreensível a filiação explícita numa obra prestigiada, tornando acessível um conjunto bibliográfico raro, com a vantagem de se encontrar ajustado às expectativas dos novos consulentes, que não necessitavam da vertente latina e esperavam um esclarecimento efectivo acerca dos significados, que no *Vocabulario* se confundiam na estrutura bilingue do enunciado³¹. Em contrapartida, no prólogo há uma inequívoca reclamação de autoria e de uma intervenção profunda, em quantidade e qualidade: «Do que recolhi das minhas leituras fui suprindo as faltas, e diminuições que nelle achava; e quem tiver lido o Bluteau, e conferir com o seu este meu trabalho, achará que não foi pouco o que ajuntei» (Moraes Silva, *Diccionario*, «Prologo ao leitor»: viii).

1.6.1. *Nomenclatura*

Ao mesmo tempo que procura ampliar a nomenclatura, Moraes contraria a tendência cumulativa que caracterizava o *Vocabulario*, uma vez que reavalia

³¹ Em 1789, o título é *Diccionario da lingua portugueza composto pelo padre D. Rafael Bluteau, reformado, e acrescentado por Antonio de Moraes Silva natural do Rio de Janeiro*. Em 1813 é alterado para *Diccionario da lingua portugueza recopilado dos vocabulários impressos até agora, e nesta segunda edição novamente emendado, e muito acrescentado, por Antonio Moraes Silva* (Lisboa, Typographia Lacerdina). Não são claros os motivos para o destaque concedido ao nome do teatino na primeira edição. Segundo Telmo Verdelho, há que considerar «a ponderação da conjuntura política portuguesa, e provavelmente a intenção de não agravar a inospitalidade do Santo Ofício já anteriormente experimentada por parte de Moraes Silva. O prestígio de Bluteau serviria de recomendação favorável.» (2002: 475).

a pertinência do registo de determinados domínios lexicais que Bluteau coligira meticulosamente. Morais trabalha sob a perspectiva de uma delimitação tipológica renovada, em que um dicionário de língua não deve obrigatoriamente suprir as funções de um compêndio enciclopédico. O modelo de dicionário monolíngue parte também de uma configuração material que privilegia aspectos como o formato, o manuseio e a concisão da informação fornecida, adaptando-se à crescente procura deste género de instrumentos linguísticos.

Uma primeira triagem elimina a generalidade dos termos da história antiga, geografia e mitologia, que devem ser procurados em dicionários especializados, mas é em aspectos como a diacronia e a frequência que a selecção se revela mais complexa. Morais pende para uma descrição sincrónica, mas o *Vocabulario* havia introduzido um conceito de exaustividade que de alguma forma condicionou as obras imediatamente posteriores. Em Bluteau a ausência de determinados domínios terminológicos era interpretada como um defeito: ainda que a descrição não conseguisse esgotar um domínio, devia abarcar léxico para todos os assuntos, provando a riqueza da língua e assegurando uma expressão com propriedade e a interpretação dos autores antigos. Morais põe em causa o interesse de boa parte deste fundo lexical, afirmando que não seria relevante incluir as palavras que comprovadamente eram de uso restrito e sem trânsito efectivo:

Acompanhei este estudo com os auxilios do Bluteau, que achei muitas vezes em falta de vocabulos, e frases; e mui frequentemente sobejo em dissertações desapropositadas, e estranhas do assumpto, que fazem avolumar tanto a sua obra.

Este ultimo reparo me animou a escolher para meu uso tudo o que elle traz propriamente Portuguez, deixando sómente os termos da Mythologia, os da Historia antiga, e da Geografia, á imitação dos melhores Diccionaristas das linguas vivas. E ainda eu quizera ommitir muitos vocabulos de cargos, officios, navios, e outras cousas da Asia, e Ethiopia, que vem nas Historias daquellas partes explicados ahi mesmo pelos Autores, e de que ninguem usou depois: mas receei que me accusassem dessa ommissão, e lá os conservei (Morais Silva, *Diccionario*, «Prologo ao leitor»: vii-viii).

Presentindo a apetência dos consulentes pela acumulação da memória da tradição escrita, Morais não agiliza a sua nomenclatura com a profundidade pretendida. Considerando a amostra da letra D, o *Diccionario* mantém cerca de 85 % das entradas do *Vocabulario*; o número de adições é cerca de 650, representando um incremento de 30 % em relação ao total de entradas dispo-

nível na letra D e no *Supplemento*. Neste cálculo ponderou-se o facto de Morais Silva ser mais abundante em entradas que apenas funcionam como remissões ortográficas, pelo que esses casos não foram considerados como inovação na nomenclatura.

A lista das palavras recusadas na sequência DA- permite verificar que estas são, na sua maioria, topónimos (cf. 1, *infra*) e mitónimos (cf. 2). Menos frequentes são os casos de nomes de animais e plantas exóticas, decalcados das línguas nativas (DABUH), ou os termos que Bluteau classificava como antigos e de significação obscura, e que Morais ignora (DAMINHO). As outras situações não representam propriamente uma avaliação sobre a pertinência da palavra no conjunto da nomenclatura, pois resultam de aspectos como a divergência nas convenções ortográficas³² (5), ou a fixação da categoria da forma paradigmática (DADORA).

1) DABIR	DAMIATA	2) DAGON	5) DAHI
DABUL	DAMOAÓ	DAMIA	DAMNIFICAÇAM
DACIA	DAMUTE	DANAE	DAMNOSO
DADIVAN	DAMVILERS	DANAIDES	DAMORIM
DALECALIA	DANTISCO		D'ANTES
DALEM	DANTZIC		
DALMACIA	DANUBIO		
DALMATA	DANVILLIRES	3) DABUH	6) DADORA
DAMAM	DARAGOA		
DAMASCENO	DARDANELLOS	4) DAMINHO	

A redução alarga-se às linguagens especializadas cujos termos, além do emprego restrito, eram claramente transposições de compostos greco-latinos, e que no *Vocabulario* nem sequer se apresentavam consentâneos com a morfologia portuguesa. Tal como se observou a propósito das nomenclaturas de Folqman e Marques, as longas séries de termos da farmacopeia não se integra-

³² Com a revisão das opções ortográficas suprimem-se entradas como DESALUMBRAMENTO, DESEMBURULHAR, DIFFORMAR, DICIPLINA, DICIPULO. Para além dos casos em que se verifica a cedência da grafia à pronúncia, Morais Silva também elimina formas para as quais Bluteau apresenta abonação, pelo que seriam palavras em desuso. Assim, não recupera artigos como: «DESA-LUMBRAMENTO, ou Deslúbramento. *Vid.* no seu lugar. O *Desalumbramento*, ou ambição daquelles Medicos, que consentem &c. Correccão de Abusos, 464.»; «DESASSUSTAR. Tirar o susto, segurar do susto. [...] Ellas com a fortaleza da nova muralha desasustaõ do risco das batarias. Corograf. Portug. tom. 1. cap. 2. pag. 3.».

ram na tradição dicionarística. Se no caso dos primeiros autores a rejeição se pode justificar pelo carácter elementar das suas recolhas, em Morais já reflectiria a desactualização do *corpus* do *Vocabulario*, que não representava cabalmente o léxico fundamental de determinados domínios do saber. Recorde-se que a inclusão destes termos na nomenclatura do *Vocabulario* obedece à necessidade de integrar conteúdos de tipo enciclopédico, pretendendo descrever a composição e efeitos dos principais medicamentos em uso no final do século XVII. Além do facto de não serem palavras portuguesas, Morais não lhes reconhecera interesse informativo ou relevância, isto para além de representarem um saber médico datado ³³.

É o confronto com as adições de Morais que revela as lacunas da nomenclatura do *Vocabulario*, sobretudo no que respeita a uma descrição satisfatória das possibilidades da morfologia derivacional. Entre as cerca de 650 novas entradas, 30 % são adjectivos participiais, o que é superior ao número de novos verbos no infinitivo, que representam 20 % do número total de adições; 7 % são substantivos formados com o sufixo *-mento* (e.g. DENODAMENTO, DELINEAMENTO, DESENFREAMENTO); 6 % são substantivos que indicam agente (sufixo *-or*); 5 % são advérbios com sufixo *-mente*.

Analisando os conjuntos formados por famílias de palavras, uma parte substancial das novas entradas introduz adições morfológicas pontuais que completam o espectro da variação de outras formas já consignadas em Bluteau. São vários os participios de formação regular que no *Vocabulario* não são registados, mas que o consulente deduziria a partir do infinitivo. Todavia, há grupos que são consideravelmente ampliados, com formas que não seriam improváveis no início do século XVIII, o que confirmaria a ideia de uma descrição aquém da efectiva riqueza lexical, explicável em parte pela necessidade de manter a tradução bilingue das palavras-lemma. Nos seguintes exemplos, as palavras acrescentadas no *Diccionario* assinalam-se com +:

desacatar, desacato, +desacatamente, +desacatado, +desacatamento
 desafiador, desafiar, +desafiação, +desafiado
 denodo, denodado, +denodadamente, +denodamento
 defendente, defender, defesa, defensam, defensavel, defensivo, defensor, +defendedor, +defendido, +defensar, +defensavelmente

Por outro lado, o facto de existirem grupos totalmente novos não significa necessariamente que se trata de neologismos. Por exemplo, em compara-

³³ E.g. DIASEBESTEN, DIASENE, DIASPERMATON, DIASUCCINO, DIASULPHURIS, DIATARTARO, DIATHAMARON, DIATRAGACANTHE, DIATURBITH, DIATURPETHO, DIAZINGIBER.

ção com o *Vocabulario*, Morais aumenta o número de verbos derivados com o prefixo *des-*, mas uma parte significativa é autorizada por fontes textuais portuguesas que Bluteau também consultou e que por algum motivo desconsiderou ³⁴.

1.6.2. Técnica lexicográfica

Morais introduz alterações pontuais à forma de fixar a categoria das palavras-lemma, imprimindo à nomenclatura herdada do *Vocabulario* uma configuração moderna, ao eliminar marcas características da lexicografia latina bilingue ³⁵.

As intervenções mais comuns consistem na redução à forma do singular de palavras que com frequência eram empregues no plural, bem como a passagem ao masculino de adjetivos que geralmente acompanhavam substantivos femininos em combinatórias fixas ³⁶. Assinala-se ainda a fusão, sob a forma masculina, das entradas que no *Vocabulario* mereciam artigos distintos para proporcionar a cada um dos géneros gramaticais a respectiva tradução latina:

Voc. DECRETAES. (Termo do Direito Canonico) são as cartas de varios Põtifices [...] *Epistolae decretales* [...]

³⁴ A pesquisa lexical regressa às fontes que o *Vocabulario* explorara, pelo que, nos casos em que Morais não assinala a fonte, torna-se complexa a identificação de possíveis neologismos. Alguns exemplos das adições de Morais, atestadas por fontes comuns a ambos os dicionários: — DESLAÇAR-SE (Nunes de Leão, *Chronica dos Reis*); DESANOJAR (Luís Pereira, *Elegiada do successo da armada del Rey D. Sebastião*); DESENCARRETAR (F. Mendes Pinto, *Historia das Peregrinaçoens*); DESBASTARDAR (Diogo Paiva de Andrade, *Sermoens*); DESENTRESOLHAR (Lopes de Castanheda, *Historia da India*); DECALVAR (Manoel Severim de Faria, *Noticias de Portugal*).

³⁵ Clotilde Murakawa (1982: 57-105) propôs uma análise comparativa entre o *Vocabulario* e a edição de 1813 do *Diccionario*, que incide especialmente na técnica de definição e na intertextualidade. Baseando-se no confronto de uma amostra aleatória de 1000 entradas, identificou pontos de identidade, semelhança e divergência entre as duas obras. O estudo apresenta uma vasta lista de exemplos de identidade textual na definição, bibliografia citada, exemplos e expressões ilustrativas, técnica de definição (sinonímia, definição por exemplo e por oposição), bem como de casos em que os lexicógrafos divergem nos aspectos referidos.

³⁶ Ao contrário do que era prática comum no *Vocabulario*, Morais evita indexar as combinatórias fixas e as expressões na nomenclatura: — *Voc.*: DARES, & tomares. Contendas alternadas; debates reciprocos. [...] — *Dicc.*: DARES, s.f. pl. *ter dares, e tomares com alguem, i.e.* disputas, contendas, alterações. [...]

- Dicc.* DECRETAL, s.f. decreto do Papa sobre materias Canonicas. § *As decretaes*, o corpo dos Decretos Papaes.
- Voc.* DECLINATORIA. (Termo Forense) Acto pelo qual se declara, que o Juiz [*sic*] que se deu, não he competente. *Exceptio, ou praescriptio fori*. Exceição *Declinatoria* se deve allegar secundariamente. Vid. Livro 3. da Ordenac. Tit. 49. § 3
- Dicc.* DECLINATORIO, adj. *exceição* —, a que se allega para se declinar a jurisdicção, ou mostrar-se incompetencia de juizo. *Orden.* 3. 49. 3.
- Voc.* DESPENSEIRO. Aquelle, por cuja conta corre a despensa, & gastos dos mātimentos da casa. [...]
DESPENSEIRA. Dispensadora. No sentido moral. *Despenseira* das graças, merces, beneficio. [...]
- Dicc.* DESPENSEIRO, s.m., *despenseira*, s.f. o homem, ou mulher que tem a seu cargo a despensa, e dá o preciso della. [...]

No que respeita à redacção dos artigos, Morais impõe um conjunto de alterações no sentido de agilizar e racionalizar a explicação dos sentidos e a localização da informação. Para além da recusa dos excursos enciclopédicos e dos complementos de cariz retórico-literário, interessa sobretudo destacar uma série de estratégias de reescrita que, tomando partido dos mecanismos de intertextualidade, permitem reconverter as definições de Bluteau em enunciados mais concisos e formularizados. Por norma, mantém-se a técnica de definição que o *Vocabulario* propunha (sinonímia, paráfrase, género-diferença), com transformações que deixam reconhecer segmentos essenciais da fonte informativa:

- Voc.* DADIVA. Dom. Presente. [...] Dadiva. Offerta, a Deos, ou aos Santos. *Vid.* Voto, Offerta, Oblaçãõ.
- Dicc.* DADIVA, s.f. coisa que se dá, presente, dom.
- Voc.* DADIVOSO. Amigo de dar. Liberal. [...]
- Dicc.* DADIVOSO, adj. liberal, amigo de dar, e presentear. [...]
- Voc.* DALAÇA. (Termo da India) Barca grande, lada, & raza. Partio com duzentas *Dalaças*. Barros, Decada 4, pag. 178. [...]
- Dicc.* DALAÇA, s.f. As. embarcação grande larga, e rasa. *Barros*.
- Voc.* DARIS. He o nome de certos Bugios de Guiné, na serra Lioa. *Vid.* Bugio.
- Dicc.* DARIS, s.m. pl. especie de bugios da serra lioa.

A concisão resulta de um somatório de supressões sistemáticas, que incidem sobre tópicos como as notícias de tipo etimológico. Estas, no *Vocabulário*, constituíam uma espécie de preâmbulo acessório da definição, na medida em que tentavam estabelecer uma relação lógica entre a palavra e o significado (cf. DACTILO, *infra*). Também são eliminadas muitas das anotações que inseriam as palavras e a sua interpretação num determinado contexto discursivo (*termo de...*, *termo de que usa...*, *fallando em...*), com que Bluteau reproduzia uma marca característica da técnica lexicográfica de Furetière, associando o significado a uma situação de comunicação específica (cf. DADA, *infra*). A clareza da definição era ainda perturbada pela acumulação de marcas distintivas específicas que, por se confundirem com um discurso de tipo enciclopédico, se revelavam redundantes e mesmo supérfluas do ponto de vista da delimitação do significado. Morais condensa a informação original seleccionando termos genéricos que continuam a assegurar a distinção de espécies e categorias (cf. DADÁ).

Voc. DACTILO. (Termo da Prosodia Latina.) Derivase do Grego, *Dactylos*, *Dedo*, porque assi como o dedo he composto de tres juntas, ou nós, que começã por hum mayor, que os outros dous, assi o pé *Dactylo*, he composto de tres syllabas, a primeyra longa, & as outras duas breves. *Dactylus*, *i. Masc. Cic.*

Dicc. DACTILO, adj. *pé dactilo*, da metrificacão Latina, o que consta de 1 silaba longa, e logo duas breves.

Voc. DADA. A açcaõ de dar, fallando em officios, ou beneficios [...]

Dicc. DADA, s.f. o acto de dar [...]

Voc. DADA. He nome, que os Mahometanos daõ aos prelados dos conventos dos Devisios, Calenderes, & outros seus Religiosos. Os Superiores de todos chamaõse *Dadas*. Godinho, na sua Viagem da India 159.

Dicc. DADÁ, s.m. entre *Mahometanos*, prelado de Convento. *Godinho*.

Deve ainda referir-se a importância do emprego das abreviaturas de informação metalinguística, que no *Vocabulário* conheceram uma aplicação muito pontual para o português, não obstante serem comuns na maioria dos dicionários que lhe serviram de modelo. Os esclarecimentos sobre a categoria gramatical, género ou número exigiam uma descrição por extenso, que sobrecarregava a estrutura sintáctica do enunciado com segmentos como *he o nome de...*, *he o nome com que...*, *deuse este nome...*, citando apenas o exemplo dos substantivos.

A menor extensão dos artigos conjuga-se por vezes com uma reformulação geral, que clarifica o enunciado e torna o sentido mais preciso. O interesse destes artigos no âmbito da análise da recepção deriva do facto de, apesar de se apresentarem formalmente alterados, tudo indicar que o *Vocabulario* continua a ser a fonte informadora. De resto, Morais melhora substancialmente a fonte, se recordarmos os artigos em que Bluteau, por desconhecimento ou por estilo de redacção, não explicava o significado e apenas fornecia contextos de ocorrência (cf. DAINECAS):

- Voc.* DAINECAS. O rio não se passa alli por ponte de pedra, ou de *Dainecas*, como em Babylonia, se não por barca lastrada. Godinho, Viagem da India. 140.
- Dicc.* DAINECA, s.f. sorte de barca lada de atravessar rios; dellas se fazem pontes. *Godinho*.

O recurso à paráfrase permite-lhe sintetizar relatos pormenorizadas do funcionamento e funções, eliminando comparações que, como foi notado no capítulo consagrado à técnica de definição, conferiam um visualismo à descrição (cf. DALA). Este exercício de reescrita é particularmente eficaz nos artigos em que, sem possuir dados adicionais acerca do significado, Morais melhora os enunciados registados no *Vocabulario*, evitando levantar questões relacionadas com a insuficiência das fontes. A leitura do artigo DARANDELA revela o modo como ultrapassou as dificuldades em apresentar uma descrição completa, assentando a definição em traços mínimos essenciais, inferidos do texto de Bluteau:

- Voc.* DALA da Bomba. (Termo de Navio.) He hum cano de taboas, a modo de calha, ou quelha de moinho sobre a cuberta, por donde corre a agoa, que do poraõ se tira com a bomba, & vay para o mar.
- Dicc.* DALA, s.f. canal de táboas por onde corre ao mar a agua, que sai das bombas do navio.
- Supp.* DARANDELLA. Trage taõ antigo, que não acho quem me diga o que era. *Nossas avós às singelas Com saynhos de palmilha, Pareciaõ menos bellas? São melhor as darandellas De Madrid, ou de Sevilha?* Obras Metric. de D. Franc. Man. Çamfonha de Euterpe, fol. 96. col. 1.
- Dicc.* DARANDELA, s.f. hum trage antigo de senhoras ,, *D. Francisco de Portugal* ,, *são melhor as darandellas de Sevilha, ou de Castella?* durando era panno usado em tempo de Felipe 2.

A enumeração das acepções também beneficia deste conjunto de intervenções, na medida em que se amplia o número de sentidos e expressões, ao mesmo tempo que se reduz consideravelmente a extensão dos artigos. A passagem a um enunciado monolingue implica a expansão e análise semântica das acepções que em Bluteau apenas tinham tradução latina, como é o caso de *Dama de Palacio* (lat. *virgo aulica*), que Morais define como «A senhora que assiste por fazer corte junto ás Rainhas» (cf. DAMA *infra*). Mas, apesar de os artigos do *Diccionario* apresentarem uma divisão cuidada dos sentidos com marcas tipográficas, por norma o número de novas acepções é modesto, uma vez que explora exemplos e estruturas fraseológicas que no *Vocabulario* haviam merecido uma explicação insuficiente. Por exemplo, no artigo DAMA, não obstante os melhoramentos da reformulação, somente acrescenta um sentido literal e figurado de «soprar a dama»:

— **Voc.:**

DAMA [...] Dama. Molher fidalga. Molher de sangue illustre. *Illustris*, ou *nobilis femina*, ou *matrona. Femina Primaria. Ter. Cic.* (Fallandose com ella, se poderá dizer no vocativo, *Domina.*)

Dama de Palacio. *Virgo aulica, ae.* Molher Dama. *Meretrix, icis. Fem.* Dama, que ama, & he amada de hū Varaõ. *Amatrix, icis. Fem. Plaut.*

Damas. He jogo de Tabulas no taboleyro de Xadrês, que não depende de fortuna.

Dama, no jogo das damas he a tabula, que chega a ultima casa do jogo, sobre a qual, se poem outra. *Scrupus geminatus. Duella, & duplio*, com que alguns querẽ significar hūa dama destas, significaõ outra cousa. Fazer dama cobrir a dama *Scrupos geminare.*

Dama de Xadrês. He a segunda peça, depois do Rey, que anda como todas as mais peças, excepto como cavallo. *Latrunculus, quem Dominam vocant, ou Regina, in ludo latrunculorum.*

Dama da copa. Vid. Copa.

— **Diccionario:**

DAMA, s.f. senhora nobre, de qualidade. § A senhora que assiste por fazer corte junto ás Rainhas. § Mulher galanteada, e servia honestamente de algum galante, ou namorado. *Ulisipo.* § Meretriz *v.g.* ,, *he mulher dama.* § Jogo das damas, n'hum taboleiro dividido em lisonjas alternadamente brancas, e negras, com tabolas. § *Soprar a dama, he perder a dama por não ter comido com ella o que de-vera, e fig.* tirar o rival do lanço, tomar-lhe, ou casar com a sua dama. § Peça do jogo do Xadres. § *Dama da copa*, mulher, que cuida della.

Nos artigos relativos às formas verbais, Morais confrontava-se com uma fraseologia abundante e pouco interessante do ponto de vista da distinção de valores semânticos, dado o elevado número de traduções de citações latinas. Mas a leitura criteriosa permitiu-lhe seleccionar desse fundo os exemplos mais pertinentes, reconvertendo-o numa descrição das principais co-ocorrências, locuções e expressões idiomáticas do português.

O artigo DAR, que atrás já ilustrou a comparação com os dicionários de Folqman e José Marques, dá conta de um esforço de compilação muito superior ao destes últimos autores, em que as adições corrigem lacunas na descrição de Bluteau, quando a fraseologia latina se substituíra à explicação dos sentidos em português. Morais ainda recorre com frequência à definição através de exemplos em contexto, que na estrutura do *Diccionario* ocupam o lugar que anteriormente cabia à tradução latina:

Voc. Dar. Produzir. *Fruges ferre, ou fundere.* [...] Cãpo, que dá muyto.
Ager fructuosissimus [...]
Dicc. Produzir *v.g. ,, a terra dá copiosos frutos* [...]

A vertente latina também pode ser considerada uma fonte informadora, pois alguns destes segmentos frásicos, compostos por Bluteau, eram explicações por paráfrase de expressões portuguesas que não conheciam equivalente directo nas estruturas do latim clássico. Daí que, pela inversão do processo, a tradução proporcione exemplos e definições adequadas a um dicionário monolíngue:

Voc. Dar senhoria. *Aliquem dominationis titulo ornare.*
Dar-lhe Alteza, ou Excellencia. *Aliquem excelsi, ou excellentis nomine colere, ou honestare.* [...]
Dicc. Dar a alguém Senhoria, Excellencia, tratá-lo com estes tratamentos [...]

Voc. Dar num pensamento. Dei neste pensamento. *In eam cogitationem veni, ou incidi.* [...]
Dicc. Dar n'hum pensamento, dizemos quando elle nos vem, ou o achamos. [...]

O artigo DAR, em Morais, reúne cerca de 40 alíneas, contemplado a explicação do sentido pleno e dos contextos em que funciona como verbo de suporte. Numa primeira leitura, a clareza do *Diccionario* contrasta com a compilação difusa do *Vocabulario*, que multiplicava os exemplos para um mesmo sentido, acumulando traduções que acompanhavam os conjuntos de citações

recolhidas em dicionários latinos. Todavia, a comparação dos artigos revela que cerca de 75 % dos sentidos e expressões de Moraes encontravam-se já registados em Bluteau, se bem que com explicações menos conseguidas³⁷:

DAR, v. at. passar gratuitamente o dominio do que he nosso a outrem.

§ Entregar *v.g.* ,, *dá essa carta a teu amo.*

§ Produzir *v.g.* ,, *a terra dá copiosos frutos [...]*

→ Voc. Dar. Produzir. *Fruges ferre, ou fundere.* Cic. & fallandose em arvores, *Fructum ferre.* Plin. Hist. A oliveyra não dá todos os años [...]
Câpo, que dá muyto. [...]

§ Prescrever *v.g.* ,, *dar regras, ordens, preceitos.*

§ Mostrar *v.g.* ,, *dar obediencia a alguem.*

§ *Dar nos olhos, ferilos v.g.* ,, *a luz;* e talvez deslumbrar [...]

→ Voc. Dar nos olhos a luz. Cegalos com o resplandor. Vid. Cegar. [...]

§ *Dar com sigo, ou com outrem no chão,* atirar, ou cahir. [...]

→ Voc. Dar comsigo no chaõ. Vid. Cahir.

§ *Dar em alguem pancadas, golpes, huma bofetada.*

→ Voc. Dar em alguem. *Aliquem percutere* ou *caedere* ou *ferire.*

§ *Dar sobre o inimigo,* accomette-lo [...]

→ Voc. Dar sobre o inimigo. *In hostem irruere.* [...]

§ *Dar com alguem,* encontrá-lo, achá-lo, tomá-lo [...]

→ Voc. Dar com alguma cousa. Vid. Achar. Encontrar. [...]

§ *Levá-lo v.g.* ,, *deu comigo no Ressio.*

§ *Dar de si, dobrar v.g.* ,, *a viga, a trave;* ceder; *deu de si o alicerce, e abriu a parede.*

→ Voc. Dar de si. Dobrar. Vergar. *Curvari, ou incurvari.* Dar de si. Ir huma cousa cahindo pelo peso, que tem.

§ *Ir tocar v.g.* ,, *deu a não na areia, n'hum penedo.*

→ Voc. Dar em alguma cousa com o movimento que se faz. [...] Dar com a cabeça na abobada. [...] Deu a não nos cachopos. [...]

À semelhança de outros exemplos anteriormente analisados, observa-se que a relação de intertextualidade não se baseia em citações literais. Em todo o caso, o *Vocabulario* ofereceu um repositório das principais estruturas do português, carecendo de uma análise e ordenação apenas possíveis com a técnica lexicográfica renovada que Moraes introduziria.

³⁷ Cita-se apenas a parte inicial do extenso artigo. Quando pertinente, transcreve-se o excerto correspondente do artigo do *Vocabulario* (→ Voc.).

2. REFLEXÃO METALEXICOGRÁFICA

2.1. *Verdadeiro metodo de estudar* (1746)

Na primeira carta do *Verdadeiro metodo*, em que Verney (1713-1792) propõe uma ampla reforma do ensino da língua materna e da ortografia, a reflexão sobre os dicionários ocupa um espaço modesto¹. Todavia, os textos académicos de Bluteau e o exemplo do *Vocabulario* enquanto instrumento de normalização linguística são elementos importantes na discussão metaortográfica, em que se equacionam as soluções propostas pelos gramáticos portugueses, o uso dos doutos e a possibilidade de estabelecer uma norma racional. Com um tom excessivo e polémico, Verney apresenta críticas alicerçadas numa vasta erudição, na abertura de horizontes proporcionada pelos círculos intelectuais italianos e na experiência da composição de um conjunto de tratados didácticos, nos domínios da lógica, física e gramática latina².

¹ *Verdadeiro metodo de estudar, para ser util à Republica, e à Igreja: proporcionado ao estilo, e necessidade de Portugal*, 1746. A carta I é subordinada à temática linguística: «Mostrase, com o exemplo dos Antigos, a necessidade de uma Gramatica Portugueza, para comesar os estudos. Dá-se uma ideia, da melhor Ortografia Portugueza: e responde-se aos argumentos contrarios. Que o Vocabulario do Padre Bluteau se-deve reformar, para utilidade da Mocidade» (Verney, *Verdadeiro metodo*: «Index»). As opiniões de Verney sobre a língua motivaram a resposta, em textos subsequentes, de José de Araújo (*Reflexões apologeticas*, 1748), Francisco de Pina e Melo (*Balança intelectual*, 1752) e Francisco José Freire (*Ilustração critica*, 1751). Cf. Pires, 1991: 140-143. Sobre as condições de edição e a recepção do *Verdadeiro metodo*, cf. Andrade, 1966 e 1980.

² Sobre a originalidade das obras pedagógicas de Verney, e os entraves políticos e económicos à sua edição, cf. Júnior, 1950: XXI e segs.

A reforma ortográfica assenta numa simplificação sistemática, em que a escrita toma por modelo a pronúncia dos «omens de melhor doutrina, da-Provincia de Estremadura» (Verney, *Verdadeiro metodo*, I: 14). As *Prosas Portuguezas* e os artigos iniciais de cada sequência alfabética do *Vocabulario* terão sido as fontes documentais que permitiram a Verney demonstrar o conhecimento da evolução da questão ortográfica, pois não terá consultado os textos de Leão e Barros. Em resultado da análise dessa tradição, Verney partilha com Bluteau um conjunto de perplexidades, como a variedade de usos ou a inconstância das soluções propostas pelos ortógrafos, mas distingue-se ao apresentar uma via normalizadora que se afasta inequivocamente do paralelo com a língua latina.

Não obstante todas as críticas que lhe dirigirá, reconhece que Bluteau percebeu a necessidade imperiosa de uma norma e de princípios conducentes a uma simplificação, mas que na prática cedeu frequentemente aos usos e não adoptou no seu dicionário uma orientação ortográfica criteriosa.

[...] tive a curiosidade de ler, o que dise nesta materia o P. Bluteau, cuja leitura me-confirmou, no-meu propozito, e me-convida, a abri-me mais prontamente: porque assim vejo, que tenho mais padrinhos, doque nam cuidava. [...] O Bluteau no-Prologo do-Suplemento, falando com o leitor Pseudo-critico, confesa, que muitos omens doutos, nam dobram as letras no-Portuguez [...] Reconhece porem, que seria necesario, reformar a Ortografia Portugueza. Mas, conhecendo isto, adotou no-seu Dicionario, todas as variaçoens de Ortografia dos-autores; como confesa no-Prologo do-Suplemento. O que nam tem desculpa em um omem, que estudou trinta anos, o argumento do-seu livro (Verney, *Verdadeiro metodo*, 1746, I: 16).

[...] diz, que na Academia do-Ericeira, se-asentára, que nem sempre se-devia escrever como a pronuncia: Mas aqueles nomes que conhecidamente encerravam origens sem corrusam, s'escrevessem como na sua etimologia, quando as letras nam fossem como a pronuncia: [...] olhando para o que asentáram, formo mao conceito do-seu juizo: pois conhecendo a razam, e tendo bons autores, que os-apadrinhassem; ainda assim quizeram seguir os prejuizos e preocupasoens que mamáram, somente por-serem antigas. Isto certamente nam é emendar a Ortografia. O pior é, que o Bluteau conhecendo isto mesmo, como em algumas partes confessa, deixa-se guiar da-corrente (*ibidem*, I: 33).

As reflexões académicas e o *Vocabulario* sugeriram soluções que aprofundaram a perspectiva etimológica, mas não contribuíram para uma efectiva refor-

ma, pois tornavam o sistema mais complexo. Do cotejo entre as *Prosas* e o dicionário, Verney recolhe exemplos que demonstram a inviabilidade de uma escrita fundada na etimologia, em que se admitem excepções, desde que recomendadas por autores prestigiados. Assim, facilmente pôde apontar a Bluteau a formulação de regras incongruentes ou não implementadas no *Vocabulario*:

O Bluteau nam admite isto, nos-*Opusculos*³; e defende, que sempre o *ch* se-deve pronunciar quazi semelhantemente ao *x*. Mas ele mesmo se-contrareia no-Dicionario: pois diz, que em Portuguez se-deve escrever, *Archanjo, Patriarcha &c.* com *ch*, aindaque se-pronuncie o *k*. Tomára pois que me-dese a diversa razam, porque em outros nomes oriundos da-mesma Grecia, se-deva escrever com *qui* v.g. *Monarquia &c.* O certo é, que em ambas as partes, a razam é a mesma (*ibidem*, I: 18).

O Bluteau, que no-Dicionario diz, que em algumas partes se-podia deixar de pôr o *h* no principio; em outros lugares porem defende, a introdusam do-*h*, querendose desculpar, com a lingua Italiana. Mas erra manifestamente no-que diz [...] (*ibidem*, I: 22).

Na avaliação de Verney confluem aspectos ortográficos e lexicológicos. O *Vocabulario* autorizou e introduziu novos vocábulos, transpondo palavras e neologismos compostos de origem latina, obedecendo a princípios de representação ideovisual. A reforma não põe em causa o aportuguesamento de termos estrangeiros, contanto que a grafia seja simplificada, de modo a não se afastar da pronúncia efectiva:

Nam posso sofrer, que o Bluteau na sua *Proza Gramatonomica*, queira introduzir, no-principio das-palavras Portuguezas, o *s* antes de consoante: e escrever, *Squeleto, Spasmo, Scena, Sciencia, &c.* Esta corresam é tam fora do-escolio, que nenhum Portuguez, que nam seja latino, saberá pronunciar aquele *s*, no tal lugar: [...] é mudar a pronuncia da-letra, e é fazer uma ridicularia, fundada unicamente em querer mostrar, que sabe a derivasam daquelas palavras (*ibidem*, I: 28-29).

As artes Liberais, Ciencias &c. tratando-se em Portuguez, devem ter os seus nomes Estrangeiros, mas aportuguezados. [...] quando se-trata de Artes e Ciencias: cujos termos é necesario uzar, mas com cautela (*ibidem*, I: 40).

³ Verney emprega esta designação para se referir aos textos académicos.

As considerações que visam especificamente o *Vocabulario* servem de conclusão à primeira carta do *Metodo* (pp. 55-58). Atentando na estrutura lógica da argumentação, este tópico surge como um corolário, na medida em que o autor reclama a necessidade de um dicionário que suporte a reforma ortográfica. Verney percebe que o *Vocabulario*, prolixo e sobrecarregado de informação, é um produto do tempo em que foi composto e que seriam inevitáveis os defeitos numa obra que era claramente precursora.

Para a actualização e valorização do imenso *corpus* lexicográfico impunha-se uma profunda revisão, de que resultariam duas obras distintas, mais funcionais e adequadas às novas expectativas dos consulentes, nomeadamente a aprendizagem da língua materna. A primeira revisão reduziria a extensão e o número de volumes, pela impressão em caracteres de menor tipo, mas sobretudo corrigiria a desproporção do peso das diferentes categorias informativas. Verney recomenda uma selecção criteriosa das melhores citações e exemplos, evitando a sobreposição redundante que se verificava especialmente na componente latina, obtendo assim um conjunto que poderia ser reeditado em 3 ou 4 tomos.

O outro dicionário que Verney reclama, um «Compendio, para uzo dos-rapazes» (*ibidem*, I: 57), afasta-se das características tipológicas do *Vocabulario*, exigindo mais que o simples exercício de condensação. Para além da supressão sistemática da informação complementar de tipo enciclopédico, concebe-o como um instrumento prescritivo, que constituiria uma referência basilar para o ensino do português e, por conseguinte, para a normalização da escrita. No seu entender, um dicionário didáctico não poderia reproduzir do *Vocabulario* a acumulação, por vezes indistinta, de palavras «boas», «plebeas» e «antigas». Na selecção da nomenclatura, deveria privilegiar-se a descrição do português moderno, excluindo o léxico fora de uso, que denotasse afectação ou a contaminação por latinismos injustificados. As fontes da nomenclatura e das citações deveriam procurar-se entre os autores «que faláram melhor, v.g. desde o fim do-seculo pasado para cá: ou encurtar mais o tempo» (*ibidem: loc. cit.*).

As críticas aos pressupostos tipológicos e à falta de método na técnica lexicográfica são reforçadas pela frequente comparação com os dicionários da Académie e da Crusca, que omitiam determinados registos sociolectais e evitavam o léxico antigo. Por isso, ao contrário dos referidos dicionários, o *Vocabulario* não oferecia uma descrição do «bom uso» e «nam ensina a falar bem Portuguez» (*ibidem: loc. cit.*). Apesar de ter sido idealizado à imagem dos grandes dicionários institucionais, Bluteau não consolidou um conjunto de critérios que conferissem a regularidade esperada de um instrumento normativo: «mas se o dito P. o-nam-fez, porque quiz compreender, tudo o que se-acha em Portuguez, ou por-outro motivo; no-Compendio porem do-dito Diciona-

rio, nam se-deviam escrever, senam palavras puras e boas, e seguindo a pronuncia mais suave» (*ibidem*, I: 58) ⁴.

⁴ A importância da análise de Verney justifica a citação de um largo excerto da carta I: «Concluirei esta carta lembrando a V. P., que, para facilitar este estudo à Mocidade, seria necessario, que algum omem douto, abreviáse o Dicionario do P. Bluteau, e o-reduzise à grandeza, de um tomo em folha, ou dois em 4º. Ninguem pode olhar para a obra do-P. Bluteau, sem ficar esmurecido, pola quantidade de volumes. Este Religioso era douto, e infatigavel: e fez à nasam Portugueza um grande serviso; compondo um Dicionario, que ela nam tinha: e quem diser mal dele deste particular, é invejoso, ou ignorante. Mas tem alguns defeitos, que seria necessario emendar: Era mui medroso: e nam tinha metodo. O medo, reconhece-se em cada pagina das suas obras. Fora maltratado por-alguns Portuguezes injustamente; e a cada passo se-queixa, e dá uma satisfasam. Os Prologos, tanto na primeira Obra, como no Suplemento, sam insoportaveis: [...] E o pior é, que com dizer tanto, nam explica o que deve: pois querendo um leitor saber, o que ele faz no-Dicionario, e que razam dá da-obra; nam sabe por-onde á-de começar. [...] Nem menos me-agrada o titulo da-obra, que é mui afetado, e cheio de superfluidades. Ja se-sabe que um Dicionario, compreende todas as palavras, com que se-explicam na dita lingua, todas as coisas imaginaveis. [...] Avulta tambem muito a obra, porque as explicasoens sam longas, e o carater é mui grande. O que tudo se-podia reduzir, a menor extensam: bastando um exemplo de um bom autor, e deitando fora tantos Latins, e citasoens superfluas. E asim, todo aquele grande Vocabulario, se-pode reduzir nas segundas-impressoes, a trez ou quatro volumes, se lhe-tirassem o que tem de superfluo: e seria tambem mais barato, e mais util à Republica. Mas, ainda depois de tudo iso, seria necesario, fazer um Compendio, para uzo dos-rapazes. [...] Mas neste Dicionario, se-deveria acautelar outra coisa, em que caio o P. Bluteau; que foi, nam distinguir as palavras boas, de algumas plebeias, e antigas. Ele ajuntou tudo: e ainda muitas palavras Latinas, que muitos Portuguezes modernos afetadamente aportuguezáram. E este é o maior defeito que eu acho, naquele Dicionario, porque nam ensina a falar bem Portuguez; a lingua Portugueza, como á pouco tempo que comesou a aperfeisoar-se, nam pode excluir, tudo o que é moderno. Contudo, deveria o P. Bluteau, nam abrasar senam os autores, que faláram melhor. v.g. desde o fim do-seculo pasado para cá: ou encurtar mais o tempo. E ainda neses, que talvez nam seram iguais em tudo, escolher, o que é mais racional: e nam tudo o que aportuguezáram alguns destes, prezados de eruditos; que, por-forsa, querem introduzir, uma mixtura de Portuguez, com Latim. E isto mesmo deveria ter feito Bluteau: pondo em um volume, as palavras boas; no-outro, as antigas &c. [...] O mesmo Bluteau em certa parte, reconhece a necessidade deste distinto livro; e deu uma ideia dele, nos-Catalogos que traz, no-Suplemento. Mas se o dito P. o-nam-fez, porque quiz compreender, tudo o que se-acha em Portuguez, ou por-outro motivo; no-Compendio porem do-dito Dicionario, nam se-deviam escrever, senam palavras puras e boas, e seguindo a pronuncia mais suave. E.g. nam escrever *Devaçam*, porque o disse o Vieira [...] asim a pronuncia melhor, sendo apadrinhada por-omens doutos, deve ser preferida. Tambem se-devia no-dito cazo, emendar a Ortografia do-Bluteau, que é variante: e estabelecer uma certa, e sempre a melhor. Este Compendio seria mui necessario, os que quizessem majores noticias, podiam procurálas no-Vocabulario grande» (Verney, *Verdadeiro metodo*, I: 55-58).

Verney não aprova o excesso de informação latina no *Vocabulario*, mas fornece um interessante testemunho do auxílio que a fraseologia acumulada proporcionaria a determinadas áreas profissionais, como é o caso do direito. A descrição do *Verdadeiro metodo* pode revestir-se de algum exagero satirizante, mas é de admitir que fosse comum recorrer ao *Vocabulario* para a composição de textos a partir de fragmentos de estruturas linguísticas e de citações latinas, obtendo enunciados que, provavelmente, desrespeitariam as regras da sintaxe e a propriedade de sentido ⁵.

2.2. «Planta» do *Diccionario da Academia* (1793)

O projecto do *Diccionario da Academia* pretendeu substituir o *Vocabulario* enquanto obra de referência na fixação e autorização do léxico português, investindo numa maior fundamentação teórica, no que respeita à tipologia, objectivos e técnica dicionarística. No conjunto paratextual que introduz o volume, apresenta-se um exercício de reflexão metalexigráfica que enuncia meticulosamente as características da obra e a distinção face aos dicionários anteriores, de que resulta «a melhor síntese crítica do *Vocabulario*» até então publicada (Verdelho, 1994: 676).

A composição da «Planta» foi confiada a Pedro José da Fonseca (1737-1816) e aprovada pelos académicos em 1780. Neste guia programático, o autor demonstra o conhecimento dos princípios em que assentava a dicionarística moderna e os objectivos de obras similares editadas pelas academias europeias (cf. Casteleiro, 1993, 1998).

Para além da redacção de uma parte substancial da letra A, Fonseca consagrou à temática linguística um extenso número de obras, desde a retórica à lexicografia latina (cf. Silva, *Diccionario Bibliographico*, VI: 419-424). Numa obra anterior, o *Diccionario Portuguez, e Latino* (1771), apesar de reconhecer o valor informativo do *Vocabulario*, demonstra a consciência de que o modelo

⁵ «achará V. P. mil Advogados, que nunca estudáram Leis [...] Verdade é, que estes tais quando devem escrever, em um ponto de Direito, acham-se em calsas pardas: [...] Contudo iso, nam á algum destes, que ou bem, ou mal; ou por-si, ou por-paraclete, nam fasa os seus arzoados: e, sendo Juiz, nam á algum, que nam escreva a sua sentensa, ou *tensam*, como eles lhe-chamam; aindaque nam saiba Latim: pois para isto é que serve, o Dicionario do-Bluteau; no-qual buscando-se as palavras uma por-uma, se-acha suficiente materia, para compor a sentensa» (*ibidem*, II: 145).

traçado por Bluteau se revelava ineficaz enquanto instrumento para a aprendizagem do latim. Como se conclui da leitura do prólogo, não lhe interessava uma condensação, mas um trabalho de raiz que não seguisse o *Vocabulario* como obra exemplar⁶.

Também o *Diccionario* da Academia se apresenta como uma obra de superação, com uma técnica lexicográfica inovadora — à data da redacção, o dicionário de Morais Silva ainda não havia sido publicado — e um *corpus* de abonações mais extenso e seleccionado⁷. No excerto em que se traçam os objectivos essenciais, pode entender-se uma crítica implícita ao título do *Vocabulario*, próprio de uma obra de carácter elementar:

Não intenta a Academia dar á luz debaixo deste titulo hum simples Vocabulario de palavras Portuguezas; mas fixar em geral no idioma patrio (quanto se permite nos existentes) pela autoridade dos nossos melhores Escritores, a differença dos significados em seus vocabulos [...]

De mais, não houve exemplar, que seguir, nem nos nossos, nem nos estranhos Diccionarios das lingoas vulgares, como testificará a comparação. O valor tambem de muitos Escritores Portuguezes não se encontrava antes determinado, e o de alguns nem conhecido era [...] (*Diccionario da lingua portugueza*, 1793: «Prologo»).

A possibilidade de uma efectiva função normativa e de preservação da pureza do português decorre de um trabalho colaborativo, atribuído a uma «sociedade de sábios», que recolhem no dicionário «tudo, que melhor póde contribuir para fixar o bem regulado uso de cada huma das lingoas» (*ibidem*: «Introduccção»). O *Vocabulario* é apresentado como o produto de um estágio na evolução da técnica lexicográfica e no esforço de valorização das línguas nacionais, equiparável ao *Tesoro de la Lengua Castellana* (1611) de Covarru-

⁶ «[...] ainda que a principio fosse este Diccionario formado com total independencia do Vocabulario de Bluteau [...] a conformidade porém, que pelo tocante ao Latim algumas occasiões se observará entre nós, he mais effeito de nos havermos casualmente encontrado, recorrendo ás mesmas fontes, de que por eu querer exactamente seguillo» (Fonseca, *Diccionario Portuguez, e Latino*, 1771: «Ao Leitor»).

⁷ «O *Diccionario* da Academia é o mais significativo empreendimento da exercitação normativa sobre a língua portuguesa, foi suscitado num momento de teorização linguística intensa, de teor nacionalista. O purismo, a defesa e o enriquecimento do idioma pátrio dominam o pensamento linguístico do final do séc. XVIII.» (Verdelho, 1994: 677).

bias⁸. Ou seja, a reformulação é considerada uma etapa natural na evolução dos instrumentos metalinguísticos, sem desmerecer a importância da obra que se pretende substituir, porque esta se integra numa cadeia de contínuo aperfeiçoamento. De um conjunto de aspectos que careciam de revisão, porque eram incompatíveis com a dicionarística moderna e a fixação da língua, destacam-se os critérios de documentação, no que respeita à qualidade das abonações e à fundamentação das definições e acepções:

Se alguém com tudo presumir a olhos cerrados, que desnecessariamente se emprehende hum Diccionario da Lingoa Portugueza, em razão de já possuímos o seu volumoso Vocabulario; o titulo deste mesmo Vocabulario, a redundancia da sua prolixa erudição, a falta de innumeraveis vocabulos Portuguezes, e de autoridades, que na maior parte das suas accepções qualifiquem os mesmos, que traz finalmente a má eleição dessas taes poucas autoridades sem crítica, nem graduação, será per si de sobejo para logo lhe desvanecer a sua falsa supposição. E isto mesmo com facilidade summa se lhe fizera evidente (se tal fora o designio) dandolhe a ver hum sem conto de definições ou explicações de termos por varios modos defeituosas, muytas etymologias erradas ou pouco seguras, havendo outras certas ou mais provaveis, e não menos citações de Autores Portuguezes impropriamente allegadas, ou em confirmação de significado, para que não servem, ou pelo modo viciado, com que estão transcritas; além de outros defeitos assás notaveis ainda naquillo mesmo, que directamente toca á lingoa Portugueza. E desta sorte ficaria a toda a luz manifesto, que a referida lingoa não se acha atégora enriquecida, como por inadvertencia supposirão os Academicos Hespanhoes com hum perfeitissimo Diccionario (*ibidem*: «Introdução»).

No que respeita à selecção da nomenclatura, os académicos admitem os «vocabulos puramente Portuguezes», eliminando parte substancial dos decalques latinos que, em Bluteau, saíam do âmbito da descrição do português e

⁸ «O seu Thesouro da lingoa Castelhana da mesma sorte, que o Vocabulario Portuguez e Latino do sobredito Bluteau, forão os que anticiparão a ambas as nações o conhecimento da necessidade e fructo, que se dá em obras desta natureza. Mas assim como a Real Academia Hespanhola não teve por bastante o anterior trabalho do seu Covarrubias para deixar de compôr hum Diccionario inteiramente novo, com igual razão se deve formar o nosso, pois não he mais do que os Hespanhoes têmão, aquillo, que entre nós nesta parte se acha feito» (*Diccionario da lingoa portugueza*, 1793: «Introdução»).

revelavam um conceito muito lato de intercomunicação linguística (*ibidem*, «Planta»: I). Para se demarcarem do modelo de dicionário acumulativo, os domínios em que a nomenclatura se assemelha à do *Vocabulario* são cuidadosamente justificados. É o caso dos mitónimos, em que «se autorizarão sómente as accepções metaphoricas, e de que procedem frases particulares» e dos termos «peculiares ás Sciencias, ás Artes liberaes e mechanicas, se estas vozes se acharem impressas nos Autores approvados e Diccionarios Portuguezes. [...] Mas nesta adopção de vocabulos modernos e estrangeiros se guarde sempre aquella judiciousa economia, que a Crítica recomenda» (*ibidem*, «Planta»: VIII). Embora coloquem reservas às palavras «usadas por pessoas da infima condição», aceitam as «expressões burlescas e vulgares, que supposto não convenham aos assumptos serios e graves, não deixão por isso de ser Portuguezas, muito proprias do estilo jocoso» (*ibidem*, «Planta»: VII).

O *corpus* de fontes literárias foi ampliado e menciona-se explicitamente uma série de autores que Bluteau proscreeva por motivos religiosos ou de «decência», mas que os académicos consideram testemunhos imprescindíveis do léxico antigo⁹. Para abonação preferem-se os «clássicos», definidos de acordo com critérios que visam salvaguardar a pureza da linguagem, recusando especificamente autores e estilos que Bluteau destacara, sobretudo no *Supplemento*. São clássicos «todos quantos decorrem desde o meio do XVI seculo até fim deste mesmo seculo» porque «do meio do passado seculo por diante, os estudos escolasticos, e o espirito commum de subtilizar, começarão a corromper a arte de bem dizer [...] vindo [a lingua] depois com excesso a estragarse quasi de todo pela leitura de livros estrangeiros, especialmente Francezes» (*ibidem*, «Planta»: II, c). Destes autores, e ao contrário da prática comum no *Vocabulario*, devem extrair-se citações breves, informativas quanto à propriedade de sentido ou emprego da palavra na estrutura da frase, recusando fazer do dicionário uma selecta literária (*ibidem*, «Planta»: IX).

No que respeita à ortografia, os académicos preferem a que «mais se conformar com a etymologia», mas registam um conjunto de variantes comumente admitidas, com remissão para a forma recomendada. Trata-se de uma

⁹ Entre outras: [...] o Cancioneiro geral, publicado por Garcia de Resende, a Menina e Moça e mais obras de Bernardim Ribeiro, as de Gil Vicente, e quaesquer outras, que estiverem impressas, aindaque sejam da mais remota antiguidade [...] Todas as palavras antiquadas dos referidos escritos entrarão no Diccionario, da mesma sorte as dos antigos monumentos, como escrituras, doações, testamentos, &c.» (*ibidem*, «Planta»: II).

solução de compromisso, até à desejada fixação de regras (*ibidem*, «Planta»: XI)¹⁰. Bluteau ensaia um método semelhante, mas porque não o explicita nem é regular na sua aplicação, não proporciona uma referência ortográfica coerente (cf. cap. IV.1.1).

Quanto às definições propostas por Bluteau, o *Diccionario* recupera as que «se julgarem merecedoras de acceitação» (*ibidem*, «Planta»: XXI). A explicação é vaga, mas Pedro José da Fonseca refere-se decerto aos enunciados que apresentavam uma formulação assente num conjunto sistematizado de definidores. De resto, o valor informativo do *Vocabulario* é favoravelmente apreciado:

com elle [o *Vocabulario*] se autorizarão todas aquellas vozes, que em nenhum outro escritor nosso se encontrarem; mas das suas mesmas definições, etymologias e observações, se podem (parecendo) receber aquellas, que por seu incançavel estudo se conhecerem com exactão preoccupadas (*ibidem*: «Introdução»).

À semelhança da obra de Morais Silva, o *Diccionario* da Academia distingue-se claramente do *Vocabulario* na redacção dos artigos, procurando assegurar a legibilidade e a localização da informação. A «Planta» critica a acumulação de notícias acessórias e o peso da erudição, bem como o emprego de um estilo que já não podia ser tomado por exemplar de «bom uso»:

O estilo do Diccionario será claro, conciso, e descarregado de toda aquella redundante e apparatusa erudição, que deixe de servir para representar a formosura da lingua, descobrir a sua natural elegancia, e fixar pelo modo possivel o valor de suas palavras e frases (*ibidem*, «Planta»: XXIV).

2.3. Reflexões sobre a lingua portugueza (1842)

Com o objectivo de auxiliar o escritor principiante a compor com palavras puras e propriedade de sentido, Francisco José Freire propõe nas *Reflexões* uma análise do léxico português, incidindo na diacronia e em aspectos se-

¹⁰ Sobre a recepção dos trabalhos de Bento Pereira e Bluteau, cf. o estudo de José de Pina Martins (1993: LXXVII-LXXVIII) que introduz a reimpressão do *Diccionario*.

mânticos. O *corpus* lexical reunido por Bluteau é uma das referências privilegiadas e é objecto de uma leitura crítica, à luz de novas concepções de estética literária, «bom uso» e aceitabilidade¹¹.

As *Reflexões* são publicadas postumamente (1842), em edição inicialmente preparada por Heliodoro da Cunha Rivara (1809-1879), autor do prefácio e de grande parte das notas adicionais e correcções. No texto preambular, Rivara sintetiza a visão de Freire acerca da evolução da língua portuguesa, em que confluem aspectos como a inovação lexical, o conceito de autoridade ou os estilos literários. O período compreendido entre meados do século XVII e a primeira metade do século seguinte, em que floresceu boa parte dos autores que documentaram o *Vocabulario*, teria sido marcado por uma acentuada degenerescência da língua e do estilo:

A 3.^a [idade] abraça a epocha, em que a lingua degenerou daquella pureza e elegancia da idade anterior, ou por nella se admittirem sem discernimento vozes estranhas, ou por se applicar a exprimir pensamentos intrincados, mal definidos, e dedusidos contra as regras da recta razão. [...] Passado o primeiro quartel do seculo de seiscentos, começou entre nós a degenerar o bom gosto literario; e a naturalidade e madureza do estilo dos quinhentistas a serem substituidas pelos conceitos estudados, metaphoras atrevidas, e despropositadas anthiteses, equívocos, e trocadilhos. — Ahí estão os discursos academicos, e evangelicos, as narrações historicas, as silvas, os romances, os labyrinthos, [...] e todos os escriptos, mórmente dos principios do seculo 18.^o [...] Já Jacintho Freire, e Vieira, Classicos puritanos na linguagem, se acham tocados da epidemia devastadora do bom gosto do estilo (Freire, *Reflexões*, 1842, I, «Prefação»: V-VII).

¹¹ O P. Francisco José Freire (1714-1773) frequentou o Colégio de Santo Antão, a casa dos teatinos e professou, em 1752, na Congregação de S. Filipe de Néri. No que respeita à formação literária e estética, conheceu os trabalhos de Dominique Bouhours (1632-1702), Nicolas Boileau (1636-1711), Ludovico Muratori (1672-1750) e Ignacio Luzán (1702-1754), «os principais teorizadores do movimento antibarroco europeu» (Castro, 1997: 699). Com o ingresso na Arcádia Lusitana (1756) — sob o pseudónimo de Cândido Lusitano — e com um conjunto de obras especialmente vocacionadas para o apoio à composição, lançou bases «sólidas e convincentes para a constituição e observância do código estético neoclássico na literatura portuguesa» (*ibidem*, *loc. cit.*). Destaca-se o *Secretario portuguez* (1746), a *Arte poetica* (1748) e o *Diccionario poetico* (1758). Sobre os dados biobibliográficos, cf. Castro, 1997: 697-700 e Silva, *Diccionario Bibliographico*, II: 404-411.

Na primeira reflexão, «Sobre a auctoridade dos Auctores Classicos da Lingua Portugueza», (pp. 5-21), Freire propõe um cânone de escritores exemplares. Neste âmbito, critica os critérios de Bluteau, que adicionara palavras à nomenclatura portuguesa, mediante a abonação em autores de «infima nota». De facto, o que para o teatino era sobretudo um esforço de descrição do léxico, permitindo o acesso ao significado dos textos, era entendido por Freire como uma autorização implícita do uso, pelo menos na perspectiva dos consulentes. A opinião acerca do *Vocabulario* e do mérito do seu autor é, de um modo geral, semelhante à que Verney expressara poucos anos antes, no *Verdadeiro metodo*. A um dicionário de referência — Freire escreve antes dos trabalhos de Morais Silva e da Academia — caberia a fixação do bom uso autorizado:

[...] quando se formar um Dicionario Portuguez, cujos vocabulos se vejam sempre auctorisados com exemplos classicos para segurança dos Escriptores pouco instruidos na Lingua materna. O P. Bluteau, a quem muito seguimos nesta obra, não foi neste ponto escrupuloso, como devêra, em todos os termos que trás no seu Vocabulario, allegando a cada passo, já com AA. Classicos, já com outros da infima nota; mas sempre será um Escriptor de immortal fama entre os Portugueses, por lhes dar um Dicionario, que elles não tinham, e de que tanto necessitavam (*ibidem*, I: 21).

Na reflexão «Sobre o uso de algumas vozes antiquadas» apresenta-se uma lista de palavras presentes nos «clássicos», mas que, na época de Freire, se encontravam «inteiramente antiquadas», pelo que não deveriam ser reintegradas em textos modernos, no esforço de imitar os bons autores. Nota que as listas anteriormente compiladas — por Barros, Leão, Bento Pereira e também por Bluteau, no *Supplemento* — registavam as palavras que no século XVI foram consideradas antigas. Assim, propõe-se tratar somente aquelas que «desde Barros até Vieira floresceram reinantes, e vieram a murchar na idade presente, sem mais fundamento, que a opposição do uso» (*ibidem*, I: 22). Depreende-se a percepção de uma mais profunda alteração do léxico nos domínios da «linguagem da plebe» e «das sciencias e artes», uma vez que se limita àquelas que poderiam ser empregues em «discursos graves, nas obras serias, e nas conversações polidas» (*ibidem*, I: 32).

Do confronto entre os artigos de Freire e o *Vocabulario* percebe-se que a maioria das palavras analisadas foi recolhida neste dicionário, tendo em conta as coincidências nas definições e nas fontes ou excertos textuais invocados.

Alguns dos termos já eram classificados no *Vocabulario* como *palavras antigas* (cf. COMPANHA, *infra*), mas importa recordar que esse marcador também podia indicar que a palavra era usada por autores do século XVI ou anteriores (cf. cap. III.2.1.4). Ou seja, a inconsistência na técnica de marcação não permite concluir claramente se Bluteau entendia que uma determinada palavra era de uso corrente, limitando-se a apontar a sua ocorrência numa determinada fonte. Em todo o caso, deve aceitar-se que nas *Reflexões* se identificam exemplos pertinentes de evolução semântica e renovação lexical (cf. DELONGA, ESMOLAR):

COMPANHA. Palavra antiga, de que usa Camoens em lugar de companhia. A pastoral *Companha*. Cant. 3. out. 49. O P. Fr. Luis de Sousa, na Historia da Ordem de S. Domingos, chama a chusma dos marinheiros, *Companha*. Seria a *Companha* desta bem fortunada viagem entre mareantes, & homens d'armas até cento, & setenta. Barros, I. Dec. 63. col. 4.

DELONGA. Dilação. *Vid.* no seu lugar. E com estas *Delongas* lhes passou o tempo. Damiaão de Goes, fol. II. col. 2.

ESMOLAR. Dar Esmolas, *Vid.* Esmola. Quanto *Esmolava* com mayor largueza. Barretto, Vida do Evangel. 148. 34. [...]

Companha por *companhia* é de Fr. Luiz de Sousa, de Camoes [...] e de Barros [...] mas creio que do P. Fr. Luiz de Sousa para diante não se usou mais desta palavra (*ibidem*, I: 23).

Delonga por *dilação* era mui usado em outra idade: usou deste termo Damiaão de Goes na sua chronica pag. 11, e Sá de Miranda em diversos lugares (*Ibidem: loc. cit.*).

Esmolar por *dar esmolas* tem a seu favor os melhores textos da lingua: hoje se se usa é só por pedir esmola (*Ibidem*, I: 26).

A terceira reflexão, «sobre algumas palavras, das quaes frequentemente se usa, e os criticos não admittem, por não acharem dellas exemplos seguros» (*ibidem*, I: 32-44), coloca em causa a qualidade das abonações no *Vocabulario*. Os comentários de Freire apontam uma série de palavras exemplificadas por autores que não deveriam constituir autoridade, ou porque introduziram um neologismo desnecessário, ou porque não empregaram o termo com propriedade de sentido. As abonações seleccionadas por Bluteau procuram testemunhar a ocorrência e o significado, justificando a dicionarização de neologismos

e linguagens especializadas¹². A natureza da fonte documental (tratados técnicos, texto épico, documentação histórica antiga) indica o registo privilegiado em que a palavra ocorre, e o lexicógrafo raramente se pronuncia acerca da aceitabilidade em outros géneros literários ou domínios temáticos. Uma leitura pouco avisada destas abonações equivocaria os compositores inexperientes, que aceitariam como usos exemplares aquilo que eram usos pontuais, «parecendo-lhes que qualquer palavra, uma vez que se ache em algum auctor, para logo é portugueza, e se póde usar della sem o minimo escrupulo» (*ibidem*, I: 32).

Freire critica repetidamente algumas das fontes informadoras da nomenclatura do *Vocabulario*, como o *Vergel de Plantas* (1690) de Fr. Jacinto de Deus, ou o *Agiologio Lusitano* (1657-1666) de Jorge Cardoso. Nem sequer o próprio lexicógrafo escapa a reparos, a propósito de termos que usou nos prólogos:

Incolume, e *Incolumidade* achamo-los no Vergel de Plantas, p. 324, livro, que com mais propriedade se deveria chamar sementeira de vocabulos latinos puerilmente aportuguezados (*ibidem*, I: 50).

Pristino por cousa muito antiga, se lê na pag. 365. do Vergel de Plantas, livro tantas vezes citado, e que ainda citaremos, porque nenhum outro nos soccorre tanto de vozes latinas puerilmente aportuguezadas (*ibidem*, I: 55).

Depredar por *assolar*, e *saquear* foi usado por Fr. Jacintho de Deus no seu *Vergel de Plantas* [...] porem é de pouco peso a auctoridade deste escriptor (*ibidem*, I: 33).

Tentorio por *Tenda militar*, é do tom. 2.º pag. 714. do *Agiologio Lusitano*, a cujo Auctor devem mais as Antiguidades Ecclesiasticas de Portugal, do que a lingua em que as escreveo (*ibidem*, I: 58).

Ingenito é palavra, de que usa Bluteau no Prologo ao Leitor Estrangeiro. Quem lêr as diversas Prefacções, que traz no principio do voca-

¹² «Todas as palavras, que tem nesta obra seu particular paragrafo, são usadas do vulgo, ou dos homens doutos, e da mayor parte delles se confirma o uso com exemplos de Escriitores Portuguezes, com que allega o Author, para que os Leitores pouco lidos o não fação inventor delles» (*Supp.*, I: «Ao leitor pseudocritico»).

bulário, encontrará outras muitas vozes, em cujo uso não pareceu fautor da pureza da lingua, a qual honrava (*ibidem*, I: 50).

Inusitado (por desusado) soffre-se em Poesia, porque se acha em Camões no cant. 2. est. 107, mas não se tolera no P. Bluteau, usando delle no Prologo fallando com o Leitor Estrangeiro (*ibidem*, I: 51-52).

Alguns dos exemplos atrás citados foram recolhidos na reflexão sobre «nomes latinos introduzidos [...] por Escriutores de inferior classe, aos quaes não se deve seguir» (pp. 44-60). Freire condena os autores que, como Fr. Jacinto de Deus, adoptaram palavras latinas quando existiam termos portuguezes que, sem circunlóquios, podiam exprimir um conceito de forma semelhante. Quanto ao caudal terminológico «dos Medicos, dos Juristas, dos Poetas, e de outras classes de sciencias e artes», decalcados do latim, considera que devem ser evitados, sempre que «o não obrigar uma necessidade extrema» (*ibidem*, I: 60). Os mesmos princípios applicam-se aos «Vocabulos Francezes, e Italianos, novamente introduzidos na Lingua Portugueza» (reflexão 5.^a, *ibidem*: 60-65). Por norma, Bluteau notava os neologismos inspirados no latim, francês e italiano:

EXARADO. He Latino de *Exarare*, que he *Escrever*. Com huma prophesia *Exarada* em pedra. Vergel das plantas. Aqui *Exarado* val o mesmo que *Aberto*, *Gravado*. *Vid.* nos seus lugares.

Exarado por cousa *esculpida* só a achamos no *Vergel de Plantas*, e com este livro allegou o P. Bluteau, ao fazer menção desnecessaria desta palavra, para a qual temos não só *esculpido*, mas *gravado*, *aberto* &c. (*ibidem*, I: 46-47).

CONTERRÂNEO. He palavra Latina de *Conterraneus*. *Vid* Paisano. (Trazer seus *Conterraneos* ao rebanho de Christo. Fr. Jacintho de Deos, Vergel, pag. 121.

Conterraneo por *paisano* é do mesmo Auctor acima allegado, famoso introductor de vozes Latinas, onde o não obrigava a necessidade, pag. 121 (*ibidem*, I: 46).

DEFIDENTE. He tomado do Italiano *Diffidente*, & este do latim *Diffidere*, que val o mesmo, que *Desconfiar*, *naõ ter fê em alguem*, *duvidar* &c. Antonio Alvares da Cunha usa desta palavra na sua Traducção, intitulada *Escola das verdades* pag. 65. [...]

Defidente (por não ter fé) não é termo seguro, acha-se no livro *Escola das Verdades* pag. 65, mas em auctor classico certamente se não encontrará (*ibidem*, I: 33).

Se o *Vocabulario* parece dar testemunho de uma fase inicial da ocorrência de determinadas palavras estrangeiras traduzidas, nas *Reflexões* percebe-se a oposição a um conjunto de interferências no léxico e na sintaxe, que já seriam mais que ocasionais¹³. Freire pergunta: «Porque havemos de dizer *Abandonar* se temos *Desamparar*; *Resurce* se temos *Remedio*; *Discolo* se temos *Malprocedido*; *Affares* se temos *Negocio* &c.» (*ibidem*, I: 64). Confrontando as perplexidades de Freire com os comentários nos artigos do *Vocabulario*, verifica-se que Bluteau dá conta da inovação e da circulação ainda restrita, mas sem reprovar absolutamente o seu uso, como nos seguintes exemplos:

ABANDONAR. Até agora não achei esta palavra, se não no Epitome Historico das ultimas guerras do Turco com o Emperador pag. 30, aonde diz *Abandonou* a empresa, &c. He tomado do Francez *Abandoner* ou do Italiano *Abādonare*, & em huma, & outra lingua val o mesmo, que *Largar*, *dezemparar* [...]

AFFARES. Palavra Franceza, derivada de *Affaires*, que val o mesmo, que negocios. Querem alguns introduzir na lingua Portugueza esta palavra, como necessaria quando se falla em negocios politicos; & já a vejo impressa no Elogio, que Luis do Couto Felix compoz ao Conde de Ericeira, sobre a Historia do Principe Jorge Castrioto, aonde está na pag. 6. Sem a experiencia dos *Affares* publicos. Porem a muitos parece superflua a introdução desta nova palavra.

Para além das questões da evolução semântica e lexical, na segunda parte das *Reflexões*, os comentários destacam alguns casos de opções ortográficas do *Vocabulario* que, de acordo com a explicação de Freire, se baseavam em exemplos de autores ou em pronúncias antigas que a escrita cristalizara, afastando-se inclusive da pronúncia que seria mais comum no início do século XVIII¹⁴. Cf., por exemplo:

Vicente e não *Vincente*, como pronunciaram muitos do seculo passado, imitando ainda aos auctores do decimo sexto. Bluteau é um destes,

¹³ Os «sujeitos nimiamente amantes dos idiomas francez, e italiano, destes taes modos de fallar se valem a cada momento nas conversações e cartas, e (o que mais é) nos escriptos impressos» (Freire, *Reflexões*, 1842, I: 64).

¹⁴ A parte segunda trata «do que pertence á pronunciação», encontrando-se várias referências ao dicionário de Bluteau, sobretudo no «Vocabulario de palavras, que correm presentemente com pronunciações diversas» (*ibidem*, II: 38-153).

posto que, quando escreveu o seu Vocabulário, já constantemente se pronunciava *Vicente* (*ibidem*, II: 25).

Oda e não *ode* diz Bluteau quasi sempre que falla nesta especie de poesia. Não sabemos em que exemplos se fundou para tal pronúnciação, a qual, se a houve, era certamente já muito antiquada no seu tempo [...] (*ibidem*, II: 110-111).

Importa ainda considerar o capítulo «sobre muitos vocabulos, que presentemente se não admittem em estilo magnífico, e sublime, mas só no familiar, comico, ou jocoso» (parte III, pp. 75-114), em que Freire assinala uma série de «termos humildes», inadequados ao «estilo grave». As palavras analisadas encontram-se na nomenclatura do *Vocabulário* e observa-se inclusive uma coincidência nas fontes alegadas, pelo que, com segurança, pode afirmar-se que se trata de uma leitura crítica da recolha lexical de Bluteau. Norteando-se pelo conceito de «bom uso» e pela adequação de registo, aconselha os compositores a relerem atentamente os próprios textos, de modo a averiguar se um «vocabulo, ou fraze, ou modo de fallar são ou não decorosos, isto é, sem baixeza, por serem muito populares, ou despertarem algumas ideias sordidas, impuras e satiricas» (*ibidem*, II: 114).

Tomando por exemplo a lista de palavras principiadas por C, não se encontram termos que Bluteau poderia excluir liminarmente do seu dicionário de língua, pois não se aproximavam dos limites do disfemismo ofensivo que o teatino estabelecera, nem justificam a inclusão de marcas de uso ou recomendações do lexicógrafo acerca da «decência»¹⁵. Os comentários de Freire não discutem o significado estabelecido por Bluteau, mas a adequação e a aceitabilidade:

Cagalume: é cousa assentada que só no estilo jocoso poderá este termo ter uso [...]

Calcanhar [...] tem aquella baixeza que não sofre a polida elegancia [...]

Campar [...] por levar vantagem [...] hoje só no familiar tem uso [...]

Canalha, que se acha na epopea, Malaca Conquistada [...] já não se admite senão no comico, no familiar ou no satirico.

¹⁵ Cf. *Supp.*, II, «Apologia do Autor»: 585-586. As palavras comentadas por Freire, na sequência C, são: *cagalume*, *calcanhar*, *campar*, *canalha*, *carranca*, *chapado*, *cioso*, *coçar*, *cocegas*, *codea*, *coitado*, *comichão*, *comilão*, *couce* e *cursor*.

Chapado por *consummado* em alguma sciencia ou arte só se admite no estilo familiar, comico e jocoso, com o exemplo de D. Francisco Manuel, nas suas Cartas [...]

Coitado, não obstante ter a seu favor uma epopea tal como a de Camões no cant. 5. est. 70, hoje não se sofre senão em discurso familiar [...] (*ibidem*, II: 83-84).

As autoridades invocadas no *Vocabulario* constituem uma referência para Freire, mas não com a função de fontes exemplares, pois delas conclui em que autores ou em que período temporal uma palavra foi admitida num determinado registo, estabelecendo assim limites ao seu emprego.

*

Na perspectiva da constituição de uma memória dicionarística, além das definições, Bluteau legou um vasto *corpus* de citações, de extrema importância para Morais Silva e, por conseguinte, para a autorização de toda a moderna lexicografia portuguesa. O mesmo *corpus* foi também a fonte para os autores que, nos séculos XVIII e XIX, se debruçaram sobre a questão da pureza da língua e da propriedade de sentido, tomando os excertos citados no *Vocabulario* como exemplos canónicos de um determinado escritor, estilo, época da história literária ou da história da língua. A tarefa de recolha deste lastro informativo, se não tivesse sido realizada por Bluteau, decerto teria sido iniciada somente pelos lexicógrafos da Academia, o que atrasaria ainda mais o desenvolvimento da dicionarística monolíngue do português.

Nos últimos anos de vida, Bluteau continuou a supervisionar a recolha de material lexicográfico efectuada pelos condes da Ericeira, projectando a elaboração de volumes de actualização. Os novos tomos, mesmo que tivessem sido publicados, não supririam a necessidade de uma reedição reformulada do conjunto, que o próprio autor considerava oportuna em virtude do número de incorrecções. Por outro lado, porque a estrutura dos artigos dependia muito da informação latina, uma revisão que apenas suprimisse a língua clássica obrigaria a uma reescrita de grande parte do dicionário. Aliás, na primeira metade do século, tal alteração nem seria encarada como vantajosa, tendo em conta o espaço do latim, no ensino, na religião e na administração judicial.

Com o avançar do século XVIII, também a informação de tipo enciclopédico foi registando uma progressiva desactualização, especialmente na medicina e nas ciências naturais. Ainda assim, o *Vocabulário* permaneceu como a

fonte mais completa nos restantes domínios, pois o mercado editorial não viabilizou a edição, em português, de uma obra verdadeiramente enciclopédica.

Mas a técnica lexicográfica, relativamente ao português, revelou ser suficientemente moderna para que as gerações seguintes percebessem que o caminho para os novos dicionários estava traçado pelo exemplo de Bluteau. Sem latim, completando as definições que faltavam, reduzindo ao mínimo os excursos descritivos e os enunciados sobrecarregados de retórica, o primeiro dicionário moderno do português encareceu o seu frontispício assumindo-se como uma reformação de Bluteau. É inegável que o dicionário de Moraes Silva foi uma superação do modelo anterior, mas só pôde ser concretizada de uma forma já tão coerente porque o património sobre o qual trabalhou era só por si bastante elaborado e suficientemente compendioso. E Bluteau — é justo reconhecer — não pôde contar com um auxílio semelhante quando tentou a descrição do léxico português. Nesse facto radicam, simultaneamente, as debilidades e os grandes méritos do seu legado.

FONTES E BIBLIOGRAFIA

Fontes Manuscritas

- AMBROSIO, Francisco, carta de 1726. B. N. L., Mss., Cx. 24, n.º 93.
- ARRONCHES, Marquês de, carta de 19-11-1698. B. N. L., Cod. 7.701.
- BEM, Tomás Caetano de, *Catalogo das Obras Literarias Impressas, e Manuscritas; que foraõ estudo, e trabalho dos Religiosos de quem se faz menção nestas Memorias*. B. N. L., Cod. 187.
- BLUTEAU, Rafael, *Diccionario portuguez. Fragmento manuscrito original do Vocabulario impresso*. B. N. L., Cod. 3347.
- , *Lucerna Sepulcralis, Cujus Radiis Epitaphia Vetera et Nova, Rudia, et Elegantia, et Sepulcralia Elogia recordatione digniora; Secundum Dignitates, Aetates, et Officia, Dotes, Moresque Personarum distributa in classes [...]*. B. N. L., Cod. 3354.
- , *Oraculum utriusque testamenti [...]*. B. N. L. Cod. 3000-3002.
- , *Tragedia. Pietas regnorum vitrix*. B. N. L. Cod. 6.809.
- Catalogo methodico dos livros que a Comunidade dos Clerigos Regulares da Divina Providência de Lisboa doou à Real Bibliotheca Publica da Corte no anno de 1796*. B. N. L., Cod. 12935-12937.
- LIMA, Luís Caetano de, 1729, *Latina vocabula, locutionesque minus usitatae lusitanicè explicatae. Cum de latini sermonis utilitate ac praestantia dissertatione*. B. N. L., Cod. 3126.
- , 1729, *Lusitanicae loquutiones latinè explicatae alphabetico ordine et Cardin. Petr. Bembi et Jacobi Sadoleti verbis expressae*. B. N. L., Cod. 3129.
- , *Diccionario Latino e Portuguez*. B. N. L., Cod. 3348.
- , *Diccionario Portuguez e Latino das palavras e frases portuguezas mais necessarias e de melhor uso explicadas na mais pura latinidade e com exemplos dos melhores autores*. B. N. L., Cod. 3120-3124.
- , *Vocabulario de Synonimos e Equivalentes*. B. N. L., Cod. 3137-3138.

- , *Vocabulario nautico da lingua e frases portuguezas*. B. N. L., Cod. 3138.
- LOBO, João José de Madureira, *Á morte do R.^{mo} P.^e M. D. Rafael Bluteau q recitou na Academia dos Unidos da Torre de Mon.o Joaõ José de Madur. Lobo. Academico da mesma Academia na Conferencia de 28 de Março de 1734*. B. N. L., Colecção Pombalina, tom. II, Cod. 127, fol. 118-120.
- MENESES, Joana de, carta de Lisboa, 16 de Fevereiro de 1698, B. N. L., Mss., Cx. 24, n.º 108
- Morreo o Gram Bluteau; não para a Fama [...]*. B. N. L. Colecção Pombalina, tom. II, Cod. 127, fol. 117.
- PORTOCARRERO, António, carta de Coimbra, 14 de Dezembro de 1712. B. N. L., Cod. 7.701
- PROCESSOS DA INQUISIÇÃO DE LISBOA, n.º 1871 e n.º 2753. Arquivo Nacional da Torre do Tombo.
- SOARES, Diogo, carta de 22 de Julho de 1671, B. N. L., Cod. 7.701.
- SOSA, Manuel Caetano de, carta de 4 de Setembro de 1692. B. N. L., Mss., Cx. 56, n.º 8.

Fontes Impressas

- ACADEMIA DAS CIÊNCIAS DE LISBOA, 1993 (1793), *Dicionário da Língua Portuguesa*. Reprodução fac-similada da edição de 1793. Lisboa, Academia das Ciências (edição original: Lisboa, Academia Real das Ciências, 1793).
- ACADÉMIE FRANÇAISE, 1694, *Le Dictionnaire de l'Académie Française, dédié au Roy*. Paris, Vve. Jean Baptiste et Jean Baptiste Coignard.
- , 1995a (1635), *Lettres patentes pour l'établissement de l'Académie Française, Académie Française. Statuts et règlements*. S.l.
(on-line: http://www.academie-francaise.fr/role/statuts_complets.html).
- , 1995b (1635), *Statuts et règlements de l'Académie Française, Académie Française. Statuts et règlements*. S.l.
(on-line: http://www.academiefrancaise.fr/role/statuts_complets.html).
- ACCADEMIA DELLA CRUSCA, 1623, *Vocabolario degli accademici della Crusca, in questa seconda impressione da' medesimi riueduto, e ampliato, con aggiunta di molte voci degli autor del buon secolo, e buona quantità di quelle dell'uso [...]*. Venezia, Iacopo Sarzina.
- , 1691, *Vocabolario degli accademici della Crusca, in questa terza impressione da' nuovamente corretto, e copiosamente accreciuto [...]*. Firenze, Stamperia dell' Accademia della Crusca.
- ALDRETE, Bernardo de, 1674 (1606), *Del origen y principio de la lengua castellana, ò Romance que oy se usa en España [...]*. Madrid, Melchor Sanchez (edição original: Roma, Carlo Vulliet, 1606).
- ALER, Paul, 1716, *Gradus ad Parnassum, sive novus synonymorum, epithetorum, phrasium poeticarum, ac versuum Thesaurus [...]*. Amsterdolami, Joannis Boom.

- , 1747, *Gradus ad Parnassum sive novus synonymorum [...]*. Venetiis, Ex Typographia Balleoniana.
- ANDRADE, António Galvão de, 1678, *Arte de Cavallaria de Gineta, & Estardiota, bom primor de ferrar, & Alveitaria [...]*. Lisboa, Joam da Costa.
- ANDRADE, Diogo Paiva de, 1603-1615, *Sermoens [...]*. Lisboa, Pedro Crasbeeck.
- ARAÚJO, José de, 1748, *Reflexoens apologeticas à obra intitulada Verdadeiro metodo de estudar [...]*. Lisboa, Francisco Luiz Ameno.
- ARGOTE, Jerónimo Contador de, 1725 (1721), *Regras da lingua portugueza, espelho da lingua latina, Ou disposiçãõ para facilitar o ensino da lingua Latina pelas regras da Portugueza [...]*. Lisboa Occidental, Off. da Musica (edição original: Lisboa Occidental, Mathias Pereira da Silva e João Antunes Pedroso, 1721).
- , 1732-1747, *Memorias para a Historia Ecclesiastica do Arcebispado de Braga*. Lisboa Occidental, Joseph Antonio da Sylva.
- ARNAULD, Antoine e Claude LANCELOT, 1662, *La logique ou L'art de penser [...]*. Paris, Charles Savreux.
- ARRAIS, Amador, 1589, *Dialogos [...]*. Coimbra, Antonio de Mariz.
- AVELAR, André de, 1602, *Chronographia ou reportorio dos tempos o mais copioso que te agora sayo a luz [...]*. Lisboa, Jorge Rodriguez.
- AZEVEDO, Luís Marinho de, 1641, *Apologeticos discursos offerecidos [...] em defesa da fama, e boa memoria de Fernão d'Albuquerque [...]*. Lisboa, Manoel da Sylva.
- AZEVEDO, Manuel de, 1668, *Correcção de abusos introduzidos contra o verdadeiro methodo da Medicina [...]*. Lisboa, Diogo Soares de Bulhoens.
- BALBO, João, 1495, *[Catholicon] Incipit summa que vocatur catholicon edita a fratre Joanne de Janua [...]*. Venetiis, Bonem Locatelli.
- BARBOSA, Agostinho, 1611, *Dictionarium Lusitanicolatinum iuxta seriem alphabeti- cam optimis, probatisque doctissimorum Auctorum testimonijs perutili quadam expositione locupletam, cum copiosissimo Latini Sermonis Indice, necnon libello uno aliquarum Regionum, Civitatum, Oppidorum, Fluviorum, Montium & Locorum, quibus veteres uti solebant. Omnia in studiosae iuventutis gratiam, & usum collecta Per Agustinum Barbosam Lusitanum*. Bracharae, Typis, & expensis Fructuosi Laurentij de Basto.
- BARBOSA, José, 1743, *Epitome da Vida do Illustriss. e excelentis. senhor D. Luiz Carlos Ignacio Xavier de Menezes [...]*. Lisboa, Antonio Isidoro da Fonseca.
- BARRETO, João Franco, 1671, *Ortografia da Lingua Portugueza*. Lisboa, Joam da Costa.
- BARROS, João de, 1552-1615, *[Décadas]. Asia de Joam de Barros [...]*, Lisboa, G. Galharde, 1552; *Terceira decada da Asia [...]*, Lisboa, J. de Barreira, 1563; *Quarta decada da Asia [...]*, Madrid, Impressão Real, 1615.
- , 1971 (1540), *Gramática da lingua portuguesa: cartinha, gramática, diálogo em louvor da nossa linguagem e diálogo da viciosa vergonha*. Reprodução fac-similada,

- leitura, introdução e anotações por Maria Leonor Carvalhao BUESCU. Lisboa, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa (edição original: *Grammatica da lingua portuguesa*. Olyssipone, Lodouicum Rotorigiu, 1540).
- BATHE, William, 1611, *Ianua linguarum, sive, Modus maxime accommodatus, quo patefit aditus ad omnes linguas intelligendas [...]*. Salmanticae, Franciscum de Cea Tesa.
- BAYLE, Pierre, 1697, *Dictionaire historique et critique*. Rotterdam, Reinier Leers.
- BEM, Tomás Caetano de, 1792-1794, *Memorias historicas chronologicas da Sagrada Religião dos Clérigos Regulares em Portugal, e suas conquistas na India Oriental [...]*. Tomo I, 1792; tomo II, 1794. Lisboa, Regia Officina Typografica.
- BLUTEAU, Rafael, 1670, *Oração funebre que disse o R. P. D. Rafael Bluteau [...]* nas exequias do [...] Barão de Bateville [...]. Lisboa, Joam da Costa.
- , 1670, *Sermam que prégou o R. P. D. Rafael Bluteau [...]* na Capella Real o primeiro dia de Janeiro [...] dedicado a [...] D. Maria Francisca Isabel de Saboya [...]. Lisboa, Joam da Costa.
- , 1672, *Oração funebre que disse o R. P. D. Rafael Bluteau [...]* na Santa Casa da Misericordia [...] de Lisboa nas exequias annuaes do [...] Rey de Portugal D. Manoel [...]. Lisboa, Joam da Costa.
- , 1673, *Sermam no sexto dia do outavario da festa de S. Francisco [...]*. Lisboa, Joam da Costa.
- , 1676, *Primicias Evangelicas, ou Sermoens, e Panegiricos do Padre D. Rafael Bluteau [...]*. Lisboa, Joam da Costa.
- , 1679, *Instrucçam sobre a cultura das amoreiras, & criação dos bichos da seda: dirigida a conservação, & augmento das manufacturas da seda [...]*. Lisboa, Joam da Costa.
- , 1683, *Sermoni Overo Panegirici Del Padre Don Raffaele Blvtaeav C. R. [...]* Tradotti Dalla Lingva Portoghese Nell'Italiana [...]. Venezia, Bertani.
- , 1684, *Oração funebre nas exequias reaes da [...] Rainha de Portugal D. Maria, Francisca, Isabel de Saboya, celebradas na Santa Casa da Misericordia de Lisboa, aos 27. de Janeiro de 1684 [...]*. Lisboa, Miguel Deslandes.
- , 1685, *Primicias Evangelicas, ou Sermoens, e Panegyricos do P. D. Rafael Bluteau [...]* Parte Segunda [...]. Lisboa, Miguel Deslandes.
- , 1693, *Oraçoens gratulatorias na feliz vinda da [...] Rainha da Gram Bretanha, compostas, e recitadas na Igreja da Divina Providencia à nobreza de Portugal [...]*. Lisboa, Miguel Deslandes.
- , 1694, *Porticus triumphalis, a regali palatio [...]* ad publicam receptionem [...] Mariae, Sophiae, Elisabethae, Portugalliae Reginae, Ulyssiponem ingredientis, anno Domini MDCLXXXVII. die 11. Augusti pictis, inscriptisque tabulis [...] ornata a R. P. D. Raphaelae Bluteauio [...]. Ulyssipone, ex typographia Michaelis Deslandes.
- , 1698, *Primicias Evangelicas, ou Sermoens, e Panegyricos do Padre D. Raphael Bluteau [...]* Parte Terceira. Paris, João Anisson.

- , 1712-1728, *Vocabulario portuguez e latino [...]*. Tomos I e II: Coimbra, No Collegio das Artes da Companhia de Jesu, 1712; tomos III e IV: Coimbra, No Collegio das Artes da Companhia de Jesu, 1713; tomo V: Lisboa, Officina de Pascoal da Sylva, 1716; tomos VI e VII: Lisboa, Officina de Pascoal da Sylva, 1720; tomo VIII: Lisboa, Officina de Pascoal da Sylva, 1721; suplemento I: Lisboa, Officina de Joseph Antonio da Sylva, 1727; suplemento II: Lisboa, Na Patriarcal Officina da Musica, 1728.
- , 1727-1728, *Prosas portuguezas recitadas em diferentes congressos academicos [...]*. 2 partes em 1 vol. Lisboa Occidental, Joseph Antonio da Sylva.
- , 1732-1733, *Sermoens Panegyricos, e Doutrinaes, que em diversas festividades, e assumptos Prégou o Reverendissimo Padre D. Rafael Bluteau [...]*. 2 vols. Lisboa Occidental, Joseph Antonio da Sylva.
- , 1736, *Oraculum utriusque Testamenti ad promiscuas in Sacra Biblia interrogationes, servato literarum ordine, responsa reddens, et Verbi Divini praeconibus viam aperiens ad innumerabiles argutas sententias, quas vocant conceptus praedicabiles, ex multiplici Sacrarum Literarum sensu, ac praecipuè literali, pro sermonis opportunitate eruendas. Tomus primus opera, et labore P. D. Raphaelis Bluteau [...]*. Ulissipone Occidentali, Ex Praelo Michaelis Rodrigues, D. Patriarchae Typographi.
- , 1933 (1712-1728), *Vocabulário Português e Latino pelo Padre D. Rafael Bluteau. Segunda edição*. Vol 1. Lisboa, Publicações do Arquivo Histórico de Portugal.
- , 2000 (1712-1728), *Vocabulario Portuguez e Latino*. Fac-símile em CD-ROM. Rio de Janeiro, Universidade do Estado do Rio de Janeiro.
- , 2002 (1712-1728), *Vocabulário Português e Latino*. 10 vols. Edição fac-similada. Hildesheim — Zürich — New York, Georg Olms.
- , 2003 (1712-1728), *Vocabulário Portuguez e Latino*. Fac-símile em CD-ROM. Rio de Janeiro, Academia Brasileira de Letras.
- BOILEAU, Nicolas, 1674, *Oueuvres diverses [...]*. Paris, Denys Thierry.
- BOLDONI, Ottavio, 1660, *Epigraphica, sive Elogia inscriptionesque quodvis genus pangendi ratio ubi de inscribendis tabulis, symbolis [...]*. Augustae Perusiae, Apud Bartolos & A. Laurentium.
- BOYER, Paul, 1649, *Dictionnaire servant de bibliotheque universell ou recueil succinct de toutes les plus belles matieres de la theologie, de l'histoire, du droict [...]*. Paris, Antoine de Sommaville.
- BRITO, Bernardo de, et alii, 1973-1988 (1597-1727), *Monarquia Lusitana*, 8 vols. Lisboa, INCM (edição original: 1.^a parte: Alcobaça, Alexandre de Siqueira & Antonio Aluarez, 1597; 2.^a parte: Lisboa, Pedro Crasbeeck, 1609; 3.^a e 4.^a partes: Lisboa, Pedro Craesbeck, 1632; 5.^a parte: Lisboa, Paulo Craesbeeck, 1650; 6.^a parte: Lisboa, Joam da Costa, 1672; 7.^a parte: Lisboa. Antonio Craesbeeck de Mello, 1683; 8.^a parte: Lisboa, Offic. da Musica, 1727).

- BROISSINIÈRE, Juigné, 1643, *Dictionnaire théologique, historique, poétique, cosmographique et chronologique [...]*. Paris, G. Le Bé.
- BUDÉ, Guillaume, 1514, *De asse et partibus eius libri quinque [...]*. [Paris], in edibus Ascensianis.
- , 1545, *Forensium verborum & loquendi generum quae sunt à G. Budaeo proprio commentario descripta, Gallica de foro Parisiensi sumpta interpretatio [...]*. Lutetiae, Ex officina R. Stephani.
- BUNGUS, Petrus, 1617, *Petri Bungi Bergomatis Numerorum mysteria ex abditis plurimarum disciplinarum fontibus hausta [...]*. Lutetiae Parisiorum, L. Sonnum.
- CALEPINO, Ambrosio, 1559, *Ambrosii Calepini Dictionarium [...] Adiuncta sunt postremo Pauli Manutij Aldi F. Additamenta [...]*. Lugduni, Haeredes Iacobi Iuntae.
- , 1622, *F. Ambrosii Calepini [...] Dictionarium septem linguarum, hac in nostra editione septima nouissimis infinitarum pene vocum additionibus [...]*. Venetiis, Io. Guerilium.
- , 1681, *Ambrosii Calepini Dictionarium, Quanta maxime fide ac diligentia accurate emendatum, & tot recens factis accessionibus ita locupletatum, [...] Nunc à R. P. Laurentio Chiffletio Soc. Jesu, Presbytero aliisque Philologis revisa [...]*. Lion, Ffr. Anissoniorum, et Joannis Posuel.
- CALMET, Augustin, 1722, *Dictionnaire historique, critique, chronologique, géographique et literal de la Bible [...]*. Paris, Emery.
- CAMÕES, Luís de, *Obras de Luis de Camoes [...] com os argumentos do lecenceado João Franco Barreto [...]*. Lisboa, Antonio Craesbeeck d'Mello.
- CARDOSO, Jerónimo, 1562, *Hieronymi Cardosi Lamacensis Dictionarium ex Lusitano in latinum sermonem*. Ulissypone, Ex offic. Joannis Alvari.
- , 1569-1570, *Dictionarium latinolusitanicum & vice versa lusitanico latinu[m] cum adagiorum ferè omnium iuxta seriem alphabeticam perutili expositione, ecclesiasticorum etiam vocabulorum interpretatione [...]*. Conimbricae, Joan. Barrelius.
- CARDOSO, Jorge, 1652-1744, *Agiologio lusitano dos sanctos e varoens Illvstres [...]*. 4. vols. I: Lisboa, na Officina Craesbeekiana, 1652; II: Lisboa, Officina de Henrique Valente d'Oliveira, 1657; III: Lisboa, Officina de Antonio Craesbeeck de Mello, 1666; IV: Lisboa, Regia Officina Sylviana, 1744.
- CARVALHO, José Monteiro de, 1765, *Diccionario Portuguez das Plantas, Arbustos, Matas, Arvores, Animaes quadrupedes, e reptis, Aves, Peixes, Mariscos, Insectos, Gomas, Metaes, Pedras, Terras, Mineræes, &c. que a Divina Omnipotencia creou no globo terraqueo para utilidade dos viventes [...]*. Lisboa, Miguel Manescal da Costa.
- CASTANHEDA, Fernão Lopes de, 1552-1561, *Historia do descobrimento & conquista da India pelos portugueses*. Coimbra, João de Barreira.
- CASTRO, Gabriel Pereira de, 1636, *Ulyssea ou Lisboa edificada [...]*. Lisboa, Lourenço Crasbeeck.

- CAUSSIN, Nicolas, 1619, *De eloquentiae sacrae et humanae parallela, libri XVI*. Parisiis, Sumptibus Sebastiani Chappelet.
- CAVALEIRO, Manuel Tavares, 1687, *Ramalhete juvenil pelo licenciado Manoel Tavares Cavalleyro [...]*. Lisboa, Miguel Deslandes.
- CHAGAS, António das, 1684-1687, *Viva Jesus. Cartas espirituas [...]*. Lisboa, Miguel Deslandes.
- CHAGAS, António das, 1688, *Obras espirituas do espiritual, & veneravel Padre Frey Antonio das Chagas [...]*. Lisboa, Miguel Deslandes.
- CHASTELAIN, Claude, 1700, *Vocabulaire des noms français et latins des saints et des saintes que l'on peut donner au baptesme et à la confirmation, et sous le titre desquels une église ou une chapelle peut être bénie [...]*. Paris, L. Josse.
- CLUSIUS / Charles L'Ecluse, 1567, *Aromatum et simplicium aliquot medicamentorum apud Indos nascentium historia*. Antuerpiae, ex officina Christophori Plantini.
- COLIN, Anthoine, 1602, *Histoire des drogues espiceries, et de certains médicamens simples, qui naissent és Indes, tant Orientales que Occidentales, divisée en deux parties. La première composée de trois liures: les deux premiers de M. Garcie du Iardin [...]*. Lyon, Jean Pillehotte.
- CORNEILLE, Thomas, 1694, *Dictionnaire des arts et des sciences [...]*. Paris, Vve Jean Baptiste et Jean Baptiste Coignard.
- COSTA, Leonel da, 1624, *As eclogas, e georgicas de Vergilio [...] traduzidas de latim, em verso solto portuguez [...]*. Lisboa, Geraldo da Vinha.
- COUTO, Diogo do, 1602-1673, *[Décadas]. Decada quarta da Asia [...]*, Lisboa, Pedro Craesbeeck, 1602; *Decada quinta da Asia [...]*, Lisboa., Pedro Craesbeeck, 1612; *Decada sexta da Asia [...]*, Lisboa, Pedro Craesbeeck, 1614; *Decada setima da Asia [...]*, Lisboa, Pedro Craesbeeck, 1616; *Decada outava da Asia [...]*. Lisboa, Joam da Costa, & Diogo Soarez, 1673.
- COVARRUBIAS, Sebastian de, 1994 (1611) *Tesoro de la Lengua española o castellana*. Ed. de Felipe Maldonado e rev. de Manuel Camarero. Madrid, Castalia (edição original: *Tesoro de la lengua castellana o española [...]*. Madrid, L. Sanchez, 1611).
- CRUZ, António da, 1661, *Recopilaçam de Cirurgia [...]*. Lisboa, Henrique Valente de Oliveira.
- DANET, Pierre, 1683, *Nouveau dictionnaire françois et latin, enrichi des meilleures façons de parler en l'une et en l'autre langue, composé par l'ordre du roy pour Monseigneur le Dauphin [...]*. Paris, Veuve de C. Thiboust et P. Esclassan.
- , 1735 (1713), *Grand dictionnaire françois et latin, enrichi des meilleures façons de parler, en l'une et l'autre langue, avec des notes de critique et de grammaire [...]*. Lyon, Deville (edição original: Lyon, Deville, 1713).
- DAPPER, Olfert, 1686, *Description de l'Afrique, contenant les noms la situation & les confins de toutes ses parties [...]*. Amsterdam, Wolfgang, Waesberge, Boom & van Someren.

- DELICADO, António, 1651, *Adagios portuguezes reduzidos a lugares communs [...]*. Lisboa, Domingos Lopes Rosa.
- Dictionnaire universel françois & latin [de Trévoux] [...]*, 1704. Trévoux, Estienne Ganeau.
- Dictionnaire universel françois et latin [de Trévoux], contenant la signification et la definition tant des mots de l'une & de l'autre langue, avec leurs différens usages; que des termes propres de chaque etat et de chaque profession: la description de toutes les choses naturelles & artificielles; leurs figures, leurs especes, leurs usages, & leurs propriétés: l'explication de tout ce que renferment les sciences & les arts, soit libéraux, ou mécaniques [...]*, 1721. Trévoux, Chez Florentin Delaulne, Hilaire Foucault, Michel Clousier, Jean-Geoffroy Nyon, Estienne Ganeau, Nicholas Gosselin.
- DURET, Claude, 1613, *Thresor de l'histoire des langues de cest vniuers. Contenant les origines, beautés, perfections, decadences, mutations, changemens, conuersions & ruines de langues [...]*. Coligny, Par Matth. Berjon.
- ERASMUS, Desiderius, 1500, *Collectanea adagiorum [...]*. Paris, Johann Philippi de Cruzenach.
- ESCALÍGERO, Justo, 1610, «Diatriba de Europaeorum linguis», in *Iusti Scaligeri Iulii Caesaris a Burden filii Opuscula varia antehac non edita*. Parisiis, apud Hadrianum Beys.
- ESPINOLA, Fradique, 1696-1721, *Escola decurial de varias liçoens [...]*. Lisboa, Manoel Lopes Ferreyra.
- Estatutos da Universidade de Coimbra [...]*. 1654. Coimbra, Thome Carvalho.
- ESTIENNE, Charles, 1553, *Dictionarium historicum ac poeticum, omnia gentium, hominum, locorum, fluminum ac montium [...]*. Lutetiae, C. Stephanus.
- ESTIENNE, Robert, 1531, *Dictionarium seu Latinae linguae thesaurus, non singulas modò dictiones continens, sed integras quoque Latine & loquendi, & scribendi formulas ex optimis quibusque authoribus accuratissimè collectas. Cum gallica ferè interpretatione*. Parisiis, Ex officina Roberti Stephani.
- , 1538, *Dictionarium Latinogallicum thesauro nostro ita ex adverso respondens [...]*. Parisiis, Ex officina Roberti Stephani.
- , 1539, *Dictionaire Françoislatin, contenant les motz & manieres de parler François, tournez en Latin*. Paris, Robert Estienne.
- EXPECTAÇÃO, António da, 1727, *A Estrella d'Alva Applicada. Breviario de varios assumptos, e ideas predicaveis de varios Santos, e outros sermoens de entre anno [...]*. Lisboa Occidental, Antonio Pedrozo Galram.
- FARIA, Joaquim Leocadio de, 1734, *Obsequio Funebre dedicado á saudosa memoria do Reverendissimo Padre D. Raphael Bluteau [...]*. Lisboa Occidental, Joseph Antonio da Sylva.
- FARIA, Manuel de, 1675. *Promptuario moral de questoens praticas e casos repentinos em a theologia moral [...]*. Coimbra, Viuva de Manoel de Carvalho.

- FARIA, Manuel Severim de, 1655, *Noticias de Portugal [...]*. Lisboa, Officina Craesbeeckiana.
- , 1999 (1624), *Discursos vários políticos*. Introdução, actualização e notas de Maria Leonor VIEIRA. Lisboa, INCM (edição original: *Discursos varios politicos [...]*. Évora, Manoel Carvalho, 1624).
- FEIJÓ, João Madureira, 1739 (1734), *Orthographia, ou arte de escrever, e pronunciar com acerto a lingua portugueza [...]*. Coimbra, Luis Seco Ferreyra, 1739 (edição original: Lisboa Occidental, Miguel Rodrigues, 1734).
- FEIJOO, Benito, 2000 (1726), «Paralelo de las lenguas castellana y francesa», in *Theatro Critico Universal*. Madrid, Lorenzo Francisco Mojados (citado a partir do fac-símile reproduzido em: Telmo VERDELHO, «Uma polémica sobre «la lengua lusitana, ò gallega», no século XVIII», in J. L. RODRÍGUEZ (ed.), *Estudios dedicados a Ricardo Carvalho Calero*. Santiago de Compostela, Parlamento de Galicia — Universidade de Santiago de Compostela, vol. 2, 2000, pp. 759-806).
- FERNANDES, Manuel, 1687-1699, *A alma instruida na doutrina, e vida christã [...]*. Lisboa, Miguel Deslandes.
- FERREIRA, Diogo Fernandes, 1616, *Arte da caça da altanería [...]*. Lisboa, na officina de Jorge Rodriguez.
- FERREIRA, Francisco Leitão, 1718, *Nova Arte de conceitos que com o título de Lições academicas na publica Academia dos Anonymos de Lisboa, dictava, e explicava o beneficiado Francisco Leitam Ferreyra [...]*. Lisboa Occidental, Antonio Pedrozo Galram.
- FOLQMAN, Carlos, 1742, *Grammatica hollandeza ou arte compendiosa para hum portuguez aprender a lingua hollandeza [...]*. Lisboa, Antonio Pedrozo Galram.
- , 1755, *Diccionario portuguez, e latino, No qual as dicções, e frases da lingua portugueza, e as suas variantes significações, genuinas, e metaforicas, se achão clara, e distinctamente vertidas na Latina, e autorizadas com exemplos dos Authores classicos, compilado do Vocabulario do Reverendo Padre D. Rafael Bluteau, e dos melhores Diccionarios de varias linguas, A todos, que estudão a lingua Latina, não só utilissimo, mas summamente necessario [...]*. Lisboa, Miguel Manescal da Costa.
- , 1793, *Nomenclatura portugueza, e latina das cousas mais commuas, e visiveis [...]*. Lisboa, Antonio Rodrigues Galhardo.
- FONSECA, Pedro José da, 1771, *Diccionario Portuguez, e Latino [...]*. Lisboa, Regia Officina Typografica.
- FRANCO, António, 1716, *Indiculo Universal. Contem distinctos em suas classes os nomes de quazi todas as cousas que ha no mundo, e os nomes de todas as Artes e Sciencias [...]*. Évora, Universidade.
- FRAYER, Ernesto, 2000 (1727), *Discurso Philologico Critico sobre el Corolario del Discurso XV del theatro Critico Universal que saca a luz Ernesto Frayer*. Madrid

- (citado a partir do fac-símile reproduzido em: Telmo VERDELHO, «Uma polémica sobre «la lengua lusitana, ò gallega», no século XVIII», J. L. RODRÍGUEZ (ed.), *Estudos dedicados a Ricardo Carvalho Calero*. Santiago de Compostela, Parlamento de Galicia — Universidade de Santiago de Compostela, vol. 2, 2000, pp. 759-806).
- FREIRE, Francisco de Brito, 1675, *Nova Lusitania, Historia da Guerra Brasilica [...]*. Lisboa, J. Galram.
- FREIRE, Francisco José, 1842, *Reflexões sobre a lingua portugueza [...]*. Lisboa, Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Uteis.
- FURETIÈRE, Antoine (1690), *Dictionnaire Universel, Contenant generalement tous les Mots François tant vieux que modernes, & les Termes de toutes les Sciences & des Arts [...]*. La Haye & Rotterdam, Arnout & Reinier Leers.
- , [1684], *Essais d'un dictionnaire universel, contenant generalement tous les mots françois tant vieux que modernes, & les termes de toutes les sciences & des arts [...]*. S.l., s.d.
- , 1694, *Nouveau recueil des factums du procez, d'entre défunt mr. L'Abé Furetière, l'un des quarante de l'Academie Française, et quelques-uns des autres Membres de la même Academie [...]*. Amsterdam, Henry Desbordes.
- Coronica do Condestabre de purtugal Nuno alvarez Pereyra [...]*. 1526. Lixboa, Germã Galharde.
- GANDAVO, Pero de Magalhães de, 1981 (1574), *Regras que ensinam a maneira de escrever e a ortografia da lingua portuguesa. Com o diálogo que adiante se segue em defesa da mesma lingua*. Edição fac-similada da 1.^a edição. Introdução de Maria Leonor Carvalhão BUESCU. Lisboa, Biblioteca Nacional (edição original: *Regras que ensinam a maneira de escrever e orthographia da lingua Portuguesa, com hum Dialogo que a diante se segue em defensam da mesma lingua*. Lisboa, Antonio Gonsaluez, 1574).
- Gazeta de Lisboa Occidental*, 1718-1741. Lisboa, (Vários impressores; 1.^o número, Pascoal da Sylva).
- GESNER, Conrad, 1555, *Mithridates, de differentis linguarum tum veterum tum quae hodie apud diversas nationes in toto orbe terrarü in usu sunt [...]*. Tiguri, Froshoverus.
- GIRARD, Gabriel, 1718, *La justesse de la langue françoise, ou les differentes significations des mots qui passent pour synonymes [...]*. Paris, L. d'Houry.
- GRANADA, Luís de, 1576, *Ecclesiasticae rhetoricae siue De ratione concionandi libri sex [...]*. Olysiptone, Antonius Riberius.
- JUNIUS, Hadrianus, 1567, *Nomenclator, omnium rerum propria nomina variis linguis explicata indicans [...]*. Antverpiae, Ex officina C. Plantini.
- HOFMANN, Johan Jakob, 1698, *Lexicon Vniversale, Historiam Sacram Et Profanam, Omnis aevi, omniumque Gentium; Chronologiam Ad Haec Vsque Tempora; Geographiam Et Veteris Et Novi Orbis; Principum Per Omnes Terras Familiarum Ab omni memoria repetitam Genealogiam, Tum Mythologiam, Ritus, Caerimo-*

- nias, Omnemque Veterum Antiquitatem, ex Philologiae fontibus haustam; Vitorum, Ingenio Atque Eruditione Celebrium Enarrationem copiosissimam; Praeterea Animalium, Plantarum, Metallorum, Lapidum, Gemmarum, Nomina, Naturas, Vires Explanans [...]*, 4 vols. Lugduni Batavorum, apud Jacob Hackium, Cornel, Bovtesteyn, Petr. Vander AA, & Jord. Luchtman (edição original: *Lexicon universale historico-geographico-chronologico-poetico-philologicum [...]*, 2 vols. Basileae, J. H. Widerhold, 1677; suplemento: 3 vols. Basileae, Iohan. Herman Widerhold, 1683).
- KIRCHER, Athanasius, 1667, *China Monumentis, qua Sacris qua profanis, nec non naturae et artis spectaculis, aliarumque rerum memorabilium argumentis illustrata [...]*. Amstelodami, Apud Joannem Janssonium à Waesberge & Elizeum Weyerstraet.
- , 1667, *China Monumentis, qua Sacris qua profanis, nec non naturae et artis spectaculis, aliarumque rerum memorabilium argumentis illustrata*. Romae, Typis Varesii.
- , 1679, *Turris Babel, sive Archontologia qua Primo Priscorum post diluivium hominum vita. mores rerumque gestarum magnitudo, Secundo Turris fabrica civitatumque exstructio, confusio linguarum, et inde gentium transmigratio, cum principalium inde enatorum idiomatum historia, multiplici eruditione describuntur et explicantur*, Amstelodami, Ex Officina Janssonio-Waesbergiana.
- LANCELOT, Claude e Antoine ARNAULD, 1660, *Grammaire generale et raisonnée. Contenant les fondemens de l'art de parler [...]*. Paris, Pierre le Petit.
- LANDIM, Francisco Barreto de, 1648, *Panegyrico da sancta vida e gloriosa morte do grande Patriarcha S. João de Deus [...]*. Lisboa, Manuel da Silva.
- LANGIUS, Josephus, 1621, *Florilegii magni, seu, Polyanthaeae floribus nouissimis sparsae, libri XX [...]*. Lugduni, A. de Harsy & P. Ravaud.
- LARTIGAUT, Antoine, 1669, *Les progrès de la véritable ortographe ou L'ortographe française fondée sur ses principes confirmée par démonstracions. Ouvrage particulier, et nêcêcêr à toute sorte de persones qui veulent lire, prononcer, ou ecrire parfêtement par Règles [...]*. Paris, Laurent Ravenau.
- LAURENTIUS, Josephus, 1644, *Amalthea onomastica: in qua voces universae, abstrusiores, sacrae, profanae, antiquae, usurpatae, usurpandae: e latinis, latinograecis, latinobarbaris [...]*. Lugduni, Sumptibus Laurentii Anisson.
- LEAL, Manuel, 1673, *Crysol purificativo, em que seapura o monacato do grande Patriarca, e Doutor principal da Igreja S. Agostinho [...]*. Lisboa, Antonio Rodriguez d'Abreu.
- LEÃO, Duarte Nunes de, 1576, *Orthographia da Lingoa Portuguesa*. Lisboa, João de Barreira.
- LESCLACHE, Louis de, 1668, *Les véritables règles de l'ortographe française, ou l'Art d'apprendre an peu de tams à ecrire còrectemant [...]*. Paris, l'auteur et Laurant Rondet.
- LIMA, Luís Caetano de, 1710, *Grammatica Franceza, ou arte para aprender o Francez por meyo da lingua Portuguesa*. Lisboa, Officina Real Deslandiana.

- , 1734, *Grammatica Italiana, e arte para aprender a lingua Italiana por meyo da lingua Portugueza*. Lisboa, Officina da Congregação do Oratorio.
- , 1736, *Orthographia da lingua portugueza*. Lisboa, Antonio Isidoro da Fonseca.
- LISBOA, Cristóvão de, 1653, *Jardim da Sagrada Escripura. Disposto em modo alphabetico. Com hum elenco de discursos, & conceitos sobre os Evangelhos das domingos, quartas, & sextas feiras da Quaresma, & domingos do Advento [...]*. Lisboa, Paulo Craesbeek.
- LLOYD, Nicolas, 1670, *Dictionarium historicum, geographicum, poeticum [...] Editio novissima [...] recensuit, supplevit, locisque pene infinitis emaculavit Nicolaus Lloydus*. Oxonii, Ex Typographeo Guilielmi Hall & Guilielmi Downing.
- LOBO, Álvaro, 1591, *Martyrologio romano [...]*. Coimbra, Antonio de Maris.
- LOBO, Francisco Rodrigues, 1991 (1619), *Corte na Aldeia*. Introdução, notas e fixação do texto de José Adriano de CARVALHO. Lisboa, Editorial Presença (edição original: *Corte na aldeia, e noites de Inverno*. Lisboa, Pedro Craesbeek, 1619).
- LOCKE, John, 1690, *An Essay Concerning Humane Understanding [...]*. London, T. Basset.
- LOPES, Fernão, 1644, *Chronica del Rey D. Ioam I de Boa Memoria [...]*. Lisboa, Antonio Alvarez.
- LOPES, Francisco, 1610, *Santo Antonio de Lisboa poema sacro*. Lisboa, Pedro Craesbeek.
- LUCENA, João de, 1600, *Historia da vida do padre Francisco de Xavier [...]*. Lisboa, Pedro Crasbeek.
- LUSITANO, Cândido / Francisco José FREIRE, 1746, *O secretario portuguez [...]*. Lisboa, Domingos Gonçalves.
- , 1748, *Arte poetica, ou regras da verdadeira poesia em geral e de todas as suas especies principaes*. Lisboa, Francisco Luiz Ameno
- , 1765, *Diccionario Poetico, para uso dos que principião a exercitarse na Poesia Portugueza [...]*. Lisboa, Offic. Patriarcal de Francisco Luiz Ameno.
- LUZ, Tomás da, 1673, *Amalthea, sive hortus onomasticus in gemina divisus florilegia [...]*. Ulyssipone, Joannes a Costa.
- MACEDO, António de Sousa de, 1682, *Dominio sobre a fortuna, e tribunal da razaõ [...]*. Lisboa, na officina de Miguel Deslandes.
- MACEDO, Duarte Ribeiro de, 1677, *Vida da Emperatriz Theodora [...]*. Lisboa, Joam da Costa.
- MACEDO, José de, [1710], *Antidoto da Lingua Portugueza [...] por Antonio de Mello da Fonseca*. Amesterdam, Miguel Diaz.
- MACHADO, Diogo Barbosa, 1965-1667 (1741-1759), *Bibliotheca Lusitana [...]*. Coimbra, Atlântida (edição original: Lisboa Occidental, Officina de Antonio Isidoro da Fonseca, 1741-1759).
- MAROT, Clément, 1558, *Oeuvres*. Lyon, J. de Tournes.

- MARQUES, José, 1756, *Nouveau dictionnaire des langues françoise, et portugaise. Tiré des meilleurs Auteurs, & des Dictionnaires de l'Academie, de Trevoux, de Furetiere, de Tachard, de Richelet, de Danet, de Boyer, &c. Avec les noms des Nations, des Royaumes, des Provinces, des Villes, des Contrées, des Rivières du Monde, & les noms propres d'Hommes, & des Femmes, &c.* [...] Lisbonne, De l'Impression de Joseph da Costa Coimbra.
- , 1764, *Novo dicionario das linguas portugueza, e franceza, com os termos latinos, tirado dos melhores Authores, e do Vocabulario Portuguez, e Latino do P. D. Raphael Bluteau, dos Dictionarios da Academia Franceza, Universal de Trevoux, de Furetiere, de Tachard, de Richelet, de Danet, de Boyer, &c. Com os nomes proprios das Naçoens, dos Reinos, das Provincias, das Cidades, das Comarcas, dos Rios do Mundo, &c.* Lisboa, Officina Patriarcal de Francisco Luiz Ameno.
- MASCARENHAS, André da Silva, 1671, *A Destruição de Espanha, Restauração sumaria da mesma.* Lisboa, Antonio Craesbeeck de Mello.
- MEGISER, Hieronimus, 1593, *Specimen quadraginta diversarum et inter se differentium linguarum et dialectorum, videlicet Oratio Dominica totidem linguis expressa [...].* Francofurti, Spiess.
- MELO, Francisco de Pina e de, 1752, *Balança intellectual em que se pezava o merecimento do verdadeiro methodo de estudar [...].* Lisboa, Manoel da Silva.
- MELO, Francisco Manuel de, 1624-1627, *Fuente de Aganipe [...].* Madrid, Andres de Parra.
- , 1651, *Carta de guia de casados [...].* Lisboa, Offic. Craesbeeckiana.
- , 1655, *Obras metricas [...] Contienen Las tres musas. El pantheon. Las musas portuguesas. El tercer coro de las musas [...].* Leon de Francia, Horacio Boesat y George Remeus.
- , 1676, *Epanaphoras de varia historia portugueza [...].* Lisboa, Antonio Craesbeeck de Mello.
- MÉNAGE, Gilles, 1650, *Les origines de la langue françoise.* Paris, Augustin Courbé.
- , 1694, *Dictionnaire Etymologique, ou Origines de la Langue Françoise [...].* Paris, Chez J. Anisson.
- MENESES, Francisco de Sá de, 1658, *Malaca conquistada poema heroico [...].* Lisboa, Paulo Craesbeeck.
- MENESES, Francisco Xavier de, 1734, «Elogio do Reverendissimo Padre D. Rafael Bluteau», in *Collecção dos documentos e memorias da Academia Real da Historia Portugueza.* Tomo XIII. Lisboa, Officina de Joseph Antonio da Sylva.
- , 1736, «Extractos academicos dos livros, que a Academia de Petersbourg mandou à de Lisboa», in *Collecção dos documentos e memorias da Academia Real da Historia Portugueza.* Tomo XIV. Lisboa, Officina de Joseph Antonio da Sylva.
- MENESES, Luís de, 1679-1698, *Historia de Portugal Restaurado.* Parte I: Lisboa, João Galvão, 1679; Parte II: Lisboa, Antonio Pedroso Galvão.

- MONET, Philibert, 1636, *Invantaire des deus langues françoise et latine [...]*. Lyon, Claude Obert.
- MONTMÉRAN, Antoine de, 1645, *Synonimes et épithètes françoises recueillies & disposée selon l'ordre de l'alphabet [...]*. Paris, chez Jean Le Bouc.
- MORAIS, Silvestre Gomes de, 1712, *Agricultura das vinhas [...]*. Lisboa, Off. Real Deslandesiana.
- MORERI, Louis, 1699, *Le grand dictionnaire historique ou le mélange de l'histoire sacrée et profane [...]*. Paris, Jean-Baptiste Coignard. (1.^a edição: Lyon, Jean Girin & Barthelemy Riviere, 1674.)
- , 1712, *Le grand dictionnaire historique ou le mélange curieux de l'histoire sacrée et profane [...]*. Paris, Jean-Baptiste Coignard.
- MÜLLER, Andreas, 1680, *Oratio orationum: SS. Orationis Dominicae Versiones prae-ter Authenticam ferè Centum [...] Singulae geminis linguae suae characteribus [...]*. Berolini, Ex officina Rungiana.
- NEBRIJA, Antonio de, 1492, *Dictionarium latino-hispanicum [...]*. Salmanticae.
- NEUFVILLE, Lequien de la, 1700, *Histoire générale de Portugal [...]*. Paris, Anisson.
- NICOT, Jean, 1606, *Thresor de la langue françoise tant ancienne que moderne auquel entre autres choses sont les noms propres de marine, vénerie & faulconnerie [...]*. Paris, D. Douceur.
- NIZZOLI, Mario, 1632, *Apparatus Latine locutionis, in usum studiosae juventutis, post Marii Nizolii principia, ex Marci Tullii, Ciceronis, libris collectus [...]*. Lutetiae Parisiorum, apud Sebastianum Chapelet.
- NUNES, Filipe, 1615, *Arte poetica, e da pintura, e symmetria, com principios da perspectiva [...]*. Lisboa, Pedro Crasbeeck.
- OLIVEIRA, Fernão de, 1536, *Grammatica da lingoagem portuguesa*. Lisboa, Germão Galharde.
- OLIVEIRA, Manuel Lopes de, 1666, *Allegação de direito a favor de D. João da Silva [...]*. Lisboa, Antonio Craesbeeck de Mello.
- ORTA, Garcia de, 1563, *Coloquio dos simples e drogas he cousas mediçinais da India e assim dalguas frutas achadas nella [...]*. Goa, Ioannes de Endem.
- PACHECO, Francisco Pinto, 1670, *Tratado da cavalaria da gineta, com a doctrina dos melhores authores [...]*. Lisboa, Ioam da Costa.
- PACHECO, João, 1734-1744, *Divertimento erudito para os curiosos de noticias historicas, escolasticas, politicas e naturaes, sagradas, e profanas. Descobertas em todas as Idades, e Estados do Mundo, até o presente. E extrahida de varios authores [...]*. Tomo I: Lisboa Oriental, Na officina Augustiniana, 1734; tomo II, Lisboa Occidental, Na officina de Antonio de Sousa da Sylva, 1736; tomo III, Lisboa Occidental, Na Officina de Pedro Ferreira, 1741; tomo IV, Lisboa Occidental, Na Officina de Domingos Gonçalves, 1744.
- PÉGAS, Manuel Álvares, 1667, *Allegaçam de direito a favor do Senhor Conde de Figueiró [...]*. Lisboa, Ioam da Costa.

- PEREIRA, Bento, 1666, *Regras gerays, breves e comprehensivas da melhor Orthografia, com que se podem evitar erros no escrever da lingua Latina, & Portugueza. Para se ajuntar à Prosodia. Ordenadas pelo author della o P. D. Bento Pereyra da Cõpanhia de Jesus, Qualificador do S. Officio. Aprovadas per Varoës peritissimos em huma, & outra lingua. Dividemse em tres partes. A primeira he a das regras commuas á lingua Latina, & Portugueza. A segunda he a das tocantes só á Latina. A terceyra he a das tocantes só á Portugueza [...]*. Lisboa, Domingos Carneyro.
- , 1697, *Prosodia in vocabularium bilingue, Latinum, et Lusitanum digesta [...]* *Septima editio auctior, et locupletior [...]*. [Inclui: *Thesouro da lingua portugueza; Primeira parte das frases portuguezas, a que correspondem as mais puras, & elegantes Latinas como tiradas de Marco Tullio, & outros Authores de primeira classe; Segunda parte dos principaes adagios portuguezes, com seu latim proverbial corespondente; Tertia pars selectissimarum descriptionum, quas idem auctor vel olim á se compositas, vel à probatissimis Scriptoribus emendicatas alphabetico ordine digessit.*] Eborae, ex Typographia Academiae.
- PIMENTEL, Luís Serrão, 1680, *Methodo lusitanico de desenhar as fortificaçoens [...]*. Lisboa, Antonio Craesbeeck.
- PISO, Willem, 1648, *Historia naturalis Brasiliae [...]* *in qua non tantum plantae et animalia, sed et indigenarum morbi, ingenia et mores describuntur [...]*. Lugduni Batauorum, Apud Franciscum Hackium.
- POMEY, François Antoine, 1691, *Le Dictionaire Royal, augmentè de nouveau, & enrichi d'un grand nombre d'expressions elegantes, de quantité de mots François nouvellement introduits; & de cinquante descriptions; comme aussi d'un petit Traité de la Venerie & de la Fauconnerie [...]*. Lyon, Antoine, & Horace Molin.
- , 1716, *Le Dictionaire Royal, augmentè de nouveau [...]*. Lyon, Louis Servant.
- , 1661, *Candidatus rethoricae [...]*. Lugduni, A. Molin.
- , 1661, *Pomariolum floridioris Latinitatis [...]*. Lugduni, A. Molin.
- , 1664, *Syllabus, seu Lexicon latino-gallico-graecum [...]*. Lugduni, A. Molin.
- , 1667, *Indiculus uniuersalis, rerum fere omnium, quae in mundo sunt, scientiarum item, artiumque nomina, apte, breuiterque colligens*. Lyon, Chez Antoine Molin.
- PORTALEGRE, António de, 1547, *Meditaçã da inocëtissima morte y paixã de nosso señor em estilo metrificado [...]*. Coimbra, João de Barreyra e João Aluarez.
- PORTE, Maurice de la, 1571, *Les epithetes de M. de la Porte parisien. Liure non seulement utile à ceux qui font profession de la Poësie, mais fort propre aussi pour illustrer toute autre composition Française [...]*. Paris, Gabriel Buon.
- POYARES, Pedro de, 1667, *Diccionario lusitanico-latino de nomes proprios de regioens, reinos, prouíncias, cidades, villas, castellos, lugares, rios, mares, montes, fontes, ilhas, peninsulas, isthmos, &c. Com o nome latino, dando a esse nome latino o*

- vulgar que hoje tem, per a boa intelligencia de liuros sagrados, & prophanos.* Lisboa, Ioam da Costa.
- QUEIRÓS, Fernão de, 1689, *Historia da vida do veneravel irmão Pedro de Basto [...]*. Lisboa, Miguel Deslandes.
- QUINTILIANO, Marco Fábio / Quintilien, 1975-1980, *Institution oratoire*. Texte établi et traduit par Jean COUSIN. 7 vols. Paris, Les Belles Lettres.
- RAMUS, Petrus / Pierre de La Ramée, 1559, *Gramere*. Paris, A. Wechel.
- , 1559, *P. Rami Scholae grammaticae*. Parisiis, apud A. Wechelum.
- REAL ACADEMIA ESPANOLA, 1726-1739, *Diccionario de la lengua castellana [...]*. Madrid, F. Del Hierro.
- REBOREDO, Amaro de, 1619, *Methodo grammatical para todas as linguas [...]*. Lisboa, Pedro Craesbeeck.
- , 1621, *Raizes da lingua latina mostradas em hum trattato e diccionario [...]*. Lisboa, Pedro Craesbeeck.
- , 1623, *Porta de linguas ou modo muito accommodado para as entender [...]*. Lisboa, Pedro Crasbeeck.
- REGO, António Pereira, 1693, *Instrucçam da Cavallaria de Brida [...]*. Coimbra, Joam Antunes.
- RENGIFO, Juan Diaz, 1727 (1592) *Arte Poetica Española, con vna Fertilissima Sylva de Consonantes Comunes, Proprios, Esdruxulos, y Reflexos, y vn Divino Estimulo del Amor de Dios [...]*. Barcelona, Imprenta de Maria Marti (edição original: Salamanca, M. Serrano de Vargas, 1592).
- RICHELET, Pierre, 1680, *Dictionnaire françois, contenant les mots et les choses, plusieurs nouvelles remarques sur la langue françoise [...] le tout tire de l'usage et des bons auteurs de la langue françoise [...]*. Geneve, Chez Jean Harman Widerhold.
- ROCHFORT, César de, 1685, *Dictionnaire general et curieux, contenant les principaux mots, et les plus usitez en la langue françoise, leurs definitions, divisions, & etymologies; enrichies d'eloquens discours, soutenus de quelques histoires, de passages des pères de l'eglise, des auteurs et des poètes les plus celebres anciens & modernes: avec des demonstrations catholiques sur tous les points qui sont contestez entre ceux de l'eglise romaine, et les gens de la religion prétendue reformee [...]*. Lyon, P. Guillimin.
- ROMA, Francisco Morato, 1672, *Luz da medicina, pratica racional, e methodica guia de infermeiros, directorio de principiantes [...]*. Lisboa, Antonio Crasbeeck de Mello.
- ROQUE, Gilles-André de la, 1681, *Traité de l'origine des noms et des surnoms, De leur diversité, de leurs proprietés, de leurs changemens, tant chez les anciens peuples que chez les François, les Espagnols, les Anglois, les Allemans, les Polonois, les Suedois, les Danois, les Italiens & autres nations [...]*. Paris, Estienne Michallet.

- SAMPAIO, António de Vilas Boas e, 1676, *Nobiliarchia portugueza tratado da nobreza hereditaria, & politica [...]*. Lisboa, Francisco Villela.
- SANTA CATARINA, Simão de, 1723, *Orações academicas [...]*. Lisboa, Offic. da Musica.
- SANTOS, Manuel dos, 1710, *Alcobaça illustrada noticias e historia dos mosteyros & monges insignes Cistercienses [...]*. Coimbra, Bento Seco Ferreyra.
- SÃO TOMÁS, Leão de, 1644-1651, *Benedictina lusitana dedicado ao grande patriarcha S. Bento [...]*. Coimbra, Diogo Gomes de Loureiro.
- SEMEDO, João Curvo, 1680, *Tratado da peste [...]*. Lisboa, João Galrão.
- , 1727 (1695), *Polyanthea medicinal. Noticias galenicis, e chymicas, repartidas em tres tratados*. Lisboa, Antonio Pedrozo Galram (edição original: Lisboa, Miguel Deslandes, 1697).
- , 1727, «Memorial de varios simples que da India Oriental, da America, & de outras partes do mundo vem ao nosso Reyno para remedio de muytas doenças, no qual se acharão as virtudes de cada hum, & o modo com que se devem usar», in João Curvo SEMEDO, *Polyanthea medicinal. Noticias galenicis, e chymicas, repartidas em tres tratados*. Lisboa, Antonio Pedrozo Galram, 1727.
- SILVA, António de Moraes, 1789, *Diccionario da lingua portugueza composto pelo padre D. Rafael Bluteau, reformado, e accrescentado por Antonio de Moraes Silva natural do Rio de Janeiro*. Lisboa, Simão Thaddeo Ferreira.
- SILVA, Inocêncio Francisco da, 1858-1923, *Diccionario Bibliographico Portuguez*. Lisboa, Imprensa Nacional.
- SILVA, João Pereira da, 1690, *Lysia saudosa consolandose com o seu Tejo aurifero rey dos rios [...]*. Lisboa, na officina de Miguel Deslandes.
- SILVA, Rodrigo Mendes, 1639, *Catalogo real genealogico de España*. Madrid, Diego Diaz de la Carrera.
- SOUSA, Manuel de Faria e, 1623, *Fabula de Narciso e Echo*. Lisboa.
- , 1639, *Lusiadas [...] Comentadas por Manuel de Faria i Sousa [...]*. Madrid, Juan Sanchez.
- TACHARD, Gui, 1692, *Dictionnaire nouveau, François-Latin, plus ample, & plus exact, que ceux qui ont paru jusques à present [...] Sur les memoires des principaux Autheurs, tant anciens que modernes, & principalement de Pomey, Danet, Richelet, & Furetiere, & autres excellens Autheurs [...]*. Paris, André Pralard. (1.^a edição, *ibidem*, 1689).
- TAVERNIER, Jean Baptiste, 1676, *Les six voyages de Jean Baptiste Tavernier [...] qu'il a fait en Turquie, en Perse, et aux Indes, Pendant l'espace de quarante ans, & par toutes les routes que l'on peut tenir: accompagnez d'observations particulieres sur la qualité, la religion, le gouvernement, les coûtumes & le commerce de chaque país; avec les figures, les poids, & la valeur des monnoyes qui y ont cours*. Paris, Gervais Clouzier et Claude Barbin.

- TEIXEIRA, António, 1670, *Epitome das noticias astrologicas para a medicina [...]*. Lisboa, Ioan da Costa.
- TESAURO, Emanuel, 1655, *Il Cannocchiale aristotelico, o sia Idea dell'arguta et ingeniosa elocutione [...]*. Venetia, Paolo Baglioni.
- TEXTOR, Ravísio, 1541, *Opus epithetorum integrum [...]*. Basileae, Brylinger et Francken.
- , 1610, *Theatrum poeticum et historicum, sive officina Io. Ravisii Textoris [...]*. Basileae, Typis Conr. Waldkirchi.
- THEVET, André, 1575, *La cosmographie universelle [...]*. Paris, G. Chaudière.
- TOMÁS, Manuel, 1635, *Insulana*. Amberes, Ioam Mevsio.
- USSHER, James, 1650-1654, *Annales Veteris Testamenti, a prima mundi origine deducti*. Londini, J. Flesher.
- VALENÇA, Pedro Nunez de, *Epitheta M. T. Ciceronis [...]*. Venetiis, Aldus Manutius.
- VARELA, Sebastião Pacheco, 1702, *Numero vocal, exemplar catholico, e politico [...]*. Lisboa, Manoel Lopes Ferreira.
- VASCONCELOS, Luís Mendes de, 1612, *Arte militar dividida em tres partes [...]*. Impressa no termo d'Alenquer, Vicente Alvarez.
- VASCONCELOS, Simão de, 1668, *Noticias curiosas e necessarias das cousas do Brasil [...]*. Lisboa, Joam da Costa.
- VASEU, João, 1549, *Index rerum et verborum copiosissimus ex Des. Erasmi Roterodami Chiliadibus [...]*. Conimbricæ, excudebant Ioannes Berreius & Ioan. Aluarez.
- VAUGELAS, Claude Favre de, 1647, *Remarques sur la langue françoise [...]*. Paris, Augustin Courbé.
- VERA, Álvaro Ferreira de, 1631, *Orthographia, ou modo para escrever certo na lingua Portuguesa [...]*. Lisboa, Mathias Rodriguez.
- VERNEY, Luís António, 1746, *Verdadeiro metodo de estudar, para ser util à Republica, e à Igreja, proporcionado ao estilo, e necessidade de Portugal [...]*. Valensa [Nápoles], Antonio Balle.
- VIEIRA, António, 1679-1718, *Sermoes do P. Antonio Vieira [...]*, 15 vols. Lisboa, Ioam da Costa / Miguel Deslandes.
- , 1695, *Las cinco piedras de la honda de David en cinco discursos morales [...]*. Lisboa, Miguel Deslandes.
- , 1718, *Historia do futuro. Livro antepimeyro prologomeno a toda a historia do futuro [...]*. Lisboa occidental, Antonio Pedrozo Galram.
- WILKINS, John, 1668, *An Essay towards a real character and a philosophical language*. London, Gellibrand & Marby.

Bibliografia

- ACADEMIA DAS CIÊNCIAS DE LISBOA, 2001, *Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea da Academia das Ciências de Lisboa*. Lisboa, Verbo.

- ALMEIDA, Átila de, 1988, *Dicionários, parentes e aderentes*. Paraíba — São Paulo, João Pessoa — Nova Stela.
- ALMEIDA, Carlos Marques de, 1996, *O Elogio do Intelectual. A figura do «Sabio Cristão» nas Prosas Portuguezas de D. Rafael Bluteau*. Lisboa, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas — Universidade Nova de Lisboa (reprodução policopiada).
- ALMEIDA, Justino Mendes de, 1959, «Lexicógrafos portugueses de língua latina. O primeiro lexicógrafo português da língua latina: Jerónimo Cardoso», *Euphrosyne*, 2, pp. 139-152.
- , 1965, «Agostinho Barbosa: o segundo lexicógrafo português da língua latina», *Revista de Guimarães*, 75, 1/4, pp. 31-40.
- , 1967a, «A Prosódia de Bento Pereira», *Revista de Guimarães*, 77, 1/2, pp. 5-12.
- , 1967b, «O Dicionario Lusitanico-Latino de Frei Pedro de Poyares», *Revista de Guimarães*, 77, 1/2, pp. 12-17.
- , 1969a, «A Porta de línguas (Ianva lingvarum), de Amaro de Reboredo», *Revista de Guimarães*, 79, 1/2, pp. 5-7
- , 1969b, «A Amalthea siue hortus onomasticus do P. Fr. Tomas da Luz», *Revista de Guimarães*, 79, 1/2, pp. 7-13.
- , 1969c, «O Vocabulario portuguez e latino de D. Rafael Bluteau», *Revista de Guimarães*, 79, 1/2, pp. 13-27.
- , 1969d, «O Apparato critico para a correcção do dicionario intitulado Prosodia in vocabularium bilingue digesta, de Antonio Pereira de Figueiredo», *Revista de Guimarães*, 79, 1/2, pp. 27-36.
- , 1969e, «O Dicionario portuguez, e latino, do Padre Carlos Folqman», *Revista de Guimarães*, 79, 1/2, pp. 36-40.
- , 1972, «Nomenclatura port., e latina», *Revista de Guimarães*, 82, 3/4, pp. 163-168.
- ALVAREZ DE MIRANDA, Pedro, 1998, «La Real Academia Española et l'Académie Française», in Bernard QUEMADA, *Le Dictionnaire de l'Académie Française et la lexicographie institutionnelle européenne. Actes du colloque international 17, 19 et 19 novembre 1994*. Paris, Honoré Champion, pp. 403-415.
- ANDRADE, António Alberto de, 1945a, «A Orientação da filosofia nas escolas dos Institutos Religiosos, antes e depois de Vernei», *Brotéria*, 41, 4, pp. 241-256.
- , 1945b, «A posição filosófica de D. Rafael Bluteau», *Brotéria*, 41, 6, pp. 540-553.
- , 1965, *Vernei e a cultura do seu tempo*. Coimbra, Universidade.
- , 1980, *Verney e a projecção da sua obra*. Lisboa, Instituto de Cultura Portuguesa.
- ANSELMO, Artur, 1988 «Património», *Claro-Escuro — Revista de Estudos Barrocos*, 2-3, pp. 55-59.

- , 1989, «Perspectiva historiográfica do século XVIII», *Claro-Escuro — Revista de Estudos Barrocos*, 2-3, pp. 79-82.
- AUROUX, Sylvain, 1989-1992, *Histoire des idées linguistiques*. 2 vols. Liège, Mardaga.
- , 1994, *La révolution technologique de la grammatisation*. Liège, Mardaga.
- BARBOSA, Jorge Morais, 1994, *Introdução ao estudo da fonologia e morfologia do português*. Coimbra, Livraria Almedina.
- BEBIANO, Rui, 1987, *D. João V — poder e espectáculo*. Aveiro, Estante.
- BIEDERMANN-PASQUES, Liselotte, 1998, «Les théories orthographiques de l'Académie et leur mise en pratique (1673; 1694-1992)», in Bernard QUEMADA, *Le Dictionnaire de l'Académie Française et la lexicographie institutionnelle européenne. Actes du colloque international 17, 19 et 19 novembre 1994*. Paris, Honoré Champion, pp. 111-126.
- BIERBACH, Mechtild, 1998, «Le Dictionnaire d'Antoine Furetière face au Dictionnaire de l'Académie 1694. Lexicographie et histoire des idées», in Bernard QUEMADA, *Le Dictionnaire de l'Académie Française et la lexicographie institutionnelle européenne. Actes du colloque international 17, 19 et 19 novembre 1994*. Paris, Honoré Champion, pp. 139-151.
- BOTTINEAU, Yves, 1973, «Le goût de Jean V: art et gouvernement», *Bracara Augusta. Revista cultural da Câmara Municipal de Braga*, vol. XXVII, n.º 64 (76), pp. 341-353.
- BRANCA-ROSOFF, Sonia, 1996, «Noms abstraits et nominalisation au XVIII^e siècle», in Nelly FLAUX *et alii*, *Les noms abstraits. Histoire et théories. Actes du colloque de Dunkerque (15-18 septembre 1992)*. Lille, Presses Universitaires du Septentrion, pp. 147-160.
- BRAY, Laurent, 1990, «La lexicographie française des origines à Littré», in Franz Josef HAUSMANN *et alii* (eds.), *Wörterbücher / Dictionaries / Dictionnaires. Ein internationales Handbuch zur Lexikographie / An International Encyclopedia of Lexicography / Enciclopédia internacional de lexicographie*. 2. Berlin-New York, De Gruyter, pp. 1789-1818.
- BUESCU, Maria. Leonor Carvalhão, 1983a, *Babel ou a ruptura do signo. A gramática e os gramáticos portugueses do século XVI*. Lisboa, INCM.
- , 1983b, *O estudo das línguas exóticas no século XVI*. Lisboa — Amadora, Instituto de Cultura e Língua Portuguesa.
- BURIDANT, Claude, 1990, «Définition et étymologie dans la lexicographie et la lexicologie médiévales», in Jacques CHAURAND e Francine MAZIERE (eds.), *La définition. Actes du Colloque 'la Définition' organisé par CELEX (Centre d'Etudes du Lexique) de l'Université Paris-Nord à Paris les 18 et 19 novembre 1988*. Paris, Larousse, pp. 43-59.
- CAEIRO, Francisco Gama, 1960, «Ortodoxia e Lulismo em Portugal (Um depoimento seiscentista)», Separata de *Estudios Lulianos*, tomo IV, fasc. 3, pp. 233-256.

- , 1989, «Lulismo em Portugal no séc. XVIII», in *Studia Lullistica. Miscellanea in honorem Sebastiani Garcias Palou*. Civitate Majoricarum: Majoricensis Schola Lullistica, pp. 27-34.
- CARDOSO, Simão, 1994, *Historiografia gramatical: 1500-1920: língua portuguesa — autores portugueses*. Porto, Faculdade de Letras.
- CARVALHO, Rómulo de, 1975-1978, «Astronomia em Portugal», in Joel SERRÃO, *Dicionário de História de Portugal*, vol. 1. Lisboa, Iniciativas Editoriais, pp. 243-245.
- CASTELEIRO, João Malaca, 1993, «Estudo Linguístico do 1.º Dicionário da Academia (1793)», in ACADEMIA DAS CIÊNCIAS DE LISBOA, *Dicionário da Língua Portuguesa*. Reprodução fac-similada da edição de 1793. Lisboa, Academia das Ciências de Lisboa, pp. XI-XXIV.
- , 1998, «La lexicographie lusitanienne et le Dictionnaire de l'Académie», in Bernard QUEMADA, *Le Dictionnaire de l'Académie Française et la lexicographie institutionnelle européenne. Actes du colloque international 17, 19 et 19 novembre 1994*. Paris, Honoré Champion, pp. 431-438.
- CASTILHO, Júlio de, 1956, *Lisboa Antiga. O Bairro Alto*. Lisboa, Publicações Culturais da Câmara Municipal de Lisboa.
- CASTRO, Aníbal Pinto de, 1973, *Retórica e Teorização Literária em Portugal*. Coimbra, Centro de Estudos Românicos.
- , 1997, «Francisco José Freire», in *Biblos. Enciclopédia Verbo das Literaturas de Língua Portuguesa*, vol. 2. Lisboa, Verbo, pp. 697-700.
- CASTRO, Ivo, 1991, *Curso de História da Língua Portuguesa*, Lisboa, Universidade Aberta.
- CATACH, Nina, 1968, *L'Orthographe française à l'époque de la Renaissance. Auteurs, imprimeurs, ateliers d'imprimerie*. Genève, Librairie Droz.
- , 1996, «Les dictionnaires de l'Académie française», *Computing in the Humanities Working Papers*, B. 21.
(on-line: http://www.chass.utoronto.ca/epc/chwp/catach_n/).
- , 1998, «Histoire et importance de la première édition du Dictionnaire de l'Académie», in Bernard QUEMADA, *Le Dictionnaire de l'Académie Française et la lexicographie institutionnelle européenne. Actes du colloque international 17, 19 et 19 novembre 1994*. Paris, Honoré Champion, pp. 69-88.
- CIDADE, Hernâni, 1975 (1933-1939), *Lições de cultura e literatura portuguesas*. vol. 2. Coimbra, Coimbra Editora.
- COLLINOT, André e Francine MAZIÈRE, 1997, *Un prêt à parler: le dictionnaire*. Paris, Presses Universitaires de France.
- , 1985, «L'ouverture des dictionnaires. Remarques sur les titres et préfaces des dictionnaires français du XVII^e siècle», *Lexique*, 3, pp. 11-32.
- , 1990, «L'usage des mots, l'institution du sens dans le Dictionnaire de l'Académie», in Michel GLATIGNY (coord.), *Les marques d'usage dans les dictionnaires (XVII^e-XVIII^e siècles)*. Lille, Presses Universitaires de Lille, pp. 81-88.

- DELESALLE, Simone, 1990, «De la définition du nom et du verbe dans la *Logique* et *Grammaire* de Port-Royal», in Jacques CHAURAND e Francine MAZIÈRE (eds.), *La définition. Actes du Colloque 'la Définition' organisé par CELEX (Centre d'Etudes du Lexique) de l'Université Paris-Nord à Paris les 18 et 19 novembre 1988*. Paris, Larousse, pp. 72-77.
- DIAS, José Sebastião da Silva, 1953, «Portugal e a Cultura Europeia (séculos XVI a XVIII)», *Biblos*, vol. XXVIII, pp. 203-498.
- DOMINGOS, Manuela, 1994, «Acervos iniciais da Real Biblioteca Pública. A doação dos Teatinos», *Revista da Biblioteca Nacional*, série 2, 9 (2) Jul.-Dez., pp. 75-121.
- DÓRIA, António Álvaro, 1975-1978a, «Maria Francisca Isabel de Sabóia», in Joel SERRÃO, *Dicionário de História de Portugal*. Vol. IV. Lisboa, Iniciativas Editoriais, pp. 183-185.
- , 1975-1978b, «Pedro II», in Joel SERRÃO, *Dicionário de História de Portugal*. Vol. V. Lisboa, Iniciativas Editoriais, pp. 33-34.
- DROIXHE, Daniel, 2001, «Les conceptions du changement et de la parenté des langues européennes aux XVII^e et XVIII^e siècles», in Sylvain Auroux, *History of the language sciences*. Berlin, De Gruyter.
(on-line: http://www.ulb.ac.be/philo/linguis/dr_hsk.htm).
- ECO, Umberto, 1996 (1993), *A procura da língua perfeita*, Lisboa, Presença (edição original: *La Ricerca della lingua Perfetta*. Roma-Bari, Gius. Laterza & Figli, 1993).
- FÁVERO, Leonor Lopes, 1996, *As concepções linguísticas no século XVII: a gramática portuguesa*. Campinas, Unicamp.
- FERREIRA, João Palma, 1982, *Academias literárias dos séculos XVII e XVIII*, Lisboa, Biblioteca Nacional.
- FERREIRA, Maria Emília Cordeiro, 1975-1978, «Monarquia Lusitana», in Joel SERRÃO, *Dicionário de História de Portugal*. Vol. 4. Lisboa, Iniciativas Editoriais, pp. 329-331.
- FERREIRO, Manuel, 2001, *Gramática Histórica Galega. II. Lexicoloxía*. Santiago de Compostela, Edicións Laiovento.
- FONSECA, Maria do Céu Brás da, 2000, *Historiografia linguística do século XVII. As unidades de relação na produção gramatical portuguesa*. Évora, Universidade de Évora (edição policopiada).
- GEMMINGEN, Barbara von, 1998, «Le «Dictionnaire à part» de l'Académie Française: le Dictionnaire des Arts et des Sciences de Thomas Corneille (1694)», in Bernard QUEMADA, *Le Dictionnaire de l'Académie Française et la lexicographie institutionnelle européenne. Actes du colloque international 17, 19 et 19 novembre 1994*. Paris, Honoré Champion, pp. 153-164.
- GIARD, Luce, 1992, «L'entrée en lice des vernaculaires», in Sylvain AUROUX, *Histoire des idées linguistiques*. Vol. II. Liège, Mardaga, pp. 206-225.

- GIRARDIN, Chantal, 1995, «Une doctrine jésuite de l'exemple. Le *Dictionnaire royal augmenté* de François-Antoine Pomey», *Langue française*, 106, pp. 21-34.
- GONÇALVES, Maria Filomena, 1992, *Madureira Feijó, ortografista do século XVIII. Para uma História da Ortografia Portuguesa*. Lisboa, Ministério da Educação-Instituto de Cultura e Língua Portuguesa.
- , 1998, *As ideias ortográficas em Portugal: da etimologia à reforma (1734-1911)*. 2 vols. Évora, Universidade de Évora (edição policopiada).
- , 2003, «Vocabulário Português, e Latino de Rafael Bluteau: aspectos da estrutura e da definição lexicográfica», in Amália MENDES e Tiago FREIRA (orgs.), *Actas do XVIII Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*. Lisboa, Associação Portuguesa de Linguística, pp. 399-410.
- GOOSE, André, 1998, «L'Académie «greffier de l'usage», in Bernard QUEMADA, *Le Dictionnaire de l'Académie Française et la lexicographie institutionnelle européenne. Actes du colloque international 17, 19 et 19 novembre 1994*. Paris, Honoré Champion, pp. 229-235.
- HANSON, Carl, 1986 (1981), *Economia e sociedade no Portugal barroco*. Lisboa, Publicações Dom-Quixote (edição original: *Economy and Society in Baroque Portugal, 1668-1703*. Minneapolis, University of Minnesota Press, 1981).
- HARTMANN, Reinhard e Gregory JAMES, 2001, *Dictionary of Lexicography*. London — New York, Routledge.
- HAYASHI, Tetsuro, 1978, *The Theory of English Lexicography. 1530-1791*. Amsterdam, John Benjamins B. V.
- HOUAISS, Antônio, Mauro VILLAR, Francisco FRANCO, 2001, *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro, Objetiva.
- HÜLLEN, Werner, 1999, *English Dictionaries 800-1700. The Topical Tradition*. Oxford - New York, Clarendon Press - Oxford University Press.
- IRIARTE SANROMÁN, Álvaro, 2001, *A unidade lexicográfica. Palavras, colocações, frases, pragmatemas*. Braga, Universidade do Minho — Centro de Estudos Humanísticos.
- JACKSON, Howard, 2002, *Lexicography. An introduction*. London — New York, Routledge.
- JÚNIOR, António Salgado (ed.), 1949-1952, *Verdadeiro método de estudar*. 5 vols. Lisboa, Livraria Sá da Costa-Editora.
- KEMMLER, Rolf, 1996, *Esboço para uma História da Ortografia Portuguesa. O texto metaortográfico e a periodização da ortografia do século XVI até aos prelúdios da primeira reforma ortográfica de 1911*. Tübinga, Neuphilologische Fakultät der Eberhard-Karls-Universität Tübingen.
- KOULOUGHLI, Djamel-Eddine, 1989, «Lá thématique du langage dans la Bible», in Sylvain AUROUX, *Histoire des idées linguistiques*. Vol. I. Liège, Mardaga, pp. 65-78.

- LANDAU, Sidney I., 1991 (1984), *Dictionaries. The art and craft of lexicography*. Cambridge, Cambridge University Press (edição original: New York, Charles Scribner's Sons, 1984).
- LAZARO CARRETER, Fernando, 1949, *Las ideas lingüísticas en España durante el siglo XVIII*. Madrid, Consejo superior de investigaciones científicas.
- LEHMANN, Alise, 1995, «La citation d'auteurs dans les dictionnaires de la fin du XVII^e siècle (Richelet et Furetière)», *Langue française*, 106, pp. 35-54.
- , 1998, «Exemplification et métalangue: le traitement de la phraséologie dans la première édition du Dictionnaire de l'Académie», in Bernard QUEMADA, *Le Dictionnaire de l'Académie Française et la lexicographie institutionnelle européenne. Actes du colloque international 17, 19 et 19 novembre 1994*. Paris, Honoré Champion, pp. 165-184.
- LEITE, Ana Maria, 2002, *Antídoto da língua portuguesa: edição e comentário*. Aveiro, Universidade de Aveiro (edição policopiada).
- LEROY-TURCAN, Isabelle e Terence Russon WOOLDRIDGE, 1998, *Quelques exemples des acquis de la base informatisée de la première édition du Dictionnaire de l'Académie française (1694)*. Conférence présentée à l'Université Laval et à l'Université de Montréal en février 1998. (on-line: <http://chass.utoronto.ca/~wulfric/academie/acad1694/quebec298.htm>).
- , 1999, *Variantes graphiques et norme orthographique dans la première édition du Dictionnaire de l'Académie française (1694)*. Communication présentée à l'Université de Cergy-Pontoise dans le cadre de la journée des dictionnaires du 17 mars 1999. (on-line: <http://chass.utoronto.ca/~wulfric/academie/acad1694/cergy.htm>).
- LEROY-TURCAN, Isabelle, 1998, «Les grammairiens du XVII^e siècle et la première édition du Dictionnaire de l'Académie Française», in Bernard QUEMADA, *Le Dictionnaire de l'Académie Française et la lexicographie institutionnelle européenne. Actes du colloque international 17, 19 et 19 novembre 1994*. Paris, Honoré Champion, pp. 89-109.
- MACHADO, José Pedro, 1995, *Dicionário etimológico da língua portuguesa*, 5 vols. Lisboa, Livros Horizonte.
- MARIÑO PAZ, Ramón, 2002, «18th century linguistic mentality and the history of the Galician language», *Estudios de Sociolingüística*, 3 (2) 2002, pp. 1-41.
- MARGOLIN, Jean-Claude, 1981, «L'éducation au temps de la Contre-Réforme», in Gaston MIALARET e Jean VIAL (eds.), *Histoire mondiale de l'éducation*. Vol. 2. Paris, P.U.F., pp. 213-232.
- MARQUILHAS, Rita, 1987, «O acento, o hífen e as consoantes mudas nas Ortografias antigas portuguesas», in Ivo CASTRO *et alii* (orgs.), *A Demanda da Ortografia Portuguesa*. Lisboa, João Sá da Costa, pp. 103-116.
- , 1991, *Norma gráfica setecentista. Do autógrafo ao impresso*. Lisboa, INIC.
- , 2000, *A Faculdade das Letras. Leitura e escrita em Portugal no séc. XVII*. Lisboa, INCM.

- , 2001, «Em torno do *Vocabulario* de Bluteau. O reformismo e o prestígio da norma no século XVIII», in Maria Helena M. MATEUS (coord.), *Caminhos do Português*. Lisboa, Biblioteca Nacional, pp. 105-118.
- MARTINS, José V. de Pina, 1993, «As fontes literárias do Dicionário da língua Portuguesa da Academia Real das Ciências de Lisboa (1793)», in ACADEMIA DAS CIÊNCIAS DE LISBOA, *Dicionário da Língua Portuguesa*. Reprodução fac-similada da edição de 1793. Lisboa, Academia das Ciências, pp. XXV-CXVII.
- MATIAS, Elze Vonk, 1982, «A Academia dos Generosos. Uma Academia ou uma sequência de Academias?», *Revista da Biblioteca Nacional*, 2 (2), pp. 223-241.
- MAZIÈRE, Francine, 1996, «Un événement linguistique, la définition du nom abstrait dans la première édition du dictionnaire de l'Académie», in Nelly FLAUX et alii, *Les noms abstraits. Histoire et théories. Actes du colloque de Dunkerque (15-18 septembre 1992)*. Lille, Presses Universitaires du Septentrion, pp. 161-174.
- MEL'CUK, Igor et alii, 1984-1999, *Dictionnaire Explicatif et Combinatoire du Français Contemporain*. 4 vols. Montréal, Les Presses de l'Université de Montréal.
- MESSNER, Dieter, 1994-1999, *Dicionário dos dicionários portugueses*. Salzburg, Institut für Romanistik der Universität.
- MONTEIRO, Ofélia Paiva, 1962-1964/67, «No alvorecer do «Iluminismo» em Portugal: D. Francisco Xavier de Meneses, 4.º Conde da Ericeira», *Revista de História Literária de Portugal*, vols. I-II.
- MOREIRA, Alzira Teixeira Leite, 1983, «O regimento secretíssimo da Real Fábrica das Sedas — 1757. Subsídios para a história da sericultura em Portugal», *Revista da Biblioteca Nacional*, 3 (1-2), pp. 75-104.
- MURAKAWA, Clotilde Almeida, 1984, *O primeiro Dicionário da Língua Portuguesa de Antonio de Moraes Silva — Estudo crítico da edição de 1813*. Araraquara, Universidade Estadual Paulista Julio de Mesquita Filho (edição policopiada).
- , 2003, «Garcia D'Horta: fonte de referência para Bluteau», in Amália MENDES e Tiago FREIRA (orgs.), *Actas do XVIII Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*. Lisboa, Associação Portuguesa de Linguística, pp. 591-599.
- OTMAN, M. Gabriel, 1995, «La terminologie et la qualité de la connaissance», Jean-Michel ELOY, *La qualité de la langue: le cas du français*. Paris, Honoré Champion Éditeur, pp. 305-325.
- PARODI, Severina, 1995, «Une académie consacrée à la langue: La Crusca», in I. LEROY-TURCAN e T. R. WOOLDRIDGE, *Gilles Ménage (1613-1692), grammairien et lexicographe: Le rayonnement de son oeuvre linguistique*. Lyon, Siehlda. (on-line: <http://www.chass.utoronto.ca/~wulfric/siehlda/actesmen/parodi.htm>).
- , 1998, «La Crusca au tournant de la crise de la langue italienne», in Bernard QUEMADA, *Le Dictionnaire de l'Académie Française et la lexicographie institutionnelle européenne. Actes du colloque international 17, 19 et 19 novembre 1994*. Paris, Honoré Champion, pp. 393-401.

- PASQUES, Liselotte, 1988, «Théories de l'écrit dans l'orthographe de l'Académie», in Nina CATACH (ed.), *Pour une théorie de la langue écrite*. Paris, Éditions du Centre National de la Recherche Scientifique, pp. 35-45.
- PERCIVAL, W. Keith, 1992, «La connaissance des langues du monde», in Sylvain AUROUX, *Histoire des idées linguistiques*. Vol. II. Liège, Mardaga, pp. 226-238.
- PINCHON, Jacqueline, 1998, «Note sur la terminologie verbale dans le Dictionnaire de l'Académie de 1694. Description et utilisation», in Bernard QUEMADA, *Le Dictionnaire de l'Académie Française et la lexicographie institutionnelle européenne. Actes du colloque international 17, 19 et 19 novembre 1994*. Paris, Honoré Champion, pp. 197-201.
- PIRES, Maria Lucília Gonçalves, 1988, «Reflexões acerca da poética barroca», *Claro-Escuro — Revista de Estudos Barrocos*, 1, pp. 39-46.
- , 1991, *Verdadeiro método de estudar. Cartas sobre a retórica e poética*. Lisboa, Presença.
- QUEMADA, Bernard, 1968, *Les dictionnaires du français moderne, 1539-1863: étude sur leur histoire, leurs types et leur méthodes*. Paris, Didier.
- , 1972, «Du glossaire au dictionnaire: deux aspects de l'élaboration des énoncés lexicographiques dans les grands répertoires du XVII^e siècle», *Cahiers de lexicologie*, 20, 1, pp. 97-128.
- , 1998, «La lexicographie du français au XVII^e siècle», in B. QUEMADA, *Le Dictionnaire de l'Académie Française et la lexicographie institutionnelle européenne. Actes du colloque international 17, 19 et 19 novembre 1994*. Paris, Honoré Champion, pp. 41-68.
- REY, Alain, 1978, «Antoine Furetière imagier de la culture classique», in Antoine FURETIÈRE, *Dictionnaire universel*. Vol. 1. Paris, Le Robert, pp. 5-75.
- , 1990, «Les marques d'usage et leur mise en place dans les dictionnaires du XVII^e siècle: le cas Furetière», in Michel GLATIGNY, (coord.), *Les marques d'usage dans les dictionnaires (XVII^e-XVIII^e siècles)*. Lille, Presses Universitaires de Lille, pp. 17-29.
- , 1995, «Le statut du discours littéraire en lexicographie», in Pierre CORBIN e Jean-Pierre GUILLERM, *Dictionnaires et Littérature. Actes du Colloque International Dictionnaires et littérature — Littérature et dictionnaires (1830-1990), 26-28 septembre 1991*. Villeneuve d'Ascq, Presses Universitaires du Septentrion, pp. 17-32.
- RIBEIRO, Guilherme Martins Canelha, 1999, *Uma leitura dos Adágios Portugueses Reduzidos a Lugares-Comuns, de António Delicado e edição crítica*. Aveiro, Universidade de Aveiro (edição policopiada).
- RIBEIRO, Henrique Jales, 1989, «Lulismo», in *Logos — Enciclopédia Luso-Brasileira de Filosofia*. Lisboa — São Paulo, Editorial Verbo, pp. 523-527.
- SABIO PINILLA, José Antonio e Catalina JIMÉNEZ, 1997, «O Dicionário Castellano-Portuguez do Padre Rafael Bluteau: um Dicionário Moderno?», in Ivo CASTRO (org.), *Actas do XII Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Lin-*

- guística Braga-Guimarães, 30 de Setembro a 2 de Outubro de 1996. Homenagem a José de Azevedo Ferreira*. Vol. 2. Lisboa, Associação Portuguesa de Linguística, pp. 537-547.
- SAGER, Juan C. (ed.), 2000, *Essays on Definition*, Amsterdam — Philadelphia, John Benjamins.
- SAINT-GÉRARD, Jacques-Philippe, 1998, «Le statut des Exemples dans le Dictionnaire de l'Académie et ses entours: transition du XVIII^e au XIX^e siècle», in Bernard QUEMADA, *Le Dictionnaire de l'Académie Française et la lexicographie institutionnelle européenne. Actes du colloque international 17, 19 et 19 novembre 1994*. Paris, Honoré Champion, pp. 271-294.
- SANCIER-CHATEAU, Anne, 1993, *Introduction à la langue du XVII^e siècle*. Paris, Éditions Nathan.
- SARAIVA, António José e Óscar LOPES, 1995, *História da literatura portuguesa*. Porto, Porto Editora.
- SERRÃO, Joaquim Veríssimo, [1980], *História de Portugal*. Vol. V. S.l., Verbo.
- SHAW, Jean, 1997, *Contributions To A Study Of The Printed Dictionary In France Before 1539*. Toronto, Edicta.
- (on-line: <http://www.unilim.fr/~caron/DictA/shaw/>).
- SILVA, João Henriques Fidalgo Lopes da, 1999, *Dos principaes adagios portuguezes, com seu latim proverbial correspondente de Bento Pereira: leitura crítica e edição*. Aveiro, Universidade de Aveiro (edição policopiada).
- SILVESTRE, João Paulo, 2001, «Argumentação no prólogo do *Vocabulário Portuguez, e Latino*: a defesa da obra e da língua portuguesa», in Luís Machado de ABREU e António Ribeiro MIRANDA, *O Discurso em Análise — Actas do 7.º Encontro de Estudos Portugueses*, Aveiro, Universidade de Aveiro, pp. 87-101.
- , 2003, «Palavras tabu e eufemismos nos dicionários de Bento Pereira e Rafael Bluteau», in António Manuel FERREIRA (coord.), *Percursos de Eros. Representações do erotismo*. Aveiro, Associação Labor de Estudos Portugueses — Universidade de Aveiro, pp. 223-229.
- SWIGGERS, Pierre, 1998, «Mézeray et son apport à l'orthographe française», in Bernard QUEMADA, *Le Dictionnaire de l'Académie Française et la lexicographie institutionnelle européenne. Actes du colloque international 17, 19 et 19 novembre 1994*. Paris, Honoré Champion, pp. 203-212.
- TAPIÉ, Victor, 1988 (1957), *Barroco e Classicismo*. 2 vols. Lisboa, Presença (edição original: Baroque et classicisme. Paris, Plon, 1957).
- TEYSSIER, Paul, 1980, «Jerónimo Cardoso et les origines de la lexicographie portugaise», *Bulletin des Études Portugaises et Brésiliennes*, 41, pp. 7-32.
- , 1985, «Une source pour l'histoire du vocabulaire portugais: Les dictionnaires de Jerónimo Cardoso (1562, 1562-1563, 1569-1570)», in *XVI Congrès International de Linguística i Filologia Romàniques. Actes*. II. Palma de Mallorca, Editorial Moll, pp. 245-256.

- , 1989, «La méthode statistique dans l'étude des premiers dictionnaires de la langue portugaise», in Dieter KREMER (ed.), *Actes du XVIII^e Congrès International de Linguistique et de Philologie Romanes. Université de Trèves (Trier) 1986. Tome IV. Section VI. Lexicologie et lexicographie. Section VII. Onomastique*. Tübingen, Max Niemeyer, pp. 360-370.
- , 1997 (1980), *História da Língua Portuguesa*. Lisboa, Sá da Costa Editora (edição original: *Histoire de la Langue Portugaise*, Paris, Presses Universitaires de France, 1980).
- VERDELHO, Evelina, 1981, «Lexicografia sinonímica portuguesa: O *Vocabulário de Synonimos e Phrases*, de Rafael Bluteau, e o *Ensaio sobre alguns sinonimos*, do Cardeal Saraiva», *Biblos*, 57, pp. 171-221.
- , 1983, «Sobre o Dicionário Poético de Cândido Lusitano», *Boletim de Filologia*, 28, pp. 269-303.
- , 1991, «Dicionários de rimas da língua portuguesa», in *Colóquio de Lexicologia e Lexicografia. Actas*. Lisboa, INIC, Universidade Nova de Lisboa, pp. 257-276.
- VERDELHO, Telmo, 1982, «Historiografia linguística e reforma do ensino. A propósito de três centenários: Manual Álvares, Bento Pereira e Marquês de Pombal», Separata de *Brigantia, Revista de Cultura*, vol. II, 4, pp. 347-560.
- , 1987, «Latinização na história da língua portuguesa — o testemunho dos dicionários», *Arquivos do Centro Cultural Portugues*, t. XXIII. Lisboa-Paris, Fundação Calouste Gulbenkian, pp. 157-187.
- , 1991, «Os dicionários bilingues até ao fim do século XVIII, fonte privilegiada da lexicografia portuguesa», in *Colóquio de Lexicologia e Lexicografia. Actas*. Lisboa, INIC, Universidade Nova de Lisboa, pp. 248-256.
- , 1992, «Aspectos da diacronia lexical do português. A inovação entre o Dicionário de Morais Silva e o Vocabulário do Português Fundamental», in Ramón LORENZO (ed.), *Actas do XIX Congreso Internacional de Lingüística e Filología Románicas. Universidade de Santiago de Compostela. II. Lexicología e Metalexigrafia*. Coruña, Fundación Pedro Barrié de la Maza, pp. 133-148.
- , 1993, «Aspectos da obra lexicográfica de Bento Pereira», in Gerold HILTY (ed.), *Actes du XX^e Congrès international de linguistique et philologie romanes. Université de Zurich (6-11 avril 1992)*, IV. Tübingen — Basel, A. Francke Verlag, pp. 777-785.
- , 1994, «Portugüesisch: Lexicographie. Lexicografia», in Günter HOLTUS, Michael METZELTIN, Christian SCHMITT (eds.), *Lexikon der romanistischen Linguistik (LRL)*. 6, 2. Max Niemeyer, Tübingen, pp. 673-692.
- , 1995, *As origens da gramaticografia e da lexicografia latino-portuguesas*. Aveiro, Instituto Nacional de Investigação Científica.
- , 1997, *As linguagens científicas e técnicas em português: perspectiva diacrónica*. Aveiro, Universidade de Aveiro (edição policopiada).

- , 1998, «Terminologias na língua portuguesa. Perspectiva diacrónica», in *Actes del col·loqui La història dels llenguatges iberoromànics d'especialitat (segles XVII-XIX)*. Barcelona, Institut universitari de lingüística aplicada, pp. 89-131.
- , 2000a, «O calepino em Portugal e a obra lexicográfica de Amaro Reboredo», *Revista Portuguesa de Filologia*, 23, pp. 125-149.
- , 2000b, «Uma polémica sobre «la lengua lusitana, ò gallega», no século XVIII», in J. L. RODRÍGUEZ (ed.), *Estudos dedicados a Ricardo Carvalho Calero*. Santiago de Compostela, Parlamento de Galicia — Universidade de Santiago de Compostela. Vol. 2, pp. 759-806.
- , 2001, «Um remoto convívio interlinguístico: tradição teórica e herança metalinguística latino-portuguesas», in Maria Helena M. MATEUS (coord.), *Caminhos do Português*. Lisboa, Biblioteca Nacional, pp. 75-94.
- , 2002, «O Dicionário de Morais Silva e o início da Lexicografia Moderna», in *Actas do encontro História da Língua e História da Gramática*. Braga, Universidade do Minho — Centro de Estudos Humanísticos, pp. 473-490.
- VERGER, Jacques, 1981, «Les universités à l'époque moderne», in Gaston MIALARET e Jean VIAL (eds.), *Histoire mondiale de l'éducation*. Vol. 2. Paris, P.U.F., pp. 247-271.
- VIGUERIE, Jean de, 1981, «Les collèges en France», in Gaston MIALARET e Jean VIAL (eds.), *Histoire mondiale de l'éducation*, vol. 2. Paris, P.U.F., pp. 301-316.
- VILELA, Mário, 1994, *Estudos de Lexicologia do Português*. Coimbra, Livraria Almedina.
- , 1995, *Léxico e Gramática*. Coimbra, Almedina.
- WOOLDRIDGE, Terence Russon e Isabelle LEROY-TURCAN, 1999, «L'informatisation du *Dictionnaire de l'Académie française* (1694-1935): premières analyses critiques de la première édition (1694)», *Cahiers de lexicologie*, 75, pp. 153-72. (on-line: <http://www.chass.utoronto.ca/~wulftric/articles/infodaf/>).
- WOOLDRIDGE, Terence Russon, 1997 (1977), *Les débuts de la lexicographie française. Estienne, Nicot et le Thresor de la langue francoyse (1606)*. Toronto, University of Toronto Press (on-line: <http://www.chass.utoronto.ca/~wulftric/edictalwooldridge/>; 1.^a edição: Toronto, University of Toronto Press, 1977).
- , 1998, «Projet d'informatisation du *Dictionnaire de l'Académie française* (1694-1935)», in Bernard QUEMADA, *Le Dictionnaire de l'Académie Française et la lexicographie institutionnelle européenne. Actes du colloque international 17, 19 et 19 novembre 1994*. Paris, Honoré Champion, pp. 309-320.
- , 1999, *Les consonnes aspirées dans la première édition du Dictionnaire de l'Académie française (1694)*. (on-line: <http://chass.utoronto.ca/~wulftric/academie/acad1694/catach99.htm>).
- XAVIER, Maria Francisca e Maria Helena M. MATEUS, 1992, *Dicionário de termos linguísticos*. Vol. 2. Lisboa, Cosmos.

ÍNDICE

Introdução	7
Normas de transcrição	15
I. O LEXICÓGRAFO	17
1. Educação do sábio cristão	19
2. Participação na vida cultural portuguesa	27
2.1. O círculo dos Ericeiras	30
2.2. Intervenções académicas	34
2.3. Motivações e palcos da discussão metalinguística	39
3. Pensamento linguístico	51
3.1. Linguagem e tradição bíblica	52
3.2. Diversidade das línguas	56
3.3. Elogio da língua	60
3.4. Escrita e critérios ortográficos	67
3.4.1. Etimologia e analogia	72
3.4.2. Pronúncia	77
3.4.3. Uso	79
4. Produção literária	83
4.1. Sermonários	84
4.2. <i>Oraculum Utriusque Testamenti</i>	87
II. DEFINIÇÃO DO DICIONÁRIO	93
1. Enquadramento tipológico do <i>Vocabulário</i>	95
1.1. Dicionário universal	99
1.2. Dicionário bilingue	105

2. O cânone da lexicografia europeia.....	109
2.1. <i>Dictionnaire universel</i> (1690).....	113
2.2. <i>Le grand dictionnaire historique</i> (1699)	117
2.3. <i>Le Dictionnaire Royal</i> (1691)	120
2.4. <i>Ambrosii Calepini Dictionarium</i> (1681)	122
2.5. <i>Dictionnaire general et curieux</i> (1685).....	124
2.6. <i>Lexicon universale</i> (1698)	127
3. Estrutura do dicionário-monumento	131
3.1. O <i>corpus</i> paratextual	134
3.2. Organização estrutural	147
III. CONSTITUIÇÃO DE UM <i>CORPUS</i> DICIONARÍSTICO DO PORTUGUÊS.....	153
1. Diminuição da nomenclatura	155
1.1. Extensão e acumulação	156
1.2. Técnica de alfabetação	159
1.2.1. Ordenação das entradas	170
1.3. Normalização das formas-lema.....	174
1.3.1. Variação em número	175
1.3.2. Variação em género	177
1.3.3. Estruturas sintagmáticas	178
1.4. Principais fontes da nomenclatura	183
1.4.1. <i>Thesouro</i> (1697)	183
1.4.2. <i>Prosodia</i> (1697).....	187
1.4.3. <i>Le grand dictionnaire historique</i> (1699)	189
1.4.4. <i>Dictionnaire universel</i> (1690)	192
1.4.5. <i>Corpus</i> de autores portugueses	194
2. Classificação do léxico	199
2.1. Marcas de uso e legitimação das práticas linguísticas	199
2.1.1. Terminologias profissionais	202
2.1.2. Empréstimos e estrangeirismos	210
2.1.3. Variedades regionais	214
2.1.4. Periodização do léxico	217
2.1.5. Frequência de uso	219
2.1.6. Adequação social e situacional	221
2.2. Notações gramaticais	227

3. Técnica de definição.....	235
3.1. Processos directos	240
3.1.1. Definidores genéricos.....	241
3.1.2. Definidores específicos.....	246
3.2. Processos indirectos	249
3.2.1. Relações entre conceitos	249
3.2.2. Motivação derivacional	250
3.2.3. Relações de sentido.....	253
3.3. Processos de definição de verbos.....	255
3.4. Ordenação das acepções.....	260
3.4.1. Homonímia	264
3.4.2. Polissemia	266
IV. FUNÇÕES DO DICIONÁRIO	271
1. Normalização da escrita	273
1.1. Reflexão metaortográfica no <i>Vocabulário</i>	277
1.2. Ortografia etimologizante	280
1.2.1. Consoantes duplicadas	280
1.2.2. Dígrafos latinizantes.....	282
1.2.3. Dígrafos helenizantes	290
1.2.4. Funções do grafema <h>.....	292
1.2.5. Alternância <ç-> / <s->	295
1.2.6. Alternância <i> / <j>	298
2. Prestígio da língua	301
2.1. O <i>corpus</i> de autores portugueses e o cânone literário	301
2.1.2. Funções das citações	312
2.2. O português e o latim: comparação e emancipação	318
3. Integração de saberes	327
3.1. Conteúdos do discurso enciclopédico	329
3.1.1. Medicina.....	330
3.1.2. Química	334
3.1.3. Cosmologia, astrologia, astronomia	335
3.1.4. Botânica	337
3.1.5. Toponímia	339

3.2. Fontes de informação enciclopédica	344
3.2.1. Dicionários franceses	346
3.2.2. Tratados técnicos	356
3.2.3. Relações de viagens	358
3.2.4. Historiografia	360
4. Auxílio da produção textual	365
4.1. Discursos	365
4.2. Mitologia	368
4.3. Codificação literária	374
4.4. Adágios portugueses	381
4.5. Dicionários especializados	386
4.5.1. Vocabulários onomásticos	387
4.5.2. Vocabulários analógicos	394
4.5.3. «Vocabulario de synonymos, e phrases»	399
4.5.4. Glossários	408
 V. DO VOCABULARIO À LEXICOGRAFIA MONOLINGUE DO PORTUGUÊS	 413
1. Recepção do <i>corpus</i> dicionarístico	415
1.1. <i>Diccionario portuguez, e latino</i> (1755)	416
1.2. <i>Novo diccionario das linguas portugueza, e franceza</i> (1764)	422
1.3. <i>Divertimento erudito</i> (1734-1744)	426
1.4. <i>Diccionario Portuguez das Plantas</i> (1765)	430
1.5. <i>Orthographia</i> (1734)	433
1.6. <i>Diccionario da lingua portugueza</i> (1789)	438
1.6.1. Nomenclatura	439
1.6.2. Técnica lexicográfica	443
2. Reflexão metalexigráfica	451
2.1. <i>Verdadeiro metodo de estudar</i> (1746)	451
2.2. «Planta» do <i>Diccionario da Academia</i> (1793)	456
2.3. <i>Reflexões sobre a lingua portugueza</i> (1842)	460
 FONTES E BIBLIOGRAFIA	 471
Fontes manuscritas	471
Fontes impressas	472
Bibliografia	488

Acabou de imprimir-se
em Novembro de dois mil e oito.

Edição n.º 1015789

www.incm.pt
comercial@incm.pt
E-mail Brasil: livraria.camoes@incm.com.br

